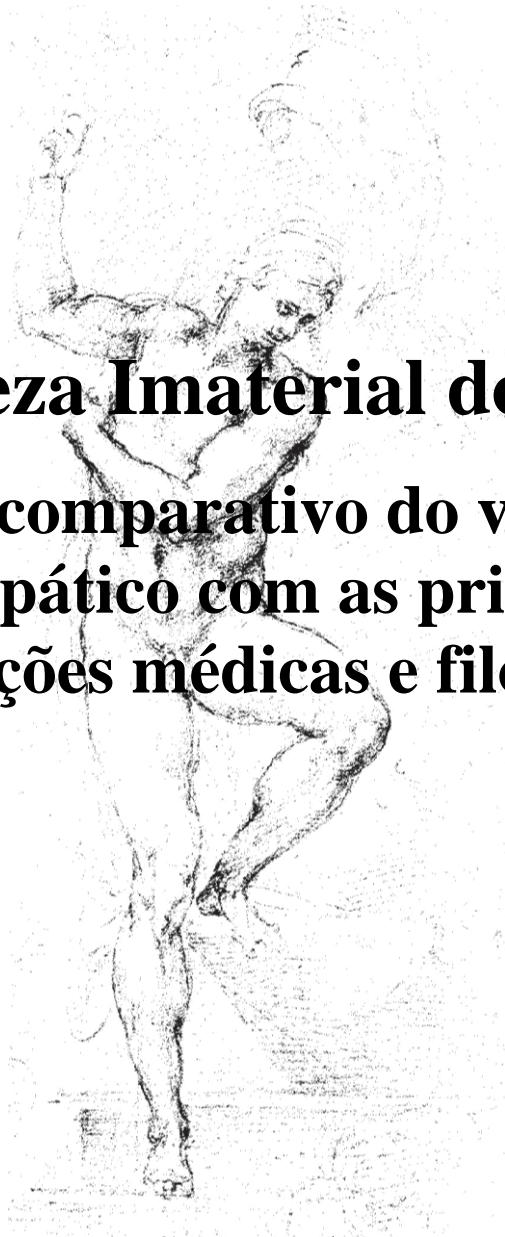


*Marcus Zulian Teixeira*

# **A Natureza Imaterial do Homem**

**Estudo comparativo do vitalismo  
homeopático com as principais  
concepções médicas e filosóficas**



São Paulo  
Edição do Autor  
2015

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-67328-01-0



9 788567 328010

*Marcus Zulian Teixeira*

# **A Natureza Imaterial do Homem**

**Estudo comparativo do vitalismo homeopático  
com as principais concepções médicas e  
filosóficas**

2ª Edição  
São Paulo  
Edição do Autor  
2015

**Apoio:**

*Associação Paulista de Homeopatia (APH)*  
*Associação Médica Homeopática Brasileira (AMHB)*

*Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP)*  
*Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil)*

**Copyright © 2015 Marcus Zulian Teixeira (editor)**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, por qualquer processo, sem a expressa autorização do editor.

Depósito Legal e Registro: 496554  
Biblioteca Nacional - Escritório de Direitos Autorais

ISBN: 978-85-67328-01-0  
Biblioteca Nacional - Agência Brasileira do ISBN

**Dr. Marcus Zulian Teixeira**

Rua Teodoro Sampaio, 352/128 - São Paulo - SP

CEP: 05406-000 - Tel.: (11) 3083-5243

<http://www.homeozulian.med.br>

<http://www.novosmedicamentoshomeopaticos.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T266a Teixeira, Marcus Zulian

A natureza imaterial do homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas. Livro digital / Marcus Zulian Teixeira. 2ª ed. rev. e atual. - São Paulo: Edição do Autor, 2015.

339 p.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-67328-01-0

1. Homeopatia 2. Filosofia 3. Vitalismo I. Título.

CDD-615.532

NLM-WB 930

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Homeopatia: Doutrina e Prática : Ciências Médicas 615.532
2. Homeopatia : Filosofia Homeopática : Vitalismo 615.532

*“Mantém a alma sensível e o corpo animal numa unidade, para que não possam separar-se. Controla a força vital, a fim de que te transformes novamente numa criança recém-nascida.”*

***Tao Té Ching - Lao Tsé***

*“Em minha natureza há oito formas elementais conhecidas como: terra, água, fogo, ar, éter, mente, razão e consciência individual.”*

***Bhagavad Gita***

*“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”*

***Novo Testamento - São Paulo***

*“Quem um ser vivo conhecer procura, começa logo por tirar-lhe a vida; as partes depois tem, mas já lhe falta, o espírito que as liga e as anima.”*

***O Fausto - Goethe***

**À minha esposa Eliane e meu filho Pedro,  
que me ensinam, constantemente,  
o significado da palavra Amor.**

## Apresentação da Obra

Além da materialidade grosseira do corpo físico, sempre se acreditou na existência de uma *natureza imaterial do homem*, assumindo várias conotações ao longo das diversas épocas e civilizações humanas.

Em todas as filosofias e religiões, termos como *alma, espírito, mente, força vital, etc.* são citados, representando uma entidade energética-espiritual com ascendência sobre a entidade orgânica-material. Além disso, atribui-se ao Espírito (Alma) uma natureza eterna, imortal, ao contrário da existência limitada e passageira do corpo físico.

Até o século XIX, existia na Medicina a noção de uma *força vital* responsável pela manutenção do equilíbrio das funções orgânicas e da saúde, sendo substituída, no século XX, pelos princípios cartesianos que localizaram a causa das doenças nos órgãos, nos tecidos e nas células.

Dentre as especialidades médicas atuais, a Homeopatia apresenta em seu corpo doutrinário concepções científicas e filosóficas. Dentre essas, propaga a noção de que o binômio saúde-doença se fundamenta num *substrato material-energético (corpo físico-força vital)*. Apesar de utilizar esse conceito filosófico para tentar explicar a gênese profunda das enfermidades, apresenta um modelo terapêutico fundamentado nos conhecimentos experimentais e científicos da Medicina moderna.

Nessa obra, procuramos estudar comparativamente as diversas escolas médicas (Homeopatia, Medicina Tradicional Chinesa, Medicina Ayurvédica e Medicina Antroposófica) e filosóficas (Hinduismo, Ocultismo, Teosofia, Rosacruz, Cabala e Espiritismo) que valorizam os veículos sutis de manifestação da individualidade humana (princípio vital, mente, alma, espírito, etc.), evidenciando, através das inúmeras semelhanças conceituais encontradas, que este conhecimento metafísico se originou de uma fonte primordial comum, incorporando-se à cultura de todas as civilizações primevas.

Através das inúmeras citações e referências bibliográficas desta obra, o leitor poderá se aprofundar no estudo desta *natureza imaterial humana*, sem que alimentemos a pretensão de esgotar um assunto de tamanha complexidade e importância para o entendimento do homem e de seu papel no atual ciclo de evolução da Terra.

## **Preâmbulo à 2ª Edição (e-book/ pdf)**

“Se não soubesse com que finalidade eu fui posto aqui na Terra - ‘para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar’ – eu deveria me considerar muitíssimo imprudente se tornasse conhecida para o bem comum, ainda antes de minha morte, uma arte que só eu possuía e que está dentro do meu poder fazê-la tão rentável quanto possível, bastando mantê-la em segredo.” (Samuel Hahnemann, Prefácio à 1ª edição de *Doenças Crônicas, sua natureza peculiar e sua cura homeopática*, 1828)

Apesar de ser utilizada há mais de duzentos anos no tratamento de inúmeras enfermidades humanas, a Homeopatia ainda apresenta dificuldades para ser aceita e incorporada aos serviços de saúde de maneira generalizada, fruto de preconceitos que se originam na desinformação e no desconhecimento de seus princípios e fundamentos. Essa barreira impede que ela possa contribuir, de forma mais efetiva, na minoração de diversos sofrimentos humanos.

Seguindo os ideais de Hahnemann, com o intuito de disseminar o conhecimento homeopático de forma ampla, fui motivado a compartilhar o conteúdo desta obra com um maior número de pessoas interessadas através desta segunda edição de livre acesso no suporte e-book e formato pdf.

Com esta iniciativa, espero estar contribuindo ao fortalecimento e à ampliação da ciência, da filosofia e da arte de curar homeopática.

*Marcus Zulian Teixeira*

## Sumário

- 9 ■ Prefácio à 1ª Edição
- 13 ■ Prefácio à 2ª Edição
- 14 ■ A Natureza Imaterial do Homem ao longo da História da Medicina
- 44 ■ A Natureza Imaterial do Homem segundo a Homeopatia
- 146 ■ A Natureza Imaterial do Homem segundo a Medicina Tradicional Chinesa
- 166 ■ A Natureza Imaterial do Homem segundo a Âyurveda e a Filosofia Hindu-Teosófica
- 204 ■ A Natureza Imaterial do Homem segundo a Concepção Rosacruz
- 231 ■ A Natureza Imaterial do Homem segundo a Medicina Antroposófica
- 255 ■ A Natureza Imaterial do Homem segundo a Cabala Hebraica
- 281 ■ A Natureza Imaterial do Homem segundo a Doutrina Espírita
- 334 ■ Sinopse



## Prefácio à 1ª Edição (2000)

Em todas as civilizações e culturas, desde as épocas mais remotas, o homem busca compreender sua essência íntima, ponto de ligação com a Divindade e fator de entendimento para o mistério da vida e da morte. Denominada, de forma simplificada, como *Alma* ou *Espírito*, representa a esperança na continuidade do ser e de sua vida de relações afetivas após a morte, assumindo posição de destaque nas diversas filosofias e religiões.

Nos antigos povos da Ásia e do Egito surgem concepções bastante complexas e semelhantes sobre esta *natureza imaterial do homem*, fruto de uma mesma raiz iniciática de conhecimento.

Na **China** antiga, ensinava-se que o corpo humano apresenta um complexo sistema de canais ou meridianos de energia, no qual circula a *Força Vital* ou *Chi*, responsável pela manutenção da vida e da saúde. A Medicina Tradicional Chinesa utiliza este sistema para tratar as enfermidades e os desequilíbrios orgânicos. Além desta força vital, acreditava-se na existência de uma energia ancestral (*Tinh*) associada à energia mental ou psíquica (*Than*), correspondendo ao conjunto dos sentimentos e pensamentos humanos. Como outras instâncias da individualidade humana, citam-se ainda a *Alma inferior*, a *Alma Superior* e o *Espírito Divino*.

Na **Índia** dos brâmanes e budistas, entendia-se que o corpo físico (*Sthula Sharira*) é envolto por um veículo composto pelo éter, denominado *Linga Sharira*. Esses corpos, físico e etérico, seriam vitalizados e constituídos, respectivamente, pela força vital ou *Prana*, uma corrente do oceano de vitalidade (*Jiva*) ou fluido cósmico universal. Como princípios intermediários, teríamos o corpo das paixões, das emoções e dos sentimentos (*Kama Rupa*), e a mente ou alma humana (*Manas*), que se divide em *Manas inferior* (intelecto) e *Manas Superior* (consciência). Num nível acima, estaria a alma espiritual ou *Buddhi*, que é a manifestação da Sabedoria Celestial, intuindo o homem ao auto-aperfeiçoamento moral e espiritual. Como entidade máxima e superior, estaria situado o *Atma* (Espírito), fonte primordial de onde emanam todas as demais manifestações.

No **Egito** dos faraós, a constituição humana era compreendida, além do corpo material (*Kha; Chat*), pela aura ou invólucro etéreo (*Ba; Anch*), pelo veículo das paixões e emoções ou corpo astral (*Khaba; Ka*), pela alma animal (*Seb; Ab-Hati*), pela alma intelectual ou inteligência (*Akhu; Bai*), pela Alma Espiritual (*Putah; Cheybi*) e pelo Espírito ou Alma Divina (*Atmu; Shu*).

Na **Grécia** antiga, Platão, elaborando as concepções de Sócrates, transfunde a ideia de que o homem era composto pela dualidade corpo e *alma* (*Eu superior*), intercalados pelos prazeres e pelas emoções (*thumos* ou coração). Aristóteles, seu grande seguidor, alterou a concepção do mestre, definindo a *alma* como o princípio vital e racional, material e espiritual, que habita o homem, misturando conceitos distintos (*Aether, Quintessência, Alma*), por não acreditar numa vida pessoal após a morte física<sup>1</sup>. Hipócrates, o “pai da Medicina”, define a força vital (*vis medicatrix naturae*) como uma

---

<sup>1</sup> Apoiado nos conceitos aristotélicos, São Tomás de Aquino (Idade Média) estrutura os fundamentos escolásticos da Igreja Católica, contrapondo-se às concepções reencarnacionistas das escolas orientais.

força instintiva e irracional, que se esforça para manter o equilíbrio das funções orgânicas, sem qualquer relação com o conceito aristotélico. Em linhas gerais, a filosofia grega reconhece no homem o corpo material (*soma*), a força vital (*vis medicatrix naturae*), a alma animal ou veículo das paixões e emoções (*psyche*) e a alma humana, mente ou intelecto (*nous*).

De Hipócrates até o século XIX, a **Medicina** foi influenciada pelo *pensamento vitalista*, que aceitava a existência de um princípio energético, vital, ligado substancialmente à materialidade orgânica, responsável pela manutenção da saúde do corpo físico. Personalidades como Erasistrato, Rhazes, Paracelso, Sydenham, van Helmont, Stahl, von Haller, Claude Bernard, dentre outras, defendiam o princípio vitalista, mas sem utilizarem um método terapêutico para atuar no desequilíbrio da força vital orgânica, causadora das enfermidades e doenças. No final do século XVIII, Samuel Hahnemann cria a **Homeopatia**, inaugurando uma etapa da terapêutica humana em que a unidade entre a doença e o doente é valorizada, atuando com seus medicamentos dinamizados nas distonias da força vital, transmitindo ao restante da individualidade humana (Mente e Espírito) um bem-estar indizível.

Da língua latina provém a origem de inúmeras dificuldades interpretativas dos termos que definem as entidades imateriais do homem, por colocarem diante de um único elemento material até seis elementos invisíveis: *animus*, *anima*, *mens*, *spiritus*, *intellectus* e *ratio*. Ao invés das complexas diferenças conceituais que abrigavam termos semelhantes, os idiomas franco-saxões mantiveram o simplismo teológico dos dois princípios imanentes: *corpo* e *alma*. Dessa forma, disseminou-se a ideia generalista e simplificada de que o homem possui um corpo e uma Alma ou Espírito, sem levar em consideração as demais entidades imateriais da individualidade humana.

O *animus* corresponderia a um princípio localizado no coração, responsável pela coragem, o valor, o arrojo e a impetuosidade humana frente aos grandes empreendimentos. O termo *anima* aplica-se à força vital, fluido universal ou *Linga Sharira*, intimamente ligada ao corpo físico, com a propriedade de transmitir vida à matéria inerte. Grande parte das confusões referidas anteriormente provém da tradução destes termos (*animus e anima*) pela palavra “alma”, que engloba a totalidade das faculdades intelectuais. Assim sendo, a palavra *mens* é que corresponde à *alma humana* da teologia católica, com o significado de mente humana ou *Manas* da concepção hindu, sem estar unida ao corpo sistematicamente. Ao *spiritus* corresponderia o corpo astral ou *Kama*, ao *intellectus* o entendimento superior ou *Buddhi* e à *ratio* a entidade espiritual de caráter divino ou *Atma*.

Na concepção cristã do **Novo Testamento**, encontramos conceitos como *Alma* e *Espírito*, utilizados indistintamente como sinônimos, representando a entidade espiritual e divina que habita o corpo humano. Em inúmeras passagens, a palavra “espírito” é utilizada com o significado de entidades obsessoras que perturbam os homens, causando-lhes doenças e outros tipos de perturbações psíquicas. O Apóstolo Paulo (Saulo de Tarso ou São Paulo), na Primeira Epístola aos Coríntios (I Co. XV, 35-49), delega uma natureza “corporal” ao espírito, como as concepções orientais citadas anteriormente (“também há corpos celestiais e corpos terrestres”; “se há corpo natural, há também corpo espiritual”). Na Segunda Epístola aos Tessalonicenses (II Ts. V, 23), utiliza a divisão tríplice humana (*corpo, alma e espírito*): “e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis”; relaciona a *alma* às faculdades

sensitivas e o *espírito* à mente ou razão, de acordo às concepções esotéricas orientais de corpo astral e corpo mental, respectivamente (Hebreus IV, 12). Apesar da concepção tríplice do homem ter sido admitida e ensinada pelos precursores da Igreja Católica (Irineu, Justino Mártir, Clemente, Orígenes, Gregório e Santo Agostinho), atualmente, não é propagada pela mesma.

Segundo a **Cabala Hebraica**, que corresponde ao conhecimento esotérico do povo judeu, o homem apresenta um *Guph* (corpo físico) unido substancialmente ao *Nepesh* (alma vivente), servindo de morada terrena às demais estruturas sutis em processo de evolução. Como entidades intermediárias, cita a alma animal ou *Tzelem* (ou *Nepesh*) e o *Ruach* (alma intelectual). Constituindo uma tríade superior, relaciona o *Neshamah* (Alma Humana) com o *Chiah* (Alma Espiritual) e o *Yechidah* (Espírito Divino). Estes princípios eram associados as *Dez Sephiroth* ou potencialidades humanas (*Árvore da Vida*).

Como fruto deste “conhecimento iniciático oriental” trazido por Christian Rosenkreuz e Helena P. Blavatsky surgem no Ocidente a **Rosa-Cruz** e a **Teosofia**, apresentando um estudo pormenorizado desta natureza imaterial humana. Dentro das concepções rosa-cruz e teosófica, teríamos, respectivamente, o *corpo vital* e o *duplo etérico* (*Linga Sharira*); o *corpo de desejos* e o *corpo astral* (*Kama Rupa*); a *mente* e o *corpo mental* (*Manas inferior*); o *Espírito Humano* e o *Corpo Causal* (*Manas Superior*); o *Espírito de Vida* e o *Corpo de Beatitude* (*Buddhi*); e, finalmente, o *Espírito Divino* e o *Espírito* (*Atma*).

Associando sua percepção aos conhecimentos rosa-cruzes e teosóficos, Rudolf Steiner cria a **Antroposofia**, trazendo contribuições às várias áreas do conhecimento humano. Divide a natureza sutil humana em *corpo etéreo* ou *vital*, *corpo anímico-sensitivo* ou *corpo astral*, *alma do intelecto* ou *organização do Eu*, *Alma da Consciência*, *Personalidade Espiritual* e *Homem-Espírito*, em analogia às demais definições citadas anteriormente.

Concluindo esta síntese introdutória, citemos a concepção imaterial do homem segundo a **Doutrina Espírita**, que é bastante divulgada no meio brasileiro. Simplificando conceitos, apresenta uma visão ternária do homem, constituída pelo *princípio vital* (união entre corpo físico e força vital), *perispírito* e *Espírito*. Com o termo *perispírito*, une o corpo astral e o corpo mental das demais concepções, em vista da dificuldade de separarmos, na prática, os sentimentos dos pensamentos humanos. Segundo suas definições, o *Espírito* também englobaria o Corpo Causal e o Corpo de Beatitude anteriormente citados.

Nessas concepções filosóficas, que parecem ter se originado de uma fonte de conhecimentos comum (*raiz iniciática*), os princípios imateriais humanos e suas manifestações são amplamente estudados, numa natureza sétupla de extrema complexidade. Sob este prisma, o modelo antropológico humano adquire matizes fascinantes, trazendo explicações para muitas inquições humanas.

Desde a juventude, a certeza de uma individualidade humana complexa, composta pela tríade *corpo-mente-espírito* pulsava internamente, fazendo-me buscar nas diversas escolas filosóficas citadas as respostas para as indagações que me afligiam o ser. Nesta peregrinação literária e prática, parte dos meus anseios foi acalmada com o

entendimento de que possuímos uma *natureza imortal* em constante *evolução*, portadora de um *livre-arbítrio* para atuar na direção que melhor lhe aprouver, mas com uma *consciência interna* que a orienta quanto ao caminho da Verdade e da Justiça. Dentre outros, conceitos universais como *lei do karma* e *princípio da reencarnação*, encontrados nas filosofias orientais e suas ramificações ocidentais, trouxeram uma explicação lógica para o entendimento das dificuldades e vicissitudes que assolam a Humanidade. A outra parte dos anseios permanece em mim latente, alimentando o interesse e a busca por novos conhecimentos.

Ao buscar a Homeopatia como especialidade médica, além do interesse despertado pela observação de resultados clínicos surpreendentes, a ideia da existência de uma *força vital imaterial* responsável pela manutenção da saúde e foco de atuação do tratamento homeopático<sup>2</sup>, foram razões suficientes para me fazer decidir por este caminho, apesar do preconceito existente entre os colegas de profissão.

Embora o modelo homeopático seja praticamente experimental e científico, apresentando uma terapêutica que se baseia no *princípio da similitude* e na *experimentação das substâncias medicinais no indivíduo sadio*, o modelo filosófico vitalista amplia o entendimento da concepção saúde-doença e do tratamento das enfermidades, trazendo, inclusive, subsídios para que se compreenda o emprego das *doses infinitesimais* (medicamento dinamizado) pela Homeopatia. Por outro lado, os conceitos vitalistas trazidos por Hahnemann, buscando explicar o mecanismo de ação dos medicamentos homeopáticos (*despertar da reação vital ou efeito secundário do organismo*), fruto da observação minuciosa do efeito das substâncias medicinais no organismo humano, encontram respaldo nos mecanismos homeostáticos do organismo estudados pela Fisiologia e pela Farmacologia modernas, detalhadamente descritos na obra [Semelhante cura semelhante: o princípio de cura homeopático fundamentado pela racionalidade médica e científica](#)<sup>3</sup>.

No intuito de ampliarmos a compreensão do **vitalismo homeopático**, ensinado nos Cursos de Especialização em Homeopatia, geralmente, segundo o conteúdo restrito às escolas médicas fundamentadas na *vis medicatrix* hipocrática, acrescentamos novos conhecimentos a este estudo padrão que, certamente, ajudarão a dirimir as dúvidas que ainda possam restar sobre o entendimento da força vital hahnemanniana. Com esta abordagem universalista, estamos sugerindo uma maior dinâmica e integração com os estudantes, segundo o modelo filosófico que acreditem.

Desde o momento em que lançamos a obra [Concepção vitalista de Samuel Hahnemann](#)<sup>4</sup> em 1996, sempre tivemos a ideia de ampliá-la com conceitos de outras escolas médicas e filosóficas, que estamos apresentando, detalhadamente, neste novo trabalho

---

<sup>2</sup> Teixeira, Marcus Zulian. A natureza imaterial do homem e a medicina homeopática. Revista Saúde & Espiritualidade nº 16, out/nov/dez 2014, p. 18-21. Publicação da Associação Médica Espírita do Brasil (AME-Brasil). Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/000143697ff5f845149f2><sup>5</sup>.

## Prefácio à 2ª Edição (e-book/ pdf)

É com grande satisfação que escrevo este prefácio, pois “A Natureza Imaterial do Homem: estudo comparativo do vitalismo homeopático com as principais concepções médicas e filosóficas” é uma obra que a Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP) tem a honra de apoiar.

A vida humana evoluiu até hoje sempre à busca da sobrevivência, adaptação ao ambiente, integrando seus sistemas internos com o meio externo. O entendimento do processo saúde-doença variou ao longo dos séculos de acordo com as culturas, teorias e tecnologias, polarizando-se em muitos momentos entre a matéria e o espírito, o palpável e o impalpável, o concreto e o abstrato.

Desde que começamos a entender melhor como o organismo funciona, como as doenças ocorrem, e passamos a mensurar estes fenômenos, a sociedade moderna passou a entender erroneamente que só existe saúde se os números dos exames estiverem normais, só existe doença se alguma imagem ou valor de algum exame esteja anormal.

A maior parte do sofrimento humano, no entanto, não está relacionada a problemas mensuráveis com exames, pois o desequilíbrio acontece e a dor, a depressão, a ansiedade, os problemas do sono, dentre outros inúmeros distúrbios abalam os seres humanos com seus exames de imagem e laboratoriais normais. E ainda mais, focamos na doença e não na saúde.

Já há algum tempo nos vemos tentando recuperar o abstrato, o imaterial, o intangível, e incorporá-los na fisiologia, na evidência científica, com modelos teóricos e aplicações práticas que cada vez mais se mostram eficazes.

Dr Marcus Zulian Teixeira discorre nesta obra sobre os fundamentos da natureza imaterial do homem ao longo da história da medicina, segundo a homeopatia, a medicina tradicional chinesa, a medicina ayurveda, a concepção Rosacruz, a medicina antroposófica, a cabala Hebraica e a doutrina espírita, iluminando-nos com clareza e profundidade, estimulando muitas reflexões.

Recomendo fortemente sua leitura, pois se trata de uma referência importante para o avanço da medicina, na integração da espiritualidade e da saúde, que esperamos se aproximem cada vez mais.

**Mario Fernando Prieto Peres**

*Doutor em Medicina pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
Pós-Doutor pela Thomas Jefferson University (Philadelphia, EUA)  
Professor de Neurologia da UNIFESP e da Faculdade de Medicina do ABC  
Vice-Presidente da Associação Médico-Espírita de São Paulo (AME-SP)  
Coordenador do Departamento de Pesquisa da AME-SP*



## A Natureza Imaterial do Homem ao longo da História da Medicina

## Sumário

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| Introdução                            | 16 |
| Desenvolvimento                       | 18 |
| Medicina grega - Hipócrates           | 18 |
| Medicina siciliana - Aristóteles      | 22 |
| Medicina empírica - Erasistrato       | 23 |
| Medicina romana - Galeno              | 24 |
| Medicina árabe - Rhazes               | 25 |
| Medicina renascentista - Paracelso    | 27 |
| Medicina pós-renascentista - Sydenham | 31 |
| Iatroquímicos                         | 33 |
| Jan van Helmont                       | 33 |
| Georg Ernst Stahl                     | 34 |
| Albrecht von Haller                   | 35 |
| Paul Joseph Barthez                   | 35 |
| John Brown                            | 36 |
| Iatrofísicos - Herman Boerhaave       | 36 |
| Mesmerismo                            | 37 |
| Medicina do século XIX                | 39 |
| Conclusões                            | 42 |
| Referências bibliográficas            | 43 |

## Introdução

Nas civilizações primeiras (Assírio-Babilônica, Egípcia, Iraniana, etc.), a Medicina esteve envolta por um caráter místico-religioso, sendo praticada pelos guias espirituais (sacerdotes, magos, pagés, etc.) das mesmas e atribuindo-se a gênese das doenças a um castigo dos deuses como forma de punição aos homens pecadores.

Apesar de em épocas mais remotas a China apresentar um sistema médico com fundamentos religiosos e teológicos, a partir do século V a.C. a Medicina Tradicional Chinesa incorporou a “teoria cosmológica” de Tseu-Yen (336-280 a.C.), que trazia a noção de um “elemento cósmico”, um “princípio material-energético”, que passou a fundamentar também a Física, a Alquimia e a Fisiologia. Segundo esta “teoria dos cinco elementos” (água, terra, fogo, madeira e metal) foram classificados os órgãos, as vísceras e os distúrbios patológicos que os acometiam, surgindo daí uma terapêutica energética (acupuntura, moxabustão e fitoterapia) que era utilizada para reequilibrar a força vital (*chi*) que circulava nos meridianos ou canais de energia do corpo humano.

Na Índia Antiga, cultura formada pela fusão da civilização nativa do Vale do Indo (3000 a.C.) com a civilização ária do Indostão (Irã) em 1500 a.C., surge uma medicina com “orientação cósmica” (*estequiologia*), semelhante à cultura chinesa, embasada em “cinco elementos primários materiais-energéticos” (*mahabhuta*), dos quais merecem destaque o *tridhātu* (três *dhātu* ou elementos biológicos), o *vento* sob a forma de sopro ou hálito vital (*prâna*), o *fogo* sob a forma de bÍlis (*pitta*) e a *água* sob a forma de muco ou pituita (*kapha* ou *shleshman*). Derivando-se destes, o sistema estequiológico da Medicina Tradicional Hindu, o *Áyurveda*, distingue “sete elementos orgânicos” (suco fundamental, sangue, carne, gordura, osso, medula e esperma) envoltos pela “quintessência ou fluido vital” (*ojas*), que lhes confere o vigor e a vida. Embasados nestes conceitos, descritos nos *Vedas* (*Sushruta* e *Caraka*), todas as atividades e vicissitudes do organismo eram explicadas.

Como veremos a seguir, encontramos enorme semelhança entre os humoralismos hindu e grego, fruto de uma mesma raiz pré-histórica segundo W. Kirfel e outras teorias antropogênicas que citaremos adiante. Apesar desta concepção física-estequiológica, a enfermidade englobava também as concepções religiosa e moral.

Com Hipócrates, na Grécia Antiga, a medicina adquiriu o *status* de ciência, com um corpo doutrinário específico, incluindo a história clínica, o exame físico, a classificação e o prognóstico das doenças, utilizando-se medidas higiênico-dietéticas como prática terapêutica. Postulava-se uma natureza imaterial no homem (*vis medicatrix naturae*) unida substancialmente ao corpo físico, que regulava, instintivamente, todas as funções fisiológicas do organismo e, ao se desequilibrar, permitia o desenvolvimento das doenças orgânicas. Além desta constituição energética, postulava-se a existência de outras entidades imateriais superiores (*psyche*, *thumos*, *alma*, *nous*, etc.) relacionadas às emoções, à inteligência e à essência espiritual humana, com ascendência sobre aquela.

Pela enorme influência que Hipócrates exerceu sobre a medicina até o século XIX, a existência de um *princípio* ou *força vital* (*vitalismo*) era propagada em todas as escolas



médicas, sendo aceita por umas e negada por outras, norteadas os diagnósticos e as terapêuticas exercidas pelas mesmas.

Discorrendo sobre o pensamento médico vitalista, encontramos Erasistrato na medicina empírica (Alexandria, Egito); Galeno na medicina romana; Rhazes na medicina árabe; Paracelso na medicina renascentista; Sydenham, van Helmont, Stahl, von Haller, Brown, Boerhaave e Mesmer na medicina pós-renascentista; Virchow, Claude Bernard e outros no século XIX.

No final do século XVIII, Samuel Hahnemann desenvolve a teoria vitalista como suporte filosófico ao seu método científico e experimental de tratar as enfermidades, denominado Homeopatia ou tratamento pelos semelhantes (*similia similibus curentur*).

No século XIX, o modelo mecanicista e cartesiano toma vulto, substituindo o modelo vitalista até então operante. Apoiada nesta forma de encarar as causas das enfermidades, a medicina do século XX abandona a concepção vitalista, dedicando-se ao estudo das ciências exatas (anatomia, histologia, patologia, etc.).

## Desenvolvimento

### Medicina grega - Hipócrates

Uma das mais ilustres personalidades da Medicina Antiga, o médico grego Hipócrates nasceu na ilha de Cós ao redor do ano 460 a.C., praticando a medicina na era de Péricles e falecendo em 355 a.C., com idade avançada.

Fundamentando as bases da medicina hipocrática, foi considerado o “pai da Medicina”, sendo glorificado pelos seus contemporâneos e pela posteridade como um dos maiores gênios da arte médica.

Seus escritos foram citados e comentados por todos os grandes médicos da Antiguidade, da Cultura Árabe à Renascença Italiana, apesar de muitas destas obras não serem realmente de sua autoria. A publicação de todos os escritos do Corpus Hippocraticus (C.H.) data do século III a.C., editados em dialeto jônico e reunidos na Biblioteca de Alexandria (Egito).

Libertando a medicina antiga do misticismo mágico-religioso, Hipócrates converteu-a em ciência, desenvolvendo a inspeção e a observação do paciente, o registro fidedigno das histórias clínicas e promovendo a primeira diferenciação sistemática das enfermidades. O modelo hipocrático concentrava-se no diagnóstico e no prognóstico das doenças, faltando ao mesmo um *sistema terapêutico bem estruturado*, utilizando, na maioria das vezes, medidas higiênico-dietéticas como as dietas, o repouso, os exercícios, os banhos e as massagens; empregava também ventosas, medicamentos eméticos e purgativos, com o intuito de expulsar a matéria doentia (*materia peccans*) do organismo. Na terapêutica, empregava o princípio dos contrários (*contraria contrariis*) e o princípio dos semelhantes (*similia similibus*), atuando “contra a causa e contra o princípio da causa”, respectivamente. Buscando a individualização do tratamento, procurava abranger a totalidade do organismo (e não apenas a parte enferma), observando que deste modo aumentava a “eficácia da *dynamis* terapêutica do remédio”.

“1. Três foram os princípios básicos do tratamento hipocrático: a) «Favorecer, ou ao menos não prejudicar»: *primum non nocere*, segundo a abreviada versão latina da primitiva sentença; b) abster-se do impossível: portanto, não atuar quando a enfermidade parece ser mortal «por necessidade» (*kat'anánken*), isto é, por um inexorável decreto da divina e soberana *physis*; c) Atacar a causa do dano: atuar «contra a causa e contra o princípio da causa», segundo a letra de um preciso e talhante texto. 2. As principais regras em que estes três princípios do tratamento se concretizaram foram as seguintes: a) O tratamento pelos contrários: *contraria contrariis*. Tal é o sentir geral dos hipocráticos, embora não falem em seus escritos prescrições no sentido do *similia similibus*. b) O imperativo da prudência, muito animosamente entendido em uns casos e muito temerosamente em outros. c) A regra do bem fazer: «Fazer o devido e fazê-lo bem feito». d) A educação do enfermo para que este seja «bom paciente». e) A individualização do tratamento: não só a índole da enfermidade será levada em conta pelo médico, também a estação do ano e a constituição, o sexo e a idade do enfermo. f) A oportunidade ou *kairós* da intervenção terapêutica no curso da doença: *occasio praeceps*, «a ocasião é fugaz», adverte aos médicos o primeiro dos Aforismos. g) A totalidade: não tratar a parte enferma esquecendo que pertence a um todo e não esquecer que este «todo» - Diocles de Caristo desenvolverá tematicamente tal ideia –

condiciona, às vezes decisivamente, o modo e a eficácia da *dynamis* terapêutica do remédio.” (*Historia de la Medicina*, Entralgo, Segunda parte, seção II, cap. 5, p. 109)

A ideia de uma “natureza universal”, “princípio cósmico universal”, “natureza particular”, “força vital”, “*vis medicatrix*” ou “*physis*”, que impregnava todas as coisas e todos os seres do Universo, surge com os pensadores pré-socráticos, fazendo parte da linha mestra do pensamento médico grego hipocrático.

“Desde que entre os gregos cultos adquire vigência geral a *physiología* dos pensadores pré-socráticos - portanto, desde a primeira metade do século V -, a palavra *phýsis* vai ter dois sentidos principais, conexos e complementários entre si. É, por uma parte, a «natureza particular», o divino princípio e fundamento de toda realidade, seja esta a de Deus ou a da pedra. Nomeia, por outro lado, a «natureza particular» de cada coisa, aquilo pelo que esta é o que é e como é. «A Natureza» e «as naturezas», se quer dizer-se assim. Quando o autor de *Epidemias I* distingue entre a «comum *phýsis* de todas as coisas» e a «*phýsis* própria de cada coisa» (II, 670), não fará senão expressar o pensamento de todos os gregos a partir do século V e, portanto, dos primeiros redatores do *C.H.* A *phýsis* universal se realiza e concretiza dando a cada coisa sua própria *phýsis*, sua constituição específica e individual; o qual faz que este termo fundamental designe no *C.H.*, segundo os casos, a constituição de um determinado indivíduo ou de qualquer de suas partes, a do tipo, da espécie ou do gênero a que tal indivíduo pertence e, como mais de uma vez disse, a Natureza universal. [...]” (*La Medicina Hipocrática*, Entralgo, cap. II, § I, p. 46)

Entre as inúmeras contribuições à Medicina, Hipócrates demonstrou que a doença é um processo natural, sendo seus sintomas reações do organismo à enfermidade, atribuindo ao médico o papel de ajudar as forças defensivas naturais do organismo (*vis medicatrix*). Acreditando no poder da *physis* ou *força vital orgânica* (*vis medicatrix*) em restabelecer a saúde perdida, associando a deficiência de uma terapêutica específica que pudesse estimular este princípio vital no sentido da cura, os médicos hipocráticos limitavam-se a afastar os impedimentos à recuperação da saúde, dando ao corpo (força vital) toda a ajuda possível através do repouso e das dietas. Com isto, pelo menos, impediam que os doentes fossem submetidos aos tratamentos mal concebidos e venenosos daquela época, que matavam mais do que curavam: *primo non nocere*.

“«As naturezas são os médicos das enfermidades», afirma uma famosa sentença Das *Epidemias* hipocráticas. Sem aprendizagem, a *physis* faz sempre o que ela deve fazer. Nestes textos tem origem a tradicional doutrina da *vis medicatrix* ou «força medicatrix» da natureza. O médico hipocrático se verá a si mesmo como um «servidor da arte»; em definitivo, como um «servidor da natureza»; e servirá a esta tratando de alcançar quatro fins principais: a salvação (sem a medicina, a humanidade inteira teria sucumbido, ou pelo menos muitos homens morreriam), a saúde (que pode ser «completa» ou apenas «suficiente»), o alívio das doenças e o decoro visível do enfermo, a boa composição do seu aspecto. [...]” (*Historia de la Medicina*, Entralgo, Segunda parte, seção II, cap. 5, p. 108-9)

Embasado no modelo vitalista hipocrático, que atribui à causa das doenças uma alteração da força vital imaterial, surgirá, após aproximadamente dois mil anos, um **modelo terapêutico de estímulo à força vital curativa**, chamado Homeopatia.

Um médico da escola hipocrática possuía conhecimentos de fisiologia e patologia, baseados na *Teoria dos Quatro Elementos* e na *Teoria dos Humores* orgânicos, respectivamente. O corpo humano seria constituído por quatro elementos (ar, terra, água e fogo), estando o equilíbrio fisiológico do organismo relacionado à distribuição destes

elementos. Quanto aos humores, Hipócrates refere no livro *Da natureza*, cap. IV, que “o corpo do homem tem em si sangue, pituita, bile amarela e bile negra”, constituindo estes “a natureza de seu corpo e por meio destes sente a dor ou goza saúde”. Relaciona a constituição orgânica aos quatro humores e aos quatro elementos, atribuindo a doença ao grau de desequilíbrio destes: coração-sangue-calor; cérebro-pituita-frio; fígado-bile amarela-seco; baço/estômago-bile negra-umidade.

Como dissemos anteriormente, a luta entre a força vital natural (preservadora do equilíbrio orgânico) e a desarmonia dos humores corporais (doenças), origina a crise (*crisis*), que representa o esforço em busca da saúde. Dentro desta patologia hipocrática, classificavam-se vários tipos de doenças, de acordo com seus sintomas principais: doenças do aparelho respiratório, doenças do trato intestinal, doenças do sistema nervoso, etc.

Apesar de atribuir à *physis*, *força vital* ou *vis medicatrix* um poder limitado no combate às doenças, por ser “ignorante e não instruída” (diferenciando-a do Poder Inteligente, Alma ou Espírito), a atitude terapêutica dos médicos hipocráticos limitava-se a auxiliar a natureza nos seus poderes curativos. A capacidade reativa do organismo era representada pela *dynamis*.

“É a natureza mesma que encontra o caminho; se bem que ignorante e não instruída, faz aquilo que é apropriado.” (*Das Epidemias*, sec. IV, § 5)

“O corpo, de acordo com Hipócrates, tem em si mesmo os meios de cura; os sintomas da doença e, particularmente, a febre são meras expressões do esforço do organismo; a *physis* representa a capacidade das forças vitais do indivíduo para reagir contra a doença. A natureza foi definida, nos escritos hipocráticos, de diversos modos, ora indicando a totalidade do organismo, ora as quatro qualidades ou os quatro humores cardinais, ora a essência ou substância; algumas vezes também, como mostrou Neuburger, significa as leis dominantes. Certamente, a atividade da natureza é olhada como sempre necessária e correspondendo exatamente às necessidades individuais. No conceito hipocrático, a cura está intimamente ligada à expulsão da *matéria peccans*: a febre é um dos meios de obter a cura.” (*História da Medicina*, Castiglioni, p. 204)

Entendamos esta *physis hipocrática* ou *força natural de cura* como o **poder fisiológico que governa as funções orgânicas**. Por ser instintiva, irracional e inconsciente não é capaz de solucionar todos os problemas orgânicos, necessitando, em muitos casos, receber a orientação inteligente do médico.

“Mais importante do que simples citações contendo a ideia do símile, é o verdadeiro espírito dos escritos hipocráticos. Talvez nenhum pensamento isolado tenha exercido maior influência sobre a medicina do que a observação de que os fenômenos da doença se compõem de dois grupos de eventos: o primeiro, dos efeitos da injúria, e o segundo, da reação curativa. O corolário dessa proposição é que os efeitos diretos devem, se possível, ser removidos, mas a reação de cura deve ser estimulada, e isso por mimetismo. A importância dessa *physis* hipocrática fica parcialmente evidenciada por sua recorrência periódica sob novos nomes e em associação a novas teorias, mas ainda como a força natural de cura: a *vis medicatrix naturae*, o *archeu* de Paracelso e Helmont, o *anima* de Stahl e outros (que não devem ser tomados como os únicos significados de ‘*physis*’). A concepção geral foi formulada por Heráclito: ‘Como uma aranha no meio de uma teia, que percebe imediatamente quando uma mosca destrói algum fio, e corre, então, para o local, preocupada em repará-la, do mesmo modo a alma humana, diante de dano em qualquer parte do

organismo, mobiliza-se rapidamente como se devesse estar próxima à área lesada, com a qual está firme e definitivamente relacionada'. O trecho mais notório dos escritos hipocráticos encontra-se no livro *Das Epidemias*, em que se lê: 'na doença os *physes* são os médicos'. Também, 'a *physis* mesma, não conscientemente, encontra caminhos e meios como no piscar de olhos, nos movimentos de língua e afins. Pois, por si mesma, sem adestramento e sem ter sido treinada, cuida do que deve. Lágrimas, secreção nasal, espirro, cerúmen, saliva, expectoração, inspiração e expiração, bocejo, tosse, deglutição, em conjunto, mesmo que não da mesma maneira. Micção, eliminação de gases, regurgitação, assimilação de nutrientes, respiração e na mulher o que lhe diz respeito, e ao corpo todo, a saber, suor, prurido, espreguiçamento e tudo o mais'. Aqui, *physis* equivale à força natural de cura ou ao poder fisiológico que governa as funções orgânicas. Encontramos ideias análogas no notável escrito de Heráclito *Da Nutrição*: 'A *physis* é instintiva em relação a tudo', e adiante, 'a *physis* é suficiente em tudo'. O trabalho sobre anatomia encerra com a sentença: 'o restante foi acrescentado pela *physis*'. No livro *Da Dieta* lê-se: 'A *physis* opera por si só. Se alguém apresenta transtornos ao sentar, põe-se de pé; se alguém apresenta transtornos ao andar, mantém-se em repouso, e muitas outras coisas assim são propriedades da *physis* da medicina. A *physis* não é capaz de solucionar tudo. Por exemplo: 'Ele (o médico) deve induzir diretamente as alterações de modo a assumir ele próprio o controle sobre elas. Por um lado, ele deve modificar os eventos presentes; por outro, deixá-los intocados, caso ocorram como e onde devem. Mas, em parte, ele deve alterá-los, especialmente se impróprios, notadamente os prestes a se instalar ou já instalados'. O médico deve discriminar os sintomas úteis e os prejudiciais, suscitando os primeiros e evitando os últimos. Nem sempre os sintomas são considerados úteis, nem um mesmo sintoma sempre considerado como útil ou prejudicial. Num momento ele é enfermidade, noutro, instrumento de cura. A tosse é cura ou transtorno, erupções de pele podem constituir a enfermidade ou um fenômeno conveniente da enfermidade, a chamada apostasia. A *physis* regula os processos fisiológicos e guia-os pelos caminhos corretos, cura doenças, é inconsciente e como que instintiva, sendo incapaz de solucionar tudo, devendo, portanto, quando deficiente, receber a ajuda do médico.[...]' (A *Concepção Antiga de Símile*, Boyd, p. 13-5)

Também designada por "calor inato", a força vital é abundante nos jovens e escassa nos idosos, estando relacionada às forças de manutenção (aquecimento) e crescimento. Assim sendo, a reação vital nos jovens, observada através da febre, é mais intensa do que nos velhos. Analogamente à concepção hindu, a alimentação é vista como uma fonte produtora de energia vital (*prâna*) para o indivíduo.

"É na idade de crescimento que se possui, em mais abundância, maior calor inato; é, pois, nessa idade, que a alimentação deve ser mais substancial; de outro modo, o corpo se enfraquece; nos velhos, ao contrário, há pouco calor inato; eis porque eles só têm necessidade de pouco combustível, porque uma quantidade excessiva o destruiria; é, também, por esse motivo que as febres não são tão agudas nos velhos (quanto nos jovens), porque os velhos têm o corpo frio." (*Aforismos*, Hipócrates, Primeira secção, XIV)

Como outra entidade distinta, diferente da força vital ou *physis*, Hipócrates cita a "alma" ou "*psykhê*", relacionando-a aos aspectos intelectual, afetivo e estimativo da individualidade humana.

"A atividade própria da alma - dessa parte sutil do corpo humano a que chamamos *psykhê*, «alma» - pode ser cognoscível (a alma como agente do pensamento, a inteligência, a consciência psicológica: *phrónêsis*, *gignôskein*, *gnômê*, *diánoia*, *nóos*, *lógos*, *sýnesis* ou *xýnesis*, *xýnnoia*; tais são os nomes mais frequentes empregados para designar a função intelectual), afetiva (a alma como órgão que sente prazer, alegria, pena ou dor) ou estimativa (a alma como instrumento para conhecer, através do cérebro como intérprete, «o bem e o mal, o agradável e o desagradável, o útil e o inútil»; VI, 386). Germinal e impreciso no

pensamento que o concebe e nas palavras que dão expressão ao pensamento, tal foi, em seus traços principais, o saber psicológico dos médicos hipocráticos.” (*La Medicina Hipocrática*, Entralgo, cap. III, § I, p. 181)

|                            |   |  |
|----------------------------|---|--|
| <b>soma (corpo físico)</b> | <b>vis medicatrix naturae (força vital) / physis (princípio ou corpo vital)</b> | <b>psykhê ou «alma» (alma afetiva, alma intelectual e alma estimativa)</b> |
|----------------------------|---|--|

## Medicina siciliana - Aristóteles

Embora não tenha seguido a carreira da medicina, Aristóteles (384-322 a.C.) desenvolveu inúmeros estudos relacionados à mesma. Por apresentar uma teoria sobre a imaterialidade humana distinta da de Hipócrates, influenciando filósofos de todas as épocas, vamos citá-la sucintamente.

Filho do médico Nicómano de Estagiara, Aristóteles entrou para a Academia com dezessete anos, destacando-se no estudo de temas médicos (Fisiologia, Biologia, Zoologia e Anatomia). Segundo Entralgo, o médico siciliano Filistão de Locros, com sua “doutrina da natureza” (*teoria dos quatro elementos e qualidades; pneûma*<sup>3</sup>; *quinta essentia* ou *éter*<sup>4</sup>), exerceu grande influência em Platão e, conseqüentemente, na fisiologia aristoteliana. Para Aristóteles, este *pneûma*, *quinta essentia* ou «éter» equiparava-se à *physis*, *vis medicatrix* ou *força vital* hipocrática, atribuindo-lhe um importante papel “na vida do organismo, como causa da saúde e da enfermidade”.

“[...] A doutrina da natureza do médico siciliano Filistão de Locros se baseava sobre a teoria empedocleana dos quatro elementos e das correspondentes quatro qualidades fundamentais (calor, frio, seco, úmido). Filistão - parece - conferenciou na Academia, ou seja, não só a Platão, em suas estadas na Sicília, senão também a seus discípulos lhes deu ocasião de ouvi-lo pessoalmente. A aceitação dessa doutrina por Platão fez com que, impondo-se sobre a explicação atomística proposta por Demócrito, prevalecesse durante a Antiguidade e a Idade Média, pois através de Platão e da Academia passou ao Liceu e ao Estoicismo. Algo semelhante aconteceu com a doutrina do *pneûma* (ar) que Filistão defendeu, com grande consequência, como força vital que tudo traspasa – o primeiro intento de uma teoria do orgânico. No conjunto da filosofia platônica, este último ponto não teve demasiada importância; porém, ao transmitir a seus discípulos, foi a origem de uma pneumatologia que gozou do máximo predicado no Liceu e nos círculos médicos helenísticos. Aristóteles, do mesmo modo que Filistão e Platão, aceita a doutrina dos quatro elementos e qualidades para explicar a consistência dos seres vivos, embora com a importante modificação de acrescentar um quinto elemento, a *quinta essentia* de que fala a doxografia tardia, a matéria etérea de que estão feitos os corpos celestes: é o antecedente do «éter» a que Huygens, no século XVIII, outorgaria um significado que só se perdeu em nosso século. Igualmente, concede Aristóteles um grandioso papel ao *pneûma* e suas mudanças na vida do organismo como causa da saúde e da enfermidade. Os textos aristotélicos referem-se exclusivamente ao aspecto teórico do problema, sem abordar sua fase patológica, terapêutica ou dietética, pelo que, se a concordância do conjunto está bem estabelecida, nos pormenores ignoramos até

<sup>3</sup> *Pneuma* (do grego *pneûma*, 'sopro'). Na Antiguidade, essência espiritual invisível e intangível, de conceituação difícil. Admitia-se que se formasse com base no ar, ou com auxílio deste. Era considerado pelos pneumatistas como espírito vital, atribuindo-se-lhe a natureza de calor inato, funções respiratórias, circulatórias e nutricionais. O conceito *pneuma* era, na realidade, uma mistura de noções religiosas, filosóficas e científicas.

<sup>4</sup> *Éter* (do grego *aithér*). Meio elástico hipotético em que se propagariam as ondas eletromagnéticas.

que ponto o filósofo concordava ou não com as doutrinas e casuística médicas de ascendência siciliana.” (*Historia Universal de la Medicina*, Entralgo, vol. 2, cap. V, p. 131-2)

Na sua concepção antropológica, Aristóteles diferenciava a “alma” em três formas (*material, sensível e pneumática*), apresentando cinco «qualidades» (*nutritiva* ou *vegetativa, sensitiva, cupitiva* ou *concupisciva, motiva* e *intelectiva*). Localizava a *alma* no coração, equivocadamente segundo Entralgo, ao contrário dos médicos de Cós, que a localizavam no cérebro.

“Se acusa energicamente o errôneo acordo de Aristóteles com a medicina siciliana em outro ponto fundamental, de que aquela foi apaixonada fervorosa. Refiro-me à sede da alma. A alma é a fonte da vida e do movimento (*De anima* 403 b), se diferencia em três formas (material, sensível e pneumática) e tem cinco «qualidades»: nutritiva, sensitiva, cupitiva, motiva segundo o lugar e intelectiva (*De anima* 413 a 33). Aristóteles a aloja no coração, significando que também a inteligência é uma «sabedoria que surge do coração» e que nele temos o entendimento. Platão, com muito tino (*Timeo*, 73 d), se havia safado deste deslize e seguido neste tema aos médicos de Cós, que localizavam a alma no cérebro, opinião que defende com calor o autor do *Del morbo sacro* (c. 16-17). Certa doxografia platônica tardia chama ao cérebro, se entende que em todos os sentidos, «acrópolis do corpo». Aristóteles havia entrado em sua equivocada opinião por duas portas, a anatomia dos vasos sanguíneos e a outra, sugestionado pela posição central que outorgava ao coração Filistão. No mesmo erro incorreu Diocles.” (*Historia Universal de la Medicina*, Entralgo, vol. 2, cap. V, p. 132)

Como vimos, Aristóteles distinguia a *força vital (pnêuma, éter, quinta essentia)* da *alma*, esta última correspondendo às propriedades emocionais e intelectuais da individualidade humana, enquanto a primeira apresenta a característica de manter a vitalidade e a saúde do corpo físico, de uma forma instintiva e irracional. No entanto, atribui à *alma nutritiva (vegetativa)* propriedades semelhantes ao *pnêuma*, misturando termos conceitualmente distintos.

|                            |  |  |
|----------------------------|--|--|
| <b>soma (corpo físico)</b> | <i>pnêuma, aethér, quinta essentia</i> | <b>alma (nutritiva, sensitiva, cupitiva, motiva e intelectiva)</b> |
|----------------------------|--|--|

## Medicina empírica - Erasistrato

Erasistrato (310 a 250 a.C.), discípulo da escola grega de Cnido e principal expoente e fundador da medicina empírica, abandonou as teorias humorais e destacou-se no estudo da fisiologia, da patologia e da anatomia. Observando os princípios hipocráticos, dedicou-se à pesquisa baseada na observação pessoal dos fenômenos, tornando-se um investigador hábil, livre de preconceitos e avesso a qualquer dogmatismo doutrinário.

“[...] Assegurava que o sangue provia à nutrição do corpo e o *pneuma* era substância necessária à vida. Foi talvez o primeiro a iniciar o estudo da anatomia patológica, perquirindo as causas anatômicas do pleuris e da pericardite. Reconheceu uma associação entre ascite e endurecimento do fígado. Deu atenção particular à anatomia normal e patológica do cérebro, que ele olhava como centro da função psíquica. Considerava que a pletora das partes ou dos órgãos tinha importância particular no desenvolvimento da doença. Erasistrato era mais fisiologista e patologista do que anatomista; alguns historiadores consideram-no como o fundador da fisiologia. Dizia que cada órgão era suprido por três espécies de vasos: veias, artérias e nervos. Acreditava que o ar que entrava nos pulmões

penetrava até o coração, onde formava o espírito vital que as artérias levavam a diferentes partes do corpo. No cérebro o espírito vital era transformado, provavelmente nos ventrículos, em espírito animal, o qual era transmitido pelos nervos às diferentes partes do corpo. As observações de Erasistrato sobre a função das artérias e das veias foram importantes: ele acreditava que o sangue passava das veias para as artérias através de canais intercomunicantes extremamente pequenos. Deste modo, ele se aproximava do conceito de circulação, mas imaginava-o em direção inversa. A ele devemos a descoberta da função da válvula tricúspide; acreditava que a função da válvula mitral fosse a de impedir que o espírito vital deixasse o coração por outro caminho que não a aorta.” (*História da Medicina*, Castiglioni, p. 219-20)

Dessa forma, Erasistrato considerava a *força vital hipocrática* ou *pneuma* “como uma espécie de espírito vital, ligeiro, que enchia as veias”, aproximando-se da concepção ocidental atual do papel do oxigênio na fisiologia interna e da concepção oriental hindu de *prâna*, como uma força vital captada através da respiração. Utilizando os métodos hipocráticos de tratamento, “rechaçou a alopatia e utilizou métodos homeopáticos, medicamentos suaves e diluídos”. Assim sendo, o **princípio da similitude** assumiu destaque na sua prática terapêutica, adicionando-se a esta o **princípio das doses infinitesimais**, que veremos serem utilizados como prática vigente na Homeopatia do século XIX.

“[...] Erasistrato rechaçou as teorias humorais e propôs a ideia - utilizada inúmeras vezes pela história posterior - de que a força vital era uma espécie de espírito vital, ligeiro, que enchia as veias: uma apreciação intuitiva do papel do oxigênio. A principal causa da enfermidade, afirmava Erasistrato, era um <demasiado>, uma plethora de sangue nas veias que causava febre e outros sintomas. Porém, ao invés de adotar o remédio que seria de sentido comum, ou seja, sangrar os pacientes, Erasistrato rechaçou a alopatia e utilizou métodos hipocráticos e homeopáticos, medicamentos suaves e diluídos. O que não impediu a seus discípulos a adoção dos métodos alopáticos; e as disputas entre eles e os seguidores de Hierófilo tiveram como efeito não previsto uma reação na direção do empirismo - em que se rechaçaram todas as teorias da medicina e se concentraram os médicos sobre o paciente e seus sintomas. A ideia era atrativa para aqueles médicos que estavam cansados das disputas sobre sistemas e pensavam que o tratamento médico devia basear-se no saber popular, costume e experiência. Que importância poderia ter - argumentavam - o fato de não existir nenhuma razão teórica que explicasse a cura de determinados sintomas por uma determinada planta? Os médicos deviam aceitar agradecidos sua boa sorte, porque a natureza havia realizado esta provisão e não preocupar-se pelo por quê. E, por suposto, quando se descobrisse que uma forma de tratamento não fosse eficaz, devia-se abandoná-la, por melhor escolhida que pudesse estar, por melhor que pudesse adaptar-se às noções tradicionais relativas aos humores ou à sua síntese matemática.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 45-6)

## Medicina romana - Galeno

Como temos notado, os ensinamentos de Hipócrates eram disseminados pelas várias escolas médicas da Antiguidade e constituíam o núcleo do saber. A Anatomia, a Fisiologia e a Patologia começavam a despontar como ciências, a Cirurgia ocorria em raras ocasiões e a Terapêutica não apresentava grandes inovações daquelas ensinadas pelo *Mestre de Cós*.

Questionava-se a *vis medicatrix naturae* hipocrática como meio de cura, apresentando-se uma terapêutica sem fundamentos precisos, polêmica esta que se perpetua desde as



duas escolas médicas gregas de Cós e Cnido. Perdia-se tempo em discussões infundadas acerca de controvérsias teóricas, não havendo um sistema médico razoavelmente estruturado sobre o conhecimento hipocrático e as ciências básica e experimental que começavam a surgir.

“Essa foi a tarefa reservada a Claudius Galenus (138-201 d.C.), nascido em Pérgamo na Ásia menor, onde havia um famoso templo de Esculápio. Temos informação exata sobre sua vida nos relatos que incluiu em seus escritos. Sabemos que, quando jovem, estudou primeiramente filosofia e depois medicina, teve como mestres de anatomia Satiro e o hipocrático Stratônico, se dedicou à prática e examinou seus pacientes com o maior cuidado, deixou sua pátria para adquirir outros conhecimentos, foi discípulo de Pelops em Esmirna, estudou anatomia em Alexandria e foi um estudioso infatigável das regras da arte da medicina nas obras de Hipócrates. Cerca de dez anos depois, quando tinha no máximo vinte e oito anos de idade, voltou a Pérgamo e sua reputação já estava assegurada. Foi designado para médico dos gladiadores, posição muito disputada, mas depois de vários anos, impulsionado pelo desejo de viver numa grande cidade, foi para Roma, onde, em pouco tempo, adquiriu uma reputação extraordinária. Tinha como amigos os homens mais ilustres de seu tempo, e graças a seu labor constante e cuidadoso como prático, escritor e estudioso, conseguiu uma posição tal que nenhum médico conseguira antes dele.” (*História da Medicina*, Castiglioni, p. 257)

Quanto ao conceito de *força vital*, Galeno atribuía ao *pneuma* a essência da vida, mas **posicionava-se contrariamente à concepção hipocrática do poder curativo da natureza (*vis medicatrix*)**. Por defender conceitos aristotélicos, aproximando-se da concepção dogmática assumida e divulgada pela Igreja da época (“o corpo é apenas um instrumento da alma”), suas afirmativas e seus princípios foram mantidos como leis até o Renascimento, sendo considerado herege todo aquele que se posicionasse contrariamente.

“O *pneuma*, que é a essência da vida, tem três qualidades: o *pneuma psychicon* (espírito animal) que tem sua sede no cérebro, o centro da sensação e do movimento; o *pneuma zoticon* (espírito vital) que se mistura ao sangue no coração, o centro da circulação e da regulação térmica do corpo; o *pneuma physicon* (o espírito natural) que vem ao sangue do fígado, o centro da nutrição e do metabolismo. Para Galeno, o corpo é apenas um instrumento da alma. Podemos facilmente perceber o motivo porque seu sistema, que corresponde nos traços essenciais ao dogmatismo cristão, rapidamente recebeu o apoio da Igreja. Sua autoridade recebeu, assim, apoio importante. Isto explica porque seu sistema permaneceu inalterado e inexpugnável até a época do Renascimento; como suas observações anatômicas eram consideradas um cânon absoluto contra o qual não era permitido mesmo arriscar uma crítica ou tentar uma experiência; e como aqueles que ousavam duvidar da verdade de suas afirmativas eram tratados como heréticos. [...]” (*História da Medicina*, Castiglioni, p. 260-1)

|   |  |   |
|---|--|---|
| <i>pneuma physicon</i> (espírito natural) | <i>pneuma zoticon</i> (espírito vital) | <i>pneuma psychicon</i> (espírito animal) |
|---|--|---|

## Medicina árabe - Rhazes

Analisando os filósofos árabes, encontramos uma “*antropologia fundamental*”, com conceitos diversos sobre a natureza imaterial do homem. Essencialmente, existiria uma “alma espiritual e imortal”, que atuaria no corpo físico (instrumento da alma), através

do “intelecto agente”, realizando as várias atividades (vegetativas, sensitivas e racionais). Numa dinâmica mais abrangente, teríamos o «coração» (Espírito; *qalb*), o «espírito» (corpo muito sutil; *ruh*), a «alma» (alma animal ou eu humano; *nafs*), a «razão» (conhecimento e percepção; *aql*), o «secreto» (homem essencial, intimidade pessoal; *sirr*) e o «corpo humano» (corpo físico; *jism*). Assim sendo, teríamos uma concepção antropológica que se aproxima de outras correntes filosóficas que iremos estudar ao longo desta obra.

“[...] A resposta dos filósofos árabes aos problemas da *antropologia fundamental* - o que é o homem, qual seu destino na ordem do universo, etc. - não foi uniforme; basta comparar entre si as opiniões de al-Farabí, Avicena, Algacel e Averroes. Porém, todos os muçulmanos creram e pensaram que o ser do homem resultou de um ato criador de Deus, e da cultura islâmica foram patrimônio comum, aparte a óbvia noção de «corpo humano» (*jism*), vários conceitos antropológicos: «coração» (*qalb*) ou espírito no sentido estrito, o que em nós permite conhecer diretamente a Deus; «espírito» (*ruh*), corpo muito sutil no seio do coração corporal; «alma» (*nafs*), que algumas vezes significa «alma animal» e noutras o «eu» do homem; «razão» (*aql*), seja conhecimento do real, seja coração, desde que como órgão perceptivo; «secreto» (*sirr*), o homem essencial ou despojado de todo o supérfluo, a intimidade pessoal. Como se vê, toda uma série de termos de significação não sempre unívoca e certa. A distinção ternária da antropologia religiosa do Apóstolo Paulo - «carne» ou *sarx*, «alma» ou *psikhé*, «espírito» ou *pneuma* - não é patente entre os muçulmanos.[...] Limitemo-nos ao essencial. Criada diretamente por Deus, a alma do homem é uma substância espiritual e imortal, que anima o corpo e, com ele como instrumento, realiza as várias atividades que os gregos haviam ensinado a distinguir: vegetativas, sensitivas (vitais umas, cognoscitivas outras) e racionais. Agora bem: a alma não podia cumprir suas mais altas funções racionais sem a intervenção de um princípio extrínseco a ela, o «intelecto agente» - noção inicialmente aristotélica -, sobre cuja índole Avicena e Averroes sustentaram opiniões diferentes. Algo, sem dúvida, faltou aos pensadores árabes: uma ideia suficiente da liberdade humana e suas possibilidades.[...] Sobre estes fundamentos teológicos e filosóficos se levantou a *antropologia fisiológica* dos árabes: a ciência da realidade do homem como parte do mundo sublunar e, por conseguinte, como sujeito suscetível de padecer enfermidades. [...]” (*Historia de la Medicina*, Entralgo, Terceira parte, seção III, cap. 3, p. 168-9)

|                                   |                                       |                                  |                           |                                      |                               |
|-----------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------|---------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|
| <b><i>jism</i> (corpo humano)</b> | <b><i>ruh</i> (corpo muito sutil)</b> | <b><i>nafs</i> (alma animal)</b> | <b><i>aql</i> (razão)</b> | <b><i>sirr</i> (homem essencial)</b> | <b><i>qalb</i> (Espírito)</b> |
|-----------------------------------|---------------------------------------|----------------------------------|---------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|

No auge da medicina árabe, Abû Bakr Muhammad ibn Zakariâ, conhecido como Rhazes (865-925), foi um dos autores médicos que mais se destacou, escrevendo mais de duzentos livros de medicina, filosofia, religião, matemática e astronomia. Após estudar medicina na escola de Bagdá, assumiu a prática médica no Hospital de Raj em Tabaristan (perto de Teerã), região da Pérsia em que nascera, retornando mais tarde para Bagdá onde assumiu grande reputação.

Suas obras médicas mais importantes foram o *Liber Continens* (enciclopédia com 24 livros de medicina prática e terapêutica do mundo maometano), o *Liber medicinalis ad Almansorem* (resumo de dez tratados sobre os mais importantes assuntos médicos) e o *Liber de Pestilentia*, em que a varíola e o sarampo são diferenciados minuciosamente.

Hipocrático no verdadeiro sentido do termo, adverso a todo tipo de especulação e charlatanismo, Rhazes **destaca a importância da *vis medicatrix naturae* ou força vital** dizendo que “os remédios que esgotam a força vital dos pacientes devem ser evitados”.

Atribui à “febre” um papel benigno nas reações do organismo, que se esforça para expulsar a enfermidade. Além disto, no tratamento das doenças, defende o uso de medidas higiênicas e da *administração de um único medicamento simples por vez*. Exalta a *importância da relação médico-paciente* na arte de curar, fato este ignorado pela escola empírica, quando supervalorizava as drogas que curavam as enfermidades experimentalmente.

“Rhazes era hipocrático por convicção, e em seus aforismos manifesta-se a influência grega; especialmente em sua insistência de que os remédios que esgotam a força dos pacientes devem ser evitados; em sua crença de que os sintomas que parecem perigosos, como a febre, não o são necessariamente - podem ser um expediente da natureza para lançar fora a enfermidade; e em seu conselho: «quando possas curar com um regime (dieta, descanso, etc.) evita o recurso das drogas; e quando possas conseguir uma cura com um medicamento simples, não empregues um composto». Sobretudo, Rhazes enfatiza a importância da relação médico-paciente: «a arte de curar, tal como se descreve nos livros, é muito inferior à experiência prática de um médico esperto e reflexivo».” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 55-6)

## Medicina renascentista - Paracelso

Um ano após a descoberta da América por Cristovão Colombo, nasce na Suíça um dos grandes vultos da medicina renascentista: Philippus Teophrastus von Hohenheim, conhecido como Paracelsus (1493-1541).

Filho de médico, Paracelso aprendeu com seu pai os primeiros segredos da profissão, proclamando, ainda criança, o desejo de revolucionar a medicina, levando a terapêutica por um caminho mais natural e questionando os ensinamentos de Celso, Galeno e Avicena. Por esta oposição a Celso, autodenominou-se Para-Celso (para = em oposição a, contra; Celso).

Frequentou as Universidades da Alemanha, da França e da Itália, aprendendo com as maiores celebridades médicas da época, formando-se médico pela Universidade de Ferrara, onde foi aluno predileto de Nicola Leoniceo de Vincenza, notável conhecedor das teorias de Hipócrates e Galeno. Além do conhecimento médico, absorveu os ensinamentos de Tritênio, célebre abade do Convento de São Jorge em Wurzburg, grande conhecedor das Escrituras Sagradas e da **Cabala Hebraica**<sup>5</sup>, descobridor de fenômenos psíquicos como o magnetismo animal e a telepatia, além de ser um grande químico.

Viajou por toda a Europa e Oriente Médio, estudando, experimentando e aprendendo com a Natureza, modelo que serviu de base ao seu método terapêutico. Por onde passava exercia a medicina, tratando os enfermos dentro de uma simplicidade que lhe era peculiar, convivendo com alquimistas, quiromantes e todas as classes de pessoas. Nessa época, observou as enfermidades dos mineiros e dedicou-se às virtudes curativas

---

<sup>5</sup> A Cabala é um tratado filosófico-religioso hebraico, surgido no século XII, que descreve uma religião secreta do povo judeu, coexistente com a religião popular do mesmo. Neste tratado, busca-se decifrar um sentido oculto contido nos textos do *Velho Testamento*, juntamente com uma teoria e um simbolismo dos números e das letras. Num capítulo posterior, iremos retratar noções básicas da mesma, no intuito de traçar analogias com outros sistemas filosóficos.

de alguns minerais: utilizou, por exemplo, o mercúrio com efeitos significativos na cura de úlceras sifilíticas.

Adquiriu grande reputação como médico, sendo chamado em 1527 para ocupar a cadeira de docente na Universidade da Basileia com 34 anos de idade. Posteriormente, dedicou-se ao ensino público em Colmar (1528), Nurember (1529), Saint-Gall (1531), Pfeffer (1535), Augsburg (1536) e Villach (1538), exercendo a função por mais de dez anos.

Para Paracelso, as doenças eram consequência de cinco entidades, “diretoras, moderadoras e reguladoras do nosso corpo”: 1) *entidade astral (ens astrale)*, isto é, as influências astrais e as condições do ambiente e da atmosfera; 2) *entidade dos venenos (ens veneni)*, representada pelas impurezas e todas as coisas contrárias à constituição humana; 3) *entidade natural (ens naturae)*, que compreende as causas herdadas e todas as influências hereditárias; 4) *entidade dos espíritos (ens spirituale)*, englobando as doenças psíquicas ou mentais, causadas por uma imaginação doentia e uma vontade mal dirigida; 5) *entidade de Deus (ens Dei)*, que representa a Lei de Causa e Efeito, pela qual sofremos as consequências das más ações que praticamos em vidas passadas; são as doenças provenientes da *Lei do Karma*. (*Opera Ominia, Libellus Prologorum*, Livro Primeiro, Prólogo Quarto)

Segundo Paracelso, a verdadeira Medicina deveria se apoiar em quatro pilares: a *astronomia*, na qual situava o homem como um microcosmo dentro do macrocosmo do Universo, dependendo o entendimento do homem da compreensão do funcionamento do Cosmos (por exemplo, os órgãos humanos encontravam sua correspondência nos astros: coração-Sol; cérebro-Lua; baço-Saturno; vesícula biliar-Marte; rins-Vênus; pulmões-Mercúrio; fígado-Júpiter); a *ciência natural*, na qual buscava as explicações para as doenças humanas e sua terapêutica; a *química*, que facultava a preparação de substâncias naturais com fins terapêuticos; e, por fim, o *amor*, qualidade fundamental para a formação de um bom médico.

Quanto ao fundamento do **amor** na prática médica, Paracelso defendia-o como um grande instrumento terapêutico, **estimulador da força vital**, “que operava através da fé”.

“Diferentemente de Hipócrates, Paracelso não se conformava simplesmente em buscar meios para facilitar à força vital uma atuação mais livre. Devia haver, pensava ele, algum meio para estimulá-la, e chegou à conclusão de que o melhor meio era o amor. Ele, pessoalmente, era um homem truculento, intratável, sem muita caridade em seu modo de ser, dentro do que podemos julgar; porém, reconhecia objetivamente que no amor havia uma grande força terapêutica, que operava através da fé, e «capaz de fazer por si mesma como qualquer erva - uma urtiga invisível, uma quelidonia invisível, um trevo invisível; tudo o que cresce na natureza terrestre pode aproximar-se igualmente ao poder da crença» - com sua contrapartida: «o poder da crença pode, igualmente, produzir qualquer enfermidade».” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 91-2)

Em relação à *vis medicatrix* hipocrática ou *força vital homeopática*, seguindo a postura hipocrática, Paracelso considerava-a de extrema importância na manutenção da saúde, sendo função do médico protegê-la ou reforçá-la, auxiliando as *forças curativas da natureza* no seu trabalho de preservação e regeneração da integridade física. Segundo os

estudiosos de suas obras, agrupadas em *A chave da Alquimia*<sup>6</sup> ou *Opera Omnia*<sup>7</sup>, Paracelso empregava o termo *múmia* (*a própria essência do homem*) com o significado de *força vital*.

“Fica então estabelecido que o homem é o seu próprio médico, pois por menos que ele ajude (*opitulatur*), a natureza transformará sua anatomia em um jardim, com a melhor assistência imaginável. Se estudamos, se analisamos bem as causas de todas as coisas, veremos que a nossa natureza é o melhor médico, porque possui em si mesma tudo o que precisamos. Consideremos rapidamente as feridas: elas são apenas perda de carne, e a sua cura deve vir da própria carne interior, sem nenhum acréscimo exterior. Desta forma, a cura das feridas não é mais que uma proteção (*defensio*) para evitar que a natureza seja impedida por algum obstáculo externo, podendo agir livre de inconveniências. Com isso, a ferida se regenera, conforme ensina a cirurgia dos mestres mais hábeis. O que cura verdadeiramente as feridas é a *múmia*: a própria essência do homem<sup>8</sup>. O mástique (resina da aroeira), as substâncias gomosas (*gummata*) e o litargírio não têm a menor influência na geração da carne, atuando unicamente no sentido de proteger a natureza para que nada possa perturbá-la em seu trabalho regenerativo.[...] A mesma regra vale para as doenças internas. Assim, se a natureza se defende, poderá curá-las sozinha. A natureza possui uma função exata para as suas curas, que o médico ignora, tornando-o assim um mero protetor ou defensor da natureza. Existem tantas propriedades interiores na natureza como manifestações exteriores na ciência. Estas últimas são deduzidas das primeiras e são frutos do estudo, com o qual chegamos a fazer as mesmas coisas que a nossa natureza realiza em nós.” (*Opera Omnia, Liber Paramirum, Livro II, cap. II*)

No *Livro das Entidades*, Paracelso aborda mais detalhadamente o *princípio M*, considerado como *múmia* ou *princípio vital*, entidade imaterial, que forma com o corpo físico uma unidade substancial, conservando e mantendo a vida orgânica. Diferencia-o, em outras partes da obra, dos demais princípios superiores e invisíveis do homem, chamados por ele de “entidade astral”, “alma” e “espírito”.

“Essas reflexões têm como objetivo fazer com que compreendam com maior clareza as nossas proposições e ensinamentos. Devem, então, admitir a entidade astral como aquela coisa indefinida e invisível que mantém e conserva nossa vida, assim como a de todas as coisas no universo dotadas de sentimento e que provêm (*profluit*) dos astros.[...] Em compensação, é preciso que o corpo tenha algo que impeça sua consumação pela vida e que o faça perdurar (*perduret*) em sua própria substância. Este ‘algo’ de que estamos falando é o mesmo que emana dos astros ou do firmamento: justamente a entidade astral. Dirão, com

---

<sup>6</sup> Paracelso. Paracelso. *A chave da alquimia*. São Paulo: Editora Três Ltda., 1983. Tradução de: *Opera Omnia*.

<sup>7</sup> Paracelso. *Obras completas (Opera Omnia)*. Primera traducción castellana por Estanislao Lluésma Uranga. Buenos Aires: Editorial Schapire, 1945.

<sup>8</sup> Paracelso fala frequentemente da *múmia*. Os autores da Idade Média lhe deram diversos significados, dos quais o mais importante é o que a identifica como o espírito vital que circula no sangue e que Moisés chamou de ‘*anima carnis*’ (Levítico XVII, 11 e 12). Os egípcios se basearam sobre isso para as minuciosas prescrições que regulamentam a preparação das carnes, cujas composições resultantes da coagulação do fluido vital por medicamentos extraídos do sangue humano, chamaram de *múmia*. Os judeus empregaram este nome para designar o “Nepesh Habashar” de Moisés, conforme opiniões dos médicos árabes da Idade Média. Os escritos de Moisés eram familiares para eles e, além disso, puderam estudar as tumbas egípcias *in loco*.[...] Segundo Gerardo Dorn (*Dictionarium Paracelsi*), não só a carne conservada pelo bálsamo é chamada de *múmia*, mas também todas as outras coisas que morreram espontaneamente ou por meios violentos e que estão dotadas de virtudes curativas. Esta opinião está mais próxima à de Paracelso, que considerava a *múmia* como um coágulo da matéria pura e sutil que existe no seio de toda substância orgânica e que guarda todo o seu espírito vital. Assim, o vinho, o leite, o sangue, etc., teriam suas *múmias* particulares. (*Opera Omnia, Liber Paramirum, Livro II, cap. II*)

muita verdade, que se não existisse o ar, todas as coisas cairiam no chão e que morreriam por asfixia todas as que tivessem vida própria. Devo dizer sobre isto que ainda existe algo que sustenta o corpo e que alimenta o mesmo corpo, que se acabasse seria tão insuportável como a perda do ar. Este ‘princípio’ que faz viver o firmamento, que conserva e acalenta o ar e sem o qual se dissolveria a atmosfera e morreriam os astros, chamamos de M<sup>9</sup>. Com efeito, nada existe de mais importante e mais digno para ser levado em consideração pelo médico. Por outro lado, este ‘princípio’ não está no firmamento, nem emana dos corpos celestes, nem é projetado por eles até nós - pobres mortais! - sendo muito mais importante que tudo isso junto. Seja como for, tenham como certo que este princípio conserva todas as criaturas do céu e da terra, vivendo nele e dele todos os elementos; e aceitem tudo o que acabo de dizer como sendo uma opinião justa que podem incluir em tudo o que diz respeito ao primeiro ser da criação, e a tudo que explicamos sobre M nesta dissertação.” (*Opera Omnia, De Ente Astrorum*, cap. VI)

Quanto à *entidade astral (corpo sidéreo)*, considerada por outras filosofias como “corpo astral” ou “corpo dos desejos”, Paracelso relaciona-a ao caráter e ao temperamento humano (boas e más atitudes). Sendo influenciada pelos astros, a entidade astral possui ascendência sobre o “princípio M” ou força vital, podendo contaminá-lo e, por conseguinte, causar doenças no corpo físico (corpo físico / princípio M / entidade astral).

“A entidade dos astros é compreendida da seguinte maneira: todos os astros, da mesma forma que os homens, possuem uma série de propriedades e de naturezas, e contêm em si mesmos a possibilidade de se tornarem melhores, piores, mais doces, mais ácidos ou mais amargos. Quando estão em estado de equilíbrio não emanam nenhuma espécie de maldade ou prejuízo. Mas quando caem em depravação se transformam imediatamente, dando sequência às suas propriedades malignas.[...] Resumiremos então dizendo que a natureza da entidade astral (*ens astrale*) se compõe do cheiro, da respiração ou vapor, e do suor das estrelas misturado com o ar. Daí origina-se o frio, o calor, a seca e as demais propriedades desse tipo. Deduz-se desta maneira que os astros não podem exercer nenhuma influência por si mesmos (*nihil inclinare*), se bem que sua emanção (*halitus*) possa contaminar o princípio M e, em seguida, por seu intermédio, nos alcançar e afligir. Nossos corpos podem estar expostos ao bem e ao mal conforme o comportamento que nos ofereça a entidade astral. Quando o temperamento do homem, segundo seu sangue natural, seja oposto (*adversatur*) ao hábito astral, acontecerá a doença. Em caso contrário, não sofrerá nenhum inconveniente. E também quando possuir um temperamento forte e nobre, cujo sangue generoso basta para protegê-lo e vencer todos os malefícios, ou ainda quando tenha sido tratado por alguma medicina que o capacite para resistir aos vapores venenosos dos seres superiores.[...]” (*Opera Omnia, De Ente Astrorum*, cap. VIII)

Em relação ao *espírito* ou *entidade espiritual (ens spirituale)*, que tem no corpo físico sua morada temporária e seu veículo de manifestação, Paracelso atribui-lhe uma forma, uma vida de relações e um plano de ação próprios, independente do físico-material. Os espíritos são regidos pela vontade, pelo querer (desejos, sentimentos), enquanto a *alma* é regida pela razão (pensamentos). O corpo físico pode enfermar por causas espirituais, podendo um espírito ser ferido por outro, sofrendo “lesões espirituais”.

---

<sup>9</sup> É muito difícil dizer a que se refere Paracelso com esta letra-símbolo (M). Os latinos opinam que representa o ‘mercúrio filosófico’: um dos grandes medicamentos da trilogia paracelsiana. Os astrólogos acreditam que representa o hieróglifo maternal, a chave da Cabala ou a inicial de ‘Maria’, que foi o primeiro ser da criação. O tradutor francês concorda mais com esta última opinião, considerando-a como expressão da água primordial, ou menstruação original do mundo. Nós acreditamos que, levando em conta o espírito geral da obra de Paracelso, este misterioso M é a inicial de ‘múmia’, ou seja, o grande princípio de conservação e perduração do universo. (*Opera Omnia, De Ente Astrorum*, cap. VI)

“Partindo do princípio de que o espírito existe positivamente em cada corpo, pensem em que ou como a sua função pode se manifestar utilmente. A sua finalidade é conservar o corpo da mesma maneira como o ar protege as criaturas contra a sufocação. Além disso, o espírito de cada corpo é substancial, visível, tangível e sensível para os outros espíritos. E em sua mútua aproximação, podem inclusive se tornar parentes, assim como fazem os corpos. Nosso próprio espírito, por exemplo, pode estabelecer conhecimento com o espírito de outro homem qualquer, da mesma forma como fazemos corporalmente. Os espíritos utilizam entre si uma linguagem especial com a qual conversam livremente, sem nenhuma relação com os discursos humanos. Compreendam assim que dois espíritos podem manter entre si afinidades, inimizades ou ódios, e que um consiga até ferir o outro como acontece com os homens. Com isto, queremos dizer que podem existir lesões espirituais, já que o espírito mora no corpo e se manifesta através dele. Por isso, o corpo pode sofrer e ficar doente, não em sua matéria, porque não se trata de uma enfermidade material, mas em seu espírito. Quando dois seres se buscam e se unem num amor ardente e aparentemente insólito, temos que pensar o seguinte: seu afeto não nasce nem reside no corpo, mas provém dos espíritos de ambos os corpos, unidos por laços e afinidades superiores, ou então por tremendos ódios recíprocos que também podem mantê-los estranhamente unidos. Estes são aqueles que nós chamamos de espíritos gêmeos. Para esclarecer ainda mais essa dissertação, devo dizer que os espíritos não são gerados pela razão, mas pela vontade. Todos os que vivem de acordo com a sua vontade vivem no espírito, assim como todos os que vivem de acordo com a razão o fazem contra o espírito. Da razão nasce a alma e não o espírito, que é uma obra exclusiva da vontade, ou melhor, do ‘querer’. Vamos então continuar falando sobre o espírito, deixando a alma para depois.” (*Opera Omnia, De Enti Espirituali*, cap. III)

Segundo Hartmann, o modelo antropológico de Paracelso assemelha-se à concepção septenária do modelo hindu, que iremos ver adiante: *Corpus (Sthula Sharira)*, *Mumia (Linga Sharira)*, *Archeus (Prana)*, *Corpo Sidéreo (Kama Rupa)*, *Adech (Manas)*, *Aluech (Buddhi)* e *Spiritus (Atma)*.

“1. O *Corpus*, ou corpo elemental do homem (*Limbus*). 2. A *Mumia*, ou corpo etéreo; o veículo da vida (*Evestrum*). 3. O *Archeus*. A essência da vida. *Spiritus Mundi* na Natureza e *Spiritus Vitae* no homem. 4. O *Corpo Sidéreo*; se compõe das influências das ‘estrelas’. 5. *Adech*. O homem interno ou corpo mental, feito da carne de Adão. 6. *Aluech*. O corpo espiritual, feito da carne de Cristo; chamado também “o homem do novo Olimpo”. 7. *Spiritus*. O espírito universal.” (*Salud y Curacion segun Paracelso y el Esoterismo*, Hartmann, p. 25)

|               |                            |  |                          |                                      |                                      |
|---------------|----------------------------|--|--------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|
| <i>corpus</i> | <i>mumia /<br/>archeus</i> | <i>ens astrale /<br/>corpo sidéreo</i> | <i>adech<br/>(mente)</i> | <i>aluech (corpo<br/>espiritual)</i> | <i>ens spirituale /<br/>Spiritus</i> |
|---------------|----------------------------|--|--------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|

## Medicina pós-renascentista - Sydenham

Apesar das inúmeras iniciativas científicas do século XVII, a medicina pouco evoluiu, pois os médicos continuavam ligados a um modelo galênico decadente: junto à prática médica propriamente dita, misturavam-se feitiçaria, astrologia e religião; prescreviam-se as mais absurdas substâncias como esterco, urina, etc.

Nesta época de progresso científico, Van Leuwenhoek aperfeiçoou o microscópio com lentes polidas; Sertorius inventou o termômetro clínico; William Harvey postulou sua teoria sobre a circulação sanguínea (*De Motu Cordis*), contrariando a antiga concepção

de que o sangue era produzido e eliminado diariamente, ao invés de circular no organismo (não nos esqueçamos de que na China Antiga, há mais 5.000 anos, o Imperador Amarelo Huang Ti, fundador da Medicina Tradicional Chinesa, já havia sugerido que o sangue circulava continuamente pelo corpo). Juntamente, Marcelo Malpighi difundiu a teoria de Harvey e utilizou-se do microscópio para estudar sistematicamente a anatomia, observando as estruturas internas dos órgãos.

Mas foi com Thomas Sydenham (1624-1689) que ocorreu uma revolução no tratamento das enfermidades. Soldado das tropas de Cromwell, graduou-se em medicina com quarenta anos, reformulando, posteriormente, a concepção galênica vigente quanto ao tratamento das enfermidades. Na “observação dos fenômenos naturais das diferentes enfermidades” (filosofia naturalista), isenta de preconceitos, embasou sua teoria terapêutica.

“Depois de estudar medicina durante alguns anos na Universidade de Oxford, regressei a Londres e iniciei a prática de minha profissão. Como me consagrei com todo o zelo possível ao trabalho que deveria realizar, não demorou muito tempo para que eu desse conta de que o melhor caminho para aumentar o próprio conhecimento da medicina era o de começar a aplicar, na prática, os princípios que já houvesse adquirido; e assim, cheguei a convencer-me de que o médico que estuda diligentemente, com seus próprios olhos - e não por intermédio dos livros - os fenômenos naturais das diferentes enfermidades, deve, necessariamente, sobressair na arte de descobrir o que, em qualquer caso dado, são as verdadeiras indicações quanto aos adequados medicamentos a se empregar. Esse era o método em que pus minha fé, inteiramente persuadido de que, se tomava por guia a natureza, nunca me afastaria muito do caminho correto, mesmo quando algumas vezes tivera que ver-me atravessando terrenos inteiramente novos para mim.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 119-20)

Considerado um fiel seguidor dos ensinamentos hipocráticos, atribuiu-se-lhe o título de “Hipócrates britânico”. Fundamentava sua prática terapêutica na *concepção vitalista*, procurando, através das práticas higienodietéticas, manter a força vital equilibrada. Opunha-se ao *princípio dos contrários* e à utilização de medicamentos combinados, *prescrevendo substâncias simples*.

“Sydenham, em resumo, foi um seguidor de Hipócrates; e se disse, muitas vezes, que ele fez pela medicina do século XVII o mesmo que Hipócrates fez pela de sua época, dois mil anos antes. [...] A crença terapêutica fundamental de Sydenham consistia em que a força vital deve ser ajudada, estimulada, mantida em bom estado; prescrevia ar fresco, equitação e cerveja... com moderação: tudo com moderação; [...] ele tratava aos pacientes; sua força vital curava. Sydenham se opunha, pois, à prevalente doutrina dos contrários e à polifarmácia. Quando prescrevia drogas, estas eram «simples».” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 120)

Utilizando substâncias simples, como não poderia deixar de ser, pôde observar mais claramente os efeitos individuais e verdadeiros das drogas, formulando “a teoria de que os sintomas de um paciente não são efeito de sua enfermidade, senão da luta de seu corpo para superar esta enfermidade (*crisis hipocrática*)”. Reforçando o preceito hipocrático de força vital, em que a *vis medicatrix* se esforça em expulsar os agentes agressores para manter o equilíbrio orgânico, adianta o conceito de **enfermidade como reação vital**, difundido mais tarde por Hahnemann.

“A experiência de Sydenham com substâncias simples e seus efeitos, complementada por seu respeito à força da vida, lhe conduziu, não meramente, a recomendar comedimento, que ele considerava mais eficaz que as doses massivas, senão também a propor a teoria de que os



sintomas de um paciente não são o efeito de sua enfermidade, senão da luta de seu corpo para superar a enfermidade. Essa era uma observação comum entre os partidários das ervas, que costumavam instruir seus pacientes para que não se alarmassem ante os efeitos de um remédio, já que estes eram um sinal de que o remédio estava atuando. Sydenham compartia essa opinião. [...] O que o paciente vê como sintomas de sua enfermidade, continua Sydenham, não é obra da partícula maléfica trazida pelo ar ou da putrefação de um dos humores, senão a indicação de que a força vital está fazendo o que pode para destruir, assimilar ou expulsar os agressores, de modo que não possam estabelecer-se no corpo do paciente. O que a gente pensa que é uma enfermidade aguda, pode, pois, muitas vezes, considerar-se realmente como «um saudável esforço feito pela natureza para expulsar do corpo, ou do sistema, de qualquer modo, o material mortífero.» (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 120-1)

Consequentemente às divisões que ocorriam no seio da Igreja nesta época, sua influência sobre a sociedade diminuiu, abrandando-se o autoritarismo dogmático que a Religião impunha sobre o meio científico, exemplificado na medicina galênica como forma de divulgação dos conceitos teológicos de saúde e doença.

Com isto, manifestando sua insatisfação pelas teorias tradicionais, os médicos passaram a buscar alternativas para o modelo vigente, fundamentados na teoria dos humores e na terapêutica segundo o princípio dos contrários. Daí surgiram novos “sistemas de medicina”, cada qual com seu mestre e discípulos, que defendiam suas hipóteses fervorosamente. Como não poderia deixar de serem, suas argumentações assemelhavam-se aos antigos dogmáticos, empíricos e metódicos.

Basicamente, os médicos pós-renascentistas dividiram-se em dois grupos: **iatroquímicos** e **iatrofísicos**. A maioria dos **iatroquímicos** eram vitalistas, defendendo a existência de uma força vital, como mantenedora da saúde no organismo físico. Quanto aos **iatrofísicos**, mais materialistas, acreditavam na supremacia das forças físicas e químicas sobre o princípio vital imaterial.

## Iatroquímicos

### Jan van Helmont

Considerado o fundador da iatroquímica, Van Helmont (1577-1644) defendia o papel da **força vital como mantenedora do nosso equilíbrio orgânico** e entendia a **enfermidade como uma reação vital**; no entanto, acreditava que este equilíbrio instável poderia “ser perturbado por enfermidades causadas por agentes internos ou externos”, contra os quais a força vital reagiria, causando os sintomas no paciente. Apesar de ser partidário, como Sydenham, do **princípio da similitude no tratamento das enfermidades**, não aceitando o princípio dos contrários, acreditava que a enfermidade gerava “uma alteração química nos tecidos do corpo, geralmente num órgão em particular, e que o tratamento também deveria ser químico, dirigido ao órgão afetado”.

“O homem que deve ser considerado como fundador da corrente iatroquímica é Jan van Helmont de Bruxelas, apesar de o mérito poder ser dado a Paracelso, cujas obras puseram em seu caminho van Helmont, embora este não as aceitasse por inteiro. As teorias de van

Helmont, semelhantemente ao seu mestre, são difíceis de serem expostas: um composto de empirismo e misticismo. A força vital, pensava van Helmont, dirige o funcionamento da constituição humana. Ordinariamente, mantém nosso equilíbrio; porém, este pode ser perturbado por enfermidades causadas por desintegração interna ou por agentes externos. Os sintomas no paciente são, pois, simplesmente, uma indicação de que sua força vital está guerreando vigorosamente contra seus inimigos. Como Sydenham, van Helmont pensava que deveríamos colaborar em favor dessa luta, não impedindo-a: assim, um enfermo com febre deveria ser tratado com uma droga indutora de febre. A doutrina convencional dos contrários parecia a van Helmont um engano perigoso; particularmente, quando conduzia à sangria, «esse Moloch sangrento». Porém, esse aspecto de sua doutrina foi rapidamente esquecido. O que iria atrair discípulos e conduzir ao desenvolvimento de uma escola de pensamento clínico era a crença de van Helmont de que a enfermidade, embora devida geralmente a alguma falha da força vital, se manifesta numa alteração química dos tecidos do corpo, comumente num órgão particular, e que o tratamento deveria ser químico também, dirigido ao órgão afetado. Com tal finalidade, van Helmont se dedicou a uma investigação química intensiva; seu descobrimento do ácido carbônico e sua cunhagem do termo «gás» (no sentido vulgar de substância que possui as mesmas qualidades que o ar) ajudaram a estabelecer sua reputação nesse campo. Porém, suas teorias mais filosóficas da medicina atraíram, relativamente, escassa atenção de sua época - exceto por parte da Inquisição, que o hostilizou, apesar de sua imaculada reputação de piedade; tinha sido processado quando morreu em 1644.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 125)

### Georg Ernst Stahl

Com uma concepção vitalista diferente da maioria dos iatroquímicos, que seguiam o modelo hipocrático, surge a “escola animista” de Georg Ernst Stahl (1660-1734), que **substituiu a *vis medicatrix naturae* hipocrática pela *alma***, atribuindo a esta a função de manutenção da saúde orgânica. Assim como van Helmont, defendeu o **princípio dos semelhantes**, dizendo que “a aplicação de contrários e outros remédios clássicos, como a sangria, deveriam ser evitados”. Profundo conhecedor da Química, criou a *teoria do flogisto*, que seria um fluido relacionado à combustão (*phlogistós* = fluido inflamado).

“Em consequência, uma facção rival dos iatroquímicos obteve a preponderância por algum tempo: a escola vitalista ou animista de Georg Ernst Stahl, nascido na Alemanha em 1660 e autor de inumeráveis tratados tendenciosos. Stahl deu um passo a mais na ideia de Descartes da separação entre alma e corpo, argumentando que se a alma pode existir e atuar independentemente ao corpo, pode também ver e, quem sabe, prever qualquer ameaça apresentada pelos agentes das enfermidades; e que era razoável supor que a alma passaria, automaticamente, instruções ao corpo, para que realizasse a ação apropriada. Daí se seguia que van Helmont teria razão até certo ponto; a aplicação de «contrários» e outros remédios clássicos, como a sangria, deviam ser evitados. Porém, embora Stahl também tenha sido um entusiasta investigador em química - foi o responsável da teoria, que logo seria famosa, do flogisto - não se deixou levar na direção tomada por van Helmont. Se a enfermidade procedia de alguma ruptura no sistema sinalizador da natureza, argumentava, os médicos não deviam preocupar-se pelos sintomas do paciente, senão de como pôr o sistema em ordem.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 126)

***vis medicatrix naturae* = alma**

## Albrecht von Haller

Considerado como o “gênio presidencial da medicina do século XVIII” e notável fisiologista, Von Haller (1708-1777) **considerava a força vital como uma «irritabilidade», uma capacidade do corpo de reagir a estímulos.**

“A de Hoffman foi somente uma das várias modificações do vitalismo; outra foi proposta por Albrecht von Haller, o gênio presidencial, segundo o descrevem, da medicina do século XVIII; poeta, novelista, bibliógrafo, naturalista, além de autor de uma obra enorme sobre fisiologia. Von Haller restabeleceu uma noção anterior da força vital, como operante através da «irritabilidade» - a capacidade de reagir a estímulos, que permite ao corpo, ou a suas diversas partes, realizar a reação apropriada quando são afetadas por estímulos, como mudanças de pressão, de temperatura, etc.[...]” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 127)

**força vital = irritabilidade (capacidade reacional do corpo)**

## Paul Joseph Barthez

Grande expoente do “vitalismo de Montpellier”, Paul Joseph Barthez (1734-1806) denominou de “*force de situation fixe*” (força de situação fixa) ao mecanismo natural dos órgãos recuperarem sua condição normal, a *vis medicatrix naturae* dos antigos ou a homeostase da Fisiologia moderna: “Chamo *princípio vital* do homem à causa que produz todos os fenômenos da vida no corpo humano”. Como veremos adiante, este *princípio vital* de Barthez, como fonte das propriedades biológicas e mantenedor da saúde orgânica, aproxima-se bastante da concepção vitalista de Hahnemann: **a causa das enfermidades se encontra no desequilíbrio do princípio vital.**

“Mais preciso e sistemático foi o vitalismo de Barthez (*Nouveaux éléments de la science de l’homme*, 1778). Para ele, as principais manifestações biológicas do princípio vital são a sensibilidade, a contractilidade, a *force de situation fixe* (capacidade dos órgãos para recuperar, se as perdem, sua posição e sua figura próprias) e uma radical tendência operativa à cura das enfermidades, a *vis medicatrix naturae* dos antigos. Em seu «princípio vital», vê Barthez uma ampliação do *énhormon* ou *impetum faciens* que um sobrinho de Boherhaave, Abraham Kaau, erroneamente havia atribuído a Hipócrates.[...] As anomalias da sensibilidade, da motilidade, do tônus nervoso, das simpatias orgânicas e da «força de situação fixa» constituem os aspectos fundamentais da fisiopatologia bartheziana.” (*Historia de la Medicina*, Entralgo, Terceira parte, seção IV, cap. 6, p. 352)

“[...] O eixo de sua teoria é um «princípio» que faz com que o corpo humano viva. «Chamo *princípio vital* do homem à causa que produz os fenômenos da vida no corpo humano. O nome desta causa é bastante indiferente e se pode escolher à vontade. Prefiro o de *princípio vital* porque expressa uma ideia menos limitada que o de *impetum faciens* que dava Hipócrates, ou que outros utilizados para designar a causa das funções vitais». Este *princípio vital* é a fonte das propriedades biológicas de todas as partes do organismo (contractilidade, sensibilidade, etc.). Sua diversidade determina a existência dos temperamentos - noção de grande relevo na obra do médico francês - e seus desequilíbrios constituem a origem de todas as enfermidades.” (*Historia Universal de la Medicina*, Entralgo, vol. 5, cap. 5, p.78)

## John Brown

Com um conceito vitalista semelhante ao de Albrecht von Haller, John Brown (1735-1788) considerava “a vida um estado de excitação permanente, mantido por estímulos emocionais e físicos: a saúde ruim é simplesmente uma má adaptação aos estímulos, sejam excessivos ou deficientes”. Classificava as enfermidades em dois grupos apenas: “estênicas, que requeriam sedantes, e astênicas, que necessitavam algo que estimulasse a força vital a uma atividade maior”.

“[...] Porém, do ponto de vista de seus efeitos sobre o tratamento, o sistema que teve maior importância foi o proposto pelo escocês John Brown, em seu *Elementa Medicinae*, publicado em 1780. [...] Seu *Elementa Medicinae* foi um desses livros que, sem nenhuma razão óbvia, se apoderaram da imaginação de seus leitores - talvez porque Brown soube apresentá-lo com a maior simplicidade. A vida, ensinava o autor, é um estado de excitação permanente, mantido por estímulos emocionais e físicos: a saúde ruim é simplesmente uma má adaptação dos estímulos, seja porque são excessivos (como um fole ou abanador usado tão violentamente que tende a apagar o fogo ao invés de avivá-lo), ou então, muito mais comumente, porque sofrem de alguma deficiência (como quando se usa o fole tão suavemente que o fogo se extingue). As enfermidades, pois, podem ser de duas categorias: estênicas, que requerem sedantes, ou astênicas, que necessitam algo que estimule a força vital a uma atividade maior.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 127-8)

Mostrando **descrença pela força curativa da natureza** (*vis medicatrix naturae*), Brown era bastante intervencionista no seu tratamento, administrando “doses massivas de drogas” segundo o *princípio dos contrários*, para estimular ou sedar a força vital astênica ou estênica, respectivamente. Seu modelo terapêutico foi muito criticado por Hahnemann em suas obras.

“Não são somente notáveis as semelhanças entre essas teorias e as dos sistemáticos de séculos anteriores; também o são a forma como estas teorias se relacionavam, engenhosa, porém arbitrariamente à prática terapêutica. Os brownianos (nome pelo qual se conheceu os partidários de Brown) consideravam de pouca importância os sintomas de um desarranjo, exceto na medida em que proporcionavam uma indicação de que se tratava de um caso de estenia ou astenia. Em consequência, o tratamento se baseava na resposta a três perguntas: a enfermidade é estênica ou astênica? é geral ou local? e qual é o seu grau? Uma vez respondidas estas perguntas, tudo era questão, simplesmente, de escolher entre um pequeno número de remédios apropriados, que iam desde o ópio (um estimulante) à sangria (um debilitante), em doses reguladas segundo as necessidades e condições do paciente. Mas por mais simples que isto podia parecer, suscitava a questão das necessidades e condições do paciente. Que quantidade - de estimulante ou de debilitante - se requeria num caso dado? Os brownianos adquiriram rapidamente uma reputação pouco invejável de defensores das doses massivas de drogas, até tal ponto de que um de seus críticos lhes acusaria de terem causado mais mortes que o Terror e as guerras napoleônicas juntos. [...] E a teoria browniana se estendeu à América, em grande parte pelo entusiasmo de Benjamin Rush, a figura médica mais proeminente e amigo pessoal de Franklin Roosevelt [...]” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 128)

**força vital = estado de excitação permanente**

## Iatrofísicos

## Hermann Boerhaave

Quanto aos iatrofísicos, *consideravam o corpo como uma máquina* e supunham que as enfermidades seriam perfeitamente compreendidas, caso entendêssemos a maquinaria corporal. Com o tratado sobre fisiologia de Descartes, publicado em 1662, a iatrofísica começou a se propagar na Europa, assumindo grande evidência com Hermann Boerhaave (1668-1738).

Assumindo, como Sydenham no século XVII, a mesma posição de destaque na medicina do século XVIII, Boerhaave se notabilizou por seu caráter impecável, influenciando médicos como Albrecht von Haller.

Considerando-se eclético, agregou o conhecimento das diferentes escolas médicas em torno de si, notabilizando-se pelas suas memoráveis descrições clínicas, pela formulação de diagnósticos e prognósticos segundo o modelo hipocrático, além de seus conselhos sobre terapêutica. Contrariamente aos iatroquímicos, **atribuía ao corpo físico a dominância sobre a força vital**, baseando seu sistema médico na Fisiologia.

“Porém, as gerações posteriores de médicos recordaram principalmente a Boerhaave menos por seu ecletismo que por sua reiteração da necessidade de um espírito mais científico na medicina, contrariamente às abstrações. «Qualquer ação vital depende de certas condições e relações do corpo; qualquer mudança nessas condições e relações corporais é seguida, necessariamente, de uma correspondente alteração na atividade vital; a medicina, pois, deve basear-se na fisiologia». De fato, o que Boerhaave dizia - como havia dito Sylvius, embora sem a ênfase deste na Química - era que apesar da causa da saúde alterada fosse alguma falha da força vital, a enfermidade mesma era um produto final de causas físicas; como consequência, se pudesse descobrir-se o modo de modificar o sentido deste produto final, isso poderia ser eficaz para o tratamento da enfermidade - um interessante prognóstico do tipo de tratamento que começou a dominar a medicina no século XX.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 130)

## Mesmerismo - Franz Mesmer

No século XVIII, devido à ineficácia das terapêuticas médicas, o charlatanismo assume proporções enormes, dificilmente conseguindo-se diferenciar o legítimo do espúrio. Inúmeras panacéias surgiram, compreendendo desde métodos diversos de tratamento até fórmulas magistrais, que variavam dos “Templos de Saúde” para combater a infertilidade até misturas de substâncias com fins diversos. Nesta época, firma-se o *mesmerismo* ou *magnetismo animal* como forma de tratamento das enfermidades nervosas, principalmente.

“A ideia de que o magnetismo pudera ser explorado com fins terapêuticos era uma ideia antiga: Paracelso havia sentido sua atração e durante o século XVII apareceram uma série de variações em torno do mesmo; a mais conhecida delas foi o método adotado pelo irlandês Valentin Greatraks, cujos êxitos causaram grande impressão em seu compatriota Robert Boyle e outros membros da Royal Society. Greatraks utilizava para curar pacientes a técnica empregada para magnetizar uma barra de ferro: friccionar suavemente a parte dolorida do corpo.[...] A ideia de que a dor podia ser afastada do corpo continuou atraindo curandeiros do século XVIII; alguns deles, como o padre suíço Gassner, obtiveram grande reputação internacional. E foi contemplando a Gassner que Franz Mesmer, nascido na

Saxônia em 1733, concebeu a ideia de que o poder não radica no indivíduo, senão que este é, meramente, um meio através do qual se transmite, do Cosmos, a força curadora. Se tratava, em verdade, do magnetismo, decidiu Mesmer, porém um magnetismo de natureza animal, não mineral - embora tivesse muitas afinidades com a variedade mineral: também podia armazenar-se em barras de ferro.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 144-5)

Desfrutando de situação social digna em Viena, Mesmer era amigo pessoal de Mozart, logo sua reputação cresceu pelas curas que realizava, como a de Maria Paradis, uma jovem música cega desde a infância por paralisia do nervo óptico, que já havia recorrido aos melhores cirurgiões de sua época sem êxito e, com o tratamento mesmérico, foi recobrando a visão gradativamente. Neste episódio, Mesmer sofreu inúmeras perseguições dos médicos locais, abandonando a Áustria e indo morar na França.

Em Paris, pela receptividade encontrada, incrementou uma técnica especial para congregar o magnetismo animal de várias pessoas e aplicá-lo aos pacientes, que eram beneficiados por aquele método.

“[...] A técnica que desenvolveu então foi a de formar um grupo de pessoas que se davam as mãos ou as punham em contato - como numa sessão de espiritismo -, ao redor de uma espécie de banheira em que ele havia colocado varinhas de ferro magnetizado e outros objetos; então, ele aparecia e procedia a um ritual de movimentos destinados a restaurar a saúde mediante o fluxo do magnetismo animal. Alguns pacientes entravam em estado de transe hipnótico de natureza ativa, com violentas convulsões; outros se convertiam em *médiuns*, com estranhas vozes que falavam através deles, como se tivessem tomado posseção dos mesmos uma personalidade diferente. Outros entravam em coma. Qualquer que fosse sua reação, todos se sentiam decididamente melhor por aquela experiência. O efeito sobre a sociedade de Paris foi prodigioso; da noite para o dia, assistir às sessões de Mesmer se converteu numa exigência da moda. Tão espetacular foi o seu êxito, que a *Academia de Ciências de Paris*, que apenas ordinariamente tinha-se ocupado de semelhante coisa, se sentiu obrigada a investigar o mesmerismo. Formou-se uma comissão científica composta por Pinel, Benjamin Franklin (naqueles dias, Embaixador dos Estados Unidos), Bailly (que mais tarde teve a má sorte de ser nomeado Juiz de Paris em 1791, implicação política que lhe custaria a vida durante o Terror), Lavoisier e o Dr. Guillotin, que havia inventado sua máquina de execuções capitais, na qual haveriam de morrer tanto Bailly como Lavoisier. A comissão informou em 1784: ‘Os membros desta Comissão, havendo-se persuadido de que o magnetismo animal não pode ser percebido por nenhum dos nossos sentidos e não exerceu ação alguma sobre eles mesmos ou sobre os sujeitos de seus vários experimentos; havendo-se assegurado de que os toques e pressões empregadas em sua aplicação ocasionaram, raras vezes, mudanças favoráveis na economia animal e produzem uma impressão daninha para a imaginação; enfim, havendo demonstrado mediante experimentos decisivos que a imaginação, sem ajuda do magnetismo, produz convulsões, enquanto que o magnetismo sem a imaginação não produz nada; concluíram por unanimidade, com respeito à existência e utilidade do magnetismo, que o fluido não tem nenhuma existência e, por conseguinte, não pode ter nenhuma utilidade; que os sintomas violentos observados no público são atribuídos à imaginação posta em jogo, e essa propensão à imitação mecânica que nos leva, a despeito de nós mesmos, à repetição do que nos impressiona’.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 145-6)

Apesar do mesmerismo, sob diversos nomes e crenças religiosas, ser empregado até os dias de hoje no tratamento de doentes, não nos alongaremos na discussão deste fenômeno, citando-o apenas pelo fato do mesmo atuar, segundo Samuel Hahnemann, na força vital humana. Para o fundador da Homeopatia, **o magnetismo animal citado por Mesmer significava o mesmo que a sua força vital**, podendo ser transmitido, através

da vontade, de um a outro ser vivo, e utilizado para equilibrar os excessos ou deficiências da energia vital humana. Critica também, como iremos ver mais adiante, o uso indevido dessa prática por pessoas despreparadas, causando distúrbios nervosos importantes em indivíduos hipersensíveis.

“Nesse ponto, acho ainda necessário fazer menção ao chamado **magnetismo animal**, ou melhor, ao **mesmerismo** (como deveria ser chamado, graças a **Mesmer**, seu fundador), que difere da natureza de todos os outros medicamentos. Essa força curativa, muitas vezes intensamente negada e difamada ao longo de um século inteiro, esse maravilhoso e inestimável presente com que Deus agraciou o Homem, mediante o qual, através da poderosa vontade de uma pessoa bem intencionada sobre um doente, por contato ou mesmo sem ele, e mesmo a certa distância, a força vital do mesmerizador sadio, dotado com essa força, afluí dinamicamente para outro indivíduo, agindo de diversas maneiras: enquanto substitui no doente a força vital deficiente em vários pontos de seu organismo, em outros, onde a força vital se acumulou em demasia, causando e mantendo indescritíveis padecimentos nervosos, desvia-a, suavizando-a, distribuindo-a equitativamente, extinguindo, principalmente, o distúrbio mórbido do princípio vital do doente e substituindo-o pela força vital normal do mesmerizador que age poderosamente sobre ele, por ex., curando velhas úlceras, amaurose, paralisias parciais, etc. Muitas curas rápidas aparentes realizadas por magnetizadores animais de todos os tempos, dotados de grande força natural, pertencem a essa categoria. Mas a ação da força humana comunicada a todo o organismo se evidencia de modo mais brilhante na reanimação de algumas pessoas que permaneceram algum tempo em morte aparente, mediante a vontade muito poderosa e muito acolhedora de um indivíduo em pleno gozo de sua força vital, um tipo de reanimação do qual a história aponta vários exemplos. Se o mesmerista é capaz, ao mesmo tempo, de um benévolo entusiasmo (mesmo degenerando na beatice, fanatismo, misticismo ou sentimentalismo altruísta), então, ele estará ainda mais em condições, mediante essa conduta filantrópica e abnegada, de não somente dirigir a força de sua bondade predominante exclusivamente ao objeto carente de sua ajuda, mas também como que ali concentrá-la, assim operando, por vezes, aparentes milagres.” (*Organon da Arte de Curar*, Hahnemann, 6ª ed., § 288)

**força vital = magnetismo animal**

## Medicina do século XIX

Nesta época, juntamente com a fundamentação do *vitalismo homeopático* por Samuel Hahnemann, que iremos retratar detalhadamente no próximo capítulo, surgem teorias contrárias dentro da Fisiologia, da Patologia e da Anatomia, que embasariam as causas das enfermidades num substrato orgânico, criticando a patologia humoral e o *modelo vitalista* até então vigentes.

Um dos primeiros expoentes da *patologia celular* foi Giovanni Morgagni, que ao final do século XVIII publicou os tratados *Sobre os fundamentos e causas das enfermidades*, argumentando que “as enfermidades eram entidades relativas a órgãos específicos do corpo e que os sintomas eram reflexos de alterações específicas nesses órgãos”.

“[...] Giovanni Morgagni tinha sido nomeado professor na Universidade de Pádua em 1711, porém só ao cabo de meio século de paciente trabalho publicou *De Sedibus et Causis Morborum*, cinco tratados anatômicos nos quais se argumentava que as enfermidades eram entidades relativas a órgãos específicos do corpo, que os sintomas eram reflexo de mudanças específicas nesses órgãos, e que se os investigadores consumissem menos tempo

preocupando-se com abstrações como o *archeus* e se dedicassem a observar e analisar mudanças orgânicas visíveis, poderiam, muito mais verdadeiramente, encontrar as causas das enfermidades e o modo de preveni-las ou de curá-las.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 153-4)

No início do século XIX, Xavier Bichat, vitalista de formação, passou a estudar os órgãos e tecidos do corpo, fundamentando as bases da Histologia e da Histopatologia futuras. Concluiu que não eram os órgãos que adoeciam e sim os seus tecidos, podendo estar a maioria do órgão sadio e apenas um dos seus tecidos enfermos, para que ocorresse a enfermidade.

Aproveitando-se da teoria histológica de Bichat e do microscópio de Leuwenhoek, quem inaugurou, realmente, a *patologia celular* foi Theodor Schwann na década de 1830, sendo seguido por Rudolf Virchow, que a elaborou e fundamentou no seguinte enunciado: “não existem enfermidades gerais; desde agora reconheceremos, unicamente, enfermidades de órgãos e células”. Esta foi a base para a Medicina do século XX.

“Isso podia ser considerado como uma indicação de que a teoria humoralista havia sido finalmente superada, e que se haviam firmado as bases para uma nova fisiologia. Porém, o próprio Virchow era consciente de que não se tratava somente disto. «A anatomia patológica e o trabalho clínico - escreveu Virchow - embora reconheçamos plenamente sua significação e sua independência, são as fontes de novos problemas, a resposta aos quais deve ser facilitada pela fisiologia patológica. Posto que estes problemas devem, em sua maior parte, serem formulados mediante um laborioso e completo estudo dos diversos tipos de fenômenos no enfermo, e na mesa de dissecação após a morte, manteremos que o mais importante requisito de nossa época é um desenvolvimento preciso e bem planejado da experiência anatômica e clínica. Através de um empirismo desse tipo, se irá formando, gradualmente, uma genuína teoria da medicina».” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 154)

Enquanto Rudolf Virchow trabalhava em sua patologia celular, na tentativa de anular a patologia vitalista clássica, Claude Bernard (1813-1878), seu contemporâneo, “formulava uma teoria que iria proporcionar a base científica aos antigos humoralismo e vitalismo”. Fundamentando os ***mecanismos vitais como processos que visam manter a homeostase orgânica***, atribui aos mesmos a faculdade de reagir a perturbações externas comuns, mantendo o estado de saúde (*manter a constância de seu meio interno*). Quando este equilíbrio vital é rompido, o organismo adocece e, neste momento, devemos procurar intervir com medidas que o façam retornar ao estado primordial. Nestas definições, encontramos o pensamento vitalista de Hipócrates e de Hahnemann.

“Claude Bernard fez um grande número de contribuições à fisiologia e é considerado, geralmente, como o fundador da medicina experimental, ou seja, do estudo da enfermidade artificialmente induzida e controlada. A mais importante dessas contribuições foi seu aperfeiçoamento da teoria de von Haller a respeito de como funcionam os órgãos do corpo. A característica fundamental dos organismos viventes, decidiu Bernard, consiste em que são capazes de manter a constância de seu meio (*milieu*) interno. Todos os mecanismos vitais, por mais variados que sejam, apresentam um único objetivo: o de preservar constantes as condições de vida no interior do corpo. O homem, por exemplo, está constantemente adaptando-se interiormente a mudanças externas; pode passar do ar frio a um banho quente (ou vice-versa), sem que sua temperatura interna sofra grandes variações. É essa capacidade do corpo para conservar o equilíbrio interno - chamada mais tarde «homeostase» pelo fisiólogo de Harvard, Walter Cannon -, que põe o homem em liberdade para que consiga seu pleno desenvolvimento; em circunstâncias normais, o homem não tem que se preocupar,



entretanto, a fim de realizar os ajustes necessários para enfrentar as constantes mudanças de seu meio externo, salvo tomar medidas como a de abrigar-se ao sair nas intempéries. Porém, quando a homeostase se rompe, o homem fica doente; então, há que começar a preocupar-se quanto ao seu funcionamento físico e deve-se buscar os meios para normalizá-lo novamente.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 154-5)

Posteriormente a Hahnemann, que em 1796 já fundamentara a *experimentação no homem sadio com valorização dos fenômenos psíquicos, gerais e físicos*, primeiro método científico para se estudar a *enfermidade experimentalmente induzida e controlada*, Claude Bernard frisou a importância da “relação entre fisiologia e características psicológicas”.

“A tese de Bernard sugeria que muitas das ideias dos sistemáticos, inclusive a antiga teoria dos humores, não haviam sido simplesmente adivinhações de louco (como eram consideradas); podiam ser vistas como intentos intuitivos na direção de uma verdade essencial. Em particular, deixou claro que era essencialmente correta a ideia de que havia uma relação entre fluidos corporais e características ou manifestações psicológicas. Como seus biógrafos J. e E. Olmstead registraram, quando deu em Sorbone uma conferência sobre a fisiologia do coração, não quis adotar a atitude estritamente mecanicista de considerar o coração como uma bomba; ao invés disso, se propôs a justificar a associação, na literatura e na terminologia popular, da palavra ‘coração’ com as emoções. Indicou que embora o movimento característico do coração seja a primeira assim como a última manifestação de vida, e independe de estímulos nervosos, sem dúvida, o sistema nervoso exerce controle negativo sobre seus batimentos... Um forte estímulo nervoso, como o provocado pelo terror ou uma emoção profunda pode deter o coração durante bastante tempo para impedir a chegada do sangue ao cérebro, e o resultado será o desmaio. Um estímulo mais suave pode deter o coração durante um tempo mais curto, imperceptível exceto para o fisiólogo, porém a função se recobrará com um incremento de ritmo, agitação ou palpitações, que enviarão mais sangue ao cérebro, e o resultado será o rubor.” (*Historia de la Medicina*, Inglis, p. 155-6)

**princípio vital / homeostase orgânica**

## Conclusões

Como não poderia deixar de ser, a medicina fixou-se no conceito de *força vital*, diretamente relacionada ao corpo físico, para embasar suas teorias sobre a natureza imaterial humana, distanciando-se das demais entidades superiores aceitas por diversas correntes filosóficas.

Segundo Hipócrates, a força vital ou *vis medicatrix naturae* (poder natural de cura), considerada como o “poder fisiológico que governa as funções orgânicas”, era, por definição, irracional, destituída de inteligência, comandando o organismo por reações automáticas e instintivas, podendo causar sérias perturbações ao mesmo quando abandonada à própria sorte. Ao poder inteligente atribui o termo alma ou *psykhe*.

Aristóteles atribui à força vital os termos *pnêuma*, *aethér* ou *quinta essentia*. Divide a “alma humana” em três formas (material, sensível e pneumática), apresentando cinco “qualidades” (nutritiva ou vegetativa, sensitiva, concupisciva, motiva e intelectiva); confunde conceitos distintos atribuindo propriedades semelhantes ao *pnêuma* e à alma vegetativa.

Com os árabes, observamos uma divisão dos veículos de manifestação humana muito semelhante às concepções orientais que iremos estudar ao longo desta obra: *jism* (corpo físico), *ruh* (corpo vital), *nafs* (corpo astral), *aql* (corpo mental), *sirr* (corpo causal), *qalb* (Espírito).

Em Paracelso, encontramos importantes referências sobre as demais entidades imateriais humanas (entidade astral, entidade espiritual, etc.), além da força vital (*mumia*) e do princípio vital (*archeus*), que serão estudadas detalhadamente ao longo desta obra.

Claude Bernard aproxima o princípio vital homeopático da conceituação fisiológica moderna, atribuindo-lhe, assim como Hahnemann, o papel de manter a *homeostase orgânica* (sistema fisiológico integrativo homeostático).

O entendimento da força vital hipocrática (*vis medicatrix naturae*) é de fundamental importância para entendermos a concepção vitalista de Samuel Hahnemann e da Homeopatia, que se estrutura em conceitos semelhantes. A analogia com o modelo homeostático de Claude Bernard aproxima as observações de Hahnemann aos modernos conhecimentos da Fisiologia Médica.

## Referências bibliográficas

Bernard, Claude. Introducción al estudio de la medicina experimental. Buenos Aires: Editorial Losada, 1944.

Boyd, John Linn. A Concepção Antiga de Símile. Rio de Janeiro: Selecta homeopatica, 2(1): 5-54, 1994. Tradução de “A Study of the Simile in Medicine”.

Castiglioni, Arturo. História da Medicina. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. Traduzido por R. Laclette do original “History of Medicine”.

Entralgo, Pedro Laín. La Medicina Hipocrática. Madrid: Ediciones de la Revista de Occidente, 1970.

Entralgo, Pedro Laín. Historia Universal de la Medicina. Barcelona: Salvat Editores, 1976, 7 v.

Entralgo, Pedro Laín. Historia de la Medicina. Barcelona: Salvat Editores, 1985.

Hahnemann, Samuel. Organon der Heilkunst. Organon da Arte de Curar. Tradução da 6ª ed. alemã por Edméa Marturano Villela e Izaó Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, IHFL, 1995.

Hartmann, Franz. Salud y Curacion segun Paracelso y el Esoterismo. Buenos Aires: Editorial Dedalo, 1977.

Hipócrates. Aforismos. Recife: Arquivo Público Estadual, 1957. Tradução de Leduar de Assis Rocha.

Inglis, Brian. Historia de la Medicina. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1968. Traduzido por J. C. García Borrón do original “A History of Medicine”.

Paracelso. A chave da Alquimia. São Paulo: Editora Três, 1983. Traduzido por Antonio Carlos Braga do original “Opera Omnia”.

Paracelso. Obras completas (Opera Omnia). Primera traduccion castellana por Estanislao Lluesma Uranga. Buenos Aires: Editorial Schapire, 1945. Disponível em: <http://www.christianrosenkreuz.org/ParacelsoOperaOmnia.pdf>.

Teixeira, Marcus Zulian. Semelhante Cura Semelhante: o princípio de cura homeopático fundamentado pela racionalidade médica e científica. São Paulo: Editorial Petrus, 1998. Disponível em: [http://www.homeozulian.med.br/homeozulian\\_visualizarlivroautor.asp?id=3](http://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=3).



## A Natureza Imaterial do Homem segundo a Homeopatia

*“Concepção vitalista de Samuel  
Hahnemann (1996)”*

## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Apresentação   | 46  |
| Introdução   | 48  |
| Desenvolvimento  | 51  |
| Força vital e <i>vis medicatrix</i>  | 51  |
| Força vital instintiva, automática, conservadora   | 57  |
| Força vital orgânica - União substancial e indissociável do corpo físico com o princípio vital | 60  |
| Força vital imaterial, dinâmica, invisível, “espiritual”                                       | 63  |
| Força vital, magnetismo, mesmerismo e outras potências medicinais dinâmicas                    | 68  |
| Força vital e enfermidade  | 72  |
| Força vital e cura   | 75  |
| Força vital irracional difere do Espírito racional   | 79  |
| Força vital, sangue, fibra sensível e nervo  | 84  |
| Espírito, Alma e Mente   | 88  |
| Unidade físico-vital alterada por excessos intelectuais e emocionais                           | 95  |
| Saúde e moral  | 98  |
| Despropósito das discussões metafísicas e especulativas  | 103 |
| Concepção filosófica de Hahnemann  | 109 |
| Visão espiritualista   | 109 |
| Hahnemann e Confúcio   | 110 |
| Filosofia Natural  | 111 |
| Hahnemann e Reimarus   | 114 |
| Força vital homeopática e Fisiologia humana  | 119 |
| Conclusões   | 135 |
| Referências bibliográficas   | 139 |
| Comentários  | 142 |

## Apresentação

### *“Concepção vitalista de Samuel Hahnemann” (1996)*

Samuel Hahnemann é citado, indiscriminadamente, como gerador de vários pensamentos que ele próprio jamais verbalizou e dos quais se afastava, linearmente, em suas publicações.

Para alguns homeopatas, ele é o criador da medicina espiritual. Segundo estes, o medicamento homeopático direcionaria o espírito para a finalidade maior da existência. Para outros, o medicamento homeopático atuaria nos órgãos enfermos e, portanto, teria a capacidade de estimular a drenagem dos mesmos. Para outros, ainda, segundo Hahnemann, o homem teria um medicamento que o curaria sempre e definitivamente.

Enfim, todos, invariavelmente, pautam suas concepções sobre partes isoladas da obra do Mestre, tentando justificar e embasar suas convicções. E mais, posicionam-se como se tivessem compreendido Hahnemann com suficiência, para colocar suas interpretações e posicionamentos como se fossem palavras dele.

Este tipo de conduta, dita científica, tem sido bastante comum em nossos dias. A diversidade de informações e a falta de profundidade nas teses apresentadas têm gerado distorções nas ideias centrais que embasam a ciência homeopática. Estas atitudes, seguidamente, levam o iniciante e também o praticante mais experiente deste sistema médico a terem problemas de incompreensão de partes importantes, ou da totalidade da obra homeopática.

Para avaliar com propriedade o vitalismo de Hahnemann, surge através de Marcus Zulian Teixeira este trabalho intitulado “Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann”, que ao citar cuidadosa e exaustivamente trechos das partes mais importantes de seus escritos mostra, com clareza, o seu pensamento a respeito da estrutura do homem, o que deste homem poderia ser compreendido por nós e até onde deveríamos atuar como médicos para restaurar a saúde do mesmo.

Pode parecer, a muitos, que estas questões não têm a menor importância, pois o medicamento homeopático age no organismo apesar de qualquer teoria que se faça a respeito de seu “locus” de ação. Porém, enganam-se os que pensam desta forma. Nossos resultados, enquanto médicos, assentam-se sobre o que pretendemos curar ou modificar nos nossos enfermos e isto está intimamente relacionado com aqueles conceitos. Sendo assim, se pretendemos, com o medicamento, atuar na espiritualidade do doente, não nos satisfazemos apenas com a melhoria da sua saúde física. Isto significa um enfoque diverso da tentativa de restabelecer o equilíbrio da energia vital, conforme propunha Hahnemann.

O autor desta obra (que, certamente, será de grande utilidade, tanto para os iniciantes quanto para os que já exercem a Homeopatia reavaliarem os reais objetivos de suas prescrições) mostra com muita propriedade e fidelidade o pensamento de Hahnemann, naquilo que é a pedra angular de sua teoria vitalista.

O criador da Homeopatia compreendia o homem como sendo um ser constituído de corpo, energia vital e espírito racional. Sabia ele, em sua genialidade, que um medicamento jamais alteraria os desígnios espirituais, já que estes, segundo suas crenças, estariam condicionados à racionalidade inteligente, legada ao homem através da divindade. E somente reequilibrando a energia vital é que o medicamento devolveria ao ser humano um organismo são, sensível e livre para servir a causa deste espírito que poderia conduzi-lo a qualquer fim. Portanto, somos médicos do complexo formado pelo corpo e a energia vital. Seria muita pretensão de nossa parte acreditar que para um espírito evoluir necessitaria das benesses medicamentosas do *simillimum* e que em caso contrário, estaria o homem fadado a não se realizar enquanto ser espiritual.

Na verdade, a proposta do Sábio de Meissen era muito lógica e simples: devolver ao organismo as condições de normalidade, para que este pudesse determinar a si uma trajetória liberta das artimanhas dos mecanismos defensivos patológicos. Esta questão não nos exime da responsabilidade de contribuirmos com a evolução de nossos pacientes, porém nos dá a medida exata do que podemos alcançar com o medicamento e daquilo que é função de outras atitudes terapêuticas ou da educação moral, ética e religiosa de uma pessoa. O medicamento homeopático, portanto, facilitaria a interação do indivíduo com seu ambiente cosmo-sócio-cultural, porém, isto ficaria na dependência do contexto ético e moral admitido como padrão de normalidade.

Esta perspectiva nos aproxima muito mais da ciência médica e torna nosso trabalho compreensível e factível.

Desta forma, a obra de Marcus Zulian Teixeira contribui muito para reforçar a autenticidade do que se divulga como sendo o pensamento de Hahnemann, trazendo considerações importantes a respeito de suas crenças e opiniões em relação a outros grandes pensadores do mundo ocidental e oriental, ratificando o quanto ele se inteirou em matéria de conhecimento para embasar esta ciência médica, que com tanta dificuldade tem atravessado as agruras do preconceito humano e do direcionamento parcial da ciência.

***Ângela Augusta Lanner Vieira***  
*Ex-Presidente da Associação Médica Homeopática Brasileira*

## Introdução

Antes de abordarmos a *natureza imaterial do homem* segundo a Homeopatia, devemos tecer alguns breves comentários ao fundador da mesma, Christian Frederick Samuel Hahnemann.

Nasceu em Meissen, Alemanha, em 1754 e morreu na cidade de Paris em 1843, com 89 anos. De origem singela, filho de um pintor de porcelanas, encontrou grandes dificuldades para cursar Medicina, mas sua perseverança e aptidão para os estudos fizeram-no superar todos os obstáculos. Estudou Medicina em Leipzig, Viena e Erlangen, aonde se graduou em 1779.

Após exercer a prática médica por anos, desgostou-se da sua incerteza, devotando-se à Química e à Literatura, escrevendo tratados sobre temas químicos e traduzindo obras médicas para o alemão (dominava inúmeros idiomas, entre eles o grego e o latim).

Em 1790, ao traduzir a *Matéria Médica de Cullen*, questiona as propriedades medicinais da casca da quina (*Cinchona officinalis*) ali descritas, tendo o grande *insight* que o levou à fundamentação das bases da Doutrina Homeopática.

Por discordar das propriedades digestivas da *Cinchona* ali relatadas, experimentou em si mesmo aquela substância, dando início ao grande método de experimentação científica do modelo homeopático, denominado, posteriormente, **experimentação no homem são (sadio)** ou **experimentação patogenética homeopática** ou **ensaios patogenéticos homeopáticos**. Qual não foi seu espanto, quando passou a apresentar sintomas semelhantes à malária (febre intermitente, calafrios, tremores, etc.), ao experimentar aquela substância que era utilizada para curar os indivíduos doentes acometidos pela malária.

*Eureka!* Profundo conhecedor dos textos médicos antigos (gregos, latinos, árabes e outros), como tantas vezes demonstrou Hahnemann em suas obras, a *lâmpada hipocrática* acendeu-lhe, iluminando o princípio de cura que passou a pesquisar: *similia similibus*.

A partir deste momento, direcionou suas pesquisas ao chamado **princípio da semelhança**, enunciando o aforismo *similia similibus curantur* (semelhante cura semelhante) que, juntamente com a **experimentação no homem são**, constituem os pilares fundamentais da episteme e da prática homeopática.

Através do princípio acima enunciado, qualquer substância que possua a propriedade de despertar *sintomas* (entendidos como *características da individualidade humana*), de qualquer natureza, num experimentador sadio, poderá ser capaz de curar estes mesmos sintomas no indivíduo enfermo. A quina cura os sintomas da malária no indivíduo doente, porque ela tem a capacidade de despertar os mesmos sintomas da malária nos indivíduos sadios.

Utilizando-se da “experimentação”, primeiramente em familiares, depois em discípulos médicos e, finalmente, em voluntários sadios, Hahnemann foi catalogando ao longo de



sua prática os sintomas das várias substâncias experimentadas, assim como o relato de intoxicações e eventos adversos das mesmas, constituindo este material a chamada *Matéria Médica Homeopática*, fonte de consulta para o clínico homeopata escolher o medicamento que melhor cubra as características individuais do paciente que se lhe apresenta.

Inicialmente, as substâncias foram experimentadas em doses ponderais, mas como isto causava uma série de transtornos nos experimentadores (doenças medicamentosas, intoxicações, eventos adversos), Hahnemann, numa fase posterior, passou a diluí-las e agitá-las segundo o **processo da dinamização**, pois notava que as substâncias agiam da mesma forma, ou melhor, quando submetidas a este *método farmacotécnico homeopático*. Ao longo destes duzentos anos de Homeopatia, várias drogas foram experimentadas e reexperimentadas, ampliando o arsenal terapêutico homeopático e comprovando a cientificidade do método através da repetitividade dos resultados ao longo das diversas experimentações de uma mesma substância.

Segundo os conceitos filosóficos da Homeopatia, toda doença é fruto de uma disritmia da **força vital**, princípio imaterial que permeia os seres vivos e é responsável pela homeostase orgânica. Isto ocorre porque antes do corpo material ser afetado, já ocorreu uma alteração neste “corpo energético” (etéreo, vital); antes do distúrbio orgânico se instalar no corpo físico, observam-se alterações diversas no humor, nas sensações e funções, “desarranjos dinâmicos de nosso estado de saúde”, como dizia Hahnemann.

Em vista do modelo homeopático, através de seus medicamentos dinamizados (doses infinitesimais), atuar diretamente sobre a força ou energia vital, provocando uma reação da mesma no sentido de restaurar o equilíbrio perdido, faz-se necessário entendermos o que vem a ser este **princípio vital**, a fim de compreendermos o caminho de cura e as possibilidades do mesmo.

Na busca da compreensão da natureza da força vital hahnemanniana, muitas concepções surgiram, orientando, *a posteriori*, conceitos filosóficos que abarcam desde a própria natureza imaterial do homem (*vis medicatrix naturae*, princípio vital, mente, alma, espírito, etc.), até o entendimento do binômio saúde-doença.

Alguns conceitos errôneos e confusos atribuídos a Hahnemann, como a *analogia entre a força vital e a alma do modelo antropológico aristotélico-tomista*, criam a falsa noção de que a Homeopatia, por atuar no reequilíbrio da força vital, poderia atingir níveis profundos da Alma, Espírito ou Personalidade Humana, modificando-os. Confusões teórico-práticas que possuem sua origem em definições mal elaboradas, tendenciosas e afastadas da verdadeira concepção vitalista hahnemanniana.

Ao analisarmos as obras de Hahnemann, encontramos um pensamento comum e lógico sobre o tema em questão, reiterado nos mais variados aspectos de sua Doutrina, que deverá nortear o ideal do discípulo fiel, disposto a comungar com as ideias do Mestre.

Na maioria de seus ensinamentos, é notória a capacidade de síntese e clareza dos mesmos, fazendo-nos desconfiar de erros interpretativos de nossa parte, caso encontremos sérias contradições em seus escritos. Como popularmente dizemos, Hahnemann “não dava ponto sem nó”.

Não encontrando correspondência na Obra de Hahnemann com conceitos vitalistas trazidos por autores que se dizem seus seguidores, afirmando que o modelo antropológico que professam corresponde à “evolução do pensamento de Hahnemann”, dispusémo-nos a estudar minuciosamente o assunto e relatá-lo no referido trabalho, buscando uma compreensão doutrinária mais transparente.

Veremos que ao introduzir uma ideia, Hahnemann repetia-a inúmeras vezes, como se quisesse deixar clara sua posição e acredito ser este o verdadeiro parâmetro para que dissipemos dúvidas existentes. Por ser um tema filosófico, que carece de uma “comprovação científica”, todos tem o direito de discordar dos conceitos vitalistas existentes na Doutrina Homeopática, conforme o modelo que acreditem e alimentem, mas não podemos distorcer, no rumo de noções individualistas, o pensamento do estudioso *livre de preconceitos*.

Juntamente com a natureza imaterial do homem, buscamos entender a concepção filosófica de Hahnemann, assuntos de extrema importância caso tentemos delinear um modelo antropológico que embase a Homeopatia.

Para evitar falhas de interpretação, as citações das obras de Hahnemann foram transcritas literalmente dos textos consultados, facilitando a constatação dos que se proponham a revê-los. A repetição de termos semelhantes, por vezes cansativa, visa transmitir ao leitor a frequência de utilização dos mesmos, demonstrando o cerne do pensamento hahnemanniano.

## Desenvolvimento

### Força vital e *vis medicatrix*

O entendimento deste primeiro item, provavelmente, dispensaria o estudo de boa parte dos demais, mas como dissemos anteriormente, o pensamento claro e lógico de Samuel Hahnemann reitera, ao longo de toda a sua obra, os conceitos que postulava. Quando escreve repetidamente sobre um tema, anula qualquer dúvida que possa pairar em nossas mentes fantasiosas.

Inicialmente, veremos a concepção hahnemanniana da *vis medicatrix naturae* (*caminho natural de cura*), ou seja, a reação natural defensiva do organismo entregue a si mesmo, como meio de cura para algumas enfermidades passageiras, de “duração apenas breve”, como algumas doenças agudas e outras doenças medicamentosas. Critica o “Sistema de Brown” que, fundamentado num “sistema escolástico”, dizia haver uma única “força fundamental, a vida”, e que esta força nada fazia a não ser diminuir ou aumentar, esgotar-se ou acumular-se nas enfermidades, as quais deveriam ser entendidas sob o ponto de vista “da debilidade ou do excesso de força”.

“A Benéfica Natureza e a juventude, auxiliadas por um regime apropriado, curarão as doenças de causas muito mais profundamente localizadas do que apenas deficiência ou excesso de excitabilidade, algo que o observador isento de preconceitos presencia diariamente; isto deve ser desautorizado ou negado por Brown, a fim de dar apoio a seu sistema escolástico.” (*Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown*, 1801; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*, p. 350)

“A maior parte das enfermidades para as quais se convoca a presença de um médico são afecções agudas, ou seja, transtornos da saúde que demoram um curto período para retornar à saúde ou conduzir à morte. Se o paciente sucumbe, seu médico acompanha modestamente o fêretro; se chega a curar-se, é preciso que a natureza tenha tido força suficiente para triunfar sobre a enfermidade e sobre a ação dos medicamentos, que se exerce geralmente em sentido inverso de como deveria ser. Pois a natureza tem esta força com frequência, e no maior número dos casos.” (*Esculápio na Balança*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 93)

Quanto à natureza da força vital ou “força natural”, Hahnemann é claro ao compará-la com a *vis medicatrix naturae*, “força curativa da natureza”, conceito de cura hipocrático pelos movimentos naturais do organismo vivo.

Profundo admirador de Hipócrates, demonstra seu respeito ao *Médico de Cos* enaltecendo sua capacidade de “observador escrupuloso da Natureza”, descrevendo as enfermidades exatamente como elas eram, sem nada ajuntar, sem fantasiar, sem se permitir nenhum devaneio. Este exemplo de “observação pura” dos fenômenos é seguido por Hahnemann na sistematização da Homeopatia.

“Jamais se fez mais pela arte de curar que à época de Hipócrates. Este observador escrupuloso estudava a natureza dentro da própria natureza. Descrevia as enfermidades exatamente sem ajuntar-lhes nada, sem dar-lhes coloridos, sem permitir-se nenhum raciocínio. Nenhum médico superou seu talento para a observação pura. Todavia, faltava um só ramo da medicina a este favorito da natureza, com o qual teria possuído a arte por inteira;

o conhecimento dos remédios e seu emprego. Mas tampouco afetava ter este conhecimento: até confessava que carecia dele não prescrevendo nenhum medicamento e contentando-se em submeter o regime a algumas regras.” (*Esculápio na Balança*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 103)

Em *A Medicina da Experiência*, Hahnemann nos traz a ideia de *vis medicatrix*, sem usar o termo força vital, que só foi incorporado à Doutrina Homeopática mais tarde. Neste escrito, fala da incapacidade dos “recursos medicatrizes do organismo abandonado a si mesmo” em vencer as enfermidades, pois este papel cabe ao espírito do médico exercendo sua “nobre prerrogativa” de manter a saúde.

“Assim mesmo permite à inumerável turba de enfermidades que ataquem nossa constituição delicada, que a transtornem, que a ponham em perigo de morte e de destruição, sabendo muito bem que o que há de animal em nós rara vez é capaz de afugentar o inimigo, sem sofrer muito pelos esforços que esta tarefa lhe impõe, ou ainda sem sucumbir a eles. Mas era preciso que os recursos medicatrizes do organismo abandonado a si mesmo fossem débeis, limitados e insuficientes, a fim de que nosso espírito se visse também obrigado a exercer sua nobre prerrogativa numa circunstância em que se trata do mais precioso dos bens terrestres, a saúde e a vida. O Pai do gênero humano não queria que nós atuássemos como atua a natureza, queria que fizéssemos mais que a natureza orgânica, porém não do mesmo modo, nem com seus meios.[...] Não permite que nos sirvamos como a natureza dos movimentos chamados crises para curar uma multidão de febres; não está em nosso poder o imitar os suores críticos, as urinas críticas, os abscessos críticos, as epistaxes críticas.[...] Nós não podemos, nem devemos imitá-la, posto que há meios infinitamente mais fáceis, mais rápidos e mais seguros que nosso espírito está destinado a criar para as exigências da mais necessária e mais respeitável das ciências: a medicina.” (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 45)

Criticando o tratamento convencional (alopático) de sua época, tanto para doenças agudas como crônicas, que evoluiriam mais seguramente se abandonadas a si mesmas (à *vis medicatrix naturae* ou força vital), Hahnemann defende um tratamento mais rápido e mais completo do que os empregados até então, como verdadeiro método de cura.

“As doenças de aparecimento repentino desaparecem, com ou sem medicamento, evidentemente em virtude da vitalidade do organismo; estas doenças agudas, se tratadas com medicamentos, devem ceder muito mais rapidamente e de modo muito mais completo do que se fossem deixadas à própria sorte, para que possamos nos referir a isto como cura.” (*Matéria Médica Pura*, 1811; vol. I, p. 272)

“Nas afecções crônicas, é muito mais seguro não usar qualquer espécie de medicamento e confiar inteiramente nas forças vitais, do que ser tratado pelo tratamento alopático prejudicial e destruidor.” (*Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XXII, suplemento 204)

No Prefácio à Quarta Edição do *Organon da Arte de Curar* (Hahnemann, 1842), discorre sobre a *vis medicatrix*, acreditada pela escola tradicional como a “incomparável arte de curar, fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si”.

“Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças, que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de inefável sabedoria do grande Artífice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a ser guiados por essa voz infalível, apesar de embaraçados para compreender por que nós médicos, pela nossa

interferência artificial com medicamentos, perturbaríamos ou nocivamente agravaríamos essas operações, supostamente incomparáveis, do auto-auxílio da natureza nas doenças (*vis medicatrix*). Mas o caso está longe disso!” (*Organon da Arte de Curar, Prefácio à Quarta Edição*, GEHBM, 1984)

Na mesma citação, deixa clara a identidade da “*vis medicatrix*” com a força vital, “instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo”, **mantendo as condições do organismo em equilíbrio desde que o mesmo esteja saudável e causando transtornos revolucionários quando a saúde é perturbada.**

“[...] Essa natureza (*vis medicatrix*), cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, sendo meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou mantivesse as funções e sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas, desde que o homem continue em boa saúde, mas não foi destinada nem adaptada para a boa restauração da saúde, uma vez perturbada ou perdida. Pois, tenha nossa força vital sua integridade prejudicada por influências nocivas de fora, esforça-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doença) por processos revolucionários.” (*Organon da Arte de Curar, Prefácio à Quarta Edição*, GEHBM, 1984)

Continuando na mesma citação, fala da inutilidade das tentativas de auxiliar a força vital nos seus “esforços cegos”, prática vigente dos médicos de sua época.

“Não estivessem os homens de todos os tempos cientes dessa imperfeição, dessa não rara insuficiência dos esforços cegos da força vital, instintiva e irrefletida, nas tentativas de auto-auxílio nas doenças, não ansiariam tanto, não se empenhariam tão zelosamente em ajudar a força vital sofredora, tão impotente para ajudar-se eficientemente, pelo emprego de melhores recursos medicamentosos, [...] em outras palavras, não teriam envidado esforços para descobrir uma arte de curar.” (*Organon da Arte de Curar, Prefácio à Quarta Edição*, GEHBM, 1984)

“Mas como o que tem sido até aqui chamado ‘arte de curar’ é mera (imperfeita) imitação dos esforços e operações infelizes, inúteis e não raramente nocivos da instintiva e irrefletida força vital (erradamente chamada natureza), quando abandonada a si mesma na doença [...]” (*Organon da Arte de Curar, Prefácio à Quarta Edição*, GEHBM, 1984)

Alguns homeopatas se utilizam do parágrafo anterior para inferirem que a força vital desta citação não se refere à *vis medicatrix*, justificando-se através da frase “irrefletida força vital (erradamente chamada natureza)”, como se o “erradamente chamada natureza” se referisse à *vis medicatrix*. Este é o perigo de utilizarmos frases soltas, separadas do contexto geral, para justificarmos uma posição pessoal.

Quando Hahnemann diz “erradamente chamada natureza”, é evidente que sua crítica se volta à postura médica da sua época que, assim como Hipócrates, considerava a *vis medicatrix* (força vital) como a mais perfeita e sábia manifestação da Natureza, ou a própria Natureza, obra máxima do Criador, conforme ele discorre na passagem citada anteriormente: “Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças, que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, **a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de inefável sabedoria do grande Artífice do universo infinito**, sentir-nos-íamos compelidos a ser guiados por essa voz infalível”. (negrito nosso)

Aclarando a questão, citemos a conceituação da *vis medicatrix* segundo Hipócrates em sua obra *Aforismos*, traduzida por Leduar de Assis Rocha.

“O fato é que Hipócrates criou o seu próprio sistema médico, incorporando-o à escola que fundou - a Escola de Cós - sistema batizado por Galeno de **dogmatismo** e a que muitos poderiam chamar de **humoralismo**, mas que o historiador médico Cumston preferiu chamar de **naturismo**, porque tal sistema médico tem por diretriz o poder curativo da natureza, entendendo Hipócrates por **natureza** uma força que penetrava a economia inteira e dirigia todos os fenômenos na saúde e na doença; o **naturismo** foi, desta forma (conclui Cumston), criado no dia em que Hipócrates descobriu esse grande fato que domina todos os outros nas operações ou nas funções da vida; englobando toda a ciência e toda a prática médica à coexistência de um poder que forma, conserva e cura, poder que é inerente ao próprio organismo, graças ao qual ele sente, reage, desenvolve-se, preserva-se e combate todas as causas mórbidas e os efeitos que produzem. Tão simples que nos parece hoje esta descoberta, arremata Cumston, é a mais importante das que se fizeram em torno do conhecimento do corpo humano.” (*Aforismos*, Hipócrates, p. 20)

“Hipócrates é assim um divisor de águas, de que dizia, em página luminosa, o prof. Clementino Fraga: - Na intimidade orgânica a coluna mestra da defesa, garantida pelos mecanismos protetores, é a *vis medicatrix*, que o mais velho de todos nós, nosso santo mestre Hipócrates, já percebera no mistério das reações vitais, guardião da defesa individual!” (*Aforismos*, Hipócrates, p. 27)

De forma análoga, citando as obras do *Corpus Hippocraticus (C.H.)*, Entralgo descreve a *physis*, termo usado frequentemente para designar a força instintiva e automática do organismo, a natureza curativa dos indivíduos (*vis medicatrix naturae*).

“A *physis*, dizia eu antes, é ordenada em si mesma e ordenadora desde dentro de si mesma. Aos olhos do médico hipocrático, tal seria a razão «fisiológica» da espontânea tendência da *physis* de curar por si mesma, às vezes, as enfermidades de que padecem os indivíduos. «As *physies* - as naturezas individuais dos enfermos - são os médicos das enfermidades», diz uma famosa sentença de *Epidemias VI* (V, 314). «A *physis* cura por si mesma (*automátê*)», afirma o livro I de *Sobre a dieta* (VI, 490). De uma *vis medicatrix naturae* não se fala literalmente no *C.H.*; porém, todo ele está cheio do sentimento a que estas palavras latinas deram tópica expressão. «Bem instruída por si mesma (*eupaideutos*), a *physis*, sem aprendizagem, faz o que convém» (V, 314), alude o autor de *Epidemias VI* ao texto que acabo de transcrever. «As *pyshies* não tem, em nada, maestro que as ensine»; «a *physis* se basta em tudo, para tudo», proclamam as concisas sentenças de *Sobre o alimento* (IX, 112 e 102).[...]” (*La Medicina Hipocrática*, Entralgo, cap. II, § I, p. 54-5)

Comentando a evolução de um paciente, Hahnemann relata os efeitos prejudiciais que os “poderes da natureza (força vital irracional) foram gradualmente forçados a produzir a nível interno”, na tentativa de restabelecer o equilíbrio orgânico.

“Sua (do paciente impotente-RH) recuperação muito difícil localiza-se muito mais profundamente, quer dizer, está no aleijamento orgânico e nos efeitos materiais que os poderes da natureza foram gradualmente forçados a produzir a nível interno, nas partes mais delicadas do organismo, naquelas que são essenciais ao movimento e à sensação, em nome de protegê-la e preservá-la contra os ataques violentos dos remédios alopatícos [...]. Estas mudanças materiais e internas, a nível orgânico, produzidas pela força vital para salvar e preservar a vida dos tratamentos adiados e dos remédios errados e prejudiciais, impedem a livre e desimpedida movimentação dos membros por muito tempo depois que a força vital

tiver conseguido dissolver e remover tais alterações”. (*Carta ao Dr. Schrëter de Lemberg, 01/01/1829; Samuel Hahnemann: his life and work*)

Na Introdução à sexta edição do *Organon da Arte de Curar* (Hahnemann, 1995), relata exemplos das “**derivações**” empregadas pelos médicos da escola dominante, imitando os esforços impróprios da *vis medicatrix* ou “força vital abandonada a si mesma”, na tentativa de eliminar o distúrbio na saúde já instalado.

“Mas os novos adeptos da antiga escola não mais querem ser vistos como praticantes da expulsão das substâncias morbíficas materiais em seus tratamentos. Eles explicam as numerosas e diversas evacuações como um método **derivativo** pelo qual a natureza do organismo doente, empenhando-se em ajudar-se, dá seu exemplo ao eliminar a febre pela transpiração e pela urina, ao suprimir a pleurisia pelo sangramento do nariz, os suores e escarros mucosos e outras doenças pelo vômito, diarréias e hemorragias; as doenças articulares pelas ulcerações nas pernas, as inflamações de garganta pela salivação, etc., ou por meio de metástases e de abscessos que a natureza faz surgir em partes do corpo distantes daquela que está afetada. Acreditavam, assim, no tratamento da maior parte das doenças, estarem fazendo o melhor ao **imitar** a natureza, também trilhando desvios, como procede a força vital abandonada a si mesma, provocando indiretamente ou mesmo mantendo evacuações por estímulos heterogêneos mais fortes, distantes do foco da doença e normalmente também conservando, nos órgãos menos semelhantes, estruturas mórbidas, a fim de, simultaneamente, **deslocar** para lá o mal. **Essa assim chamada derivação foi e continuou sendo o principal método de tratamento da escola dominante.**” (*Organon da Arte de Curar, 6ª ed.; Introdução, p. 38-9; IHFL*)

Reiterando a identidade entre *vis medicatrix naturae* e força vital, Hahnemann compara várias vezes a “natureza bruta e instintiva” com a força vital sujeita unicamente às leis orgânicas “e incapaz de agir segundo a razão e a reflexão”, **diferenciando nitidamente a força vital desprovida de razão do Espírito inteligente e racional.**

“Ela (velha escola) somente estava seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises mórbidas agudas e moderadas, estava imitando apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexão e que, assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão. [...] Mais ainda: os maiores flagelos de nossa existência terrestre, as centelhas que originam as inumeráveis doenças sob as quais geme a humanidade castigada há séculos e milênios pelos miasmas crônicos (psora, sífilis, sicose), **a força vital desprovida de razão os admite no corpo sem hesitar**, não sendo capaz, todavia, nem de suavizar o efeito de qualquer um deles e, muito menos, de removê-los do organismo, deixando-os, antes, propagar-se, até que a morte, muitas vezes, após um longo e triste período de vida, feche os olhos ao sofredor.” (*Organon da Arte de Curar, 6ª ed.; Introdução, p. 40-2; IHFL*)

Daí o inconformismo de Hahnemann ao ver a Velha Escola, que se dizia racional, imitando e assumindo a força vital irracional, “condutora cega”, como o grande modelo a ser seguido. Denominava o “raciocínio lógico e a livre reflexão” (Princípio Inteligente) como o maior dom de Deus conferido aos homens.

“Como é que a velha escola, que se intitula racional, pôde, num empreendimento que exige tanto raciocínio, reflexão e juízo crítico, eleger esta força desprovida de razão como a única e melhor instrutora, como uma condutora cega, imitando sem refletir suas disposições indiretas e revolucionárias nas doenças, imitando-a como a única *non plus ultra*, a melhor em termos de engenhosidade, visto que, a fim de poder superá-la infinitamente no seu desempenho

curativo, nos foi conferido, para o bem da humanidade, aquele dom maior de Deus, o raciocínio lógico e a livre reflexão?” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 42; IHFL)

No parágrafo abaixo, Hahnemann discorre sobre a da prática dos médicos da velha escola, que além de imitar os “esforços curativos da natureza bruta entregue a si mesma” (força vital), atuavam nas consequências dos mesmos, favorecendo as eliminações em geral (método empregado atualmente por práticas “naturalistas”), pensando com isto estarem agindo de conformidade com a natureza (*duce natura*), honrando-se com o título de ministros da natureza (*ministri naturae*).

“Assim, enquanto a maioria dos médicos da velha escola **em geral, imitando** os esforços curativos da natureza bruta entregue a si mesma, punham em prática, a seu bel-prazer, semelhantes derivações supostamente proveitosas (quando alguma indicação idealizada por sua mente os levava a isto), outros, que se compenetravam de um objetivo ainda mais alto, **punham-se diligentemente a favorecer os esforços de auto-ajuda que a força vital logo evidenciava nos casos de doença e que consistem de evacuações e metástases antagonistas**, ativando ainda mais tais derivações e evacuações, a fim de auxiliá-la, acreditando, com esse procedimento prejudicial, agir como *duce natura* (tendo por guia a natureza), podendo honrar-se com o título *ministri naturae* (servidores da natureza).” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 44; IHFL)

Utilizando a denominação “força bruta automática da natureza” para designar a força vital, reúne num só termo a *vis medicatrix naturae* com a força vital.

“A alopatia da velha escola não só superestimava muito tais esforços da força bruta automática da natureza, mas também os falseava completamente, considerando-os, de modo errôneo, genuinamente salutareis [...]. Quando a força vital, nas doenças crônicas, parecia aplacar este ou aquele incômodo sintoma do estado interior, através de uma erupção cutânea úmida por exemplo, lá ia o servidor da força bruta natural (*minister naturae*) aplicar sobre a superfície supurante um emplastro de cantáridas ou um exutório (trovisco), a fim de *duce natura* retirar da pele ainda mais a umidade, favorecendo e apoiando assim o intuito da natureza, a cura (por meio da retirada da matéria morbífica do corpo)”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 45-6; IHFL)

Na citação abaixo, exemplifica os métodos empregados pelos “*minister naturae*” para auxiliar a “força vital do organismo desprovida de inteligência” (*vis medicatrix naturae*) em seus esforços curativos, estimulando as evacuações e os esforços derivativos em geral.

“Na mesma ilusão de querer favorecer a força vital em seus esforços curativos, o *minister naturae*, quando a força doente da natureza comprimia o sangue nas veias do reto e do ânus (hemorróida cega), aplicava sanguessugas [...]. Em quase todos os casos em que a força vital doente, para aplacar um padecimento interno perigoso, procurava expelir sangue por meio de vômito, da expectoração, etc., apressava-se o médico da velha escola, *duce natura*, a prestar auxílio a tais esforços supostamente salutareis da natureza, fazendo escoar abundantemente o sangue das veias [...]. Em caso de náuseas crônicas frequentes, pensando estar auxiliando a intenção da natureza, provocava fortes evacuações gástricas e habilmente causava vômitos [...]. Por vezes, para acalmar a doença interna, a força vital provocava abscessos frios nas glândulas exteriores e ele crê auxiliar as intenções da natureza como seu devotado servidor, ao aplicar na inflamação toda sorte de fricções abrasivas e emplastros, a fim de abrir a pústula madura por meio da incisão [...]. E, como ele, muitas vezes, observara em casos de doenças crônicas breves melhoras de grandes sofrimentos por meio de suores noturnos



espontâneos ou de várias evacuações líquidas, acreditava, então, estar em condições de seguir estes sinais da natureza (*duce natura*) e dever favorecê-los por meio da produção e manutenção de tratamentos sudoríficos completos ou do emprego, durante anos, de laxativos chamados suaves, a fim de favorecer e multiplicar, segundo seu raciocínio, aqueles esforços da natureza (da força vital do organismo desprovida de inteligência)”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 46-7; IHFL)

Na mesma linha do pensamento anterior, diz constituírem os “esforços de expulsão realizados pela força vital doente a própria doença”.

“Em virtude dessa opinião preconcebida, embora sem fundamento, prossegue o médico da velha escola sua contribuição aos esforços de expulsão realizados pela força vital doente, multiplicando tais derivações e evacuações do paciente, **nunca** atingindo um fim proveitoso, mas **somente** levando à ruína, sem dar-se conta de que todos os males locais, evacuações e esforços derivativos aparentes, empreendidos e mantidos pela força vital entregue a si mesma e desprovida de razão, com o fito de avaliar o sofrimento crônico original, constituem, justamente, a própria doença”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 48; IHFL)

Em vista das citações acima, **clara está a identificação da *vis medicatrix naturae* com a força vital que, por ser irracional e totalmente sujeita às leis orgânicas do corpo físico, necessita de um comando inteligente para atuar, de forma coordenada e benéfica, frente às alterações da saúde.**

## **Força vital instintiva, automática, conservadora**

No escrito menor *Valor dos Sistemas em Medicina*, Hahnemann fala da propriedade da força vital de unir e animar as partes do corpo humano, afastando-o da natureza material através de ações automáticas (não inteligentes), sendo difícil representar a força vital como “um ser aparte” do corpo físico vivo.

“[...] O que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um organismo tão admirável, o que as obriga a conduzir-se de um modo tão diretamente contrário à sua primitiva natureza física ou química, o que as anima e impele a tão surpreendentes ações automáticas, enfim, esta força fundamental não pode representar-se como um ser aparte”. (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 134)

A reação do organismo vivo “às leis que governam a matéria morta ocorre através do antagonismo vital”, que permite, através de seu “poder automático”, reagir às agressões que desarranjem seu equilíbrio global. O termo “espiritual”, que surge pela primeira vez no referido texto, deveria assumir o significado de “não material” nas traduções da época, como veremos a seguir.

“[...] Não, nosso organismo vivo não se comporta passivamente, ele não está sujeito às leis que governam a matéria morta; ele reage por antagonismo vital, de modo a entregar-se como um indivíduo vivo global a seu desarranjo mórbido e permitir que este se extinga no seu interior quando uma afecção mais forte com um modo semelhante, produzida nele por um medicamento homeopático, toma posse dele. Tal ser que reage de um modo espiritual é nosso organismo vivo, o qual com seu poder automático expele de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz

nele uma outra afecção muito semelhante”. (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, vol. 53, 1988, p. 68-9)

A seguir, Hahnemann descreve as propriedades da força vital (*vis medicatrix*), como “instintiva, irracional, irrefletida”, destituindo-a de qualquer atributo de inteligência, e “sujeita às leis orgânicas do nosso corpo”, formando com o corpo físico uma unidade inseparável. Sua capacidade instintiva e automática de manter as funções e sensações do organismo em condições perfeitas só ocorre na condição de saúde, sendo que ela não possui a capacidade de restaurar o equilíbrio perdido, pela ausência da razão, quando sua integridade for prejudicada por influências nocivas externas.

“[...] Essa natureza (*vis medicatrix*), cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, sendo meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou mantivesse as funções e sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas, desde que o homem continue em boa saúde, mas não foi destinada para boa restauração da saúde, uma vez perturbada ou perdida. Pois, tenha nossa força vital sua integridade prejudicada por influências nocivas de fora, esforça-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doença) por processos revolucionários. [...] Não estivessem os homens de todos os tempos cientes dessa imperfeição, dessa não rara insuficiência dos esforços cegos da força vital, instintiva e irrefletida, nas tentativas de auto-auxílio nas doenças, não ansiariam tanto, não se empenhariam tão zelosamente em ajudar a força vital sofredora, tão impotente para ajudar-se eficientemente [...]” (*Organon da Arte de Curar, Prefácio à Quarta Edição*, GEHBM, 1984)

Quando confrontamos a energia vital do medicamento homeopático semelhante com a energia vital desequilibrada, provocamos uma reação vital instintiva, estimulando uma resposta do organismo mais forte e poderosa contra o distúrbio original. Este processo ocorre de forma automática, resultado da interação entre duas energias de mesma natureza e de tipos semelhantes.

“Mas se nós médicos formos capazes de mostrar e de opor a esta força vital instintiva seu inimigo morbífico aumentado, por assim dizer, pela ação dos medicamentos homeopáticos [...], aos poucos obrigamos e compelimos esta força vital instintiva a aumentar gradualmente suas energias, cada vez mais, e, finalmente, a alcançar um tal nível que se torne bem mais poderosa do que a doença original.” (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume*, 1838, p. 29)

Condizendo com os atributos “irracional e irrefletida”, Hahnemann caracteriza a energia vital bruta em “automática, desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério”.

“[...] - imitando irrefletidamente a energia vital bruta, automática e desprovida de razão, ajuda as partes e órgãos não afetados, impingindo-lhes uma dor mais forte, ou como é mais frequente, compelindo à evacuação com esgotamento das forças e humores [...]” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 42-3; IHFL)

“[...] , tais procedimentos da força vital enérgica, porém desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério, não consegue uma verdadeira ajuda ou cura, [...]” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 45; IHFL)

“[...] , sem meditar como é irracional querer imitar e incentivar esses esforços tão imperfeitos e, na maior parte das vezes, inadequados da força vital meramente instintiva e irracional, que

se incorporou em nosso organismo a fim de, enquanto ele se encontra sadio, proporcionar à nossa vida um curso harmonioso; não, porém, a fim de curar-se a si mesma nas doenças. Se ela possuísse essa exemplar capacidade, nunca permitiria que o organismo adoecesse. Quando nossa força vital adocece pela ação de agentes nocivos, ela nada pode fazer a não ser exprimir sua perturbação através do desarranjo no curso vital normal do organismo e através de sensações dolorosas com as quais ela apela ao médico sensato por ajuda. Se esta não ocorrer, a força vital, então se esforça por salvar-se através da agravação do sofrimento, mas, principalmente, por meio de violentas evacuações, custe o que custar, e muitas vezes em meio a grandes sacrifícios ou à destruição da própria vida. A força vital doente e perturbada possui tão pouca habilidade de imitação para curar, que todas as alterações do estado de saúde e sintomas produzidos por ela constituem justamente a própria doença! Que médico sensato quereria imitar a doença no tratamento, se ele não quer sacrificar seu doente?” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 22, nota; IHFL)

Como outro atributo, temos a **capacidade conservadora** da força vital que, através de mudanças morbosas nos órgãos (metástases), procura “apartar o perigo das partes indispensáveis à vida”, afastando de nosso organismo as ameaças hostis (medicamentosas ou não).

“[...] Efetivamente, a força vital conservadora, que está sempre atuando em nós, jamais deixa de procurar separar o prejuízo que estes frequentes ataques ocasionam à própria vida, por meio das mudanças morbosas que determina nos órgãos. Exalta a atividade de um, que ela torna mais sensível e doloroso, diminui a do outro, que se torna insensível e se ingurgita; tira a irritabilidade de certas partes, e até as paralisa; em uma palavra, provoca tantas mudanças morbosas no físico e no moral do corpo, quantas sejam necessárias para afastar o perigo a que a vida está exposta, pelos ataques hostis das doses continuamente renovadas do medicamento, ou seja, que fomenta em silêncio uma multidão de desorganizações e de organizações patológicas, que são outras tantas desordens internas e externas permanentes em adiante.[...] Do mesmo modo, a força vital incessantemente ocupada na conservação do nosso organismo [...]” (*A Alopátia*, 1831; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 198)

“[...] porque se é certo que somente a força vital conservadora pode dar origem em nós a mudanças orgânicas duradouras para preservar a vida [...]” (*A Alopátia*, 1831; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 200)

“[...] Assim, também, quando a natureza entregue a si mesma, nas ocorrências de um mal crônico que ameaçam a vida, não sabe ajudar-se senão pela ocorrência de sintomas locais externos, a fim de apartar o perigo das partes indispensáveis à vida (metástases), tais procedimentos da força vital enérgica, porém desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério, não consegue uma verdadeira ajuda ou cura, sendo meras e paliativas suspensões efêmeras do padecimento interno, com desperdício de uma grande parte de humores e força [...]. A Alopátia da velha escola não só superestimava muito tais esforços da força bruta automática da natureza, mas também os falseava completamente”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 45; IHFL)

“[...] mesmo que esse meio livre, localmente, o corpo da úlcera maligna, o mal fundamental desse modo não será em nada diminuído, tornando-se necessário que a força vital, conservadora da vida, transfira o foco do grande mal interior para um local ainda mais importante (como o faz em todas as metástases), produzindo desse modo cegueira, surdez, loucura, asma sufocante, hidropisia, apoplexia, etc.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 205, nota; IHFL)

O corpo físico, sem a força vital conservadora, deixa de ser uma unidade viva, atingindo a morte e retornando às leis materiais da decomposição.

“O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação\* (\*Ele está morto e submetido apenas ao poder do mundo físico exterior, apodrecendo e se decompondo novamente em seus componentes químicos)”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 10; IHFL)

Através das propriedades acima descritas, **vemos que a força vital instintiva e automática, possui o papel de manter o organismo em equilíbrio, desde que impere o estado de saúde, não conseguindo o mesmo quando dele se afaste.** Nessas tentativas de conservar a vida em equilíbrio, por não possuir o atributo da inteligência, causa sérios danos ao organismo. **O organismo físico, sem a força vital, é incapaz de qualquer sensação ou atividade, não possuindo nem mesmo a capacidade de autoconservação, ocorrendo a morte e a decomposição.**

### **Força vital orgânica / União substancial e indissociável do corpo físico com o princípio vital**

Como vimos anteriormente, Hahnemann atribuía ao princípio vital a capacidade de unir e animar as partes do corpo humano através de ações automáticas, afastando-as da matéria inanimada. Deste modo, o corpo físico e o princípio vital são encarados como uma unidade substancial indissociável.

“[...] O que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um organismo tão admirável, o que as obriga a conduzir-se de um modo tão diretamente contrário à sua primitiva natureza física ou química, o que as anima e impele a tão surpreendentes ações automáticas, enfim, esta força fundamental não pode representar-se como um ser aparte”. (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 134)

A distinção entre princípio vital (*vitalidade*) e princípio inteligente ou espírito (*força intelectual*) é nítida desde o início de suas obras, permanecendo até a sexta edição do *Organon* como veremos adiante. Em *Valor dos Sistemas em Medicina*, Hahnemann diferencia nitidamente a unidade entre o corpo físico e a princípio vital (*vitalidade do corpo organizado*) do espírito racional que o dirige (*força intelectual que atua dentro dele*).

“Nenhum mortal conhece o *substratum* da vitalidade, ou a disposição íntima *a priori* do organismo vivo. Nenhum mortal pode aprofundar semelhante objeto, nem ainda sequer descobrir sua sombra [...]. Durante os dois mil anos em que os homens tem se ocupado de filosofia e medicina, não se deu o menor passo no conhecimento, *a priori*, da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele.” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 135)

Ao atribuir à alteração mórbida da força ou princípio vital a causa das doenças (*sensibilidades e funções vitais alteradas*), a qual promove mudanças nas “propriedades das partes materiais componentes do corpo”, Hahnemann fala-nos dos distúrbios na “unidade do corpo físico com a força vital” (*condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo*). Nas perturbações dinâmicas ou imateriais (*semelhante à espiritual*) encontramos as causas das doenças, que desarranjam os “órgãos de mais alta hierarquia e da força vital”. Ao imaginarmos os “órgãos da força vital”, pensamos numa réplica energética dos órgãos físicos, que acompanha toda a materialidade orgânica, assim

como a matéria nuclear do átomo (prótons, nêutrons, quarks, etc.) está envolta pela imaterialidade das camadas de elétrons e outras partículas menores (neutrino, muon, tau, etc.). À “atividade alterada (funções anormais) de cada órgão” relaciona o “desarranjo da força vital” e à “sensação alterada (inquietação, dores)” relaciona o “desarranjo dos órgãos de mais alta hierarquia”, que, como veremos a seguir, são análogos ao conceito de “órgãos psíquicos ou mentais” (mente).

“[...] doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais [...], uma condição alterada dinamicamente, um outro modo de ser, através do qual ocorre mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma consequência da condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo, em todo caso individual.[...] As causas excitantes das doenças agem, melhor dizendo, por meio de suas propriedades essenciais no estado de nossa vida (em nossa saúde), apenas de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual; e, sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem, a partir deste estado de desarranjo, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietação, dores) e atividade alterada (funções anormais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente.” (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, vol. 53, 1988, p. 66*)

Inferindo ao organismo vivo o poder automático e irracional de expelir um desarranjo dinâmico, correlaciona-o à unidade orgânico-vital. Aqui o termo “espiritual” assume a conotação de “dinâmico”, “imaterial”, como dito anteriormente, pois a energia do medicamento homeopático (semelhante ao desequilíbrio da força vital orgânica) nada tem de “espiritual”, no sentido de “espírito dotado de razão”. Dizendo que “algo parecido acontece na mente humana”, vemos um processo semelhante ocorrendo em outra instância do ser humano, diferente da unidade físico-vital.

“Tal ser que reage de um modo espiritual é nosso organismo vivo, o qual com seu poder automático expelle de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz nele uma outra afecção muito semelhante; ou, em outras palavras, considerando a unidade da vida, não pode sofrer ao mesmo tempo dois desarranjos gerais semelhantes, mas deve descartar a afecção dinâmica primária (doença), sempre que é atuado por um segundo poder dinâmico (medicamento) mais capaz de desarranjá-lo [...]. Algo parecido acontece na mente humana.” (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, vol. 53, 1988, p. 69*)

Hahnemann correlaciona diretamente o corpo físico com a força vital, dizendo que “meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo”. Une de forma clara e simples a força vital à constituição orgânica (união substancial e indissociável do corpo físico com o princípio vital).

“[...] Essa natureza, cujo auto-auxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, sendo meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo [...]. A força vital produz, repito, de acordo com as leis da constituição do organismo a que está sujeita”. (*Organon da Arte de Curar, Prefácio à Quarta Edição, GEHBM, 1984*)

Abordando a cura das doenças através dos medicamentos homeopáticos, explica que, “por si, este princípio vital - constituindo-se apenas numa força vital orgânica”, só está

destinado a preservar um corpo saudável, não conseguindo opor uma força maior ao inimigo mórbido invasor.

“[...] É a força vital orgânica do nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória. Na realidade, esta força não teria sido capaz de vencer sem tal auxílio, pois nossa força orgânica vital, considerada isoladamente, só é suficiente para manter o fluxo desimpedido da vida, enquanto o homem não é afetado de forma mórbida pelo funcionamento adverso de forças causadoras de doenças. [...] Por si, este princípio vital - constituindo-se apenas numa força vital orgânica destinada a preservar uma saúde não perturbada - opõe somente uma débil resistência ao inimigo mórbido invasor [...]. Esta força, para que não provoque danos a si própria, não é capaz, nem criada e nem destinada a resistência maior (overpowering).” (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume*, 1838; p. 28-29)

Na Introdução à sexta edição do *Organon da Arte de Curar*, Hahnemann refere-se inúmeras vezes à relação restrita da força vital com o corpo físico, dizendo estar “assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, apenas seguindo uma disposição física do nosso organismo” e não sendo capaz de atuar segundo “a razão, o raciocínio e a reflexão”.

“Ela (velha escola) somente estava seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises mórbidas agudas e moderadas, estava imitando apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexão e que, assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 40-1; IHFL)

“Entretanto, a força vital, capaz de atuar por si mesma, apenas seguindo uma disposição física de nosso organismo e não segundo o raciocínio e a reflexão”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 49; IHFL)

Chega a comparar os esforços insuficientes de autodefesa da força vital à alopatia, por atuarem “segundo uma disposição orgânica de nosso corpo e não segundo uma reflexão intelectual”.

“[...] Tal autodefesa da força vital, combatendo uma doença aguda apenas segundo uma disposição orgânica de nosso corpo e não segundo uma reflexão intelectual, é, na maior parte das vezes, uma espécie de alopatia [...]. Em uma palavra: todo processo de autodefesa do organismo, nas doenças que o afetam, mostra ao observador nada além de sofrimento, nada que ele possa ou deva imitar, a fim de exercer a verdadeira arte de cura.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 41, nota 18; IHFL)

No décimo parágrafo do *Organon da Arte de Curar*, deixa explícita a **unidade substancial do corpo físico com a força vital**, que é reforçada no décimo quinto parágrafo da mesma obra.

“O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação\* (\*Ele está morto e submetido apenas ao poder do mundo físico exterior, apodrecendo e se decompondo novamente em seus componentes químicos)”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 10; IHFL)

“O sofrimento da *Dynamis* (força vital) de tipo não material, animadora de nosso corpo, afetada morbidamente no interior invisível, e o conjunto dos sintomas exteriormente observáveis e por ela dispostos no organismo e representando o mal existente, constituem um todo, são uma única e mesma realidade. Sendo, porém, o organismo o instrumento material da vida, ele é tampouco concebível sem a animação pela *Dynamis* instintiva, sua sensora e regularizadora, tanto quanto a força vital sem o organismo; conseqüentemente, ambos constituem uma unidade, embora, em pensamento, nós a separemos em dois conceitos, a fim de facilitar sua compreensão.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 15; IHFL)

Este último parágrafo é citado erroneamente como exemplo do vitalismo hahnemanniano embasado no pensamento aristotélico-tomista, inferindo-se que o mesmo justifique o composto substancial entre o corpo físico e a alma, prerrogativa básica da concepção monista. **A unidade que aqui existe, assim como em toda a obra de Hahnemann, é do corpo físico com a força vital, instintiva, irracional, incapaz de agir segundo a razão e a reflexão (atributos estes do espírito ou princípio inteligente humano)**, ou ainda, se o preferirem, unidade do corpo físico com a *vis medicatrix naturae*. Adiantando-nos aos fatos, para Hahnemann, o Espírito humano possui identidade própria e se diferencia da unidade substancial formada pelo corpo físico com a força vital.

Citamos outros parágrafos do *Organon da Arte de Curar*, em que a mesma concepção orgânico-vital é transmitida, com o intuito de reforçar o pensamento de Hahnemann sobre o assunto em questão, cientes de estarmos sendo repetitivos.

“[...] esses esforços tão imperfeitos e, na maior parte das vezes, inadequados da força vital meramente instintiva e irracional que se incorporou em nosso organismo, a fim de, enquanto ele se encontra sadio, proporcionar à nossa vida um curso harmonioso”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 22, nota; IHFL)

“[...] Contudo, a afecção local nada mais é do que uma parte da doença geral, mas que, parcialmente aumentada pela força vital orgânica, foi transferida para um local (externo) menos perigoso do organismo, a fim de amenizar o padecimento interno.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 201; IHFL)

“[...] A influência dinâmica hostil sobre o princípio vital, constitui a essência destes sinais externos dos miasmas malignos internos, que só se pode extinguir pela ação de um medicamento homeopático sobre o princípio vital, afetando o mesmo de forma semelhante, porém mais forte, privando-o de tal modo da sensação interna e externa do inimigo mórbido de tipo não material, que já não mais existe para o princípio vital (para o organismo), libertando, assim, o doente de seu mal, curando-o.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 282, nota; IHFL)

## **Força vital imaterial, dinâmica, invisível, “espiritual”**

Ao iniciarmos este tópico, faz-se necessário alguns esclarecimentos que muito auxiliarão à compreensão futura.

Devido à discordância de alguns tradutores, justificável por diferenças existentes na língua alemã da época de Hahnemann com a dos dias atuais, associadas a traduções de

traduções em inúmeros idiomas, o termo “espiritual” pode assumir conotações diversas como veremos a seguir.

Segundo justificativa citada na criteriosa tradução do *Organon* pelo IHFL (1995)<sup>10</sup>, trabalho muito elogiado por colegas conhecedores da língua alemã, o termo “geistartig” não é usado no alemão atual: “Hahnemann usou-o com muita frequência, querendo dizer ‘de tipo não material’, para diferenciar a força vital do corpo, segundo a concepção de matéria que podia ter na época. O termo espiritual pode ter conotação religiosa, eclesiástica e outras, não sendo o mais adequado para o texto”.

É assim que Boericke, na sua versão para o inglês da sexta edição do *Organon da Arte de Curar*, traduziu os termos “geistartige” do parágrafo 9 e “geistartigen” do parágrafo 15, por “spiritual vital force” (força vital espiritual) e “spirit-like” (como espírito), respectivamente, quando o significado correto seria “força vital de tipo não material”. Querendo atribuir uma natureza “não material” à força vital, criou o termo “espiritual”, gerador de posteriores confusões doutrinárias.

Analisando o termo “espiritual” encontrado em algumas traduções, observamos que ele é utilizado com o significado de “não material” ou “imaterial”, segundo o contexto geral. Assim o é na referência abaixo, aonde se emprega o termo “espiritual” para designar uma propriedade do medicamento homeopático que, como já dissemos, em nada se relaciona às propriedades do Espírito humano inteligente, a não ser com a imponderabilidade do mesmo. Além disso, a analogia com a vitalidade instintiva e irracional descarta qualquer propriedade racional.

“Esta ação dinâmica dos medicamentos é quase inteiramente espiritual, como a mesma vitalidade, que se refaz sobre o organismo.” (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 78)

Discorrendo sobre a “vida humana”, Hahnemann diz que a substância material do organismo vivo, “em suas combinações vitais”, não segue as mesmas leis que regem as substâncias inanimadas, sendo reguladas por “leis peculiares à vitalidade”, que não estão sujeitas aos parâmetros da química e da física. O termo “espiritualmente dinâmica” do texto abaixo pertence à versão de Dudgeon, seguindo os mesmos erros de tradução citados anteriormente nos textos de Boericke.

“Os princípios pelos quais explicamos outras condições são inaplicáveis à explicação da vida humana - assim como à sua dupla condição: saúde e doença. [...] A vida humana não é de forma alguma regulada por leis puramente físicas, que prevalecem somente entre as substâncias inorgânicas. As substâncias materiais das quais se compõe nosso organismo já não seguem, em suas combinações vitais, as leis às quais se submetem as substâncias na sua condição inanimada; elas são reguladas pelas leis peculiares tão somente à vitalidade, elas são animadas e vitalizadas assim como o sistema como um todo é animado e vitalizado. Neste domínio reina onipotente um poder fundamental e sem nome, o qual abole toda a tendência que têm as partes do corpo a obedecer às leis da gravitação, do momento, da *vis inertiae* (força da inércia), da fermentação, da putrefação, etc., e as mantém na condição de sensibilidade e atividade necessária à preservação do ser vivo como um todo, uma condição

---

<sup>10</sup> Hahnemann, Samuel. *Organon der Heilkunst*. *Organon da Arte de Curar*. Tradução da 6ª ed. alemã por Edméa Marturano Villela e Izaio Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abraão Brickmann, IHFL, 1995.



quase espiritualmente dinâmica.” (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, vol. 53, 1988, p. 65-6*)

A doença consiste numa alteração das sensibilidades e funções vitais, sem qualquer “consideração química ou mecânica”, causada por influências morbíficas “invisíveis e imateriais, dinâmicas, como espirituais, que desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital”, causando “sensação alterada (inquietação, dores) e atividade alterada (funções anormais)” dos órgãos físicos, com “alteração dos fluidos em nossos vasos e produção de secreções anormais”.

“Então, como a condição do organismo e sua saúde depende somente da saúde da vida que o anima, da mesma forma conclui-se que a saúde alterada, que denominamos doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica; em resumo, deve constituir-se em uma condição alterada dinamicamente, outro modo de ser, através do qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma consequência da condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo em todo caso individual. Além disso, a influência dos agentes morbíficos nocivos, [...] é geralmente tão invisível e tão imaterial, que é impossível que possa mecanicamente causar distúrbio ou desarranjar as partes componentes de nosso corpo, em sua forma e substância, [...]. As causas excitantes das doenças agem [...], apenas de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual; e, sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem a partir desse estado de desarranjo, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietação, dores) e atividade alterada (funções anormais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente. Assim, deve ocorrer necessariamente, como consequência, a alteração dos fluidos em nossos vasos e produção de secreções anormais - a inevitável consequência do caráter vital alterado, que agora difere do estado de saúde. (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, vol. 53, 1988, p. 66*)

Sendo as doenças alterações dinâmicas e imateriais do princípio vital orgânico que se refletem no físico através de um conjunto de sintomas, “sensações e funções alteradas, nada a não ser o estado do corpo doente, plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção, pode ser reconhecível como o objeto a ser curado”. Mais uma vez, as “sensações e funções alteradas” são exemplificadas como sintomas observáveis pelos nossos sentidos físicos.

“Por isso, é óbvio que as doenças desencadeadas pela influência dos agentes morbíficos podem ser originalmente apenas desarranjos dinâmicos (causados quase apenas por um processo espiritual) do caráter vital de nosso organismo. Prontamente percebemos que estes desarranjos dinâmicos do caráter vital de nosso organismo, que nós chamamos doenças, uma vez que eles são nada mais que sensações e funções alteradas, podem também expressar a si mesmos por nada mais a não ser um conjunto de sintomas, e apenas assim eles são reconhecíveis aos nossos recursos de observação. Bem, em uma profissão de tal importância para a vida humana como é a medicina, nada, a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção, pode ser reconhecível como o objeto a ser curado, e deve guiar nossos passos (escolher conjecturas e hipóteses indemonstráveis como nosso guia, poderia ser uma tolice perigosa e de mais a mais um crime e traição contra a humanidade)”. (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia, vol. 53, 1988, p. 66*)

De forma semelhante, os medicamentos homeopáticos curam as doenças através do mesmo poder dinâmico (imaterial, “como espiritual”) de alterar o caráter vital, dinâmico (automático, imaterial, “de um modo espiritual”) de nosso organismo.

“Estas substâncias ativas e poderes (medicamentos) que temos a nosso serviço, efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado atual de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções”. (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia*, vol. 53, 1988, p. 66)

“Tal ser que reage de um modo espiritual é nosso organismo vivo, o qual com seu poder automático expelle de si mesmo um desarranjo mais fraco (doença) sempre que o poder mais forte do medicamento homeopático produz nele uma outra afecção muito semelhante; [...] logo, apenas a menor dose dele é necessária e útil para a cura, isto é, para alterar o organismo doente em direção à doença medicamentosa semelhante; e uma dose maior não é necessária para este propósito, porque o poder espiritual do medicamento nestas circunstâncias não atinge seu objetivo por meio de quantidade, mas por potencialidade e qualidade (aptidão dinâmica, homeopaticidade)”. (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia*, vol. 53, 1988, p. 69)

Novamente, encontramos o termo “espiritual” sendo utilizado para designar a energia dinâmica, invisível e imaterial dos medicamentos homeopáticos, **não sendo admissível a natureza inteligente e racional do significado metafísico.**

“[...] Vejam só! O poder dinâmico e espiritual de alterar a saúde do homem, poder recôndito no íntimo invisível dos medicamentos e nunca manifesto pura e verdadeiramente senão pelos seus efeitos no homem são”. (*Organon da Arte de Curar, Prefácio à Segunda Edição, 1818*)

Do mesmo modo, para adjetivar o princípio vital imaterial, automático, instintivo e incapaz de qualquer atividade racional e reflexiva. O termo correto seria, como dissemos no início deste capítulo, “não material”.

“O fundo ou essência fundamental deste princípio vital espiritual, conferido a nós homens pelo Criador infinitamente misericordioso, é incrivelmente grande, se nós médicos entendermos de que modo manter sua integridade nos períodos de saúde, encaminhando os homens para um modo de vida saudável, e de que modo invocá-lo e intensificá-lo na doença, através de um tratamento puramente homeopático.” (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume, 1838*)

Enfatizando o raciocínio anterior, como imaginar a atuação “espiritual” (inteligente) de uma dinamização homeopática sobre a nossa fibra irritável e sensível, se sabemos que, sob a influência da mesma, nosso princípio vital reage de forma automática, irracional e instintiva?

“Dinamizações homeopáticas são processos pelos quais são despertadas as propriedades medicinais, latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual em nossa vida, i.é., sobre nossa fibra irritável e sensível.” (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quinto Volume, 1839*)

O miasma da Psora, como uma manifestação “meio-imaterial”, atua como um parasita na constituição “meio-física” e “meio-dinâmica” (imaterial) da unidade orgânico-vital humana.

“Daí parece ter decorrido que este miasma meio-espíritual (Psora), o qual como uma parasita busca enraizar sua vida hostil no organismo humano e a continuar ali sua existência [...]” (*Doenças Crônicas*, 1828; *Os Medicamentos*, p. 179)

Nos parágrafos a seguir, encontramos duas denominações para a “força não material (dinâmica) que anima o corpo físico”: **“força vital”, para designar a energia ou a força em si mesma, e “princípio vital” ou “dynamis”, para designar uma unidade desta força que envolve todo o organismo, como um “ser imaterial” (como se fosse um “corpo vital”)**.

“[...] Ela pode facilmente convencer a todos que têm capacidade de reflexão que as doenças dos Homens não repousam sobre qualquer substância, qualquer acridade, isto é, qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não materiais (dinâmicas) da força não material que anima o corpo humano (o princípio vital, a força vital).” (*Organon da Arte de Curar*, Prefácio à 6ª ed.; p.21; IHFL)

“[...] Mesmo quando o menor estilhaço atinge nossas partes sensíveis, o princípio vital, onipresente em nosso corpo, não descansa até novamente desalojá-lo por meio da dor, febre, supuração ou gangrena.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 34; IHFL)

“No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (Organismo) como *Dynamis*, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 9; IHFL)

“O organismo material, pensado sem a força vital, não é capaz de qualquer sensação, qualquer atividade, nem de autoconservação; somente o ser imaterial (princípio vital, força vital), que anima o organismo no estado saudável ou doente, lhe confere toda sensação e estimula suas funções vitais.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 10; IHFL)

“Somente a força vital morbidamente afetada produz as doenças, de modo que ela se exprime no fenômeno mórbido perceptível aos nossos sentidos, simultaneamente a toda alteração interna, isto é, a toda distonia mórbida da *Dynamis* interna, revelando toda a doença.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 12; IHFL)

“[...] como algo separado do conjunto vivo do organismo e da *Dynamis* que o anima, internamente oculta”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 13; IHFL)

“[...] a fim de, com esse procedimento reanimar o princípio vital, de modo que a reação deste restabeleça o tônus dos músculos e dos vasos sanguíneos e linfáticos.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 290; IHFL)

Assim como outros autores, Entralgo atribui ao termo “*dynamis*” a conotação de “a atividade e a virtualidade próprias da *physis* ou «natureza particular»”, ou seja, o conjunto de qualidades, propriedades e manifestações da força vital.

“[...] Os mais diversos autores do *C.H.* coincidem em empregar a palavra *dynamis* num sentido «fisiológico»; usando-a, todos se entendem tecnicamente entre si e todos aludem à atividade e à virtualidade própria da *physis* ou «natureza particular» - um alimento, um fármaco ou uma víscera – a que ela constitutivamente pertence. Diferem, isso sim, no modo de conceber o que a *dynamis* realmente seja: conjunto de qualidades operativas, intensidade da operação destas ou princípio material especificamente ativo.[...]” (*La Medicina Hipocrática*, Entralgo, cap. II, § II, p. 79)

Explicando a “influência dinâmica e a força dinâmica”, caracterizando “tais efeitos de **dinâmicos, virtuais**”, fica clara a concepção hahnemanniana de oposição ao que é “material e mecânico”, comparando-os à força de um ímã que atrai um pedaço de ferro, como uma força invisível que dispensa qualquer meio material para atuar: “uma força pura, imaterial, invisível, de tipo incorpóreo”.

“Quando o homem adoece é somente porque, originalmente, esta força de tipo não material presente em todo o organismo, esta força vital de atividade própria (princípio vital) foi afetada através da influência dinâmica\* de um agente morbífico, hostil à vida; [...] (\*O que é influência dinâmica, força dinâmica? [...] Somente o Homem culto, afeito à comparação e à abstração, tem capacidade para formar uma espécie de ideia transcendental que baste para manter longe de seus pensamentos tudo o que é material e mecânico na concepção de tais conceitos; ele chama tais efeitos de **dinâmicos, virtuais**, isto é, efeitos que resultam de um poder e ação absolutos, específicos, puros de uma substância sobre a outra. Assim, por ex., a ação dinâmica das influências morbíficas no Homem sadio, bem como a força **dinâmica** dos medicamentos sobre o princípio vital, a fim de tornar o Homem novamente sadio, nada mais é do que contágio, não sendo absolutamente material nem absolutamente mecânica, assemelhando-se à força de um ímã quando atrai poderosamente um pedaço de ferro ou aço que esteja próximo. [...] Essa força invisível dispensa qualquer meio auxiliar mecânico (material), qualquer gancho ou alavanca, para atrair o ferro; ela o atrai e age sobre ele ou sobre uma agulha de aço por meio de uma força pura, imaterial, invisível, de tipo incorpórea, própria, isto é, comunicando **dinamicamente** à agulha de aço a força magnética de maneira igualmente invisível, dinâmica).” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 11, nota; IHFL)

Analisando os textos acima, clara está a noção de uma força imaterial, incorpórea, invisível, **sem qualquer ligação com o modelo materialista-mecanicista**, reagindo com forças semelhantes, seja no contágio morboso, seja na atuação das potências medicamentosas. O termo “espiritual”, conforme observamos, demonstra a **imaterialidade** em questão, não denotando qualquer sentido metafísico nas referidas citações.

## **Força vital, magnetismo, mesmerismo e outras potências medicinais dinâmicas**

Desde o início de seus escritos, Hahnemann, como observador isento de preconceitos, admite a atuação de outras forças no corpo enfermo. Cita como tal “a força heróica do magnetismo animal, influência imaterial de um corpo humano vivo sobre outro”, comparando sua atuação às doses mínimas dos medicamentos homeopáticos. O mesmo ocorrendo com a “aplicação de uma barra de ferro imantada e do contato com outros metais”.

“A sensibilidade de um corpo muito enfermo para as estimulações medicinais está elevada em muitos casos a tal ponto, que se vê que atuam sobre este corpo, e que começam a excitá-lo, potências cuja existência quase chegamos a negar porque não produzem nenhum efeito sobre o homem são, nem em algumas enfermidades que não têm relação com elas. Citarei aqui, como exemplo, a força heróica do magnetismo animal, desta influência imaterial de um corpo humano vivo sobre outro, que se exerce em certos modos de contato ou quase-contato, e produz uma excitação tão enérgica sobre as pessoas em que uma constituição delicada e uma grande sensibilidade tornam-nas muito dispostas, tanto às emoções vivas quanto aos movimentos que resultam de uma irritabilidade muscular muito desenvolvida. Esta força animal não se mostra em nada entre pessoas robustas e sãs, não porque não exista, senão

porque é muito mais débil para poder ou dever manifestar-se entre pessoas sãs, enquanto que muitas vezes atua com demasiada intensidade nos estados morbosos da sensibilidade e da irritabilidade, como igualmente o fazem doses mínimas de outros medicamentos curativos num sujeito muito enfermo. O mesmo ocorre com a aplicação de uma barra de ferro imantada e do contato com outros metais, cujos efeitos medicinais são absolutamente insensíveis no corpo dotado de saúde.” (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 76-7)

Na sequência, fala da “potência medicinal do calor e do frio”, com a diferença de não ser “tão exclusivamente dinâmica como a de outros medicamentos”, devendo ser usada em grande intensidade para que promova um efeito rápido. Juntamente com a eletricidade, o magnetismo animal, a ação das barras imantadas e o contato com metais, pertencem “à categoria das excitações medicinais mais difusíveis”, não sendo detidas pela epiderme.

“Só a potência medicinal do calor e do frio parece que não é tão exclusivamente dinâmica como a de outros medicamentos. Quando se empregam estes dois agentes como remédios positivos, a menor dose possível não basta para produzir efeito. É preciso que os dois sejam usados em altas doses, ou seja, que tenham uma grande intensidade, se se quer que sua ação saudável ocorra rapidamente. [...] O calor e o frio pertencem, com a eletricidade, à categoria das excitações medicinais dinâmicas mais difusíveis. A epiderme não pode nem diminuir nem deter sua ação, provavelmente porque esta membrana lhes serve em certo modo de condutor e de veículo. O mesmo sucede, sem dúvida, a respeito do magnetismo animal, da ação medicinal das barras imantadas, e em geral da potência exercida pela aplicação dos metais no exterior. O galvanismo parece que penetra com um pouco menos de facilidade através da epiderme.” (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 81-2)

Em *Doenças Crônicas*, Hahnemann ensina o “toque mesmérico calmante” para aliviar processos intensos de irritação após a administração seguida e sem critério de vários remédios antipsóricos, nos quais “medicamento algum atua ou demonstra seus efeitos”, podendo até agravar o quadro em questão.

“Depois o paciente entra naturalmente num tal estado de irritação que, como dizemos, medicamento algum atua ou demonstra seus efeitos e de tal modo que o poder de resposta no paciente corre perigo de acender bruscamente e expirar à menor dose subsequente de medicamento. Num caso assim, não há qualquer benefício adicional a ser extraído do medicamento, mas pode mostrar-se útil um toque mesmérico calmante efetuado desde o alto da cabeça (onde ambas as mãos espalmadas deverão repousar durante um minuto aproximadamente) e lentamente deslizando para baixo sobre o corpo, passando pela garganta, ombros, braços, mãos, joelhos e pernas, até chegar nos pés e artelhos. Isto pode ser repetido se necessário.” (*Doenças Crônicas*, 1828; *Miasmas*, p. 164)

Ao discorrer sobre a atuação das “forças dinâmicas do magneto mineral, da eletricidade e do galvanismo sobre nosso princípio vital”, refere serem estas tão poderosas e homeopáticas como os próprios medicamentos: “Porém, o modo seguro de emprego das duas últimas, assim como a da chamada eletromagnética, ainda permanece demasiadamente obscuro, para fazer delas uso homeopático”.

“A força dinâmica do magneto mineral, da eletricidade e do galvanismo não age menos poderosamente sobre nosso princípio vital e não é menos homeopática do que os medicamentos propriamente ditos, os quais suprimem doenças mediante sua ingestão, fricção na pele ou inalação, havendo doenças, especialmente as que se relacionam à

sensibilidade e irritabilidade, aos desvios da sensação e aos movimentos musculares involuntários, que podem ser curadas por ela. Porém, o modo seguro de emprego das duas últimas, assim como a da chamada eletromagnética, ainda permanece demasiadamente obscuro, para fazer delas uso homeopático. Quando muito, empregou-se até agora a eletricidade e o galvanismo somente de modo paliativo, para grande prejuízo dos doentes. Os efeitos positivos e puros de ambos no corpo humano sadio foram, até hoje, ainda pouco testados.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 287; IHFL)

Nos parágrafos 288 e 289 do *Organon da Arte de Curar*, discorre detalhadamente sobre o **magnetismo animal** ou **mesmerismo**, dizendo diferir “da natureza de todos os outros medicamentos”. Caracteriza-o como uma força curativa, muito negada e difamada, “esse maravilhoso e inestimável presente com que Deus agraciou o Homem”, em que “a força vital do mesmerizador sadio afluí dinamicamente para o indivíduo doente”, **substituindo** no doente “a força vital deficiente em vários pontos de seu organismo”, ou **dispersando** a força vital acumulada em demasia, responsável por inúmeros padecimentos nervosos. Com este *passé magnético* operado por **magnetizadores animais dotados de grande força natural, que são poucos entre os Homens**, são operados, “por vezes, aparentes milagres”. Fala da importância do controle do desejo sexual nestas pessoas, pois desta forma, “a grande qualidade de fluidos vitais sutis, que em todos os Homens está pronta a ser empregada na formação do esperma”, pode ser transmitida aos doentes através do poderoso contato.

“Nesse ponto, acho ainda necessário fazer menção ao chamado **magnetismo animal**, ou melhor, **mesmerismo** (como deveria ser chamado, graças a **Mesmer**, seu fundador), que difere da natureza de todos os outros medicamentos. Essa força curativa, muitas vezes intensamente negada e difamada ao longo de um século inteiro, esse maravilhoso e inestimável presente com que Deus agraciou o Homem, mediante o qual, através da poderosa vontade de uma pessoa bem intencionada sobre um doente, por contato, ou mesmo sem ele e mesmo a certa distância, a força vital do mesmerizador sadio, dotado com essa força, afluí dinamicamente para outro indivíduo, agindo de diversas maneiras: enquanto substitui no doente a força vital deficiente em vários pontos de seu organismo, em outros, onde a força vital se acumulou em demasia, causando e mantendo indescritíveis padecimentos nervosos, desvia-a, suavizando-a, distribuindo-a equitativamente, extinguindo principalmente o distúrbio mórbido do princípio vital do doente e substituindo pela força vital normal do mesmerizador que age poderosamente sobre ele, por ex., velhas úlceras, amaurose, paralisias parciais, etc. Muitas curas rápidas aparentes realizadas por magnetizadores animais de todos os tempos, dotados de grande força natural, pertencem a essa categoria. Mas a ação da força humana comunicada a todo o organismo se evidencia de modo mais brilhante na reanimação de algumas pessoas que permaneceram algum tempo em morte aparente, mediante a vontade muito poderosa e muito acolhedora de um indivíduo em pleno gozo de sua força vital\*, um tipo de reanimação do qual a história aponta vários exemplos. Se o mesmerista de um outro sexo é capaz, ao mesmo tempo, de um benévolo entusiasmo (mesmo degenerando na beatice, fanatismo, misticismo ou sentimentalismo altruísta), então, ele estará ainda mais em condições, mediante essa conduta filantrópica e abnegada, de, não somente dirigir a força de sua bondade predominante exclusivamente ao objeto carente de sua ajuda, mas também como que ali concentrá-la, assim operando, por vezes, aparentes milagres. (\*Especialmente uma dessas pessoas que são poucas entre os Homens e que, além de uma grande bondade e perfeita força física, **possui o desejo sexual muito moderado ou nulo** e nas quais, portanto, a grande qualidade de fluidos vitais sutis, que em todos os Homens está pronta a ser empregada na formação do esperma, está prestes a transmitir-se a outras pessoas, através do poderoso contato. Conheci alguns magnetizadores com grande poder que possuíam **todas** essas características peculiares.)” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 288; IHFL)

Ensinando detalhadamente a prática do mesmerismo, mostra a admiração que possuía pelo método em questão. Divide o **mesmerismo** em **positivo** e **negativo**, ocorrendo no primeiro tipo “um afluxo dinâmico de maior ou menor força vital ao paciente”, enquanto no segundo temos uma ação contrária, ocorrendo uma “descarga da força vital acumulada em excesso, em partes isoladas do organismo de pessoas não debilitadas”. Exemplifica com minúcias a forma de aplicação do “mesmerismo negativo”, com exemplos práticos de curas, alertando para o perigo da utilização do “mesmerismo positivo”, quando utilizado de forma abusiva e reprovável, em indivíduos de “nervos débeis”, para despertar o “sonambulismo e a clarividência” (faculdades mediúnicas). Diz ser o “tecido de seda” um isolante da força vital, reforçando a ideia desta possuir uma natureza imaterial semelhante a outras formas de energias conhecidas, as quais são isoladas igualmente pela seda.

“Todos os tipos mencionados de prática do mesmerismo baseiam-se num afluxo dinâmico de maior ou menor força vital ao paciente, sendo conhecidos, por isso, como mesmerismo positivo\*. Contudo, uma prática oposta do mesmerismo merece ser chamada de **mesmerismo negativo**, pois age de modo contrário. A essa categoria pertencem os passes que são empregados para despertar do sono sonambúlico, bem como todos os processos manuais que foram catalogados sob o nome de **acalmar** e **ventilar**. Essa **descarga**, através do mesmerismo negativo da força vital acumulada em excesso, em partes isoladas do organismo de pessoas não debilitadas, se faz de modo mais certo e mais simples, efetuando-se um movimento rápido do alto da cabeça até a ponta dos pés com a palma da mão direita estendida paralelamente a uma distância de cerca de uma polegada do corpo\*\*. Quanto mais rápido for esse passe, tanto mais forte será a descarga. Assim, por ex., por ocasião da morte aparente de uma senhora, até então sadia, ocasionada pela suspensão repentina da menstruação, em virtude de um intenso abalo psíquico, a força vital acumulada provavelmente na região precordial, através de tais passes negativos rápidos, é descarregada e retoma o equilíbrio em todo o organismo, reanimando-se imediatamente. (\*Apresso-me em lembrar aqui, que quando me referi à força curativa segura e enérgica do mesmerismo positivo, não me reportava ao seu abuso altamente reprovável em que, mediante passes desta espécie, repetidos a cada meia hora, de hora em hora ou mesmo diariamente, produz-se, em doentes de nervos débeis, esse monstruoso transtorno da personalidade humana que se chama sonambulismo e clarividência, no qual o Homem, subtraído do mundo dos sentidos, parece pertencer mais ao mundo dos espíritos - um estado profundamente antinatural e perigoso, por meio do qual muitas vezes se tentou, em vão, curar doenças crônicas. \*\*Que a uma pessoa a ser magnetizada positiva ou negativamente não é permitido absolutamente vestir seda em qualquer parte do corpo é uma regra já conhecida; menos conhecido, entretanto, é o fato de que, se o próprio mesmerizador estiver sobre um tecido de seda, poderá transmitir sua força vital ao doente de modo mais completo do que se mantiver seus pés apenas no chão.)” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 289; IHFL)

Associa o efeito benéfico da “massagem”, reanimando o princípio vital em indivíduos debilitados, ao “mesmerismo positivo”.

“A essa categoria pertence também, em parte, a chamada massagem feita por uma pessoa vigorosa e benévola em um indivíduo que foi doente crônico, que, embora curado, encontra-se em lenta convalescença, sofrendo ainda de enfraquecimento, digestão débil e insônia. Ele segura separadamente os músculos dos membros do doente, peito e costas, comprimindo-os e, como que batendo moderadamente, a fim de com esse procedimento reanimar o princípio vital, de modo que a reação deste restabeleça o tônus dos músculos e dos vasos sanguíneos e linfáticos. A influência mesmérica é, naturalmente, elemento principal nesse procedimento, de que não se deve abusar em pacientes ainda portadores de um psiquismo sensível.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 290; IHFL)

Diz serem os “banhos de água pura meios de auxílio homeopaticamente úteis” na convalescença de enfermos, “não constituindo, por si mesmos, verdadeiros medicamentos”. Conforme a temperatura dos mesmos, atuam homeopaticamente, sendo os banhos mornos utilizados para descarregar a “irritabilidade nervosa (força vital) acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, e os banhos frios, na convalescença de pessoas com calor vital deficiente, mediante imersões instantâneas e repetidas, como restauração paliativa do tônus da fibra exaurida”.

“Os banhos de água pura se prestam, em parte como paliativos, em parte como meios de auxílio homeopaticamente úteis na restauração da saúde em males agudos, bem como na convalescença de doentes crônicos recém-curados, devendo-se levar em conta a condição dos convalescentes e a temperatura dos banhos, a duração e a repetição dos mesmos. Eles proporcionam, contudo, ainda quando bem aplicados, apenas mudanças físicas benéficas no organismo doente, não constituindo, por si mesmos, verdadeiros medicamentos. Os banhos mornos de 25° até 27°R servem para despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo entorpecimento da sensação nervosa num morto aparente (afogamento, congelamento, asfixia). Embora apenas paliativos mostram-se, muitas vezes, amplamente eficazes, principalmente quando associados à administração de café e fricções, podendo prestar ajuda homeopática em casos em que a irritabilidade nervosa está distribuída e acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, como em certos casos de espasmos histéricos e convulsões infantis. Do mesmo modo, agem homeopaticamente os banhos frios de 10° a 6°R na convalescença de pessoas com calor vital deficiente curadas de doenças crônicas por medicamentos, mediante imersões **instantâneas** e **repetidas** após, com mais frequência, como restauração paliativa do tônus da fibra exaurida. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 291; IHFL)

Neste capítulo, vimos a importância que Hahnemann dava ao magnetismo animal ou mesmerismo, chegando a comparar sua atuação com a dos medicamentos homeopáticos, apesar de agirem de um modo diferente destes. Atuando de forma contrária ao desequilíbrio vital, no mesmerismo positivo ocorre um afluxo de força vital do mesmerizador para o doente carente da mesma, aumentando com isto o seu tônus vital deficiente, e no mesmerismo negativo, temos uma descarga da energia vital acumulada em excesso em determinadas partes do organismo.

Reiterando a ideia de uma **força vital com semelhanças a outras formas de energia atualmente conhecidas pela Física, e não com características extremamente sutis como deveria ser no caso de pensarmos em algo “espiritual” (no sentido metafísico do termo)**, Hahnemann tece comparações da mesma com o magnetismo, a eletricidade, o eletromagnetismo, o galvanismo, etc. O mesmo se aplica ao pensarmos numa força vital que se difunde do mesmerizador para o doente, passando de um para o outro, e sendo contida por substâncias isolantes. Jamais poderíamos aplicar isto ao Espírito inteligente que em nós reside.

## Força vital e enfermidade

Segundo Hahnemann, “jamais nos será permitido ver as mudanças interiores (invisíveis) que são a base ou a origem das enfermidades”, podendo-se conhecê-las, somente, através dos sintomas exteriores, únicos necessários para se efetivar a cura deste desequilíbrio sutil.



“Os médicos perderam dois mil anos em investigar as mudanças invisíveis que o interior do corpo sofre nas enfermidades, a causa primária destas e sua essência íntima, porque acreditavam que não podiam curá-las sem ter estes conhecimentos que é impossível adquirir. [...] Se jamais nos será permitido ver as mudanças interiores do corpo que são a base ou a origem das enfermidades, o conhecimento das causas exteriores que produziram estas últimas tem alguma utilidade. [...] A essência íntima de cada enfermidade, de cada caso morboso em separado, se manifesta, em tanto quanto necessitamos conhecê-la para curá-la, por meio de sintomas, cujo conjunto, intensidade individual, conexões e sucessão estuda o verdadeiro observador.” (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 48-52)

Estando a origem da maioria das enfermidades numa “causa imaterial e dinâmica”, é esta que irá desarranjar o equilíbrio imaterial e dinâmico da força vital.

“[...] As enfermidades podem dividir-se em duas classes, sob o ponto de vista prático: em enfermidades que dependem de uma causa visível, material, e em aquelas cuja causa é imaterial, dinâmica. [...] O que deve ocupar-nos, neste caso, é a cura das enfermidades da segunda classe, que compreende a inumerável multidão de outras afecções que se chamam mais particularmente enfermidades agudas, semi-agudas e crônicas, com todas as incomodidades e indisposições que dependem de uma causa imaterial e dinâmica.” (*Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades*, 1809; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 164-5)

A alteração da saúde, chamada de doença, “consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica, através do qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo”, expressando-se por sintomas manifestos externamente.

“Então, como a condição do organismo e sua saúde depende somente da saúde da vida que o anima, da mesma forma conclui-se que a saúde alterada, que denominamos doença, consiste em uma condição alterada originalmente apenas nas suas sensibilidades e funções vitais, independente de toda consideração química ou mecânica; em resumo, deve constituir-se em uma condição alterada dinamicamente, um outro modo de ser, através do qual ocorre uma mudança nas propriedades das partes materiais componentes do corpo, que é uma consequência da condição morbidamente alterada do ser vivo como um todo em todo caso individual.[...] Prontamente percebemos que estes desarranjos dinâmicos do caráter vital de nosso organismo, que nós chamamos doenças, uma vez que são nada mais que sensações e funções alteradas, podem também expressar a si mesmos por nada mais a não ser um conjunto de sintomas, e apenas assim eles são reconhecíveis aos nossos recursos de observação.” (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, vol. 53, 1988, p. 66)

Nenhuma doença humana “repousa sobre qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não materiais (dinâmicas) da força não material que anima o corpo humano”.

“[...] Ela pode facilmente convencer a todos que têm capacidade de reflexão que as doenças dos Homens não repousam sobre qualquer substância, qualquer acridade, isto é, qualquer matéria mórbida, mas são unicamente perturbações não materiais (dinâmicas) da força não material que anima o corpo humano (o princípio vital, a força vital).” (*Organon da Arte de Curar*, Prefácio à 6ª ed.; p. 21; IHFL)

“[...] Visto, pois, que sendo a maioria, a grande maioria mesmo das doenças, de origem dinâmica (não material) e de natureza dinâmica (não material) e sua causa também não podendo ser reconhecível materialmente [...]” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 24-5; IHFL)

“[...] desfazer-se dessa ideia material e reconhecer a natureza físico-mental do organismo como uma essência tão altamente potencializada que as modificações vitais nas sensações e funções, as quais são chamadas de doenças, pudessem principal e quase que exclusivamente ser causadas e provocadas através de uma influência dinâmica (não material).” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 27; IHFL)

“[...] as doenças não podem, para agradar àquelas tolas hipóteses alicerçadas sobre o nada, deixar de constituir **desarranjos dinâmicos** (não materiais) **de nossa vida de tipo não material nas sensações e funções, isto é, desarranjos imateriais de nosso estado de saúde**. As causas de nossas doenças não podem ser materiais, pois uma mera substância material estranha introduzida nos vasos sanguíneos, embora nos pareça inofensiva, é imediatamente repelida pela força vital como um veneno, ou, quando isso não ocorre, sobrevêm a morte. Mesmo quando o menor estilhaço atinge nossas partes sensíveis, o princípio vital, onipresente em nosso corpo, não descansa até novamente desalojá-lo por meio da dor, febre, supuração ou gangrena.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 33; IHFL)

O distúrbio interior da força vital manifesta-se, exteriormente, através da **totalidade dos sintomas**, estando nesta individualidade totalizante o principal substrato para fundamentarmos a escolha do medicamento adequado.

“[...] - desse modo, a totalidade destes seus sintomas, **este quadro do ser interior da doença que se reflete no exterior, isto é, do padecimento da força vital**, deve ser o principal ou o único através do qual a doença dá a conhecer o meio de cura de que ela necessita, o único que pode determinar a escolha do meio de auxílio adequado - em suma, a totalidade dos sintomas deve ser, para o artista da cura, senão a coisa principal, a única que ele, em cada caso de doença, precisa conhecer e **afastar** através de sua arte, a fim de que a doença seja curada e transformada em saúde.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 7; IHFL)

Toda doença, segundo Hahnemann, ocorre porque a força vital, de caráter dinâmico, imaterial, “presente em todo o organismo”, foi afetada por uma influência dinâmica, imaterial, morbífica.

“Quando o Homem adoecer é somente porque, originalmente, esta força de tipo não material presente em todo o organismo, esta força vital de atividade própria (princípio vital) foi afetada através da influência dinâmica de um agente morbífico, hostil à vida; somente o princípio vital afetado em tal anormalidade pode conferir ao organismo as sensações adversas, levando-o, assim, a funções irregulares a que damos o nome de doença, pois este ser dinâmico, invisível por si mesmo e somente reconhecível nos seus efeitos no organismo, fornece sua distonia mórbida somente através da manifestação da doença nas sensações e funções [...]” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 11; IHFL)

“Somente a força vital morbidamente afetada produz as doenças, de modo que ela se exprime no fenômeno mórbido perceptível aos nossos sentidos, simultaneamente a toda alteração interna, isto é, a toda distonia mórbida da *Dynamis* interna, revelando toda a doença.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 12; IHFL)

“Por conseguinte, a doença (que não compete ao processo mecânico da cirurgia) não ocorre de forma alguma segundo consideram os alopatas: como algo separado do conjunto vivo do organismo e da *Dynamis* que o anima, internamente oculta”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 13; IHFL)

“O sofrimento da *Dynamis* de tipo não material (força vital), animadora de nosso corpo, afetada morbidamente no interior invisível, e o conjunto dos sintomas exteriormente observáveis e por ela dispostos no organismo e representando o mal existente, constituem um todo, são uma única e mesma realidade.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 15; IHFL)

No parágrafo abaixo, temos a ideia hahnemanniana da transmissão das doenças, em que “um poder hostil, de tipo não material, **como uma espécie de contágio**, perturba, em seu domínio instintivo, o princípio vital de tipo não material reinante em todo o organismo, torturando-o como um espírito maligno”.

“A doença natural nunca deve ser considerada como **matéria** nociva situada em um ponto qualquer interno ou externo do indivíduo, mas como algo produzido por um poder hostil, de tipo não material que, como uma espécie de contágio perturba, em seu domínio instintivo, o princípio vital de tipo não material reinante em todo o organismo e, como um espírito maligno, tortura-o, compelindo-o a produzir certos padecimentos e desordens no curso da vida, aos quais se dá o nome de doenças (sintomas).” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 148; IHFL)

Nada de material deve ser removido do corpo como agente causador de doenças, agravando o quadro do doente se isto for feito.

“Visto que as doenças, de um modo geral, são apenas ataques dinâmicos sobre o princípio vital, não estando em sua base qualquer princípio material, qualquer *materia peccans* [...], não há também, nestes casos, nada material a remover, nada a retirar, cauterizar, nada a ligar ou cortar, sem fazer com que o doente se torne cada vez mais doente e mais difícil de curar, do que ele era antes de serem tocadas as manifestações exteriores destes três grandes miasmas.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 282, nota; IHFL)

Assim sendo, **toda doença natural ocorre pela perturbação da força vital imaterial que anima o corpo físico, através de influências dinâmicas morbosas de mesmo caráter**. Para Hahnemann, deveria existir “uma espécie de contágio imaterial” para que isto ocorresse, ficando clara esta concepção ao explicar como os miasmas tomam conta do organismo vivo através das terminações nervosas, conforme veremos adiante. **Esta distonia vital manifesta-se aos nossos sentidos através da totalidade sintomática, objetivo a ser perseguido por todo homeopata que busque a verdadeira cura das enfermidades**.

## Força vital e cura

A ação dinâmica e imaterial dos medicamentos era uma certeza que Hahnemann tinha desde o início de sua prática homeopática.

“Esta ação dinâmica dos medicamentos é quase inteiramente espiritual, como a própria vitalidade, que se refaz sobre o organismo.” (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 78)

A “energia positiva e pura” dos medicamentos, que atua sobre o corpo doente restabelecendo o equilíbrio perdido, se expressa nas “modificações e sensações que produzam no organismo do homem são (sintomas morbosos)”.

“Tu deves, pensava eu, observar o modo como os medicamentos atuam sobre o corpo do homem, quando se encontra no estado tranquilo da saúde. As mudanças que determinam então não ocorrem em vão, e certamente devem significar alguma coisa; por que se não fosse assim para que ocorreriam?! Quiçá seja esta a única língua em que podem expressar ao observador o objeto da sua existência; quiçá as modificações e sensações que produzem no organismo do homem são, no qual não se vê afogada sua voz pela dos sintomas morbosos, é o único modo com que podem revelar ao observador, sem preocupações, sua tendência especial, a energia positiva e pura em virtude da qual atuam sobre o corpo, ou seja, destroem a harmonia que constitui a saúde e a restabelecem quando foi perturbada pela enfermidade!”  
(*Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 122-3)

Utilizando-se do **princípio da similitude hipocrático** (*similia similibus*), Hahnemann nos traz a ideia de que os medicamentos “efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções”. Deste pensamento surgiu a **experimentação no homem são** das substâncias medicinais, sendo anotadas e catalogadas nas *Matérias Médicas Homeopáticas* as alterações de qualquer ordem produzidas pelo medicamento experimentado no indivíduo sadio, único guia a ser utilizado quando surgirem os mesmos sintomas no indivíduo doente. A mesma propriedade dinâmica que produz os sintomas mórbidos na pessoa sadia é a que cura os sintomas semelhantes no enfermo.

“Estas substâncias ativas e poderes (medicamentos), que temos a nosso serviço, efetuam a cura de doenças por meio do mesmo poder dinâmico de alterar o estado atual de saúde, por meio do mesmo poder de desarranjar o caráter vital de nosso organismo em relação às suas sensações e funções, pelo que elas são capazes de afetar também o indivíduo sadio, de produzir nele mudanças dinâmicas e certos sintomas mórbidos, cujo conhecimento, como veremos, nos fornece as mais confiáveis informações em relação aos estados mórbidos que podem com certeza ser curados por tal ou qual medicamento em particular. Por isso não existe no mundo nenhum poder de efetuar uma mudança no organismo humano de um caráter tal que a doença se submeta a ele, a não ser um agente capaz de desarranjar de modo absoluto (dinâmico) a saúde humana e conseqüentemente capaz de alterar morbidamente o seu estado de saúde.[...] Ora, como a propriedade de curar doenças e também a de afetar morbidamente os sadios é encontrada em combinação inseparável em todos os medicamentos, e como ambas propriedades evidentemente dimanam da mesma origem, isto é, da capacidade de dinamicamente desarranjar a saúde humana, por este motivo é impossível que eles atuem segundo uma lei natural do doente - diferente em relação àquela segundo a qual atua no sadio; segue-se que deve ser a mesma propriedade do medicamento que tanto cura a doença no doente como produz os sintomas mórbidos no sadio\* [...]. (\*O resultado diferente nestes dois casos é devido somente à diferença do objeto que deve ser alterado).” (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, vol. 53, 1988, p. 66)

A força vital perturbada, causadora das enfermidades, só pode se restabelecer através da energia vital dos medicamentos homeopáticos que, funcionando como um modelo indutor da reação vital, conduzem o princípio vital humano ao equilíbrio perdido: **“É a força vital orgânica de nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer**

**sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória”.**

“Somente a homeopatia sabe e ensina que a cura deve ser efetuada por meio de toda a força ainda existente no paciente, quando o medicamento perfeitamente homeopático ao caso presente da doença, é administrado nas doses apropriadas, faz com que esta força exerça sua propriedade curativa. Uma das mais inestimáveis vantagens da Homeopatia é a de instigar tanto quanto possível essa força vital, que é indispensável à cura, no decurso do tratamento.” (*A Meus Verdadeiros Discípulos; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XVI, suplemento 133)

“Segundo já demonstrei em outra parte, é inegável que nossa força vital sem a assistência de remédios ativos, produtos da arte humana, não consegue sobrepujar sequer as mais tênues doenças agudas (se não sucumbe a elas) e recuperar uma certa espécie de saúde, sem o sacrifício de uma porção (em geral extensa) das partes fluidas e sólidas do organismo, através de uma assim chamada crise. O modo como nossa força vital efetua isto permanecer-nos-á para sempre desconhecido; mas com muita certeza, esta força não pode vencer nem mesmo estas doenças de maneira direta, e tampouco sem tais sacrifícios.[...] É a força vital orgânica de nosso corpo que cura diretamente e sem quaisquer sacrifícios as doenças naturais de todos os tipos, tão logo seja favorecida por meio de remédios (homeopáticos) corretos para alcançar a vitória. Na realidade, esta força não teria sido capaz de vencer sem tal auxílio, pois nossa força orgânica vital, considerada isoladamente, só é suficiente para manter o fluxo desimpedido da vida, enquanto o homem não é afetado de forma mórbida pelo funcionamento adverso de forças causadoras de doenças.” (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume*, 1838; p. 28-29)

Através do processo de dinamização dos medicamentos (diluições e sucussões sucessivas), alicerce da farmacotécnica homeopática, são despertadas as propriedades dinâmicas e imateriais “latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual (imaterial) em nossa vida, sobre nossa fibra irritável e sensível”.

“Dinamizações homeopáticas são processos pelos quais são despertadas as propriedades medicinais, latentes nas substâncias naturais enquanto em estado bruto, após o quê tornam-se capazes de agir de maneira quase que espiritual em nossa vida, i.é., sobre nossa fibra irritável e sensível.” (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quinto Volume*, 1839)

A força vital instintiva, “desprovida de razão e intelecto, mas provida de energia automática, não foi criada absolutamente para ajudar-se a si mesma nas doenças”; mas ao ser confrontada com a energia do medicamento homeopático semelhante ao seu próprio desequilíbrio, encontra o estímulo necessário para reagir automaticamente contra a enfermidade, restabelecendo sua integridade.

“Não! aquela força magnífica inata no Homem, destinada a conduzir a vida da maneira mais perfeita **durante sua saúde**, [...] não foi criada absolutamente para ajudar-se a si mesma nas doenças, nem para exercer uma arte de curar digna de imitação. **Não! A verdadeira arte de curar é uma atividade reflexiva que conduz à grandeza do espírito humano, à reflexão livre e ao raciocínio, a fim de, por meio de uma afecção semelhante provocada por um medicamento escolhido homeopaticamente, demover a força vital instintiva - desprovida de razão e de intelecto, mas provida de energia automática - quando perturbada pela doença, deixando-a de tal modo afetada pelo medicamento e elevando-a mesmo a um tal grau, que a afecção mórbida não mais possa atuar sobre ela, deixando-a livre para ocupar-se apenas com a afecção medicamentosa semelhante à**

**doença natural e até um pouco mais forte; mas que a força vital, dirigindo agora contra ela toda sua energia, em breve domina, tornando-se, com isso, livre e apta a retornar ao estado normal de saúde e à sua própria disposição: a estimulação e a manutenção da saúde no organismo, sem haver sofrido com tal transformação qualquer agressão dolorosa ou debilitante. Tal procedimento nos ensina a arte de curar homeopática.**” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; Introdução, p. 50; IHFL)

“[...] Por outro lado, contudo, o desaparecimento de todo fenômeno mórbido, isto é, de toda alteração considerável que se afasta do processo vital saudável, por meio da cura, certamente implica e pressupõe, necessariamente, o restabelecimento da integridade do princípio vital e, conseqüentemente, o retorno da saúde a todo o organismo.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 12; IHFL)

O medicamento homeopático funciona como uma doença artificial, semelhante à doença natural, que, segundo Hahnemann, tomaria o lugar desta e a extinguiria do princípio vital, por ser mais forte que a mesma.

“Como toda doença (não unicamente cirúrgica) consiste somente em uma alteração mórbida dinâmica particular de nossa força vital (princípio vital) em nossas sensações e atividades, assim, na cura homeopática, este princípio vital, dinamicamente alterado pela doença natural, é **atingido** por uma afecção da doença artificial semelhante, um pouco mais forte, através da administração de uma potência medicamentosa escolhida exatamente segundo a semelhança dos sintomas. Com isso, extingue-se e se desvanece a sensação da afecção da doença natural (mais fraca) dinâmica, que, a partir de então, não mais existe para o princípio vital, ocupado e governado agora somente pela afecção artificial mais forte que atua, contudo, por pouco tempo, deixando o paciente livre e curado. A *Dynamis*, assim liberada pode, então, reconduzir a vida em condições de saúde.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 29; IHFL)

Todo medicamento causa uma perturbação na força vital, chamada de **ação primária** (sintomas surgidos na experimentação com o homem sadio). A “esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia”, atividade automática, instintiva e de conservação, “chamada **ação secundária** ou **reação**”. Seguindo o princípio da semelhança na escolha do medicamento homeopático, direcionaremos a força vital, com sua ação secundária, a desalojar o seu desequilíbrio inato, **que lhe é imperceptível pela ausência de razão e reflexão.**

“Toda força que atua sobre a vida, todo medicamento afeta, em maior ou menor escala, a força vital, causando certa alteração no estado de saúde do Homem por um período de tempo maior ou menor. A isto se chama **ação primária**. Embora produto da força vital e do poder medicamentoso, faz parte, **principalmente**, deste último. A esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia. Tal ação oposta faz parte de nossa força de conservação, constituindo uma atividade automática da mesma, chamada **ação secundária** ou **reação**.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 63; IHFL)

“[...] A influência dinâmica hostil sobre o princípio vital constitui a essência destes sinais externos dos miasmas malignos internos, que só se pode extinguir pela ação de um medicamento homeopático sobre o princípio vital, afetando o mesmo de forma semelhante porém mais forte, privando-o de tal modo desta sensação interna e externa do inimigo mórbido de tipo não material, que já não mais existe para o princípio vital (para o organismo), libertando, assim, o doente de seu mal, curando-o.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 282, nota; IHFL)

**Na cura das doenças pelo medicamento homeopático, realizamos um confronto da força dinâmica orgânica desequilibrada com a energia medicamentosa de tipo semelhante, mas um pouco mais forte, promovendo com isto uma reação vital do organismo contra o distúrbio morboso que lhe é próprio, mas imperceptível. A força vital irracional, que tem como função manter o organismo em harmonia apenas no estado de saúde, não tem discernimento para perceber um desequilíbrio que se lhe incorporou no estado de doença. Simplificando, é como se mostrássemos à força vital a natureza da sua distonia, que ela não consegue enxergar por ser destituída de raciocínio e reflexão, direcionando a reação vital contra a enfermidade em si.**

Pela **analogia qualitativa da força vital orgânica com a energia do medicamento homeopático**, obtida através do processo de dinamização, no qual se libera uma energia interna de qualquer substância da Natureza, podemos dizer que a força vital apresenta caráter semelhante à energia contida nestas.

## **Força vital irracional difere do Espírito racional**

Neste tópico, esperamos esclarecer qualquer dúvida que ainda possa existir a respeito da diferença entre “força vital” e “Espírito”.

Na citação abaixo, Hahnemann elucida a característica do Espírito humano, “faísca da divindade”, em satisfazer todas as suas necessidades através da Inteligência que herdou de Deus, propriedade que o diferencia dos demais seres da Natureza. Deste modo, possui condições de buscar “auxílios mais eficazes” contra as enfermidades do que aqueles que possuem na sua simples constituição orgânico-vital, instintiva e irracional.

“Porém, a fonte eterna do amor não deserdou o homem mais do que da animalidade, a fim de dispensar-lhe com mais profusão esta faísca da divindade, esse espírito que o faz encontrar com quê satisfazer a todas as suas necessidades, assegurar seu bem estar, e criar os imensos recursos através dos quais se eleva de um modo considerável sobre todos os seres vivos; esse espírito, imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perecível coberta os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem estar superiores a todos os que as criaturas mais favorecidas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza. [...] Era necessário que os esforços próprios ao corpo para afastar as enfermidades fossem muito limitados, a fim de que o espírito humano sentisse melhor a necessidade de buscar auxílios mais eficazes que aqueles cuja origem tenha julgado a propósito o Criador colocar na simples organização.” (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 44)

Com grande exaltação, Hahnemann enaltece a Criação humana, imagem e semelhança de Deus, que com o “sopro divino que lhe penetra e lhe anima” (Espírito inteligente) é capaz de criar meios para “aliviar os padecimentos causados pelas enfermidades”.

“Blasfêmia, ideia humilhante, exclamava golpeando-me a fronte! Que não houvera podido, a sabedoria infinita do Espírito que anima o universo, produzir meios de aliviar os padecimentos causados pelas enfermidades, as quais não obstante permitiu que pudessem afligir os homens! A soberana bondade paternal daquele que nenhum nome poderia designar de um modo digno, [...], seria capaz de um ato tirânico, e não houvesse querido que o homem feito à sua imagem pudesse com o sopro divino que lhe penetra e lhe anima encontrar na imensidade das coisas criadas, meios a propósito para livrar seus irmãos de padecimentos muitas vezes piores que a própria morte!” (*Carta a um médico de alta*

*categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 121)*

Em *Valor dos Sistemas em Medicina*, analisa separadamente o corpo físico com sua essência íntima (vitalidade), responsável pela manutenção do estado de saúde corporal, e o Espírito inteligente, responsável pelo desenvolvimento e enobrecimento (evolução) do ser humano.

“Porém é muito diferente quando se trata de objetos cuja essência consiste em manifestações de vida; e notavelmente quando há que tratar o corpo do homem para conduzir suas modificações morbosas ao estado de saúde, ou seu espírito para desenvolvê-lo e enobrecê-lo. Em um e outro caso o objeto sobre o qual se opera não pode ser julgado nem tratado sujeitando-se aos princípios físicos ou químicos, como o ferro do forjador, a madeira do carpinteiro, as cores do tintureiro. Assim, pois, o médico e o instrutor não podem dispensar-se, antes de porem-se a operar sobre o corpo e o espírito do homem, de ter um conhecimento prévio de seu objeto, que lhes dirija de certo modo como a mão até o fim de seus trabalhos. [...] Tão pouco poderiam tirar nenhum partido dos sonhos metafísicos e místicos que folgados presumidos hão imaginado sobre a essência íntima do organismo sobre a vida, a excitabilidade, a sensibilidade e a nutrição do corpo, sobre a natureza do espírito considerado como coisa absoluta.” (*Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 133-4*)

Ao se referir à Alma humana, nega qualquer discussão ou sistematização transcendental sobre a natureza íntima da mesma, dizendo não ser “dado aos mortais conhecer, *a priori*, a essência do espírito humano”. Dizendo que “o instrutor sábio está bem persuadido desta verdade”, orienta-nos a adquirir os conhecimentos do Espírito através do “que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, a psicologia experimental”. **Fica evidente sua postura de negação, a respeito de qualquer modelo metafísico que tente explicar a natureza íntima do homem.**

“Qual de nossos sistemas ontológicos sobre a natureza íntima, para nós impenetrável, da alma humana seria apropriado para ajudar ao instrutor no cumprimento de sua nobre tarefa? Podia perder-se no dédalo das abstrações sobre o eu e o não eu, sobre a essência do espírito em si mesmo, etc., que saíram do cérebro enfermo dos sofistas de todos os tempos; mas o que estas sutilezas transcendentais lhe ministrariam de útil e aplicável, não compensaria o trabalho que se aplicou em estudá-las. Não é dado aos mortais conhecer, *a priori*, a essência do espírito humano. O instrutor sábio está bem persuadido desta verdade. Assim se poupa no possível a fadigas inúteis, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objeto exige dele, se atém ele, *a posteriori*, ao que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, à psicologia experimental. Nem pode, nem necessita saber mais.” (*Valor dos Sistemas em Medicina, 1808; Opúsculos de Hahnemann, p. 134*)

Ao falar sobre “a força fundamental (força vital), que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um tão admirável organismo, que as anima e as impele a tão surpreendentes ações automáticas”, nega qualquer conhecimento mais profundo da mesma, dizendo que “nenhum mortal conhece o *substratum* da vitalidade, ou a disposição íntima, *a priori*, do organismo”. Novamente nega qualquer conceituação metafísica, que tente se aprofundar no conhecimento da força vital. A unidade entre o corpo físico e a força vital é reforçada em todo o texto.

“No mesmo caso se encontra o médico. O que une as partes viventes do corpo humano, de modo que faz delas um tão admirável organismo, o que as obriga a conduzir-se de um modo tão diretamente contrário à sua primitiva natureza física ou química, o que as anima e as



impele a tão surpreendentes ações automáticas, enfim, esta força fundamental não pode representar-se como um ser aparte; não fazemos mais que entrevê-la de longe, porém se escapa a todas nossas investigações, a todas nossas percepções. Nenhum mortal conhece o *substratum* da vitalidade, ou a disposição íntima, *a priori*, do organismo vivo. Nenhum mortal pode aprofundar no conhecimento de semelhante objeto, nem ainda sequer descobrir sua sombra: as línguas humanas embora falem em prosa, ou em verso, só expressam em relação a este ponto quimeras ou galimatias.” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 134-5)

No parágrafo abaixo, Hahnemann é bastante incisivo quanto à inutilidade das especulações metafísicas e quanto à dualidade entre a “vitalidade do corpo organizado e a força intelectual (Espírito, Alma) que atua dentro dele”. Assim como na citação do início deste capítulo, “o sopro divino que lhe penetra e lhe anima”, o predicado abaixo citado, “que atua dentro dele”, nos orienta quanto à natureza externa e separada do Espírito em relação à unidade orgânico-vital (dualismo).

“Durante os dois mil anos em que os homens tem se ocupado de filosofia e medicina, não se deu o menor passo no conhecimento, *a priori*, da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele.” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 135)

Estando-nos “negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana”, temos na “psicologia experimental” (psicologia empírica) o método para “conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude”, através “da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem”. Exemplifica esta postura com Sócrates, “que conhecia tão bem o coração humano, só necessitando conhecer a história das faltas cometidas dos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma”. Creio não haver dúvidas sobre o que ele chamava de “psicologia empírica” e da sua admiração por Sócrates, que juntamente com Mesmer, ele toma como exemplos de condutas práticas, além da homeopática, para curar as enfermidades.

“O moralista sabe que lhe estando negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada podia servir-lhe, só necessita, ademais da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitava conhecer a história das faltas cometidas dos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. [...] Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. Do mesmo modo, o médico não tem necessidade mais que de um conhecimento histórico do modo de comportar-se o organismo humano no estado de saúde e do modo de manifestar-se a enfermidade individual, para poder socorrer a esta última logo que tenha encontrado o meio conveniente. Não pode saber mais, porque tão pouco de nada lhe teria servido sabê-lo. Consistirá, pois, mais a dignidade da medicina em imaginar teorias, que em adquirir a habilidade necessária para curar as enfermidades?” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 138-9)

Contraopondo-se à força vital bruta, instintiva e automática, “mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças, agindo única e exclusivamente sobre leis orgânicas do corpo, incapaz de agir segundo a razão e a reflexão”, temos a “grandeza do espírito humano”, manifesta através “do intelecto, da livre reflexão e do raciocínio”.

“Só as doenças crônicas são a pedra de toque da verdadeira arte de curar, porque elas não podem se curar por si. Esta é a ‘verdadeira arte de curar’, aquele trabalho de reflexão, atributo dos poderes mais elevados do intelecto humano, do julgamento equilibrado e da razão, selecionando e determinando à base de princípios, a fim de efetuar uma alteração na força vital automática e energética, mas irracional, instintiva e destituída de inteligência, nos casos em que a mesma tiver se desviado por meio da doença, assumindo uma atuação anormal, e, com a ajuda de uma afecção semelhante produzida por um remédio homeopático escolhido criteriosamente, excitar no organismo uma doença medicinal um pouco mais intensa que a natural, de modo que a afecção mórbida natural não possa mais interferir sobre a força vital.” (*Matéria Médica Pura*, 3ª ed., vol. I, p. 272, 1830)

“Ela (velha escola) somente estava seguindo a natureza bruta e instintiva nos seus esforços insuficientemente eficazes apenas em crises mórbidas agudas e moderadas, estava imitando apenas a força vital mantenedora da vida, abandonada a si mesma nas doenças e incapaz de qualquer reflexão e que, assentada unicamente sobre leis orgânicas do corpo, agindo única e exclusivamente segundo tais leis orgânicas, não é capaz de agir segundo a razão e a reflexão. [...] Mais ainda: os maiores flagelos de nossa existência terrestre, as centelhas que originam as inumeráveis doenças sob as quais geme a humanidade castigada há séculos e milênios pelos miasmas crônicos (psora, sífilis, sicose), **a força vital desprovida de razão os admite no corpo sem hesitar**, não sendo capaz, todavia, nem de suavizar o efeito de qualquer um deles e, muito menos, de removê-los do organismo”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 42; IHFL)

“Como é que a velha escola, que se intitula racional, pôde, num empreendimento que exige tanto raciocínio, reflexão e juízo crítico, eleger esta força desprovida de razão como a única e melhor instrutora, como uma condutora cega, imitando sem refletir suas disposições indiretas e revolucionárias nas doenças, imitando-a como a única *non plus ultra*, a melhor em termos de engenhosidade, visto que, a fim de poder superá-la infinitamente no seu desempenho curativo, nos foi conferido, para o bem da humanidade, aquele dom maior de Deus, o raciocínio lógico e a livre reflexão? [...] - imitando irrefletidamente a energia vital bruta, automática e desprovida de razão”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 42-3; IHFL)

“[...] Assim também, quando a natureza entregue a si mesma, nas ocorrências de um mal crônico que ameçam a vida, não sabe ajudar-se senão pela ocorrência de sintomas locais externos, a fim de apartar o perigo das partes indispensáveis à vida (metástases), tais procedimentos da força vital enérgica, porém desprovida de razão e incapaz de reflexão e de critério, não consegue uma verdadeira ajuda ou cura [...]”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 45; IHFL)

“[...] aqueles esforços da natureza (da força vital do organismo desprovida de inteligência) voltados à cura geral do sofrimento crônico [...]”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 47; IHFL)

“[...] mantidos pela força vital entregue a si mesma e desprovida de razão [...]”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 48; IHFL)

“Entretanto, a força vital, capaz de atuar por si mesma, apenas seguindo uma disposição física de nosso organismo e não segundo o raciocínio e a reflexão, não foi conferida a nós,

Homens, para que devêssemos considerá-la como a melhor e única curadora de doenças, [...] evitando, com isso, de maneira cômoda, o dispêndio de raciocínio, de reflexão, de juízo crítico necessários à descoberta e à concretização da mais nobre das artes humanas: a verdadeira arte de curar, fazendo passar tal cópia ruim da auto-ajuda pouco eficaz da força bruta da natureza por arte de curar, por **arte racional de curar!** [...] **Não! A verdadeira arte de curar é uma atividade reflexiva que conduz à grandeza do espírito humano, à reflexão livre e ao raciocínio, a fim de, por meio de uma afecção semelhante provocada por um medicamento escolhido homeopaticamente, demover a força vital instintiva - desprovida de razão e de intelecto, mas provida de energia automática**". (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 49-50; IHFL)

"[...] Como queriam eles suprimir o incrível número de doenças crônicas com seus tratamentos indiretos que não passavam de perigosas imitações de auto-ajuda da força vital desprovida de razão, esforços estes que não estão destinados a servir de modelo para a cura?" (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 55-6; IHFL)

A **dualidade entre corpo e alma** é expressa, novamente, nos parágrafos abaixo.

"O observador imparcial, conhecedor da ineficácia das formulações metafísicas que sua experiência não pode comprovar, até mesmo o mais perspicaz, não percebe, em cada caso individual da doença, senão alterações do corpo e da alma, reconhecíveis exteriormente através dos sentidos, **sinais mórbidos, acidentes, sintomas**, isto é, desvios das anteriores condições de saúde do doente atual, que ele próprio sente, que as pessoas que o rodeiam percebem e que o médico nele observa." (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 6; IHFL)

"[...] pois somente a escolha acertada do medicamento pode restabelecer, de maneira rápida e duradoura, o maior dos bens da Terra: a saúde do corpo e da alma." (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 120; IHFL)

James Tyler Kent, em sua obra magna, *Filosofia Homeopática*, distingue claramente as entidades humanas (corpo físico, força vital e Espírito ou Alma) e suas relações de dependência, comparando-as às unidades de um sistema de governo: "**o governo interno do homem**".

"Deixai-me novamente ressaltar a necessidade de conhecer alguma coisa a respeito do governo interno do homem, a fim de conhecer como a doença se desenvolve e caminha. Se observarmos qualquer governo, governo do universo, governo civil, governo do comércio, governo físico, descobrimos que existe um centro que rege e controla e é supremo. O ser humano tem dentro de si, por dotação do Divino, um centro supremo de governo situado na substância cinzenta do cérebro, nas suas porções mais nobres. Tudo o que existe no homem e tudo que nele ocorre é presidido, primariamente, por este centro e dele se estende à periferia. [...] Há no governo humano uma tríade que comanda, a saber: o cérebro, o cerebelo e a medula espinhal; ou numa apreciação mais coletiva ou geral: o cérebro, a medula espinhal e os nervos. A um nível mais interno, temos a vontade e o entendimento formando uma unidade que constitui o homem interior; em seguida vem a força vital ou vice-regente da alma (isto é, o limbo ou substância anímica ou substância formativa) que é imaterial; e, finalmente, o corpo que é material. Vemos, a partir do plano mais interior, representado pela vontade ou princípio volitivo, através do limbo ou substância simples, até o plano mais exterior, que é a substância material ou concreta, em cada célula do organismo reproduzir-se esta ordem de direção. Cada célula do organismo do homem tem seu representativo do mais interno, do intermediário e do mais externo. Não existe nenhuma célula no homem que não tenha vontade e entendimento e que não tenha a matéria anímica ou limbo ou substância simples e a substância material. (*Filosofia Homeopática*, Lição IV, p. 36)

Finalizando com o parágrafo nove do *Organon da Arte de Curar*, reforçamos a dualidade entre o conjunto irracional físico-vital, material-imaterial, e o “espírito racional que nele habita”, como vimos anteriormente. **O Espírito racional tem como “morada” o organismo vivo, constituído pela união entre o corpo físico e o princípio vital, dele se utilizando para sua evolução e seu aperfeiçoamento, em busca dos altos fins de sua existência.**

“No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (*Autocratie*) que anima o corpo material (Organismo) como *Dynamis*, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 9; IHFL)

### Força vital, sangue, fibra sensível e nervo

Fazendo uma analogia ao “Prâna” dos hindus, que através da respiração e dos exercícios corporais (Yoga) é restabelecido e equilibrado, **relaciona a vitalidade ao oxigênio, ao sangue, ao éter e aos nervos.**

“A Química produziu ar vital puro e, quando o fisiologista e o observador clínico perceberam seu poder peculiar de manter e aumentar a energia vital, [...] o ar vital, que é o segundo componente da atmosfera, como o elemento apropriado para se encher os pulmões?” (*Ensaio sobre um novo princípio para se averiguar os poderes curativos das drogas*, 1796; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*, p. 249)

“[...] Ao ar livre, especialmente quando junto com exercícios corporais, existe a possibilidade de um meio indispensável para a recuperação da vitalidade de nosso sangue e do éter que possa existir em nossos nervos; *pabulum vitae* (alimento vital) tão incomparável que não poderia ser substituído por quaisquer outros medicamentos no mundo inteiro.” (*Cartas a um Paciente, entre 1703 e 1805; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. VII, suplemento 37)

“[...] Broussais só precisava reduzir cada vez mais e mais a força vital do doente! Quanto mais frequentes eram as sangrias, quanto mais sanguessugas e ventosas chupavam o sumo vital (pois, segundo ele, em quase todos os padecimentos, o sangue inocente e insubstituível devia ser o culpado), mais o doente perdia força para sentir dores ou para a agravação de seu estado através de queixas e gestos violentos. O doente parece, então, tanto mais calmo quanto mais estiver enfraquecido [...]. Cada vez menos no domínio de sua consciência, já não mais percebe que a morte forçosamente irá suceder a essa diminuição e esgotamento da força vital, **tantas vezes reiterado**, e seus parentes ficam tão entorpecidos por algum alívio do doente nas últimas horas pela perda de sangue e banhos mornos que se admiram como ele pôde nesse justo momento finar-se inesperadamente em sua mãos.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 60, nota; IHFL)

“[...] das sangrias\* vertendo sangue aos borbotões, das sanguessugas, dos exutórios, etc., pelo que, por um lado, é impiedosamente enfraquecida a força vital e, por outro, quando já não sucumbe, é anormalmente afetada, pouco a pouco (pelo abuso de cada meio de modo peculiar) de tal maneira que, a fim de preservar a vida contra tais ataques hostis e destrutivos, tem que transformar o organismo, seja retirando a excitabilidade e a sensibilidade de alguma de suas partes, seja elevando-as excessivamente ou causando dilatação ou contração, relaxamento ou endurecimento e mesmo sua total destruição [...].

(\*Entre todos os métodos que foram inventados para o socorro às doenças, nenhum foi mais alopático, mais irracional e mais inadequado do que o tratamento enfraquecedor de Broussais, mediante sangrias e dieta de fome, há muitos anos difundido em grande parte da Terra. [...] Nenhum indivíduo, nenhum doente jamais tem sangue ou energia em demasia; pelo contrário, a cada doente faltam forças, pois, de outro modo, seu princípio vital teria impedido o desenvolvimento da doença.)” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 74; IHFL)

“Nunca é necessário ou útil diminuir a quantidade de sangue, que sempre significa um rebaixamento da força vital e da vitalidade, as quais reagem de maneira mais integral quanto menos tiverem sido importunadas com interferências.” (*Carta ao Dr. Dunsford*, 1834; *Samuel Hahnemann: his life and work*)

“Hahnemann diz: É a força vital que cura as doenças; pois o defunto não precisa mais de medicamentos. Se aceitarmos isto, devemos preservar a força vital, não devemos verter sangue, esvaziar o paciente, pois no sangue reside a força vital.” (“*Folhas de Recordação*” do Dr. Johann Josef Roth, 1836; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XXIII, suplemento 215)

Neste capítulo, veremos também a relação que Hahnemann faz da força vital com as fibras nervosas, reforçando a ligação daquela com o organismo físico.

“Sabe, Arcesilas, que há controvérsias atualmente sobre se o mercúrio pode ou não excitar uma mudança na energia, a motilidade e a sensibilidade da fibra”. (*Das Fórmulas em Medicina*, 1800; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 14)

Ao descrever o modo de ação do medicamento homeopático, relata a necessidade do mesmo entrar em contato com a “fibra vivente e sensível”, para a partir deste contato se irradiar para todo o organismo. Diz que “a epiderme, que recobre a superfície do corpo, é o único obstáculo à ação dos medicamentos sobre a fibra sensível”.

“Quase a única condição que se necessita para que o efeito se desenvolva inteiramente e produza a cura, é que o medicamento conveniente entre em contato com a fibra vivente e sensível; mas pouco importa a exiguidade da dose que atua com este objetivo sobre as partes sensíveis do corpo vivo. [...] Já foi dito que quase a única condição da ação do medicamento é que entre em contato com a fibra vivente e sensível. Esta propriedade dinâmica tem tal alcance, que é indiferente ao resultado que o contato se verifique em tal ou qual parte, contanto que esteja despojada da epiderme. [...] A epiderme que recobre a superfície do corpo é o único obstáculo à ação dos medicamentos sobre a fibra sensível que ela cobre, mas este obstáculo não é invencível. Os medicamentos atuam também através da epiderme, porém o fazem com menos força. [...] As fricções quase não contribuem a favorecer a ação dos medicamentos, a não ser tornando a pele mais sensível, e a fibra mais susceptível de ser impressionada pela potência medicinal específica, que desde aquela se irradia a todo o organismo. [...] A virtude específica dos medicamentos é a mesma, seja empregada no exterior ou no interior, entrando em contato com a fibra sensível pelo exterior ou pelo interior do corpo.” (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 79-80)

Ao discorrer sobre a “infecção com miasmas” (contágio) a que todos estamos sujeitos, diz que ela ocorre no momento em que “o fluído mórbido entra em contato com o nervo exposto”, acrescentando que, “nessa ocasião, a doença é irremovível e dinamicamente comunicada à força vital (a todo o sistema nervoso)”. Nesta citação torna-se evidente a **relação entre força vital e nervos**.

“A infecção com miasmas das doenças agudas bem como das crônicas acima citadas acontece sem dúvida num único momento, que é o momento mais favorável a uma infecção. Quando a varíola ou a varíola bovina pegam, isto acontece no momento em que, na vacinação, o fluido mórbido do arranhão sangrante da pele entra em contato com o nervo exposto; nessa ocasião, a doença é irremovível e dinamicamente comunicada à força vital (a todo o sistema nervoso), no mesmo instante. [...] Dentre as muitas pessoas mordidas por cães raivosos [...], seja lá quem for a pessoa na qual o veneno aja, isto se deu no momento em que a pessoa foi mordida e o veneno comunicou-se então com os nervos mais próximos e, portanto, sem contradições, com o sistema completo de nervos”. (*Doenças Crônicas*, 1828; *Natureza das Doenças Crônicas*, p. 66-8)

Ao relatar o **contágio específico dos miasmas** venéreos (Sycosis e Syphillis), que ocorre “no coito impuro”, diz que a fricção das partes genitais, “ricas em nervos e recobertas por uma fina cutícula”, facilitam para que ocorra a transmissão. Ao se referir à infecção pelo miasma da sarna (Psora), altamente contagioso, diz ocorrer apenas pelo contato com a pele em geral: “o nervo que foi primeiramente afetado pelo miasma já o comunicou de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo e o organismo vivo foi imediatamente e de forma completamente sub-reptícia penetrado”. Na disseminação do miasma através do “nervo, de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo” e ao organismo como um todo, temos uma relação direta do sistema nervoso com a força vital.

“No coito impuro acontece o contágio específico, no local que é tocado e friccionado, mais provavelmente no momento mesmo em que se dá o coito. [...] No entanto, a doença da sarna é, além disso, o mais contagioso de todos os miasmas crônicos, muito mais infeccioso do que os outros dois miasmas crônicos, a doença do cancro venéreo e a doença da verruga do figo. Com estas duas últimas, para que se efetue a infecção, é preciso um certo grau de fricção nas partes mais macias do corpo, as quais são as mais ricas em nervos e as recobertas pela mais fina cutícula, como nos órgãos genitais, a menos que o miasma entre em contato com um local ferido. Mas o miasma da sarna só precisa tocar a pele em geral, especialmente em crianças pequenas.[...] O nervo que foi primeiramente afetado pelo miasma já o comunicou de maneira dinâmica e invisível aos nervos do resto do corpo e o organismo vivo foi imediatamente e de forma completamente sub-reptícia penetrado de tal modo por este excitante específico que se viu obrigado a se apropriar gradualmente deste miasma até que se completasse a mudança da totalidade do ser da pessoa em alguém absolutamente psórico, assim também atingindo o seu desfecho, o desenvolvimento interno da Psora. Somente quando o organismo inteiro se sentir transformado por esta doença miasmática crônica peculiar é que a força vital adoecida tenta aliviar e abrandar a moléstia interna pelo estabelecimento de um sintoma local adequado sobre a pele, as vesículas de sarna.” (*Doenças Crônicas*, 1828; *Natureza das Doenças Crônicas*, p. 69-72)

Na citação abaixo, discorrendo sobre o ataque das altas doses de medicamentos sobre a “fibra sensível e irritável”, diz que “é muito provável que a força vital seja obrigada a enfrentar este ataque e a tentar mudar dinamicamente estes órgãos sensíveis, ou então a reconstruí-los materialmente a fim de torná-los inexpugnáveis à violência destes ataques”, ocorrendo que “a fibra mais sensível fica anormalmente grossa ou dura e as fibras mais vigorosas tornam-se consumidas ou aniquiladas”, resultando em “malformações e degenerações adventícias”. Vemos aqui a conotação material das fibras sensíveis e irritáveis (nervos), também chamadas de **órgãos sensíveis**.

“[...] Por meio destes ataques indiretos, contínuos e respeitos à fibra sensível, irritável, perpetrados por estas imprudentes potências-doença medicamentosas que são administradas em grandes doses repetidas e frequentemente, é muito provável que a força vital seja

obrigada a enfrentar este ataque e a tentar mudar dinamicamente estes órgãos sensíveis que são desapidadamente atacados, ou então a reconstruí-los materialmente a fim de torná-los inexpugnáveis à violência daqueles ataques, deste modo defendendo e escudando o organismo contra uma destruição geral. [...] Por um lado, a fibra mais sensível fica anormalmente grossa ou dura e as fibras mais vigorosas tornam-se consumidas ou aniquiladas; deste modo, emergem artificialmente organismos, malformações e degenerações adventícias”. (*Doenças Crônicas*, 1828; *Psora*, p. 151)

A força vital está presente em todas as partes do organismo, tanto nas fibras sensíveis como nas fibras irritáveis, sugerindo serem estas as fibras nervosas do nosso organismo. Isto se torna mais claro quando mais adiante Hahnemann denomina a força vital de “força nervosa”.

“Não! aquela força magnífica inata no Homem destinada a conduzir a vida de maneira mais perfeita **durante sua saúde**, simultaneamente presente em todas as partes do organismo, nas fibras sensíveis como nas fibras irritáveis”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 50; IHFL)

“O que a força vital faz nestas chamadas **crises** e **como** ela as realiza permanece oculto para nós, assim como todo o processo interno da economia orgânica da vida. [...] pois, então, a força nervosa, agredida de maneira dinâmica parece, por assim dizer, descarregar-se por meio de produtos materiais.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 41, nota 18; IHFL)

Nos textos abaixo, a concepção anterior é reforçada, dizendo que o poder dinâmico e imaterial dos medicamentos homeopáticos atua através da “fibra sensitiva viva” sobre o princípio vital. Mais adiante, fala das “forças modificadoras de tipo não material” dos medicamentos homeopáticos, que agem “sobre nossa força vital de tipo não material” e são percebidas “através da sensibilidade dos nervos presentes em todo o organismo”.

“[...] As substâncias naturais que se nos apresentam como medicamentos, apenas são medicamentos na medida em que possuam o poder (cada qual um próprio, específico) de alterar, através de uma influência dinâmica, de tipo não material (por meio da fibra sensitiva viva) sobre o princípio vital de tipo não material, que governa a vida.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 11, nota; IHFL)

“[...] Do mesmo modo, todas estas afecções mórbidas (as doenças) não podem ser afastadas dela pelos artistas da cura senão através das forças modificadoras de tipo não material (dinâmicas, virtuais) dos medicamentos apropriados agindo sobre nossa força vital de tipo não material e sendo percebidas através da sensibilidade dos nervos presentes em todo o organismo.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 16; IHFL)

“Um glóbulo assim preparado (50 milesimal), colocado seco sobre a língua, é uma das menores doses para um caso moderado e recente de doença, no qual somente poucos nervos são atingidos pelo medicamento.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 272; IHFL)

Discorrendo sobre a prática dos banhos terapêuticos, diz que os banhos mornos servem para “despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo entorpecimento da sensação nervosa”, ou para dispersar a irritabilidade nervosa acumulada em alguns órgãos, e, os banhos frios, atuam como restauradores do “tônus da fibra exaurida” (calor vital deficiente).

“[...] Os banhos mornos de 25° até 27° R servem para despertar a irritabilidade adormecida da fibra responsável pelo entorpecimento da sensação nervosa num morto aparente (afogamento, congelamento, asfixia). Embora apenas paliativos, mostram-se, muitas vezes, amplamente eficazes, principalmente quando associados à administração de café e fricções, podendo prestar ajuda homeopática em casos em que a irritabilidade nervosa está distribuída e acumulada de maneira muito desigual em alguns órgãos, como em certos casos de espasmos histéricos e convulsões infantis. Do mesmo modo, agem homeopaticamente os banhos frios de 10° a 6° R na convalescença de pessoas com calor vital deficiente curadas de doenças crônicas por medicamentos, mediante imersões **instantâneas** e **repetidas** após, com mais frequência, como restauração paliativa do tônus da fibra exaurida. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 291; IHFL)

Nas citações anteriores, vemos uma **relação das fibras nervosas com a força vital, sendo que aquelas funcionam como meio de propagação de qualquer influência dinâmica para a unidade físico-vital, como um substrato material-energético por onde a força vital é influenciada e através do qual reage.**

## Espírito, Alma e Mente

Os termos Alma e Espírito são usados, frequentemente, como sinônimos por Hahnemann.

“Qual de nossos sistemas ontológicos sobre a natureza íntima, para nós impenetrável, da alma humana seria apropriado para ajudar o instrutor no cumprimento de sua nobre tarefa? Poderia perder-se no dédalo das abstrações sobre o eu e o não eu, sobre a essência do espírito em si mesmo, etc. [...] Não é dado aos mortais conhecer, *a priori*, a essência do espírito humano. O instrutor sábio está bem persuadido desta verdade. Assim se poupa, no possível, fadigas inúteis, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objeto lhe exige, se atém ele, *a posteriori*, ao que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, à psicologia experimental.” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 134)

“O moralista sabe que lhe estando negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada poderia servir-lhe, só necessita, além da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, [...] Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto (conduzir os homens ao caminho da virtude) entregar-se a especulações ontológicas acerca da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma.” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 138-9)

“[...] O enfermo expele ondas de bile, tem vômitos sobre vômitos: acredita estar próximo a exalar a alma, parece que se estende sobre seus olhos o véu da morte, e um suor frio inunda todo o seu corpo.” (*Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades*, 1809; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 160)

Abordando as “causas excitantes das doenças”, que agem dinamicamente, imaterialmente, Hahnemann fala do desarranjo dos “órgãos de mais alta hierarquia e da força vital”. O que seriam estes “órgãos de mais alta hierarquia”? Seriam os “órgãos mentais ou psíquicos”, a “mente”?



“[...] As causas excitantes das doenças agem, [...] apenas de uma maneira dinâmica - semelhante à espiritual; e, sobretudo, como elas desarranjam os órgãos de mais alta hierarquia e da força vital, ocorrem, a partir deste estado de desarranjo, a partir desta alteração do ser vivo como um todo, sensação alterada (inquietação, dores) e atividade alterada (funções anormais) de cada órgão individualmente considerado e de todos coletivamente.” (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia*, vol. 53, 1988, p. 66)

Referindo-se à “mente humana”, compara a “vida psíquica” à vida orgânica, dizendo que a “unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo”, extinguindo-se a mais fraca e permanecendo a mais forte, assim como a unidade orgânica não pode ser afetada por duas influências dinâmicas semelhantes. Aqui parece termos outro conjunto, funcionando como uma unidade independente da orgânica, chamada “órgãos de mais alta hierarquia” ou “mente humana”, que é afetada por paixões e emoções.

“Algo parecido acontece na mente humana\*. (\*[...] a unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo, e uma paixão deve ser extinta quando outra paixão semelhante, mas mais forte, tomou posse de sua mente, e age como um remédio homeopático que extingue a primeira.[...] Da mesma forma que ocorre na vida psíquica ocorre na orgânica.)” (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia*, vol. 53, 1988, p. 69-71)

Nas citações abaixo, os termos Alma e Espírito são usados como sinônimos, estando a mente correlacionada (subordinada) a eles, apresentando uma conotação orgânica. Temos na mente outra entidade, assim como o são o Espírito (Alma) e a unidade orgânica.

“[...] são causados pela Psora [...] doenças da mente e da alma, desde a imbecilidade até o êxtase, desde a melancolia até a insanidade raivosa [...] os transtornos e enfermidades do corpo e da alma que, em suas manifestas queixas, diferem tão radicalmente e que, em diferentes pacientes, parecem tão díspares (se não pertencerem às duas doenças venéreas, *Syphillis* e *Sycosis*), são apenas manifestações parciais do antigo miasma da lepra (leprosy) e da sarna (itch)”. (*Doenças Crônicas, 1828; Natureza das Doenças Crônicas*, p. 40)

“Distúrbios da mente e do espírito de todos os tipos (melancolia, insanidade, ansiedade, depressão, disposição chorosa, ataques de medo, ataques de paixão, susto, falta de vontade de trabalhar, sensibilidade excessiva, rápida mudança na disposição, etc.)”. (*Doenças Crônicas, 1828; Natureza das Doenças Crônicas*, p. 110-2)

A seguir, a “mente” é denominada pelo termo “órgãos mentais”, assumindo, como dissemos anteriormente, uma conotação mais orgânica, mais material. O significado do termo “órgãos de mais alta hierarquia”, atribuído aos “órgãos mentais ou mente”, torna-se mais claro quando Hahnemann correlaciona o “despertar da Psora” aos distúrbios mentais e emocionais, mãe de todas as doenças, e na “agravação dos transtornos crônicos já existentes”: “A mais frequente excitação da psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais frequente agravação dos transtornos crônicos já existentes são de longe as causadas pelo pesar e pelas contrariedades.”

“[...] Uma psora internamente adormecida que ainda permite ao favorito de um príncipe viver com a aparência de uma saúde quase perfeita, rapidamente desabrocha num transtorno corporal crônico, ou desvia seus órgãos mentais até à insanidade, quando, por uma reviravolta de seu destino, é lançado para longe de seu brilhante pináculo, ficando exposto ao

desprezo e à pobreza. A súbita morte de um filho provoca na mãe carinhosa já com saúde precária, uma supuração incurável nos pulmões ou um câncer no seio. Uma donzela jovem e afetuosa, já histérica, é conduzida à melancolia por um desapontamento amoroso. Como é difícil fazer alguma coisa para aliviar tais desgraças, quão raramente o consegue o melhor dos tratamentos antipsóricos! A mais frequente excitação da psora adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais frequente agravação dos transtornos crônicos já existentes são de longe as causadas pelo pesar e as contrariedades.” (*Doenças Crônicas*, 1828; *Psora*, p. 148-9)

Novamente, a mente assume uma posição de entidade diferenciada do corpo orgânico.

“Com a grande escrupulosidade que deve ser demonstrada na restauração de uma vida humana ameaçada pela doença, o homeopata deve, mais do que em qualquer outra coisa, se quiser agir de modo a ser digno de seu título, investigar primeiramente o estado total do paciente, a causa interna até onde possa ser recordada e a causa da continuação do transtorno, seu modo de vida, a qualidade de sua mente, seu espírito e de seu corpo, juntamente com todos os seus sintomas”. (*Doenças Crônicas*, 1828; *Psora*, p. 157)

“[...] desfazer-se dessa ideia material e reconhecer a natureza físico-mental do organismo como uma essência tão altamente potencializada que as modificações vitais nas sensações e funções, as quais são chamadas de doenças, pudessem principal e quase que exclusivamente ser causadas e provocadas através de uma influência dinâmica (não material).” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; *Introdução*, p. 27; IHFL)

As “doenças psíquicas e mentais” recebem uma classificação diferenciada das demais doenças, reiterando a existência de outra entidade na constituição humana (mente), apesar destas enfermidades não constituírem “uma classe nitidamente isolada de todas as outras, pois em todas as demais, assim chamadas doenças físicas, a disposição psíquica e mental está sempre se modificando”, constituindo um dos mais notáveis conjuntos característico de sintomas. **É como se a mente interagisse dinamicamente com a unidade orgânica, promovendo o distúrbio no corpo físico, fato reconhecido e aceito atualmente pela medicina psicossomática.**

“[...] Desse tipo são as chamadas doenças **psíquicas e mentais**. Elas não constituem, porém uma classe nitidamente isolada de todas as outras, pois em todas as demais, assim chamadas doenças físicas, a disposição psíquica e mental está **sempre** se modificando e, em todos os casos de doença que devem ser curados, o estado psíquico deve concorrer como um dos mais notáveis no conjunto característico dos sintomas se quisermos traçar um quadro fidedigno da doença, a fim de, a partir daí, poder tratá-la homeopaticamente, com êxito.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 210; IHFL)

Reforçando a importância do “estado psíquico e mental” na formação das doenças, estado de alta hierarquia no contexto da vida humana, Hahnemann relata que “não existe no mundo nenhuma substância com força medicamentosa que não altere de modo evidente o estado psíquico e mental do indivíduo sadio que a experimente”. Aqui também observamos uma relação direta da energia vital dos medicamentos com este estado mental, apesar de não estar claramente elucidado como isto ocorre. Estaria esta “energia mental”, que é constituída pelos pensamentos e sentimentos da criatura viva, envolvendo a estrutura humana juntamente com a energia vital, influenciando-a e sendo influenciada por ela, e ambas ao corpo físico?

“Igualmente, o Criador das potências curativas levou em consideração, de maneira notável, esse elemento principal de todas as doenças, o estado psíquico e mental alterado, pois não

existe no mundo nenhuma substância com força medicamentosa que não altere de modo evidente o estado psíquico e mental do indivíduo sadio que a experimente, havendo, na verdade, uma maneira diferente de agir para cada medicamento.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 212; IHFL)

Do mesmo modo, as doenças psíquicas e mentais são curadas “por um medicamento que apresente, pelos sintomas que causar no corpo e na alma de uma pessoa sadia, uma potência morbífica tão semelhante quanto possível àquela existente no caso patológico em questão”. Torna-se evidente que os sintomas mentais e psíquicos são despertados pelo medicamento homeopático dinamizado, não estando explícito como isto ocorre, nem a relação da força vital medicamentosa com a estrutura mental e com a alma.

“O que tenho a ensinar a respeito da cura nas doenças mentais e psíquicas pode-se reduzir a poucos tópicos, pois são curáveis da mesma maneira e não outra, que o são todas as outras doenças, isto é, por um medicamento que apresente, pelos sintomas que causar no corpo e na alma de uma pessoa sadia, uma potência morbífica tão semelhante quanto possível àquela existente no caso patológico em questão.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 214; IHFL)

No parágrafo a seguir, notamos a ligação da unidade mental com a unidade orgânica. As doenças mentais e psíquicas são encaradas como doenças do corpo, transpostas para a “mente”, nas quais temos uma exacerbação dos sintomas mentais em detrimento dos sintomas físicos. Estes sintomas mentais e psíquicos não possuem a sua sede nos órgãos físicos e sim nos “órgãos mentais ou psíquicos invisivelmente sutis”.

“Quase todas as chamadas doenças mentais e psíquicas nada mais são do que doenças do corpo nas quais o sintoma peculiar da alteração mental e psíquica aumenta, ao passo que os sintomas do corpo diminuem (com maior ou menor rapidez), até que, por fim, atinge acentuada parcialidade; quase como uma afecção local transposta para órgãos mentais ou psíquicos invisivelmente sutis.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 215; IHFL)

Ao relatar a observação secular de que distúrbios orgânicos graves são raros em portadores de perturbações psíquicas, que poderíamos explicar atualmente através da teoria da “mudança do órgão de choque”, Hahnemann deixa clara a concepção de que considera a mente como um órgão da constituição humana: “as afecções dos órgãos físicos maiores são como que conduzidas e transferidas para os órgãos quase não materiais mentais e psíquicos jamais atingidos pelo bisturi”. Os “órgãos físicos maiores” seriam o nosso sistema nervoso central e os “órgãos quase não materiais mentais e psíquicos” seriam a mente. Desta forma, a mente, como entidade “quase não material”, estaria diretamente relacionada ao sistema nervoso central.

“Não são raros os casos em que as chamadas doenças físicas que ameaçam matar - [...] - degenera-se em loucura, em uma espécie de melancolia ou mania, mediante a rápida intensificação do sintoma psíquico presente até então, fazendo desaparecer, assim, todo risco de vida dos sintomas físicos, que melhoram até quase atingir o estado de saúde [...] em uma palavra, as afecções dos órgãos físicos maiores são como que conduzidas e transferidas para os órgãos quase não-materiais mentais e psíquicos jamais atingidos e atingíveis pelo bisturi.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 216; IHFL)

Esta conotação de entidade orgânica dada à mente, “quase não material”, possui suas raízes no pensamento hipocrático, como nos esclarece Entralgo. Apesar de apresentar uma conotação mais sutil do que o corpo e a força vital, a “psique” (mente ou alma) nada tinha de “espiritual”, como a Alma ou o Espírito da concepção cristã.

“[...] Talvez resulte estranho ver empregada a palavra «psicologia» no quadro de um conjunto de descrições anatômicas; porém, os hipocráticos nunca deixaram de ver a «alma» (*psykhê*) como uma realidade material, embora muito mais fina que as restantes partes do corpo humano, e o autor de *Sobre a dieta* não vacila em chamá-la, uma vez, «parte do corpo», *moira sômatos* (VI, 480); uma «parte» carente, é certo, de figura visível, porém não de localização espacial e de movimento.[...]” (*La Medicina Hipocrática*, Entralgo, cap. III, § I, p. 141)

“O que era a alma para os hipocráticos? Certamente, uma «parte do corpo» (VI, 480). Ponham a atividade psíquica em mais ou menos direta conexão com o fogo (*Sobre a dieta*), com o *pneuma*<sup>11</sup> e o cérebro (*Sobre a enfermidade sagrada*), com a cabeça (*Dieta nas enfermidades agudas*, II, 362), com o sangue (*Sobre as ventosidades*, VI, 110-112) ou com o coração (*Sobre o coração*, *Sobre a natureza dos ossos*), todos eles haviam feito sua aquela tese. Como bons gregos, atribuíam à alma (*psykhê*) uma condição mais sutil que a do corpo, porém não «espiritual», no sentido que com o cristianismo chegará a ter esta palavra. Por isso, há que entender segundo sua significação mais literal e física toda uma série de afirmações dos escritos em que eles nos falam: que existem «poros para a alma» (VI, 514 e 524); que a alma, incendiada, consome o corpo (V, 314); que a alma é produzida até a morte (V, 413) e cresce ao longo da vida, tanto nos homens como nos grandes animais (VI, 480); que «visita as partes do corpo» (VI, 478) e que o exercício da reflexão é para o homem um «passeio da alma», *psykhês perípatos* (V, 316); que a índole da alma depende da proporção que o fogo e a água tenham nela (VI, 518), e em definitivo – com independência da dieta – da ingênita constituição corporal do indivíduo (VI, 522); que o grau da inteligência pode ser melhorado com um conveniente regime de alimentos e exercícios (VI, 522). Tudo isto não impede que em certas ocasiões sejam tematicamente contrapostos o corpo e alma, e se atribuam a um e outro propensões distintas (certos corpos são propensos à febre; certas almas ao delírio; XI, 34); ou que sejam descritas como exclusiva ou especificamente anímicas algumas operações humanas (a alma, sem órgãos ou objetos, como pura consciência, *xýnnoia*, pode experimentar emoções, afligir-se, regozijar-se, espantar-se, animar-se, esperar; V, 348); ou, enfim, que se fale das ações da alma sobre o corpo (no arrebatamento, por exemplo, se contraem o pulmão e o coração, e o calor e os líquidos são atraídos para a cabeça; o bom humor, ao contrário, dilata o coração; V, 316) e do corpo sobre a alma (V, 346; V, 488-490).” (*La Medicina Hipocrática*, Entralgo, cap. III, § I, p. 180-1)

Dando continuidade à abordagem das doenças psíquicas, Hahnemann chama de “verdadeira doença mental ou psíquica” aquelas que dependam de um mal físico, não melhorando, ou melhor, agravando-se “mediante exortações amistosas e equilibradas, argumentos consoladores, advertências sérias e sensatas”. Ao explicar o porquê da piora frente às exortações amistosas, reforça a ideia de “órgãos mentais e psíquicos” como uma estrutura diferenciada, mas em relação direta com os órgãos físicos e a alma: “Parece que a alma do doente, nesses casos, sente com indignação e tristeza a verdade destas advertências, atuando sobre o corpo como se desejasse restabelecer a harmonia perdida, mas que, mediante essa doença, reage muito intensamente nos órgãos mentais e psíquicos, colocando-os em desordem ainda maior, por uma nova transferência de seus sofrimentos para eles”.

---

<sup>11</sup> [*Pneuma* (do grego *pneuma*, 'sopro'). Na Antiguidade, essência espiritual invisível e intangível, de conceituação difícil. Admitia-se que se formasse com base no ar, ou com auxílio deste. Era considerado pelos pneumatistas como espírito vital, atribuindo-se-lhe a natureza de calor inato, funções respiratórias, circulatórias e nutricionais. O conceito *pneuma* era, na realidade, uma mistura de noções religiosas, filosóficas e científicas.]

“Se a doença mental não estiver plenamente desenvolvida e se ainda existem algumas dúvidas para saber se realmente resultou de sofrimento do corpo ou se, antes, provém de falhas na educação, maus hábitos, moral corrupta, negligência mental, superstição ou ignorância; serve, então, de indício o fato de diminuir e melhorar mediante exortações amistosas e equilibradas, argumentos consoladores, advertências sérias e sensatas. Em contrapartida, uma verdadeira doença mental ou psíquica, que dependa de um mal físico, se agravará rapidamente com esse método; a melancolia se torna mais chorosa, inconsolável e mais reservada, assim como a loucura furiosa se torna mais exasperada e a linguagem sem nexos do louco tornar-se-á manifestamente ainda mais absurda\*. (\*Parece que a alma do doente, nesses casos, sente com indignação e tristeza a verdade destas advertências, atuando sobre o corpo como se desejasse restabelecer a harmonia perdida, mas que, mediante essa doença, reage muito intensamente nos órgãos mentais e psíquicos, colocando-os em desordem ainda maior, por uma nova transferência de seus sofrimentos para eles.)” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 224; IHFL)

Mais adiante, Hahnemann relaciona indiretamente os órgãos mentais e psíquicos (mente) à alma, como se estivessem subordinados a ela, ao dizer que “tais doenças psíquicas que foram primeiramente trabalhadas e mantidas pela alma, **enquanto ainda recentes e antes de terem perturbado em demasia o estado físico**, são as únicas que podem ser rapidamente transformadas em bem-estar psíquico mediante meios de cura psíquicos”.

“Tais doenças psíquicas que foram primeiramente trabalhadas e mantidas pela alma, **enquanto ainda recentes e antes de terem perturbado em demasia o estado físico**, são as únicas que podem ser rapidamente transformadas em bem-estar psíquico (com regime de vida adequado, aparentemente até em bem-estar físico) mediante meios de cura psíquicos, tais como demonstração de confiança, conselhos amigáveis, argumentos sensatos e muitas vezes habilidosas simulações.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 226; IHFL)

Ao comparar a “conduta psíquica adequada” por parte das pessoas que cercam o doente mental grave, “como dieta auxiliar da alma”, exemplifica o modo de agirmos contrapondo os excessos do enfermo, abolindo qualquer repreensão, castigo ou tortura no trato com estes enfermos.

“Nas doenças mentais e psíquicas resultantes de doenças do corpo que só podem ser curadas com medicamentos homeopáticos dirigidos ao miasma interno, a par de um regime de vida cuidadosamente regulado, deve ser observada uma conduta psíquica adequada por parte dos que o cercam e também do médico, como dieta auxiliar da alma. [...] Deve-se procurar somente impedir a destruição e dano dos objetos que o rodeiam, **sem repreendê-lo por seus atos**, dispondo tudo de modo a abolir completamente todo e qualquer castigo ou tortura física.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 228; IHFL)

Para Hahnemann, **é no estado do psiquismo, da mente e de todo o comportamento do paciente, que teremos os sinais mais seguros e elucidativos da evolução do mesmo**, seja de melhora ou piora. Aqui observamos a importância hierárquica desta instância chamada “mente” na organização humana.

“[...] em todos os casos de doença, que devem ser curados, o estado psíquico deve concorrer como um dos mais notáveis no conjunto característico dos sintomas, se quisermos traçar um quadro fidedigno da doença, a fim de, a partir daí, poder tratá-la homeopaticamente, com êxito.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 210; IHFL)

“Isso possui um tamanho alcance, que o estado psíquico do doente, muitas vezes e principalmente, determina a escolha do medicamento homeopático, na qualidade de sinal possuidor de uma característica determinada: entre todos, é o que menos pode permanecer oculto ao médico observador criterioso.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 211; IHFL)

“Por conseguinte, jamais se poderá curar de acordo com a natureza, isto é, homeopaticamente, se não se observar, simultaneamente, em cada caso individual de doença, mesmo nos casos de doenças agudas, o sintoma das alterações mentais e psíquicas e se não se escolher, para alívio do doente, entre os medicamentos, uma tal potência morbífica que, a par da semelhança de seus outros sintomas com os da doença, também seja capaz de produzir **por si** um estado psíquico ou mental semelhante.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 213; IHFL)

“Entre os sinais que, em todas as doenças, principalmente as que surgem de modo rápido (agudas), indicam um ligeiro início de melhora ou agravação perceptível a todos, o estado do psiquismo e todo o comportamento do doente são os mais seguros e elucidativos. No caso do início de melhora, por menor que seja, nota-se um maior bem-estar, crescente tranquilidade, despreocupação e mais ânimo - uma espécie de retorno ao estado normal. No caso da agravação, ainda que muito ligeira, porém ocorre o contrário: o estado do psiquismo, da mente e todo seu comportamento passam a denotar retraimento, desamparo, requerendo mais compaixão, assim como as suas atitudes em todas as situações e atividades”. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 253; IHFL)

Em sua obra *Homeopatia. Escritos menores, aforismos e preceitos*, na lição *Correspondência de Órgãos e Direção de Cura*, James Tyler Kent tece alguns comentários sobre a importância da mente humana em relação aos demais órgãos físicos. Cita a “Lei de Direção dos Sintomas de Hering”, associando “o mais interno do homem” com a mente e suas potencialidades (vontade, entendimento e memória), mostrando nitidamente sua “mais alta hierarquia” e exemplificando a influência da mesma nos órgãos materiais. Correlaciona o “intelecto” (razão) ao trato gastrointestinal, ao sistema genito-urinário e aos pulmões; a “vontade” (sentimentos, afetos) correlaciona ao coração, ao fígado e aos órgãos genitais femininos.

“Hering foi o primeiro a introduzir a Lei de Direção dos Sintomas: de dentro para fora, de cima para baixo, na ordem inversa de sua aparição. Isto não aparece nos escritos de Hahnemann. É a chamada lei de Hering. Pouco há desta lei na literatura homeopática, exceto a observação de que os sintomas vão de cima para as extremidades, e que aparecem erupções sobre a pele e descargas das membranas mucosas ou úlceras sobre as pernas quando desaparecem os sintomas internos. [...] No curso de dentro para fora, de acordo com a lei, nem sempre vemos as mudanças mentais serem seguidas por sintomas de pele - que é um desenvolvimento mais rápido. Este é mais lento e mais gradual quando o estômago ou o rim estão desordenados. Então isto passa através de séries de órgãos: enquanto o estômago melhora, aparecem catarros e erupções.” (*Homeopatia. Escritos menores, aforismos y preceptos, Correspondência de Órgãos e Direção de Cura*, Kent)

“O mais interno do homem está constituído pela vontade, o entendimento e a memória, e isto se estende para o exterior através do organismo físico em geral. Esta ideia se relaciona com a direção dos sintomas - do mais interno para o mais externo. [...] Quando se está tratando um paciente insano em suas faculdades intelectuais, enquanto o paciente melhora, aparecem desordens estomacais ou intestinais, cólicas e diarreia; a desordem se estende através do canal intestinal. Em outro paciente aparecem afecções renais com albuminúria na urina, no curso de uma reação onde houve desordens mentais. [...] Às vezes, as faculdades intelectuais correspondem aos pulmões. Os pulmões fazem para o corpo o que o intelecto faz para o homem. [...] Quando um paciente está enfermo da vontade, quando o amor se tornou ódio,

quando deseja destruir a própria vida, ou fugir dela, ou odiar a seus próprios filhos; quando uma mulher sente aversão por seu esposo, ou quando o sistema da vontade está pervertido; que ocorre quando se faz uma prescrição correta?; o coração ou o fígado se afetarão, estes correspondem ao sistema voluntário. Não ocorrerão afecções do estômago nem dos rins, senão que aparecerão distúrbios cardíacos ou hepáticos quando se prescreva para afecções da vontade.[...] O sistema voluntário corresponde ao coração e ao fígado.” (*Homeopatia. Escritos menores, aforismos y preceptos, Correspondência de Órgãos e Direção de Cura*, Kent)

Observamos, neste capítulo, a **analogia entre os termos Alma e Espírito**, utilizados por Hahnemann frequentemente, sem distinção entre si. Quanto à **mente, sede da vida psíquica**, observamos que Hahnemann considerava-a como **“órgãos mentais e psíquicos, órgãos de mais alta hierarquia, quase não materiais, invisivelmente sutis”**, com uma unidade própria, mas em relação direta com os órgãos físicos e a Alma. **Este psiquismo sofre a influência das emoções e dos medicamentos homeopáticos que despertem estes mesmos sentimentos na experimentação pelo indivíduo sadio.**

## **Unidade físico-vital alterada por excessos intelectuais e emocionais**

A influência das excitações emocionais e psíquicas em nossa saúde é comparável a qualquer outra afecção dinâmica que possa nos atingir, seguindo as mesmas regras destas. Atuando como higienista e dietista, Hahnemann delega à prática de exercícios diários o mister de manter o equilíbrio psicossomático, criticando o uso excessivo da mente, como o fazem os eruditos. Como discutido anteriormente, relaciona a mente à “maquinaria corporal - a eles (homens) ofertada para usarem em prol de uma vida completa”. Nesta interação entre o corpo e a mente, temos na força (princípio) vital o elo de ligação, sendo exaurida ou incrementada ao organismo pelo excesso de atividade mental ou pela prática saudável de exercícios físicos, respectivamente.

“Concedo, de bom grau, que o conflito de paixões opostas e de gozos multiplicados, a indolência e a falta de exercício podem ocasionar nos palácios das grandes cidades enfermidades mais numerosas e mais raras do que as que se encontram sob o teto rústico de uma cabana de aldeia.” (*Esculápio na Balança*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 98)

“Não é somente o desgaste físico excessivo que prejudica a pessoa, mas, sobretudo, o estado constante de tensão mental; a mente esgotada, por sua vez, afeta o corpo de maneira negativa. [...] Gozar a vida com a mente tranquila e corpo são é para o quê o homem foi feito [...]. O corpo e seus músculos devem ser mantidos em funcionamento e exercitados, para que a pessoa possa usar sua mente sem detrimento de sua saúde. Somente num corpo vigoroso é que a mente pode trabalhar com liberdade, energia e resistência. [...] Mas até mesmo o mais resistente dos corpos deve, inevitavelmente, arcar com a ruína do modo habitual de vida dos eruditos que, unilateralmente, usam apenas suas mentes e órgãos a elas associados, deixando o resto da maquinaria corporal - a eles ofertada para usarem em prol de uma vida completa - na inatividade. (*Carta a von Villers; Samuel Hahnemann: his life and work*, cap. VII, suplemento 37, vol.II)

“[...] Estudos exaustivos e pensamentos profundos absorvem uma grande porção da energia vital necessária à debulha do trigo num celeiro. Esta atividade é uma coisa irrisória, comparada à primeira. [...] como pode tudo isto ocorrer sem que haja uma evidente alteração

de toda a força vital, ou então o adocimento daqueles órgãos que são os mais consumidos pelos estudos: cérebro, nervos e olhos? [...] O desenvolvimento do corpo e de suas forças vem muito antes que o desenvolvimento da mente. A mente só consegue atingir o mesmo nível de igualdade daqueles órgãos que, por um uso constante, a pessoa chegou a desenvolver com a perfeição possível, através de suas atividades diárias. [...] O tempo dedicado aos exercícios corporais é bem retribuído pela energia e pela disposição da mente que se lhe segue, pois pode atingir em meia hora o que teria custado um meio dia para alcançar”. (*Carta a um jovem erudito; Samuel Hahnemann: his life and work*, cap. VII, suplemento 37, vol. II)

“Eu, disse o próprio Hahnemann, procurava assimilar o que lia; lia pouco, porém muito bem; e punha tudo em ordem no meu espírito, antes de passar adiante... Não esquecia, entretanto, de procurar exercício para o meu corpo, movimento ao ar livre, esta alegria e esta força, graças às quais facilmente podia manter a tensão contínua de meu espírito.” (*Iniciação Homeopática*, p. 18)

Uma paixão semelhante, mas mais forte, extingue da nossa mente outra mais fraca. Enquanto uma afecção dinâmica qualquer afeta nossa força vital imaterial, desequilibrando-a e sendo reequilibrada pela administração de uma potência semelhante mais forte, a mente é desequilibrada por paixões ou outras excitações psíquicas (afecções dinâmicas de natureza diversa), sendo reequilibrada por uma excitação semelhante e mais forte. A unidade mental (físico-mental), assim como a unidade orgânica (físico-vital), é passível de atingir seu equilíbrio através do princípio da similitude.

“Algo parecido acontece na mente humana\*. (\*Por exemplo, uma moça mergulhada em mágoa pela morte do seu companheiro, se levada a ver uma família onde as crianças pobres e seminuas tenham recentemente perdido seu pai, seu único sustento, não se tornará mais triste por testemunhar esta tocante cena, mas será dessa forma consolada pelo seu infortúnio menor. Ela é curada de sua tristeza por seu companheiro, porque a unidade de sua mente não pode ser afetada por duas paixões semelhantes ao mesmo tempo, e uma paixão deve ser extinta quando outra paixão semelhante, mas mais forte, tomou posse de sua mente, e age como um remédio **homeopático** que extingue a primeira. A moça não seria tranquilizada e curada de sua tristeza pela perda do companheiro, se sua mãe a censurasse colericamente (influência **heterogênea, alopática**), mas, ao contrário, sua mente estaria mais desolada por este ataque de tristeza de outra natureza. De maneira semelhante, à moça triste, se nós fôssemos causar um alívio aparente mas somente paliativo de sua tristeza, por meio de divertimentos, iria, em sua solidão, mergulhar em uma tristeza mais profunda e choraria muito mais intensamente do que antes pela morte do seu amigo (porque esta afecção teria aqui somente um caráter **oposto, enantiopático**). Da mesma forma que ocorre na vida psíquica, ocorre na vida orgânica. A unidade de nossa vida não pode ser ocupada e receber duas afecções dinâmicas gerais da mesma natureza ao mesmo tempo; porque se a segunda for semelhante à primeira, a primeira é deslocada por ela, se o organismo for mais energicamente afetado pela segunda.)” (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática, 1813; Revista de Homeopatia*, vol. 53, 1988, p. 69-71)

O despertar da Psora e a agravação dos transtornos crônicos ocorre “pelo pesar e contrariedades diárias, pelos aborrecimentos que amarguram a vida e abatem o Espírito, mais certa e mais frequentemente do que todas as demais influências prejudiciais que operam no organismo”. A maior missão do médico, imbuído do amor fraternal, será aliviar o pesar e as contrariedades do paciente.



“[...] perdas tristes de parentes queridos abatendo o espírito pelo pesar ou contrariedades diárias e aborrecimentos que amarguram a vida; [...] nessas ocasiões, a *Psora* que até então estivera adormecida, acorda e manifesta-se nos sintomas intensificados e aumentados enumerados abaixo, em sua transição até à formação de severas moléstias”. (*Doenças Crônicas*, 1828; *Natureza das Doenças Crônicas*, p. 82)

“A mais frequente excitação da *Psora* adormecida até tornar-se uma doença crônica e a mais frequente agravação dos transtornos crônicos já existentes, são de longe as causadas pelo pesar e pelas contrariedades. *Pesar e contrariedades ininterruptas* acentuam em breve tempo inclusive os mais diminutos traços de uma *Psora* adormecida tornando-a manifesta nos mais severos sintomas; depois, o pesar e as contrariedades desenvolvem estes sintomas numa manifestação ostensiva de todos os sofrimentos crônicos imagináveis, mais certa e mais frequentemente do que todas as demais influências prejudiciais que operam no organismo humano, na vida humana médica, apesar de estes dois agentes aumentarem também tão certa e frequentemente os transtornos já existentes. Da mesma forma que o bom médico ficará satisfeito quando puder animar um paciente e mantê-lo afastado do tédio, a fim de fazer progredir uma cura que não está embaraçada por tais obstruções, em tal caso sentir-se-á mais do que nunca incumbido da tarefa de fazer tudo que for possível dentro do poder de sua influência sobre o paciente, seus familiares e circunstâncias, para aliviá-lo do pesar e das contrariedades. Este será e deverá ser o propósito central de seus cuidados e de seu amor fraternal.” (*Doenças Crônicas*, 1828; *Psora*, p. 149)

Nas próximas citações, veremos a influência, no experimentador e no paciente crônico, das **noxas psicoafetivas** (*pesar, mágoas e contrariedades*), “elementos mais destrutivos da vida, em quem a economia vital está sendo destruída por contínuos ataques à mente”. Hahnemann relata que “a filosofia, a religião e o controle sobre si próprio” dão subsídios ao doente para “suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não está em seu poder curar”. Chega mesmo a negar a ação dos medicamentos homeopáticos, “que sejam os mais peculiares e os melhor adaptados ao transtorno corporal”, desde que não sejam afastadas estas “impressões mentais perturbadoras”, que minam os alicerces da individualidade, encarando as disfunções do psiquismo como verdadeiros “obstáculos à cura”. Vemos aqui o nível hierárquico superior da mente (ondas mentais) e sua influência sobre a unidade físico-vital.

“A melhor oportunidade para exercitar e aperfeiçoar nossa capacidade de observação é proporcionada pela aplicação a nós mesmos de experimentações medicamentosas. Enquanto evita todas as influências medicinais exteriores e impressões mentais perturbadoras, nesse importante processo, o experimentando, após ter tomado o medicamento, tem a totalidade de sua atenção dirigida a todas as alterações da saúde que ocorrem sobre si e em seu íntimo, a fim de observá-las e registrá-las corretamente com a sensibilidade sempre atenta e os sentidos sempre alertas.” (*O Observador Médico*, 1825; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*, p. 724)

“Mas se as relações do paciente não podem sofrer melhorias a tal respeito, e se ele não tiver filosofia, religião e controle suficiente sobre si próprio para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não estão em seu poder curar; se o pesar e as contrariedades abatem-se continuamente sobre ele e se foge à alçada do médico efetuar uma remoção duradoura destes que são os elementos mais destrutivos da vida, seria melhor que desistisse do tratamento e deixasse o paciente entregue à própria sorte, pois até mesmo o mais competente cuidado do caso com remédios que sejam os mais peculiares e os melhores adaptados ao transtorno corporal de nada servirá, para absolutamente nada, no caso de um paciente crônico exposto deste modo

às mágoas e às contrariedades e em quem a economia vital está sendo destruída por contínuos ataques à mente. Prosseguir com a mais fantástica edificação é tolice, quando seus alicerces estão sendo diariamente corroídos, mesmo que apenas gradualmente, pela ação das ondas.” (*Doenças Crônicas*, 1828; *Psora*, p. 149-50)

“A seguir, devem ser levados em consideração a idade do doente, seu modo de vida e de alimentação, sua situação doméstica, suas relações sociais, etc., a fim de verificar se esses elementos contribuíram para aumentar seu mal ou até que ponto podem favorecer ou dificultar o tratamento. Igualmente, não devem ser negligenciados seu psiquismo e sua maneira de pensar, a fim de se saber se apresentam algum obstáculo ao tratamento ou se necessitam de outra direção, psiquicamente sendo estimulados ou modificados.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed., § 208, IHFL)

A unidade vital do organismo (princípio vital) é afetada por “paixões debilitantes, infortúnios e preocupações”, que são **distúrbios da mente e do coração**.

“Durante os anos mais floridos da juventude e ao iniciar-se a menstruação regular, a par de um modo de vida benéfico à mente, ao coração e ao corpo, elas (doenças crônicas) frequentemente passam despercebidas vários anos; os afetados por elas aparentam, pois, saúde perfeita aos amigos e parentes, como se a doença neles arraigada por contágio ou hereditariedade houvesse desaparecido completamente. Contudo, nos anos seguintes, por ocasião de acontecimentos e circunstâncias adversas da vida, ela infalivelmente ressurgue, desenvolvendo-se com maior rapidez e adquirindo um caráter mais grave quanto mais o princípio vital tiver sido afetado por paixões debilitantes, infortúnios e preocupações, mas, principalmente, mediante um tratamento médico inadequado. (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 78, nota; IHFL)

**A mente, entidade distinta do princípio vital, devido a seu nível hierárquico superior, atua sobre a unidade orgânica desequilibrando-a, desde que seja afetada pelas noxas psico-emocionais.** Em vista disso, podemos pensar numa unidade mental, diretamente relacionada à entidade superior humana (Espírito ou Alma), que abarca as manifestações psíquicas e emocionais do ser, possuindo ascendência e interagindo com a força vital e o corpo físico.

## Saúde e moral

Conforme o exposto anteriormente, pela diferenciação entre a “unidade mental” e a “unidade orgânica”, deverá existir outra forma de se buscar o equilíbrio dinâmico da saúde, atuando em níveis superiores da entidade humana, que não seja somente através dos medicamentos homeopáticos.

O fato de o equilíbrio vital orgânico (força vital e corpo físico), conseguido através do medicamento *simillimum*, não ser duradouro, podendo-se esgotar caso o homem não atue de uma forma digna e ética, direcionando seus pensamentos e sentimentos, através do livre-arbítrio, para os mais altos fins de sua existência (moral), relatado na concepção miasmática de vários autores antigos e contemporâneos, **corroborar a diferenciação entre a unidade físico-vital e a unidade mente-espírito, por serem influenciadas e necessitarem de estímulos distintos para manterem seus estados de equanimidade.**

Nas citações abaixo, Hahnemann vê o “caminho da moral” como o mais “elevado objeto da vida”, que aproxima o homem ao Criador (Deidade de pura bondade), através

“de sensações que asseguram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conhecimentos que abraçam o universo”, exercitados pelo Sopro divino ou Espírito racional na busca do crescimento interior e da evolução espiritual. Vai mais além, responsabilizando o afastamento dos preceitos morais ao “aumento do número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade”. Não é à toa que em sua autoanálise da missão do homem e do médico na sua breve jornada terrena intitula a sua carta de conduta ética e moral como “*Esculápio na Balança*”.

“Habitante da Terra, me dizia, quão limitado é o número de teus dias neste mundo, e quantas dificuldades encontra a cada instante para proporcionar-te uma existência suportável, quando queres permanecer no caminho da moral! Mas todos estes gozos que tão caro pagas, que são por si mesmos quando te falta a saúde? E com quanta frequência não sucede que se desarmonize a saúde, e que seja perturbada por incomodidades mais ou menos graves? Como calcular o número de enfermidades e de dores sob cujo peso os mortais se dobram e se arrastam penosamente até o término de sua existência, e que não lhes perdoam nem mesmo no meio das lisonjas da glória, nem dos gozos do luxo? Sem dúvida, oh homem! quão nobre é tua origem, quão grande teu destino, e quão elevado o objeto de tua vida! Não estás destinado a aproximar-te por meio de sensações que asseguram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conhecimentos que abraçam o universo, ao grande espírito que adoram todos os habitantes dos sistemas solares? Seria possível que o sopro divino que te anima e que te inspira tão nobre atividade fosse condenado a sucumbir, sem que nada pudesse socorrer-lhe, sob a influência destes ligeiros desregramentos do corpo a que damos o nome de enfermidades?” (*Esculápio na Balança*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 91)

“[...] Não há possibilidade de existir alguma coisa *in rerum naturam* que possa abençoar o imoral. Isto é uma contradição em si e encanta o sedutor que ilude o imoral com a exibição da segura perspectiva futura de consecução da liberdade perfeita; deste modo, eles só aumentam o número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade. A Deidade de pura bondade que anima o universo infinito também habita em nós e, em nome de nossos mais elevados e inestimáveis dotes, nos dá uma razão e uma centelha de santidade em nossa consciência - gerada pela plenitude de sua própria moralidade - e que só precisamos cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes; essa razão pura pode, com severidade inexaurível, manter subjugados os motivos de nossa natureza animal de modo que o final de nossa existência aqui embaixo possa ser proveitosamente realizado, e para tanto a deidade dotou-nos de força suficiente...” (*Carta a Stapf, Köthen*, 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Acredita numa outra existência (“lá em cima”) além da terrena e numa evolução moral adquirida gradualmente pelo Espírito (razão) através de nossa “consciência, centelha da divindade”, desde que consigamos “cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes”. Claro está que o processo evolutivo é lento e progressivo, com necessidade de esforço e dedicação constantes e diários, a fim de “manter subjugados os motivos de nossa natureza animal”, frutos de nosso estado primitivo anterior, contrariando totalmente o preceito involucionista da “perda dos dons anteriormente adquiridos (queda do Paraíso)”, contidos na visão antropológica aristotélico-tomista.

No texto abaixo, vemos a importância que Hahnemann dava ao desenvolvimento e enobrecimento do Espírito inteligente, ou seja, à evolução espiritual do ser humano.

“Porém é muito diferente quando se trata de objetos cuja essência consiste em manifestações da vida; e, notavelmente, quando há que tratar o corpo do homem para conduzir suas modificações morbosas ao estado de saúde, ou seu espírito para desenvolvê-lo e enobrecê-lo.” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 133)

Definindo como “moralista” o instrutor do Espírito humano no caminho do crescimento interior ou progresso moral, Hahnemann exemplifica a forma de atuar através da “psicologia experimental” (empírica), conhecendo-se a “história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude”, negando a utilidade de qualquer “conhecimento ontológico da essência da alma humana”. Baseia seus fundamentos no exemplo prático de Sócrates dizendo que o mesmo, para conduzir os homens à virtude, “jamais necessitou entregar-se a especulações ontológicas a respeito do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma”. Clara está a importância dada por Hahnemann a se atingir níveis mais profundos do homem (Alma ou Espírito), através de práticas outras além dos medicamentos homeopáticos (psicologia socrática).

“O instrutor sábio está bem persuadido desta verdade. Assim se poupa no possível a fadiga inúteis, e para adquirir todos os conhecimentos que seu objeto exige dele, se além ele, *a posteriori*, ao que a alma nos deixa perceber dela por suas manifestações de atividades, à psicologia experimental. Nem pode, nem necessita saber mais.” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 134)

“O moralista sabe que lhe estando negado o conhecimento ontológico da essência íntima da alma humana, porque para nada podia servir-lhe, só necessita, ademais da psicologia experimental, da história dos erros práticos do espírito e do coração do homem, e do conhecimento dos meios pelos quais pode, em cada caso particular, conduzir o homem extraviado ao caminho da virtude. Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitava conhecer a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. [...] Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas a respeito da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. Do mesmo modo, o médico não tem necessidade mais que de um conhecimento histórico do modo de comportar-se o organismo humano no estado de saúde e do modo de manifestar-se a enfermidade individual, para poder socorrer a esta última logo que tenha encontrado o meio conveniente. Não pode saber mais, porque tão pouco de nada lhe teria servido sabê-lo. Consistirá, pois, mais a dignidade da medicina em imaginar teorias, que em adquirir a habilidade necessária para curar as enfermidades?” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 138-9)

Exemplificando qual deveria ser a postura do “observador médico” e assumindo o compromisso de divulgar a arte homeopática, Hahnemann mostra sua concepção de “missão humana, no aprimoramento íntimo e na prática do bem”, acima de qualquer bem material, que poderíamos entender como **evolução moral do ser inteligente capaz de agir segundo seu livre-arbítrio**: “fui posto aqui na Terra para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar”. A sua visão é clara e profunda, submissa a Deus, universalista, sem assumir tal ou qual corrente mística ou religiosa.

“Escolhei de preferência um médico que jamais se mostre grosseiro, que nunca se irrite, salvo à vista de uma injustiça; que não desdenhe de pessoa alguma, salvo os lisonjeadores; que tenha poucos amigos, mas por amigos, homens de coração; que deixe aos que sofrem a liberdade de se lastimarem; que jamais emita uma opinião sem prévia reflexão; que prescreva poucos medicamentos, a maioria das vezes um único, e em substância; que viva modestamente e retirado, afastado do ruído da multidão; que não dissimule o mérito de seus confrades e não faça autoelogio; enfim, um amigo da ordem, da tranquilidade, um homem de amor e de caridade. Antes de escolherdes um médico observai como ele se comporta com os doentes pobres e se, em seu gabinete, quando está só, se ocupa com trabalhos sérios.” (*A escolha de um médico; carta a um príncipe, 1795; A Personalidade de Samuel Hahnemann: sua vida e sua obra, p. 24*)

“Assim qualificado, o observador médico não pode deixar de alcançar seu objetivo, especialmente se mantiver a vista a elevada dignidade de sua vocação - como representante do Pai Protetor toda bondade a servir Suas amadas criaturas humanas, restaurando seus organismos devastados pela doença. Ele sabe que as observações em questões médicas devem ser feitas com uma disposição franca e respeitosa, como sob a vista de Deus onisciente, o Juiz de nossos pensamentos secretos, e devem ser registradas de modo a satisfazer uma consciência íntegra, a fim de que se possa comunicá-las ao mundo com o discernimento de que bem terreno algum é mais digno de nossos esforços zelosos que a preservação da vida e da saúde de nossos semelhantes.” (*O Observador Médico, 1825; The Lesser Writings of Samuel Hahnemann, p. 724*)

“Se eu não soubesse para que fim fui posto aqui na Terra - *para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar* - teria de me considerar muitíssimo imprudente, se tornasse conhecida para o bem comum, ainda antes de minha morte, uma arte que só eu possa e da qual está dentro de mim fazer a mais proveitosa possível se guardando-a em segredo.” (*Doenças Crônicas, Prefácio à Primeira Edição, 1828*)

“Agradeço com sincera gratidão a infinita misericórdia do único e grande Doador de todas as boas coisas, por ter-me preservado até agora com força e alegria de viver, em meio a tantos ataques de meus inimigos. E não tenho mais nenhum outro desejo do que apresentar ao mundo de maneira digna o bem que o Ser Supremo permitiu-me descobrir, ou posso dizer, que a mim revelou, para o alívio dos sofrimentos da humanidade. Estarei então pronto para partir desta vida.” (*Carta a Stapf, 15/04/1827; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 190*)

“Existe felicidade maior que a de fazer o bem? Mesmo depois que tivermos partido daqui, o único e infinito Ser que promove a felicidade de todas as criaturas, irá mostrar-nos como nos aproximar de Sua perfeição e santidade, através de atos de benevolência, assim ensinando como nos tornarmos mais semelhantes a Ele por toda a eternidade.” (*Carta a Stapf, 14/01/1828; Samuel Hahnemann: his life and work, vol. II, cap. XX, suplemento 189*)

Incorporando uma **postura universalista frente às filosofias e às religiões**, enfatiza a necessidade do homem buscá-las como meio de auxílio “para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não está em seu poder curar”, sem, no entanto, dirigir seus ensinamentos para uma determinada linha ou corrente filosófico-religiosa. Pelo contrário, critica o uso dogmático da religião como “uma concepção humana miseravelmente baixa, cheia de superstições, verdadeira destruição da humanidade”. Mostra sim, como exemplo máximo de prática espiritual, “a vigilância constante das nossas ações, a constante supervisão de nossas paixões animais”, com o intuito de encontrarmos a paz de consciência, que nos faz repousar “na amizade do Exclusivamente Único”.

“Mas se as relações do paciente não podem sofrer melhorias a tal respeito, e se ele não tiver filosofia, religião e controle suficiente sobre si próprio para suportar pacientemente e com equanimidade todos os sofrimentos e aflições pelos quais não pode ser culpado, e os quais não estão em seu poder curar [...]” (*Doenças Crônicas*, 1828; *Psora*, p. 149)

“Distribua cuidadosamente suas horas. Cada hora perdida, não empregada em nosso melhor proveito e no dos outros, é uma perda irreparável que uma consciência sensível não pode jamais esquecer. Nada há mais que precisemos vigiar e conter que as nossas inclinações físicas, incluindo aí a imaginação. Nossa parte animal requer supervisão constante e um controle tão estrito e incessante quanto o que possui nosso poder de raciocínio. Somente por meio de uma vitória constante é que nos tornamos felizes por meio desta consciência elevada e saudável. Sentimos então que repousamos na amizade do Exclusivamente Único... Você quer alguma outra religião? Não existe. Tudo o mais é uma concepção humana miseravelmente baixa, cheia de superstições, verdadeira destruição da humanidade...” (*Carta a um paciente*, 16/10/1830; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

“[...] Precisamente isso que é mantido à distância da visão da humanidade e do que poderia raiar a luz que alcançasse seus olhos e então dirigisse sua visão para dentro de si mesmos e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então obrigados a ser perfeitamente bons, porque nada há que possa eximi-los do inferno de sua consciência, quando diante da onipresença de seu Supremo Beneficor; aí esquecem-se do propósito de seu ser e preferem a satisfação de suas paixões animais à Aprovação Superior.” (*Carta a Stapf, Köthen*, 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

O irromper da Psora interna é facilitado com os vícios e desregramentos morais do homem, sendo necessário um trabalho na busca deste equilíbrio íntimo, embasado em valores elevados, para que os medicamentos homeopáticos possam atuar beneficentemente.

“Um grande e semelhante obstáculo à cura de doenças crônicas muito avançadas é frequentemente encontrado na debilidade e na fraqueza em que caem os jovens estragados por pais ricos e que são desencaminhados pela superabundância e pela devassidão daqueles, seduzidos pelas companhias depravadas, por paixões e excessos destrutivos, por pândegas, por abuso do instinto sexual, pelo jogo de azar, etc. Sem a menor consideração pela vida e pela consciência, corpos originalmente robustos são debilitados por tais vícios até tornarem-se meros simulacros de humanidade, sendo, além disso, arruinados pelo tratamento perverso de suas doenças venéreas, de modo que a Psora que muitas vezes está emboscada no interior do organismo se avoluma e emerge como a mais digna de pena das doenças crônicas às quais, mesmo que a moralidade do paciente tenha melhorado devido a um remorso deprimente e que haja um pequeno remanescente de seus poderes vitais desperdiçados, aceitam apenas face a maior das dificuldades o alívio antipsórico. Estes casos deveriam ser abordados pelos médicos homeopatas como curáveis somente com as maiores cautelas e reservas. (*Doenças Crônicas*, 1828; *Psora*, p. 152-3)

Novamente, citamos o parágrafo nove do *Organon da Arte de Curar*, no qual Hahnemann sintetiza claramente a maioria dos conceitos anteriormente abordados: “força vital imaterial, autocrática, que anima o corpo material como *Dynamis*”, descrevendo a função da força vital instintiva em animar e dar vida ao corpo físico, formando com este a unidade físico-vital do organismo humano; “mantendo todas as partes do organismo em harmonia vital nas suas sensações e funções”, responsabiliza a força vital pelo equilíbrio psicossomático do homem; “nosso espírito racional que nele

*habita*”, demonstra a diferença entre força vital irracional e Espírito racional, reiterando sua concepção antropológica dualista (corpo-espírito), estando o Espírito ligado ao corpo enquanto ocorra a vida; “*possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência*”, mostrando-nos a utilização do organismo vivo pelo Espírito, como um instrumento que lhe proporcionará condições para evoluir moral e espiritualmente.

“No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie) que anima o corpo material (Organismo) como *Dynamis*, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 9; IHFL)

## Despropósito das discussões metafísicas e especulativas

Desde o início de seus escritos, Hahnemann critica o excesso de especulações filosóficas que não auxiliem na cura do doente. Na citação abaixo, apesar de aceitar “uma espécie de explicação que a aplicação forçada dos axiomas da antropologia à patologia nos permite”, afasta-os terminantemente de sua prática clínica, dizendo que se estes são válidos no indivíduo sadio, não o são no indivíduo doente.

“É verdade que reunindo experiências puras e meditações imparciais aos dados fornecidos pela anatomia, pela física e pela química chegamos a formar uma grande massa de proposições verossímeis acerca das funções e dos fenômenos vitais do corpo são, porque no corpo são os fenômenos se reproduzem com bastante semelhança [...]. Mas não é menos certo e muito desanimador que as noções antropológicas ou fisiológicas começam a ser-nos inúteis precisamente no momento em que o corpo se afasta da saúde. [...] Não há dúvida que a aplicação forçada dos axiomas da antropologia à patologia nos permite dar uma espécie de explicação, porém esta é sempre uma ilusão e um erro capaz de extraviar-nos.” (*Esculápio na Balança*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 107-8)

Mantendo uma postura estritamente experimental e prática, habilidade que permitiu à Homeopatia permanecer atuante até os dias de hoje, Hahnemann afirma “como uma proposição incontestável, que é preciso renunciar a todas as discussões ontológicas acerca da enfermidade, objeto para sempre enigmático”. Frisando ser a Homeopatia um método terapêutico, com fundamentos simples e claros, **diz não haver “necessidade de perder-se em discussões metafísicas e escolásticas sobre a impenetrável causa primária das enfermidades”**.

Apesar de suas críticas, em geral, estarem direcionadas para a medicina da sua época, vemos nas suas justificativas a assertiva da inutilidade de discussões filosóficas que se afastem do modelo curativo, incluindo a **escolástica**<sup>12</sup>, filosofia que fundamenta o

---

<sup>12</sup> Escolástica (Fem. substantivado do adj. escolástico, do gr. scholastikós, pelo lat. scholasticu, partidário da escolástica). Doutrinas teológico-filosóficas dominantes na Idade Média, dos séculos IX ao XVII, caracterizadas, sobretudo pelo problema da relação entre a fé e a razão, problema que se resolve pela dependência do pensamento filosófico, representado pela filosofia greco-romana, da teologia cristã. Desenvolveram-se na escolástica inúmeros sistemas que se definem, do ponto de vista estritamente filosófico, pela posição adotada quanto ao problema dos universais, e dos quais se destacam os sistemas

modelo antropológico aristotélico-tomista professado em algumas escolas homeopáticas como modelo aceito e empregado por Hahnemann.

“Ele continua desiludido afirmando que medo e pesar são graus menores de confiança e alegria. Se eu fosse me atrever em fazer essas alegações, eu poderia deduzir qualquer coisa de qualquer premissa, sendo muito fácil, dessa forma, ser um escolástico sofista. Não meu querido amigo! há duas escalas; no topo de uma permanece a indiferença, e abaixo dessa mesma escala vem aborrecimento, pesar, desespero. A outra escala tem a indiferença na sua parte mais baixa, e subiremos na mesma escala para confiança, alegria e êxtase.” (*Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown*, 1801; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*, p. 350)

“Isto então soma todas as terapêuticas de Brown para doenças de, e acompanhadas por fraqueza! Aquela boa índole e juventude, assistida por um regime apropriado, (não sendo nada mais que isto) e mesmo por si só, curará doenças que tenham outras causas que não sejam a deficiência e o excesso de excitabilidade, é um fenômeno diariamente testemunhado pelo observador sem preconceitos, o qual, entretanto, deve ser explicado ou negado por Brown para suportar seu sistema escolástico.” (*Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown*, 1801; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*, p. 350)

“Bem! dizia eu. Visto que deve haver um meio seguro e certo de curar, assim como há um Deus, o mais sábio e melhor de todos os seres, deixarei o campo ingrato das explicações ontológicas, não ouvirei mais as opiniões arbitrárias, qualquer que seja a arte com que hajam sido reduzidas a sistemas, não me inclinarei mais ante a autoridade dos homens célebres; porém, buscarei ao redor de mim, onde deve estar, este meio em que ninguém pensou, porque era demasiado simples, porque não parecia bastante sábio, porque não estava envolvido em coroas para os mestres na arte de construir hipóteses e abstrações escolásticas.” (*Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 122)

“Então não pude deixar de olhar como uma proposição incontestável, que é preciso renunciar a todas as discussões ontológicas acerca da enfermidade, objeto para sempre enigmático; que basta ao que quer curar considerar cada enfermidade como um grupo de sintomas e de sensações, para poder extingui-la sem resistência com o auxílio de uma substância medicinal, capaz de produzir, por si mesma, sintomas morbosos análogos num sujeito são, [...] e que já não havia necessidade de perder-se em discussões metafísicas e escolásticas sobre a impenetrável causa primária das enfermidades, dessa mania de racionalismo, que nunca conduziu mais que a métodos quiméricos de tratamento.” (*Carta a um médico de alta categoria a respeito da urgência de uma reforma em medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 124-5)

Demonstrando sua antipatia às teorias filosóficas e **sofistas**<sup>13</sup>, quanto à “vitalidade do corpo organizado e à força intelectual que atua dentro dele”, diz que “o verdadeiro sábio e o filósofo modesto olham-nas com repugnância”.

---

de Santo Anselmo, de São Tomás de Aquino e de Guilherme de Occam. (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*)

<sup>13</sup> Sofista (Do gr. *sophistés*, sábio, pelo lat. *sophista*). Cada um dos filósofos gregos contemporâneos de Sócrates que chamavam a si a profissão de ensinar a sabedoria e a habilidade, e entre os quais se destacam Protágoras (480-410 a.C.), que afirmava ser o homem a medida de todas as coisas, e Górgias (485-380 a.C.), que atribuía grande importância à linguagem. Os sofistas desenvolveram especialmente a retórica, a eloquência e a gramática. (*Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*)



“Durante os últimos dois mil anos em que os homens tem se ocupado de filosofia e de medicina, não se deu o menor passo no conhecimento *a priori* da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele. Todas as frases desprovidas de sentido, através das quais se acreditou estabelecer demonstrações, todas as sutilezas dos sofistas sobre este objeto, cujo conhecimento nos é inacessível, não vieram demonstrar nada; o verdadeiro sábio, o filósofo modesto olha-nas com repugnância. Nem se poderia conceber um meio que fosse suscetível de conduzir-nos a este conhecimento. Não, jamais, jamais chegarão os mortais à intuição do que se oculta no santuário das ideias do Deus criador, infinitamente superior à nossa limitada inteligência.” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 135)

Reiterando sua mentalidade experimental e prática, critica os filósofos sofistas com suas elucubrações teóricas sobre a organização sutil do ser humano e enaltece Sócrates pela sua abordagem prática da “psicologia experimental”, que se utilizava da observação das faltas dos homens para conduzi-los ao caminho da virtude: “jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas acerca da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma”. Apesar de ser um filósofo nato, Hahnemann abominava qualquer modelo metafísico que procurasse explicar a natureza íntima das doenças.

“Sócrates, que conhecia tão bem o coração humano, que tinha uma opinião tão esquisita da moralidade e do que faz os habitantes da Terra verdadeiramente felizes, Sócrates só necessitava conhecer a história das faltas cometidas pelos que a ele se dirigiam para conduzi-los à virtude por meio de argumentos apropriados e com o melhor de todos, seu próprio exemplo. [...] Jamais necessitou para conseguir seu nobre objeto entregar-se a especulações ontológicas acerca da essência do espírito humano em si mesmo, ou sobre a natureza metafísica de tal ou qual vício da alma. [...] Sem dúvida, se as especulações e os sistemas metafísicos sobre a essência íntima das enfermidades, supondo que tivessem algum fundamento, fossem úteis para o homem que quer curar as enfermidades, [...] não seria de presumir que os fabricantes de sistemas e seus adeptos fossem melhores médicos que os demais, posto que possuíam o que eles chamavam a verdadeira, a mais sólida base da medicina?” (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 139-40)

Assim como Sócrates não procurava conhecer a “natureza metafísica de tal ou qual vício da alma”, Hahnemann não se interessava por especular “sobre a natureza metafísica do terror, do medo, da aversão, da cólera, do pesar, etc.”, pois em nada auxiliaria na busca do medicamento correto que cure suas consequências. **Evitando qualquer especulação metafísica acerca da teoria miasmática**, a qual ancorou em patologias físicas conhecidas, diz que “os miasmas mórbidos nos são tão desconhecidos em sua essência íntima, como os mesmos males que deles dependem; ainda quando Deus nos revelasse as mudanças invisíveis que um miasma crônico determina no interior das partes mais sutis de nosso corpo, ainda quando nosso espírito fosse capaz de receber uma instrução tão transcendental, este conhecimento intuitivo não nos conduziria, todavia, ao remédio específico, o único que nunca deixa de produzir seu efeito”.

“O terror, o medo, a aversão, a cólera, o pesar, um resfriamento, etc., são impressões que não podemos submeter a uma análise física. Ignoramos como e até que ponto estas impressões modificam o corpo humano, e quais são precisamente as enfermidades que ocasionam. Nossa ignorância neste ponto é tal que não damos um passo a mais no tratamento, quando nos indicaram o nome da causa presumida, quando nos dizem que eram o terror, o medo, o pesar ou a cólera. As especulações, mesmo a mais abstrata sobre a natureza metafísica do terror, não fornecem ao prático o menor indício que lhe ilustre acerca da marcha que deve

seguir para curar suas consequências, jamais pronunciam o nome do remédio específico dos acidentes agudos do terror, que é o ópio. É fácil dizer que a sarna depende do vício psórico, a sífilis do vício venéreo, a varíola do vício variólico, a febre quartã do ar dos pântanos. Mas ao articular estes nomes, não estamos mais adiantados relativamente ao conhecimento e ao verdadeiro tratamento destas enfermidades. Os miasmas mórbidos nos são tão desconhecidos em sua essência íntima, como os mesmos males que deles dependem. [...] Ainda quando Deus nos revelasse as mudanças invisíveis que um miasma crônico determina no interior das partes mais sutis de nosso corpo, aonde não pode penetrar o olho do anatômico; ainda quando nosso espírito, que não tem receptividade mais que para as impressões vindas pelos sentidos, fosse capaz de receber uma instrução tão transcendental, este conhecimento intuitivo não nos conduziria, todavia, ao remédio específico, o único que nunca deixa de produzir seu efeito.” (*Reflexões sobre os três métodos conhecidos de tratar as enfermidades*, 1809; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 166-7)

O fenômeno da vida “só pode ser conhecido empiricamente a partir de seus fenômenos e manifestações”, assim como na Medicina, profissão que trata da “vida humana, nada a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção pode ser reconhecível como o objeto a ser curado”, ou seja, apenas os sinais e sintomas do paciente interessam para, ao defrontá-los com a *Matéria Médica Homeopática*, escolhermos o medicamento correto em cada caso.

“O que é a vida só pode ser conhecido empiricamente a partir de seus fenômenos e manifestações, mas nenhuma concepção a respeito dela pode ser formada através de qualquer especulação metafísica *a priori*; o que a vida é, em sua natureza essencial, não pode ser averiguado ou mesmo suposto pelos mortais.” (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, vol. 53, 1988, p. 65)

“Bem, em uma profissão de tal importância para a vida humana como é a medicina, nada a não ser o estado do corpo doente plenamente cognoscível pelas nossas faculdades de percepção pode ser reconhecível como o objeto a ser curado, e deve guiar nossos passos (escolher conjeturas e hipóteses indemonstráveis como nosso guia, poderia ser uma tolice perigosa e de mais a mais um crime e traição contra a humanidade)”. (*O Espírito da Doutrina Médica Homeopática*, 1813; *Revista de Homeopatia*, vol. 53, 1988, p. 66)

Critica o uso exclusivo da razão para estabelecermos modelos e explicações “sobre a natureza das coisas, sobre causa e efeito”, dizendo que “toda e qualquer de suas conclusões deve sempre basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade”. Não aceitando os devaneios da imaginação, acrescenta que, “se na sua operação, desviar-se, um único passo, da orientação do perceptível, ela perder-se-á na região ilimitada da fantasia e da especulação arbitrária - mãe de ilusões perniciosas e absoluta nulidade”.

Afirma que a “razão meramente especulativa não pode ser ouvida” numa ciência experimental como a Medicina, pois certamente degenerará em “fantasias e especulações vazias produzindo somente hipóteses arriscadas”. Exemplifica na medicina teórica de sua época, “em que concepções, *a priori*, e sutilezas especulativas criaram uma porção de escolas orgulhosas, que apenas mostram o que cada fundador sonhou sobre coisas que não podem ser conhecidas e são inúteis no tratamento das doenças”. **É enfático ao criticar a “fusão em moldes escolásticos” destas doutrinas e suas deduções falsas e ilógicas.**

“[...] Em se fazendo deduções de premissas similares falsas, eu deveria dizer, com igual justiça, que uma dieta vegetal líquida e sopas animais fortes são uma e a mesma coisa, pois as duas diferentes dietas (no primeiro efeito no corpo) causam saciedade. Os mesmos efeitos tem a mesma causa, portanto o nutrimento vegetal líquido e o caldo de carne são uma e a mesma coisa. Então esta falsa dedução escolástica é feita.” (*Observações Fragmentadas dos Elementos de Medicina de Brown*, 1801; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*, p. 350)

“[...] E quão fácil é perseguir, maldizer e manipular, o qual tem até agora sido fundamentado em máximas incertas, nas quais pela força da autoridade utilizaram terminologia vazia, sofismo, escolasticismo, dogmas estereotipados, e experiências imaginárias, preto fazendo-se parecer branco, de uma forma que todos ficassem contentes, especialmente onde o julgamento era pervertido pela depravação do coração, do egoísmo e pela falta de liberalidade.” (*A Visão da Liberalidade Profissional no começo do Século XIX*, 1801; *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*, p. 362)

“A razão, sem ajuda, nada pode saber por si (*a priori*); não pode, por si só, estabelecer conceito sobre a natureza das coisas, sobre causa e efeito; *toda e qualquer* de suas conclusões deve *sempre* basear-se em evidências palpáveis, em fatos e experiências, se quiser extrair a verdade. Se, na sua operação, desviar-se *um único passo*, da orientação do perceptível, ela perder-se-á na região ilimitada da fantasia e da especulação arbitrária - mãe de ilusões perniciosas e absoluta nulidade. Nas ciências *puramente experimentais*, na física, química e medicina, a razão meramente especulativa não pode, por conseguinte, ser ouvida. Lá *onde aja por si*, degenera em fantasias e especulações vazias e produz somente hipóteses arriscadas que, milhares de vezes, são e por sua própria natureza devem ser ilusões e falsidades. Tal tem sido até aqui a esplêndida prestidigitação da chamada medicina teórica, em que concepções *a priori* e sutilezas especulativas criaram uma porção de escolas orgulhosas, que apenas mostram o que cada fundador sonhou sobre coisas que não podem ser conhecidas e são inúteis no tratamento das doenças. [...] Todas essas doutrinas artificiais, depois de ligadas entre si por toda a sorte de deduções falsas e ilógicas, eram então fundidas em moldes escolásticos pela nobre arte que se devota à divisão, subdivisão e tabelamento e... pronto! O artigo fabricado, a arte médica, está pronto para uso - a coisa mais oposta à natureza e à experiência que é possível conceber, uma estrutura edificada inteiramente com as opiniões de espécies várias, de milhares de mentalidades, diferentemente constituídas.” (*Organon da Arte de Curar, Prefácio à Segunda Edição*, 1818)

“Julgo não ser a pequena extensão de nossos conhecimentos, mas unicamente o mau emprego que deles fazemos, a causa que impede ao médico de atingir a certeza e a simplicidade.” (*Os obstáculos à certeza e à simplicidade da medicina prática serão inatingíveis?*; *Iniciação Homeopática*, p. 51)

Observamos, nas citações abaixo, o cuidado que deveríamos ter ao ditar “conclusões especulativas” da intimidade humana, pela incapacidade “de alcançar com nossos sentidos o processo de vida interior do homem, nem de atingir um conhecimento essencial a tal respeito”.

“Não se trata, porém, do engendramento de sistemas de ideias vazias e hipóteses acerca do âmago do processo vital e sobre as origens da doença no interior invisível do organismo (com que tantos médicos até hoje vêm esbanjando ambiciosamente forças e tempo) ou das inúmeras tentativas de explicar os sintomas nas doenças e suas causas imediatas, que sempre permanecem ocultas, tentativas estas envoltas em palavras incompreensíveis e estilo rebuscado de expressões abstratas que pretendem soar eruditas a fim de impressionar os ignorantes, enquanto o mundo doente clama inutilmente por auxílio. Estamos fartos deste tipo de extravagância erudita (que tem o nome de **arte medicamentosa teórica** e até cátedras específicas); é hora de todo aquele que se intitula médico deixar, finalmente, de uma

vez por todas, de iludir os pobres indivíduos com palavrórios, **começando**, então, em contrapartida, a **agir**, isto é, a auxiliar e curar realmente.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed., nota do § 1; IHFL)

“Como a força vital leva o organismo a desenvolver manifestações mórbidas, isto é, como ela cria doença? O artista da cura não pode tirar proveito algum deste **como e porquê**, permanecendo a mesma eternamente oculta a ele; o que lhe era necessário e completamente suficiente para o objetivo da cura, o Senhor da vida colocou diante de seus sentidos.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed., nota do § 12; IHFL)

“Só assim Deus, o sustentáculo da humanidade pode revelar sua sabedoria e bondade na cura das doenças às quais ela está sujeita, mostrando ao artista da cura o que ele teria que remover, para, assim, restabelecer a saúde. Mas o que deveríamos pensar de sua sabedoria e bondade, se ele tivesse envolvido e encerrado no âmago, em mística obscuridade aquilo que deve ser curado nas doenças (como pretendia a escola medicamentosa dominante, afetando possuir visão divinatória da essência íntima das coisas) e, assim, tivesse tornado impossível ao Homem o claro conhecimento do mal, e, conseqüentemente, a sua cura?” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed., 2ª nota do § 17; IHFL)

“Não temos meios de alcançar com nossos sentidos o processo de vida interior do homem, nem de atingir um conhecimento essencial a tal respeito, e só algumas poucas vezes nos é concedido conclusões especulativas a partir do que está ocorrendo, relativas à maneira pela qual o processo pode ter ocorrido ou acontecido [...]” (*Doenças Crônicas, Prefácio ao Quarto Volume*, 1838)

**Com os relatos anteriores, acreditamos estar evidente o fato de Hahnemann ter abolido qualquer tendência filosófica e metafísica do modelo homeopático, pois apenas a comprovação experimental e prática poderia dar o substrato necessário para a divulgação da Homeopatia em sua época.**

Apoiado neste pensamento, ele tece suas críticas à complexidade da filosofia de Immanuel Kant, dizendo que “a totalidade de sua filosofia deveria ter sido facilmente compreensível pelo menos por todas as pessoas instruídas”. Valoriza a compreensão, a clareza e a simplicidade dos pensamentos filosóficos, postura que sua genialidade e erudição não ousaram esconder.

“Admiro muito Kant principalmente porque ele delinea os limites da filosofia onde terminam todas as formas de conhecimento humano, onde se findam as experiências. Se o restante do que ele pensou e escreveu tivesse apenas se desdobrado um pouco mais nitidamente diante de sua visão interior, acho que ele não teria envolvido a si mesmo numa nuvem de sentenças tão obscuras. A totalidade de sua filosofia, a meu ver, deveria ter sido facilmente compreensível pelo menos por todas as pessoas instruídas, e ter sido tão compreensível que dela nenhuma incompreensão pudesse surgir. Contudo, apenas minha humilde pessoa é quem pensa desta forma, e talvez eu esteja enganado. É por este motivo que só valorizo Platão quando ele é bastante compreensível e fala com clareza. Se os assim chamados filósofos que seguiram Kant não houvessem escrito ainda mais misticamente e permitido à sua imaginação tantas piruetas, se, em uma palavra, tivessem mantido, como era desejo de Kant, a si mesmos dentro dos limites da experiência, minha luta atual com a reforma da ciência médica teria sido muito mais fácil...” (*Carta para o Sr. von Villers, Torgau*, 30/01/1811; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 188)

## Concepção filosófica de Hahnemann

### Visão espiritualista

Se, por um lado, Hahnemann critica o excesso de especulações metafísicas para tentar explicar as causas das enfermidades, por outro assume uma postura teísta (crente a Deus), com valores morais distintos e conceitos espiritualistas. Demonstra acreditar numa continuidade existencial após a morte do corpo físico através do Espírito imortal que nele habita, conseqüente à brevidade da vida terrena atual que funciona como uma “escola de aperfeiçoamento para a Eternidade”.

“[...] fie-se em minhas instruções e quando chegado sua hora de deixar esta existência terrestre, venha encontrar-se comigo, pois estarei aguardando por você. [...] Prometi-lhe tudo que desejava; depois ele acrescentou: *Deus a recompensará*, e cinco minutos antes de partir, disse-me cheio de ternura: *Você será minha na eternidade*. Estas foram suas últimas palavras.” (*Anotações Confidenciais da Senhora Hahnemann; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XVIII, suplemento 156)

“Por minha parte, sempre olhei como um dos fatos dos mais importantes da minha vida os partos da minha esposa e o aumento da minha família. Um ser que eu contribuí para formar em um esforço comum com aquela que me é estreitamente ligada, um novo homem nascido de nosso sangue, vem ao mundo aumentar as alegrias e os sofrimentos salutares de seu pai e de sua mãe, a quem devem dirigir na vida e prepará-lo para uma existência superior na eternidade. Repito, o nascimento de meus filhos tem sempre influído profundamente sobre minha vida interior e eu considero cada aumento de minha família como uma prova que o grande Príncipe do bem, o Pai dos espíritos, impôs-me para purificar minha consciência.” (*Iniciação Homeopática*, p. 47; *Carta a Stapf*, 17/12/1816)

“[...] Em breve irei abraçá-lo (Confúcio) no reino dos espíritos felizes [...]” (*Carta a Stapf, Köthen*, 1826; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

“[...] essa razão pura pode, com severidade inexaurível, manter subjugados os motivos de nossa natureza animal, de modo que o final de nossa existência aqui embaixo possa ser proveitosamente realizado, e para tanto a deidade dotou-nos de força suficiente...” (*Carta a Stapf, Köthen*, 14/01/1828; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

“[...] esse monstruoso transtorno da personalidade humana que se chama sonambulismo e clarividência, no qual o Homem, subtraído do mundo dos sentidos, parece pertencer mais ao mundo dos espíritos [...]” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed.; § 289; IHFL)

“[...] esse espírito, imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perecível coberta os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem estar superiores a todos os que as criaturas mais favorecidas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza.” (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 44)

“Durante os dois mil anos em que os homens tem se ocupado de filosofia e medicina, não se deu o menor passo no conhecimento, *a priori*, da vitalidade do corpo organizado, nem da força intelectual que atua dentro dele. (*Valor dos Sistemas em Medicina*, 1808; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 135)

“1. Antes de tudo, recomendo minha alma imortal à graça e à mercê de Deus, na inabalável crença de que este Guia maior e mais poderoso de meu destino irá permitir-me participar de Sua glória celestial.” (*Testamento de Hahnemann; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XVIII, suplemento 162)

“[...] *O molde material está esgotado*, foi a expressão que usou. Parece que seu sofrimento foi pequeno e apenas poucos dias antes de falecer (provavelmente somente uns dias), sobreveio uma dispnéia em paroxismos que piorou até a derradeira, de treze horas de duração, e que terminou em sufocação.” (“*Sobre a Morte de Hahnemann*”, *Dr. Hull, Homeopathic Examiner*, vol. III, p. 257; *Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XIX, suplemento 178)

“Tentem tornar-se tão felizes quanto possível nesta curta vida terrestre (escola de aperfeiçoamento para a Eternidade) e se vocês tentarem arduamente não encontrarão dificuldade para assim proceder.” (*Carta às Suas Filhas; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XIX, suplemento 178)

## Hahnemann e Confúcio

Assim como segue o exemplo de Sócrates na “psicologia experimental” (primando pela simplicidade e clareza de conceitos), enaltece os ensinamentos de Confúcio, “este benfeitor dos homens que nos mostrou o caminho certo para a sabedoria e para Deus”, comparando-o ao “arquivisionário” Jesus Cristo. Criticando, mais uma vez, os excessos filosóficos e religiosos, diz que Confúcio “transmite ao leitor uma sabedoria divina sem milagres, fábulas ou superstições”.

“A tradução para o alemão dos trabalhos em chinês de Confúcio, realizada por Scott, é de nível muito desejável... Transmite ao leitor uma sabedoria divina sem milagres, fábulas ou superstições. É um importante sinal dos tempos: que agora Confúcio possa ser lido em nosso país. Em breve irei abraçá-lo no reino dos espíritos felizes; este benfeitor dos homens que nos mostrou o caminho certo para a sabedoria e para Deus, seis séculos e meio antes do arqui-visionário (Cristo-RH).” (*Carta a Stapf, Köthen, 1826; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Para melhor entendermos o pensamento filosófico de Hahnemann, traremos concepções básicas deste educador chinês (500 a.C.) retratadas em seus *Diálogos*. Aqui veremos os mesmos preceitos de moral e caráter ensinados por Hahnemann para a manutenção da saúde psicossomática, como normas de conduta para a formação do bom político e governante.

No meio do caos governante da China Antiga, Confúcio coloca suas preocupações com o reequilíbrio político, falando sobre “a perda do Caminho (*dao*)”, ou seja, o “Caminho dos Sábios Reis da Antiguidade”. Assume a missão celeste de “despertar o mundo como um gongo” e de fazê-lo reencontrar o Caminho perdido.

Com caráter agnóstico, seu pensamento assume uma “ética essencialmente fundada sobre a afirmação dos valores humanos e das exigências morais, centrado num ideal prático”. Dentro deste conceito de “homem de bem (*jun-zi*)” a significação essencialmente moral assume lugar central na formação do político ideal.

O “homem de bem” deve contribuir para a realização do Bem Soberano, que é o “*ren*”, termo central da ética de Confúcio. O “*ren* não designa, pois, um Bem abstrato, absoluto, mas o bem que um homem pode fazer a outro”.

“O parágrafo XV, 23, nos dá uma abordagem negativa, sob o nome de *mansuetude*: *O que não quiseres que te façam, não o inflijas aos outros*. A mesma ideia é retomada de forma mais positiva em VI, 28: *Praticar o ren é começar por si mesmo [...]. Busca em ti a ideia daquilo que podes fazer pelos outros - eis o que te porá no caminho do ren!* Tal é, em suma, o sentido da resposta de Confúcio a Fan Chi, que lhe pergunta o que é o *ren*: *É amar aos homens*. (XII, 22)” (*Diálogos de Confúcio*, p. 22-3)

Entram na composição do “*ren* do homem de bem” algumas virtudes como: “a piedade filial (*xiao*); a lealdade (*zhong*) e a fidelidade (*xin*)” compondo a honestidade; “o discernimento (*zhi*) e a coragem (*yong*)”, que conferem a responsabilidade.

Atribuindo à Educação, assim como fazia Sócrates, o fator de melhoramento constante, comparava a figura do soberano ao grande Educador, sendo necessário “governar por retidão (*zheng*)”: “Um soberano não pode governar se não for ele mesmo reto, digno de ser exemplo e norma para seus súditos.”

“Longe de preconizar uma adesão cega, dogmática, a uma forma qualquer de etiqueta ou de regras arbitrárias, confere toda a sua importância à experiência e ao julgamento de cada um. O *vi* é este sentimento do Justo, essa capacidade de julgar por si mesmo sobre o que é justo e prudente fazer em tais ou tais circunstâncias. *Nos negócios do mundo, o homem de bem não tem uma atitude rígida de recusa ou aceitação. O Justo é a sua regra.*” (*Diálogos de Confúcio*, p. 28)

Sem se fixar a qualquer religião ou filosofia, a conduta moral e ética confuciana é o guia para se atingir os atributos do “homem de bem”, que sendo exemplificada na prática diária torna o ser humano cumpridor fiel da missão a que se propôs. Seus ensinamentos estão isentos de especulações ou complicações metafísicas, mostrando claramente o ideal a ser atingido, absorvível por todos os discípulos, independente da crença ou do nível cultural.

## Filosofia Natural

Hahnemann demonstra admiração pela *Filosofia Natural*, através da observação dos fenômenos e manifestações da Natureza, “infalível revelação da sabedoria, do poder e da bondade de Deus”, na qual teremos os fundamentos básicos da “verdadeira religião”, conceitos estes defendidos por pensadores de todos os tempos.

“O livro sobre Entomologia que você me enviou é muito bom e acho que seria difícil obter informações melhores (se bem que isso seja um pouco obscuro) a respeito dos movimentos contínuos da aranha; trata-se de uma espécie de vôo, num plano horizontal, para frente e para trás e perpendicularmente para cima. Se este ramo da História Natural (entomologia) não fosse uma infalível revelação da sabedoria, do poder e da bondade de Deus, em síntese, se não revelasse tudo o que é necessário para instar os homens de bem a realizarem com alegria sua Vontade, tal como se manifeste em sua consciência... se não pudéssemos apreender a verdadeira religião nem com isso, então eu teria sido espiritualmente cego. [...] Oh! meu Deus. A verdade e a isenção de preconceitos são tão raras e têm que se ocultar tanto diante dos ocupados bandos de mundanos insensatos, que desejam condescender com suas paixões

animais até o último alento de vida e também anseiam por adquirir furtivamente a felicidade eterna, por um caminho errado!” (*Carta a Stapf, Köthen, 19/07/1827; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

“[...] Não há possibilidade de existir alguma coisa *in rerum naturam* que possa abençoar o imoral. Isto é uma contradição em si e encanta o sedutor que ilude o imoral com a exibição da segura perspectiva futura de consecução da liberdade perfeita; deste modo, eles só aumentam o número dos demônios humanos, que produzem uma miséria indizível e incalculável para a humanidade. A Deidade de pura bondade que anima o universo infinito também habita em nós e, em nome de nossos mais elevados e inestimáveis dotes, nos dá uma razão e uma centelha de santidade em nossa consciência - gerada pela plenitude de sua própria moralidade - e que só precisamos cultivar com atenção constante durante nossos atos, para que possa brilhar através de todo nosso ser, evidenciando-se assim em todas as nossas atitudes; essa razão pura pode, com severidade inexaurível, manter subjugados os motivos de nossa natureza animal, de modo que o final de nossa existência aqui embaixo possa ser proveitosamente realizado, e para tanto a deidade dotou-nos de força suficiente...” (*Carta a Stapf, Köthen, 14/01/1828; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

A título de ilustração do que viria a ser esta “filosofia da natureza” (de natureza experimental e contrária à filosofia especulativa), alicerce da postura científico-filosófica hahnemanniana, que encontrou adeptos em todas as épocas da Humanidade, citaremos as ideias de Johann Wolfgang von Goethe, contemporâneo e admirador de Hahnemann, que utilizou este pensamento filosófico em suas pesquisas científicas.

“Duas espécies de filosofia existem: a doutrinária e a não doutrinária. A doutrinária não parte da investigação da natureza, mas lança mão de concepções que ela mesma arquitetou para explicá-la e assim procura efetivamente fazê-lo. É especulativa e manipula sistemas. A não doutrinária parte da investigação da natureza, integra-se nela, esforçando-se para explicá-la através da observação e da experiência, distendendo-se cada vez mais. É a filosofia natural. Essas duas correntes de pensamento correm paralelas na história das ideias. Platão e Aristóteles encarnam na Antiguidade a filosofia como sistema. Nos tempos modernos ela atinge o seu ápice no começo do século XIX com Fichte, Schelling, Hegel e Schopenhauer, contemporâneos de Goethe. A filosofia natural nasceu na Jônia, mundo grego da Ásia Menor. Surge com Tales, Anaximandro, Heráclito, Empédocles, que se empenham em explicar o aparecimento da vida na matéria e sua evolução. Tempos depois surgem o epicurismo e o estoicismo, que timbram em se apegar à natureza, sendo, assim, pelas características que oferecem, filosofia natural. No Renascimento, em que uma nova preocupação com as coisas da natureza se manifesta, repontam tentativas de uma renovação da filosofia natural, cuja figura máxima é Giordano Bruno. Contudo, o Renascimento não consegue impor nos tempos subsequentes o domínio de uma filosofia natural. Spinoza renova a filosofia natural estoíca. Goethe, moço, recebe o influxo de Giordano Bruno e de Spinoza. Torna-se naturalista e, como pensador, encarna a filosofia natural científica, justamente no período em que os grandes sistemas filosóficos de Fichte, Schelling e Hegel pretendem ser a expressão última, definitiva e perfeita em matéria de concepção do mundo e visão da vida. Goethe conhece as obras da filosofia, sua contemporânea, como aliás é muito lido na filosofia em geral. Toma por obrigação estudar Kant, senta-se aos pés de Schiller, intérprete do filósofo, e deixa-se catequizar.” (*Goethe - Quatro Discursos*, Schweitzer, p. 125-6)

“Afim, ele mesmo se convence de que nem a Teoria do Conhecimento de Kant nem os sistemas filosóficos de Fichte, de Schelling ou de Hegel podem realmente oferecer-lhe algo. O pensamento deles pertence a outro mundo que não o seu, porque procura aproximar-se da natureza, ao passo que o seu tem nela o seu ponto de partida. [...] Já se gastou tempo



*bastante com a crítica da razão; preferia uma crítica do entendimento humano. Seria uma verdadeira benção para o gênero humano se pudéssemos penetrar até o íntimo do senso comum e aí verificarmos a sua capacidade de compreensão, ou seja, nada mais nada menos do que ele precisa para viver perfeitamente bem a vida terrena. O empreendimento de Goethe firma-se, portanto, na filosofia do entendimento humano, no que ele possa oferecer de mais acertado e saudável.” (Goethe - Quatro Discursos, Schweitzer, p. 127)*

“Direção segura para a vida, segundo o seu modo de ver, só é possível partindo do conhecimento nascido da observação da natureza. Prendermo-nos à realidade para daí alcançarmos a espiritualidade: eis a salvação que nos propõe para o caso. O conhecimento principal que cada um recolhe da observação da natureza é o fato de que o natural e o espiritual sempre se apresentam simultaneamente. O espiritual age sobre o natural como força plasmadora, ordenadora e consumadora. Conduz para fora do caos e do primitivismo. Manifesta-se através da superior evolução das formações naturais. Olhando com os olhos do espírito para dentro da natureza, como se mostra dentro de nós próprios, temos de reconhecer sem demora que em nós coexistem o natural e o espiritual, que pertencemos ao reino das coisas naturais, mas forçoso é nos entregarmos à direção das forças espirituais. A filosofia de Goethe consiste, pois, na observação dos fenômenos materiais e espirituais da natureza, como se manifestam dentro e fora de nós e das conseqüências que decorrem dos mesmos. O espiritual é o elemento luminoso que reluta com as trevas da densidade da matéria. Nesse embate desenrolam-se os acontecimentos do mundo e neles decorre a nossa vida.” (Goethe - Quatro Discursos, Schweitzer, p. 128)

O *método goethiano* de observação da Natureza baseava-se na experiência pura, não permitindo em nenhuma situação que algo subjetivo atrapalhasse a sua pesquisa, restando somente ao observador arrumar o objeto de uma forma específica para que este revele o seu conteúdo, pois a verdade é inerente ao fato observado, bastando retirar o envoltório que a esconde para que ela surja: “O verdadeiro é parecido com Deus; não aparece imediatamente - temos de adivinhá-lo por meio de suas manifestações”.

“[...] Goethe procura descobrir em cada coisa um lado pelo qual esta se nos torne sagrada. [...] Esse lado do seu caráter está indissolúvelmente ligado a outro. Ele nunca procura aproximar-se diretamente desse elemento superior; aborda-o sempre através da natureza. *O verdadeiro é similar ao divino; não aparece diretamente - temos de adivinhá-lo por meio de suas manifestações.* Além de crer na ideia, Goethe tem ainda a crença de que a desvendamos pela observação da realidade; não lhe vem a ideia de buscar o divino em outro lugar senão nas obras da natureza, mas nestas procura sempre descobrir o caráter divino. Se Goethe, ainda menino, ergue um altar ao grande Deus *que está diretamente ligado com a natureza*, tal culto já procede nitidamente da convicção de podermos chegar ao que de mais sublime está ao nosso alcance, cultivando fielmente as relações com a natureza.” (A *Obra Científica de Goethe*, Steiner, p. 123-4)

“Goethe vê a origem da moral no mundo das ideias que o homem possui. Não são normas objetivas nem o mero conjunto dos instintos que regem os atos morais, mas as ideias, claras em si, pelas quais o homem imprime um rumo a si próprio. Não as obedece por dever, como deveria fazer com relação a normas éticas objetivas; nem por coerção, como faria sob o domínio dos instintos e paixões. Serve-as por amor. Ama-as como se ama um filho. Deseja a sua realização e empenha-se por elas, porque fazem parte do seu próprio ser. A *ideia* é o critério, e o *amor* a força ativa da ética goethiana. Para ele há dever *quando amamos aquilo que ordenamos a nós mesmos.* Um agir no sentido da ética goethiana é *livre*, pois o homem não depende de nada senão de suas próprias ideias. Só fica responsável por si mesmo.” (A *Obra Científica de Goethe*, Steiner, p. 191)

Introduzindo-nos no pensamento de Gotthold Ephraim Lessing, que iremos abordar no próximo tópico, vejamos como seu conceito de “religião natural” condiz com o pensamento de Hahnemann.

“Reconhecer um só Deus, procurar formar sobre ele os mais dignos conceitos, tomá-los em consideração em todas as nossas ações e pensamentos: aí está a soma completa de toda religião natural. Todos os homens estão inclinados e obrigados, na medida de suas forças, a dita religião natural.” (*Escritos Filosóficos y Teológicos*, Lessing, p. 171)

## Hahnemann e Reimarus

Dando particular importância à obra *Fragmentos* de Hermann Samuel Reimarus, Hahnemann atribui a este material importante papel no despertar das consciências humanas, afastando os homens da “satisfação de suas paixões animais” e aproximando-os da “Aprovação Superior”.

“[...] Agora, no tocante ao livro de Wild. É um fragmento inteiramente desconhecido pelo excelente Reimarus. Nada sabemos a seu respeito, exceto que a porção do meio refere-se à passagem de Moisés pelo Mar Vermelho. O Antigo Testamento é aí devidamente apreciado... [...] Não deixe de procurar para mim, se puder, nas obras de Wild, todos os fragmentos, independente de quanto custarem...” (*Carta a Stapf, Köthen, 19/07/1827; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

“Estou constrangido por você estar tendo tanto trabalho para conseguir os fragmentos. Precisamente isso que é mantido à distância da visão da humanidade e do que poderia raiar a luz que alcançasse seus olhos e então dirigisse sua visão para dentro de si mesmos e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então obrigados a ser perfeitamente bons, porque nada há que possa eximi-los do inferno de sua consciência, quando diante da onipresença de seu Supremo Benfeitor; aí esquecem-se do propósito de seu ser e preferem a satisfação de suas paixões animais à Aprovação Superior.” (*Carta a Stapf, Köthen, 14/01/1828; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

“Grande são os inomináveis trabalhos do Senhor da Criação, incomensurável Sua sabedoria, Seu poder, Sua bondade. Espero que você tenha a grande sorte de encontrar no leilão de Mohrenzoll os “Fragmentos” de Reimarus, homem que não se sujeitou a ser subornado pela superstição...” (*Carta a Stapf, Köthen, 24/03/1828; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

O que seriam estes *Fragmentos* de Reimarus, que Hahnemann tanto cita e anseia conseguir a qualquer preço? Provavelmente, tratar-se-á de um material que em muito nos auxiliará a entender a concepção filosófica do Mestre. Em vista disto, de uma forma sucinta, traremos os conceitos contidos neste trabalho e o que eles representavam para o pensamento religioso da época.

Hermann Samuel Reimarus (1674-1768) estudou teologia, filosofia e filologia em Jena e Wittenberg, viajando pela Inglaterra e Holanda, analisando os problemas e controvérsias do cristianismo e da filosofia desde Toland, Sherlock, Warburton, Espinosa, Grotius, Bayle, etc. Acabou por considerar que “ao cartesianismo teria que tirar o jugo e explicitar-lhe a intenção de fundamentar o conhecimento em todas as áreas da vida, da vida prática”. Publicou sua *Doutrina da Razão*, ou seja, “instrução para usar

corretamente a razão e o conhecimento da Verdade, apoiando-se nos princípios e regras naturais da identidade e da contradição”.

“Baseando-se nos princípios de identidade e contradição, e mediante análises dos conceitos, tenta fundamentar a existência de atributos divinos, a providência, a imortalidade da alma, etc., porém concluindo o livro com a clara proposta de levar a sério a dúvida razoável: por que criaram a revelação?”, finalizando este trabalho na obra *A Apologia*, conforme nos relata Agustín Andreu Rodrigo em *Escritos Filosóficos y Teológicos*, de Gotthold Ephraim Lessing que, além de amigo pessoal, foi o grande editor, comentarista e “salvador” da obra de Reimarus.

Lessing publicou *Os Fragmentos* como se fora obra de um *anônimo*, por desejo dos familiares de Reimarus, pois o material fazia sérias críticas aos dogmas das Igrejas. Fundamentado na opinião de Reimarus (“o povo crê tão fortemente que se deixará matar por sua fé, e matará aos que não creiam o que ele crê”), *Lessing se propôs à reinterpretación dos dogmas da religião cristã, dos dogmas do pecado original e da satisfação*.

Contra os resquícios da inquisição clerical, que dificultava a divulgação de *Os Fragmentos*, Hahnemann diz:

“Precisamente isso que é mantido à distância da visão da humanidade e do que poderia raiar a luz que alcançasse seus olhos e então dirigisse sua visão para dentro de si mesmos e para o imenso universo em cuja constante presença seriam eles então obrigados a ser perfeitamente bons, porque nada há que possa eximi-los do inferno de sua consciência, quando diante da onipresença de seu Supremo Benfeitor. [...]” (*Carta a Stapf, Köthen, 14/01/1828; Samuel Hahnemann: his life and work*, vol. II, cap. XX, suplemento 189)

Em *Escritos Filosóficos y Teológicos*, *Os Fragmentos* de Reimarus, publicados como um *anônimo* por Lessing, são comentados por Agustín Andreu Rodrigo, professor de Teologia Sistemática, Antropologia e Ética, que iremos retratar resumidamente, atendo-nos aos tópicos que possam auxiliar no esclarecimento do pensamento filosófico de Hahnemann.

**Primeiro fragmento:** *sobre o descrédito da razão nos púlpitos*. (púlpito: tribuna onde pregam os oradores sagrados)

“Tratava o primeiro fragmento do *anônimo* sobre a relação entre a razão e a revelação. Uma relação que os *púlpitos* estão tratando mal, comenta Lessing. Pois que, enquanto os teólogos *ortodoxistas* caluniam a razão declarando-a corrompida pelo pecado original e exigindo portanto seu completo submetimento, os outros teólogos, os *progressistas* (chamados então *neólogos*) pretendem identificar maravilhosamente a razão com a revelação, convertendo esta numa mera ratificação dos comentários daquela, de sorte que a revelação, propriamente, não revelaria nada. A tese de Lessing é que não faz falta recorrer ao pecado original e ao homem carnal de São Paulo, etc., etc., para provar que a razão está corrompida e debilitada; a razão é débil por outros conceitos, e uma certa escravidão da razão sob a obediência da fé se deduz do próprio conceito de revelação. A revelação é um avanço de uma luz maior. Uma vez a razão haja se assegurado da realidade da revelação, deve entregar-se a compreender essa luz maior - tarefa que pode ser milenária. Uma certa escravidão não significa que é uma escravidão ao meio; significa que a razão há de se assegurar previamente da realidade da revelação. Assegurada, a escravidão há de ser verdadeira luta *por compreender o novo motivo de ação prática* que da luz maior aparece. No entanto, a revelação *se prova* com um

tipo de provas distinto do da estrita demonstração racional, baseada na necessária conexão de causa e efeito. Pois a revelação é histórica, empírica, questão de fato.” (*Escritos Filosóficos y Teológicos*, Lessing, p. 436-7)

Comentando o *lamentável pecado original* citado por Reimarus, esclarece um ponto de fundamental importância à Homeopatia, em vista do tema ancorar a concepção filosófica aristotélico-tomista que se baseia no modelo escolástico, tantas vezes criticado por Hahnemann.

“Porém, ao parecer da exegese de Gênesis 3 (relato mosaico do pecado original) como lugar onde se assinala a causa da corrupção da razão e de sua conseqüente incapacidade, Lessing adianta uma reinterpretação do dogma do pecado original, mostrando praticamente como a razão há de aprender na revelação e como não é indiferente relacionar com o mistério uma ideia ou outra. - O recurso ao pecado original para explicar que o homem nasça pecador e culpável, era comum às igrejas católica, luterana e reformada: as três o consideram uma doutrina bíblica, especialmente do Novo Testamento. A Teologia leu dita doutrina em Gênesis 3, a partir de Santo Agostinho, e a relacionou com outros textos do Novo Testamento. Além de pecador, o homem é agora concebido diminuído de faculdades. Essa diminuição, pelo que corresponda à razão, a viam uns (geralmente os luteranos e calvinistas, e depois os jansenistas e Port-Royal) como uma corrupção integral, ou praticamente integral, da mesma; outros (católicos e jesuítas) como uma mera privação de certas ajudas de que, com anterioridade ao pecado, gozara (dons preternaturais). - Lessing intercala e *adianta* aqui uma interpretação da queda originária, na qual *já não utiliza propriamente o conceito de culpa: Todos pecamos em Adão (cf. Reimarus) porque tínhamos todos que pecar...* Conforme em Educação, n. 74, Lessing diz: ...no primeiro e ínfimo dos degraus de sua humanidade, [o homem] não é absoluto senhor de seus atos a tal ponto que possa seguir preceitos morais... E aí vê Lessing a necessidade do Filho, ou seja, da pluralidade própria do divino. Com o pecado original, pois, Lessing não vai explicar a perda de nada ou a corrupção posterior de um bem preexistente; aqui se limita a dizer isto; depois dirá mais: esse relato de Gênesis 3, fala - diz - dos intentos do homem para passar do nível escuro e confuso do sensível ao nível claro e distinto da razão. De outra maneira, Lessing disse: na queda que dizem do pecado original não se morre a razão, senão que luta por nascer. *A inteligência humana não se formou senão paulatinamente (cf. Reimarus, fragmento IV)*. - Deste modo, a Humanidade está às portas de uma de suas grandes e novas etapas. Assim como está lutando pela liberação do jugo da letra, assim mesmo está lutando pela liberação da moral da culpa, ou melhor dizendo, do mérito e seus conseqüentes prêmios e castigos eternos. Quando Lessing escreve este comentário à doutrina do anônimo sobre a *ruína da razão humana*, têm já presente o que representa a doutrina do pecado original e, em geral, da culpa na educação do gênero humano e nos próximos passos a dar.” (*Escritos Filosóficos y Teológicos*, Lessing, p. 439-40)

“O anônimo havia escrito: No estado de inocência, dizem [os teólogos], tinha o homem uma imagem de Deus incriada (não criada), ou seja, uma suficiente visão de Deus, do mundo e de si mesmo, assim como sabedoria, justiça e santidade. Incriada e suficiente são termos técnicos para indicar a sobrenaturalidade dessa imagem e desse conhecimento. Também havia escrito: ...quem tenha e queira usar sua razão natural, pode convencer-se de que sua razão inata [= natural] não é em absoluto agora menor embora sob a visão das perfeições de Deus... Os adjetivos incriado (anrschaffen) e inato (angeboren), que no texto do anônimo referem-se ao elemento superior (imagem de Deus, Razão), Lessing refere-se ao poder que têm nosso apetite sensível e nossas escuras representações: esse poder é o incriado. [...] O incriado e anterior, diz Lessing, é esse poder escuro, que faz com que tenhamos que pecar (entre outras coisas, das quais pecar não é a pior - ao que parece).” (*Escritos Filosóficos y Teológicos*, Lessing, p. 440)

Segundo a análise deste primeiro fragmento da obra *Fragments* elogiada por Hahnemann, a **“queda do paraíso” não significou a perda de nenhum dom preexistente e sim a aquisição da Razão, atributo divino que o homem irá desenvolver ao longo do seu caminho evolutivo normal.** Ao se diferenciar dos animais, que vivem sob as leis restritas da Natureza Criadora, o ser humano recebeu o **Princípio Inteligente ou Espírito**, que lhe conferia condições de evoluir segundo seu livre-arbítrio, sua vontade e seus próprios esforços. Para que ele pudesse ser “senhor absoluto de seus atos, a tal ponto que possa seguir preceitos morais, passando do nível escuro e confuso do sensível ao nível claro e distinto da razão”, incorporando com isto mais um estágio no seu crescimento espiritual, deveria caminhar por si próprio, trocando a Proteção Divina pela “responsabilidade individual”. O “fruto proibido” representa a Consciência e o Livre-Arbítrio, que se mal utilizados levam o homem ao sofrimento e à dor, mas por outro lado, aumentam-lhe as experiências, fazendo-o amadurecer moral e espiritualmente.

Essa mesma concepção encontramos na referida citação de Hahnemann.

“Porém, a fonte eterna do amor não deserdou o homem mais do que da animalidade, a fim de dispensar-lhe com mais profusão esta faísca da divindade, esse espírito que o faz encontrar com quê satisfazer a todas suas necessidades, assegurar seu bem estar, e criar os imensos recursos através dos quais se eleva de um modo considerável sobre todos os seres vivos; esse espírito que imperecível por si mesmo, sabe proporcionar à sua perecível coberta os meios de conservação, de garantia, de defesa e de bem estar superiores a todos os que as criaturas mais favorecidas podem gabar-se haver recebido imediatamente da natureza. (*A Medicina da Experiência*, 1805; *Opúsculos de Hahnemann*, p. 44)

***Segundo fragmento: impossibilidade de uma revelação na qual possam crer todos os homens de modo fundamentado.***

“Todos e cada um dos indivíduos hão de ter um conhecimento fundamentado da revelação, de sua realidade acontecida ou histórica e de sua origem divina. Mas, tendo-se em conta o tipo de provas que requer a revelação, considerando-se que cada um tem que acompanhar estes fatos vendo clara e distintamente sua realidade e seu caráter extraordinário, deveria haver propriamente uma religião e uma revelação para cada homem. E, como não é possível que uma única revelação alcance a todos os homens de modo fundamentado, assinalará Lessing que entre haver uma revelação para cada homem e haver uma só revelação para todos (coisa que comportaria a impossibilidade de que todos se salvassem), há que optar pela via do meio: diversas revelações, simultâneas e contemporâneas, para diversos povos (judeus, cristãos, muçulmanos, brâmanes...), e diversas revelações sucessivas para a Humanidade. A revelação é algo que pertence à estrutura da razão, segundo o primeiro fragmento. O indivíduo exímio é sujeito ativo/passivo de revelação, uma revelação que serve e se orienta, desde já, aos demais do seu povo e depois à Humanidade inteira. Pertencendo à estrutura intrínseca da razão, é impossível que Deus deixe a um homem sem revelação direta ou indiretamente.” (*Escritos Filosóficos y Teológicos*, Lessing, p. 437)

Observamos na *postura universalista* de Hahnemann, frente às diversas filosofias e religiões, uma grande afinidade com o pensamento de Reimarus exposto neste *segundo fragmento*, incorporando ao seu pensar *revelações* que encontrava em diversas fontes. Segundo Lessing, “as provas das verdades da razão são distintas das provas das verdades reveladas, pois estas se baseiam em testemunhos ou, ademais, versam sobre fatos empíricos, históricos, condicionados por lugar e tempo, sendo impossível que uma

revelação seja universal: se todos os homens hão de gozar de igual ajuda e dispor de uma revelação, terá que haver mais de uma revelação”.

Buscaremos demonstrar este *segundo fragmento* e a postura universalista de Hahnemann na completude desta obra, na qual as diversas filosofias e fontes estudadas convergem para um conhecimento comum e universal (*conhecimento iniciático*).

***Terceiro fragmento: Passagem dos israelitas pelo Mar Vermelho.***

“O *terceiro fragmento* propõe um tema que serve para ilustrar a loucura e o ridículo em que acaba uma exegese (seja ortodoxa ou neóloga) que pense que a defesa eficaz de uma revelação consiste em defender o caráter divino e infalível de todas e cada uma das afirmações históricas, geológicas, etnográficas, biológicas, mineralógicas, geográficas, topográficas... e, enfim, *éticas*, contidas nessa coleção de escritos que recolhem uma sucessão de tempos e condições de vida diversíssimos. Lessing contrapõe a miséria dessa exegese, inclusive a apetrechada com a melhor filologia e demais subsídios, à sensível e religiosa atitude de quem *sabe* que é a fé, do fiel - a atitude que deveria adotar o ortodoxo e que não faria por uma parte invulnerável e inacessível a ataques, convertendo-o, de outro modo, em um norte orientador (ao invés de ser pura inconstância neológica, praticando a elevação apologética ao preço tremendo de não compreender quase nada). A exegese desconhecadora das limitações do princípio da prova histórica, e entregue à inspiração verbal ou literal e à sua conseqüente infalibilidade, tem que acabar recorrendo a golpes de engenhosidade e ocorrências para explicar a milagrosa travessia do Mar Vermelho por 600.000, ou 60.000, ou somente por 6.000 (que a infalibilidade não cobre o risco de corrupção do texto)..., sendo assim que há deixado de ser capaz de renunciar à interpretação literal das *asas de águia* que concede Deus a Israel para que fuja bem veloz... Em lugar de tão nervosa, dispersa, insegura (de sí! de sua fé!) atitude, exposta a não acertar nem por casualidade na defesa da revelação e a ter que recorrer ao cabo da autoridade civil como reforço da argumentação ridícula, a atitude religiosa poderia ser a da fidelidade e a conseqüência, em manter-se no lugar próprio, a saber, *nesse pequeno porém insuperável círculo* que é a fé.” (*Escritos Filosóficos y Teológicos*, Lessing, p. 437-8)

***Quarto fragmento: que não se escreveram os livros do Antigo Testamento para revelar uma religião.***

“Destas coisas (insuficiente concepção da unidade de Deus; ausência de concepção da imortalidade da alma), pelo menos, nada se pode concluir sobre a divindade dos livros do Antigo Testamento. Pois esta terá que se provar de muitas outras maneiras do que com as verdades da religião natural que neles se encontram. Qualquer outro livro tão antigo pode conter as mais evidentes, elevadas, profundas verdades deste tipo, e disso hoje temos provas. Provas que invalidam mais de um douto silogismo que conclui a condição divina da Bíblia, na qual é elo de ligação a unidade de Deus, que se ensinaria somente no Antigo Testamento. Os livros santos dos brâmanes poderiam competir, pela antiguidade e dignidade de suas representações sobre Deus, com os livros do Antigo Testamento, se o que desconhecemos ainda destes livros santos corresponde aos exemplos que deles nos hão dado a conhecer pessoas fidedignas. Pois que, se a inteligência humana não se formou senão paulatinamente; se as verdades que são hoje evidentes e claras para o homem mais sensível, foram outrora muito incompreensíveis e, em conseqüência, tiveram que produzir-se inspirações imediatas da Divindade e embora só puderam ser aceitas como tais; não obstante, houve em todos os tempos e países almas privilegiadas que, com suas próprias forças, pensando, saíram da esfera dos seus contemporâneos, corriam ao encontro da luz maior e, se é verdade que não podiam comunicar a outros seus sentimentos sobre esta luz, não obstante podiam indicá-los. Não é possível dar prova alguma sobre a origem divina imediata do que provém desta classe de homens que também hoje surgem de quando em quando sem que lhes faça sempre justiça.

Porém, se não se pode provar essa origem onde ocorra, tampouco se lhe pode negar onde falte, e bem poderia ser de Deus um livro, ser composto de uma mais alta inspiração divina, embora nele se encontre poucos traços ou nenhum da imortalidade das almas ou das penas posteriores a esta vida. Inclusive é possível que estes livros contenham uma religião beatificante, ou seja, uma religião com cuja observância pode o homem assegurar a felicidade mais além do que alcance o pensamento.” (*Escritos Filosóficos y Teológicos*, Lessing, p. 430-1)

**Quinto fragmento:** sobre a história da ressurreição.

Neste último *fragmento*, de mais de cem páginas, Reimarus questiona as inúmeras contradições encontradas nos testemunhos dos Evangelistas sobre a ressurreição de Jesus Cristo.

“O comentário ao *quinto fragmento*, distinguindo entre o testemunho do fato empírico e histórico da revelação (ressurreição de Jesus Cristo) e o *cronista*, devolve a cada indivíduo seu direito e faculdade para fazer-se com uma fundamentação de sua atitude religiosa: remete o sujeito para fundamentar a fé.” (*Escritos Filosóficos y Teológicos*, Lessing, p. 438)

Provavelmente, **a destituição dos dogmas religiosos e, conseqüentemente, o afastamento de qualquer modelo ou sistema especulativo que afastasse o homem dos resultados experimentais e das observações práticas, tenha sido o encanto que aproximou Hahnemann de Reimarus e dos demais pensadores afins.** Na análise pura dos fatos, livre de qualquer hipótese pré-concebida, vemos a bússola que sempre norteou o pensamento e a produção científica de Hahnemann, despertando seu interesse por filósofos que comungassem com os mesmos ideais.

## Força vital homeopática e Fisiologia humana

Neste tópico, tentaremos relacionar o conceito da *força vital homeopática* com os conhecimentos da Fisiologia humana. No intuito de traçarmos um panorama geral dos aspectos concordantes, iremos discorrer sobre concepções básicas de ambas as Ciências, sem a pretensão de nos aprofundarmos no assunto.

Dentro do modelo homeopático, o papel de manter o equilíbrio orgânico cabe ao **princípio vital**, considerado por Hahnemann como uma entidade imaterial (energética), unida substancialmente ao corpo físico, com o poder de regular automaticamente todas as sensações e funções fisiológicas, desde que o organismo permaneça em estado de saúde. Esta força vital seria a intermediária entre as instâncias superiores da individualidade humana e o organismo físico, com seus órgãos, tecidos e células. Como um maestro que, seguindo a partitura de determinada sinfonia, coordena os vários músicos e instrumentos de uma orquestra, a força vital, sob o influxo do Espírito racional, mantém a homeostase interna *de todas as funções fisiológicas do organismo*.

Parafraseando James Tyler Kent na Lição IV de sua obra *Filosofia Homeopática*, compararíamos a Alma ou o Espírito, “*vontade e entendimento formando uma unidade que constitui o homem interior*”, ao governo federal de uma Nação; a força vital imaterial (limbo ou substância simples), “*vice-regente da alma*”, ao governo estadual e, finalmente, os diversos órgãos, tecidos e células do corpo físico aos governos municipais, suas administrações regionais e a população em si, respectivamente. A

“*ordem*” de comando partiria do plano federal (vontade e entendimento), hierarquicamente superior às demais entidades, passando pela instância estadual (princípio vital), atingindo os governos municipais (órgãos), as administrações regionais (tecidos) e a população, representada pelas células do organismo.

“Não! essa força vital, inata no homem, que preside a vida de maneira perfeita enquanto dura a saúde, cuja presença se deixa sentir em todas as partes do organismo, na fibra sensível como na irritável, e que é o motor infatigável de todas as funções normais do corpo, não foi criada para servir de auxílio a si mesma nas enfermidades, nem para exercer uma medicina digna de imitação. Não! a verdadeira medicina, obra da reflexão e do juízo, é uma criação do espírito humano que, quando a energia automática da força vital é impelida para exercer atos anormais por causa da enfermidade, sabe imprimir-lhe uma modificação morbosa análoga, porém sensivelmente mais forte, por meio de um medicamento homeopático; de forma que a enfermidade natural não possa mais influir sobre ela, e depois que esta houver desaparecido pela ação do medicamento, a força vital recobre seu primitivo estado normal, voltando novamente a presidir a manutenção da saúde, sem que durante estas transformações tenha sofrido nada que fosse capaz de debilitá-la.[...]” (*Organon da Arte de Curar, Introdução*, p. LI, GEHBM, 1984)

“No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital de tipo não material (Autocratie), que anima o corpo material (Organismo) como ‘Dynamis’, mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional que nele habita, possa servir-se livremente deste instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed., § 9, IHFL)

A esta força vital, Hahnemann atribui a execução automática e instintiva do princípio terapêutico da similitude, através da ***ação secundária***, observada na prática experimental como um **mecanismo automático de reação do organismo às perturbações de qualquer natureza que venham a atingi-lo**, na tentativa de conservar a harmonia interior (efeito rebote).

“Toda força que atua sobre a vida, todo medicamento afeta, em maior ou menor escala, a força vital, causando certa alteração no estado de saúde do Homem por um período de tempo maior ou menor. A isto se chama **ação primária**. Embora produto da força vital e do poder medicamentoso, faz parte, **principalmente**, deste último. A esta ação, nossa força vital se esforça para opor sua própria energia. Tal ação oposta faz parte de nossa força de conservação, constituindo uma atividade automática da mesma, chamada **ação secundária** ou **reação**.” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed., § 63, IHFL)

“Durante a ação primária dos agentes mórbidos artificiais (medicamentos) sobre nosso organismo sadio, nossa força vital (como se conclui dos exemplos seguintes), parece conduzir-se de maneira meramente suscetível (receptiva, por assim dizer, passiva) e então, como que obrigada, parece permitir às sensações do poder artificial exterior que atue sobre ela e que modifique seu estado de saúde; mas, então, é como se recobrasse o ânimo e, ante este efeito (**ação primária**) recebido: (a) parece produzir um estado exatamente oposto (**ação secundária, reação**), **no caso de tal estado existir**, no mesmo grau em que o efeito (**ação primária**) do agente morbífico artificial ou potência medicamentosa atuou sobre ela e proporcional à sua própria energia - ou, (b) se não houver na natureza um estado que seja exatamente o oposto da ação primária, ela parece esforçar-se em fazer valer seu poder superior, extinguindo a alteração nela causada pelo agente exterior (através do medicamento), restabelecendo seu estado normal (**ação secundária, ação curativa**).” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed., § 64, IHFL)



Para ilustrar esta *reação vital ou ação oposta do organismo (rebound effect)*, mantenedora da homeostase interna, cita alguns exemplos de fenômenos fisiológicos relacionados à regulação térmica do organismo.

“Exemplos de (a) estão à vista de todos. A mão que é banhada em água quente, a princípio, fica muito mais quente do que a outra não banhada (ação primária); porém, após ser retirada da água quente e estar completamente enxuta novamente, torna-se fria depois de algum tempo e, finalmente, muito mais fria do que a outra (ação secundária). Depois de aquecida por um intenso exercício físico (ação primária), a pessoa é atingida por frio e tremores (ação secundária). Para quem ontem se aqueceu com bastante vinho (ação primária), hoje qualquer ventinho é muito frio (ação oposta do organismo, secundária). Um braço mergulhado por tempo muito longo em água muito fria é, a princípio, muito mais pálido e frio (ação primária) do que outro; porém, fora da água e enxuto, torna-se, a seguir, não apenas mais quente do que o outro, mas também vermelho, quente e inflamado (ação secundária, reação da força vital).[...]” (*Organon da Arte de Curar*, 6ª ed., § 65, IHFL)

Segundo os parâmetros da Fisiologia humana, **podemos comparar o mecanismo de ação da força vital hahnemanniana**, sob um enfoque positivista, mas não reducionista, **a um modelo integrado de regulação automática do equilíbrio do meio interno (homeostase), que abrangeria todos os sistemas orgânicos**. Como discorremos em capítulo anterior, posicionando-se entre o teleologismo de Aristóteles e o mecanicismo de Descartes, Hahnemann associa os sintomas físicos, constitucionais, gerais e as características psíquicas e emocionais do indivíduo ao seu modelo vitalista de compreensão do binômio saúde-doença, fundamentando um sistema de experimentações sistemáticas no indivíduo saudável para traçar as diretrizes do seu princípio terapêutico.

Adiantando-se à Fisiologia do final do século XIX, Hahnemann propõe, através do conceito de força vital, um modelo reacional integrativo buscando a explicação dos “fenômenos reguladores do equilíbrio orgânico interior”, conforme podemos observar no histórico trazido por Gunther e Hodgson (1970)<sup>14</sup> na *Introdução* de sua obra *Fisiologia Integrativa*.

“Desde os alvares da era científica, os múltiplos e variados fenômenos regulatórios que são observados no mundo biológico, despertaram, seguramente, a curiosidade dos investigadores e dos filósofos. Não obstante, em fisiologia, se descreveu pela primeira vez - com exatidão - um mecanismo de regulação, apenas no ano de 1886, quando E. de Cyon e C. Ludwig tornaram público o efeito da estimulação do nervo ‘depressor’ sobre a magnitude da pressão arterial. Estes autores interpretaram o fenômeno como um ‘reflexo’, que se originaria no coração e que atuaria por intermédio dos nervos vasomotores sobre as arteríolas periféricas. Ulteriormente, descobriu-se que as terminações sensitivas do nervo depressor, em realidade, se encontram na adventícia da aorta e não no coração em si. Em 1859, Claude Bernard estabeleceu a ‘constância do meio interno’ (*fixité du milieu intérieur*) e demonstrou sua tese experimentalmente ao evidenciar que a glicemia era praticamente constante apesar das influências aleatórias da alimentação, e que a temperatura do sangue dos animais era invariável, não obstante as flutuações da temperatura ambiental. Estes conceitos gerais foram sintetizados por Léon Frédéricq (1885) da seguinte maneira: ‘Nos seres vivos, qualquer perturbação induz, por si mesma, atividades complementárias, tendentes a neutralizar a perturbação. Quanto mais elevado o organismo na escala evolutiva, tanto mais numerosos, mais perfeitos e mais complicados são os mecanismos reguladores. Estes mecanismos

---

<sup>14</sup> Gunther B., Hodgson G. *Fisiologia Integrativa: introducción a la teoría de control y de compartimento*. Santiago: Ediciones de la Universidad de Chile, 1970.

tendem a tornar o organismo independente das influências desfavoráveis e das mudanças que acontecem no meio ambiente'. Os conhecimentos acerca dos mecanismos de regulação da circulação se enriqueceram com o descobrimento de H. E. Hering (1923) de outro par de nervos 'frenadores' da pressão (*Blutdruckzugler*), constituídos esta vez pelos nervos sinusais ou do seio carotídeo. Por outra parte, o princípio da retroação ('feedback' dos autores ingleses ou 'Ruckkoppelung' dos autores alemães) foi aplicado pela primeira vez por R. Wagner (1925) ao estudo do controle dos movimentos reflexos, com o que a ideia de regulação em 'circuito fechado' apareceu claramente formulada em fisiologia." (*Fisiologia Integrativa*, Gunther e Hodgson, 1970, p. 14)

Continuando neste relato histórico, os autores citam o surgimento do conceito de *homeostase*, que pelo seu significado fisiológico e etimológico aproxima-se da compreensão do conceito de cura pela similitude homeopática: a direção que o organismo busca para manter-se em equilíbrio através de "atividades complementárias, tendentes a neutralizar a perturbação", assemelha-se ao princípio terapêutico homeopático, no qual através de um estímulo semelhante ao distúrbio original estimula-se uma reação do organismo contra o mal natural, na tentativa de anular a referida alteração inicial.

"Em 1929, W. B. Cannon definiu outro conceito geral, o da 'homeostase' (um vocábulo composto e derivado do grego que significa etimologicamente: *homeos* = parecido, semelhante; *stase* = estado, condição), e que se refere à manutenção - dentro de certos limites - de funções como: pressão arterial sistêmica e pulmonar, frequências cardíaca e respiratória, glicemia, pH do sangue arterial, pressão osmótica do plasma, etc. O termo 'homeostase', segundo Cannon, era sinônimo de 'steady state', porém, mais tarde, estendeu-se aos 'processos' que conduzem à constância das funções aludidas, em que os organismos devem ser considerados como sistemas 'abertos' em sua relação com o meio ambiente. Os mecanismos de autorregulação da pressão arterial foram novamente analisados, porém, desta vez, de forma quantitativa, por E. Koch (1933) em seu livro 'Die regulatorische Selbststeuerung des Kreislaufs', servindo estes trabalhos - muitos anos mais tarde - como um dos fundamentos para a simulação - mediante um computador analógico - do funcionamento do aparelho circulatório (Mc Adam, 1961). Estes estudos culminaram com uma publicação de A. Rosenblueth, N. Wiener e J. Bigelow (1943) sobre o tema 'Behavior, purpose and teleology', em que, entre outros problemas, os autores se referem ao estudo quantitativo do reflexo rotuliano no homem e a aparição do fenômeno do 'clonus' em condições patológicas." (*Fisiologia Integrativa*, Gunther e Hodgson, 1970, p. 14)

Na tentativa de "racionalização dos métodos de estudo dos mecanismos de autorregulação", o termo homeostase dá lugar ao conceito de *Cibernética*, que significa a "Ciência que estuda as comunicações e o sistema de controle não só dos organismos vivos, mas também das máquinas". Neste contexto, numa utilização parcial do verdadeiro significado, fragmentou-se uma conceituação de regulação orgânica global (homeostase) em mecanismos diversos de autorregulação (cibernética), estudando-se as partes do organismo como constituintes de uma máquina físico-química, afastando qualquer chance de integrá-las numa unidade psicossomática individualizante.

"O vocábulo 'Cibernética' é mencionado pela primeira vez por Platão (427-347 a.C.) ao fazer referência à 'arte de governar' uma embarcação por parte do timoneiro. Quase 2.000 anos mais tarde, o termo reaparece como 'Cybernetique', num ensaio sobre filosofia da ciência, em que Ampère (1834) se refere aos métodos de 'governar' em política. Este vocábulo adquire um significado científico quando Norbert Wiener (1884-1962) publica em 1948 seu livro intitulado 'Cybernetics, or Control and Communication in the Animal and the Machine', com o qual se inicia a segunda revolução industrial, a introdução da

automatização dos computadores eletrônicos, e na biologia a racionalização dos métodos de estudo dos mecanismos de autorregulação, desde o âmbito subcelular até o das inter-relações das comunidades viventes.[...]” (*Fisiologia Integrativa*, Gunther e Hodgson, 1970, p. 14-5)

Sintetizando o fenômeno de autorregulação das funções fisiológicas, Carl F. Rothe discorre sobre “Homeostase e controle de retroalimentação negativa” na obra *Fisiologia* (Selkurt, 1971)<sup>15</sup>. Abordando o controle homeostático segundo a **retroalimentação negativa**, em que **a reação resultante se opõe a qualquer mudança que possa ocorrer no nível desejado**, enfatiza a importância do sistema nervoso autônomo “para contrarregular as modificações do meio interno, induzidas por variações do meio externo ou pela atividade do próprio organismo”.

“Cada célula do organismo requer um meio que lhe proporcione as substâncias nutritivas necessárias e que elimine os resíduos metabólicos. Claude Bernard, há aproximadamente um século, formulou o conceito de *um meio interno constante e ótimo* como requerimento essencial para o funcionamento normal do organismo. Cannon (1929) desenvolveu ainda mais o conceito desta condição, à que denominou *homeostase*, e salientou o papel desempenhado pelo sistema nervoso autônomo. Um dos princípios cardinais da fisiologia é que os mecanismos homeostáticos atuam para contrarregular as modificações do meio interno, induzidas por variações do meio externo ou pela atividade do próprio organismo. É assim que se consegue reduzir a um mínimo as alterações que o exercício, os desequilíbrios nutritivos, os traumatismos e as enfermidades provocam no meio interno. O controle da temperatura corporal constitui um exemplo de homeostase. Quando descende a temperatura interna, os mecanismos homeostáticos tendem a reduzir a perda de calor e aumentar sua produção. Em consequência, a atividade de tais mecanismos limita a diminuição da temperatura corporal e mantém esta variável dentro de um nível relativamente constante. Os animais de sangue frio, ao contrário, necessitam de sistemas homeostáticos para o controle da temperatura e, conseqüentemente, suas temperaturas corporais tendem a ser similares às do ambiente. A função dos mecanismos homeostáticos é reduzir ao mínimo a diferença entre as respostas reais e as respostas ótimas de um sistema, e constituem, por conseguinte, exemplos biológicos do *controle de retroalimentação (feedback) negativa*. Neste tipo de sistemas há mecanismos capazes de estimar o nível da variável que deve controlar-se, e a reação resultante se opõe a qualquer mudança que possa ocorrer no nível desejado. Quando a resposta aumenta, se produz o retorno de um sinal negativo ou inibidor aos mecanismos efetores, o qual reduz a magnitude da resposta seguinte. Quando a resposta diminui, ao contrário, o mecanismo mencionado faz que a resposta seguinte seja maior. [...] Nos mamíferos, os mecanismos homeostáticos de retroalimentação são extremamente complexos e interrelacionados, porém, em geral, se prestam à análise se os compararmos com certos dispositivos idealizados pelos engenheiros. Estes investigadores, aproveitando o princípio de controle de retroalimentação negativa, realizaram grandes progressos no desenho de muitos sistemas de controle, que atuam em dispositivos tais como os pilotos automáticos (aviação), os sistemas de guias de projéteis, os computadores e os robôs para a automatização industrial. A retroalimentação negativa se emprega nestes mecanismos porque proporciona um fator de grande precisão e de estabilidade de funcionamento, prescindindo das mudanças que possam ocorrer no meio externo ou no próprio sistema. Este mesmo princípio geral atua nos mamíferos para manter, a um nível constante e ótimo, numerosas variáveis como a temperatura corporal, o tônus muscular e os níveis sanguíneos de anidrido carbônico, para mencionar alguns poucos entre os muitos exemplos existentes. O organismo humano possui um grande número de sistemas de retroalimentação negativa, e todos eles aperfeiçoaram-se no curso da evolução filogenética. O sistema nervoso autônomo é um constituinte importante da maioria dos mecanismos homeostáticos. Para conseguir uma melhor compreensão da fisiologia do ser humano normal é necessário analisar previamente as características

---

<sup>15</sup> Selkurt, Ewald E (dir.). *Fisiologia*. Buenos Aires: Libreria “El Ateneo” Editorial, 1971.

fundamentais destes sistemas de controle de retroalimentação negativa.” (*Fisiologia*, Selkurt, 1971, p. 177-8)

Utilizando-nos desta breve explanação, tentamos traçar um paralelismo entre a atuação da força vital hahnemanniana (*natureza individual do homem orgânico*) e os mecanismos fisiológicos de manutenção do equilíbrio orgânico, definidos por Hipócrates como *vis medicatrix naturae*. Entendamos que o intuito máximo da terapêutica homeopática é estimular o organismo a reagir contra o desequilíbrio que o afeta, **utilizando-se do medicamento homeopático para orientar a maneira correta de como esta reação vital em direção à cura deva ocorrer**, evitando-se respostas automáticas e instintivas do organismo que, sem um direcionamento inteligente, podem tornar-se prejudiciais ao sistema.

“Se essa natureza que se basta a si mesma nas doenças, que os médicos da escola tradicional acreditam ser a incomparável arte de curar, fosse fiel imitação do mais elevado objetivo do médico, a grande Natureza em si e por si, isto é, a voz de inefável sabedoria do grande Artífice do universo infinito, sentir-nos-íamos compelidos a sermos guiados por essa voz infalível, apesar de embaraçados para compreender por que nós médicos, pela nossa interferência artificial com medicamentos, perturbaríamos ou nocivamente agravaríamos essas operações, supostamente incomparáveis, do autoauxílio da natureza nas doenças (*vis medicatrix*). Mas o caso está longe disso! Essa natureza, cujo autoauxílio a escola médica tradicional alega ser a incomparável arte de curar, a única digna de imitar-se, é meramente a natureza individual do homem orgânico, não é senão a força vital, instintiva, irracional, irrefletida, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo, que o Criador ordenou mantivesse as funções e as sensações do organismo em condições maravilhosamente perfeitas, desde que o homem continue em boa saúde, mas não foi destinada nem adaptada para boa restauração da saúde, uma vez perturbada ou perdida. Pois, tenha nossa força vital sua integridade prejudicada por influências nocivas de fora, esforça-se ela, instintiva e automaticamente, por libertar-se desse transtorno adventício (doença) por processos revolucionários. Esses mesmos esforços são, eles próprios, doença, uma segunda e diferente doença, que se substitui à original. A força vital produz, repito, de acordo com as leis da constituição do organismo a que está sujeita, uma doença de espécie diferente, destinada a expelir a doença atacante, esforçando-se para consegui-lo pela dor, por metástases e assim por diante, mas, principalmente, por evacuações e sacrifício de boa parte dos constituintes fluidos e sólidos do corpo, com resultados difíceis, nocivos, muitas vezes dúbios e, frequentemente, mesmo desastrosos.” (*Organon da Arte de Curar, Prefácio à Quarta Edição*, GEHBM, 1984)

Com o objetivo exclusivo de relacionarmos a atividade da força vital hahnemanniana aos mecanismos fisiológicos de autorregulação orgânica, ambos atuando segundo o **princípio de ação e reação**, ou seja, a uma ação disfuncional ou agressora primária mobiliza-se uma reação neutralizante secundária, citaremos alguns sistemas fisiológicos que endossam a utilização do princípio terapêutico da similitude.

## Sistema regulador neural

Uma das principais funções do sistema nervoso é regular os mecanismos fisiológicos que mantém a estabilidade intrínseca do organismo, ou seja, a homeostase, através de funções vegetativas como circulação sanguínea, ventilação, transpiração, alterações metabólicas, alterações osmolares, digestão, etc. O **sistema regulador neural** é formado pelo *sistema neuroendócrino* e pelo *sistema nervoso autônomo ou sistema*

*neurovegetativo (sistema simpático e parassimpático)*. Além disto, estes sistemas que regulam as funções vegetativas sofrem a influência do *sistema nervoso central (SNC)*.

Vejam os como a atuação do **sistema regulador neural** no *controle da temperatura corporal*, exemplo utilizado por Hahnemann para explicar como o organismo (força vital) reage às alterações do estado de saúde através do *modelo de ação primária* e consequente *reação secundária*, é observado pela *Fisiologia Básica* (Aires, 1985)<sup>16</sup> através dos mecanismos integrados de manutenção da homeostase interna.

“Em geral, cada função vegetativa é regulada por mecanismos específicos, mas mecanismos superiores promovem a articulação das diversas funções, de modo que o resultado final seja sempre uma integração que represente a melhor combinação de efeitos para o organismo, em dado momento e em dada circunstância. Um exemplo bastante ilustrativo da integração geral das funções vegetativas é o que sucede quando a temperatura ambiente diminui. Um sistema situado no hipotálamo dos animais homeotermos (que se denomina ‘centro termorregulador’) recebe informações térmicas periféricas e mede a temperatura do sangue circulante. Identificada uma queda da temperatura, o centro termorregulador desencadeia diversas reações com a finalidade de aumentar a produção de calor e de impedir sua perda, a fim de que o corpo não entre em hipotermia (queda da temperatura corpórea); esta prejudicaria as reações enzimáticas, que requerem nos homeotermos uma faixa de temperatura mais ou menos crítica, e comprometeria a integridade do organismo. O centro termorregulador promove, então, vasoconstrição cutânea (para diminuir a troca de calor entre o sangue e o meio ambiente) e vasodilatação muscular e da área esplâncnica (para absorver o sangue desviado da pele e impedir que a pressão arterial se eleve); além disso, há liberação de adrenalina pela medula adrenal (resultando, entre outros efeitos, em mobilização de glicose pelo fígado e ácidos graxos pelo tecido gorduroso, necessários à contração muscular) e liberação de hormônio tireotrófico pela hipófise (para ativar a tireoide, cujos hormônios intensificam o metabolismo celular). Além de todos esses ajustes vegetativos, que envolvem múltiplos mecanismos centrais e periféricos, alguns músculos se contraem assincronicamente (calafrios) para produzir calor ou mesmo para deslocar o corpo para um local mais quente.” (*Fisiologia Básica*, Aires, 1985, cap. 6, p. 138)

### **Sistema nervoso autônomo (neurovegetativo)**

Ao **sistema nervoso autônomo** corresponde, em grande parte, a manutenção do equilíbrio do meio interno, por controlar as funções viscerais orgânicas. Apesar de sofrer influência do sistema nervoso central, age de forma automática, atuando sobre a musculatura lisa, o músculo cardíaco, as glândulas exócrinas e algumas glândulas endócrinas. Neste controle visceral, temos também a atuação do sistema endócrino, através da liberação de hormônios na corrente sanguínea. Estes dois sistemas (sistema nervoso autônomo e sistema endócrino) são os principais responsáveis pela homeostase orgânica.

“Desde o ponto de vista anatômico, o sistema nervoso autônomo constitui a via eferente que relaciona os centros cerebrais de controle com os órgãos receptores, como o músculo liso e as células secretoras. No que diz respeito à fisiologia, sem dúvida, a regulação da função visceral também deve incluir os receptores sensitivos, as vias aferentes e os mecanismos centrais de controle. No vago e no esplâncnico, por exemplo, as fibras aferentes sensitivas servem a ambos os sistemas, o autônomo e o somático. Existem outros receptores como os da osmolaridade plasmática e os da pressão parcial do anidrido carbônico, que se encontram

<sup>16</sup> Aires, Margarida de Mello, et al. *Fisiologia Básica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.

nas células do próprio sistema nervoso central. O sistema nervoso autônomo se distingue do somático, porque os neurônios motores que estão em relação funcional imediata com as células eferentes se encontram integralmente fora do sistema nervoso central. A inervação da medula suprarrenal constitui a única exceção a respeito.” (*Fisiologia*, Selkurt, 1971, p. 163)

O sistema nervoso autônomo, sob o ponto de vista anatômico e funcional, divide-se em dois setores: o *sistema simpático*, cujos prolongamentos nervosos originam-se na medula espinal tóraco-lombar e o *sistema parassimpático*, que emerge dos segmentos cranial (tronco cerebral) e sacral (medula sacra). Ambos os sistemas atuam conjuntamente, cada qual promovendo, geralmente, estímulos contrários numa mesma função visceral.

Os gânglios da cadeia simpática situam-se bilateralmente à coluna vertebral (*gânglios paravertebrais*), interligados longitudinalmente (*tronco simpático*), ou mais medialmente (*gânglios pré-vertebrais*) formando os *plexos nervosos*. O estímulo do SNC chega aos gânglios simpáticos através dos axônios pré-ganglionares (tóraco-lombares), realiza a sinapse e atinge os órgãos através dos axônios pós-ganglionares, provocando neles fenômenos de inibição ou de excitação. Os mediadores liberados pelas terminações nervosas do simpático são as catecolaminas: adrenalina e a noradrenalina. Quanto ao sistema parassimpático, inerva as vísceras abdominais por fibras pré-ganglionares originadas na formação reticular ou na região sacral, seguindo o trajeto dos nervos vagos que se originam no bulbo, promovendo suas sinapses em gânglios localizados próximos aos órgãos ou na parede dos mesmos. O mediador liberado é a acetilcolina, o mesmo do sistema nervoso somático.

No intuito de demonstrar as ações recíprocas e opostas destes sistemas, exemplificando os *mecanismos de ação primária* e consequente *reação secundária do organismo*, citaremos suas funções antagonísticas de regulação interna.

## **Efeitos do sistema nervoso autônomo sobre os sistemas orgânicos**

### **Olhos**

O *simpático* causa dilatação da pupila (midríase) durante o estado de alerta, contraindo as fibras radiais do músculo da íris; o *parassimpático* causa diminuição do diâmetro da pupila (miose), contraindo as fibras circulares da íris.

### **Coração**

O *simpático* aumenta a atividade cardíaca, atuando no nó sino-atrial, causando aumento da frequência cardíaca (taquicardia); o *parassimpático* diminui a atividade cardíaca, causando diminuição da frequência cardíaca (bradicardia).

### **Vasos**

O *simpático* inerva a musculatura lisa dos vasos, causando diminuição do diâmetro (vasoconstrição), quando a noradrenalina ativa os adrenoceptores alfa (pele, mucosas, mesentério, rins, fígado, musculatura esquelética); a adrenalina, secretada pela medula da supra-renal, atua nos vasos com adrenoceptores beta (rins, fígado, musculatura esquelética), provocando vasodilatação. Nos territórios em que os vasos recebem inervação dupla, simpática e parassimpática, o *simpático* promove dilatação vascular. O *parassimpático* inerva os vasos das glândulas salivares, dos corpos cavernosos e

algumas áreas de irrigação cerebral, causando vasodilatação nestes territórios; nas glândulas lacrimais promove secreção abundante; a acetilcolina, por um mecanismo complexo, pode causar vasodilatação na aorta e nos vasos mesentéricos.

### **Sistema respiratório**

De modo geral, o *simpático* promove vasoconstrição no sistema vascular pulmonar. O *simpático* promove broncodilatação, mediada por receptores beta-2 adrenérgicos (relaxamento da musculatura lisa da parede do brônquio), enquanto o *parassimpático* contrai a musculatura lisa brônquica, causando broncoconstrição. O *parassimpático* excita as glândulas produtoras de muco de todo o trato respiratório.

### **Sistema digestório**

Do terço médio do esôfago ao reto, o *simpático* relaxa a musculatura lisa longitudinal e circular do trato digestivo, diminuindo os movimentos peristálticos e o trânsito intestinal, além de causar contração dos esfíncteres; o *parassimpático*, pelo contrário, contrai a musculatura lisa, aumentando a motilidade gastrointestinal e relaxando os esfíncteres. Em geral, o *parassimpático* ativa a secreção das glândulas digestivas (salivares, gástricas, hepáticas, pancreáticas exócrinas e intestinais), enquanto o *simpático* promove inibição, em grande parte como consequência de intensa vasoconstrição.

### **Sistema urinário**

Na bexiga, enquanto o *parassimpático* causa contração da musculatura lisa da parede vesical e relaxamento do esfíncter interno promovendo a micção, o *simpático* relaxa a musculatura lisa da bexiga e contrai o esfíncter interno, inibindo a eliminação de urina. Nos rins, pela inervação simpática dos vasos e dos túbulos renais, através de sinapses noradrenérgicas, dopaminérgicas e colinérgicas, o *simpático* promove vasoconstrição, aumento na reabsorção de Na<sup>+</sup> e água, e estimula a secreção de renina. Por intermédio da neurohipófise (liberando vasopressina ou ADH) e da adenohipófise (que estimula o córtex da supra-renal produzindo aldosterona), o sistema nervoso também influi na reabsorção de Na<sup>+</sup> e água.

### **Sistema genital**

O *simpático* promove contração da próstata, vesículas seminais, canal deferente e epidídimo, sendo responsável pela emissão do esperma no ato sexual; após a ejaculação, promove constrição dos corpos cavernosos, suprimindo a ereção do pênis. O *parassimpático*, liberando óxido nítrico, provoca intensa vasodilatação nos corpos cavernosos, promovendo a ereção; do mesmo modo, provoca vasodilatação no clitóris e nos pequenos lábios, causando o seu ingurgitamento no ato sexual.

### **Fígado**

O estímulo *simpático* promove a neoglicogênese e a liberação de glicose, enquanto que o *parassimpático*, estimulando a liberação do glucagon, promove aumento da síntese e armazenamento do glicogênio hepático, a partir da glicose.

### **Pâncreas endócrino**

O *parassimpático* estimula as ilhotas pancreáticas aumentando a secreção de insulina, enquanto o *simpático* inibe as células betas do pâncreas, reduzindo a secreção de insulina.

### **Medula da adrenal**

Recebendo apenas inervação simpática pré-ganglionar, com células homólogas aos neurônios ganglionares, a adrenal secreta dopamina, adrenalina e noradrenalina, conforme o estímulo de determinadas regiões do hipotálamo.

## **Sistema neuroendócrino**

Funcionando como mantenedor da homeostase orgânica, o **sistema neuroendócrino** coordena a liberação hormonal sob o influxo do estímulo nervoso central. Neste mister, o hipotálamo desempenha importante papel. Sob a regência dos impulsos nervosos centrais, o hipotálamo, através dos seus mediadores, atua sobre a hipófise (anterior e posterior) estimulando a secreção dos hormônios hipofisários (corticotropina, tirotropina, FSH, LH, prolactina, somatotropina, vasopressina, ocitocina), que irão atuar nas glândulas periféricas (adrenal, tiróide, testículos, ovários, fígado e outros tecidos). Estas, por sua vez, liberaram hormônios (adrenalina, esteróides adrenais, tiroxina, triiodotironina, testosterona, progesterona, estradiol, somatomedinas) que agem nos alvos finais (músculos, fígado, órgãos reprodutores, glândulas, coração, vasos e inúmeros tecidos orgânicos).

**SNC ⇒ Hipotálamo ⇒ Hipófise ⇒ Glândulas periféricas ⇒ Alvos finais**

A concentração sanguínea dos mediadores hipotalâmicos, dos hormônios hipofisários e dos hormônios das glândulas periféricas controla, por mecanismos de retroalimentação positiva e negativa (alça ultracurta, alça curta, retroalimentação direta), a liberação ou a inibição dos hormônios do eixo hipotálamo-hipófise, atuando na homeostase orgânica. No *feedback negativo*, temos o exemplo da reação orgânica a um excesso de estímulo, inibindo-o; ao contrário, no *feedback positivo*, o organismo reage a uma deficiência de estímulo, produzindo-o.

## **Controle central das funções vegetativas**

Os sistemas centrais de controle das funções vegetativas situam-se em todo o SNC (medula espinal, rombencéfalo, mesencéfalo, diencéfalo, prosencéfalo e cerebelo).

Na *medula espinal* existem sistemas de comportamentos integrados, mantendo inúmeras funções vegetativas em funcionamento, manifestando-se como padrões motores, ajustes hemodinâmicos (alterações da frequência cardíaca, do calibre vascular, da pressão arterial), alteração da atividade motora gastrointestinal, liberação de catecolaminas pela adrenal, etc.

No *rombencéfalo* e no *mesencéfalo* (formação reticular) está situada a maioria dos circuitos que controlam as funções vegetativas, como a regulação da pressão arterial, da respiração, da atividade digestiva, etc. No mesencéfalo integram-se os reflexos pupilares e de acomodação visual. Além da regulação homeostática de inúmeras funções vegetativas, estas áreas podem controlar diversos comportamentos.

No *diencéfalo* encontramos o hipotálamo, responsável por ajustes homeostáticos e comportamentais tais como o aumento ou a diminuição da pressão arterial, contração ou



relaxamento da musculatura lisa intestinal, aumento ou diminuição da frequência e/ou amplitude respiratória, liberação de hormônios da neurohipófise, gonadotrofinas, hormônio do crescimento, ACTH, insulina, glucagon, etc.

No *prosencefalo*, várias regiões (núcleos da base, área septal, núcleos amigdalóides, etc.) atuam na regulação de inúmeras funções vegetativas (pressão arterial, atividade gastrointestinal, metabolismo de sódio, estímulo da adenohipófise, etc.). A região cortical atua em inúmeros fenômenos vegetativos, tais como pressão arterial, respiração, alteração do diâmetro pupilar e vascular, etc. O córtex cerebral atua sobre o hipotálamo, influenciando o equilíbrio neuroendócrino.

O *cerebelo* também atua no ajuste das funções vegetativas, sabendo-se muito pouco como isto ocorre.

Como região importante na manutenção da homeostase interna, citemos o **sistema límbico**, que funcionaria como *entidade hipotética central* no controle das funções vegetativas, inclusive aquelas relacionadas às atividades psíquicas e comportamentais. Dito sistema é composto por estruturas prosencefálicas, diencefálicas e mesencefálicas, “agrupando numerosíssimos sistemas paralelos como um sistema único”.

“Há várias décadas se vem descrevendo o *sistema límbico* como o da mais alta importância no controle de funções vegetativas por estruturas prosencefálicas, diencefálicas e mesencefálicas. Em 1954, Mc Lean propôs o conceito de sistema límbico como uma constelação de múltiplas estruturas centrais que organizam comportamentos e controlam certos ajustes hemodinâmicos, ventilatórios, metabólitos, etc. Basicamente, o sistema límbico inclui quase todas as regiões que recebem informações olfativas e outras situadas na área septal, hipotálamo, porção ventral do mesencefalo, hipocampo, núcleos amigdalóides e as conexões que interligam todas essas regiões do SNC. O sistema límbico, segundo o conceito original, organiza comportamentos instintivos (alimentar, sexual, luta, defesa, etc.) e, em condições patológicas, pode mediar doenças psicossomáticas. Entretanto, não há lógica no agrupamento de numerosíssimos sistemas paralelos como um sistema único; além disso, as funções outrora atribuídas exclusivamente ao sistema límbico envolvem várias outras regiões do SNC, desde o córtex cerebral até a medula espinal. Por essa razão, o conceito de sistema límbico deve ser abandonado em favor de uma classificação mais analítica dos sistemas implicados na programação de comportamentos, quer quanto aos seus componentes motores quer quanto aos vegetativos.” (*Fisiologia Básica*, Aires, 1985, cap. 6, p. 161-2)

Apesar de alguns expoentes da Fisiologia clássica, seguindo o modelo cartesiano e compartimental, não aceitarem a evidência observável experimentalmente do “agrupamento de numerosíssimos sistemas paralelos como um sistema único”, que atribui ao **sistema límbico** este papel abrangente de *equilibrador neurovegetativo*, podemos observar a analogia conceitual que existe entre esta definição e a concepção vitalista de Hahnemann (Teixeira, 1996), que atribuía à *força vital* o papel de manter a homeostase do organismo como um todo, reagindo às perturbações que viessem a acometê-lo.

### **Sistema integrativo psico-neuro-imuno-endócrino-metabólico**

Desejando com este sucinto relato localizar o papel do *sistema regulador neural* na manutenção do equilíbrio do meio interno, aceitamos que, juntamente com outros

sistemas fisiológicos, como, por exemplo, o **sistema imunológico, poderíamos aproximar o *modus operandi* da força vital hahnemanniana a este complexo conjunto de mecanismos neuro-imuno-endócrino-metabólicos de controle da homeostase orgânica.** Lembremo-nos de que na terapêutica homeopática, através do princípio da similitude, utilizando características que abarcam a totalidade de manifestações do indivíduo, como peculiaridades afetivas, volitivas, intelectivas, imaginativas, oníricas, climáticas, alimentares, etc., além dos sintomas clínicos e patológicos, escolhemos um medicamento que provocará uma reação totalizante do organismo em direção ao equilíbrio do meio interno.

“A função básica do sistema imunológico consiste em remover elementos patogênicos do corpo, procurando não danificar o próprio organismo. O eritema, tumor e dor em torno de uma mesma infecção são exemplos de como o sistema imunológico, à beira de danificar o corpo, elimina um organismo infectante. Em desregulações mais sérias do sistema imunológico, a hiperatividade pode resultar em doenças auto-imunes (por ex., miastenia gravis, lupus eritematoso sistêmico), alergias ou anafilaxia; a hipoatividade (por ex., AIDS) pode resultar em câncer ou sérias infecções. O sistema imunológico interage reciprocamente com os sistemas nervoso e endócrino. [...] Estudos realizados em animais mostram que as lesões do hipotálamo, hipocampo e hipófise resultam em disfunções razoavelmente específicas do sistema imunológico. Os principais mensageiros neuroquímicos para esta desregulação, provavelmente são a noradrenalina, beta-endorfina, metencefalina e cortisol. A função imunológica aumentada tem sido correlacionada com uma diminuição da noradrenalina no hipotálamo (presumivelmente funcionando como um neurotransmissor inibidor) e um aumento na ativação celular (medido por eletrodos implantados). Os linfócitos podem comunicar-se de volta com o cérebro através da liberação de mensageiros químicos, incluindo o ACTH, beta-endorfina ou substâncias químicas (citocinas) secretadas unicamente pelos linfócitos. Os estudos de animais em situações experimentais de *stress* planejado demonstram uma diminuição no número de linfócitos, uma proliferação diminuída em resposta à estimulação, e uma redução na produção de anticorpos. [...] Uma série de experiências com diferentes modelos animais demonstrou que a imunossupressão pode ser condicionada de modo que, ao receber um estímulo não relevante biologicamente (por ex., soar a campainha), a resposta imunológica do animal é suprimida. [...] Portanto, existe a possibilidade de que pacientes com distúrbios auto-imunes possam aprender a suprimir suas respostas imunológicas através de condicionamento ou modificação do comportamento. [...] Pelo menos dois estudos investigaram a proliferação das células-T em cônjuges enlutados, e relataram uma diminuição em torno de 1 a 2 meses após a morte do outro cônjuge. Tem sido relatado que o *stress* de estudantes universitários corresponde a uma diminuição na atividade das células ‘assassinas, naturais’ (natural killer). Aqueles estudantes que dispõem de poucas capacidades de relacionamento com colegas, ou que se queixam de solidão, tendem mais a apresentar a anormalidade. Os pacientes com depressão maior também têm sido relatados como apresentando uma proliferação diminuída de células-T e uma diminuição generalizada no número de linfócitos. Embora a hipersecreção de cortisol pudesse explicar estas descobertas, existem evidências de que os sistemas endócrino, imunológico e nervoso são mutuamente interativos, e que não é possível obter-se uma seta de direção única, de causa-e-efeito, entre hipercortisolemia e funcionamento imunológico diminuído.” (*Compêndio de Psiquiatria*, Kaplan, 1990, cap. 4, p. 82-4)<sup>17</sup>

Em sua obra *Patofisiologia Oral*, Douglas (1998)<sup>18</sup> aborda a função homeostática e integrativa dos sistemas imunológico, endócrino e nervoso, quando discorre sobre a “*resposta do organismo perante a agressão/stress*”. Cita, inicialmente, as influências

<sup>17</sup> Kaplan, Harold I., Sadock, Benjamim J. *Compêndio de Psiquiatria*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

<sup>18</sup> Douglas, Carlos Roberto. *Patofisiologia Oral*. São Paulo: Pancast, 1998.

psíquica, endócrina, simpática e hipotalâmica no sistema imune, modulando a resposta imunológica do organismo. Postula “a existência de uma comunicação bidirecional entre os sistemas nervoso central e o sistema imune, explicitada pelas influências do stress na imunidade e da participação do sistema imune na resposta adaptativa do stress”.

“Influências psíquicas na imunidade. Estudos têm sido realizados tanto em seres humanos como em animais de experimentação. *Estudos em humanos* - Tem sido realizado em diversas populações humanas. Períodos de pressão acadêmica para estudantes tais como exames, foram acompanhados por redução da resposta linfoproliferativa, diminuição da atividade dos linfócitos killer, menor produção de  $\gamma$ -interferon por leucócitos sanguíneos periféricos e reativação de vírus herpes. Por outro lado, também têm sido observadas modificações similares em outros grupos de pessoas em resposta a eventos estressantes, por exemplo: relações matrimoniais conturbadas, luto e desemprego. De forma semelhante, a doença depressiva tende a ser associada com redução da resposta imune. *Estudos em animais* - O stress nem sempre provoca imunodepressão. Alguns estressores, como agrupamento de grande número de animais, podem realmente aumentar a resistência do hospedeiro, enquanto outros estressores - ao invés - reduzem marcadamente a resposta imune. Assim, uma só sessão de choque elétrico sem possibilidade de fuga, exagera o crescimento tumoral por causa imune. [...] Influência endócrina na resposta imune. Embora existam modificações neuroendócrinas e imunológicas no stress, não foi demonstrada correlação entre as modificações hormonais e as imunológicas. Contudo, os fatores endócrinos são capazes de influir na imunidade, em especial, os corticosteróides e o hormônio de crescimento (GH ou STH), bem como vice-versa. [...] Sabe-se que os glicocorticóides são capazes de determinar linfopenia e que esta se apresenta no stress. Porém, a *linfopenia* só é parcialmente decorrente da ação dos glicocorticóides, pois continua a ocorrer em condições de suprarenalectomia total. Daí haveria dois tipos de linfopenia no stress: dependente dos glicocorticóides e independente deles, sendo que esta última se apresenta na incapacidade dos linfócitos T de reagir frente aos mitógenos (PHA e ConA), pelo menos no rato. [...] O hormônio do crescimento age praticamente em sentido oposto ao excesso de cortisol. *Estimula*, em geral, o *sistema imune*, aumentando a velocidade e eficiência da rejeição nos transplantes, além de reverter os efeitos depressores produzidos pelos corticosteróides, como leucopenia, por exemplo. Recentemente, foi documentado o papel do GH na atividade regulatória do timo, células linfóides, células fagocitárias e medulares, além de ser, definitivamente, um *fator ativador dos macrófagos*. [...] A prolactina também incrementa a atividade tumoricida do macrófago e a síntese de citocinas, como  $\gamma$ -interferon. [...] Deve-se acrescentar que outros hormônios também atuam sobre o sistema imune, como insulina, gonadotrofinas e hormônios tireoidianos. Aliás, a ritmicidade nictemeral imune ocorre com as mesmas características do ritmo neuroendócrino em geral. Influência do sistema simpático e das catecolaminas. Determinou-se que as *catecolaminas são liberadas muito precocemente na agressão*, inclusive perante agentes estressores menores. Entretanto, quando indivíduos saudáveis são submetidos a stress físico de curta duração, como também psicológico, constata-se modificações quali e quantitativas, caracterizadas pela redução dos linfócitos, monócitos e granulócitos, em presença de elevada concentração plasmática de adrenalina. Alterações similares ocorrem na composição do *pool* de linfócitos circulantes provocadas por injeções de adrenalina. Ademais, observou-se uma significativa redução na responsividade mitogênica dos linfócitos, ou citocinas, por exemplo. Já os efeitos das catecolaminas na atividade citolítica dos macrófagos pode ser medida por outro mecanismo. Tanto noradrenalina como adrenalina bloqueiam a ativação de macrófagos no estabelecimento de um estado tumoricida e antiviral. Aliás, os linfócitos possuem receptores de membrana, tipo  $\beta$ -adrenérgicos, para noradrenalina, que atua na célula de AMPc. O papel do sistema imune na resposta do stress. Com base em vários estudos já realizados, postula-se a existência de uma comunicação bidirecional entre o sistema nervoso central e o sistema imune, explicitada pelas influências do stress na imunidade e da participação do sistema

imune na resposta adaptativa do stress. Tanto estudos experimentais como clínicos têm demonstrado que fatores determinantes de stress - naturais e laboratoriais - alteram a atividade de linfócitos e macrófagos em um complexo sistema que depende do tipo de resposta imune, das características físicas e psíquicas do estressor, e, também, do tempo de stress relativo para a indução e expressão do evento imune. Assim, essa expressão imunitária não é fortuita, simplesmente, mas uma consequência indireta das influências recíprocas regulatórias, que existem entre o sistema imune e nervoso. Por um lado, o sistema imune recebe sinais do cérebro e do sistema neuroendócrino via sistema nervoso autônomo e hormônios e, além disso, envia informações para o cérebro através de citocinas. Essas conexões parecem fazer parte de um sistema de regulação tipo *feedback* de alça longa, que possui um papel importante na coordenação de respostas - condutual e fisiológica - na infecção e na inflamação. [...] Foi determinado que na resposta imune ocorre aumento do *turnover de adrenalina* no hipotálamo. Aliás, a mesma resposta imune *inibe* a ação nervosa central da noradrenalina, talvez decorrente da ação de mediadores imunes liberados na reação imunológica. Ademais, é relevante a modificação da *atividade elétrica do núcleo ventro-medial* do hipotálamo sob os efeitos da administração de um antígeno que promove reação imunitária. [...] (*Patofisiologia Oral*, Douglas, 1998, p. 619-21)

No mesmo capítulo, Douglas (1998) discorre sobre a função secretória das células mononucleares (PMN) do sistema imunológico, liberando substâncias endócrinas que atuariam no eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. Pela capacidade das células imunes poderem “passar sua informação para o sistema neuroendócrino através de seus hormônios peptídicos e citocinas”, são consideradas como “*células nervosas livres flutuantes*”.

“Função secretória do sistema imune. Buzzetti e McLaughin, entre outros, determinaram que as células imunitárias, particularmente os *monócitos periféricos circulantes (PMN)*, são capazes de secretar substâncias de ação endócrina, como *POMC* - opióides endógenos e *ACTH* -, além de outros peptídeos hormonais, *citocinas* e *óxido nítrico*. Determinou-se que, por vírus Newcastle, aumenta-se a secreção de *POMC* e *ACTH*, além de *MSH* nos PMNs. A ação viral seria mediada por fatores ou mecanismos estimulantes de natureza hormonal nas células mononucleares. Esses *fatores secretagogos imunes* seriam: 1) *Interferon*, que estimula a secreção de *POMC* e *ACTH*. Esse seria um fator muito importante por possuir um sistema de controle por *feedback* negativo, porque, por sua vez, o *MSH* e  $\beta$ -endorfina controlam a produção de  $\gamma$ -interferon; 2) *CRH* ou *hormônio liberador de corticotrofina*, cuja característica nas células mononucleares é a velocidade reduzida de ação, enquanto que na hipófise é muito rápida; 3) *Mitógenos de ação linfocitária B*, que estimulam os linfócitos B, como *PWM* e *lipopolissacarídeos* da endotoxina de bacilos Gram negativos. Estes mitógenos ativarão uma *enzima de ação proteolítica*, liberando-se *ACTH* e *opióides endógenos*. Das secreções monocitárias, pode-se concluir que são, em tudo, *similares às secreções hipotalâmicas*, ainda nos mecanismos de controle e modulação. As substâncias secretadas pelas células mononucleares podem ter efeitos *endócrinos*, similares às secreções hipofisárias, ou *parácrinos*, modulando a atividade do linfócito do próprio sistema imune. Ações das secreções das células mononucleares no eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. Buzzetti e McLaughin estabeleceram a existência de uma *interação bidirecional* entre sistema imune e sistema hipotalâmico. Em primeiro lugar, com *canavalina A (ConA)* estimula-se a secreção de *corticosteróides no córtex supra-renal*, aparentemente decorrente da ativação dos monócitos periféricos pelo efeito mitogênico da ConA; estes produzirão *interleucina-1*, uma citocina. Desse modo, após a indução de uma resposta imune por antígeno, os leucócitos transmitem *sinais*, não somente para os muitos componentes do *sistema imune*, como também para o *cérebro* e *órgãos neuroendócrinos*. Os sinais envolvem *citocinas* (interleucinas, interferons e caquectina ou TNF), e *proteínas hormonais (ACTH,  $\beta$ -endorfina, prolactina, GH, TSH, somatostatina, peptídeo vasoativo)*, produzidos tanto nos *linfócitos* como nos *macrófagos*. Esses ‘imunotransmissores’ representam a via aferente de

uma alça longa, que regula por *feedback* o complexo imunológico via *sistema hipotálamo-hipofisário* e o ramo simpático do sistema neurovegetativo. Ação das citocinas no sistema nervoso central. As citocinas - devido ao seu grande espectro de atividades - agem como sinais internos entre a periferia e o sistema nervoso central, por *coordenar* diferentes componentes da resposta orgânica da agressão, e mais especificamente, da inflamação. Em adição, esses produtos também mediam respostas *comportamentais* não específicas para a infecção, tais como: *mal-estar, fadiga, sonolência, anorexia, apatia, adinamia e irritabilidade*, sinais e sintomas que se detectam frequentemente no febricitante. A *interleucina-1* penetraria no interstício cerebral ao nível do hipotálamo, mais especificamente nos *órgãos circunventriculares*, de modo que se pode *liberar CRH e ACTH* na hipófise e estimular a secreção do córtex supra-renal. Além do mais, os *glicocorticóides podem inibir o sistema imune (linfócitos e monócitos) e reduzir a secreção de citocinas*. Daí então, postula-se a existência de *alças regulatórias por feedback* negativo entre sistema imune e sistema hipotálamo-hipófise, que são dois sistemas que agem *paralelamente*, mas *inter-relacionados* entre si. Alças regulatórias entre hipotálamo e sistema imune. Podem ser caracterizadas por inter-relações recíprocas de dois tipos: de alça curta e de alça longa. *Regulação por sistema de alça longa* - Baseia-se na ação de *citocinas imunes que liberam CRH no hipotálamo* e da *ação direta na adenohipófise*, secretando-se ACTH e cortisol no córtex supra-renal, que finalmente *inibe a produção de citocinas* nas células imunes. Além disso, ACTH produz diretamente modulação das células imunes. *Regulação por sistema de alça curta* - Determinado pela ação do POMC produzido nas células imunes, que controla *paracrinamente as mesmas células imunitárias*, além da ação imunodepressora dos glicocorticóides, já que ACTH do POMC excitaria o córtex supra-renal e os glicocorticóides inibem, por sua vez, as células imunes, e reduzem seu crescimento (efeito anti-mitogênico). [...] Resumindo, é possível que o sistema imune seja como um *órgão sensível* para certos *estímulos (bactérias, vírus)*, que são reconhecidos pelo sistema nervoso central e periférico. Deste modo, os imunócitos podem passar *sua informação para o sistema neuroendócrino* através de seus hormônios peptídicos e citocinas. A esse respeito, certas células do sistema imune podem servir como *'células nervosas livres flutuantes' (free floating nerve cells)*, segundo o conceito de Blalock), bem como um *cérebro móvel*. Nos vários tipos de células imunitárias podem ser encontrados hormônios e peptídeos neuroendócrinos hormônios-símiles (hormônio de crescimento, TSH, peptídeo intestinal vasoativo, somatostatina, etc.). A maior parte dos *neuropeptídios, hormônios, citocinas* atuam como *via de comunicação entre o cérebro, sistema endócrino e sistema imune*. Assim, o *cérebro modula a resposta imune* por via aferente (ativação) e via eferente (expressão) através de influências neurais e neuroendócrinas. Besedowsky descreveu um *circuito de feedback imunomodulador* entre *IL-1 e glicocorticóides*, no qual a IL-1 agiria como via aferente e os glicocorticóides como sinal hormonal eferente.” (*Patofisiologia Oral*, Douglas, 1998, p. 621-3)

Finalizando esta abordagem fisiológica da terapêutica homeopática, citemos a opinião do pesquisador homeopático francês Bernard Poitevin (1991)<sup>19</sup>, quanto à *concepção médica homeopática* moderna e sua relação com a *pesquisa homeopática*. Citando Laborit, relaciona o *sistema neuro-imuno-endócrino-metabólico* ao *modus operandi* do princípio vital homeopático em manter a homeostase orgânica.

“Os trabalhos e reflexões sobre a concepção médica homeopática fazem, a meu ver, parte integrante da pesquisa homeopática e constituem uma pedra angular de sua evolução. É evidente que a homeopatia não pode mais se contentar em assentar-se sobre uma doutrina imutável. Os pontos-chave da concepção médica homeopática devem ser confrontados com os conceitos médicos e científicos contemporâneos, não em uma perspectiva reducionista,

---

<sup>19</sup> Poitevin, Bernard. É possível avaliar a homeopatia? Revista de Homeopatia, São Paulo, 56 (1-2-3-4): 3-9, 1991.

mas por uma re-atualização indispensável das linguagens e conceitos de base. É nesta óptica que os últimos artigos de Michel Aubin foram consagrados a um estudo geral da concepção médica homeopática. É igualmente dentro desta óptica que nós temos aprofundado a noção de ‘terreno’, confrontando as duas abordagens, imunoalérgica e homeopática. E se as diferenças de método de estudo não permitem confundir estas duas disciplinas de naturezas diferentes, existe uma série de conceitos que permitem re-atualizar certos aspectos da concepção médica homeopática. Individualidade e polimorfismo genético, regulação possível do ‘terreno’, aqui compreendido no seu comando genético, noção de história ‘neuroendócrino-metabólica’ do indivíduo que condiciona, segundo Laborit, a resposta a todo agente agressor mesmo em uma patologia aguda, existência de ‘memórias’ biológicas e importância de sistemas interativos no funcionamento do corpo humano: tudo isto constitui exemplos de noções suscetíveis de re-atualizar e de enriquecer os princípios de base da Homeopatia. Sempre no quadro desta re-atualização, uma questão simples pode ser colocada: como nossos produtos de ação geral podem ter um efeito assim extenso? Que significa nossa ação sobre o terreno e o que entendemos do fato de que a Homeopatia seja uma terapêutica global? Pode-se, em função dos *conhecimentos biológicos atuais* clarificar um pouco a questão e propor um esquema sobre *os pontos de impacto da terapêutica homeopática.*” (Poitevin, 1991, p. 6-7)

“Três níveis podem esquematicamente ser distinguidos: 1) O primeiro é aquele das *estruturas de base* de um indivíduo, estruturas genéticas, estruturas constitucionais, estruturas psicológicas. Eu penso que nós não temos em Homeopatia ação sobre estas estruturas, diretamente, pela intermediação de nossos medicamentos. No entanto, o interesse que levamos ao conhecimento destas estruturas, os esforços que fazemos para preservá-las, para manter o indivíduo em sua norma pessoal, são fortemente positivos. Trata-se de uma consequência real da utilização do medicamento homeopático, que não é diretamente relacionado à sua ação farmacológica. 2) O segundo ponto de impacto possível é aquele dos *sistemas de controle gerais*, neurológicos, endócrinos e imunitários, que funcionam de forma interativa. Laborit fala a propósito do terreno, de uma ‘história neuro-endócrino-metabólica’, e que eu me permito juntar à imunitária, que em um momento dado condiciona toda resposta do indivíduo ao seu meio. Eu penso que nossos medicamentos de ação geral ajam sobre estes sistemas de controle geral e que, por intermédio desses sistemas, ajam em seguida sobre os aparelhos. Naturalmente, não são mais do que hipóteses que devem se apoiar sobre trabalhos ulteriores. 3) Por fim, no terceiro estágio, se assim eu pudesse dizer, situam-se os *aparelhos* sobre os quais se pode pensar que ajam nossos medicamentos de ação local. Os *sistemas de regulação* existem em dois níveis. Sobre os sistemas de controle geral, nós devemos situar, principalmente, a influência do meio ambiente e resgatar aqui a noção de servo-mecanicismo utilizada por Laborit, que corresponde a um comando externo do sistema. Nós podemos pensar que nossas modalidades gerais estão relacionadas com estas regulações, comandadas ao exterior do organismo. Ao nível dos aparelhos, existem anéis de retro-ação em circuito fechado e nós podemos enunciar a hipótese de uma correspondência entre nossas modalidades locais e as regulações deste anéis de retro-ação. Naturalmente, trata-se apenas de hipóteses e imaginamos a soma de trabalho necessário para um simples início de verificação experimental...” (Poitevin, 1991, p. 7)

## Conclusões

A partir deste estudo, observamos aspectos nítidos do pensamento de Hahnemann quanto à natureza imaterial e filosófica do ser humano, que iremos abaixo sintetizar.

Primeiramente, torna-se evidente a identidade da força vital hahnemanniana com a *vis medicatrix* hipocrática, ambas manifestando-se de forma instintiva, automática, irrefletida, irracional, sujeita às leis orgânicas do nosso corpo.

Esta força vital, instintiva e automática, possui a propriedade de manter o equilíbrio orgânico, “enquanto ocorra a saúde”, perdendo esta capacidade quando o processo de doença se instalar. Nas enfermidades, os esforços cegos da força vital para manter a homeostase interna se fazem à custa de ações automáticas, impensadas, caóticas, ocasionando inúmeras vezes sérios estragos à constituição orgânica. Se a força vital, conservadora da vida e da saúde for afastada do corpo físico este fica entregue às leis da química e da física, entrando em decomposição.

Formando uma unidade substancial e indissociável com o corpo físico, o princípio (força) vital imaterial proporciona ao mesmo a capacidade de afastar-se das leis da matéria morta, envolvendo-o com o fenômeno da vida. Hahnemann denomina este conjunto com a expressão *força vital orgânica*. Assim como temos a matéria nuclear do átomo (prótons, nêutrons, quarks, etc.) envolta pela imaterialidade das camadas de elétrons e outras partículas menores (neutrino, muon, tau, etc.), no ser vivo temos o princípio vital imaterial plasmando e animando o corpo físico material.

A força vital imaterial, incorpórea, invisível reage com energias da mesma natureza, **não possuindo nada de *espiritual* no sentido metafísico do termo**. Hahnemann compara a energia vital a outros tipos de energia conhecidos em sua época, como o magnetismo, a eletricidade, o eletromagnetismo, o galvanismo, etc. Vai mais além, orientando na utilização do magnetismo animal ou mesmerismo para o reequilíbrio da força vital alterada, aceitando a interação (influxo ou descarga) de energias semelhantes entre mesmerizador e paciente.

Toda doença ocorre pelo desequilíbrio da força vital, manifesto ao médico pela totalidade dos sinais e sintomas mórbidos evidentes. A cura através dos medicamentos homeopáticos é desencadeada pela reação da força vital orgânica contra a energia medicamentosa despertada pela dinamização (efeito secundário), por serem de natureza e qualidade semelhantes. Daí podermos concluir que a força vital humana se assemelha *em qualidade* à energia contida nas diversas substâncias dos demais reinos da Natureza, pois de todos eles produzimos remédios homeopáticos.

A força vital irracional difere, em natureza e espécie, do Espírito racional e inteligente “que habita em nós”, o qual se utiliza da unidade físico-vital para cumprir sua missão durante a vida terrena. **Este Espírito ou Alma não está ligado substancialmente ao corpo físico nem à força vital**, diferenciando-se destes como uma entidade separada, “habitando a morada corporal com o fim de cumprir os altos fins de sua existência”. **Não encontramos nenhuma citação no estudo das obras e escritos de Hahnemann**

**sobre o composto substancial entre o corpo e a alma do modelo filosófico aristotélico-tomista.**

Hahnemann relaciona a energia vital às fibras nervosas, atribuindo a estas o papel de distribuir a influência dinâmica à unidade orgânica, como um substrato material-energético através do qual a força vital interage com o corpo físico. Por outro lado, **atribui aos “órgãos mentais ou mente” (sede das atividades psíquicas) a característica de “órgãos de mais alta hierarquia, invisivelmente sutis, quase não materiais”**, correlacionando a unidade mental à unidade orgânica, apesar de considerá-las entidades distintas.

Nestes órgãos psíquicos, “quase não materiais, invisivelmente sutis”, temos a base da vida inteligente, ou seja, do Espírito racional, que através do psiquismo mental interage com a força vital e todo o organismo. Daí a grande relevância dada por Hahnemann às noxas psicoemocionais, responsáveis pelo despertar da Psora, no adoecer do indivíduo.

Procurando englobar todas estas instâncias num todo harmônico e lógico, propomos um **modelo antropológico**, que acreditamos estar o mais próximo às ideias de Hahnemann.

O Espírito imortal possui sua sede orgânica nos órgãos psíquicos e mentais, quase não materiais, invisivelmente sutis, também chamados de Mente, por onde se manifesta através dos pensamentos e sentimentos. Desta instância de mais alta hierarquia, emana para a unidade físico-vital a energia mental oriunda do psiquismo e da vida afetiva, influenciando o organismo como um todo. No sistema nervoso temos a manifestação material destes órgãos quase não materiais.

Assim como esta vida psíquico-afetiva pode desequilibrar a força vital orgânica causando as enfermidades, a energia do medicamento homeopático pode restabelecer o equilíbrio perdido na unidade orgânico-vital, tendo real efetividade caso o indivíduo se esforce na manutenção deste estado de equanimidade interior. Da mesma forma que a atividade mental atua sobre a força vital, o influxo vital transmite à mente estímulos que despertam sentimentos semelhantes, provocando uma “sensação de bem-estar geral” quando escolhemos um medicamento adequado: “sintomas mentais ou psíquicos” no caso de doenças mentais orgânicas ou “sintomas mentais” despertados pelos medicamentos nas experimentações patogenéticas.

**Espírito ou Alma / Mente ou Psiquismo / Força Vital - Corpo Físico**

Por outro lado, orientando quanto à busca dos princípios elevados da moral e da ética, Hahnemann ensina o homem a atuar diretamente sobre os órgãos mentais e psíquicos “de mais alta hierarquia”, através de “sensações que asseguram tua felicidade, de ações que exaltam tua dignidade, de conhecimentos que abraçam o universo”. A fim de manter a integridade orgânica, mostra o ideal a ser perseguido pelo ser humano, através do exemplo pessoal: “fui posto aqui na Terra para tornar-me melhor tanto quanto possível e tornar melhor tudo que me rodeia e que eu tenha o poder de melhorar”.

Quanto à **moral** propriamente dita, entende-a como o afastamento dos instintos animais que obscurecem a consciência humana, adquirindo uma visão mais clara dos valores a seguir pela sintonia com a Consciência Cósmica.



**Resumindo, observamos nas obras de Hahnemann uma hierarquia de influências mútuas entre as entidades imateriais do homem, manifestando o Espírito suas propriedades através da Mente ou órgãos mentais, a qual, através dos pensamentos e sentimentos que lhe são próprios, atua sobre a força vital orgânica, influenciando o corpo físico. Por sua vez, a força vital atua sobre a mente, causando os sintomas mentais e psíquicos das enfermidades mentais ou das patogenesias.**

No penúltimo tópico deste estudo, frisamos a aversão de Hahnemann quanto às especulações filosóficas e metafísicas a respeito do modelo vitalista que nos legou, a qual procuramos demonstrar dentro da maior fidedignidade possível.

Vimos também que Hahnemann possuía concepções filosóficas próprias, aceitando que **a existência terrena funcionava como uma escola de aprendizado ao Espírito imortal, que continuava sua vida de relações e seu caminho evolutivo após a morte física.** Enquanto repreendia qualquer modelo filosófico que pregasse conceitos distantes da simplicidade prática, **enaltecia Sócrates e Confúcio pelos seus ensinamentos educativos, pautados no esforço constante em busca do aprimoramento moral e ético.** Admirava a *Filosofia Natural*, na qual através de observações puras da Natureza poderíamos atingir o conhecimento de tudo que necessitássemos para adquirir os valores espirituais de uma verdadeira religião. **Assumindo postura crítica em relação aos dogmas religiosos, fruto da visão extremamente prática com que encara todos os fatos de sua vida, entusiasma-se com pensadores como Reimarus que se posicionam racionalmente analisando e criticando os chamados dogmas religiosos.**

Do trabalho em questão, **observamos a proximidade do modelo vitalista hahnemanniano com as ideias de Barthez (1734-1806),** símbolo médico e filosófico da Escola de Montpellier. Com várias semelhanças aos relatos de Hahnemann, a começar pelo título de sua obra (*Ensaio para um novo princípio para o homem*), Barthez denominava o princípio vital como a “causa que produz os fenômenos da vida no corpo humano”, sendo indiferente o nome que se daria à mesma.

“[...] O eixo de sua teoria é um «princípio» que faz com que o corpo humano viva. «Chamo *princípio vital* do homem à causa que produz os fenômenos da vida no corpo humano. O nome desta causa é bastante indiferente e se pode escolher à vontade. Prefiro o de *princípio vital* porque expressa uma ideia menos limitada que o de *impetum faciens* que dava Hipócrates, ou que outros utilizados para designar a causa das funções vitais». Este *princípio vital* é a fonte das propriedades biológicas de todas as partes do organismo (contractilidade, sensibilidade, etc.). Sua diversidade determina a existência dos temperamentos – noção de grande relevo na obra do médico francês – e seus desequilíbrios constituem a origem de todas as enfermidades.” (*Historia Universal de la Medicina*, Entralgo, vol. 5, cap. 5, p.78)

Desinteressando-se, assim como Hahnemann, da verdadeira natureza da força vital, Barthez enfatizava a unidade que o princípio vital forma com o corpo físico, distinguindo nitidamente o “princípio vital invariável” para a maioria dos indivíduos, da “alma que individualiza os seres”.

“[...] O verdadeiro e maior serviço que Barthez prestou aos fisiologistas, foi o de lhes lembrar da unidade, a grande unidade do princípio vital. «... eu chamo de *PRINCÍPIO VITAL, A CAUSA que produz todos os fenômenos da vida no corpo do homem*». Estas questões são tratadas em seu livro *Novos elementos da ciência do homem*, no capítulo

intitulado ‘*Considerações céticas sobre a natureza do princípio vital do homem*’, onde não nos traz grandes luzes sobre a natureza do princípio vital, sob pretexto *de que a questão é de nenhuma importância para a verdade do sistema, e que nós somos condenados a uma ignorância absoluta sobre a natureza das causas, seja em geral, seja em particular*. Apesar disto, ele não hesita em afirmar que princípio vital, não é uma faculdade da alma racional... E aqui se situa a sua polêmica com Stahl e o animismo, pois ele acha impossível que o princípio vital seja uma faculdade da alma. E diz que *quando o princípio vital age, a alma não tem esse sentimento interior que corresponde à consciência do que se passa no automatismo fisiológico. As determinações do princípio vital não variam; elas são as mesmas em todos os homens, enquanto que tudo o que provém da alma, suposta livre, varia mais ou menos de indivíduo a indivíduo*. Portanto, é essencial distinguir o princípio vital do homem em relação à sua alma; e sendo ele distinto da alma, é necessário saber se ele existe por si mesmo, ou se é uma substância a parte ou uma modalidade do homem, um modo inerente ao corpo humano, ao qual ele dá vida.” (*Similia, O Vitalismo*, Moura Ribeiro)

Finalizando, vimos que **a força vital hahnemanniana, representada em seu *modus operandi* pelas respostas de manutenção da homeostase orgânica frente aos diversos estímulos, encontra fundamentação científica na reação integrativa do sistema psico-neuro-imuno-endócrino-metabólico estudado pela Fisiologia moderna.**

## Referências bibliográficas

Aires, Margarida de Mello et al. Fisiologia Básica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.

Confúcio. Diálogos de Confúcio. Tradução de Alcione Soares Ferreira do original francês “Les entretiens de Confucius”. São Paulo: Ibrasa, 1983.

Douglas, Carlos Roberto. Patofisiologia Oral. São Paulo: Pancast, 1998.

Entralgo, Pedro Laín. La Medicina Hipocrática. Madrid: Ediciones de la Revista de Occidente, 1970.

Entralgo, Pedro Laín. Historia Universal de la Medicina. Barcelona: Salvat Editores, 1976, 7 vol.

Galhardo, José Emydio Rodrigues. Iniciação homeopática. Rio de Janeiro: Typ. Henrique M. Sondermann, 1936.

Grupo de Estudos Homeopáticos Benoit Mure (GEHBM). A Personalidade de Samuel Hahnemann: sua vida e sua obra. Trabalho apresentado no XVII Congresso Brasileiro de Homeopatia, Salvador, 1984.

Gunther, Bruno & Hodgson, Gibson. Fisiologia Integrativa: introducción a la teoria de control y de compartimiento. Santiago: Ediciones de la Universidad de Chile, 1970.

Haehl, Richard. Samuel Hahnemann: his life and work. Tradução de M. L. Wheeler. New Delhi: B. Jain Publishers, 1989. 2v.

Hahnemann, Samuel. Organon del arte de curar. 5ª ed. Traduzido da 5ª ed. escrita em alemão pelo Dr. José Sebastian Coll. Madrid: Biblioteca Médica Homeopática - Universidad de Madrid, 1844.

Hahnemann, Samuel. Varios opusculos de Hahnemann. Traduzidos do alemão pelo Dr. José Sebastian Coll. Madrid: Biblioteca Médica Homeopática, Universidad de Madrid, 1844.

Hahnemann, Samuel. Études de medecine homoeopathique. Paris: Chez J. B. Baillièrre, 1855.

Hahnemann, Samuel. Matéria Médica Pura. Tradução da última ed. alemã por R. E. Dudgeon. New Delhi: B. Jain Publishers, 1980.

Hahnemann, Samuel. Exposição da doutrina homeopática ou Organon da Arte de Curar. Traduzido da 6ª ed. alemã. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos Benoit Mure (GEHBM), 1984.

Hahnemann, Samuel. Doenças Crônicas, sua natureza peculiar e sua cura homeopática. Tradução da 2ª ed. alemã, 1835. São Paulo: Grupo de Estudos Homeopáticos “Benoit Mure”, 1984.

Hahnemann, Samuel. O espírito da doutrina médica homeopática. Tradução de Cecílio A. Roque. Revista de Homeopatia, São Paulo, vol. 53, nº 2, p. 65-72, 1988.

Hahnemann, Samuel. Organon of medicine. Translated by William Boericke. New Delhi: B. Jain Publishers, 1991.

Hahnemann, Samuel. The lesser writings of Samuel Hahnemann. Coletados e transcritos por R. E. Dudgeon. New Delhi: B. Jain Publishers, 1995.

Hahnemann, Samuel. Opúsculos de Hahnemann. Traduzidos e transcritos ao castelhano pelo Dr. Jose Sebastian Coll, Madrid, 1844. Buenos Aires: Editorial AMHA, 1993.

Hahnemann, Samuel. Organon der Heilkunst. Organon da Arte de Curar. Tradução da 6ª ed. alemã por Edméa Marturano Villela e Izaio Carneiro Soares. Ribeirão Preto: Museu de Homeopatia Abrahão Brickmann, IHFL, 1995.

Hipócrates. Aforismos. Tradução de Leduar de Assis Rocha. Recife: Arquivo Público Estadual, 1957.

Kaplan, Harold I, Sadock, Benjamim J. Compêndio de Psiquiatria. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Kent, James Tyler. Lições de filosofia homeopática. São Paulo: Editorial Homeopática Brasileira, 1998.

Kent, James Tyler. Homeopatia. Escritos menores, aforismos y preceptos. Buenos Aires: Editorial Albatros, 1981.

Lessing, Gotthold Ephraim. Escritos Filosóficos y Teológicos. Edición preparada por Agustin Andreu Rodrigo. Madrid: Editora Nacional, 1982.

Marzetti, Angel N. La homeopatia. Medicina del porvenir. 3ª ed. Buenos Aires: Libreria Hachette, 1946.

Reimarus, Hermann. Fragmentos. Atlanta: Scholars Press Reprints and Translations, 1985.

Ribeiro, A. Moura. O Vitalismo. Similia, São Paulo, nº 61, p. 9-13, 1984.

Schweitzer, Albert. Goethe - Quatro Discursos. São Paulo: Edições Melhoramentos, s.d.

Selkurt, Ewald E (dir.). Fisiologia. Buenos Aires: Libreria El Ateneo Editorial, 1971.

Steiner, Rudolf. A Obra Científica de Goethe. São Paulo: Editora Antroposófica, 1984.

Teixeira, Marcus Zulian. A concepção vitalista de Samuel Hahnemann. Revista de Homeopatia, São Paulo, vol. 61, n° 3-4, p. 39-44, 1996.

Teixeira, Marcus Zulian. A concepção Vitalista de Samuel Hahnemann. São Paulo: Robe Editorial, 1996. Disponível em: [http://www.homeozulian.med.br/homeozulian\\_visualizarlivroautor.asp?id=2](http://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=2).

Teixeira, Marcus Zulian. Semelhante Cura Semelhante: o princípio de cura homeopático fundamentado pela racionalidade médica e científica. São Paulo: Editorial Petrus Ltda., 1998. Disponível em: [http://www.homeozulian.med.br/homeozulian\\_visualizarlivroautor.asp?id=3](http://www.homeozulian.med.br/homeozulian_visualizarlivroautor.asp?id=3).

## Comentários

### “Concepção vitalista de Samuel Hahnemann” (1996)

“No princípio era o Verbo... É o pensamento que tudo cria e produz? Seria preciso pôr: no princípio era a Força... O espírito vem em meu auxílio! Vejo de súbito a solução e escrevo com segurança: no princípio era a Ação.” (Goethe)

A apresentação de um livro de filosofia homeopática que não caia na teodicéia é difícil nos dias atuais, o que felizmente não ocorreu com esta obra.

Segundo *Pedro Lain Entralgo*, o termo vitalismo designa a atribuição aos seres vivos de um modo de ser qualitativamente distinto dos vários em que pode apresentar-se a matéria inerte ou inanimada e essencialmente irreduzível, portanto, aos esquemas mediante os quais o homem de ciência explica a constituição e as propriedades desta última.

As concepções de *Hahnemann*, para *Sylvio Braga e Costa*, têm notável unidade; podemos dizer que a base biológica de todas elas é o vitalismo. Negada essa noção, todos os princípios do mestre ficam sem fundamento lógico.

Ainda segundo este último autor, a força vital não é uma entidade, pois não se pode concebê-la sem o organismo: sem ela, é um corpo morto. Ironicamente, em latim, a palavra *corpus* quer dizer cadáver! Na sinonímia de força vital, os diversos autores utilizam os termos energia vital, princípio vital, sopro vital, consenso orgânico, *vis medicatrix naturae*, etc.

Aqueles que acreditam estar a *genesis* da moléstia localizada na alma ou no espírito são chamados de espiritualistas; se estiver na força vital, vitalistas e, finalmente, se estiver no corpo, materialistas.

Este livro do *Dr. Marcus Zulian* é dedicado aos vitalistas.

**Félix Barbosa de Almeida**

*Ex-Presidente da Associação Paulista de Homeopatia*

---

Ao esquadrihar a literatura hahnemanniana, perscrutando também os escritos menos acessíveis, o sagaz pesquisador nos desvenda, em detalhes, a intimidade do vitalismo em Hahnemann, demonstrando uma vez mais a precocidade do Mestre de Meissen em relação aos de sua época.

Sua aceitação do conceito de força vital em uma unidade indissociável do corpo físico, ao mesmo tempo vítima (instintiva e irracional) e coagente (ao ser passível de estimulação), coloca-o em meio à física do século XX e remete-o à teologia do século XXI, onde o *théos*, vibracional na essência, matematiza-se no  $E = mc^2$ , estabelecendo

um binômio interativo passível de aceitar e responder a estímulos de ambas as grandezas.

Fica bastante claro que Hahnemann, dando costas à beatitude, afasta-se da filosofia medieval, retoma o caminho do bem supremo do homem com a sua felicidade projetada na comunidade, ao mesmo tempo em que contribui com o pensamento moderno onde o responsável pelo fim último (*télos*) é o próprio homem.

A perspicaz linearidade do autor, na condução do tema, nos brinda com uma obra de inestimável valor e, sem sombra de dúvida, referência a todos que quiserem discutir a visão vitalista de Hahnemann. Sugiro sua versão para o inglês e o espanhol. Mais uma vez, parabéns.

**Matheus Marin**

*Ex-Presidente da Associação Médica Homeopática Brasileira*

---

Quem já ouviu falar de Reimarus? Alguém se lembra de alguma referência de Hahnemann em relação a Confúcio? Ou algum relato explícito acerca de sua admiração pela “Filosofia Natural”? Enfim, algo aparentemente novo no campo das concepções filosóficas de Hahnemann.

O Dr. Marcus nos traz, após extensa e ampla pesquisa, não segundo suas próprias palavras ou interpretações, mas através dos inúmeros escritos e cartas, o relato de Hahnemann quanto a inúmeros aspectos, senão desconhecidos, muito pouco comentados.

Isto foi propiciado, inicialmente, graças a uma inquietude interior do autor, insatisfeito com as explicações e interpretações acerca do pensamento vitalista de Hahnemann, até então, em voga. Este sentimento motivou-o numa empreitada de pesquisa, num trabalho de organização dos inúmeros escritos de Hahnemann e sua sistematização segundo vários aspectos: *Vis medicatrix*; dinamicidade, automaticidade e espiritualidade da Força Vital; mesmerismo; e, por fim, a concepção filosófica de Hahnemann pelo próprio Hahnemann, detalhando aspectos até hoje muito pouco divulgados quanto aos seus conceitos de ética e moral, e sua racionalidade.

Sabemos que o pensamento e o compromisso do autor, neste livro, não é com a criação de mais uma escola ou linha de pensamento homeopático, ou muito menos a formalização, julgamento ou crítica direta a qualquer modelo antropológico, mas sim com a busca das bases em que se fundamentou o Mestre de Meissen, e quais eram suas ideias com relação ao tema em questão. O compromisso foi com a realização de um levantamento bibliográfico fiel, amplo e organizado, a criação de uma fonte de pesquisa, deixando o exercício do entendimento sob a responsabilidade de cada um.

Esta obra nos chega num momento crucial, onde a busca de novos conceitos assentados na doutrina homeopática desenvolvida por James Tyler Kent no final do século passado, vêm de encontro ao entendimento das bases que o fundamentou.

É interessante observar a proliferação de trabalhos originais e o desenvolvimento da Homeopatia em nosso país, nos últimos anos. Esta obra faz parte deste cabedal, pois amplia nossos horizontes e traz novos subsídios para compreender a formação conceptual do pensamento do Mestre, dando-nos parâmetros para uma visualização ainda melhor da genialidade e do grande número de fatores que o influenciaram na formalização dos conceitos vitalistas no decurso de sua vida.

A ânsia de não se acomodar diante do inexplicável e a busca incessante da verdade são as grandes molas propulsoras que, apesar de inúmeros percalços, tem feito com que a Humanidade siga em evolução. E foi a chama deste sentimento que deu a Hahnemann, e todos os primeiros homeopatas, coragem para seguir em frente. Neste seleto grupo, vejo o Dr. Artur de Almeida Rezende Filho. E, nesta mesma linha, tentamos vislumbrar a compreensão maior desta nobre arte médica, no fundo tão simples, que é a Homeopatia. Por isto, eu congratulo o autor pelo seu esforço na concretização deste trabalho.

**Arioaldo Ribeiro Filho**

*Vice-Presidente da Associação Médica Homeopática Brasileira*

*Vice-Presidente da Associação Paulista de Homeopatia*

*Autor do Novo Repertório de Sintomas Homeopáticos*

---

Surge com esta obra, mais um trabalho de extensa pesquisa dos escritos de Hahnemann ao longo de sua vida. O *Organon da Arte de Curar*, as *Doenças Crônicas*, os *Escritos Menores*, suas cartas a médicos e amigos, tudo foi minuciosamente analisado para se atingir o intuito final.

E qual foi este? Entender qual a visão que o Mestre de Meissen tinha do Homem. Era sua concepção antropológica realmente aristotélico-tomista ou quem sabe dualista? No afã de encontrar a resposta, Zulian foi além de Hahnemann e encontrou entre outros Reimarus, filósofo alemão, como possível norteador da imagem que o fundador da Homeopatia tinha do ser humano.

Vários trechos da obra *Fragmentos*, de Reimarus, são citados. Esta foi publicada por outro filósofo alemão, Gotthold Lessing, que também era escritor. Entre seus trabalhos, existe o poema dramático: *Nathan, o Sábio*. Deste, famosa é a história dos três anéis, contada pelo sábio ao ser inquirido sobre qual das três religiões (cristã, judaica, muçulmana) era a verdadeira. A moral da história é que o mais importante não é o nome da religião, mas a conduta humana, desde que o homem seja guiado pela ternura, pela virtude, pela igualdade de caráter, pela caridade, pela confiança no Ser Superior.

Por isto, independentemente da conclusão que Zulian chega sobre a visão de Hahnemann, esta obra deve ser lida. Não só por causa do cuidado, esmero e fidelidade aos textos com que este trabalho foi feito, mas pelo amor à verdade e à humanidade que nele estão contidos.

**Corrado G. Bruno**

*Vice-Presidente da Liga Médica Homeopática Internacional*

*Diretor da Associação Paulista de Homeopatia*



Nesta obra, que certamente interessará a todos os colegas preocupados com a compreensão profunda da doutrina homeopática, vislumbramos, através de citações das obras de Hahnemann, sua concepção clara de temas extremamente polêmicos entre nós: força vital, mente e espírito.

Vemos reafirmada a ideia de que Hahnemann abominava qualquer modelo metafísico que explicasse a natureza das doenças, e temos a percepção do seu espiritualismo baseado em pensadores como Confúcio e Reimarus.

Estas questões vitais de nossa ciência são tratadas neste trabalho de uma forma consistente e séria, o que recomenda sua leitura como imprescindível.

***Sumaia Salume***  
*2º Secretário da Associação Médica Homeopática Brasileira*  
*Editora da Gazeta Homeopática*



## A Natureza Imaterial do Homem segundo a Medicina Tradicional Chinesa

## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Introdução   | 148 |
| Desenvolvimento  | 149 |
| Concepção energética humana segundo a Medicina Tradicional Chinesa | 149 |
| Tipos de energia   | 150 |
| Força vital orgânica - Conservadora da vida                        | 153 |
| Transfusão da energia vital  | 156 |
| Força vital, psiquismo e moral                                     | 156 |
| Força vital, saúde e doença  | 158 |
| Entidades imateriais do homem                                      | 158 |
| Conclusões   | 162 |
| Referências bibliográficas   | 165 |

## Introdução

A Medicina Tradicional Chinesa (MTC), técnica milenar de tratamento das enfermidades, possui como obra básica o *Nei Tsing* ou *Nei Ching*, *O Livro de Acupuntura do Imperador Amarelo* (1975, 1982), datado do século XXVII a.C., no qual a *energia vital* já era citada como responsável pela manutenção da saúde e da vida humana. Esta obra era dividida em duas partes, *So Wen* e *Ling Shu*, contendo as abordagens filosófica e prática-terapêutica da Medicina Tradicional Chinesa, respectivamente.

Juntamente com esta força vital, que circula nos canais ou meridianos de energia utilizados no tratamento pela Acupuntura, a MTC aborda outras formas de “energia”, correlacionando-as às diversas potencialidades humanas e à manutenção do equilíbrio biopsicossomático.

Como veículos de manifestação da Individualidade humana, cita várias entidades imateriais, situando nos diversos órgãos e estruturas corporais a morada fisiológica e temporária das mesmas.

Na tentativa de abordar a natureza imaterial do ser humano segundo a Medicina Tradicional Chinesa, comentaremos os principais conceitos e definições contidos nas obras de referência, buscando os pontos em comum com a Doutrina Homeopática.

Buscaremos também, através dos estudiosos contemporâneos da MTC, esclarecer alguns termos e significados obscuros à nossa compreensão ocidental.

## Desenvolvimento

### Concepção energética humana segundo a Medicina Tradicional Chinesa

Para a Medicina Tradicional Chinesa (MTC), como veremos a seguir, circulam no organismo várias formas de energia, responsáveis pela homeostase orgânica e pela saúde humana.

Nesta fisiologia energética, basicamente, são citados os *canais (meridianos)* por onde circulam a energia vital, que podem ser modulados através dos pontos de acupuntura localizados na superfície corporal.

Segundo Soulié de Morant (1990), “os antigos, depois de haverem comprovado a existência de ‘alguma coisa’ que passa por um meridiano quando se excita um ponto de acupuntura, deram a dito fluido ou influxo o nome de *Tsri*, que traduzimos, pela falta de uma melhor interpretação, pela palavra energia. É o ‘Prana’ dos hindus.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 77)

Na língua escrita chinesa, o ideograma que representa toda força imaterial, da força vital aos raios cósmicos, é “uma caldeira sobre o fogo, com sua tampa meio levantada pelo vapor que escapa, portanto, a força imaterial desprendida da água material, a transformação da energia latente em energia ativa.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 230)

Segundo a MTC, essa energia, assim como tudo no Universo, é composta por dois princípios que formam a *unidade universal*, polares e complementares, chamados de *Yin* e *Yang*. Princípio fundamental do Taoísmo, o *Yin* e o *Yang* são a base de todo o pensamento filosófico e da atividade terapêutica da Medicina Tradicional Chinesa.

“Reconhecida como estava a energia pelos antigos, estes se encontraram frente a um novo problema: Por que o frio e o calor? Qual é a diferença entre a força física e a força mental ou moral? Qual a diferença entre a matéria sólida, a líquida, e os eflúvios solares, o vento, etc.? [...] Haviam chegado à conclusão da unidade universal; a matéria não é mais que energia concentrada, solidificada; e a energia, nada mais que matéria vaporizada, que retorna à sua forma imaterial, tudo em um movimento e num perpétuo suceder, sem um estado permanente invariável. [...] Porém, esta unidade essencial da energia supunha, não obstante, aparentes oposições temporárias, alternâncias e relatividades no movimento. Lao Tsé, no século VI a.C., ensinava: *O de cima está em relação com o de baixo e o de baixo está em relação com o de cima*. A estes extremos opostos se deu o nome de *inn* e de *iang*, que pressupõe apenas um sentido de relatividade e não de estado. Para o corpo humano, a antiguidade empregava a oposição Iong-Oé; os modernos preferem *Tsri-Siue*. Esta visão se mostrou tão fecunda e tão útil, que tanto a filosofia como a medicina e as ciências se apoiaram sobre ela. Sobre ela descansa a unidade das ciências e a grande lei universal.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 82)

Explicando a polaridade e a complementaridade destas duas energias, como o *repouso* que é *inn*, mas possui incluído nele o *movimento* que é *iang* e vice-versa, distingue alguns aspectos do conjunto Yin-Yang no homem.

“A energia mental ou moral, pura e sutil, a inteligência, o consciente são *iang*; o sangue, a matéria, os instintos animais, o inconsciente são *inn*. [...] O calor exterior é *iang*, enquanto o *inn* interior é frio. [...] O *iang* dá sensibilidade e o seu excesso a dor; pelo contrário o *inn* é a insensibilidade. [...] O *iang* responde ao dia, ao sol, ao verão; o *inn* responde à noite, à lua, ao inverno. [...] o lado direito é *iang* e o esquerdo é *inn*. [...] O *iang* é exterior, a superfície, enquanto o *inn* é interior, a profundidade. [...] As enfermidades *iang* são superficiais, violentas, rápidas, agudas, enquanto que as enfermidades *inn* são profundas, insidiosas, prolongadas, crônicas.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 83-5)

No capítulo “A energia vital I”, Soulié de Morant evidencia “em nós alguma coisa poderosa que chamamos, talvez equivocadamente, força vital, que nos anima e nos estrutura em nossos mais pequenos detalhes. Quando ela se debilita, nós declinamos; perdemos toda resistência, toda atividade. Quando se esgota numa parte do corpo, esta parte morre; os elementos químicos que formam as células se desagregam. E se abandona nosso corpo, morremos”.

Na obra *Patogenia y Patologia Energeticas en Medicina China*, capítulo “As Energias”, Van Nghi (1981) diferencia as energias e os elementos que constituem a fisiologia da medicina chinesa: “energia Yong, energia Oé, sangue, energia essencial, energia Tinh ancestral, energia mental e líquido orgânico”. No conjunto, estes termos designam as funções de nutrição e defesa, as circulações energética e sanguínea do organismo.

## Tipos de energia

Como dissemos anteriormente, existem para a fisiologia chinesa cinco formas básicas de energia, explicados por Van Nghi na obra *Patogenia y Patologia Energeticas en Medicina China*, capítulo “As Energias”.

A energia *Yong* “possui o duplo sentido de *alimentação* e *movimento*. O *Yong* é a energia alimentícia em perpétuo movimento no corpo”. Segundo o *Nei Ching - Ling Shu* (1975), “o homem recebe a energia dos alimentos no nível do estômago. Esta energia passa aos pulmões; os cinco órgãos e as seis vísceras a recebem. A energia ‘pura’ é o *Yong* (nutritiva); a energia ‘impura’ é o *Oé* (defensiva). A energia *Yong* circula nos meridianos, a energia *Oé* circula fora deles”.

*Oé* é a energia defensiva do organismo. Assim como a energia *Yong*, desprende-se durante a digestão dos alimentos, circulando fora dos meridianos (meridianos tendino-musculares e distintos).

“O *Oé* é a energia ‘robusta’ que provém dos alimentos. É ágil e ligeira. Não penetra nos meridianos porque circula dentro do tecido celular subcutâneo, das fibras musculares, dos peritônios e se dispersa no peito e no abdômen.” (*Nei Ching, Ling Shu*, 1975, cap. 43)

Todo o *sangue* se forma a partir da energia *Yong*, como lemos no *Nei Ching* (1975): “O aquecedor médio (triplo aquecedor) recebe a energia pura dos alimentos e transforma as substâncias fluidas em sangue [...]. A energia *Yong* circula nos vasos (veias e artérias)

com o fim de ‘alimentar’ o exterior (membros, tecido celular subcutâneo, músculos) e de ‘irrigar’ o interior (órgãos e vísceras)”.

O termo “energia”, no sentido amplo da palavra, assume aqui a conotação de *energia essencial*, “composta pela energia do céu (ar, elemento imaterial) e pela energia da terra (alimentos, elemento material), tendo a função de manutenção (nutrição orgânica)”, segundo o *Ling Shu*. Esta *energia essencial* do homem compreende as energias *Yong* e *Oé*, podendo ser comparada à *energia vital* da Homeopatia.

“Aprofundando mais o problema, o *Trung Y Hoc* precisa: a energia essencial é a energia vital, principal do homem. A energia celeste (ar, respiração) e a energia terrestre (alimentos, digestão) são chamadas energias primárias. Sob a ação do triplo aquecedor, se transformam em energias secundárias. A energia localizada na parte Yang do corpo se chama energia Yang, a localizada na parte Inn se chama energia Inn, a localizada na parte interna do corpo é a energia Yong e a localizada na parte externa é a energia Oé.” (*Patogenia y Patologia Energeticas en Medicina China*, Van Nghi, p. 78)

Além do seu verdadeiro significado (*energia ancestral*), também se utiliza o termo *Tinh* para designar a *energia pura (essencial)*, que é composta pelas energias *Yong* e *Oé*. O que Hahnemann considerava como energia vital, numa forma única, os chineses consideravam como o *conjunto das energias Yong e Oé (Tinh)*.

“O termo *Tinh* designa ao mesmo tempo a energia pura e a energia ancestral. [...] Esta energia pura dos cinco órgãos e das seis vísceras, não é outra que a energia essencial que provém dos alimentos. É conservada nas supra-renais e distribuída, caso seja necessário, aos órgãos e vísceras e, especialmente, aos órgãos genitais. Por isso, toda vez que a energia perversa (vento, frio, calor, etc.) e as sete paixões (cólera, ódio, tristeza, etc.) atacam o homem, é sempre a energia ‘pura’ a que é ferida. [...] Em suma, a energia pura, o *Tinh* dos cinco órgãos e das seis vísceras é a energia de manutenção e de conservação da atividade vital.” (*Patogenia y Patologia Energeticas en Medicina China*, Van Nghi, p. 80-1)

O *Trung Y Hoc*, revisando um texto do *Nei Ching* que discorre sobre a utilização do termo *Tinh (energia ancestral)* para designar, também, a *energia essencial*, diz que a energia *Yong*, proveniente dos alimentos, pode ser chamada de “*Tinh da terra*”, e a energia *Oé*, oriunda da respiração, pode ser designada como “*Tinh do céu*”, fazendo alusão ao significado menos comum da *energia Tinh*.

“[...] o feto, desde sua formação, recebe primeiro o *Tinh* de seus pais, ou seja, a energia inata, ancestral, que é a base de todas as organizações, da formação dos sistemas nervosos, ósseos, musculares... Depois do nascimento, a criança recebe o *Tinh* da terra (alimentação) e o *Tinh* do céu (respiração) para realizar as condições da vida (crescimento, desenvolvimento) e para reforçar o *Tinh* ancestral... Pouco a pouco esta energia ancestral se desenvolve e se torna muito poderosa: manifestando-se por impulsos de crescimento e de desenvolvimento mental e sexual.” (*Patogenia y Patologia Energeticas en Medicina China*, Van Nghi, p. 81)

Esta *energia ancestral (Tinh)*, proveniente dos pais, é a responsável pela formação do feto; “base de todas as organizações”, através dela todas as estruturas corporais e os próprios meridianos serão formados; funciona como o substrato energético para que se inicie a plasmação deste novo ser.

No capítulo “A vitalidade” do *Nei Ching - Ling Shu, Kh'i Pa* explica a *Hoang Ti* o que é “energia fundamental” e “energia secundária”, estando na união da energia materna com a energia paterna a formação da energia vital, responsável pela manutenção da vida.

“A energia proveniente da mãe, no nascimento, é a energia fundamental; a que provém do pai é secundária. Quando estas duas energias cessam, ocorre a morte.” (*Nei Ching, Ling Shu, 1975*)

Citando o *Nei Ching*, Van Nghi explica a formação do feto.

“Primeiro, formação do Tinh; depois do Tinh, formação da medula e do cérebro... O osso é o pilar, os meridianos e os vasos, o edifício; os tendões, os fios que unem; os músculos, os muros; a pele e o tecido celular subcutâneo, o reboque que consolida; os pelos e o cabelo comprido, os adornos. Os alimentos passam ao estômago; os meridianos (energia) e os vasos (sangue) circulam.” (*Patogenia y Patologia Energeticas en Medicina China, Van Nghi, p. 81*)

Finalizando com a *energia mental*, Van Nghi relata:

“Segundo o *Trung Y Hoc*, a energia mental ou *Than* se manifesta normalmente pelo pensamento e pela consciência. O termo ‘*Than*’ está, pois, empregado num sentido abstrato. Como a vida, o *Than* nasce desde o momento da relação sexual e se edifica em função do desenvolvimento do feto. Por isso, o *Nei Ching* anota: *A origem da vida é o Tinh (energia ancestral). A união dos dois Tinh forma o Than.*” (*Patogenia y Patologia Energeticas en Medicina China, Van Nghi, p. 81*)

Para Soulié de Morant, “por energia psíquica devemos entender a intensidade dos sentimentos e dos pensamentos, ‘do que sente, ama, pensa, em uma palavra, da alma’, como disse Pascal. Em outros termos, a intensidade de funcionamento de tudo o que sente e pensa no ser, porém, sobretudo do cérebro e dos centros nervosos alimentados pelos órgãos, e que os rege.” (*Acupuntura, Soulié de Morant, Seção III, “Fontes da Energia III”*)

Baseado no *Nei Ching*, Van Nghi agrupa as energias anteriores em torno da *energia mental* e atribui o comando do organismo ao coração.

“A união das duas energias puras se chama *Than* (energia mental). A energia que circula seguindo a energia mental se chama *Hon* (alma), a que entra e sai com a energia mental pura se chama *Phach* (fluido vital). Por isso, o que comanda o todo se chama coração, o lugar que este utiliza para a memória se chama pensamento, o pensamento que decide se chama vontade.” (*Patogenia y Patologia Energeticas en Medicina China, Van Nghi, p. 82*)

Resumindo, na Homeopatia e na Acupuntura existe um modelo energético semelhante, responsável pela homeostase psicossomática. **Enquanto na Homeopatia temos como formas de energia da constituição humana a força vital orgânica associada à energia mental, na Acupuntura temos a energia essencial (Yong e Oé) associada à energia ancestral (Tinh) e à energia mental (Than).** Para ambos os sistemas, como veremos a seguir, a *energia mental (Than)* assume hierarquia máxima no comando orgânico, sendo emanada pelo Espírito Divino



## Força vital orgânica - Conservadora da vida

Discorrendo sobre a relação do *Yin* e do *Yang* com as funções corporais, o *Nei Ching - So Wen* (1975) esclarece que a união da polaridade Yin-Yang é responsável pela manutenção da essência e da força vital, ao afirmar que “quando o Yin se encontra num estado de tranquilidade e o Yang perfeitamente preservado, o espírito de uma pessoa está em perfeita ordem”.

“O Yin acumula essência e prepara-a para ser usada; o Yang atua como protetor contra perigos exteriores e deve, portanto, ser forte (a essência da força do Yang protege o espírito). [...] Se o vento entra no corpo e esgota a exalação do homem, a sua essência perder-se-á e as más influências prejudicar-lhe-ão o fígado. [...] Se o homem bebe em demasia, a sua força vital torna-se desregrada. Aqueles que se entregam a excessos sexuais prejudicam a força dos rins e os lombos. O princípio essencial do Yin e do Yang consiste em preservar o elemento Yang e torná-lo forte. [...] O Yang de uma pessoa pode ser forte, mas se não for perfeitamente preservado a exalação do Yin esgotar-se-á. Quando o Yin se encontra num estado de tranquilidade e o Yang perfeitamente preservado, o espírito de uma pessoa está em perfeita ordem. Se o Yin e o Yang se separam, a essência e a força vital são destruídas. (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 22-3*)

No “Grande tratado sobre a interação do Yin e do Yang”, o Imperador Amarelo ensinamos sobre a dualidade Yin-Yang.

“O princípio do Yin e do Yang - os elementos masculino e feminino da Natureza - é o princípio básico de todo o Universo. É o princípio de tudo quanto existe na Criação. Efetua a transformação para a paternidade; é a raiz e a fonte da vida e da morte, e também se encontra nos tempos dos deuses. A fim de tratar e curar doenças, há que investigar a sua origem. O Céu foi criado por uma acumulação de Yang, o elemento da luz; a Terra foi criada por uma acumulação de Yin, o elemento das trevas. O Yang representa paz e serenidade; o Yin, temeridade e desordem. O Yang representa destruição; o Yin, conservação. O Yang provoca evaporação; o Yin dá forma às coisas.” (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 31*)

Mais adiante, fala-nos do “espírito etéreo”, análogo à força vital ou éter.

“A água representa Yin; o fogo representa Yang. O Yang cria o ar e o Yin cria os sabores. Os sabores pertencem ao corpo físico. Quando o corpo morre, o espírito etéreo é restituído ao ar, depois de ter sofrido uma metamorfose completa. O espírito etéreo recebe a sua nutrição do ar e o corpo recebe a sua nutrição dos sabores. O espírito etéreo é criado através da metamorfose; a forma física assume vida através da exalação. Através da transformação o espírito etéreo torna-se ar, e o ar é nocivo à percepção dos sabores. Os sabores regulados pelo Yin emanam dos orifícios inferiores; o ar que é controlado pelo Yang emana dos orifícios superiores. Quando os sabores são fortes, o Yin, o elemento feminino, enfraquece e permite ao Yang, o elemento masculino, que penetre no Yin. Quando o ar é denso e pesado, o Yang, o elemento masculino, reduz-se e permite ao Yin que penetre no Yang. Então o sabor forte do elemento feminino escoar, alastra e comunica-se com a aura (ar) do elemento masculino. Se esta aura é fina, tende a escoar-se; se é densa, aquece e inflama-se.” (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 32-3*)

Descreve os *canais (meridianos) de energia* por onde circula a força vital, “o elemento vivificador”.

“O homem tem doze grupos de grandes ductos ou ‘vasos principais’, trezentos e sessenta e quatro pequenos ductos ou ‘vasos lo’ e doze vasos de menor importância. Todos eles

protegem o elemento vivificador e evitam a entrada de influências malignas. Quando se aplica a acupuntura, as influências malignas saem.” (*Nei Ching, So Wen*, 1975, p. 78)

Para os antigos chineses, a energia vital que circula nestes canais era quantificável, pois havia uma “velocidade de circulação” dentro dos meridianos.

“A energia caminha em uma medida correspondente a três distâncias a cada inspiração e três distâncias a cada expiração. A energia realiza cinquenta circulações totais por dia. Cada circulação representa 162 medidas chinesas, sendo o percorrido total em 24 horas igual a 8100 medidas.” (*Nei Ching, Ling Shu*, 1975, “Longitude dos meridianos”, p. 73)

Cada medida chinesa equivale a 24 cm atuais, significando que a somatória do trajeto dos doze meridianos bilaterais equivale a 38,88 m (162 x 0,24 m), completando-se um ciclo de circulação da energia vital, aproximadamente, a cada meia hora.

Discorrendo sobre o papel da Acupuntura na manutenção da “vitalidade ou força vivificante, alicerces da vida”, Ch’i Po atribui a causa das doenças à insuficiência desta “energia espiritual”. Semelhante à Homeopatia, atribui ao desequilíbrio da força vital a origem das enfermidades.

“A acupuntura funciona assim: se a vitalidade e a energia de um homem não impulsionam a sua vontade, a doença não pode se curar. Hoje em dia, a vitalidade e a energia são consideradas os alicerces da vida e para que eles permaneçam robustos tem de ser protegidos e a força vivificante deve dominar. Quando esta força não sustenta a vida, os alicerces desintegram-se, e como pode curar-se uma doença não havendo no corpo energia espiritual? [...] Portanto, a própria vida é, na realidade, o princípio da doença!” (*Nei Ching, So Wen*, 1975, p. 94-5)

Esta força vivificadora (força vital hahnemanniana), que circula nos meridianos ou canais de energia, é produzida pelos órgãos, sendo regulada no organismo segundo o “Ciclo dos cinco elementos” (relação de geração e dominância).

“Os cinco órgãos recebem o impacto da força vivificadora daqueles que as geram e passam-nas àqueles que subjagam. Conferem a sua força vital àqueles que criam, mas levam a morte àqueles que não sabem vencer as suas doenças.” (*Nei Ching, So Wen*, 1975, p. 138-9)

Assim sendo, a força vital gerada por um órgão tanto pode vivificar, quanto levar à morte outros órgãos, conforme a relação seja de geração ou de dominância entre eles, fazendo com que o fluxo energético nos meridianos seja alterado. O papel da Acupuntura é restabelecer o equilíbrio na circulação da energia vital, utilizando-se do exame dos pulsos para avaliar qual meridiano está em plenitude ou em deficiência.

No “Tratado sobre a verdade natural nos tempos antigos”, o Imperador Amarelo (Huang Ti) pergunta a Ch’i Po por que as pessoas atualmente vivem apenas a metade do período que viviam antigamente e tornam-se doentes mais facilmente, recebendo como resposta que a causa disto era a não observância do *Tao* (*O Caminho Correto*) e das Leis da Natureza, além dos abusos e excessos em todos os sentidos (comida, bebida, repouso, paixões, desejos, sexo, etc.), que exaurem a força vital. Estas práticas errôneas esgotam a força vital, que é responsável pela união da alma ao corpo físico e, conseqüentemente, por uma sobrevida maior.

“Antigamente, essas pessoas que compreendiam o Tao (o caminho do autodesenvolvimento) moldavam-se de acordo com o Yin e o Yang (os dois princípios da Natureza) e viviam de harmonia com as artes da adivinhação. Havia temperança no comer e no beber. As suas horas de levantar e recolher eram regulares e não desordenadas e ao acaso. Graças a isso, os antigos conservavam seus corpos unidos às suas almas, a fim de cumprirem por completo o período de vida que lhes estava destinado, contando cem anos antes do passamento. Hoje em dia, as pessoas não são assim; utilizam o vinho como bebida e adotam a temeridade e a negligência como comportamento habitual. Entram na câmara do amor em estado de embriaguez; as paixões exaurem-lhes as forças vitais; o ardor dos desejos malbarata-lhes a verdadeira essência; não são hábeis na regulação da sua vitalidade. Devotam toda a atenção ao divertimento dos seus espíritos, desviando-se assim das alegrias da longa vida. Levantam-se e deitam-se sem regularidade. Por tais razões só chegam à metade de cem anos e degeneram.” (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 5-6*)

Mais adiante, discorrendo sobre a relação da vitalidade com a idade e o vigor físico, relaciona a produção de esperma à vitalidade.

“Quando um rapaz tem oito anos, as emanações dos seus testículos (rins) estão completamente desenvolvidas; o cabelo cresce-lhe mais e começa a mudar os dentes. Quando tem dezesseis anos, as emanações dos seus testículos tornam-se abundantes e começa a segregar sêmen. [...] Aos cinquenta e seis anos, a força do fígado deteriora-se, os músculos deixam de funcionar devidamente, a secreção de sêmen esgota-se, a vitalidade diminui, os testículos deterioram-se e a força física do homem chega ao fim.” (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 9*)

Numa relação direta do Yang com o Sol, semelhante ao *Prâna* dos hindus, diz: “A atmosfera do Yang é similar para o Céu e para o Sol. Os que perdem esta atmosfera encurtam a vida e não a prolongam. Os movimentos do Céu são iluminados pelo Sol. O Yang sobe para proteger o corpo do homem externamente.” (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 19*)

A diferenciação entre *força vital* e *Espírito* é descrita no capítulo “A vitalidade”, quando Hoang Ti pergunta a Ch’i Po “em que consiste o espírito”.

“Quando a energia e o sangue se formam, as energias Yong e Oé começam a circular; os cinco órgãos estão constituídos; o espírito se aloja no coração; isso é a vida. Em princípio, o homem pode viver até cem anos aproximadamente. Para viver em boa saúde, é necessário que as energias Yong e Oé circulem normalmente, e que as três partes do corpo, o alto, a parte média e a parte baixa, estejam em equilíbrio. [...] À idade de dez anos, os órgãos do homem são firmes, sua energia está concentrada na parte inferior do corpo, por isto as crianças estão sempre correndo. À idade dos vinte anos, o sangue e a energia estão em período de crescimento, o indivíduo se sente vivo e ligeiro. À idade de trinta anos, os cinco órgãos estão em perfeito funcionamento, a energia e o sangue estão no máximo de intensidade, a marcha é tranquila. À idade dos quarenta anos, a energia e o sangue estão em equilíbrio [...]. À idade de cinquenta anos, a energia do fígado começa a debilitar-se [...]. À idade de sessenta anos, a energia do coração se debilita [...]. À idade de setenta anos, a energia do baço diminui [...]. À idade de oitenta anos, a energia dos pulmões se debilita, o espírito começa a se alterar, perde a memória, se equivoca ao falar. À idade dos noventa anos, a energia dos rins se debilita ao seu redor, o homem se debilita. À idade de cem anos, a energia dos órgãos desapareceu, o espírito se vai, não resta mais que o corpo físico.” (*Nei Ching, Ling Shu, 1975, p. 153-4*)

Na citação acima temos claramente a distinção entre *força vital*, formada pela energia dos pais no nascimento, e *Espírito*, que habita o corpo físico (coração) enquanto a energia dos órgãos (*força vital orgânica*) existe, abandonando-o quando esta se extingue.

Observamos, nas citações anteriores, que **a *força vital* está diretamente relacionada ao corpo físico (unidade substancial do corpo físico com a força vital), sendo produzida pelos órgãos, circulando dentro dos canais de energia e podendo equilibrar-se através da Acupuntura.** As doenças e o envelhecimento ocorrem graças ao depauperamento desta energia vital, culminando com a morte quando a mesma se extingue. Neste momento, o *Espírito* que habita o corpo abandona-o.

## **Transfusão da energia vital (sopro reanimador)**

Mais adiante, aborda a técnica do “sopro reanimador” no tratamento de doentes, que é uma forma de transfusão da força vital de um indivíduo para outro, semelhante ao mesmerismo.

“Se coisas materiais não conseguem reanimar um doente, deve-se usar a exalação; e se a essência espiritual não conseguir dar melhoras a um doente, devem-se aplicar os cinco sabores. A mais grave doença poderá ser assim dominada e a mais leve doença poderá ser assim obrigada a declinar e, finalmente, curada.” (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 47*)

## **Força vital, psiquismo e moral**

A postura psicoemocional equilibrada, fundamentada dentro dos princípios da ética e da moral, que caracteriza os que a perseguem como “puros de coração”, mantém o “vigor vital primitivo”, afastando qualquer possibilidade do indivíduo adoecer.

“Na antiguidade mais remota, os ensinamentos dos sábios eram seguidos pelos que se encontravam abaixo deles. Os sábios diziam que a fraqueza, as influências insalubres e os ventos nocivos deviam ser evitados em ocasiões específicas. Sentiam-se tranquilamente satisfeitos no nada e a verdadeira força vital acompanhava-os sempre, preservavam dentro de si o vigor vital primitivo. Assim, como podia a doença acometê-los? Reprimiam a vontade e reduziam os desejos; os seus corações estavam em paz e sem qualquer medo; os seus corpos labutavam e, contudo, não sentiam fadiga. O seu espírito respeitava a harmonia e a obediência, estava tudo de acordo com seus desejos e conseguiam o que quer que desejassem. Achavam excelente qualquer espécie de comida e qualquer espécie de vestuário os satisfazia. Sentiam-se felizes em todas as circunstâncias. Para eles, não importava que um homem ocupasse na vida uma posição elevada ou inferior. A homens assim se pode chamar puros de coração. Não há desejo capaz de tentar os olhos destas pessoas puras e sua mente não pode ser desencaminhada pelos excessos nem pelo mal.” (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 6-8*)

No “Tratado sobre a relação da força da vida com o céu”, o Imperador Amarelo relaciona o Yin com o Céu e o Yang com a Terra. Novamente, “a boa conduta é o alicerce da longa vida”, fator indispensável à manutenção da força vital em equilíbrio.

“[...] A boa conduta, neste sentido, é o alicerce da longa vida. Assim como a exalação do céu azul é calma, assim a vontade e o coração dos puros conhecerão a paz e a exalação do Yang será estável naqueles que se mantiverem em harmonia com a Natureza. Mesmo que existam espíritos nocivos, não poderão molestar os que obedecerem às leis das estações. Portanto, os sábios preservaram o espírito natural e mantiveram-se em harmonia com a exalação do Céu, ficando assim em comunicação direta com o Céu. Os que não mantiverem essa comunicação ficarão, a partir do interior, com os nove orifícios fechados; o desenvolvimento dos seus músculos e da sua carne será obstruído a partir do exterior, e o hálito de proteção perder-se-á para eles. A isso chama-se, pois, *prejudicar o próprio corpo e destruir a própria força vital.*” (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 18-9*)

Pelo excesso de trabalho e pelo desequilíbrio emocional, esgotamos e desarmonizamos a “força vital do corpo” (força vital orgânica), que circula no interior do corpo.

“[...] Quando a força do Yang se esgota sob a pressão do excesso de trabalho e da fadiga, a essência do corpo reduz-se, as aberturas do corpo são obstruídas e retidas. Isto causa doença e angústia no Verão. [...] Se a atmosfera do Yang é exposta a grande cólera, a força vital do corpo interrompe-se e o sangue sobe violentamente, causando vertigens.” (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 20*)

Relacionando as paixões às emanções vitais, ensina que o excesso de paixões exaure a força vital.

“As paixões fortes reduzem e exaurem as emanções, ao passo que as paixões comedidas as fortalecem e tornam fecundas. A paixão forte consome as suas emanções, ao passo que as emanções alimentam um fogo moderado de concupiscência. A paixão forte esbanja as suas emanções, ao passo que um fogo moderado de concupiscência engendra vida através das suas emanções.” (*Nei Ching, So Wen, 1975, p. 33*)

No oitavo capítulo do *Ling Shu*, encontramos referências quanto ao “papel da mente” no equilíbrio orgânico e vital. Fala-nos do “espírito”, formado pelas energias Yang do Céu e Yin da Terra; da “alma secundária” que emana do espírito, que juntamente com a “essência” entra e sai do corpo; e das “ideias”, provenientes do coração, formando os pensamentos, as preocupações e os pesares, ou seja, uma entidade relacionada ao psiquismo (mente).

“Antes de começar a puncionar, deve-se conhecer bem o papel da mente. A vida está formada pela reunião da energia da Terra (Yin) com a do Céu (Yang). A vida conserva a essência de dita combinação. Dita essência está composta de dois elementos, um provém do cosmos, o ar, enquanto que o outro provém dos alimentos, ou seja, da terra. Estes dois elementos formam o espírito, e a alma que vive com o espírito, uma alma secundária sai e entra com dita essência. O coração é o reflexo dos fenômenos da natureza. A ideia vem do coração. Uma ideia determinada é a vontade; a vontade se transforma em pensamento; o pensamento dirige o presente até o futuro, cria as preocupações e os pesares, provas da inteligência. Demasiados pesares danificam o espírito. As afecções danificam a vitalidade; o excesso de prazer pode dispersar o espírito; a angústia pode interromper a circulação da energia; a cólera pode causar a morte; o medo pode levar à loucura.” (*Nei Ching, Ling Shu, 1975, p. 39*)

A seguir fala das consequências dos pesares enfraquecendo o coração, órgão que abriga o *Espírito Divino* e é a fonte das ideias e dos pensamentos (princípio inteligente), ou seja, o que consideramos como *Mente*.

“O coração se enfraquece quando sofre demasiados pesares. [...] A angústia atua sobre o baço. [...] As penas, as aflições, atuam sobre o fígado. [...] O excesso de prazer obscurece os pulmões e pode provocar a loucura. [...] A cólera obscurece os rins. [...] O medo obscurece a essência mesma da vida. Quando esta é atacada, os ossos perdem sua tonicidade, pois são os cinco órgãos que conservam dita essência mesma da vida. Estes não devem ser jamais atacados. Se os cinco órgãos funcionam mal, haverá vazão de energia Yin ou falta de energia. Se a energia falta em demasia é mortal. O acupuntor deve compreender bem estas noções, do espírito, da alma. Se os cinco órgãos estão gravemente atacados, não existe esperança de curar o enfermo com as agulhas de acupuntura.” (*Nei Ching, Ling Shu*, 1975, p. 39-40)

## Força vital, saúde e doença

Abordando o binômio saúde-doença, relaciona-o, como na Homeopatia, ao estado da força vital.

“Quando as forças vitais do corpo estão em mútua harmonia, isso significa que a cura é possível. [...] Quando as forças vitais do corpo estão em mútuo desacordo, diz-se que a doença é difícil de curar.” (*Nei Ching, So Wen*, 1975, p. 149)

“Quando o corpo está vigoroso, mas os pulsos são finos e delicados e há pouca força vital, não se encontra em condições de resistir ao perigo. [...] Quando as várias forças do corpo trabalham em harmonia mútua, haverá vida.” (*Nei Ching, So Wen*, 1975, p. 155)

## Entidades imateriais do homem

No “Tratado sobre as seis normas reguladoras das manifestações das vísceras e na explicação ampla das cinco influências atmosféricas”, o *Nei Ching - So Wen* correlaciona os órgãos às faculdades e aos princípios imateriais do homem. Vemos aqui que o coração “abriga o espírito divino”; os pulmões são a “morada dos espíritos animais ou alma inferior”; o fígado “abriga a alma e as faculdades espirituais”; o baço “abriga as ideias e as opiniões” e os rins (testículos) “abrigam a força vital (força de vontade)”.

“O coração é a raiz da vida e origina a versatilidade das faculdades espirituais. [...] Os pulmões são a origem da respiração e a morada dos espíritos animais, ou alma inferior. [...] Os rins (testículos) chamam à vida o que está adormecido e fechado; são os órgãos naturais para acumular e o lugar onde as secreções se alojam. [...] O fígado causa a máxima fadiga e é a morada da alma, ou parte espiritual do homem que ascende ao Céu. (*Nei Ching, So Wen*, 1975, p. 71)

“Os cinco órgãos ocultam e armazenam o seguinte: o coração armazena e abriga o espírito divino; os pulmões abrigam os espíritos animais; o fígado abriga a alma e as faculdades espirituais; o baço abriga ideias e opiniões, e os rins abrigam força de vontade e ambição. (*Nei Ching, So Wen*, 1975, p. 180)

No oitavo capítulo do *Ling Shu*, vemos novamente a relação das estruturas sutis e imateriais do homem com os órgãos ou estruturas corpóreas: a alma se aloja no sangue; a ideia se aloja no baço; o espírito se aloja no coração; a alma secundária se aloja nos pulmões; a essência vital se aloja nos rins.

“O fígado comanda o sangue e no sangue se aloja a alma. Quando há vazão de energia do fígado, o indivíduo se torna medroso, ansioso. Quando há plenitude, torna-se irascível, o enfermo está sempre colérico. O baço comanda a energia Long, aonde se aloja a ideia. [...] O coração rege as artérias e nas artérias se aloja o espírito. Quando há vazão da energia do coração, o enfermo geme. Quando há plenitude, o paciente ri. Os pulmões comandam a energia, e na energia se aloja a alma secundária. [...] Os rins comandam a vontade e na vontade se aloja a essência vital.” (*Nei Ching, Ling Shu*, 1975, p. 40)

Na concepção imaterial do homem segundo o *Nei Ching* existe um “Espírito Divino” que se aloja no coração e nas artérias, habitando o corpo físico enquanto a força vital orgânica é satisfatória. Deste espírito emanam as “ideias”, as opiniões e os pensamentos (psiquismo), que se alojam no baço (“Intelecto ou Mente”).

O fígado é a morada da “Alma”, ou parte espiritual do homem que ascende ao céu. Desta alma emanam as faculdades espirituais. O fígado comanda o sangue, aonde se aloja a alma.

Os pulmões são a morada dos “Espíritos Animais ou Alma Inferior”. Comandam a energia em que se aloja a “Alma Secundária”.

Os rins comandam a vontade e na vontade se aloja a “Essência Vital”.

**Independentemente do significado preciso destas entidades imateriais, vemos que coabitam no organismo humano cinco formas distintas de “energia”: o Espírito Divino, as Ideias ou Mente, a Alma espiritual, a Alma inferior ou secundária e a Força ou Essência vital.**

Na tentativa de buscar uma melhor compreensão para essas entidades imateriais do ser humano e suas energias descritas no *Nei Ching*, recorreremos aos estudiosos da Acupuntura e dos textos clássicos chineses, na figura de Soulié De Morant (*Acupuntura*) e Nguyen Van Nghi (*Patogenia y patologia energéticas en medicina china*).

Quanto às entidades sutis que habitam os cinco órgãos principais, buscamos uma melhor compreensão com Soulié De Morant, na obra *Acupuntura*.

## **Coração**

Em chinês, o espírito e a inteligência são representados pelo mesmo sinal. É o local aonde reside o “Consciente”; dele sai a claridade do Consciente. É o “Transformador do Consciente”. (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 127)

Ocupa o plano psíquico superior, o “Consciente de Freud”, com a razão e a consciência moral. Nele atuam “todas as faculdades que diferenciam o Ser Humano Evoluído dos animais instintivos. A consciência moral acima de tudo, que vê as consequências de seus atos ao mesmo tempo em que a satisfação do seu desejo, portanto, a noção de Bem e de Mal. Dá uma percepção precisa da realidade, dos fatos que deformam e ocultam as palavras. Possui dom de observação e dom de síntese, ou seja, a inteligência que vê, que

pensa e que atua de forma justa, conforme a realidade total.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 283-4)

No Ocidente e no Oriente temos diferenças nítidas quanto ao papel energético e psíquico do coração. Enquanto para os ocidentais o coração é sinônimo de sensibilidade, afetividade e coragem, para os orientais representa a inteligência, sendo o cérebro irrigado pelo coração e possuindo o mesmo vigor que este. Segundo o *Nei Tsing*, “o coração é a morada do Evoluído (Razão, consciência moral)”. (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 326)

O plano psíquico superior é o “Chenn”, que habita o coração.

“[...] Chenn, o diretor psíquico da consciência e a compreensão, a razão, o juízo, o sentido comum, a crítica; a consciência, a verdadeira inteligência; que compreende sem haver aprendido e por simples comparação; utilizando a percepção exterior do momento e a memória do passado trazida pelo Roun, para pôr de acordo a captação, as reações hereditárias e adquiridas e as possibilidades do real. O ideograma pronunciado Chenn está formado dos elementos: o que-cai-do-céu-e-atraversa-o-corpo. [...] O Chenn tem sua morada no coração, tendo-se demonstrado que o bom funcionamento deste é indispensável para a vida intelectual e para o equilíbrio da razão.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 684)

## Fígado

O fígado “é o Ministro dos chefes de exército: aparecem estratégias e combinações. É o Palácio do Roun (Subconsciente, as três memórias)”. (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 168)

Nos três planos psíquicos, “o plano intermediário ou Subconsciente de Freud” (com memórias) é chamado pelos chineses de “Roun, o que cai quando as altas faculdades, o Evoluído, já não existe”. Abarca três memórias: (a) “a memória hereditária, os dons natos, memória totalmente inconsciente, subconsciente; por meio dela é que se cumpre nosso destino. É o “Autômato. Ligada no cérebro aos lóbulos parietais direitos”; (b) “memória consciente”; (c) “memória semiconsciente”. (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 283)

Também chamado de “plano psíquico médio ou plano das três memórias”.

“[...] o Roun, é o psíquico hereditário e adquirido de registro e de sugestão; o que distingue o cão de caça do cão pastor desde o nascimento, o homem de qualidade do bruto. É a memória inconsciente ou consciente, a possibilidade de repetir as palavras e fórmulas sem havê-las aprendido, sem havê-las compreendido. É aonde se armazenam as ordens ativadoras e as proibições frenadoras acumuladas hereditariamente, inconscientemente ou conscientemente, e que provém da experiência, da educação e dos estudos dos ancestrais ou do ser desde seu nascimento e talvez antes: o subconsciente.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 683)

“O termo Roun, empregado na China para designar este plano, está formado dos elementos: fantasma-palavra. A palavra, as ordens (e proibições) dos fantasmas, da herança e dos pais mesmo após sua morte. [...] Os elementos deste plano seriam, em consequência, obrigatoriamente a memória inconsciente das ordens-proibições hereditárias; e, primeiro consciente e depois inconsciente, das ordens-proibições do meio desde o nascimento. A memória das palavras e das fórmulas não compreendidas, porém bem fixadas parece



depende deste plano. [...] O Roun tem sua morada no fígado.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 684)

## Baço-Pâncreas

Segundo o *Nei Tsing*, o baço “é a Morada do sangue”.

“Na China se diz que o Baço-Pâncreas é o Tesouro das ideias (ou a imaginação) e do saber (*tche*). Tem ainda uma ação sobre a consciência ou a moral, já que o *Nei Tsing* diz: *É o Ministro que mostra os erros e que fala de equidade. Dele sai toda a Sabedoria*. O Baço-Pâncreas se altera pelas obsessões.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 173)

“O espírito de síntese que permite sobrepor imediatamente todos os dados de um problema, as consequências de um ato e a satisfação de um desejo, que impede a sugestibilidade reunindo as ideias conhecidas sobre o tema, e que cria o sentido comum, ao início do raciocínio. [...] A concentração prolongada, a atenção sustentada sem esforço, a possibilidade de impedir que a mente se extravie no curso de uma conversação cansativa, de uma leitura difícil ou entediante.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 286)

“No Extremo Oriente lhe há agregado a demonstrada ação muito potente sobre os lobos anteriores (frontal anterior) do cérebro, cuja força harmônica confere a razão, a consciência moral, o espírito de síntese (resolver problemas, entender o que se diz e o que se escuta), a concentração do espírito sem perder a atenção, em suma, a verdadeira inteligência separada da astúcia do Primata; o ser humano evoluído.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 465)

## Pulmões

Os pulmões são a “morada do Pro (Inconsciente, instintos primitivos).” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 171)

“No Extremo Oriente se atribui também aos pulmões a função de dar vida aos cabelos e aos pelos. Também, de ser *a morada do Primata (instintos primitivos)*”. (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 270)

“*O Plano inferior*, dominado pelos instintos primitivos da planta que brota, se apodera de tudo quanto pode tomar, o desagrega e com ele forma sua substância. Ambição, agressividade, destrutividade, construtividade, tal é o *Primata*, egoísta e ávido. Seu nome chinês é *Pro*, o que não se vê porém influi em nós na lua nova. Freud também descreve um plano inferior, porém se trata somente do inconsciente e não dos próprios instintos primitivos. Na verdade, é o instrumento da espantosa Lei da Natureza, que quer que não possamos viver senão matando e devorando a vida. Através dele a natureza nos cega com o instinto de reprodução mais primitivo. A forma de inteligência do Primata é a da astúcia, a arte de mentir e o prazer de enganar com a palavra ou o silêncio. A tradição nos ensina uma relação entre o Primata e os pulmões.” (*Acupuntura*, Soulié de Morant, p. 282)

O plano psíquico inferior pode ser chamado de “plano motor, ou Primata”.

“[...] o Pro, é a vida que se desenvolve às custas de tudo e de todos, a captação, o desejo-repulsão; é o motor profundo do psiquismo, a fonte do psiquismo, a fonte do sentimento. Corresponde às partes inferiores do inconsciente ocidental. Confúcio, no século VI a.C., descreve assim este plano: *O que chamamos sentimentos do homem são alegria,*

*descontentamento, mágoa, desejo, medo, amor e ódio. A capacidade para estes sete sentimentos, não requer estudo. Porém desejo e repulsão são as grandes regras do coração; os homens os tem escondido no fundo do coração. Não se pode sondá-los nem medí-los. Os antigos observaram que a planta que cresce absorve o que lhe é útil e afasta o que pode prejudicá-la. Se está bem firme, pode absorver muito às custas de tudo que a rodeia. Se está debilitada, rechaça quase tudo e o desperdiça. Se comprovou a mesma captação na criança que acaba de nascer e no adulto, com as mesmas variantes de potência. Desejo-repulsão constituem a captação normal. [...] É descrito com os dois elementos *branco-fantasma*. É descrito com uma imagem: [...] a nossa parte escura e pouco iluminada e, sem dúvida, a mais importante e a que determina se atuaremos ou não, se pegaremos ou afastaremos. Nos contos fantásticos, se fala com frequência de cadáveres animados pelo Pro, que ainda permanece no corpo logo após a partida do Chenn (consciente) e do Roun (inconsciente, subconsciente). O Pro, quando possui bastante vitalidade [...] está sem freio à sua agressividade e comete crimes horríveis. [...] Este plano motor, por último, em relação com a moral, no excesso ou na insuficiência se traduzem por agressividade ou angústia, possui um aspecto mental da maior importância que é a astúcia, o artil sem escrúpulos que chega a seu fim sem se preocupar com os meios.” (Acupuntura, Soulié de Morant, p. 683)*

## Rins

Os rins produzem a força vital (vitalidade), regulando a decisão e a vontade (força de caráter, entusiasmo) do homem.

“Algumas condições de caráter e de inteligência natural (não de intelectualidade, que depende do Baço-Pâncreas) são exaltadas pelo excelente funcionamento dos Rins: a decisão (tche); a astúcia e a sedução (tche siao). É certo que a decisão melhora se os Rins são tonificados. A força de caráter (vitalidade, entusiasmo; tsing-chenn) melhora pelos Rins, que são sua morada. [...] A força vital: *É o Ministro que fabrica a robustez*. [...] Não se estuda a ação das supra-renais que, sem dúvida, são mencionadas na anatomia chinesa. Parece possível atribuir-lhe as qualidades morais e intelectuais que se vinculam com os rins, e que são excitadas pelos mesmos pontos que atuam sobre os rins. [...] Se há assinalado que: O medo freia os rins.” (Acupuntura, Soulié de Morant, p. 173-4)

“Complexo de inferioridade e de fracasso, falta de autoridade, misantropia que chega à claustrofobia; falta de decisão-vontade; emotividade, temor, carência de astúcia; falta de encanto, de sedução, de atrativo sexual: tais são as principais ações psíquicas especiais da insuficiência dos rins. Todas estas ações coincidem com modificações em funcionamento dos lóbulos occipitais superiores do cérebro, e do plano inferior psíquico, o *Primata*, sobre os quais a herança é dominante. [...] A decisão do que sabe claramente o que quer, mesmo antes de havê-lo pensado; ou a indecisão, que pesa tanto os prós e os contras sem saber o que fazer. A vontade é a força para cumprir com o impulso dado pela decisão; ou a falta de vontade, que não tem força de impulso, nem força de atração para um fim; depende dos rins.” (Acupuntura, Soulié de Morant, p. 288)

“Comandam no psíquico: decisão-vontade, sedução-astúcia; complexos de inferioridade ou de fracasso, com seu oposto, a autoridade; temor à vida e desesperança. No físico: o mais importante é a limpeza das heranças adquiridas.” (Acupuntura, Soulié de Morant, p. 479)

## Conclusões

Como pudemos observar, a “força vital” do modelo homeopático (*vis medicatrix naturae*) é definida como *Tsri* ou *Chi* pela Medicina Tradicional Chinesa, sendo composta pelos princípios polares e complementares denominados *Yin* e *Yang*. Como na Homeopatia, o *Tsri* está intimamente ligado ao organismo físico, formando uma unidade substancial com o mesmo, circulando dentro dos meridianos ou canais de energia com uma velocidade própria e sendo passível de ser modulada pelo estímulo das agulhas em determinados pontos do corpo.

Ao *Tsri*, como à força vital hahnemanniana, atribui-se a função de animar e estruturar o organismo físico. Ao se debilitar, o organismo perde a resistência e a atividade, adoecendo. Esgotando-se numa parte do corpo, ocorre a desagregação celular. Ao abandonar completamente o corpo físico, ocorre a morte do indivíduo. O *Tsri* ou *Chi* é produzido pelos rins, compreendendo a *Força de Caráter ou Decisão*.

Semelhante à Homeopatia, a doença é fruto do desequilíbrio da *força vivificante* e a cura ocorrerá pela reestruturação da mesma, obtida através da Acupuntura e demais técnicas que englobam a Medicina Tradicional Chinesa.

Segundo a “fisiologia energética” da Medicina Tradicional Chinesa, existem cinco formas básicas de energia: *energia Yong*, *energia Oé*, *sangue*, *energia ancestral (Tinh)* e *energia mental (Than)*.

A energia *Yong* é a energia nutritiva do organismo, sendo considerada a “energia pura”, que provém dos alimentos e está em contínuo movimento dentro dos meridianos principais; todo o *sangue* se forma a partir da energia *Yong*. A energia *Oé* é a energia defensiva do organismo, sendo classificada como a energia “robusta” dos alimentos, circulando em canais de energia distintos (meridianos tendino-musculares). O conjunto destas duas formas de energia, *Yong* e *Oé*, constitui a *energia essencial*, o *Chi* ou *força vital homeopática*.

A *energia ancestral* ou *Tinh*, proveniente dos pais, funciona como substrato energético para a formação das estruturas corporais e dos próprios meridianos no feto. Em analogia aos conceitos esotéricos e egípcios que veremos adiante, podemos comparar esta *energia ancestral (Tinh)* à energia hereditária que compõe a *Alma Animal* ou *Kama Rupa* destas concepções. Desta forma, estaria relacionada aos desejos e às paixões humanas.

Como outra forma de energia, distinta das demais, existe a *energia mental* ou *Than*, originada da “união dos dois *Tinh*” no momento da fecundação, sendo considerada como o conjunto dos sentimentos e pensamentos do homem. É esta energia psíquica que comanda o sistema nervoso central e, conseqüentemente, o corpo físico. Comparando-se ao modelo homeopático, a energia mental ou *Than* da Medicina Tradicional Chinesa corresponderia à “energia” que circula nos “órgãos mentais” da concepção hahnemanniana.

O *Chi* ou *Tsri* é influenciado pelo excesso de trabalho e pelo desequilíbrio emocional, sendo ensinado que o destemperamento das paixões exaure essa força vital. Assim como na Homeopatia, ensina-se na Medicina Tradicional Chinesa que a postura psicoemocional equilibrada, fundamentada dentro dos princípios da ética e da moral, que caracteriza os que a perseguem como “puros de coração”, mantém o “vigor vital primitivo”, afastando qualquer possibilidade do indivíduo adoecer. O *reto caminho (Tao)* é encarado como fator indispensável à manutenção da força vital em equilíbrio e da saúde.

Retornando ao termo genérico “Mente” da concepção vitalista hahnemanniana, as várias partes que a compõe são diferenciadas na Medicina Tradicional Chinesa, estabelecendo-se uma relação direta das mesmas com os órgãos físicos, considerados como “moradas temporárias” destas entidades sutis durante a permanência do *Espírito Divino* no corpo físico. Estas entidades imateriais superiores, distintas da força vital orgânica, são em número de três: as *Ideias* ou *Tesouro das Ideias e do Saber* (Inteligência); a *Alma* ou *Faculdades Espirituais* (Subconsciente de Freud); e a *Alma Inferior, Secundária* ou *Espíritos Animais* (Inconsciente de Freud).

Em relação ao *Espírito Divino* (Consciente de Freud), entidade de maior hierarquia na constituição humana, o *Nei Ching* diz que após a formação do feto, quando as energias estão circulando e os cinco órgãos estão constituídos, “o espírito se aloja no coração, isso é a vida”. Por outro lado, no avançar da idade, quando a energia vital se esgota, “o espírito se vai, não resta mais que o corpo físico”. Como na concepção homeopática hahnemanniana, o “Espírito ou Alma” é uma entidade distinta das demais, utilizando-se do organismo vivo para cumprir “os altos fins de sua existência”. Deste *Espírito Divino*, alojado no coração, emana a vida psíquica ou mental do homem.

Na relação entre os órgãos que abrigam as entidades superiores humanas, suas particularidades e suas energias, descritos detalhadamente no capítulo anterior, segue um breve resumo.

**Coração:** *Espírito Divino* (Consciente; Plano Psíquico Superior; Razão; Consciência Moral)

**Fígado:** *Alma* ou *Faculdades Espirituais* (Subconsciente; Plano Psíquico Médio; As Três Memórias; Padrão Moral)

**Baço-Pâncreas:** *Tesouro das Ideias e do Saber* (Inteligência, pensamentos, intelectualidade, espírito de síntese, concentração) / *Than* ou *energia mental*.

**Pulmões:** *Alma Inferior* ou *Espíritos Animais* (Inconsciente; Plano Psíquico Inferior; Instintos Primitivos; Plano Motor ou Primata) / *Tinh* ou *energia ancestral*.

**Rins:** *Força de Caráter-Decisão* (Vontade, determinação, entusiasmo, astúcia, sedução) / *Tsri, Chi* ou *energia essencial*.

## Referências bibliográficas

Hoang Ti Nei King: Canon de medicina del Emperador Amarillo. Volume 5 de Las mil y una medicinas. Las mil y una ediciones, 1982. 206 p.

Soulié de Morant, George. Acupuntura. Tradução do original francês “L’Acuponture chinoise” por Dra. Diana Klajn. Buenos Aires: Editorial Médica Panamericana S.A., 1990.

Nghi, Van. Patogenia y Patologia Energeticas en Medicina China. Tradução pela equipe técnica do Instituto de Acupuntura Médica de Madrid. Madrid: Editorial Cabal, 1981.

O Livro de Acupuntura do Imperador Amarelo (Nei Ching). Tradução do original “Huang Ti Nei Ching Su Wên” por Fernanda Pinto Rodrigues. Lisboa: Editorial Minerva, 1975. 237 p.

Wood, Denis Lawson e Wood, Joyce Lawson. Los cinco elementos de la acupuntura y del masaje chino. Barcelona: Vision Libros, 1979, 105 p. Tradução do original “The five elements of acupuntura and chinese massage” pelo Dr. Antonio Badrinas.



A Natureza Imaterial do  
Homem segundo a Âyurveda  
e a Filosofia Hindu-  
Teosófica

## Sumário

|   |     |
|---|-----|
| Introdução  | 168 |
| Desenvolvimento   | 170 |
| Âyurveda (Medicina Ayurvédica)  | 170 |
| Antropogênese humana  | 173 |
| Corpo vital - Duplo etérico - <i>Linga Sharira</i>                        | 174 |
| Aspectos gerais   | 174 |
| Vitalidade - Força vital - <i>Prâna</i>                                   | 176 |
| Força vital instintiva e irracional - <i>Vis medicatrix naturae</i>       | 177 |
| Unidade substancial do corpo físico com o corpo vital<br>ou duplo etérico | 179 |
| Importância dos desejos, emoções e sentimentos no<br>equilíbrio humano    | 181 |
| Força vital ( <i>prâna</i> ), sistema nervoso e mente                     | 182 |
| Centros de força ou <i>chakras</i>  | 184 |
| Mesmerismo  | 186 |
| Corpo astral - Corpo dos desejos - <i>Kama Rupa</i>                       | 187 |
| Corpo mental - <i>Manas inferior</i>                                      | 189 |
| <i>Kama-Manas</i> (Desejo-Pensamento)                                     | 191 |
| Corpo causal - Ego - <i>Manas superior</i>                                | 192 |
| Tríplice entidade superior - <i>Atma/ Buddhi/ Manas</i>                   | 195 |
| Corpo búdico - Corpo de beatitude - <i>Buddhi</i>                         | 197 |
| Espírito - <i>Atma</i>  | 198 |
| Conclusões  | 200 |
| Referências bibliográficas  | 203 |

## Introdução

Na filosofia oriental hindu-tibetana, berço de grande número de concepções filosóficas modernas, o ser humano é vislumbrado como um conjunto de entidades mais ou menos sutis, compreendidas entre a materialidade grosseira do corpo físico e a imaterialidade imperceptível do Espírito. Cada um destes corpos imateriais pertence a um Plano Cósmico, sendo constituído pela dualidade matéria-energia do mesmo, assim como o corpo denso possui as características do plano terreno em que habita.

Nas mais antigas e importantes *Escrituras* da Índia, os *Vedas*, encontramos referências a essas entidades imateriais.

Os *Vedas* são em número de quatro (*Rig, Yajur, Sama, e Atharva*), cada qual dividido em duas partes: *Trabalho* e *Conhecimento*. Enquanto na primeira parte encontramos instruções relacionadas aos rituais e regras de conduta, na segunda parte, *Os Upanishads* (século V a.C.), o conhecimento de Deus e das Verdades Eternas é transmitido aos discípulos. Na tradução literal, “upanishad” quer dizer “sentado perto devotadamente”, “ensinamento secreto” ou “o conhecimento de Brahman (Deus), o conhecimento que destrói os laços da ignorância e leva à meta suprema da liberdade”.

No *Upanishad Prasna*, a composição imaterial do homem é descrita resumidamente.

“O Homem é composto de elementos como o sopro vital, ações, pensamentos e os sentidos - obtendo todos sua existência no Eu. Eles surgiram do Eu, e no Eu finalmente desaparecerão - como as águas de um rio desaparecem no mar.” (*Os Upanishads, Prasna*, 1987, p. 47)

No *Upanishad Taittiriya*, esta natureza não material é detalhada, discorrendo-se sobre o “invólucro vital”, o “invólucro mental”, o “invólucro intelectual” e o “invólucro do ego”, todos com formas semelhantes ao “invólucro material” ou corpo físico. Além destes veículos imateriais temos o “Eu”.

“De Brahman, que é o Eu, veio o éter; do éter, o ar; do ar, o fogo; do fogo, a água; da água, a terra; da terra, a vegetação; da vegetação, o alimento; do alimento, o corpo do homem. O corpo do homem, composto da essência do alimento, é o invólucro físico do Eu. [...] Diferente do invólucro material é o invólucro vital. Ele está encerrado no invólucro físico e tem a mesma forma. Através dele, os sentidos executam a sua tarefa. Dele, os homens e animais extraem suas vidas. Ele determina a extensão da vida de todas as criaturas. Aquele que venera o invólucro vital como Brahman, vive para completar o seu lapso de vida. Esse invólucro é o eu vivente do invólucro físico. Diferente do invólucro vital é o invólucro mental. Ele está contido no invólucro vital e tem a mesma forma. Palavras não podem expressar a bem-aventurança de Brahman, a mente não pode alcançá-la. O sábio que a conhece está livre do medo. O invólucro mental é o Eu vivente do invólucro vital. Diferente do invólucro mental é o invólucro intelectual. Ele está encerrado no invólucro mental e possui a mesma forma. Todas as ações, de sacrifício ou de outro tipo, são executadas através do intelecto. Todos os sentidos homenageiam o invólucro intelectual. Aquele que venera o intelecto como Brahman, não se engana; ele não se identifica com os outros invólucros, e não se rende às paixões do corpo. Diferente do invólucro intelectual é o invólucro do ego. Esse invólucro está contido no invólucro intelectual e tem a mesma forma. Além de todos os invólucros está o Eu.” (*Os Upanishads, Taittiriya*, 1987, p. 75-6)



Segundo os ensinamentos vedânticos, teremos a seguinte classificação da imaterialidade humana: *Anandamayakosha* (Corpo Búdico), *Vijuanamayakosha* (Corpo Causal), *Manomayakosha* (Corpo Mental e Corpo Astral), *Pranamayakosha* (Corpo Etérico) e *Annamayakosha* (Corpo Denso).

Enquanto o *Espírito* representa a essência eterna e indestrutível do homem, as demais estruturas envolvem-no como corpos mais ou menos sutis, cada qual desempenhando seu papel na evolução espiritual e na totalidade humana. Como já dissemos, a Individualidade se serve destes instrumentos para se manifestar nos variados planos de existência do Universo, na sua trajetória espiritual.

Direcionando o referido estudo para as entidades imateriais que compõem o ser humano, abordaremos cada qual dentro das correntes filosóficas que melhor representam o pensamento hindu-tibetano, desempenhando a **Teosofia** importante papel neste mister. Ao falarmos da *Sociedade Teosófica*, não podemos omitir o nome de Helena Petrovna Blavatsky, precursora deste movimento.

Buscando sua *Iniciação* no Oriente, Blavatsky (1831-1891) viajou pela Índia, pelo Tibete e pelo Egito, estudando a religião e a filosofia destes povos e trazendo-as para o mundo ocidental sob a designação de **Ocultismo**. Todo este conhecimento encontra-se na obra *A Doutrina Secreta* (Blavatsky, 1995), sendo esta o material básico de estudo dos teosóficos. Segundo o médico William Wynn Westcott (Gilbert, 1996)<sup>20</sup>, os teosofistas modernos, “apreciam oscilar entre o caminho sânscrito da Filosofia Oculta e os domínios do misticismo egípcio-hebraico da primitiva Cabala”.

Segundo *A Doutrina Secreta* (Blavatsky, 1995), existem sete aspectos ou princípios humanos, cada qual relacionado a um aspecto ou princípio cósmico:

- Espírito Universal ou *Átma*; o Logos não manifestado;
- Alma Espiritual ou *Buddhi*; Ideação Latente, Consciência ou Intuição Universal;
- Alma Humana, Mente ou *Manas*; Inteligência Universal Ativa;
- Alma Animal ou *Kama Rupa*; Energia Cósmica (Caótica);
- Corpo astral ou *Linga Sharira*; Ideação Astral, refletindo as coisas terrestres;
- Essência da Vida ou *Prana*; Vitalidade ou Energia;
- Corpo material ou *Sthula Sharira*; a Terra.

Comparativamente ao aspecto tríplice do ser humano (Corpo, Alma e Espírito), ensinado pelas religiões cristãs, teríamos:

- Corpo Físico: corpo físico + corpo vital ou corpo etéreo;
- Alma Humana: alma animal (corpo astral) + alma intelectual (mental inferior) + alma humana ou consciência (mental superior);
- Espírito: Alma espiritual (*Buddhi*) + Espírito (*Atma*).

---

<sup>20</sup> Gilbert, RA. *Maçonaria e magia: antologia de escritos rosa-cruzes, cabalísticos e maçônicos de William Wynn Westcott, Fundador da Ordem Hermética “Golden Dawn”*. São Paulo: Editora Pensamento, 1996.

## Desenvolvimento

### Âyurveda (Medicina Ayurvédica)

A *Âyurveda* ou *Medicina Ayurvédica* exerceu importante papel na formação da cultura e das doutrinas filosóficas do povo hindu, sendo desconsiderada nas obras que abordam a história da medicina pela consideração, errônea, de que a mesma utilizou os elementos da medicina grega na confecção de sua teoria humoral. Como veremos no decorrer desta obra, a semelhança de conceitos deve-se à mesma “raiz ancestral”, que influenciou a formação da maioria das filosofias e culturas antigas. Apesar de existirem algumas poucas obras traduzidas sobre medicina hindu, a dificuldade da língua-mãe (sânscrito) constitui o principal empecilho à divulgação desta arte médica, segundo os principais historiadores.

“A importância da história da medicina hindu é com frequência pouco reconhecida nas obras de história da medicina; sem dúvida, seu papel na formação da cultura da Índia foi tão importante como o das ciências astronômicas ou matemáticas e o das diversas ciências físicas e naturais, já que muitas das doutrinas filosóficas aparecidas na Índia estão embasadas sobre os conceitos fundamentais da medicina tradicional. As teorias psicofisiológicas do *Âyurveda*, a medicina clássica tradicional, impregnaram o pensamento filosófico hindu. O motivo desta minimização da história da medicina hindu parece radicar na crença, bastante divulgada, de sua falta de originalidade, motivada pelo fato de ter tirado seus elementos da ciência grega, primeiro, e da árabe mais tarde, sem esquecer a China. Os indólogos tem-se ocupado mais dos aspectos filosófico, filológico e religioso da Índia védica e brahmânica que de sua vida científica. Os recentes trabalhos do doutor J. Filliozat, indólogo e médico, Zimmer, Bloomfield, continuando os do doutor Julius Jolly, Hoernle e P. Cordier tem esclarecido, felizmente, a ciência médica da Índia, desde seu ponto de vista ocidental. Não se pode esquecer a importância permanente que a medicina tradicional hindu, o *Âyurveda*, teve e segue tendo na Índia. Na atualidade, funcionam normalmente centros de estudo e hospitais ayurvédicos, e o número de obras escritas sobre o tema tem sido, e segue sendo sempre, importante, como veremos. Por outra parte, é um erro considerar a medicina hindu em mera relação de serventia com o pensamento grego, questão esta que estudaremos ao final deste trabalho. Pelo contrário, os gregos que conheceram a Índia se assombraram com seus conhecimentos médicos: Onesicrito, por exemplo (segunda metade do século IV a.C.), enviado por Alexandre para conferenciar com os gimnosofistas da Índia, manifestou que estes filósofos investigavam sobre as enfermidades e seus prognósticos, segundo conta Estrabón (XV, 1, 65); [...] Ademais, foi considerável a difusão de sua medicina fora da própria Índia, país chamado em múltiplas ocasiões «a Grécia da Ásia»: foi aceita e adotada no Tibet, na Ásia Central, em todo o arquipélago da Indonésia, na península do sudeste asiático e, com o budismo, penetraria na China e no Japão. Os mongóis a conheceram e praticaram através dos tibetanos, os quais conservaram em seus livros textos médicos escritos em sânscrito, cujos originais se extraviaram.” (*Historia Universal de la Medicina*, Entralço, vol. 1, cap. V, p. 129-30)

Na anatomia sutil, assunto de interesse desta obra, a medicina hindu cita “condutos” por onde circulam a força vital ou *prâna*, definidos em sânscrito por “*nâdi*” e conhecidos no ocidente por “chacras”, “centros de força” ou “centros sutis” do corpo vital ou duplo etérico. De forma análoga à teoria humoral hipocrática, descreve sete elementos orgânicos ou componentes corporais (suco orgânico ou quilo, sangue, ossos, medula, carne, gordura, espermia) e três elementos primários ou ativos (vento, pítuita e bÍlis).

“Por último, alguns termos de origem védica conservaram seu valor antigo na medicina clássica e tem alcançado uma grande difusão na psicologia do yoga e dos textos tântricos. A palavra *nâdî* é um destes; aparece no *Rigveda* (X, 135, 7) com o sentido de «pipa», de «conduto de ar» e de «flauta». Conservou-se com este sentido nos textos de yoga com a significação de «tubo», de «conduto», de «vaso», de canal em geral. A *nâdî* é o vaso que nutre o cordão umbilical, os vasos por onde passam os líquidos orgânicos; na yoga, tomará o sentido de conduto por onde circula o sopro vital, o *prâna* corporal e a energia psíquica. Os três principais *nâdî* da coluna vertebral são, nos *tantras*, os condutos sutis e invisíveis por onde circula a corrente ascendente e descendente do *prâna*, assim como a energia divina, a *kundalinî*, que desperta os centros sutis humanos. O velho termo védico *nâdî* alcançou um extraordinário destaque na filosofia hindu. A anatomia dos diversos canais e vasos do corpo nos textos clássicos médicos é herança direta dos *Vedas*. Associados aos *nâdîs* nervosos, os textos do *Âyurveda* mencionam os *marman*, ou centros neurovasculares; neles, as feridas são graves e produzem, amiúde, paralisias. Assim, pois, os *Vedas* já mencionam estes centros, e a medicina clássica desenvolveu esta noção tradicional. As grandes divisões dos componentes corporais mencionados nos textos védicos passaram à medicina clássica, como o sangue, *lohita*; os ossos, *asthi*; a medula óssea, *majjan*; a carne, *mâmsa*; a gordura, *medas*, e o esperma, *shukra*. Parece ser, pois, que os *Vedas* contêm elementos anatômicos que se conservaram na medicina clássica, onde adquiriram importante papel. [...] Idêntica observação ocorre na fisiologia védica, a qual contém em germe as doutrinas fundamentais da medicina clássica, baseadas, como veremos, em três elementos ativos: o vento, a bÍlis e a pituita. Estes três elementos já existiam em germe nos hinos védicos, nos quais a pituita ou «flegma», elemento aquoso do organismo, aparece ao lado da bÍlis, elemento equiparado ao fogo, e do vento, o qual domina a fisiologia da medicina tradicional. Existe uma profunda relação entre o cosmos e o corpo humano nos *Vedas*, ou seja, entre o macrocosmo e o microcosmo. Por esta razão, encontramos que determinadas partes do corpo representam elementos do Universo. O olho corresponde ao sol, o sopro ao vento, a bÍlis ao fogo, que o *Âyurveda* chama «bÍlis das águas». Porém, em especial, é a partir da teoria dos sopros de onde a fisiologia védica elaborará os elementos que adquirirão, rapidamente, um grande destaque.” (*Historia Universal de la Medicina*, Entralgo, vol. 1, cap. V, p. 135-6)

Nesta “teoria dos sopros”, o *prâna* é estudado em suas múltiplas formas. Originário da Energia Cósmica Universal, divide-se em cinco tipos (*prâna*, *apâna*, *vyâna*, *samâna*, *udâna*). Entralgo contrapõe as teorias fisiológica e energético-psíquica do termo *prâna*.

“No organismo, o sopro ou hálito, o *prâna*, é múltiplo e multiforme. No *Rigveda*, o termo tem um sentido geral de hálito, de vida, de vento, nascido do Homem Cósmico (X, 90, 14). No *Atharvaveda* descrevem-se até sete *prânas*, nem todos respiratórios; já aparece uma pneumatologia que adquirirá um grande desenvolvimento na medicina hindu. Dois são os sopros mais frequentemente citados, a inspiração, *apâna*, e a expiração, *prâna*. G. W. Brown demonstrou que os textos dos *Upanishads* entendem *prâna* no sentido de sopro abdominal, residindo o primeiro na boca e o segundo na parte inferior do corpo. Ambos os sopros simbolizam a alimentação e as águas, respectivamente. Esta localização torna-se habitual nos textos védicos tardios. Porém, os *Vedas* já elaboraram uma teoria pneumatológica da fisiologia, que logrará desbordar amplamente este sentido de sopro, de respiração, em outros, fisiológicos e psíquicos, muito mais complexos. Ao lado do *prâna* e do *apâna* existem, em efeito, outros três sopros; já nos textos védicos tardios se menciona o *vyâna*, hálito que circula pelo meio do corpo e que une os outros dois sopros já mencionados (*Atharvaveda*, XV, 5, 24). O sopro *samâna* é outro sopro orgânico, de concepção teórica bastante obscura, como ocorre com o sopro chamado *udâna*. No *Âyurveda* voltaremos a encontrar esta teoria dos sopros, porém as alusões aos textos védicos demonstram perfeitamente que esta teoria se encontrava já em plena formação na época do *Atharvaveda* e é encontrada, frequentemente, nos textos posteriores, especialmente nos *Upanishads*. O sopro foi relacionado,

antecipadamente, ao vento, concebido na pré-história indo-iraniana como um princípio importante de atividade, edificando-se pouco a pouco toda uma cosmo-fisiologia pneumática. As concepções anatômicas dos sopros no corpo humano seguem vigentes na medicina clássica; porém, é necessário frisar com Filliozat, ao contrário das opiniões de certos indólogos, como Ewing, Deussen, Keith, Macdonnell e Oldenberg, que não se deve ver no «emprego de nomes dos sopros que não podiam reduzir-se aos da respiração, uma amplificação puramente verbal e mecânica de fórmulas nas quais, primitivamente, só haviam figurado por direito próprio os nomes do hálito. Embora seja mais justo ver nele o primeiro esboço de concepções fisiológicas, por demais muito simples, porém que dominaram depois na medicina hindu, assim como na técnica mística do yoga, baseada em parte sobre a regulação da respiração.» (*Historia Universal de la Medicina*, Entralgo, vol. 1, cap. V, p. 136)

Descrevendo a formação do *prâna* a partir do vento, correlaciona cada tipo de *prâna* a uma região e função do corpo, semelhante ao conceito de *chacras* que iremos abordar adiante.

“O vento, *vâta* ou *vâyû*, é seco, ligeiro, frio, delicado, claro, «cru» e predomina na velhice; seu ponto de partida está situado na base do tronco e se divide em cinco sopros ou *prânas*: 1) o *udâna*, que circula pela garganta e pelo peito, e produz a palavra; 2) o *prâna*, que circula pela boca e, fonte de vida, sustenta o corpo: é a respiração; 3) o *samanâ*, que reside no estômago e nos intestinos, ajuda a digestão dos alimentos «soprando» sobre o fogo que os cozinha; 4) o *apâna*, na base do corpo, que expulsa os restos da digestão e as excreções (fezes, urina, esperma, fetos); e 5) o *vyâna*, que em todo o corpo provoca a divisão e circulação dos fluidos, o movimento do sangue, etc.” (*Historia Universal de la Medicina*, Entralgo, vol. 1, cap. V, p. 144)

Discorre sobre o fluido vital (*ojas*) como uma substância leitosa que envolve todo o corpo, considerando-o como a “quintessência” dos sete elementos substanciais (quilo, sangue, carne, gordura, osso, medula e esperma). Este fluido vital, que está unido de forma substancial aos elementos corporais, diminui com o pesar, a fadiga, a fome e os excessos sexuais, e quando se esgota totalmente sobrevém a morte. Conceitos relativos à força vital semelhantes aos das medicinas homeopática e chinesa vistas anteriormente.

“Como se pode ver, cada elemento substancial, a partir do sangue, dá o elemento seguinte, graças a uma cocção devida ao fogo corporal, vital, que nos transforma sucessivamente. A quintessência destes sete elementos é outro suplementário, o suco vital, *ojas*, princípio comum, a vitalidade, chamada também *bala*, o poder; *ojas* é leitoso, branco, doce e enche o corpo inteiro. Diminui com o pesar, a fadiga, a fome e os excessos sexuais; o excesso destes últimos leva consigo a total desaparecimento do *ojas*, provocando a morte. O homem casto, o *bhahmacârin*, economiza e retém seu *sukra*, aumentando assim seu *ojas*; o *yogin* segue esta disciplina com idêntico fim.” (*Historia Universal de la Medicina*, Entralgo, vol. 1, cap. V, p. 145)

Descrevendo a formação e o desenvolvimento do embrião, diz que o mesmo é criado quando o “espírito” (*jiva*) reencarna, é vivificado pelo fluido vital (*ojas*) da mãe e se organiza sob o influxo dos “sopros” (*prânas*). Relacionando os veículos sutis aos órgãos físicos, como vimos na medicina chinesa, refere que no quarto mês da gestação o coração é formado, convertendo-se no “centro do entendimento”; a “consciência” (*manas*) aparece no quinto mês e a “sensibilidade” (*buddhi*) no sexto.

“O embrião é vivificado pelo *ojas* da mãe; se organiza sob a ação dos sopros, segundo um processo que o texto descreve minuciosamente, porém que parece bastante arbitrário. O feto

é criado quando o espírito, o *jiva* do indivíduo preexistente anda errante depois da morte em busca de uma nova encarnação; se o esperma é preponderante será macho; se domina o sangue menstrual, será fêmea. Os gêmeos e os partos múltiplos procedem da divisão, produzida pelos sopros, do esperma e do sangue: deste modo, podem penetrar no útero diferentes almas. Durante o quarto mês se formam os membros e o coração se converte no centro do entendimento; no quinto mês aparece a consciência, *manas*, e no sexto a sensibilidade, *buddhi*. [...]” (*Historia Universal de la Medicina*, Entralgo, vol. 1, cap. V, p. 146)

## Antropogênese humana

Assim como a ciência moderna insiste na *Lei de Evolução*, a cultura de todos os povos antigos narram, em suas lendas e mitos, o surgimento do homem terrestre e seu desenvolvimento moral e intelectual ao longo dos tempos. Este conhecimento é agrupado por Blavatsky na sua obra *A Doutrina Secreta*.

Nas tradições babilônica, egípcia, hindu, caldeia-assíria, hebraica e outras, a evolução humana ocorreu simultaneamente em sete partes distintas do globo, através de sete grupos ou raças humanas. Semelhante à criação dos demais reinos da Natureza, antes de aparecerem as formas materiais foram projetadas nestas regiões, pelas “forças angélicas”, as formas etéreo-astrais dos homens primitivos. Segundo o **Ocultismo**, os “protótipos astrais” dos reinos mineral, vegetal e animal até o homem gastaram 300 milhões de anos em sua evolução. Após este período, começa a ocorrer a materialização da Natureza, gradativamente.

“A primeira estirpe humana foi exalada da própria essência de seres superiores semi-divinos. A Doutrina Secreta nos ensina que o homem não foi criado o Ser completo que agora é, por mais imperfeito que permaneça. Houve uma evolução espiritual, uma psíquica, uma intelectual e uma animal, do mais alto ao mais baixo, do simples e homogêneo ao complexo e heterogêneo. Esta dupla evolução em duas direções contrárias, necessitou várias idades da natureza e graus diversos de espiritualidade e intelectualidade para construir o ser conhecido agora como homem. Além disso, a Lei Una, infalível e absoluta, sempre em ação, sempre proporcionando uma escala ascendente ao manifestado (Maha-Maia), porém submergindo o Espírito, mais e mais profundamente, na materialidade por um lado, e logo por outro redimindo-o por meio da carne, libertando-o. Esta lei, dizemos, emprega para estes fins Seres de outros planos superiores, Homens ou Mentis (Manus) de acordo com as suas exigências Kármicas. Os progenitores dos Homens chamados na Índia, Pítris, Pítaras ou Pais, são os criadores de nossos corpos inferiores e seus princípios. Eles são nós mesmos como primeiras personalidades e nós somos eles.” (*Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky, cap. III, p. 158)

Explicando a “Queda dos Anjos” ou o “Pecado Original” da lenda bíblica, o **Esoterismo** refere que o desenvolvimento da espécie humana na Terra ocorreu com a reencarnação, em formas humanas primitivas, de Espíritos dotados de Inteligência, exilados dos seus planos de origem segundo a *Lei do Karma*. Habitando mundos menos desenvolvidos, encarnavam com a oportunidade de evoluírem além do ponto que atingiram em seu plano natal, além de auxiliarem seus irmãos menores em condições primeiras de evolução: “a perfeição, para ser tal, tem que sair da imperfeição, o incorruptível tem que desenvolver-se do corruptível, tendo este último como sua base, veículo ou contraste”. Estes Espíritos degradados constituíram a “sétima raça degenerada”, que unida às demais seis raças primitivas formaram a raça humana.

“O Esoterismo afirma que a terça parte dos deuses, isto é, os Pítris, Arûpa dotados de Inteligência, foi condenada, pelo Karma e Evolução, a renascer na Terra; alguns destes eram Nirmanakayas de outros Manvântaras. Estes foram os supostos Rebeldes, que converteram em entidades pensantes responsáveis as estátuas etéreas, projetadas por seus irmãos inferiores. Eles se sacrificaram pelas Mônadas, que esperavam sua vez, e que de outro modo teriam de permanecer em suspenso, durante idades incontáveis em formas irreparáveis - como animais - ainda que de aparência humana. Cada classe de Criadores dá ao homem o que tem para dar. Uma constrói a sua forma física, outra lhe dá a sua essência, que mais tarde se converte no Eu Superior Humano devido aos esforços pessoais do indivíduo, porém não podiam fazer o homem como eles mesmos eram, impecáveis, porque só tinham vagos contornos dos atributos, e estes, perfeitos, puros e frios como a neve. A Humanidade do mundo terrestre não estava destinada a ser criada por Anjos do Primeiro Sopro Divino. Devia ser formada por Criadores mais materiais, que só podiam dar o que possuíam em suas próprias naturezas. Os Deuses puros, subordinados à Lei eterna, só podiam projetar suas sombras, menos divinas e perfeitas que eles mesmos. A perfeição, para ser tal, tem que sair da imperfeição, o incorruptível tem que desenvolver-se do corruptível, tendo este último como sua base, veículo ou contraste; Luz Absoluta é Obscuridade absoluta, e vice-versa. O Bem e o Mal são gêmeos; nenhum dos dois existe *per se*, pois cada um tem que ser engendrado e criado pelo outro, a fim de vir à existência. Ambos têm que ser conhecidos e apreciados antes de ser objeto de percepção, daí que na mente mortal tenham de estar separados. Como a ilusão existe, requer uma ordem inferior de Anjos Criadores para criar Globos Habitados, especialmente o nosso, e manejar a Matéria neste plano terrestre.” (*Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky, cap. III, p. 159-60)

Discorrendo sobre o mito da “Queda dos Anjos”, Blavatsky encontra-o em diversas culturas orientais, com o significado de “Aquisição do *Conhecimento*, da *Consciência* e da *Responsabilidade (Manas)*”, com a qual, a partir de então, o homem deveria afastar-se da proteção do Criador para assumir sua individualidade como Criatura, reencarnando sucessivamente na Terra, caminhando pelas suas próprias obras e respondendo pelos seus atos, segundo sua consciência e seu livre-arbítrio.

“Lúcifer (Luz Astral) é uma força intermediária que existe em toda a criação, serve para criar e para destruir. Toda a paixão sexual que domina nossos sentidos é um torvelinho desta Luz, que nos arrasta para o abismo da morte; sua natureza é o Fogo, cujo uso inteligente aquece e vivifica e cujo excesso dissolve e aniquila. O Homem tem de dominar esta Luz Astral, conquistando, assim, a sua imortalidade; do contrário, será destruído, absorvido por ela. [...] A Queda foi o resultado do conhecimento do homem, pois seus olhos foram abertos. Lúcifer se converteu, desde então, em sua mente ou Manas; é a própria consciência. Em cada um de nós existe, desde o nosso aparecimento na Terra, o dourado fio da vida contínua, periodicamente dividido em ciclos passivos e ativos, de existência sensível nesta Terra e supra-sensível no Devachan. É o Sutrátna ou fio luminoso da Mônada impessoal e imortal, na qual se enfiam, como contas, nossas vidas terrestres ou Egos transitórios. Lúcifer, o portador da Luz, está, pois, em nós. [...] Os Devas que se encarnaram separaram-se de seu pai (Essência), multiplicidade da Unidade e, por isso, se encarnam continuamente.” (*Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky, cap. IV, p. 220-2)

## **Corpo vital - Duplo etérico - *Linga Sharira***

### **Aspectos Gerais**

Além do visível e palpável estado físico-material que nos é habitual, existe uma outra forma de matéria, menos densa que o estado gasoso, chamada *éter*. Esta forma de matéria sutil, com seus *átomos etéricos* ainda muito grosseiros e semelhantes aos átomos terrestres, constitui o Plano Etérico, região limítrofe ao plano físico, com o qual interage. São estes átomos etéricos ou *glóbulos de vitalidade* que transferem à matéria bruta a força vital, propiciando o fenômeno da vida e da saúde.

Blavatsky considerava o “Éter” como um dos princípios inferiores da “Substância Primordial” ou “Akasha” (Fluido Cósmico Universal), emanção fundamental do “Pensamento Divino” ou “Ideação Cósmica”. Imperceptível aos nossos sentidos, ele é o veículo fundamental de todos os fenômenos existentes (físicos, mentais ou psíquicos), estando “em cada molécula da Matéria em qualquer de seus estados”. Considerado como o quinto elemento (quintessência), é dele que se originam os outros quatro: ar, fogo, água e terra.

“O Éter, esse Proteu hipotético, é um dos princípios inferiores da Substância Primordial (Akasha), que se converteu, agora, no sonho da Ciência. Para os ocultistas, tanto o Éter como a Substância Primordial são realidades. O Éter é a mesma Luz Astral e a Substância Primordial é o Akasha, base do Pensamento Divino ou Ideação Cósmica, ou Espírito. Estes são o Alfa e o Ômega do Ser, as duas facetas da Existência Absoluta. [...] A Substância Primordial é o todo da Natureza manifestada e nada, para os nossos sentidos. Tocamo-lo e não o sentimos, olhamo-lo e não o vemos, respiramo-lo e não o percebemos, pois está em cada molécula da Matéria em qualquer dos seus estados; é a base ou veículo de todos os fenômenos possíveis, quer sejam físicos, mentais ou psíquicos. [...] Deste procede o Éter, que gera o Ar, e do Ar procede o calor, e do calor a água, e a água gera a terra com tudo que há nela. (*Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky, cap. II, p. 72-3)

Originário do Sol, o Éter é o responsável pelo movimento e a excitação das partículas da matéria. Considerado por muitos como “fluido ou éter nervoso”, por ser um meio imaterial que mantém em comunicação as distintas partes e estruturas do corpo, à semelhança do sistema nervoso, transmite a vitalidade e a saúde aos seres vivos; tornando-se passivo, sobrevém a morte. Assim como vimos no mesmerismo ou magnetismo animal citado por Hahnemann, pode ser transmitido de uma pessoa a outra, trazendo bem-estar ou perturbações, conforme a qualidade do mesmo.

“O Éter Nervoso é o princípio inferior da Essência Primordial, que é a Vida. É a vitalidade animal, difundida na Natureza inteira e que opera de acordo com as condições que encontra para sua atividade. Não é um produto animal, mas o animal, a planta são produtos seus. [...] Acumula-se nos centros nervosos durante o sono, e o corpo completamente renovado por ele oferece capacidade para o movimento, a plenitude da forma - a Vida. Mudando seu estado de atividade para a passividade, temos o fenômeno da morte. O Éter Nervoso de uma pessoa pode ser envenenado pelo Éter Nervoso de outra pessoa, ou por suas emanações áuricas.” (*Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky, cap. II, p. 107)

No ser humano, o *corpo etérico* ou *corpo vital* envolve o organismo físico como uma réplica energética, célula por célula, órgão por órgão, sendo por isto também chamado de *duplo etérico*. É através deste princípio vital que o corpo físico material adquire a propriedade de conservação e de vida, atingindo a morte e o estado de putrefação quando dele se afasta.

Segundo a filosofia hindu-teosófica, o corpo vital é formado pelas forças etéricas oriundas do Sol, também denominadas por *fluido universal* ou *éter universal* (força vital

universal), incorporadas ao nosso organismo através da respiração ou dos alimentos. Esta energia vital, éter vital ou *prâna*, circula entre os órgãos etéricos, acumulando-se em centros de força chamados *chakras*.

Este corpo etérico, que envolve e penetra o corpo físico, formando uma unidade indissociável e substancial com o mesmo, funciona como uma ponte entre este e as demais entidades imateriais superiores que o circundam, sem possuir uma “consciência independente”. É através dele, por exemplo, que nossa parte afetiva (coração) recebe as emoções do *corpo astral*, ou o cérebro recebe os pensamentos do *corpo mental*.

“Em resumo, veremos que, embora necessário à vida do corpo físico, o duplo etérico não é, a bem dizer, um veículo de consciência independente. Veremos, também, que ele recebe e distribui a força vital proveniente do Sol, ligando-se intimamente à saúde física; que possui certos *chakras* ou centros de força que lhe são próprios, cada qual desempenhando uma determinada função; que a lembrança da existência vivida em sonho depende principalmente da matéria etérica; [...] que, semelhante ao corpo físico, morre e se decompõe, permitindo assim à ‘alma’ passar a outra etapa de sua viagem cíclica; que se acha particularmente associado aos tratamentos pelo vitalismo ou magnetismo, e pelo mesmerismo, determinando a cura, a anestesia ou o transe; [...] que o desenvolvimento das faculdades etéricas proporciona poderes novos e revela muitos fenômenos etéricos, dos quais poucas pessoas têm experiência; que por meio da matéria do corpo etérico é possível magnetizar objetos, como se faz com seres vivos; enfim, que o corpo etérico fornece os elementos da substância conhecida por ectoplasma.” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 10)

### **Vitalidade - Força vital - Prâna**

Palavra sânscrita, derivada de *pra* (para fora) e *an* (respirar, mover-se, viver), *prâna* significa “soprar, sopro de vida, sopro vital ou força vital”. Daí compreende-se que todos os seres vivos necessitam de uma quantidade de *prâna* para que existam: toda a vida é produto do *prâna*.

Conforme nos relata Powell em sua obra *O Duplo Etérico*, “os hebreus mencionam o ‘sopro da Vida’ (*Nephesh*) insuflado nas narinas de Adão”. No entanto, o *Nephesh* não corresponde somente ao *prâna*, mas sim em combinação com o princípio *Kama*: “Ambos reunidos formam a ‘centelha vital’, que é o ‘sopro da vida no homem, nos animais ou insetos; o sopro da existência física e material’.”

“Os hebreus mencionam o ‘sopro da Vida’ (*Nephesh*) insuflado nas narinas de Adão. Entretanto, o *Nephesh* não é propriamente o Prâna isolado, porém combinado com o princípio *Kama*. Ambos reunidos formam a ‘centelha vital’, que é o ‘sopro da vida no homem, nos animais ou insetos; o sopro da existência física e material’. Traduzido em termos ocidentais, Prâna, no plano físico, é a vitalidade, a energia integrante que coordena as moléculas e células físicas e as reúne num organismo definido: é o ‘Sopro da Vida’ no organismo, ou antes, a porção do Sopro da Vida Universal, de que o organismo humano se apropria durante o breve período de tempo que denominamos ‘Vida’.” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 19-20)

No *Upanishad Prasna*, quando o discípulo busca o conhecimento da Criação dos seres, seu mestre explica o *prâna* criteriosamente.



“Senhor, como foi que as criaturas começaram a existir? O Senhor dos seres, replicou o sábio, meditou e produziu Prana, a energia primordial, e Rayi, a doadora da forma, desejando que eles, macho e fêmea, produzissem de inúmeras maneiras criaturas para ele. Prana, a energia primordial, é o Sol; e Rayi, a substância que dá a forma, é a Lua. [...] O alimento é Prana e Rayi. Do alimento é produzida a semente, e da semente, por sua vez, nascem todas as criaturas.” (*Os Upanishads, Prasna*, 1987, p. 49-50)

Explica a origem do *prana*, os tipos de *prana* (*Prana, Apana, Samana, Vyana* e *Udana*) e sua relação direta com os cinco elementos, o Eu, a mente, os órgãos e as funções do corpo físico.

“Mestre, de que nasce o Prana; como ele entra no corpo; e como ele vive ali depois de se dividir; como ele vivencia o que está no exterior; e como mantém unidos o corpo, os sentidos e a mente? [...] Prana nasce do Eu (Atma). Como um homem e sua sombra, o Eu e Prana são inseparáveis. Prana penetra no corpo por ocasião do nascimento, para que os desejos da mente, que vêm de vidas passadas, possam ser preenchidos. Do mesmo modo como um rei emprega oficiais para governar diferentes partes do seu reino, assim Prana associa a si mesmo quatro outros Pranas, cada um sendo uma parte dele mesmo, e sendo atribuída a cada um uma função diferente. O próprio *Prana* habita o olho, o ouvido, a boca e o nariz; *Apana*, o segundo Prana, governa os órgãos de excreção e os órgãos reprodutores; *Samana*, o terceiro Prana, habita o umbigo, e governa a digestão e a assimilação. O Eu habita o lótus do coração, de onde são irradiados cento e um nervos. De cada um desses se originam cem outros, menores, e de cada um desses, mais uma vez, setenta e dois mil outros, que são ainda menores. Em todos esses se move *Vyana*, o quarto Prana. Então, no momento da morte, através do nervo localizado no centro da espinha, *Udana*, que é o quinto Prana, leva o homem virtuoso para um nascimento mais elevado, o homem pecador para um nascimento inferior, e o homem que é ao mesmo tempo virtuoso e pecador ao renascimento no mundo dos homens. O Sol é o Prana do Universo. Ele se levanta para auxiliar o Prana que está no olho do homem a ver. O poder da Terra mantém o *Apana* no homem. O éter entre o Sol e a Terra é o *Samana*, e o ar que tudo permeia é *Vyana*. *Udana* é o fogo e, portanto, aquele cujo calor corporal se apagou morre e, posteriormente, seus sentidos são absorvidos pela mente, e ele torna a nascer.” (*Os Upanishads, Prasna*, 1987, p. 52)

Conforme pudemos observar, *prana* é a energia ou fluido universal, que se encontra em todas as partes e em todas as coisas, pois a aparente falta de vida da matéria bruta representa apenas um grau menor de manifestação vital, exemplificada pelos elétrons “vivos” constituintes de todos os átomos. **Assim sendo, *prana* é a energia ou força que anima a matéria, construindo desde os minerais e as substâncias inorgânicas até os organismos mais complexos, coordenando os átomos, as moléculas e as células físicas, a fim de que constituintes isolados possam ser reunidos num organismo individualizado e organizado.** Sem *prana*, teríamos um agregado desordenado de substâncias e a inexistência da vida, fato este observado após a morte.

### **Força vital instintiva e irracional - *Vis medicatrix naturae***

Encontramos nos ensinamentos *Yogue* a analogia entre a força vital homeopática e a *vis medicatrix naturae* hipocrática, em que o caminho de restauração do desequilíbrio da saúde se faz através de um movimento instintivo e irracional da mesma, na maioria das vezes prejudicando ainda mais o organismo doente. Sem um comando inteligente, a *força da natureza*, por si só, não consegue direcionar seus esforços na direção da cura, causando os desequilíbrios que vulgarmente chamamos de doença.

Conforme nos relata o Yogue Ramacháraka em sua obra *Hatha Yoga*, “em cada corpo físico há certa força vital que está constantemente fazendo por nós o melhor que pode, apesar do modo descuidado com o qual violamos os princípios essenciais do reto viver”.

“Grande parte do que chamamos doença é apenas uma ação defensiva desta força vital - um efeito curativo. Não é uma ação que se proponha destruir e sim uma ação construtiva por parte do organismo vivente. A ação é anormal porque as condições são anormais e todo esforço reparador da força vital é exercido em direção ao restabelecimento das condições normais. O primeiro grande princípio da força vital é a conservação própria. [...] Mas o instinto de conservação da vida individual é forte igualmente. [...] É um instinto que, frequentemente, se sobrepõe ao Intelecto. [...] E, com frequência, faz-nos ficar doentes, para nos tornar mais sãos; trazendo-nos uma moléstia para nos livrar de alguma matéria impura que o nosso descuido e ignorância deixaram introduzir-se no sistema.” (*Hatha Yoga*, Yogue Ramacháraca, p. 21-2)

Assim como Hahnemann nos ensinou, Ramacháraka diz que a força vital só consegue manter o equilíbrio orgânico se imperar o estado de saúde: “em condições de doença, a força vital só consegue manifestar-se imperfeitamente”.

“Todos os médicos sabem e suas escolas ensinam que se um homem está em boa condição física, a sua força vital fará que ele se restabeleça, qualquer que seja o estado em que se ache, exceto quando os órgãos vitais estejam destruídos. Quando o sistema físico está prostrado, é muito mais difícil que recupere a saúde, se em verdade não é impossível, pois a eficácia da força vital está diminuída e, portanto, se acha obrigada a trabalhar sob condições adversas. Mas ficai certos que, em qualquer condição, fará sempre por vós o melhor que lhe for possível. Se a força vital não pode fazer por vós tudo quanto quereria fazer, não se renderá, em face das dificuldades, declarando-se vencida; mas, adaptando-se às circunstâncias, fará o melhor que puder.” (*Hatha Yoga*, Yogue Ramacháraca, p. 22-3)

“Nenhum organismo pode adoecer enquanto as condições próprias para a saúde forem observadas. A saúde não é mais do que a vida em condições normais, ao passo que a doença é a vida sob condições anormais. As condições que fizeram com que um homem alcançasse uma sã e vigorosa plenitude de desenvolvimento são necessárias para conservá-lo sã e forte. Observando as devidas condições, a força vital fará bem a sua obra, mas observando condições indevidas, a força vital só poderá manifestar-se imperfeitamente e dará mais ou menos lugar ao que chamamos doença. Estamos vivendo numa civilização que nos impõe modos de vida anti-naturais, e a força vital encontra dificuldades para fazer por nós todo o bem que poderia realizar. Não comemos naturalmente; não respiramos naturalmente, nem nos vestimos naturalmente. Fizemos o que não deveríamos ter feito e deixamos de fazer aquilo que deveríamos ter feito, não há saúde em nós, e até poderíamos acrescentar: - só temos a pouca saúde que não podemos impedir.” (*Hatha Yoga*, Yogue Ramacháraca, p. 23)

O corpo vital ou duplo etérico, por ser desprovido de razão e inteligência, “não pode servir de veículo independente da consciência”.

“Em resumo, veremos que, embora necessário à vida do corpo físico, o duplo etérico não é, a bem dizer, um veículo de consciência independente. [...]” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 10)

“É importante verificar que, embora o duplo etérico seja simplesmente uma parte do corpo físico, não pode, normalmente, servir de veículo independente de consciência, no qual o homem viva ou atue. Possui apenas uma consciência difusa, disseminada em todas as suas partes. É desprovido de inteligência, e quando se separa da contraparte densa, não pode, por isso, servir de intermediário ao mental.” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 12)

## Unidade substancial do corpo físico com o corpo vital ou duplo etérico

Conforme relatamos anteriormente, o corpo vital ou duplo etérico é constituído pelo *prana*, parcela do *Fluido Cósmico* incorporada ao ser humano através da respiração e dos alimentos. Daí sua denominação em sânscrito, *Pranama yakosha*, que quer dizer “veículo do *prana*”.

Retornando aos *Upanishads*, encontraremos evidências da ascendência do corpo vital (duplo etérico; veículo do *prana*) sobre o corpo físico e seus sentidos. Annie Besant e Arthur Powell reiteram a unidade substancial e indissociável entre o corpo físico e o *prâna* ou princípio vital, dizendo que eles, durante a vida terrestre, nunca se separam.

“Sagrado senhor, quantos poderes contém este corpo? Quais os que mais se manifestam nele? E qual é o maior? Os poderes, replicou o sábio, são o éter, o ar, o fogo, a água e a terra - que são os cinco elementos que compõem o corpo; e, além desses, a fala, a mente, o olho, o ouvido e o restante dos órgãos sensoriais. Uma vez esses poderes fizeram a orgulhosa declaração: ‘Nós mantemos o corpo unido e o sustentamos’. Prana, a energia primordial, suprema sobre todos eles, lhes disse: ‘Não vos enganeis. Sou eu sozinho que, ao me dividir cinco vezes, mantenho o corpo unido e o sustento’. Mas eles não acreditaram nisso. Prana, para se justificar, fingiu que ia abandonar o corpo. Porém, quando se levantou e pareceu estar indo embora, todos os outros perceberam que se ele fosse embora eles também teriam que partir; e quando Prana se sentou novamente, os outros acharam seus respectivos lugares. Como as abelhas saem quando sua rainha sai e voltam quando ela volta, assim foi com a fala, a mente, a visão, a audição, e o restante.” (*Os Upanishads, Prasna*, 1987, p. 50-1)

“Em geral, o corpo grosseiro e o corpo etérico não se separam nunca durante a vida terrestre. Funcionam em conjunto, no estado normal, como as cordas baixas e altas dum mesmo instrumento quando se produz um acorde; mas exercem funções distintas, conquanto coordenadas. Nas condições de saúde fraca ou superexcitação nervosa, o duplo etérico pode ser anormalmente projetado, em grande parte, para fora do corpo grosseiro. Este fica então muito vagamente consciente, ou mesmo em estado de transe, conforme a maior ou menor substância etérica, de forma que a consciência não pode nem alterar seu veículo grosseiro, nem ser afetada por ele, estando interrompido o laço de comunicação. Nas pessoas de organizações anormais chamadas *médiuns*, a separação do corpo etérico e do corpo grosseiro se produz facilmente, e o duplo etérico exteriorizado fornece em grande parte a base física necessária às materializações.” (*A Sabedoria Antiga*, Besant, p. 51)

“Como é veículo do Prâna ou Vitalidade e não da consciência mental, não pode, sem prejuízo da saúde, separar-se das partículas densas, às quais transmite as correntes vitais. Aliás, nas pessoas normais e de boa saúde, é difícil a separação do duplo etérico e do corpo denso, e aquele é incapaz de se afastar do mais denso, ao qual pertence. [...] O duplo etérico pode ser separado do corpo físico denso por um acidente, pela morte, pela anestesia e pelo mesmerismo. No caso de anestésicos, a insensibilidade é consequência forçada da expulsão do duplo etérico do corpo físico, pois o duplo é o traço de união entre o cérebro e a consciência superior. Demais, a matéria etérica assim expulsa leva consigo o corpo astral, amortecendo igualmente a consciência neste veículo; assim, quando o anestésico cessa de atuar, não subsiste, em geral, na consciência cerebral nenhuma recordação do tempo que passou no veículo astral. Tanto um precário estado de saúde como uma excitação nervosa, podem também determinar a separação quase completa do duplo etérico, ficando a contraparte densa fracamente consciente (transe), segundo a quantidade maior ou menor de matéria etérica expulsa. A separação do duplo etérico do corpo denso produz, geralmente,

neste último, grande diminuição da vitalidade. O duplo ganha a vitalidade perdida pelo corpo denso. [...] É tão estreita a ligação entre os corpos denso e etérico que uma lesão neste se traduz por uma lesão naquele, fenômeno este curioso, conhecido sob o nome de repercussão.” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 13-5)

O corpo vital se liga ao corpo físico através do “cordão fluídico de prata”, consumando-se a morte física quando este elo se rompe. Neste momento, o Espírito, com as demais entidades imateriais, desprende-se do corpo físico e o corpo vital desintegra-se, liberando uma luz azul-violácea, que é vista por alguns sensitivos nos cemitérios. Powell diz que o duplo etérico “depois da morte, separado do corpo físico denso, é a ‘alma do outro mundo’, o ‘fantasma’, a ‘aparição’ ou ‘espectro dos cemitérios’. Em Raja Yoga, o duplo etérico e o corpo denso unidos são chamados o *Sthûlopâdhi*, isto é, o Upâdhi inferior de Atma”. (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 11)

A morte, como dissemos, ocorre quando o Ser Consciente se afasta do corpo físico, abandonando o controle sobre o corpo etérico e, conseqüentemente, sobre toda a unidade orgânica. No nascimento, é o duplo etérico que serve de molde para que as células orgânicas se agrupem na formação do novo ser.

“Quando sobrevém o fenômeno chamado morte, a consciência, ao libertar-se, extrai o corpo etérico de seu encaixe grosseiro. Rompe assim o laço magnético que prendia estas duas partes durante a vida terrestre e o ser consciente permanece, durante algumas horas, envolto em roupagens etéricas. Algumas vezes, neste estado, ele se manifesta às pessoas que lhe estão próximas, sob uma forma nebulosa, vagamente consciente e muda - o ‘fantasma’. O duplo pode igualmente ser visto depois que o ser consciente dele escapou, flutuando acima do túmulo onde o cadáver grosseiro está sepultado, e com o tempo vai lentamente se desagregando. Quando se aproxima o momento de renascer, o corpo grosseiro, em seu desenvolvimento pré-natal, segue, passo a passo, o duplo etérico que vai sendo construído gradualmente, antecipadamente. Pode-se dizer que esses dois corpos determinam as limitações entre as quais o ser consciente será constringido a viver e a trabalhar, durante sua vida terrestre.” (*A Sabedoria Antiga*, Besant, p. 52)

“Quando o Ego parte do corpo físico e ocorre o que chamamos ‘morte’, o Prana, livre, então, do controle do Ego, responde unicamente às ordens dos átomos individuais, dos seus grupos que formaram o corpo físico e à medida que este se desintegra e se resolve em seus elementos originais, cada átomo retém em si suficiente Prana que o torna capaz de formar combinações, retornando o que sobeja ao grande depósito donde procede.” (*14 Lições de Filosofia Yogue*, Yogue Ramacháraca, p. 22)

“Como já temos assinalado, o duplo etérico pode, em certas condições, ser separado do corpo físico denso, continuando, no entanto, preso a ele por um fio ou cordão de matéria etérica. No momento da morte, o duplo retira-se definitivamente do corpo denso. Às vezes, se torna visível como uma névoa violácea; esta, ao condensar-se, reproduz exatamente a aparência do moribundo, ligada ao corpo denso por um fio brilhante. No instante da morte, este fio ou cordão magnético se rompe. [...] A retirada do duplo etérico, acompanhado, sem dúvida, do prâna, destrói a unidade integral do corpo físico: desde então este não representa mais do que uma massa de células independentes. A vida destas últimas não sofre interrupção alguma, e a prova disto é dada pelo fato muito conhecido de que, às vezes, os pelos de um cadáver continuam a crescer. Já que com a retirada do duplo etérico o prâna cessa de circular, as vidas inferiores, isto é, as células, emancipam-se e começam a desagregar o corpo, até então bem organizado. No momento da morte, o corpo está, pois, mais vivo do que jamais o fora; vivo em suas unidades, porém morto como organismo. [...] Quando o duplo abandona o corpo denso definitivamente, não se afasta, mas permanece, em

geral, flutuando sobre ele. Constitui então o que se chama de espectro e aparece, às vezes, às pessoas que o enxergam como uma figura nublada, fracamente consciente e muda.” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 95-6)

## **Importância dos desejos, emoções e sentimentos no equilíbrio humano**

Para os hindus, no exercício da meditação, o homem busca sublimar seus desejos e paixões inferiores, encontrando nesta prática o caminho da libertação espiritual, ligando-se ao seu Criador. Este trabalho de depuração dos sentimentos, através do autocontrole dos desejos pela mente e pelo intelecto, é centrado no *chakra do coração* ou *lotus do coração*, evidenciando a importância do lado afetivo no equilíbrio e na evolução do ser humano.

“Acima dos sentidos está a mente. Acima da mente está o intelecto. Acima do intelecto está o ego. Acima do ego está a semente não-manifesta, a Causa Primordial. Verdaderamente, além da semente não-manifesta está Brahman, o Espírito que tudo permeia, o Incondicionado, e quem o conhece obtém a liberdade e alcança a imortalidade. Ninguém o contempla com os olhos, pois ele não tem forma visível. Porém, no coração, ele é revelado pelo autocontrole e pela meditação. Os que o conhecem se tornam imortais. Quando todos os sentidos estão imóveis, quando a mente está em repouso, quando o intelecto não treme - esse, dizem os sábios, é o estado mais elevado. Essa serenidade dos sentidos e da mente foi definida como ioga. Aquele que a obtém liberta-se da ilusão. [...] O mortal em cujo coração o desejo está morto torna-se imortal. O mortal em cujo coração os nós da ignorância são desatados torna-se imortal. Essas são as verdades mais elevadas ensinadas nas escrituras. Existem cento e um nervos que se irradiam do lótus do coração. Desses nervos ascende o lótus de mil pétalas do cérebro. Se, quando um homem morre, sua força vital subir e passar através desse nervo, ele atinge a imortalidade; porém, se sua força vital passar através de outro nervo, ele vai para outro plano de existência, e permanece sujeito ao nascimento e à morte. A Pessoa Suprema, do tamanho de um polegar, O Eu mais profundo, habita para sempre os corações de todos os seres. Como extraímos a seiva da cana, assim deve o aspirante à verdade, com grande perseverança, separar o Eu do corpo. Sabei que o Eu é puro e imortal - sim, puro e imortal!” (*Os Upanishads, Katha*, p. 45-6)

Assim como vimos na Medicina Tradicional Chinesa, segundo os *Upanishads*, o coração humano (*lótus do coração*) é a morada específica do Espírito (Eu), reiterando-se a importância da contenção dos desejos (*continência*) e depuração dos sentimentos, para se atingir a tranquilidade íntima. Diz ainda que o Espírito, regente da vida e do corpo, só é conhecido pelos *puros de coração* e o controle dos “sentidos exteriores” deve ser realizado através da mente e do intelecto.

“Esse Eu, que tudo compreende, que tudo sabe, e cuja glória está manifesta no Universo, mora dentro do lótus do coração, o trono brilhante de Brahman. Ele é conhecido pelos puros de coração. O Eu existe no homem, dentro do lótus do coração, e é o mestre da sua vida e do seu corpo. Com a mente iluminada pelo poder da meditação, os sábios o conhecem, o abençoado, o imortal. O nó do coração, que é a ignorância, se afrouxa, todas as dúvidas se dissolvem, todos os efeitos malignos das ações são destruídos, quando ele, que é ao mesmo tempo pessoal e impessoal, é percebido. No fulgurante lótus do coração habita Brahman, que não possui paixões e é indivisível. Ele é puro, ele é a luz das luzes. Ele é alcançado pelos conhecedores do Eu. [...] Esse Eu fulgurante deve ser percebido dentro do lótus do coração através da continência, da firmeza na verdade e na meditação e pela visão superconsciente. Com suas impurezas extintas, os que vêm o percebem. Só a verdade tem sucesso, e não a falsidade. O caminho da verdade é aberto através da verdade, o caminho que é seguido pelos

sábios, libertos dos desejos, e que os leva à morada eterna da verdade.” (*Os Upanishads, Mundaka*, p. 62-3)

“Está escrito: Aquele que percebeu a Verdade eterna não vê a morte, nem a doença, nem a dor; ele vê tudo como o Eu, e obtém tudo. O Eu é único e tornou-se tudo. Quando os sentidos são purificados, o coração se purifica; quando o coração é purificado, existe uma constante e incessante lembrança do Eu; quando existe uma constante e incessante lembrança do Eu, todos os vínculos são desfeitos e a liberdade é alcançada. [...] Dentro da cidade de Brahman, que é o corpo, existe o coração, e dentro do coração existe uma pequena casa. Essa casa possui a forma de um lótus, e dentro dela mora aquilo que deve ser procurado, investigado e percebido. O que é então que, morando dentro dessa pequena casa, desse lótus do coração, deve ser procurado, investigado e percebido? [...] Esse mundo de Brahman é atingido por aqueles que praticam a continência, pois o conhecedor da verdade eterna a conhece através da continência; e o que é conhecido como veneração, isso também é continência. Pois um homem venera o Senhor pela continência e assim o atinge. O que as pessoas chamam de salvação é, na verdade, continência. Pois através da continência o homem é libertado da ignorância; e o que é conhecido como voto de silêncio, isso também é, na verdade, continência. Pois um homem, através da continência, percebe o Eu e vive em calma contemplação.” (*Os Upanishads, Chandogya*, p. 99-101)

“Para perceber Deus, controlai em primeiro lugar os sentidos exteriores e utilizai a mente. Meditai então sobre a luz no coração do fogo - meditai, melhor dizendo, sobre a consciência pura como sendo diferente da consciência comum do intelecto. Assim o Eu, a Realidade Interior, poderá ser visto além da aparência física. Controlai vossa mente de forma que a Realidade Final, o Senhor autoluminoso, possa ser revelada. Lutai com veemência pela eterna bem-aventurança. Com a ajuda da mente e do intelecto, impedi que os sentidos se apaguem aos objetos do prazer. Eles então serão purificados pela luz da Realidade Interior, e essa luz será revelada. Os sábios controlam suas mentes, e unem seus corações com o Senhor Infinito, onisciente, que tudo permeia. Somente almas capazes de discernimento praticam as disciplinas espirituais. Grande é a glória do ser autoluminoso, a Realidade Interior.” (*Os Upanishads, Swetasvatara*, p. 143)

### **Força vital (*prâna*), sistema nervoso e mente**

Citando as ideias do Dr. Richardson sobre o “Éter Nervoso”, Blavatsky imputa ao fluido etérico, que circula pelo organismo vivo, a propriedade de transmissão dos impulsos nervosos.

“A teoria de que, entre as moléculas da matéria sólida ou fluidica de que se compõem os organismos nervosos e as partes orgânicas de um corpo, existe um meio sutil, refinado, vaporoso ou gasoso, que mantém as moléculas em condição própria para o movimento de umas sobre as outras na organização e reorganização da forma... Quando falo Éter Nervoso, não digo que ele exista só na estrutura nervosa; creio que é uma parte especial da organização nervosa e como os nervos se acham em todas as estruturas que têm capacidade para o movimento e sensibilidade, do mesmo modo se acha o Éter Nervoso em todas essas partes. O éter é o meio que mantém em comunicação o órgão ou parte do corpo com as demais partes, pelo qual e através do qual o mundo vivo externo comunica-se com o homem vivente. Sendo o Éter Nervoso um produto direto do sangue, podemos considerá-lo como parte da atmosfera do sangue; existe, inquestionavelmente, na estrutura nervosa, um fluido nervoso como ensinou Paracelso; a composição química exata desse fluido ainda não é bem conhecida. Penso que deve haver outra forma de matéria que se acha presente durante a vida; uma matéria que existe sob a forma de vapor ou gás que penetre o organismo nervoso inteiro, envolvendo como uma atmosfera cada molécula do sistema nervoso e é o meio de

todo o movimento comunicado aos centros nervosos. Quando se compreende com clareza que, durante a vida, existe, no corpo animal, uma forma de matéria sutilmente difundida, um vapor que enche tudo e é, constantemente renovado pela química vital; matéria que se expele com a mesma facilidade que o alento, depois de alcançado o seu objetivo, um novo raio de luz penetra a inteligência.” (*Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky, cap. II, p. 105-6)

Através do duplo etérico, o corpo físico recebe as impressões do corpo astral e do corpo mental que atingem o sistema nervoso (emocional). Do mesmo modo, as impressões externas do mundo físico atingem as entidades imateriais superiores através do corpo vital. A força vital ou *prâna* assume importante papel na formação do sistema nervoso, na captação das impressões externas pelos órgãos sensoriais e na transmissão dos impulsos nervosos através do trajeto nervoso.

“As vibrações que o corpo pode receber são transmitidas aos centros físicos pertencentes ao seu sistema nervoso altamente complexo. Assim, também as vibrações etéricas, que acompanham todas as vibrações dos materiais mais densos, são recebidas pelo duplo etérico e levadas aos centros correspondentes. A maior parte das vibrações da matéria densa é transformada em energia química, em calor ou em outras formas de energia física. As vibrações etéricas dão lugar às ações magnéticas e elétricas e ainda as transmitem ao corpo astral de onde elas atingem a mente, como mais tarde veremos. É assim que as informações concernentes ao mundo exterior chegam ao ser consciente que habita o corpo ou ao ‘senhor do corpo’, como por vezes o chamam. À medida que as vias de informação se aperfeiçoam pelo exercício, o ser consciente se desenvolve, graças aos materiais que elas fornecem ao pensamento. Mas o homem, em nossa época, está ainda tão pouco evoluído, que seu duplo etérico ainda não apresenta a necessária perfeição, para transmitir regularmente as impressões recebidas independentemente do corpo grosseiro, ou mesmo para impressionar o cérebro. Muitas vezes, entretanto, a transmissão se dá e temos assim a clarividência em sua forma mais inferior, visão do duplo etérico de objetos físicos e visão dos objetos cujo invólucro mais denso é um corpo etérico.” (*A Sabedoria Antiga*, Besant, p. 50)

“Os próprios centros nervosos são naturalmente nutridos pelo ‘veículo do alimento’ ou o corpo denso, mas *prâna* é a energia soberana que torna esse veículo obediente e o modela como exige o Eu, cuja sede é a inteligência superior. É importante notar que, apesar da presença dos nervos do corpo físico, não é este que possui a faculdade de sentir. Como veículo, o corpo físico não sente; é simples receptor de impressões. O corpo exterior recebe o impacto, porém não é em suas células que reside a faculdade de sentir o prazer ou o sofrimento, salvo de maneira muito vaga, amortecida e ‘maciça’, despertando sensações vagas e difusas, como, por exemplo, a fadiga geral. Os contatos físicos são transmitidos pelo *prâna* ao interior; são agudos, penetrantes, picantes, específicos, muito diferentes das sensações lerdas e difusas derivadas das próprias células. É pois, invariavelmente, o *prâna* que dá aos órgãos físicos a atividade sensorial, e que transmite as vibrações externas aos centros sensórios situados no kâma, na bainha, imediatamente vizinha à do *prâna*, o *Manomayakosha*. É graças ao duplo etérico que o *prâna* segue os nervos do corpo e permite-lhes, assim, agir como transmissores, não somente dos impactos exteriores, como da energia motora proveniente do interior. É a circulação das correntes vitais *prânicas* nos duplos etéricos dos minerais, dos vegetais e dos animais, que faz sair de seu estado latente a matéria astral que participa da estrutura de seus elementos atômicos e moleculares, e produz, assim, um ‘estremecimento’. [...] Assim, os impulsos engendrados pela consciência - que quer passar por experiências - dão nascimento a vibrações astrais, e estas, por sua vez, produzem vibrações na matéria etérica.[...]” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 24-25)

No *Upanishad Prasna*, o Eu, a mente e o *prana* são relacionados aos estados de sono e de vigília, aos sonhos e aos órgãos dos sentidos. Ao Eu é consagrado o comando e a realização de todas as funções e capacidades desempenhadas pelo organismo vivo.

“Mestre, quando o corpo dorme, quem é que dorme interiormente, quem está acordado, e quem está sonhando? Quem então experimenta a felicidade e com quem estão unidos os órgãos sensoriais? Do mesmo modo como os raios do Sol, Ó Gargya, quando ele se põe, replicou o sábio, se reúnem em seu disco de luz, para saírem novamente quando ele se levanta, assim os sentidos se reúnem na mente, o mais elevado deles. Desse modo, quando um homem não ouve, não vê, não cheira, não saboreia, não toca, não fala, não agarra ou não tem prazer, dizemos que ele dorme. Então, somente os Pranas estão acordados no corpo e a mente é levada para mais perto do Eu. Enquanto sonha, a mente revive suas impressões passadas. Seja o que for que tenha visto, vê novamente; seja o que for que tenha desfrutado nos vários países e nos diversos cantos da Terra, desfruta de novo. O que foi visto e não foi visto, ouvido e não ouvido, aproveitado e não aproveitado, tanto o real como o irreal, ela vê; sim, ela vê tudo. Quando a mente está dominada por sono profundo, ela não sonha mais. Ela descansa alegremente no corpo. Como os pássaros, meu amigo, voam para as árvores para descansar, todas essas coisas voam para o Eu: a terra e sua essência particular, a água e sua essência particular, o fogo e sua essência particular, o ar e sua essência particular, o éter e sua essência particular, o olho e o que ele vê, o ouvido e o que ele ouve, o nariz e o que ele cheira, a língua e o que ele saboreia, a pele e o que ela toca, a voz e o que ela fala, as mãos e o que elas seguram, os pés e aquilo sobre o que caminham, a mente e o que ela percebe, o intelecto e o que ele compreende, o ego e aquilo de que ele se apropria, o coração e o que ele ama, a luz e o que ela ilumina, a energia e o que ela mantém unido. Pois, na verdade, é o Eu que vê, ouve, cheira, saboreia, pensa, sabe, age. Ele é Brahman, cuja essência é o conhecimento. Ele é o Eu imutável, o Supremo. [...] ‘Aquele que conhece o Eu imutável, no qual vivem a mente, os sentidos, os Pranas, os elementos - tal pessoa verdadeiramente conhece todas as coisas, e percebe o Eu em tudo.’” (*Os Upanishads, Prasna*, 1987, p. 53-4)

“Enquanto alguém está no estado de sonho, o ser dourado, autoluminoso, o Eu interior, faz com que o corpo durma, embora ele permaneça sempre acordado e observe através da sua própria luz as impressões das ações que foram deixadas na mente. Depois disso, associando-se novamente com a consciência dos órgãos dos sentidos, o Eu faz com que o corpo acorde. Enquanto alguém está no estado de sonho, o ser dourado, autoluminoso, o Eu interior, o Imortal, mantém viva a casa de matéria com o auxílio da força vital, porém, ao mesmo tempo, sai dessa casa. O Eterno vai para onde deseja. O ser dotado de luz própria assume inúmeras formas, altas e baixas, no mundo dos sonhos. Ele parece estar desfrutando o prazer do amor, ou rindo com amigos, ou observando espetáculos terríveis. Todo mundo está consciente das experiências; ninguém vê o Experimentador.” (*Os Upanishads, Brihadaranyaka*, p.130-1)

### Centros de força ou *chakras*

A força vital ou *prâna*, também conhecida como “éter vital”, é acumulada em centros de força chamados de *chacras* ou *chakras* (do sânscrito “roda”, “disco giratório”). Estes vórtices etéricos estão localizados na superfície do corpo vital, apesar de existirem *chakras* nas demais estruturas imateriais do ser humano (corpo astral, por exemplo). São locais de conexão por onde flui a energia de um para outro veículo sutil.

“Os *chakras* estão situados na superfície do duplo etérico, à cerca de seis milímetros da superfície do corpo físico. Ao olhar clarividente, aparecem como depressões em forma de pires, constituindo vórtices. As forças que se difundem através dos *chacras* são essenciais à vida do duplo etérico. Por isso, todos os indivíduos possuem esses centros de força, embora o grau de seu desenvolvimento varie muito em cada indivíduo. Quando não estão desenvolvidos, brilham foscamente, e suas partículas etéricas, animadas de movimento lento, formam o vórtice apenas suficiente para a manifestação da força e nada mais. Por outro lado,



nos indivíduos adiantados, eles fulguram e palpitam com viva luz, brilhando como pequenos sóis. Neste caso, sua dimensão varia de 5 a 15 centímetros. Nos recém-nascidos, são círculos minúsculos do tamanho de uma moeda comum, pequenos discos, que mal se movem e escassamente brilham.” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 35)

Assim como na Medicina Tradicional Chinesa a fisiologia energética está representada pelos *canais ou meridianos de força*, por onde circula o *Chi ou Tsri* (energia vital), na concepção hindu, os *chakras* representam as unidades energéticas que acumulam e distribuem o *prâna*. Além dos *chakras* etéricos absorverem e distribuírem o *prâna* pelo corpo etérico, eles também transmitem “à consciência física a qualidade inerente do centro astral correspondente”.

“Os *chakras* etéricos têm duas funções distintas: uma, absorver e distribuir o *prâna* no corpo etérico, e daí ao corpo físico, para manter a vida deste. A segunda função consiste em trazer à consciência física a qualidade inerente do centro astral correspondente. A impossibilidade de transmitir à memória cerebral física a lembrança das experiências astrais, explica-se pelo insuficiente desenvolvimento dos centros etéricos. [...] Parece não haver conexão alguma entre a atividade e o desenvolvimento dos *chakras* etéricos de um lado e as qualidades morais do outro; os dois desenvolvimentos são perfeitamente distintos. Cada centro do corpo astral corresponde a um centro etérico. [...] Os centros etéricos estão sempre situados na superfície do corpo etérico, porém o centro astral está, frequentemente, no interior do corpo astral.” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 36)

O número de *chakras*, segundo os vários estudiosos do assunto, varia entre sete e oito, cada qual externando sua energia própria (existem sete diferentes espécies de *prâna*) numa ou mais cores. Segundo Powell, o *chakra esplênico* “é único no sentido de ter a importante função de absorver todos os glóbulos de vitalidade da atmosfera, desintegrá-las em seus átomos componentes, e distribuí-los, carregados do *prâna* transmudado e especializado, pelas diferentes partes do corpo físico”.

“Os glóbulos de vitalidade penetram primeiramente no *chakra* esplênico, onde são fracionados nos 7 átomos componentes, e cada átomo está carregado de uma das sete variedades de Prâna; estes átomos são então captados pelas forças secundárias em rotação e fiados ao redor do *chakra*. As sete diferentes espécies de Prâna têm as seguintes cores: violeta, azul, verde, amarela, alaranjada, vermelha carregada e rósea.” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 43)

Do mesmo modo que cada *meridiano de força* da Acupuntura está relacionado a um ou mais órgãos, mantendo e regulando suas funções, cada *chakra* etérico comanda glândulas, órgãos e sistemas específicos.

A seguir, descreveremos resumidamente as características dos centros de força ou *chakras* (localização, glândulas relacionadas, órgãos e funções que dirige, cor irradiada, etc.), buscando uma conformidade entre os diversos autores que pesquisaram o assunto.

**Centro Coronário:** ponto de ligação do corpo físico com a mente (sede da Consciência), localiza-se na região central superior do cérebro, comandando o sistema nervoso central através da glândula pineal ou epífise. Recebendo os estímulos do Espírito, comanda os demais *chakras*, emitindo as energias de sustentação ao sistema nervoso e controlando o equilíbrio orgânico. Irradia as cores branca e violeta.

**Centro Cerebral:** localizado entre as sobrancelhas, atua sobre a glândula hipófise comandando o sistema endócrino, os órgãos dos sentidos (visão, audição, olfato, paladar, tato) e os processos da Inteligência (ligados à Palavra, à Cultura, à Arte e ao Saber). Irradia as cores rosa-amarelado e o azul-violáceo.

**Centro Laríngeo:** localizado na região anterior da garganta, comanda as glândulas tireóide e paratireóide, o sistema respiratório (pulmões e vias aéreas superiores) e o aparelho vocal. Também atua estimulando a sensibilidade e o aspecto criativo e artístico. Irradia a cor azul-prateada.

**Centro Cardíaco:** localizado no centro do tórax, atua sobre o timo comandando o sistema imunológico, o coração, o aparelho circulatório e o sistema nervoso parassimpático. gindo sobre as emoções e os sentimentos superiores, favorece o equilíbrio geral, sendo um ponto de integração de todo o sistema de *chakras*. Irradia a cor amarelo-dourada.

**Centro Esplênico:** localizado na região esplênica, atua sobre o baço e o fígado comandando o sistema hematopoiético (células de defesa, glóbulos vermelhos, plaquetas, etc.). É o *chakra* responsável pela absorção do *Prana Solar* e sua transformação e distribuição para os demais centros de força. Irradia todas as cores contidas no espectro da luz solar.

**Centro Gástrico:** também chamado “plexo solar”, localiza-se sobre o umbigo comandando grande parte do aparelho digestivo (esôfago, estômago, vesícula biliar, pâncreas e intestinos). Atua também sobre o campo emocional, auxiliando no controle dos instintos e emoções inferiores. Irradia a cor verde.

**Centro Genésico:** localizado na região púbica, atua sobre as glândulas sexuais e o aparelho reprodutor comandando também o desejo sexual. Irradia a cor laranja-avermelhada.

**Centro Básico ou Fundamental:** localizado na base da coluna, atua sobre as glândulas suprarrenais e o sistema nervoso simpático, irradiando sua energia por toda a coluna vertebral até o cérebro e transmitindo forças fundamentais ao sistema nervoso periférico e ao aparelho urinário. Neste *chakra* acumula-se o *Kundalini* ou *Fogo Serpentino*, energia sexual humana. Irradia também a cor laranja-avermelhada.

## Mesmerismo

Assim como nas demais concepções energéticas, na visão oriental hindu qualquer enfermidade reside no desequilíbrio do corpo vital ou duplo etérico.

A matéria etérica é extremamente plástica e pode ser influenciada pela ação da vontade, comandada pelo pensamento vigoroso dirigido para um determinado fim, reestruturando o desequilíbrio desta força vital e promovendo a saúde nas partes doentes.

Uma pessoa com a faculdade de “doação prânica” e imbuída do desejo de ajudar o seu semelhante, promove através da vontade um afluxo da sua energia vital para o doente, aumentando o vigor deste e, muitas vezes, curando-o de seus males.

“A cura de pessoas débeis por outras vigorosas pode, portanto, ser, em certos casos, determinada pela simples aproximação física; o fenômeno pode ser inteiramente automático e inconsciente, ou favorecido e acelerado de um modo quase ilimitado por um esforço consciente. Muitas vezes, se pode causar muito benefício, apenas derramando no paciente copiosas correntes de vitalidade, que vão inundar o seu organismo. O operador pode ainda dirigi-las a determinada região, que se ache em más condições. O simples aumento da circulação prânica basta para curar muitas afecções pouco graves. [...] Estes métodos são relativamente simples e de fácil aplicação, embora um curador hábil, principalmente se for clarividente, possa aumentar grandemente a sua eficácia. Um aperfeiçoamento deste gênero, exigindo certos conhecimentos de anatomia e fisiologia, consiste em formar um quadro mental do órgão enfermo e depois imaginá-lo em seu estado são e normal. O pensamento enérgico modela a matéria etérica, dando-lhe a forma desejada, a qual auxiliará a natureza na construção de novos tecidos, muito mais rapidamente do que de outro modo.” (*O Duplo Etérico*, Powell, p. 100-1)

A utilização dos passes magnéticos ou mesmerismo, ensinados pelo médico vienense Frederico Mesmer (1734-1815) são utilizados em serviços de assistência de inúmeras correntes filosófico-religiosas, sob as mais diversas denominações. De acordo com o tipo de aplicação mesmérica, a energia etérica malsã é retirada do organismo enfermo (mesmerismo negativo), ou então transfunde-se a energia vital sadia do mesmerizador para o doente (mesmerismo positivo).

## Corpo astral - Corpo dos desejos - *Kama Rupa*

Conforme citado anteriormente, o *corpo astral* ou *corpo das emoções* é conhecido pela filosofia hindu como *Kama Rupa*, que significa *corpo dos desejos* ou *alma animal*.

“O quarto princípio, Kama, é a vida manifestando-se no corpo astral e condicionada por ele; sua característica é o atributo do sentimento, que, em forma rudimentar, é sensação e, em forma complexa, emoção, com muitos graus entre as duas formas. Isto, às vezes, se resume como desejo, aquilo que é atraído ou repellido por objetos, segundo eles causem prazer ou dor. Kama inclui, assim, sentimentos de todas as espécies, e pode ser descrito como de natureza passional e emocional. Compreende todos os apetites animais, tais como a fome, a sede, o desejo sexual; todas as paixões, tais como as formas inferiores do amor, o ódio, a inveja, o ciúme; é o desejo de existência senciente, de experimentar alegrias materiais - a luxúria da carne, a luxúria dos olhos, o orgulho da vida. [...] É o que há de mais material na natureza do homem, e o que liga mais fortemente à vida terrena. [...] Kama ou Desejo também é descrito como um reflexo do aspecto inferior de Atma ou Vontade; a diferença é que a Vontade é autodeterminada, enquanto que o Desejo é ativado pelas atrações ou repulsas causadas por objetos circundantes. O Desejo é, assim, a Vontade destronada, o cativo, o escravo da matéria.” (*O Corpo Astral*, Powell, p. 24-5)

O corpo astral desempenha três importantes funções: *tornar possível a sensação; servir de ponte entre a mente e a matéria física; agir como veículo independente de consciência e ação.*

É um veículo sutil, através do qual o ser humano expressa suas paixões, seus desejos, suas emoções e seus sentimentos, transmitindo às instâncias superiores (corpo mental, corpo causal, Eu) todo tipo de sensação do corpo denso, mas sendo independente deste. O corpo astral pode estar relacionado ao fígado e ao baço.

“Impactos externos, atingindo o corpo físico, são recebidos como vibrações pela ação de Prana ou Vitalidade, mas permaneceriam apenas como vibrações, simples movimentos do plano físico, se Kama, o princípio da sensação, não traduzisse essa vibração em sentimento. Assim, prazer e dor não surgem enquanto o centro astral não é atingido. Daí Kama reunido a Prana ser chamado de ‘alento da vida’, o princípio vital senciente espalhado sobre cada partícula do corpo. Parece que certos órgãos do corpo físico estão especificamente associados com as ações de Kama: entre eles estão o fígado e o baço.” (*O Corpo Astral*, Powell, p. 25)

Esta sensibilidade do corpo astral se manifesta no reino animal através dos instintos e desejos inferiores, existindo em forma rudimentar no reino mineral e um pouco mais diferenciada no reino vegetal. Nos minerais, manifesta-se como “afinidade química”, enquanto nos vegetais as “simpatias” são bastante frequentes, respondendo a demonstrações de “afeto” e “desprezo” antagonicamente.

Funcionando como “intermediário entre a *unidade físico-vital* e o *corpo mental*”, o corpo astral transmite a este as sensações materiais, além de ser a ponte para que os pensamentos originários da mente atinjam o cérebro físico.

“Passando, agora, à segunda função do corpo astral - atuar como ponte entre a mente e o corpo físico - notamos que um impacto sofrido pelos sentidos físicos é transmitido para o interior por Prana, e torna-se uma sensação pela ação dos centros sensoriais que estão situados em Kama, e esse impacto é percebido por Manas, ou Mente. Assim, sem a ação geral através do corpo astral, não haveria conexão entre os impactos físicos e a percepção desses mesmos impactos pela mente. Inversamente, sempre que pensamos, pomos em movimento a matéria mental que está dentro de nós; as vibrações assim geradas são transmitidas à matéria de nosso corpo astral, a matéria astral afeta a matéria etérica, que, por sua vez, atua sobre a densa matéria física, a matéria cinzenta do cérebro. O corpo astral é, assim, verdadeira ponte entre nossa vida mental e nossa vida física, servindo como transmissor de vibrações, tanto do físico para o mental como do mental para o físico, e é, na verdade, desenvolvido principalmente por essa constante passagem de vibrações de um ponto para outro.” (*O Corpo Astral*, Powell, p. 26)

Agindo como “veículo independente de consciência e ação”, esta autonomia em relação ao corpo físico lhe permite o desligamento durante o sono ou, mais dificilmente, com a consciência desperta, para continuar sua atividade no plano astral. Estas são as chamadas “viagens astrais”, nas quais as entidades superiores desligam-se do corpo material, com possibilidade de lembranças após o despertar, em certos indivíduos.

“Quando um homem ‘vai dormir’, seus princípios superiores em seu corpo astral retiram-se do corpo físico, e o corpo denso bem como o corpo etérico permanecem no leito, com o corpo astral flutuando sobre eles. No sono, então, o homem está usando simplesmente seu corpo astral, em lugar do físico: só o corpo físico está dormindo, não necessariamente o próprio homem. Habitualmente, o corpo astral assim afastado do físico, retém a forma daquele corpo, de modo que a pessoa é facilmente reconhecida por quem quer que a conheça fisicamente. Isso é devido ao fato de que a atração entre as partículas astrais e físicas, continuadas através da vida física, instala um hábito ou impulso na matéria astral, que continua mesmo quando ela é temporariamente afastada do corpo físico adormecido.” (*O Corpo Astral*, Powell, p. 75)

De maneira análoga ao duplo etérico, o corpo astral penetra a matéria densa, átomo por átomo, formando uma nuvem além dos limites do corpo físico chamada de “aura astral”.

Nesta aura, as paixões, as emoções e os sentimentos são expressos na forma de cores, variando em matizes diversos.

“Preto: ódio e malícia; Vermelho: cólera, sensualidade; Escarlata: irritabilidade, indignação; Marron: egoísmo, avareza, ciúmes; Cinza: depressão, medo; Carmesim: amor egoísta; Cor-de-rosa: amor espiritual, sem egoísmo; Laranja: orgulho e ambição; Amarelo: intelecto; Verde: adaptabilidade, versatilidade, simpatia; Azul: sentimento religioso; Violeta: desenvolvimento puro das faculdades psíquicas; etc.” (*O Corpo Astral*, Powell, p. 14-5)

No corpo astral ficam impressas “as tendências e os hábitos adquiridos e cultivados através dos tempos”, funcionando como uma “ficha moral do indivíduo em processo de evolução”. Na reencarnação, funciona como molde a plasmar o corpo etérico e o corpo físico, transmitindo a este as peculiaridades de sua individualidade, que se traduzirá em possíveis distonias orgânicas futuramente. Desta forma, cumpre-se a *Lei de Ação e Reação*, materializando-se no corpo físico, através das “formas-pensamento”, as energias dissonantes de prováveis excessos da área afetiva e moral de outrora, como forma de desenvolvimento interior, expurgando dos veículos superiores toda mácula neles existente.

“Dessa maneira, as formas-pensamentos do próprio homem reagem sobre ele, inclinando-se a se reproduzirem e instalando assim hábitos definidos de pensamento e sentimento, que podem ser benéficos se forem de caráter elevado, mas que são entorpecedores e um inconveniente para o desenvolvimento se forem de caráter inferior, obscurecendo a visão mental e facilitando a formação do preconceito e das tendências e atitudes fixas que se podem transformar em determinados vícios. Tal como escreveu um Mestre: ‘O homem está constantemente povoando sua corrente no espaço com um mundo que lhe é próprio, repleto dos filhos de suas fantasias, desejos, impulsos e paixões’. Essas formas-pensamentos permanecem em sua aura, aumentando em número e intensidade, até que certas espécies entre elas dominem sua vida mental e emocional e o homem antes responda aos seus impulsos do que se decida por outros: assim são criados os hábitos, a expressão externa de sua força armazenada, e assim seu caráter é construído.” (*O Corpo Astral*, Powell, p. 44-5)

Os mesmos *chakras* citados anteriormente no duplo etérico, existem no corpo astral, estando ambos em íntima correlação, permitindo que a energia possa circular entre os mesmos.

## Corpo mental - *Manas inferior*

O *corpo mental* ou *Manas inferior* representa a consciência intelectual (intelecto) ou capacidade mental, compreendendo as faculdades mentais tais como comparação, razão, julgamento, memória, imaginação, etc.

Segundo a visão teosófica, o corpo mental é constituído pelas matérias física, etérica e astral, possuindo como núcleo central uma forma ovóide, que se situa dentro do envoltório físico. Deste núcleo ovóide emana uma “aura mental”, que é a porção do mesmo que se projeta para além do corpo físico.

De acordo ao desenvolvimento intelectual, o tamanho do corpo mental assume maiores proporções, emitindo vibrações coloridas que caracterizam os diversos tipos de pensamentos: *pensamento de aspiração* emite a cor violeta; *pensamento devocional*, a

cor azul; *pensamento afetoso*, a tonalidade vermelha ou rósea; *pensamento de orgulho ou ambição*, um tom alaranjado; *pensamento filosófico ou científico*, a cor amarela; *pensamentos concretos* a cor verde; etc.

Relacionando os tipos de pensamentos às entidades imateriais, teríamos que “o pensamento abstrato é uma função do Eu expressando-se através do mental superior (*Manas superior*) ou corpo causal; o pensamento concreto é realizado pelo Eu trabalhando no mental inferior (*Manas inferior*) ou corpo mental”.

“O corpo mental é, assim, o veículo do Ego, do Pensador real, que reside no corpo causal. Mas, enquanto o corpo mental pretende ser, eventualmente, o veículo da consciência no plano mental inferior, ele também funciona através dos corpos astral, etérico e físico em todas as manifestações que são habitualmente chamadas “mente”, no costumeiro estado de vigília da consciência.” (*O Corpo Mental*, Powell, p. 16-7)

Explicando o caminho percorrido pelo pensamento concreto, desde o Espírito até o cérebro físico, Powell estabelece a íntima relação entre os corpos sutis (em camadas), sem, no entanto, desprezar a individualidade de cada um deles. Dessa forma, torna-se compreensível a atuação das diversas entidades humanas no exercício do pensar humano.

“É este o processo, em pormenor: o ato do pensamento concreto estabelece a vibração da matéria do corpo mental. Essa vibração é transferida, em uma oitava abaixo, por assim dizer, à matéria mais grosseira do corpo astral de quem está pensando. Daí, por sua vez, as partículas etéricas do cérebro são afetadas e, através delas, finalmente a matéria cinzenta mais densa do corpo denso é posta em ação. Assim, antes que um pensamento possa ser traduzido em consciência ativa no cérebro físico, todos esses passos sucessivos devem ser dados. O sistema nervoso simpático está conectado, principalmente, com o corpo astral, enquanto o sistema cérebro-espinal coloca-se mais sob a influência do ego, que funciona através do corpo mental. O processo acima descrito pode ser um pouco mais esclarecido. Cada partícula do cérebro físico tem sua contrapartida astral, e esta, por sua vez, tem a sua contrapartida mental. Se então supomos, para os propósitos do nosso exame, que o todo do cérebro físico se estenda a ponto de se fazer da grossura de uma partícula, podemos supor que a matéria astral e mental correspondentes também se estendam em camadas, de maneira similar: a astral um pouco acima da física, a mental um pouco acima da astral. Temos, assim, três camadas de matéria de densidades diferentes, todas correspondendo uma à outra, mas não reunidas de forma alguma, a não ser por existirem, aqui e ali, fios de comunicação entre as partículas físicas e astrais, e entre as partículas astrais e mentais. Isso representaria, razoavelmente, a condição dos fatos no cérebro do homem comum. [...]” (*O Corpo Mental*, Powell, p. 17)

No processo de “consciência do mundo exterior”, o caminho seria o inverso: no corpo físico, os órgãos dos sentidos captam as impressões externas que são transmitidas via corpo etérico ao corpo astral, nele transformando-se em “sensações”. Atingindo o corpo mental, essas sensações assumem o caráter de “preceitos e conceitos”, aí sendo acumuladas para futuramente fazerem parte dos “pensamentos”.

Para a concepção hindu, a mente assume o caráter de “sexto sentido”, pois, do mesmo modo que um prisma, capta as “sensações astrais” que entraram pelos cinco sentidos físico-etéricos e combinando-as num único “preceito”, transforma-as num “conceito” ou “ideia”.

Powell define em cinco as principais funções do corpo mental: “1) Servir como veículo do Eu para expressar pensamentos concretos. 2) Expressar tais pensamentos concretos mediante o corpo físico, trabalhando através do corpo astral, do cérebro etérico e do sistema cérebro-espinhal. 3) Desenvolver os poderes da memória e da imaginação. 4) Servir, conforme a evolução avança, como veículo separado da consciência no plano mental. 5) Assimilar os resultados da experiência ganha em cada vida terrena e passar sua essência para o Ego, o homem real que vive no corpo causal.” (*O Corpo Mental*, Powell, p. 21)

Quando utilizamos nosso corpo mental, ou seja, quando pensamos, irradiamos vibrações ou ondas que atingem os vários planos materiais e energéticos: são as “ondas de pensamento” (“formas-pensamento”, de outras concepções). Os corpos mentais dos diversos indivíduos interagem através destas *ondas mentais*, produzindo, no receptor, pensamentos muito semelhantes aos do doador destas vibrações. Assim são explicadas as várias formas de telepatia e transmissão de pensamentos entre os seres humanos, assim como o poder de influenciarmos uns aos outros com bons ou maus pensamentos, de acordo com a energia que emanemos de nossa “aura mental”.

De forma semelhante aos demais corpos sutis da individualidade humana, existem *chakras* ou centros de força no corpo mental, funcionando como pontos de conexão por onde flui a energia de um corpo para outro. Segundo Powell, cada *chakra* representa um dos princípios imateriais do homem: *chakra coronário* representa o duplo etérico; *chakra frontal* representa o *Manas superior*; *chakra laríngeo* representa *Atma*; *chakra cardíaco* representa *Buddhi*; *chakra esplênico* representa o corpo astral; *chakra umbilical* representa o *Manas inferior*.

### ***Kama-Manas (Desejo-Pensamento)***

Numa posição intermediária entre *Kama* (corpo astral) e *Manas inferior* (corpo mental), se situa *Kama-Manas*, ou seja, a inteligência humana e todas as funções da mente humana. É o vínculo entre a natureza inferior e a natureza superior do homem, ou o emaranhado entre desejo e pensamento. Também chamado de “invólucro do intelecto e do desejo” (*Manomayakosha*), possui estrita ligação com o cérebro físico.

Conforme citamos anteriormente, *Kama* é a vida que se manifesta no corpo astral, tendo como principal manifestação o sentimento, composto pelos instintos animais, as paixões e os desejos (desde o desejo sensual até o desejo como manifestação exterior do amor): “No *Rig-Veda*, *Kama* é a personificação do sentimento que conduz e impele à criação.”

*Manas* se origina da palavra sânscrita *man*, raiz do verbo pensar, significando o Pensador em nós, a Mente ocidental, o “Eu” real. Este *Manas superior* (razão pura) projeta o *Manas inferior*, que atua na entidade material como as faculdades mentais: capacidade mental, força intelectual, razão, julgamento, imaginação, etc., sendo o responsável pela consciência no plano físico.

Na união de *Kama* com *Manas* (*Kama-Manas*), *Kama* fornece os elementos passionais (instintos, paixões e desejos) e o *Manas inferior* racionaliza-os, acrescentando-lhes as faculdades intelectuais.

“No homem, a inteligência normal do cérebro é produzida pela união de Kama com Manas, ou Mente, sendo essa união chamada com frequência, Kama-Manas. Kama-Manas é descrita por H. P. Blavatsky como ‘intelecto racional, porém terreno ou físico do homem, encaixado e ligado à matéria, portanto sujeito à influência desta última’. Esse é o ‘eu inferior’ que, agindo nesse plano de ilusão, imagina-se ele próprio o verdadeiro Ser ou Ego, e cai naquilo que a filosofia budista chama a ‘heresia da separabilidade’. Kama-Manas, que é Manas com desejo, também é descrito curiosamente como ‘manas interessado em coisas externas’. [...] Manas, por si só, não pode afetar as células do cérebro físico, mas quando unida a Kama é capaz de dar movimento às moléculas físicas, produzindo assim a ‘consciência do cérebro’, inclusive a memória do cérebro e todas as funções da mente humana, tal como normalmente as conhecemos. Não se trata, naturalmente, de Manas superior, e sim de Manas inferior (isto é, matéria dos quatro níveis inferiores do plano mental) que se associa a Kama. Na psicologia ocidental, esse Kama-Manas se torna parte daquilo que naquele sistema é chamado Mente. Kama-Manas, formando o vínculo entre a natureza superior e a natureza inferior do homem, é o campo de batalha durante a vida e também, como veremos mais tarde, tem parte importante na existência após a morte.” (*O Corpo Astral*, Powell, p. 26-7)

“Em resumo, Kama-Manas é o eu pessoal do homem: Manas inferior dá o toque individualizador que faz a personalidade reconhecer-se a si própria como ‘Eu’. Manas inferior é um raio do Pensador imortal, iluminando uma personalidade. É o Manas inferior que fornece o último toque de deleite aos sentidos e à natureza animal, conferindo-lhe o poder de antecipação, de memória e de imaginação. [...] No homem físico, o Manas inferior é o agente do livre-arbítrio. De Manas vêm o sentimento de liberdade, o conhecimento de que podemos nos governar, de que a natureza superior pode dominar a inferior. Identificar a consciência com Manas, e não com Kama, é, assim, passo importante no caminho do autodomínio”. (*O Corpo Astral*, Powell, p. 29)

Ao abrandarmos nossos instintos, desejos, paixões e emoções (*Kama*), no caminho da evolução interior, permitimos ao *Manas inferior* que se aproxime cada vez mais do *Manas superior*, tornando-se um veículo mais puro e fiel para transmitir os impulsos da consciência superior à consciência inferior. Esse é o “caminho da iniciação” de todas as filosofias e religiões, através do qual o discípulo entra em contato com o Mestre.

“Ainda mais: o Manas inferior liberta-se do Kâma e torna-se cada vez mais capaz de transmitir à consciência inferior os impulsos recebidos do Manas superior; então, como vimos, o gênio lampeja e a luz do Ego flui através do Manas inferior para o cérebro. Disto podemos estar seguros: enquanto estamos no turbilhão da personalidade, enquanto, como tempestades, os desejos e apetites se agitam em torno de nós, enquanto somos atirados de cá para lá sobre ondas de emoção - é certo que a voz do Manas superior, ou Ego, não consegue alcançar nossos ouvidos. [...] Quando, finalmente, é conseguido o domínio sobre Kâma, e o corpo responde a Manas, o Manas inferior torna-se um com sua fonte, o Manas superior; isso, em terminologia cristã, é o ‘Pai que está no céu’, tornando-se um com o ‘Filho’ em todos os planos, como sempre foram um no ‘céu’. [...] Daí se origina aquela declaração do *Mundakopanishad*: ‘O órgão do pensamento é permeado pelos sentidos; purificado esse órgão, Atma se manifesta’.” (*O Corpo Mental*, Powell, p. 35-6)

## Corpo causal - Ego - *Manas superior*

Segundo a **Teosofia**, cada Reino da Natureza possui um ou mais corpos desenvolvidos, de acordo com os graus relativos de consciência e a evolução dos mesmos. Assim sendo, o *Reino Mineral* possui a parte mais densa do plano físico (corpo denso) bem desenvolvida e a parte do plano etérico (corpo etérico) em vias de formação. O *Reino*



*Vegetal* tem amplitude máxima no plano físico, com os corpos denso e etérico bem estruturados, apresentando resquícios do corpo astral. No *Reino Animal*, o corpo astral está bem desenvolvido, assim como os corpos denso e etérico, apresentando também o início do desenvolvimento da inteligência, ou seja, do corpo mental. No *Reino Humano*, além dos corpos físico, etérico e astral totalmente desenvolvidos, temos o corpo mental (*Manas inferior*) em vias de máximo desenvolvimento da faculdade intelectual.

No homem, contudo, uma entidade totalmente nova surge no plano mental, que é o *Corpo Causal* ou *Manas superior*. Este corpo causal, incipiente no início da Humanidade, atingirá seu maior desenvolvimento com a consciência da “razão pura” no homem espiritualizado.

O processo evolutivo, que caminha pelos vários Reinos da Natureza, conforme os graus relativos de consciência dos mesmos, inicia-se com a “consciência involuída” do reino mineral e caminha até a faculdade da “razão pura” do ser evoluído. A partir daí, o homem deverá espiritualizar-se ainda mais para desenvolver seus demais corpos superiores, *Buddhi* (Intuição) e *Atma* (Espírito), podendo atingir níveis mais elevados de consciência. A consciência encarnada, constituída pelo Ego com seu veículo de manifestação (corpo causal), evolui através das várias reencarnações no plano físico, aprendendo e aperfeiçoando-se gradativamente.

Enquanto os corpos mental inferior, astral e etérico são renovados a cada reencarnação, o corpo mental superior ou corpo causal é imortal, permanecendo indissociável durante a evolução do homem através das várias encarnações. É o veículo da individualidade onde estão depositados os germes das qualidades adquiridas.

“O corpo causal deve seu nome ao fato de nele residirem as causas que se manifestam como efeitos nos planos inferiores. Porque as experiências de vidas passadas, armazenadas no corpo causal, são a causa da atitude geral tomada em relação à vida e às ações empreendidas. Em sânscrito, o corpo causal é conhecido como *Karana Sharira*, *Karana* significando causa. Resumidamente, podemos dizer que o corpo causal tem duas funções principais: 1) Agir como veículo do Ego: o corpo causal é o ‘corpo de Manas’, a forma-aspecto do indivíduo, o homem real, o Pensador. 2) Agir como um receptáculo ou depósito para a essência das experiências do homem em suas várias encarnações. O corpo causal é aquele no qual fica tecido tudo quanto possa resistir, e onde estão depositados os germes das qualidades que devem ser levadas para a próxima encarnação.” (*O Corpo Causal e o Ego*, Powell, p. 78)

Devemos encarar estes corpos sutis humanos como roupagens que permitem ao Ego habitar os diversos planos do Universo. Assim como necessitamos de roupas específicas para as várias regiões e climas do planeta, o mesmo ocorre com o Eu superior ao atuar em planos constituídos por matérias e energias diferentes.

“Todos os vários corpos do homem devem ser vistos como revestimentos ou veículos, que permitem ao Eu o funcionamento em alguma região definida do Universo. Assim como um homem, para viajar de um lugar a outro, pode usar uma carruagem em terra, um navio no mar, um balão no ar, e ainda assim em todos os lugares permanecer o mesmo, também o Eu, o homem real, utiliza seus vários corpos, cada um para o fim apropriado, contudo, permanece todo o tempo ele mesmo, não importando em que veículo possa estar funcionando a um dado momento. Relativamente ao homem, todos esses corpos são transitórios, são seus instrumentos ou servos; de tempo em tempo, gastam-se, são renovados e adaptados às várias necessidades e aos seus poderes sempre crescentes.” (*O Corpo Causal e o Ego*, Powell, p. 79)

Constituído “como se fosse um segundo corpo mental”, também chamado de *Manas superior*, o corpo causal é a “mente abstrata”, enquanto, como vimos anteriormente, o corpo mental ou *Manas inferior* é a “mente concreta”. Nestas ideias puras do corpo causal, sem a interferência do mundo exterior e dos sentidos, temos “o puro trabalho interior, a inteligência tranquila, forte, serena”. Assim sendo, o corpo causal é o veículo de manifestação da “inteligência pura”, que tem nos pensamentos abstratos sua expressão.

Esta separação da Mente ou *Manas* em duas entidades distintas é apenas didática, pois devemos sempre pensar numa “identidade fundamental” quando falamos de *Manas superior* e *Manas inferior*. A diferença entre ambas está apenas na atividade funcional, na forma de pensamentos que cada uma destas consciências pode manifestar.

“[...] Os corpos inferiores (mental e astral) recebem e tratam com sensações, percepções, a feitura e a elaboração das ideias, mas é trabalho do corpo causal arranjá-las, discriminar entre elas, e fazer o trabalho do raciocínio abstrato que exista nelas, tratando com ideias puras, separadas das apresentações concretas. Assim, no corpo causal temos o abstrato, não o concreto, o puro trabalho interior, já não confundido pelos sentidos, nem de forma alguma sofrendo interferência do mundo exterior. Aqui está a inteligência pura, a visão clara, a inteligência não afetada pelos sentidos, inteligência tranquila, forte, serena. No corpo causal está, também, o poder criativo da meditação, as energias que crescem da meditação concentrada. Esse é o revestimento criativo do homem, porque *Manas*, no homem, corresponde - no Cosmos - a Mahat, à Mente Universal, à Ideação Divina, à forma diretiva e modeladora que é o poder criativo do qual tudo surge. Nesse revestimento do homem existem todas as formas que chegam a aparecer, cuja realidade objetiva pode ser dada por esse poder criativo. [...] A inteligência do homem é, assim, o reflexo de Brahma, da Mente Universal, a energia criativa. A faculdade criativa da imaginação do homem que atualmente trabalha em matéria sutil, quando o homem for perfeito, trabalhará também na matéria mais grosseira; porque, como ficou dito, o poder imaginativo do homem é o reflexo do poder que criou o Universo. Brahma meditava, e todas as formas surgiram: assim, no criativo poder da mente residem todas as possibilidades da forma.” (*O Corpo Causal e o Ego*, Powell, p. 80-1)

Para entendermos a dinâmica destes corpos sutis na individualidade humana, devemos situar o Espírito (*Atma*) como fonte geradora de todas as energias que, incorporadas por cada entidade imaterial em seu próprio nível de consciência, irá gerar manifestações diferentes. Assim sendo, a energia espiritual atuando no corpo causal manifesta-se como “Vontade”, dominando e modelando tudo que lhe cerca através da força do pensamento. Este pensamento positivo ou *kriyashakti* é o poder de realizar as coisas, derivando daí a denominação de Pensador dada ao *Manas superior*. Por outro lado, a emanação de *Atma* atuando no *Manomayakosha* (corpo mental e corpo astral) manifesta-se como “Desejo”.

O corpo causal, segundo a faculdade extrassensorial da clarividência, possui a forma de um *ovóide* que envolve o corpo físico, assumindo proporções diversas segundo o grau de evolução espiritual do indivíduo. Devido à sutilíssima energia que o compõe, é através do desenvolvimento dos pensamentos abstratos e das emoções altruístas que suas dimensões aumentam. **Nenhuma manifestação inferior (orgulho, vaidade, egoísmo, irritabilidade, sensualidade, etc.) pode se expressar no corpo causal, por serem constituídas de vibrações grosseiras sem afinidade com a matéria infinitamente sutil que estrutura o *Manas superior*: apenas as virtudes e as boas qualidades podem afetá-lo.** Através desta conceituação energética dos corpos sutis e das emanações que lhes são próprias, entendemos a necessidade da depuração de nossos

sentimentos e pensamentos como forma de crescimento interior, ensinada pelos grandes guias da Humanidade.

“O efeito prático disso está no fato de o homem só poder levar ao seu Ego, ao seu Eu real, as boas qualidades. As más qualidades que desenvolve são, do ponto de vista do Ego, apenas transitórias e devem ser postas de lado à proporção que o homem avança, porque nele já não há matéria que as possa expressar.” (*O Corpo Causal e o Ego*, Powell, p. 84)

“Devido ao fato de que bons pensamentos e boas emoções trabalham tipos superiores da matéria e que a matéria mais fina é muito mais facilmente movida do que a matéria mais grosseira, segue-se que uma determinada quantidade de forças gastas em pensamentos ou sentimentos bons produz, talvez, cem vezes mais efeito do que precisamente a mesma quantidade de força mandada para a matéria grosseira. Se não fosse assim, é óbvio que o homem comum não faria qualquer progresso. Se um homem fornece certa quantidade de energia para alguma qualidade má, isso vai se expressar através de matéria astral mais baixa e mais pesada. [...] Se, portanto, o homem usar a mesma quantidade de força em direção ao bem, ela terá de mover-se através da matéria muito mais fina dos subplanos superiores e produzirá, como foi dito, cem vezes mais efeito ou, se compararmos o mais baixo com o mais alto, provavelmente mil vezes mais.” (*O Corpo Causal e o Ego*, Powell, p. 156)

## Tríplice entidade superior - Atma/ Buddhi/ Manas

Para continuarmos na descrição das entidades imateriais humanas, devemos entender a estruturação geral da individualidade humana.

A *Centelha Divina* ou *Mônada*, que é a essência imortal que reside em nós, utiliza-se da *Tríplice Entidade Superior* a fim de manifestar-se nos Planos Superiores, sendo formada por *Atma* (Espírito), *Buddhi* (Intuição) e *Manas superior* (Razão Pura), constituindo o que chamamos de *Individualidade, Ego ou Eu superior*. Este mesmo Ego, nos planos inferiores, se expressa como *personalidade, ego ou Eu inferior*, que também possui um caráter triplo chamado de *Tríplice Entidade Inferior* [*Manas inferior* (intelecto), *corpo astral* (desejo, emoção), *corpo físico* ou *unidade duplo etérico - corpo denso* (atividade)]. O Eu superior liga-se ao Eu inferior através de um elo chamado de *antahkarana* ou *fio de prata*, que deixa de existir quando a Individualidade e a Personalidade estão em uníssono. Como vimos anteriormente, ambas as tríades atuam unidas, sendo a separação didática utilizada para facilitar a compreensão:

- Tríplice entidade (Tríade) superior: *Atma, Buddhi e Manas superior* = Individualidade, Ego ou Eu superior.

- Tríplice entidade (Tríade) inferior: *Manas inferior, corpo astral e corpo físico (duplo etérico - corpo denso)* = personalidade, ego ou Eu inferior.

Esta “Tríade superior” ou Individualidade, conforme já citado em outras concepções filosóficas, possui no coração a sua morada corporal.

“O coração é o centro no corpo para a tríade superior Atma-Buddhi-Manas, de forma que quando a consciência está centralizada no coração, durante a meditação, ela é mais suscetível à influência do Eu superior ou Ego. A cabeça é a localização do homem psicointelectual. Tem suas várias funções em sete cavidades, inclusive o corpo pituitário e a glândula pineal. Quem, ao se concentrar, pode levar sua consciência do cérebro para o coração, deve poder unir o Manas inferior ao Manas superior através do Kama-Manas que, quando puro e livre de

Kama, é o antahkarana. Assim, está em condições de receber sugestões da tríade superior.”  
(*O Corpo Causal e o Ego*, Powell, p. 159)

O Ego, como manifestação da *Consciência Divina*, está sempre buscando o progresso moral e a evolução no caminho do bem e do amor. Ele possui a consciência da Verdade, desde que não esteja ofuscado pelas influências inferiores da personalidade (egoísmo, inveja, ciúmes, etc.). Por isto, a “depuração da personalidade ou Tríade inferior” é vista como meta primordial a se buscar durante a existência terrena, a fim de que o Ego possa atuar mais diretamente na consciência encarnada. A meditação e o estudo de assuntos espirituais e elevados, corroborados pelo cultivo dos sentimentos e emoções superiores (amor, devoção, simpatia, etc.), são utilizados na purificação da personalidade. Além disso, para o Eu inferior atrair a atenção do Eu superior, o homem deve dedicar seus pensamentos a “coisas superiores”, temas de real interesse ao Ego.

“Além disso, embora no caso do homem comum a consciência do Ego em seu próprio plano seja apenas parcial e vaga, ainda assim, enquanto estiver ativa, será sempre do lado do bem, porque deseja o que é favorável para sua própria evolução como uma alma. Na verdade, o inabalável desejo do Ego é de progresso, de desdobramento do Eu superior, e de afirmar os veículos como seus instrumentos. Quaisquer pensamentos dos que nós chamamos maus são impossíveis para o Ego, porque nele, desde que qualquer qualidade se desenvolva, é pura. Se, por exemplo, ali houver afeição, ela será inteiramente livre de ciúme, inveja ou egoísmo. O Ego é um espelho do amor divino até o ponto em que ele pode refleti-lo em seu nível. Além disso, não é provável que o Ego erre. Parece jamais se deixar iludir seja acerca do que for. Que ignora certos assuntos é evidente, pois o real propósito da encarnação é remover essa ignorância. Como vimos, porém, o fragmento do Ego que desceu para a matéria inferior, torna-se tão arguto e vivamente consciente nessa matéria, que atua e pensa como se fosse um ser separado. Esquece que pertence à consciência menos desenvolvida, porém muitíssimo mais ampla do ego, e se põe a viver por sua própria conta, tentando ir como quer e não conforme o Ego deseja. Ademais, com todos os seus formidáveis poderes, o Ego é muito menos exato do que a mente inferior. E a personalidade, valorizando acima de tudo os poderes discriminatórios da mente inferior que ela deve desenvolver, muitas vezes chega, em consequência disso, a desprezar o Eu muito mais elevado, porém mais vago, e adquire o hábito de pensar em si própria como independente do Ego. [...] Já vimos que na natureza das coisas não pode haver mal no corpo causal ou no Ego. Mas quando quer que haja uma brecha no corpo causal, ali está a possibilidade de que os veículos inferiores possam entrar em algum tipo de má ação. [...] O mal, portanto, não vem do Eu superior: vem de uma *lacuna* no Eu superior, porque, se o Ego fosse mais desenvolvido deteria o homem no limiar do mau pensamento e o crime não seria cometido. Em nós, homens comuns, o Ego não tem muito domínio sobre a personalidade, nem uma concepção clara do seu propósito ao protegê-la; e, como vimos, o pequeno fragmento que vem a nós na personalidade passa a ter maneiras e opiniões próprias. Está se desenvolvendo pela experiência que ganha, e isso ela passa ao Ego.” (*O Corpo Causal e o Ego*, Powell, p. 161-2)

Nesta “purificação da personalidade”, condição necessária para que o Ego possa atuar mais dinamicamente na consciência encarnada, a depuração dos corpos da “Tríade inferior” é vista como um ideal a ser atingido. Corpo físico, corpo astral e corpo mental devem ser trabalhados, através da Vontade, para se tornarem um instrumento em condições de captar a orientação superior e correta do Eu superior.

“Ao invés, portanto, de ver a consciência da personalidade como usual e normal, devemos nos habituar a ver a consciência da personalidade como anormal e não natural, e a vida do Ego como nossa verdadeira vida, da qual, por um esforço contínuo, nós nos mantemos alienados. Essa atitude para com os vários corpos deve ser mantida na vida prática. Assim, o

corpo físico não deve ter permissão para trabalhar por sua própria conta, mas precisa ser deliberado e conscienciosamente treinado para obedecer aos mandados do Ego. [...] Mudança igual deve ser conseguida em relação ao corpo astral. Ao invés de permitir que o mundo da emoção o influencie e determine sua atividade, o próprio Ego deve decidir e determinar que emoção ele manterá, que sentimentos permitirá que irradiem de seu corpo astral. Assim, a consciência do ego se torna desvencilhada do corpo astral e aquele corpo se faz subserviente ante os desejos do Ego. Talvez, o controle do corpo mental seja mais essencial do que tudo, porque o pensamento é a manifestação da suprema Energia Criadora. Jamais devemos permitir que imagens-pensamentos sejam sugeridas do exterior; ao invés disso, quando imagens-pensamentos são feitas, devem ser criadas pela ação deliberada, autoconsciente do próprio Ego. Há grande perigo na imaginação indisciplinada. Se não fosse a imaginação, os objetos externos do desejo não teriam poder sobre nós. O Ego deve adquirir, então, controle completo da imaginação, e permitir que ela exerça a sua função apenas na direção que ele determine.” (*O Corpo Causal e o Ego*, Powell, p. 173)

Com estes ensinamentos do pensamento filosófico hindu-teosófico, exemplificados pelo Senhor Buda, o homem eleva sua consciência ao nível do *Manas superior*, fazendo vibrar em uníssono as consciências do Eu inferior (personalidade) e do Eu superior (Individualidade), permitindo com isto que a natureza e os poderes superiores do Ego atuem integralmente em sua vida.

### **Corpo búdico - Corpo de beatitude - Buddhi**

Essa entidade da “Tríade superior” representa o “aspecto beatífico” do Ego. Deriva do termo sânscrito *buddhi*, que significa “Sabedoria”. É o *Anandamayakosha* ou “veste de beatitude” da tradição vedanta. É o “corpo solar” dos *Upanishads*.

No plano búdico, esfera que fornece a “energia” para que se forme o *corpo búdico* ou *corpo de beatitude* ou *alma espiritual*, a dualidade ainda existe, mas sem separatividade. O *Amor Puro*, desinteressado, universal é o alimento deste corpo sutil, estando na sua prática o desenvolvimento desta entidade de inefável beleza.

É através deste “Amor Universal” que o Pensador, o qual possui seu veículo de manifestação no corpo causal, se elevará, tomando consciência da sua própria identidade e libertando-se da separatividade dos corpos e dos seres. Para os hindus, a “separação” é considerada como uma grande heresia e a “união” é o ideal a ser atingido.

Opondo-se à separatividade dos planos inferiores, o plano búdico tem como característica básica a “união”, fazendo com que a consciência do homem entre em sintonia com a consciência dos seus semelhantes, sem perder a sua individualidade, experimentando a humanidade como uma “fraternidade espiritual”. No corpo búdico, a beatitude e o amor são os elementos que predominam, substituindo o conhecimento e a sabedoria do corpo causal.

Segundo Powell, o corpo búdico apresenta a virtude da *intuição* (sabedoria), pois “a influência do Ego é frequentemente sentida em ocasiões em que a pessoa parece *saber*, por convicção interior, que uma coisa é verdadeira, sem poder explicar por que pensa assim. O Ego sabe, e tem boas razões para esse conhecimento; mas, às vezes, não pode imprimir suas razões sobre o cérebro físico, embora o simples fato dele saber consiga se infiltrar nele”. (*O Corpo Causal e o Ego*, Powell, p. 180)

Esta “intuição”, através da qual recebemos os *insights* e os lampejos de esclarecimento superior e genialidade, são momentos raros de captação pelo cérebro físico do conhecimento armazenado na consciência do Ego. No entanto, geralmente, o cérebro normal não é suficientemente desenvolvido ou sensível para captar as ondas sutis que emanam da consciência superior. Este influxo superior também é acompanhado por certa instabilidade psíquica e emocional, sendo fundamental um equilíbrio das entidades inferiores antes que busquemos o desenvolvimento das faculdades superiores, a fim de evitarmos sérios transtornos na personalidade humana.

Conforme nos relata Blavatsky, em *A Doutrina Secreta* (vol. I, p. 2), “Buddhi é a faculdade de percepção, o canal através do qual o conhecimento divino chega ao Ego, o discernimento do bem e do mal, bem como a divina consciência e a alma espiritual, que é o veículo de Atma”.

## Espírito - Atma

Segundo Annie W. Besant, *Atma* ou *Espírito* pertence ao plano máximo da ascensão humana (*Nirvana*), aonde a *Centelha da Divindade* atingiu a consciência dos grandes espíritos (*Mahatmas*) e a condição de *Homem Celestial* (*Jivanmukta*) ou alma liberta do jugo e das imperfeições humanas.

“O quinto plano, o plano nirvânico, corresponde ao supremo aspecto humano de Deus, que está em nós. Os teosóficos chamam este aspecto Atma, ou o Ser. Este é o plano da existência pura, dos divinos poderes em sua manifestação plena em nosso quádruplo universo. O que existe além destes, nos sexto e sétimo planos, está oculto na inconcebível Luz de Deus. Esta consciência átmica ou nirvânica é a que atinge os Grandes Seres, primícias de nossa humanidade, ao concluírem o ciclo de evolução humana, recebendo, então, o nome de ‘Mestres’. Eles têm já resolvido consigo mesmos o problema que consiste em aliar a essência da individualidade à ausência de toda separabilidade, e vivem, inteligências imortais, perfeitas em sabedoria, amor e poder. [...] Neste caminho, o ‘corpo de beatitude’ evolui rapidamente; o homem começa a viver conscientemente nesta região sublime e conhece a felicidade produzida pela ausência das barreiras exclusivistas, a sabedoria que o invade quando desaparecem as limitações da inteligência. A alma fica, então, liberta da roda que gira nos mundos inferiores e pode antegozar a liberdade perfeita que encontrará no plano nirvânico.” (*A Sabedoria Antiga*, Besant, p. 131-2)

Contraopondo-se à teoria do aniquilamento da alma após a morte que muitos associam ao plano nirvânico ou divino, associa-o à morada real dos Espíritos que já transcenderam a evolução máxima dos seres humanos, considerados como “ministros no governo dos mundos”, emissários da Vontade Divina. São os chamados *Anjos* ou *Devas*.

“A consciência nirvânica é a antítese do aniquilamento. É a existência elevada a uma realidade, a uma intensidade inconcebível para quem apenas percebe a vida dos sentidos e da mente. Comparar a consciência nirvânica à do homem ligado à Terra é pôr o esplendor do Sol do meio-dia ao lado do clarão de um pavio de vela. Querer confundir Nirvana com aniquilamento, sob pretexto de que em Nirvana os limites da consciência terrestre desaparecem, é assemelhar-se a alguém que, tendo apenas contemplado candeeiros, afirma que nenhuma luz pode existir sem ser produzida por uma mecha imersa em cera. O Nirvana existe. Aqueles que ali entraram e participaram desta gloriosa vida, deram testemunho, outrora, nas Escrituras do mundo. Outros ainda hoje a testemunham, filhos de nossa raça,

que já transcenderam a escala sublime da humanidade perfeita e ficam em contato com a Terra, a fim de que a nossa raça, em sua longa ascensão, possa, sem vacilações, vencer todas as dificuldades. No Nirvana residem os Seres poderosos que já passaram a evolução humana, em universos anteriores, e surgiram do seio do Logos, quando Ele se manifestou para trazer à existência o nosso Universo. Esses são seus ministros no governo dos mundos, agentes perfeitos de sua Vontade. Os Senhores de todas as hierarquias dos Deuses e dos seres, que servem sob Suas ordens nos planos inferiores, têm aqui sua residência, porque o Nirvana é o coração do Universo, donde irradiam todas as correntes da Vida cósmica, o coração donde o Grande Sopro emerge, vida de todas as coisas, coração para onde voltará, um dia, este sopro, quando o Universo atingir o seu termo. Nirvana é a Glória perfeita, sem nuvens e sem véus, o Fim Supremo.” (A Sabedoria Antiga, Besant, p. 133)

Como vimos anteriormente, o Ego constitui a tríade superior *Atma-Buddhi-Manas*, habitando os referidos planos conforme ascende na evolução espiritual. Assim sendo, ao atingir os planos de *Atma, Buddhi e Manas*, o Ego desenvolve as características que lhe são próprias.

Apenas quando atinge o plano nirvânico, o Ego (*Atma* ou Espírito) atingiu o estágio máximo da evolução humana, apresentando as características de *santidade e onisciência*. Mesmo assim, ainda está separado como uma individualidade, apresentando características externas próprias, apesar de portar a consciência da unidade íntima com todos os seres. Cada Ego manifesta-se neste plano num corpo com aparências que expressam sua *missão* ou *gênio particular*.

No plano de *Atma*, noções de tempo e espaço assumem parâmetros totalmente diversos dos que estamos acostumados na esfera física, em função do nível de consciência do Ego, que atua numa velocidade muito mais rápida do que a nossa. Enquanto no plano físico uma sucessão de acontecimentos parece ocorrer em locais e intervalos diferentes, no plano nirvânico ocorrem no mesmo local e simultaneamente. Conceitos semelhantes encontramos na moderna Física Quântica.

## Conclusões

Segundo a concepção filosófica hindu-teosófica, o *Linga Sharira* ou *duplo etérico* corresponde ao “corpo vital” homeopático e ao “*tsri* ou *chi*” da Medicina Tradicional Chinesa (MTC). Esta entidade imaterial é constituída pelo *prâna* ou *fluido universal*, energia que anima e organiza a matéria. Existem cinco tipos de *prâna*, cada qual relacionado a um grupo de órgãos e funções do corpo físico.

Semelhantemente às concepções da Homeopatia e da MTC, o duplo etérico é desprovido de razão e inteligência, não podendo servir de veículo independente da consciência. Está ligado tão intimamente ao corpo físico que qualquer perturbação produzida naquele é sentida imediatamente neste, e vice-versa. Durante a gestação, é o duplo etérico da individualidade nascente que servirá de molde à formação do futuro corpo físico, exercendo influência sobre a saúde do mesmo durante toda a vida.

Através do duplo etérico, as emoções e os pensamentos atingem o corpo físico, oriundos do corpo astral e do corpo mental respectivamente. Da mesma forma, as impressões externas são captadas (sentidos) e enviadas às instâncias superiores da individualidade humana através do duplo etérico.

A força vital ou *prâna*, também conhecida como *éter vital*, se acumula em centros de força ou *chakras* distribuídos pelo corpo, analogamente aos meridianos de energia da Acupuntura. Estes *chakras* relacionam-se aos diversos órgãos físicos, comandando suas funções. O órgão de captação do *prana solar* é o baço, através do *chakra* esplênico.

O *Kama Rupa* ou *corpo astral* da concepção hindu-teosófica corresponde à “alma inferior ou espíritos animais” da MTC (*Inconsciente* de Freud) e faz parte do termo genérico “mente” da Homeopatia. Através deste veículo sutil, o ser humano expressa suas paixões, desejos, emoções e sentimentos, transmitindo ao corpo mental (e estruturas superiores) as sensações oriundas da unidade físico-etérica e, por sua vez, recebe do corpo mental os pensamentos que irão atingir o cérebro físico.

No corpo astral ficam impressos os hábitos e as tendências adquiridas ao longo dos tempos. Segundo a visão teosófica, esta entidade relaciona-se, principalmente, ao fígado, enquanto na MTC relaciona-se aos pulmões.

A “Mente” da concepção homeopática e o “Tesouro das Ideias e do Saber” da MTC correspondem ao *Manas* da concepção hindu, dividido em *Manas inferior* ou *Intelecto* e *Manas superior* ou *Consciência*.

O *corpo mental* ou *Manas inferior* representa a “consciência intelectual” (intelecto, mente concreta), com suas faculdades de comparação, razão, julgamento, memória, etc. Servindo de instrumento ao Eu, expressa os “pensamentos concretos” ao organismo físico, utilizando-se do corpo astral, do cérebro etérico e do sistema cérebro-espinhal. De acordo com o desenvolvimento intelectual, o corpo mental assume maiores proporções, irradiando através de suas vibrações (aura mental) os pensamentos que lhe são próprios. É o “o veículo da consciência no plano mental inferior”.



Ao conjunto *corpo mental* (*Manas inferior*), *corpo astral* (*Kama*) e *corpo denso* (*duplo etérico + corpo físico*) denomina-se *Tríplice entidade inferior*, que corresponde à *personalidade* ou *Eu inferior*.

O *Corpo Causal* ou *Manas superior*, denominado “veículo da Individualidade”, armazena as experiências de vidas passadas, nele residindo as “causas” das manifestações individuais atuais. Considerado como um segundo corpo mental, expressa a “mente abstrata”, ou seja, as “ideias puras”, isentas das interferências do mundo dos sentidos. Corresponde ao verdadeiro trabalho interior, “à inteligência tranquila, forte e serena”. Esta “inteligência pura” tem nos pensamentos abstratos a sua expressão.

Segundo a concepção hindu-teosófica, existe ainda o *Buddhi* ou *Corpo de Beatitude*, que representa a faculdade da percepção humana (discernimento entre o bem e o mal), manifestando-se no ser humano através da virtude da “Intuição”. Corresponde à “Alma ou Faculdades Espirituais” da MTC (*Subconsciente* de Freud).

Semelhantemente ao “Espírito ou Alma” da concepção homeopática e ao “Espírito Divino ou Consciência Moral” da concepção chinesa (*Consciente* de Freud), temos o *Atma* (Divina Consciência) da concepção hindu. Assim como na visão taoísta, possui no coração humano sua “morada temporária”.

O *Atma* pertence ao plano máximo da ascensão humana (Plano da Existência Pura), em que o Espírito (Centelha da Divindade) atingiu o grau máximo da evolução humana, libertando-se de suas imperfeições terrenas.

Assim como citamos na concepção da MTC, da energia espiritual emanada pelo *Atma* se originam as outras formas de energia, que irão gerar manifestações diversas quando incorporadas aos níveis de consciência das demais entidades. Assim sendo, ao atuar no corpo causal, a energia espiritual manifesta-se como “Vontade”, dominando e modelando positivamente o pensamento do *Manas superior*. Por sua vez, atuando no corpo astral, a energia espiritual manifesta-se como “desejo”.

Ao conjunto *Atma*, *Buddhi* e *Corpo Causal* (*Manas Superior*), denomina-se *Eu Superior*, *Ego* ou *Tríplice Entidade Superior*.

A seguir, relacionaremos numa tabela esta natureza imaterial humana com os *chakras* e os órgãos humanos. Este modelo foi estabelecido comparando-se as definições e funções de cada *chakra* com os aspectos fundamentais de cada corpo ou veículo imaterial de manifestação.

| <b>Centro de Força (Chakra)</b> | <b>Sistema, órgão ou glândula</b>                                 | <b>Corpo imaterial</b>                                       |
|---------------------------------|---|--|
| Coronário                       | SNC / Epífise   | <i>Atma</i> e <i>Buddhi</i> (consciência)                    |
| Cerebral                        | Córtex cerebral, órgãos dos sentidos, sistema endócrino, hipófise | <i>Manas superior</i> e <i>Manas inferior</i> (inteligência) |
| Laríngeo                        | Sistemas respiratório e vocal, tireoide e paratireoide            | <i>Kama Rupa</i> (desejos, emoções, sentimentos)             |

|                        |  |  |
|------------------------|--|--|
| Cardíaco               | SNP, sistemas cardiocirculatório e imunológico, timo | <i>Kama Rupa</i> (desejos, emoções, sentimentos) |
| Gástrico (Plexo Solar) | Sistema digestório e suas glândulas                  | <i>Kama Rupa</i> (desejos, emoções, sentimentos) |
| Genésico               | Sistema reprodutor e sexual, glândulas sexuais       | <i>Kama Rupa</i> (desejos, emoções, sentimentos) |
| Esplênico              | Sistema hematopoiético, baço e fígado                | Duplo etérico ou <i>Linga Sharira (prâna)</i>    |
| Fundamental            | SNS, sistema renal, suprarrenais                     | Duplo etérico <i>Linga Sharira (prâna)</i>       |

## Referências bibliográficas

- Besant, Annie Wood. A Sabedoria Antiga. Exposição sintética da filosofia teosófica. 2ª ed. Tradução de Eugênio N. de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Record, sd.
- Bhagavad Gita. A Mensagem do Mestre. Tradução de Francisco Valdomiro Lorenz. São Paulo: Editora Pensamento, 2001.
- Blavatsky, Helena Petrovna. Síntese da Doutrina Secreta. Introdução, organização, seleção e tradução de textos por Cordélia Alvarenga de Figueiredo. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.
- Entralgo, Laín. Historia Universal de la Medicina. Barcelona: Salvat Editores, 1976.
- Gilbert, RA. Maçonaria e Magia: antologia de escritos rosa-cruzes, cabalísticos e maçônicos de W. Wynn Westcott. Tradução de Joaquim Palácios. São Paulo: Editora Pensamento, 1996.
- Karagulla, Shafica e Kuns, Dora van Gelder. Os Chakras e os Campos de Energia Humanos. Tradução de Cláudia Gerpe Duarte. São Paulo: Editora Pensamento, s.d.
- Leadbeater, Charles Webster. Os Chakras ou os Centros Magnéticos Vitais do Ser Humano. Tradução de J. Gervásio de Figueiredo. São Paulo: Editora Pensamento, s.d.
- Os Upanishads. Sopro Vital do Eterno. Tradução de Cláudia Gerpe. São Paulo: Editora Pensamento, 1987.
- Os Vedas. A Sabedoria Milenar da Índia. Rio de Janeiro: Edições Fontoura, 1957.
- Powell, Arthur Edward. O Corpo Astral e os outros fenômenos astrais. Tradução de Nair Lacerda. São Paulo: Editora Pensamento, 2003.
- Powell, Arthur Edward. O Corpo Causal e o Ego. Tradução de Nair Lacerda. São Paulo: Editora Pensamento, 1992.
- Powell, Arthur Edward. O Corpo Mental. Tradução de Nair Lacerda. São Paulo: Editora Pensamento, 2001.
- Powell, Arthur Edward. O Duplo Etérico. Tradução e revisão de J. Gervásio de Figueiredo. São Paulo: Editora Pensamento, 1981.
- Yogue Ramacháraka. Hatha Yoga ou Filosofia Yogue do Bem-Estar Físico. 10ª ed. São Paulo: Editora Pensamento, 1977.
- Yogue Ramacháraka. 14 Lições de Filosofia Yogue e Ocultismo Oriental. Tradução de Francisco Waldomiro Lorenz. São Paulo: Editora Pensamento, s.d.



## A Natureza Imaterial do Homem segundo a Concepção Rosacruz

## Sumário

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| Introdução                       | 206 |
| Desenvolvimento                  | 209 |
| Mundos visíveis e invisíveis     | 209 |
| Os quatro reinos da natureza     | 211 |
| Corpo denso ou físico            | 212 |
| Corpo vital                      | 213 |
| Corpo de desejos                 | 215 |
| Mente (corpo mental)             | 217 |
| Espírito humano                  | 218 |
| Espírito de Vida                 | 219 |
| Espírito Divino                  | 220 |
| Relação do homem com seus corpos | 220 |
| Causa das enfermidades           | 222 |
| Cura das enfermidades            | 223 |
| Conclusões                       | 228 |
| Referências bibliográficas       | 230 |

## Introdução

Em reação ao obscurantismo intelectual imposto pela Igreja Católica na Idade Média, surgiu na Europa o período da Renascença, buscando libertar as Artes e as Ciências do jugo da Religião.

No século XIII, Christian Rosenkreuz (*Cristão Rosacruz*) fundou a **Ordem dos Rosacruzes**, com o objetivo de “espiritualizar a Ciência e tornar científica a Religião”, buscando relacionar os fatos científicos com as verdades espirituais.

Segundo William Wynn Westcott (1848-1925), médico e franco-maçom, estudioso da Cabala, dos textos Herméticos e das obras de Alquimistas e Rosacruzes, Christian Rosenkreuz (1378-1484) adquiriu sua formação ocultista com os árabes, herdeiros da cultura de Alexandria (Egito). Assim como a **Teosofia** estruturou seus fundamentos segundo o conhecimento milenar hindu-tibetano, os conceitos Rosacruzes originaram-se da cultura egípcia-alexandrina, havendo um evidente paralelismo entre estas duas correntes esotéricas.

“Os rosa-cruzes da Alemanha medieval formavam um grupo de filósofos místicos, que se reuniam para estudar e ensinar em segredo as doutrinas esotéricas da religião, filosofia e ciência oculta que seu fundador, Christian Rosenkreuz, aprendera com sábios árabes, os quais, por sua vez, eram os herdeiros da cultura de Alexandria. Essa grande cidade do Egito, importante entreposto comercial e centro de aprendizagem intelectual, floresceu antes da expansão do poder imperial de Roma, capitulando finalmente ante as façanhas bélicas dos romanos que, após sua conquista, empenharam-se com muito esmero na tarefa de destruir as artes e as ciências do Egito que devastaram e subjugaram, pois, ao que parece, os romanos tinham um temor pânico das artes mágicas que, conforme a tradição os informara, floresciam no Vale do Nilo. Essa mesma tradição é familiar ao povo inglês, através de nosso conhecimento do livro do Gênesis, cujo suposto autor aprendera no Egito toda a ciência e artes que possuía, exatamente como a própria Bíblia nos diz, ainda que os mais ortodoxos costumem passar por alto essa afirmação narrada no Velho Testamento.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 13)

Data de 1614, na Alemanha, a primeira publicação que discorre sobre a **Ordem Rosacruz** e seus objetivos, escrita em latim, na forma de um opúsculo de 33 páginas, intitulado *Fama Fraternitatis*.

“O livro *Fama Fraternitatis* conta que por volta dos anos 1375-1450 viveu um homem muito sábio que, depois de passar muitos anos viajando pelo Oriente – Ásia Menor, Caldéia, Arábia e Fez – voltou à Europa e, após residir entre os mouros na Espanha, regressou a seu estado natal da Alemanha, saturado de ciências herméticas e habilitado em artes mágicas, cujo conhecimento adquirira através de muitas iniciações em terras orientais. Adotou um pseudônimo místico, como muitos mestres medievais faziam: o nome que escolheu foi ‘Christian Rosenkreuz’ ou Christian Rosa-Cruz ou abreviadamente C. R., com um sinete ou selo de uma rosa sobre uma cruz composta de seis quadrados, de tal forma que fechada formaria um cubo. Ele se fixou em certo lugar isolado e atraiu a si um círculo selecionado de amigos e discípulos que, no final da aprendizagem, recebia dele os graus de iniciação mística que o próprio Christian Rosenkreuz reunira. Após alguns anos de ensino e de rudimentos práticos, esses aprendizes começaram a trabalhar e construíram, ou mandaram construir para si, um Templo ou Loja, ou ainda um Lar, a que chamaram *Domus Sancti Spiritus*, a Casa do Espírito Santo, onde se instalaram e da qual fizeram, ao mesmo tempo, sua residência, local

de estudos e laboratório. Desse ponto de origem, os seus sucessivos feitos piedosos e curativos e as suas realizações no campo do ensino e da observação tornaram-se conhecidos. A partir desse círculo inicial, formaram-se outros em sequencia, os mais velhos ensinando aos mais jovens, de modo a preservar e a ampliar o conhecimento esotérico. C. R. viveu até a idade bastante avançada de 106 anos e, vindo a falecer, foi sepultado, conforme ele e os membros de seu círculo mais íntimo planejaram, numa cripta especial dentro do *domus* ou moradia secreta. [...]” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 15-6)

O *Fama Fraternitatis* começa rendendo um tributo “à compaixão e à bondade do Sábio e Misericordioso Deus, através do qual se chega a um conhecimento mais perfeito de que Jesus Cristo e a Natureza são dois temas da mesma importância”; critica as “doutrinas míopes de Aristóteles e Galeno”, cita as “regras e condutas” a serem seguidas pelos membros da Ordem, refere-se à importância da Cabala “na filosofia mística dos iniciados hebreus e caldeus”, além de citar outros conhecimentos ocultistas (Lâmpada Eterna, poder de previsão, etc.). Condena a busca do lucro pela obtenção de ouro através da “transmutação”, finalizando com uma visão universalista dos conhecimentos rosacruzes.

“Nossa filosofia não é uma invenção nova; assim como Adão a recebeu após a Queda e assim como Moisés e Salomão a usaram, não deverá ser muito questionada ou contestada pelas opiniões e interpretações alheias, visto que a Verdade é sempre serena e concisa, sempre imutável e, particularmente, concorde com Jesus *in omni parte* e em todos os seus membros. E assim como Ele é a verdadeira Imagem do Pai, ela também é a imagem dele. Não se deve dizer que isto é verdadeiro apenas em relação à filosofia, mas que é verdadeiro conforme a Teologia. E nisso Platão, Aristóteles, Pitágoras e outros acertaram; nisso Moisés, Enoque e Salomão se distinguiram, mas, especialmente, é nisso que esse maravilhoso livro, a Bíblia, concorda. Tudo isso concorre para formar uma esfera ou globo em que todas as partes são equidistantes do centro.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 19-21)

Sem atribuir a si própria o mérito de uma “inovação filosófica”, a filosofia rosacruz se considera como ressuscitadora das formas antigas de “Iniciação”, revivendo a filosofia dos magos caldeus, dos sacerdotes egípcios, dos neoplatônicos, dos heréticos de Alexandria, dos judeus cabalistas e dos cabalistas cristãos.

A própria existência do fundador da **Escola de Mistérios Rosacruz** é considerada por muitos como um mito, estando seus dados biográficos citados no *Fama Fraternitatis benedicti Ordinis Rosae Crucis*. Christian Rosenkreuz era originário de família nobre, tendo sido educado num mosteiro. Viajou à Terra Santa (Palestina), a Damasco e ao Santuário de Monte Carmelo, estudando com os sábios locais. Seguiu para o Egito, para a Arábia (Fez) e para a Espanha, aprendendo as filosofias, as religiões e as artes médicas dos países por onde passava. Em 1413, estabeleceu-se no Sul da Alemanha. Embasado nos conhecimentos adquiridos em suas viagens, instruiu três companheiros, com os quais fundou a **Fraternidade Rosa e Cruz**, “cujos membros procuravam o desenvolvimento espiritual e praticavam atos de benemerência”.

Segundo Westcott, “parece que a Ordem Rosacruz era, substancialmente, uma irmandade de filósofos que viviam num país cristão e professavam um cristianismo nominal do tipo gnóstico<sup>21</sup>; mas, em essência, constituía um grupo de estudantes da

---

<sup>21</sup> **Gnosticismo.** Ecletismo filosófico-religioso surgido nos primeiros séculos da nossa era e diversificado em numerosas seitas, e que visava a conciliar todas as religiões e a explicar-lhes o sentido mais profundo por meio da gnose (conhecimento esotérico e perfeito da divindade, e que se transmite por tradição e

sabedoria e magia orientais, que praticavam adivinhação cabalística e diziam conhecer os planos sobrenaturais de existência”. (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 21)

Acreditavam na doutrina da “reencarnação humana”, na “lei de ação e reação”, na existência de seres invisíveis ou “elementais”, na “influência planetária” sobre o ser humano e no desenvolvimento de “funções paranormais” através de treinamento especial. Segundo Westcott, “os membros dos verdadeiros Colégios Rosacruzes foram sempre cristãos”.

“A Fraternidade, porém, instruiu seus membros jurados na doutrina da reencarnação humana, declarou que a lei de causa e efeito age tanto no mundo espiritual como no físico, que o homem está cercado por seres invisíveis relacionados com forças elementares, que o homem é influenciado pelo Sol, pela Lua e pelos planetas, e que um treino especial e o uso de certos Processos pessoais levarão alguns estudantes a desenvolver funções espirituais supranormais e uma forma elevada da faculdade da clarividência; isso, desde que o corpo seja cuidadosamente preparado, a mente seja bem educada e se preserve a mais alta moral.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 28)

Inúmeras personalidades são citadas por Westcott como adeptos ou simpatizantes aos conceitos rosacruzes: Michael Maier, filósofo alemão; Robert Fludd, médico inglês e filho do Tesoureiro de Guerra da Rainha Elizabeth; Francis Bacon; Peter Sthael, químico notável de Estrasburgo; Johann Wolfgang Goethe; Rudolf Steiner, dentre outros.

Pela influência da cultura egípcia-alexandrina na formação da Ordem Rosacruz, citamos, inicialmente, uma tábua comparativa entre os conceitos hindus vistos anteriormente e os conceitos egípcios, a respeito dos sete princípios da individualidade humana.

| <b>Concepção Esotérica Hindu</b>     | <b>Concepção Egípcia</b>                |
|--------------------------------------|---|
| <i>Sthula Sharira</i> , corpo        | <i>Kha</i> , corpo                      |
| <i>Prana</i> , o alento da vida      | <i>Ba</i> , alma do alento              |
| <i>Linga Sharira</i> , duplo etérico | <i>Khaba</i> , sombra                   |
| <i>Kama Rupa</i> , alma animal       | <i>Seb</i> , alma hereditária           |
| <i>Manas</i> , Inteligência          | <i>Akhu</i> , Inteligência ou percepção |
| <i>Buddhi</i> , Alma espiritual      | <i>Putah</i> , Primeiro pai intelectual |
| <i>Atma</i> , Espírito Puro          | <i>Atmu</i> , a Alma Divina ou Eterna   |

A fim de trazermos a concepção rosacruz sobre a natureza imaterial do ser humano, utilizaremos como fonte de referência básica as obras *Conceito Rosacruz do Cosmos e Principios Ocultos de la Salud y Curación* de Max Heindel, pela didática e clareza com que aborda o tema. Heindel (1865-1919) foi o fundador da **Fraternidade Rosacruz** (The Rosicrucian Fellowship), sediada em Oceanside (Califórnia, EUA).

---

mediante ritos de iniciação). [São dogmas do gnosticismo: a emanção (processo pelo qual os múltiplos seres que constituem o Universo emanam de um ser único), a queda, a redenção e a mediação, exercida por inúmeras potências celestes, entre a divindade e os homens. Relaciona-se o gnosticismo com a cabala, o neoplatonismo e as religiões orientais.] (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Aurélio Buarque de Holanda, Editora Nova Fronteira)



## Desenvolvimento

### Mundos visíveis e invisíveis

Neste tópico iremos abordar sucintamente o material contido no cap. I, Primeira Parte, da obra *Conceito Rosacruz do Cosmos*, e no cap. II, Primeira Parte, da obra *Princípios Ocultos de la Salud y Curación*, ambas de Max Heindel.

Na formação ocultista, o conhecimento dos mundos invisíveis ou planos suprafísicos constitui o primeiro passo do aprendizado iniciático. Segundo os ensinamentos rosacruzes, o Universo está composto por Sete Mundos ou estados da Matéria: 1) Mundo de Deus; 2) Mundo dos Espíritos Virginais; 3) Mundo do Espírito Divino; 4) Mundo do Espírito de Vida; 5) Mundo do Pensamento; 6) Mundo do Desejo; e 7) Mundo Físico. Cada um destes planos possui uma forma de matéria condizente com o grau evolutivo que apresenta, estando no Mundo Físico a matéria em seu estado mais denso. Ainda quanto ao grau de materialidade, cada mundo se subdivide em Sete Regiões ou subdivisões da matéria.

No Mundo Físico, temos nos sólidos, nos líquidos e nos gases as três subdivisões mais densas (Região Química), sendo as quatro restantes constituídas por quatro tipos de éteres (Região Etérica). Considerado como um tipo de matéria sutil, o éter funciona como intermediário entre o Mundo Físico e os demais mundos superiores, sendo considerado pela ciência como um “meio elástico hipotético em que se propagariam as ondas eletromagnéticas e cuja existência contradiz os resultados de inúmeras experiências, já não sendo, por isso, admitida pelas teorias físicas”, visto que a técnica científica cartesiana não conseguiu criar um recipiente capaz de confiná-lo. São as forças etéricas ou vitais que dão estrutura e vida aos reinos mineral, vegetal, animal e humano. O *corpo denso* é formado pela matéria que constitui a Região Química.

Como dissemos, a Região Etérica é composta por quatro tipos de éter: *éter químico*, *éter de vida*, *éter de luz* e *éter refletor*. O *éter químico* possui a bipolaridade positiva e negativa, sendo utilizado pelas forças de assimilação (+) e excreção (-). É o condutor ou meio de ação das “forças de manutenção” da forma individual. O *éter de vida* funciona como substrato para as “forças de propagação”, mantenedoras da espécie (masculino e feminino; gameta e óvulo). Apresentando a mesma bipolaridade anterior, o *éter de luz* é o propagador das “forças de calor” (+), relacionando-se aos aparelhos circulatórios dos seres, enquanto através do polo negativo (-) deste éter propagam-se as “forças dos sentidos” (órgãos dos sentidos). Finalmente, o *éter refletor* capta e registra todos os acontecimentos, gravando os pensamentos e os atos humanos nos *Registros Akásicos*. O *corpo vital* (*duplo etérico* da concepção hindu-teosófica) é constituído pelo éter oriundo desta região, fazendo através dos éteres de luz e refletor (*corpo anímico*) a ligação com o *corpo de desejos* (*Kama*) e com a *Mente* (*Manas*), respondendo, por isto, mais ativamente do que os outros dois éteres, aos impulsos do *Espírito*.

“Os éteres químico e de vida constituem a matriz dos nossos corpos físicos. Cada molécula do corpo físico está como imersa numa rede de éter que o impregna e o enche de vida. Mercê a estes éteres ocorrem as funções corporais da respiração, etc., e a densidade e consistência

destas matrizes etéricas depende do estado de saúde. [...] Os éteres luminoso e refletor são os condutores da consciência e da memória. No indivíduo atual, se encontram um tanto atenuados e não assumiram ainda uma forma definida. Interpenetram o átomo da mesma forma que o ar interpenetra uma esponja e forma algo semelhante a uma ligeira atmosférica áurica por fora de cada átomo. [...] A parte do corpo vital formada pelos dois éteres superiores, o éter luminoso e o éter refletor, é o que podemos chamar de *corpo anímico*; isto é, está mais estreitamente vinculado com o corpo de desejos e a mente, e é mais obediente aos impulsos do espírito que os outros dois éteres. É o veículo do intelecto e de tudo aquilo que faz do homem um ser humano. Nossas observações, nossas aspirações, nosso caráter, etc., devem-se à obra do espírito nestes éteres superiores, os quais vão se tornando mais ou menos refulgentes de acordo à natureza do nosso caráter e dos nossos hábitos. E da mesma maneira que o corpo denso assimila partículas de alimento e aumenta sua massa, estes dois éteres superiores assimilam nossas boas obras durante a vida e aumentam de volume. E segundo nossas obras na vida presente, aumentamos ou diminuimos o que traremos ao nascer. Por esta razão, a Doutrina Ocidental da Ciência Espiritual diz que *todo desenvolvimento místico começa com o corpo vital.*” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 34-8)

No Mundo do Desejo, as sete subdivisões ou regiões da matéria servem para plasmar as paixões, as impressões, os desejos, os sentimentos e as aspirações. É através destes “incentivos” que os seres seguem numa determinada direção, sendo o substrato para o desenvolvimento moral e espiritual humano. Qualquer “desejo” possui uma forma que lhe é própria, constituída de “energia-matéria” correspondente ao estímulo que o originou. As forças de “atração” e “repulsão” imperam neste mundo, no qual os “impulsos” semelhantes se atraem, sendo repelidos os contrários. As três regiões inferiores deste mundo são: *Região da Paixão e do Desejo Sensual*, *Região da Impressionabilidade* e *Região dos Desejos*. Como região mediana, temos a *Região do Sentimento*. As três regiões superiores são: *Região da Vida Anímica*, *Região da Luz Anímica* e *Região do Poder Anímico*. O *Corpo de Desejos* (*Kama* ou *Corpo Astral* da concepção hindu-teosófica) é formado por “matéria” deste mundo.

O Mundo do Pensamento também é formado por sete regiões, cada qual constituída por um tipo distinto de matéria. Basicamente, divide-se em *Região do Pensamento Concreto* (composta por quatro regiões que abarcam os “arquétipos criadores” dos constituintes da Região Química, da Região Etérica e do Mundo do Desejo) e *Região do Pensamento Abstrato* (três regiões mais sutis que contém as “ideias germinais” dos constituintes da Região Química, da Região Etérica e do Mundo do Desejo). É neste mundo que “o corpo se liga ao Espírito”, sendo o mais elevado ao que o atual grau de evolução humano pode aspirar (Físico/ Desejo/ Pensamento). A *Região do Pensamento Concreto* é responsável pela “matéria mental” ou “formas-pensamento”, que serve de substrato às “ideias” criadas na *Região do Pensamento Abstrato*. Enquanto a *Mente* (*Manas inferior* da concepção hindu-teosófica) é plasmada pela “substância” originária da *Região do Pensamento Concreto*, o *Espírito Humano*, ou primeiro aspecto do “tríplice espírito do homem” (*Manas superior* da concepção hindu-teosófica) é formado pela “matéria” originária da *Região do Pensamento Abstrato*.

O Mundo do Espírito de Vida é constituído por sete regiões, sendo responsável pela “imaginação” ou “intuição” humana, estando nele a origem do segundo aspecto do “tríplice espírito do homem” (tríplice entidade superior), chamado de *Espírito de Vida* (*Buddhi* ou *Corpo de Beatitude* da concepção hindu-teosófica).

O Mundo do Espírito Divino também é composto por sete regiões, sendo responsável pela “vontade” humana e é plasmador do *Espírito Divino* ou terceiro aspecto do “tríplice espírito do homem” (*Atma* da concepção hindu-teosófica).

A união do *Espírito Humano* com o *Espírito de Vida* e o *Espírito Divino* forma o “Ego” ou “Eu Superior” ou “Tríplice Espírito Humano”.

Abaixo do Mundo de Deus, que tem como núcleo a própria Divindade (*Deus*), temos o Mundo dos Espíritos Virginais, composto também por sete regiões, “origem dos *Espíritos Virginais*, quando diferenciados em Deus, antes de sua peregrinação através da matéria”.

## Os quatro reinos da Natureza

Cada entidade que compõe a individualidade humana relaciona-se a um Reino da Natureza e a um “plano” de desenvolvimento. Assim sendo, antes de chegar à atual condição humana, o homem evoluiu pelos demais reinos naturais (Mineral/ Vegetal/ Animal/ Hominal), adquirindo as peculiaridades e os instrumentos próprios a cada um destes estágios evolutivos.

Descartando a ideia dogmática de que o homem foi criado por Deus em sua forma final e perfeita, sem galgar os diversos estágios de aprendizado e crescimento, a concepção rosacruz condiz com as teorias evolucionistas e o conhecimento científico moderno (A Embriologia Humana mostra a vida pré-natal como uma recapitulação de todos os estágios primevos de desenvolvimento).

Para vivermos num determinado meio, necessitamos possuir um veículo de manifestação constituído pela “matéria” que lhe é própria. Assim sendo, cada “mundo” ou “plano” analisado anteriormente será o provedor do tipo de “substância” que o corpo da individualidade necessita para nele habitar.

O Reino Mineral apresenta apenas um *corpo denso*, constituído pela “substância química” originária da Região Química do Mundo Físico. O Reino Vegetal, além do corpo denso, apresenta o *corpo vital (etérico)*, formado pela “substância etérica” da Região Etérica do Mundo Físico, através do qual a vida e o crescimento se expressam. O Reino Animal, além dos corpos denso e vital, possui um *corpo de desejos*, constituído pela “substância do desejo” proveniente do Mundo do Desejo, pelo qual expressa os desejos e as emoções. O Reino Humano, além dos corpos denso, vital e de desejos, adquiriu o *corpo mental (mente)*, formado pelas “formas-pensamento” originárias da Região do Pensamento Concreto do Mundo do Pensamento, com o qual manifesta o pensamento concreto.

Para expressar as características correspondentes a cada Reino da Natureza por que passou o ser humano, como ponto final nesta escala evolutiva, possui os corpos de cada estágio numa forma distinta, ou seja, separados.

- Mundo Físico / Região Química / Reino Mineral / Corpo Denso
- Mundo Físico / Região Etérica / Reino Vegetal / Corpo Vital (Etérico)
- Mundo dos Desejos / Reino Animal / Corpo de Desejos

- Mundo do Pensamento / Reino Humano / Corpo Mental (Mente)

A formação destes veículos sutis e seu desenvolvimento, segundo os ensinamentos rosacruzes, tem sua explicação nos “Sete Períodos de Evolução da Terra” (Saturno, Solar, Lunar, Terrestre, Júpiter, Vênus e Vulcano), amplamente explicados nas obras supracitadas, que não julgamos necessário discorrer nesta síntese.

## Corpo denso ou físico

As informações deste tópico encontram-se no Cap.I, da Primeira Parte, da obra *Principios Ocultos de la Salud y Curación* de Max Heindel.

Na evolução humana, o corpo denso foi o primeiro veículo a se formar, encontrando-se atualmente na quarta etapa de desenvolvimento, possuindo um grau de organização fantástico. É um instrumento de extrema utilidade para o homem, pois sem ele não teríamos a oportunidade de passar pelas experiências físicas necessárias ao nosso crescimento espiritual.

O cérebro e o sistema nervoso são as mais elevadas manifestações orgânicas do corpo de desejos. O cérebro é o instrumento para que o Ego entre em contato com o mundo externo e adquira o conhecimento de que necessita. A morada do Espírito Humano está situada, primariamente, na glândula pineal e, secundariamente, no cérebro e sistema nervoso cérebro-espinhal.

O sangue é o produto mais importante do corpo vital, sendo considerado o “veículo direto do Ego”, atuando como propagador dos pensamentos, sentimentos ou emoções aos pulmões. Como veículo do Eu Superior, o sangue deve estar em condições favoráveis para acolhê-lo. Quando a paixão, a cólera, a vergonha ou o calor excessivo aquecem demasiadamente o sangue, o Ego se retira, abandonando a direção do organismo e seus corpos sutis, fazendo com que o indivíduo fique com a “cabeça quente” ou “perca a cabeça”, ficando impossibilitado de pensar serenamente. Sem o controle do Ego, os veículos humanos passam a agir desordenadamente, livres da ação moderadora do pensamento, que atua contendo os impulsos mórbidos. Por outro lado, numa situação de perigo, o medo mobiliza o Ego a se defender, fazendo com que o sangue saia da cabeça em direção à periferia, empalidecendo o indivíduo. Nesta situação, o pensamento fica paralisado. O mesmo ocorre durante a digestão prolongada dos alimentos, tornando o indivíduo sonolento. Para pensar, o Ego precisa de sangue, numa temperatura adequada, fluindo ao cérebro. No ferro ligado à hemoglobina (Hb-Fe), encontramos o elemento necessário para manter o calor sanguíneo adequado para que o Ego se manifeste: daí provém a falta de vontade e apatia dos indivíduos anêmicos. A Individualidade Humana, Ego ou Tríplice Espírito Humano se manifesta no sangue de cada indivíduo, produzindo substâncias próprias (fatores sanguíneos).

Pelo baço (*chakra* esplênico da concepção hindu) entram as forças vitais solares, sendo este órgão a sede do corpo vital. É no baço que se desenvolve a batalha entre o corpo de desejos e o corpo vital, na tentativa de neutralizar os pensamentos de medo, ira e preocupação (Segundo a Medicina Tradicional Chinesa, o excesso de preocupações afeta a energia vital que circula do meridiano do baço-pâncreas).

As glândulas endógenas representam a materialização do corpo vital no corpo físico (Segundo a concepção hindu-teosófica, os *chakras etéricos* atuam sobre as glândulas mantendo a homeostase orgânica). Para os ocultistas, as glândulas estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da Humanidade, relacionando-as aos Períodos Evolutivos da Terra (Hipófise/Urano; Pineal/Netuno; Tireoide/Mercúrio; Timo/Vênus; Baço/Sol; Adrenais/Júpiter). O timo, o baço e as adrenais relacionam-se à personalidade; a hipófise e a pineal relacionam-se ao lado espiritual de nossa natureza; e a tireoide faz o intercâmbio entre elas.

## Corpo vital

Como vimos anteriormente, o *corpo vital (etérico)* é constituído pelo *éter*, substância imaterial, mas quantificada experimentalmente através da diferença entre o peso da substância viva e o peso da substância morta, acondicionada num recipiente hermético. Este éter interpenetra todas as estruturas materiais, sendo o Sol a sua fonte propagadora. Apesar dos constituintes do Reino Mineral não apresentarem um corpo vital próprio, o *éter químico* é ativo nos mesmos, propiciando as forças químicas (atração, repulsão, reações químicas, etc.) dos minerais.

A partir do Reino Vegetal, os seres apresentam um corpo vital distinto, com diferenças próprias para cada reino. No corpo vital da planta, atuam ativamente o *éter químico* (crescimento) e o *éter de vida* (propagação das espécies), estando presente o *éter de luz* numa forma latente (apresentando órgãos sensoriais incipientes em algumas espécies).

No Reino Animal, o corpo vital é constituído pelos éteres *químico, de vida e de luz*, sendo este último responsável pela faculdade de “gerar calor interno” e pelos “sentidos de percepção”. Nos animais, o *éter refletor* está em estado latente (características precursoras do pensamento e da memória).

No corpo vital (etérico) do homem, os quatro éteres estão presentes e ativos. Com as forças do *éter químico* o homem assimila o alimento e cresce; através do *éter de vida* propaga a sua espécie; com o *éter de luz* supre a necessidade de calor interno do corpo físico e se comunica com o mundo exterior através dos órgãos dos sentidos; e, finalmente, através do *éter refletor* propicia ao Espírito governar os demais veículos pela força do pensamento, além de permitir o armazenamento das experiências de vidas passadas na memória.

O corpo vital emite sua energia (*aura vital* ou *etérica*) para além do corpo denso, numa extensão de 4 a 5 centímetros. Através de suas linhas de força, funciona como um molde para o desenvolvimento do corpo físico, célula por célula, assim como é o responsável pela regeneração das formas lesadas. O corpo vital é o incansável mantenedor da homeostase orgânica e da vida, abandonando definitivamente o corpo denso no momento da morte. Ao desintegrar-se, a matéria do corpo denso retorna ao *éter químico*.

Compete ao corpo vital a propriedade de animar o corpo denso, célula por célula, átomo por átomo, “fazendo-os vibrar muito mais intensamente que os minerais da terra”. O afastamento parcial do corpo vital promove o estado de paralisia e inércia do corpo

denso, estando na “sensação de formigamento e dor” o indício do retorno de atuação daquele sobre a parte afetada<sup>22</sup>.

“A contextura do corpo vital pode ser comparada, até certo ponto, a esses quadros formados por centenas de pequenas peças de madeira unidas, que se apresentam como inumeráveis pontos ao observador. O corpo vital apresenta ao observador milhões de pontos minúsculos. Estes pontos entram nos centros ocos dos átomos densos e, ao imbuir-lhes força vital, fazem-nos vibrar muito mais intensamente que os minerais da terra ainda não submetidos a esta aceleração. Quando uma pessoa desmaia, cai de uma grande altura ou se enregelada, o corpo vital abandona o corpo denso e, em consequência, os átomos deste tornam-se momentaneamente inertes. Quando se reanima e volta a si, os pontos minúsculos voltam a introduzir-se nos átomos densos. A inércia dos átomos causa neles certa resistência ao reinício da vibração. Essa é a causa da sensação de formigamento e dor que se nota em tais ocasiões. [...] Em certos casos, o corpo vital deixa parcialmente o corpo denso, quando ‘adormece’ uma mão, por exemplo. Pode-se ver, então, a mão etérica do corpo vital pendendo sob o braço denso, como uma luva. Os pontos minúsculos, ao introduzirem-se novamente na mão física, dão causa ao ‘formigamento’ já referido. [...] O uso de anestésicos expulsa parcialmente o corpo vital, junto com os demais veículos superiores para fora do corpo denso. Se a aplicação é demasiada, o éter de vida retira-se e a morte sobrevém.” (*Conceito Rosacruz do Cosmos*, Heindel, p. 51-2)

Através da contraparte etérica do baço (*chakra* esplênico da concepção hindu-teosófica), o corpo vital absorve a “força vital” que provém do Sol (*prâna* da concepção hindu), sofrendo um processo de transformação e assumindo uma cor rosa pálido, circulando, a seguir, através dos nervos, por todo o corpo denso. Semelhantemente ao ensinado por Hahnemann<sup>23</sup>, a força vital é encarada como um substrato necessário para que os impulsos nervosos circulem pelas terminações nervosas.

Pela relação direta da força vital com o *chakra* esplênico, a concepção rosacruz entende que o *baço* seja a “morada física” do corpo vital.

O corpo vital é um veículo de “hábitos”, de “repetição”, “automático”, “instintivo”, sendo indicada a prática da “mudança de hábitos” para se estimular e fortalecer o corpo vital, desde uma simples mudança cotidiana até a execução habitual de atitudes altruístas.

“Pelo que antecede se verá que o corpo vital é um veículo de hábitos. Todos os pais sabem que durante os primeiros sete anos da infância, em cujo período se gesta este veículo, as crianças vão formando um hábito atrás do outro. A repetição é a chave do corpo vital e os hábitos dependem de dita repetição. Com o corpo de desejos isto não ocorre, pois o veículo dos sentimentos e emoções está sempre mudando de um momento para o outro. E embora tenhamos dito que o éter que forma nosso corpo anímico está em movimento constante e se mistura com a corrente sanguínea, esse movimento é relativamente lento se o compararmos com as correntes do corpo de desejos. Podíamos dizer que o éter se move com a velocidade de um caracol, comparando a velocidade das correntes do corpo de desejos com a velocidade da luz.” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 37)

---

<sup>22</sup> Com uma explicação semelhante, James Tyler Kent, na Lição XXXIV da obra *Filosofia Homeopática*, explica como a força vital (através da reação secundária ou agravação de cura) promove intensos processos de formigamento e dor ao restabelecer a atividade e a ordem a um órgão paralisado.

<sup>23</sup> *Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann*, cap. “Força Vital, Sangue, Fibra Sensível e Nervo”.

Conforme relatamos nas concepções anteriormente estudadas, “a força vital só pode auxiliar o organismo, no combate eficaz às doenças, enquanto permaneça o estado de saúde”.

“Durante a saúde, o corpo vital especializa superabundância de força vital que, depois de passar pelo corpo denso, irradia-se de toda a periferia em linhas retas, em direção perpendicular, como raios que se irradiam do centro de um círculo. Nos casos de doença, o corpo vital atenua-se e não pode absorver a mesma quantidade de força, justamente quando o corpo denso dela mais necessita. As linhas do fluido vital se curvam e decaem, mostrando a falta de força, a debilidade que se produziu. Em estado saudável, a grande força destas irradiações repelem os germes e micróbios, inimigos da saúde do corpo denso, mas em período de doença, quando a força vital é fraca, não eliminam com a mesma facilidade os germes nocivos. Portanto, é muito maior o perigo de contrair uma doença quando são escassas as forças vitais do que quando a saúde é robusta.” (*Conceito Rosacruz do Cosmos*, Heindel, p. 52-3)

Na morte física, tanto o corpo denso como o corpo vital desintegram-se, estando clara a noção de **unidade substancial entre o corpo físico e o corpo vital**.

## Corpo de desejos

O *corpo de desejos*, como uma entidade individual, surge a partir do Reino Animal, com as faculdades de sentir, desejar e se emocionar. Entretanto, existe uma diferença entre os corpos de desejos do animal e do homem. Enquanto nos animais o corpo de desejos é inteiramente constituído pela “substância” das regiões inferiores do Mundo do Desejo (Regiões das Paixões, da Impressionabilidade e dos Desejos), no homem, existe uma proporção de “matéria” das regiões superiores (Regiões da Vida Anímica, da Luz Anímica e do Poder Anímico).

À medida que evolui, o homem depura seus desejos e sentimentos, tornando a “substância” do corpo de desejos cada vez mais sutil e luminosa. Pelo mesmo motivo, o corpo de desejos assume maiores proporções. A forma do corpo de desejos, ao contrário dos corpos denso e vital, assume características distintas durante o período de vida e após a morte. Durante a vida, se assemelha a um “ovoide luminoso”, envolvendo completamente a unidade físico-vital, podendo atingir até 44 cm além da superfície do corpo físico. Assim como no corpo vital, “a matéria do corpo de desejos humano está em movimento contínuo e incrivelmente rápido”. Ao contrário do corpo vital, não é uma cópia perfeita do corpo denso, não apresentando contrapartes “astrais” dos órgãos físicos e sim “centros de percepção” ou “vórtices”, que se assemelham aos “*chakras* astrais” da concepção hindu-teosófica. Segundo a concepção rosacruz, o desenvolvimento da mediunidade relaciona-se ao despertar destes “vórtices”.

“Durante a vida do ser humano, o corpo de desejos não apresenta a mesma forma que seus corpos vital e denso. Essa forma só é assumida ao morrer. Durante a vida terrena tem a aparência de um ovoide luminoso, que nas horas de vigília envolve por completo o corpo denso, como a clara envolve a gema. Se estende de 12 a 16 polegadas além da superfície do corpo denso nos indivíduos normais. A substância do corpo de desejos humano é composta pela do Mundo de Desejos e está em movimento incessante, com inconcebível rapidez. Não há lugar fixo para nenhuma de suas partículas, como no corpo físico. A substância que se encontra em um dado momento na cabeça, pode estar num momento seguinte nos pés e

novamente de volta. Não há órgãos no corpo de desejos, como os há nos corpos físico e vital, senão centros de percepção, os que, quando estão em atividade, assemelham-se a vórtices, permanecendo sempre na mesma posição relativa em relação ao corpo denso. Na memória dos seres humanos são apenas como redemoinhos e não têm utilidade nenhuma como centros de percepção. Sem dúvida, podem ser despertados em todos os seres humanos, embora cada sistema produza um resultado diferente. O corpo de desejos tem sua sede no fígado e ao redor dos 14 anos nasce a uma vida independente. Na clarividência involuntária, negativa, estes vórtices giram da direita para a esquerda, ou seja, em movimento oposto ao dos ponteiros do relógio. No corpo de desejos dos clarividentes voluntários, positivos, giram na mesma direção que os ponteiros do relógio, brilhando com extraordinário esplendor, que ultrapassa, em muito, a brilhante luminosidade ordinária do corpo de desejos comum. Estes centros fornecem ao clarividente o meio para perceber as coisas do Mundo dos Desejos, podendo então ver e investigar o que queira, enquanto que as pessoas cujos centros giram da direita para a esquerda são como um espelho que refletem o que passa diante delas. Num futuro muito remoto, o corpo de desejos humano estará tão bem organizado como estão atualmente os corpos físico e vital.” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 39-40)

Para a concepção rosacruz, o corpo de desejos tem sua sede orgânica no fígado. Atribui-se ao advento do “sangue vermelho” nos animais o surgimento do “corpo de desejos separado”. Os animais de “sangue não vermelho” e sem fígado (insetos) são considerados como um estado de transição entre o Reino Vegetal e o Reino Animal, sem uma “individualidade astral”, manifestando-se segundo um impulso grupal (*espírito-grupo*). Aqueles que possuem “sangue vermelho” e fígado (peixes, répteis) apresentam um “corpo de desejos individual”, mas o “espírito separado está completamente fora do veículo denso”. O advento do “sangue vermelho e quente” possibilita ao animal “conter um Espírito interno que energiza as correntes de matéria de desejo que se exteriorizam”, manifestando as paixões e os desejos. Apenas no ser humano “o espírito está completamente dentro dos seus veículos”, expressando os desejos e as emoções numa forma mais sutil.

“O corpo de desejos está radicado no fígado, assim como o corpo vital está radicado no baço. Pode-se dizer que todos os seres de sangue quente que possuem sentimentos, paixões e emoções são os mais altamente desenvolvidos e os que realmente demonstram viver em todo o sentido da palavra. Não vegetam meramente. Em tais seres, as correntes do corpo de desejos fluem para o exterior pelo fígado. A matéria de desejos está continuamente fluindo em correntes que viajam ao longo das linhas curvas para todos os pontos da periferia do ovoide, e voltam ao fígado através de certo número de vórtices, semelhantemente à água em ebulição que flui continuamente para cima, retornando para baixo uma vez completado o seu ciclo. Nas plantas falta este princípio impulsivo e energético e, portanto, não podem manifestar movimento, como os organismos mais altamente desenvolvidos. Onde há vitalidade e movimento, mas não sangue ‘vermelho’, não existe corpo de desejos separado. O ser encontra-se num estado de transição da planta para o animal; move-se apenas sob o impulso do espírito-grupo. Nos animais de sangue frio, que têm fígado e sangue vermelho, existe um corpo de desejos separado e o espírito-grupo dirige as correntes para dentro. Neste caso, o espírito separado (o peixe ou réptil individual, por exemplo) está completamente fora do veículo denso. Quando o organismo tenha evoluído suficientemente para que o espírito separado possa começar a entrar em seus veículos, o espírito individual começa a dirigir as correntes ‘para fora’. É o princípio da existência passional e do sangue quente. O sangue vermelho e quente, no fígado do organismo desenvolvido, possibilita-lhe conter um espírito interno que energiza as correntes de matéria de desejo que se exteriorizam. Esta é a causa da manifestação de desejos e paixões no homem e no animal. Nos animais, o espírito não está



completamente dentro dos seus veículos; isto ocorrerá quando os pontos do corpo vital e do corpo denso se corresponderem [...].”(Conceito Rosacruz do Cosmos, Heindel, p. 59-60)

## Mente (corpo mental)

Ao contrário do Reino Humano, falta aos demais reinos um veículo que os ligue com o Mundo do Pensamento. Exceção seja feita aos animais domésticos, que se “humanizaram” e desenvolveram um pouco o “corpo mental incipiente” que lhes é próprio, ao longo do intenso convívio com o homem.

A “faculdade do pensar” é própria ao ser humano, tornando-o uma “individualidade”, ao contrário dos indivíduos dos demais reinos, que se agrupam por espécies. Enquanto nesses reinos existe um único “espírito-grupo” para todos os componentes de uma mesma espécie, comandando-os do exterior para o interior, cada homem possui um “espírito individual e interno”, atuando do interior para o exterior, ditando os pensamentos e as ações de cada indivíduo.

Todos os demais “corpos inferiores” dos seres, “*foram emanados de si mesmo pelo espírito*, com o propósito de adquirir experiência por seu intermédio”.

“Os ‘corpos superiores’ invisíveis, tão finos e sutis, não são de maneira alguma ‘emanações’ do corpo denso. Os veículos densos de todos os reinos correspondem à casa do caracol. O caracol representa o espírito, e seus sulcos, em vias de cristalização, representam a mente, o corpo de desejos e o corpo vital. *Os diversos veículos foram emanados de si mesmo pelo espírito*, com o propósito de adquirir experiência por seu intermédio. É o espírito que move o corpo denso à vontade, como o caracol move a sua casca, e não o corpo que governa os movimentos do espírito. Quanto mais estreitamente pode o espírito pôr-se em contato com seu veículo, mais pode dominá-lo e expressar-se por seu intermédio, e vice-versa. Esta é a chave dos diferentes estados de consciência nos diferentes reinos.” (Conceito Rosacruz do Cosmos, Heindel, p. 62-3)

Fundindo-se com a parte superior do *corpo de desejos* ou *alma animal*, responsável pela formação do sistema nervoso cérebro-espinhal e dos músculos voluntários do homem, a *Mente* tornou-se “co-regente” do mesmo, conferindo “objeto e propósito” às ações humanas. Sendo o último dos veículos humanos formados, a mente não pode ser considerada como um corpo propriamente dito, e sim um envoltório utilizado pelo Ego como “ponto de enfoque ou concentração”, a partir da qual estrutura os pensamentos. Através da mente, as ideias concebidas pela imaginação do espírito podem ser lançadas no mundo material, tornando-se mais ou menos concretas.

“Como a mente é o último dos veículos humanos formados, não pode ser considerado, de modo algum, como um corpo. Não é mais do que um elo, um envoltório para que o Ego a utilize como ponto de enfoque ou concentração. Sem dúvida, é o instrumento mais valioso que o espírito possui e o seu especial instrumento na obra da criação. Nós, como Egos, funcionamos diretamente na sutilíssima substância da Região do Pensamento Abstrato, que especializamos dentro da periferia de nossa aura individual. A partir daí, contemplamos as impressões que emanam do mundo externo sobre o corpo vital, por intermédio dos sentidos, junto com os sentimentos e emoções gerados por elas no corpo de desejos, que se reflete na mente. Destas imagens mentais tiramos nossas conclusões na Região do Pensamento Abstrato, com respeito às questões de que se trate. Estas conclusões são ideias. Mediante o poder da vontade projetamos uma ideia na mente, onde toma forma concreta como forma

mental ou pensamento, envolta por substância mental extraída da Região do Pensamento Concreto. Esta imagem pode ser projetada em qualquer das três direções: 1ª) Pode ser projetada sobre o corpo de desejos, num esforço para despertar um sentimento nele, que levará a uma ação imediata; 2ª) Quando os impactos externos não exigem destas imagens mentais uma ação imediata, pode ser projetada sobre o éter refletor, juntamente com os demais pensamentos ocasionados por elas, para serem utilizadas no futuro; 3ª) Podem ser projetadas sobre outra mente, como sugestões, informação telepática, etc. Quando o trabalho destinado a essas formas mentais foi realizado ou quando sua energia se desgastou em vãs tentativas para alcançar seu objetivo, então, retornam por gravidade ao seu criador, levando consigo a impressão indelével da sua jornada.” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 41)

Considera-se que a mente nasce aos 21 anos (terceiro setênio) com a maioridade e atinge sua maior expressividade aos 49 anos (sétimo setênio).

## Espírito Humano

O *Espírito Humano* é formado pela “substância” da Região do Pensamento Abstrato, que faz parte do Mundo do Pensamento. Apenas o homem, na escala evolutiva dos seres, possui o conjunto de veículos necessários (corpo denso, corpo vital, corpo de desejos e mente) para possibilitar a manifestação de um Espírito individualizado. Nos animais, pela ausência do corpo mental, não existe um espírito “interno”, individual, cada espécie sendo dirigida “externamente” por um “espírito-grupo”.

Ao Espírito Humano cabe a tarefa de construir os demais corpos da individualidade, utilizando a “matéria” de origem de cada plano. Assim como tudo no Universo, estes veículos de manifestação do Espírito evoluem ao longo dos tempos, estando o corpo físico humano no grau mais desenvolvido, por ser o mais antigo na escala evolutiva terrena. Corresponde ao primeiro veículo da Tríplice Entidade (Tríade) Superior ou Ego, que permite ao ser humano viver no estado de consciência denominado “vigília”, ligando os demais veículos da constituição humana aos órgãos dos sentidos.

“[...] O homem, o Ego ou Pensador, desceu à Região Química do Mundo Físico e, começando a dirigir seus veículos, conseguiu o estado de consciência de vigília. Está aprendendo a dominá-los. Os órgãos do corpo de desejos e os da mente não se desenvolveram ainda. A mente, o último dos veículos que se formou, nem sequer é ainda um corpo. Atualmente, não é mais do que um elo, um envoltório que o Ego usa como ponto focal. O espírito trabalha, gradualmente, da substância mais sutil à mais densa, construindo os veículos, primeiro em substância sutil e depois em substância cada vez mais densa. O corpo denso foi o primeiro a ser construído e chegou agora ao quarto grau de densidade, enquanto o corpo vital se encontra em seu terceiro estado. O corpo de desejos está no segundo estado, portanto ainda como uma nuvem, enquanto a mente se apresenta ainda mais sutil. Como estes veículos não têm órgãos desenvolvidos, é evidente que isolados seriam inúteis como veículos de consciência. Entretanto, o Ego penetra *dentro* do corpo denso, liga esses veículos sem órgãos com os centros físicos dos sentidos e, assim, obtém o estado de consciência de vigília no Mundo Físico.” (*Conceito Rosacruz do Cosmos*, Heindel, p. 65)

Entendamos que enquanto os animais estão sob o comando de um “espírito-grupo” não apresentam uma individualidade nem vontade própria, sendo movidos e orientados externamente pelo “instinto-grupal”, sem precisarem utilizar a razão e o pensamento (ausência do corpo mental) para sobreviver e dar continuidade à espécie (encontrar

alimento, construir sua morada, cuidar da sua prole, etc.), estando isentos de maiores responsabilidades pelos atos praticados. Continuando sua escala evolutiva, os animais atingem o estágio humano, consolidando o veículo mental de manifestação e interiorizando aquele “espírito-grupal” através de um “espírito individual”, que lhe confere a capacidade para pensar e decidir qual caminho deseja seguir (livre-arbítrio).

Ao adquirir condições para caminhar por si mesmo, desvencilha-se da “proteção-grupal”, começando um novo estágio de desenvolvimento, em que terá que progredir pelo seu próprio esforço e deverá responder pelos seus atos (responsabilidade). Adquirindo esta nova faculdade (pensar), desvencilha-se dos demais seres inferiores, assumindo a individualidade (Espírito) e o compromisso de progredir por si mesmo, através das próprias experiências.

“Portanto, o Ego que se encontra em cada ser humano, separado e consciente de si, dirige as ações do seu veículo particular, enquanto o espírito do animal, separado, mas ainda não individualizado nem consciente de si, forma parte do *veículo* de uma entidade consciente, pertencente a outra evolução distinta - o espírito-grupo. Este espírito-grupo dirige as ações dos animais de acordo com a lei cósmica, até que os espíritos virginais a seu cargo tenham adquirido consciência de si e se convertam em seres humanos. Então, começarão a manifestar gradualmente vontade própria, libertam-se cada vez mais do espírito-grupo e tornam-se responsáveis pelos próprios atos. Contudo, a influência do espírito-grupo manifestar-se-á neles, ainda que em grau decrescente, como espírito de raça, de tribo, de comunidade ou de família, até que, ao cessar, cada indivíduo esteja preparado para agir em plena harmonia com a lei cósmica. Só então o Ego se libertará e se tornará independente por completo do espírito-grupo que, por sua vez, entrará numa fase superior de evolução. [...] O homem não pode ser manejado tão facilmente de fora, seja ou não com o seu consentimento. Conforme a evolução progride e a vontade se desenvolve, o homem faz-se menos acessível à sugestão externa, liberta-se e age a seu gosto, sem ter em conta a sugestão alheia. Esta é a diferença capital entre o homem e os seres dos outros reinos. Estes agem pelo chamado instinto, isto é, de acordo com a lei e sob os ditames do espírito-grupo, enquanto o homem se converte cada vez mais em uma lei em si mesmo. Não perguntamos ao mineral se cristalizará ou não, nem à flor se abrirá ou não, nem ao leão se deixará ou não de devorar. Todos eles estão, nas grandes como nas pequenas coisas, sob a sugestão e domínio absoluto do espírito-grupo, sem a iniciativa nem a vontade livre que, em algum grau, são próprias de todo ser humano. [...] Só o homem pode, em certo grau, seguir seus próprios desejos, dentro de limites determinados. É certo que seus erros são muitos e graves, o que leva muitas pessoas a julgar que melhor seria que o homem fosse obrigado a seguir o caminho reto por orientação externa. Mas, desse modo, nunca aprenderia a retidão. As lições de discernimento entre o bem e o mal não podem ser aprendidas sem o exercício da livre escolha, para determinar o caminho próprio. [...] Assim, o homem, por meio das faltas e das dores que elas produzem, alcança uma sabedoria superior à do animal, por ser consciente de si, enquanto o animal atua pelo impulso do espírito-grupo. Em devido tempo, o animal alcançará o estado humano, terá liberdade de escolha, cometerá erros, e por eles aprenderá, tal como acontece atualmente conosco.” (*Conceito Rosacruz do Cosmos*, Heindel, p. 69-72)

## **Espírito de Vida**

O Espírito de Vida é formado pela “substância” do Mundo do Espírito de Vida, representando a “consciência” e o “caráter” do indivíduo. Pode manifestar-se como “imaginação”, “memória supra-consciente”, “intuição” ou “conhecimento interno”.

“Há, também, a memória supra-consciente. É como um arquivo ou depósito de todas as faculdades e conhecimentos adquiridos nas vidas anteriores, indelevelmente gravados no Espírito de Vida. Ordinariamente, se manifesta como *consciência e caráter*, mas não em toda extensão. Anima todos os pensamentos-forma, umas vezes como conselheiro, e outras compelindo à ação com força irresistível e, até, contradizendo a razão e o desejo. Esta memória supra-consciente, própria do Espírito de Vida, prescinde, em alguma extensão, da necessidade de envolver-se em matéria mental ou de desejos para compelir à ação. [...] Tal memória nem sempre necessita correr o risco de ser dirigida, ou sujeita ao processo de raciocínio. Às vezes, como Intuição ou conhecimento interno, imprime-se diretamente sobre o éter refletor do corpo vital. Quanto mais estivermos dispostos a seguir sua orientação, tanto mais frequentemente ela falará, para nosso benefício.” (*Conceito Rosacruz do Cosmos*, Heindel, p. 69-72)

## **Espírito Divino**

Sendo formado pela “matéria” do Mundo do Espírito Divino, corresponde à “Vontade”, representando a mais elevada influência espiritual no homem.

## **Relação do homem com seus corpos**

No capítulo III da obra *Conceito Rosacruz do Cosmos*, relacionam-se as manifestações humanas com os veículos que lhe são próprios.

Como dissemos anteriormente, a evolução humana restringe-se aos cinco mundos citados (Mundo Físico, Mundo do Desejo, Mundo do Pensamento, Mundo do Espírito de Vida e Mundo do Espírito Divino), atuando em cada plano com os veículos correspondentes (corpo denso, corpo vital, corpo de desejos, mente, Espírito Humano, Espírito de Vida e Espírito Divino), os três últimos formando o Tríplice Espírito Humano ou Ego. O desenvolvimento humano atual limita-se aos três mundos mais inferiores (Mundo Físico, Mundo do Desejo e Mundo do Pensamento), com seus respectivos corpos.

A percepção do mundo externo e a execução da resposta (linhas aferentes e eferentes do impulso nervoso) são realizadas pelo intermédio destes veículos humanos. A captação das impressões externas através dos órgãos dos sentidos relaciona-se ao corpo vital; estas impressões geram sentimentos e emoções no corpo de desejos, atingindo a mente. Na posse deste conteúdo mental, elaboramos as conclusões sobre o estímulo inicial na Região do Pensamento Abstrato. Esta é a concepção rosacruz para a via aferente dos impulsos nervosos periféricos.

Através da vontade humana, proveniente do Espírito Divino, projetamos as ideias através da mente, que ao serem revestidas pela “matéria mental” da Região do Pensamento Concreto assumem a característica de “formas-pensamento”. Esse pensamento será vivificado com a “matéria de desejos”, sofrendo sempre a censura da consciência individual, atuando sobre o “cérebro etérico”, que projeta, através da força vital, o impulso ao cérebro físico, aos nervos e aos músculos. Este seria o caminho eferente do impulso nervoso proveniente do sistema nervoso central.

Segundo a concepção rosacruz, o “pensamento-forma”, originário da mente, tem o poder de influir sobre a mente de outro indivíduo, sugestionando-o.

Assim como vimos em outras concepções filosóficas estudadas, existem três tipos de memórias no ser humano (éter refletor). A *memória consciente* ou voluntária, constituída por “formas-pensamento” armazenadas na “mente consciente”, sendo utilizada pelo Espírito durante a vida física. A *memória subconsciente* ou involuntária, formada pelos “pensamentos-forma” emanados durante a atual existência da individualidade, armazenados na “mente subconsciente”, representando o “registro de vida atual” do indivíduo. Todas estas impressões da vida presente ficam arquivadas no éter do corpo vital e “serão o árbitro do destino do homem no estado *post-mortem*”. A recordação dos fatos da vida, na ordem cronológica inversa aos acontecimentos, relatada por inúmeros indivíduos em estado de coma e que atingiram as fronteiras da morte, provém da liberação do conteúdo desta memória subconsciente.

Como terceiro tipo de memória, existe ainda a *memória supra-consciente*, funcionando como um arquivo de vidas passadas de todas as características e atitudes do indivíduo, gravadas no Espírito de Vida. Manifestando-se como “consciência e caráter”, próprios do Espírito de Vida, pode manifestar-se como “intuição” sobre o éter refletor do corpo vital.

Reiterando a abordagem psicossomática do processo saúde-doença, a concepção rosacruz afirma que os pensamentos e os sentimentos possuem grande ascendência sobre a saúde orgânica, atribuindo ao corpo de desejos e à mente o papel de desgaste e destruição do corpo físico [daí pregar que a mudança de conduta psíquica e emocional (ética, moral) pode atuar como um fator de cura das enfermidades, como veremos a seguir]. Ao corpo vital deve-se a função de restaurar os tecidos orgânicos dos malefícios causados pela vida emocional e intelectual. Isto ocorre durante o sono físico, com o desligamento parcial da mente e do corpo de desejos, empregando o éter químico neste processo de regeneração.

“O centro principal do corpo de desejos está nos músculos e no sistema cérebro-espinhal, e como já sabemos, a energia que desprende uma pessoa quando trabalha em meio a uma grande excitação ou sob a influência da ira é um bom exemplo do que dissemos. Nesses momentos, todo o sistema muscular está em tensão e não há trabalho que esgote tanto o indivíduo como um ‘ataque de cólera’. Estes ataques, às vezes, podem deixar o corpo exausto durante semanas inteiras, pelo que vemos a necessidade de dominar o temperamento, evitando assim ao corpo denso os sofrimentos ocasionados pela ação desenfreada do corpo de desejos. Contemplando isto pelo ponto de vista oculto, toda consciência no Mundo Físico é o resultado da guerra constante entre o corpo vital e o corpo de desejos. A tendência do corpo vital é de abrandar, suavizar e construir. Sua principal expressão se encontra no sangue e nas glândulas, assim como também no sistema nervoso simpático, tendo permitido acesso à sede do corpo de desejos (os sistemas muscular e nervoso voluntário), quando começou a desenvolver o coração como músculo voluntário. A tendência do corpo de desejos é endurecer, solidificar e dar rigidez, e, por sua vez, invade os domínios do corpo vital, adquirindo domínio sobre o baço [...]. Se o corpo vital não fosse contido, construiria e construiria, utilizando todas as energias para esse fim. Não existiria nem consciência nem pensamento. Porém, o desenvolvimento da consciência ocorre graças à contenção e ao endurecimento das partes internas pelo corpo de desejos. Em um passado remoto, existiu um tempo em que exteriorizávamos as concreções, como fazem os moluscos atualmente, mantendo o corpo flexível, brando, elástico e sem ossos, porém, nesta época, também tínhamos a obscura e vaga consciência dos moluscos de hoje em dia. Antes de poder

evoluir, era necessário que retivéssemos essas secreções, e não é difícil comprovar que o desenvolvimento da consciência de qualquer espécie está em proporção direta com o desenvolvimento do esqueleto *interno*. O Ego deve dispor dos ossos sólidos, com sua medula semi-fluida e vermelha, a fim de poder formar os necessários glóbulos vermelhos para sua expressão. Esse é o desenvolvimento mais elevado do corpo denso.” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 98-9)

A união entre o corpo físico e os veículos superiores (corpo vital, corpo de desejos e mente) ocorre por intermédio do “cordão prateado” da visão ocultista. Rompendo-se esta ligação, advém a morte do corpo denso.

A concepção rosacruz correlaciona a formação e o desenvolvimento dos corpos sutis com os “setênios” de vida. No primeiro setênio, ocorre o crescimento e o amadurecimento do corpo vital, que até o nascimento correspondia ao “átomo-semente” do corpo vital, responsável pela plasmação do corpo denso. No segundo setênio, o corpo vital completamente formado atua na estrutura física, estimulando o crescimento rápido da mesma (éter químico). No terceiro setênio, ocorre o nascimento e a individualização do corpo de desejos, controlando o crescimento excessivo do corpo denso e empregando as forças vitais (éter de vida) para o amadurecimento dos órgãos sexuais na puberdade. Nesta época, as possibilidades latentes da mente embrionária começam a se desenvolver, emitindo pensamentos individuais (originais). Próximo aos vinte e um anos (4º setênio), o Ego adquire o domínio completo sobre os demais veículos, “pela produção de sangue individual e por meio do calor do mesmo sangue, dependentes do pleno desenvolvimento do Éter de Luz”. Por isso, essa época é considerada como “maioridade”, estando o indivíduo capacitado a responder pelos seus próprios atos.

## Causa das enfermidades

Segundo a concepção rosacruz, a enfermidade é um “fogo invisível” que busca “desintegrar as cristalizações que se formaram no corpo físico”, em consequência da violação das leis da Natureza.

Como causa das desordens mentais, do câncer e da loucura, cita o “abuso das funções criadoras em vidas passadas”, impregnando o corpo de desejos com paixões destruidoras e plasmando o sistema nervoso e outras estruturas do futuro corpo (reencarnação futura) com essas energias desagregadoras. Por outro lado, “o abuso dos poderes mentais numa vida levam à invalidez física em uma existência posterior”.

Como fator de desenvolvimento da insanidade e de outras doenças, cita a “ruptura na cadeia de veículos entre o Ego e o corpo físico”, podendo ocorrer “entre os centros cerebrais e o corpo físico, ou entre o corpo vital e o corpo de desejos, ou entre o corpo de desejos e a mente, ou entre a mente e o Ego”.

Não situa a causa das enfermidades no corpo vital, direcionando terapêuticas específicas para reequilibrar a força vital, como vimos em concepções analisadas anteriormente, priorizando as noções filosóficas e espirituais do entendimento das doenças no lugar dos métodos de tratamento.

## Cura das enfermidades

Pelas causas profundas das enfermidades, segundo a concepção rosacruz, relacionarem-se à “violação das leis da Natureza”, a “cura definitiva” das mesmas ocorrerá apenas quando a raiz do problema for atingido, ou seja, quando nos “purificarmos de todo egoísmo e interesse pessoal” através da Evangelização.

“Até que a vida de Cristo nos ilumine por dentro, não podemos nem compreender nem seguir as leis da Natureza, e, por conseguinte, contraímos enfermidades por nossa ignorante violação dessas leis. Para empregar as palavras de Émerson, poderíamos dizer que uma pessoa enferma é uma íbis no ato de ser pega em flagrante: violou as leis da Natureza. Por esta razão, é necessário que o Evangelho de Cristo seja pregado a todos, que cada um de nós aprenda a amar a Deus com todo nosso coração e toda nossa alma, e a nossos irmãos como a nós mesmos, porque todo o infortúnio do mundo, o reconheçamos ou não, provem de um só e único fato: nosso egoísmo. [...]” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 46-7)

Esclarece a diferença entre *curar* e *sanar*, frisando que para a cura definitiva se estabelecer (*sanar*) deve haver a cooperação e o esforço do doente, no sentido de alterar seu comportamento perante as leis da Natureza, ou seja, que mude sua conduta moral e espiritual, dominando suas propensões de natureza inferior.

“A grande maioria das pessoas não faz distinção alguma entre curar e sanar e, portanto, não seria exagero explicar a diferença, que consiste, principalmente, na cooperação ou falta dela. Uma pessoa pode curar a outra com massagens, drogas, etc., mantendo-se, nestes casos, o paciente numa atitude passiva, como a argila nas mãos do oleiro. Com tais tratamentos, não há dúvida alguma, que podem desaparecer as afecções tratadas e pode o enfermo restabelecer-se; porém, geralmente, seu restabelecimento não é mais do que temporário, porque não recebeu a devida apreciação das causas reais de sua enfermidade e não compreende que ela é a consequência da violação das leis da Natureza, sendo, portanto, muito fácil que prossiga fazendo coisas semelhantes novamente, como resultado de que a mesma ou outra doença volte a afligi-lo. A cura é um processo físico. *Sanar* é radicalmente diferente, porque neste caso se exige que o paciente coopere espiritual e fisicamente com o sanador.” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 80-1)

Como métodos específicos de tratamento das enfermidades, além das drogas usuais, os rosacruzes empregam a “ciência da nutrição”, a “astrologia”, a “indução durante o sono”, a “imposição de mãos” e a “reeducação mental e moral”, entre outros.

Quanto à *alimentação*, optam por uma dieta vegetariana, por acreditarem que os alimentos (proteínas) de origem vegetal são mais facilmente digeridos e assimilados pelo “espírito interno”, liberando uma grande quantidade de éter para renovar nossas forças vitais e restabelecer a saúde orgânica, contrariamente aos alimentos (proteínas) de origem animal, que exigem um maior esforço do Ego para assimilá-los e por liberarem uma quantidade mínima de éter, que será utilizado pelo nosso corpo vital na manutenção do corpo físico. Encontramos certa analogia nas correntes patológicas que criticam a administração excessiva de vacinas (proteínas animais) para crianças que apresentem um sistema imunológico ainda imaturo, sobrecarregando-o e causando danos ao organismo. Lembremos que o sistema imunológico, com sua capacidade de reconhecer o que é próprio (self) ou não-próprio (non-self), representa uma das mais importantes manifestações da Individualidade Humana (Ego).

“A lei de assimilação diz que nenhuma partícula pode fazer parte do organismo, a menos que suas forças sejam completamente vencidas pelo espírito interno, o qual deve governar absolutamente o corpo, como um perfeito autocrata, dominando a vida das células, pois, pelo contrário, estas progrediriam cada uma por si, como ocorre quando o Ego abandona o corpo físico. É evidente que quanto mais obscura seja a consciência de uma célula, tanto mais fácil será sobrepor-se a ela e tanto mais tempo permanecerá submissa. Os diferentes reinos possuem distintos veículos e, por conseguinte, consciências diversas. O mineral só possui o corpo denso, e sua consciência assemelha-se ao transe profundo. O mais fácil seria, naturalmente, comer alimentos do Reino Mineral, porque suas células permaneceriam no corpo por um tempo maior, evitando-se a necessidade de comer tanto. Porém, por desgraça, o organismo humano vibra com tal intensidade que não pode assimilar, diretamente, as inertes substâncias minerais. [...] As plantas possuem um corpo vital e outro denso, que lhes permite realizar este trabalho, sendo sua consciência um sono profundo, sem sonhos. Desta maneira, é fácil ao Ego vencer as células vegetais e mantê-las submissas por longo tempo: daí o grande poder sustentador dos vegetais. Nos alimentos animais, as células individualizaram-se muito mais, e como o animal possui um corpo de desejos que lhe dá uma natureza passional, é fácil compreender que, ao comer carne, é muito mais difícil vencer essas células, cuja consciência é similar à do sono com sonhos, e, ademais, essas partículas não permanecerão muito tempo sujeitas, por cujo motivo a alimentação carnívora exige maiores quantidades e refeições mais frequentes do que a dieta vegetal ou frutífera. [...] Tanto as frutas como os vegetais em geral são, por sua mesma natureza, de decomposição muito lenta, e cada partícula contém uma enorme quantidade de éter que a mantém viva e fresca durante longo tempo, enquanto que o éter que interpenetra a carne, que compunha o corpo do animal, desapareceu juntamente com o espírito que o animava, ao ocorrer a morte. [...] No crânio, na base do cérebro, existe uma chama. Arde continuamente na medula oblonga, na parte superior da medula espinal, e como o fogo do altar do tabernáculo, é de origem divina. Este fogo emite um som como um zumbido de uma abelha, o qual constitui a nota chave do corpo físico, tal como o faz ressoar o arquétipo. É ele que constrói e cimenta as massas de células que conhecemos como ‘nosso corpo’. Este fogo arde com chama alta ou baixa, clara ou opaca, conforme o alimentemos. O fogo existe em toda a Natureza, com exceção do Reino Mineral. O mineral não tem corpo vital e carece, portanto, da avenida ou condutor para o ingresso do espírito vivente, o fogo. Este fogo, renovamos parcialmente com as forças do Sol que penetram no corpo vital através da contraparte etérica do baço, passando de lá para o Plexo Solar, aonde se colore, dirigindo-se para cima pelo sangue. Também alimentamos esse fogo com o Fogo vivente que absorvemos dos alimentos crus que comemos e assimilamos.” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 100-3)

Segundo o citado acima, como veremos de forma análoga na Doutrina Espírita, o *Ego* ou “espírito vivente” aloja-se “no crânio, na base do cérebro”, na forma de uma “chama”.

Referindo-se à *Astrologia*, os rosacruzistas a empregam para “ver quais são os momentos propícios para a administração das drogas, dando as ervas adequadas e no tempo devido”, como o fazia Paracelso. Aprofundando-se no assunto, Heindel tece comentários sobre a relação do corpo e seus órgãos com os raios cósmicos emitidos pelos planetas de nosso Sistema Solar, desde a sua formação até as causas de saúde e enfermidade.

“A maneira de descobrir as peculiaridades do espírito que mora no corpo do paciente consiste em calcular seu horóscopo e ver quais são os momentos propícios para a administração das drogas, dando as ervas adequadas e no tempo devido. Paracelso fazia assim, e sempre tinha êxito com seus pacientes: nunca se equivocava. Atualmente, existem pessoas que utilizam a Astrologia com esse objetivo, e o autor, em muitíssimos casos, apelou



a ela para diagnosticar. Sempre pôde prever as crises no estado do paciente, passadas, presentes e futuras, podendo administrar alívio às pessoas que sofriam de distintas enfermidades. Só com esses fins deveria utilizar-se a Astrologia, e jamais degradá-la para adivinhar o futuro e ganhar dinheiro, porque, como todas as ciências espirituais, só deve ser empregada em benefício da humanidade, sem nenhuma consideração mercenária. Existem sete esferas, os planetas de nosso Sistema Solar, e cada uma delas emitem sua própria nota ou som, que é distinto do de qualquer outro corpo celeste. Um ou mais deles vibram em sincronia particular com a semente atômica do Ego que está buscando sua encarnação. Este planeta corresponde então à tônica da escala musical, e embora todas as notas de todos os planetas são necessárias para construir completamente o organismo, cada corpo se modifica e se conforma com o impacto básico dado pelo planeta mais harmônico, que se converte assim no regente dessa vida. O mesmo que ocorre com a música terrestre, passa também com a celeste, na qual há harmonias e dissonâncias, e todas elas se chocam com a semente atômica e a ajudam a formar o arquétipo. Assim se formam linhas vibratórias de energia, que mais tarde atraem e ajustam as partículas físicas, como os grãos de areia se distribuem em figuras geométricas ao passar um arco de violino por um pratinho de bronze. O corpo físico se forma mais adiante, seguindo estas linhas vibratórias arquetípicas, e desta maneira expressará exatamente a harmonia das esferas, tal como ressonava no período de sua construção. Sem dúvida, este período é muito maior do que o da gestação material, e varia de acordo com a complexidade da estrutura requerida pela vida ao buscar manifestação física. O processo da construção do arquétipo tampouco é contínuo, porque sob o influxo dos planetas que emitem sons e que não encontram ressonância na semente atômica, essas vibrações simplesmente passam sobre ela, ficando à espera de um novo som que possa empregar para seguir formando o organismo mediante o qual vai se expressar. Assim, podemos ver que estando modelado o organismo terrestre que cada um de nós habita, de acordo com as linhas vibratórias produzidas pelo som das esferas, as discordâncias que expressamos como enfermidades são provocadas, em primeiro lugar, pelas discordâncias espirituais internas. E também é evidente que se buscamos obter um conhecimento exato das causas diretas dessas discordâncias e remediá-las, as manifestações físicas das mesmas desaparecerão prontamente. Esta informação se consegue mediante o horóscopo natal, porque nele cada planeta, em sua casa e signo, expressa harmonia e discordância, saúde ou enfermidade. Portanto, todos os sistemas curativos são adequados somente na medida em que se tomem em consideração as harmonias e as discórdias estelares expressas pela Roda da Vida: o horóscopo.” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 115-7)

Como já dissemos anteriormente, durante o *sono natural*, com a retirada dos demais veículos superiores, o corpo vital atua sobre o corpo físico restabelecendo-o do desgaste diário. Nestes momentos, podemos influir sobre o indivíduo, emitindo pensamentos e ideias benéficas ao seu restabelecimento, seja de ordem física ou moral. Semelhantemente, algumas técnicas modernas utilizam o “estado alfa de relaxamento”, que corresponde ao *nível de consciência* dos momentos anteriores ao sono físico, para através de exercícios práticos desenvolverem o poder da mente.

“Durante o dia, o corpo vital especializa o fluido solar incolor que nos rodeia através do baço. Esta vitalidade impregna todo o corpo, e pode ser contemplada clarividentemente como um fluido de cor rosa pálido, uma vez que seja transmutada e apropriada pelo corpo físico. Flui por todos os nervos, e quando é irradiada pelos centros cerebrais, particularmente em grandes quantidades, move os músculos comandados por estes nervos. Se pode dizer que o corpo vital está formado por pontas que apontam em todas as direções: para dentro, para fora, para cima, para baixo e por todo o corpo, penetrando cada uma dessas minúsculas pontinhas até o centro de cada um dos átomos químicos e fazendo-os vibrar com maior intensidade do que seria natural. Este corpo vital interpenetra o corpo desde o nascimento até a morte, em todos os momentos, exceto quando a circulação do sangue se detém em alguma parte, como quando apertamos o braço contra a borda de uma mesa e se nos ‘dorme’ a mão.

Segundo a visão clarividente, veremos que a mão fica como uma luva, e os átomos químicos da mão voltam ao seu ritmo vibratório lento que lhes é normal. Quando golpeamos a mão para ‘despertá-la’, sentimos uma espécie de formigamento, causado por estas diminutas pontinhas ao penetrar novamente os átomos adormecidos da mão, colocando-os outra vez em intensa vibração. O corpo vital também abandona o corpo denso da mesma maneira ao morrer a pessoa. [...] Pela noite, sobrevêm um tempo em que as pontas do corpo vital já não obtêm toda a quantidade necessária do fluido vitalizado (oriundo do Sol), e então se encolhem e os átomos do corpo vibram com dificuldade. Isto produz a sensação de cansaço, de pesadez e fadiga que sente o indivíduo. Por último, chega o momento em que o corpo vital sofre como que um colapso, e as vibrações do corpo denso se tornam tão lentas que o Ego já não pode mover o corpo. Então, se vê obrigado a retirar-se para que os veículos possam se restabelecer. Então dizemos que o corpo está dormindo. [...] No sono natural, o Ego, envolto pela mente e pelo corpo de desejos, abandona o corpo físico e geralmente flutua sobre o corpo, ou, pelo menos, permanece muito próximo dele, unido ao mesmo pelo cordão prateado, enquanto o corpo vital e o denso descansam no leito. Então é possível influir sobre a pessoa, instilando em seu cérebro pensamentos e ideias que desejamos comunicar-lhe. Sem dúvida, nesses casos, não podemos obrigá-la a fazer nada ou aceitar outras ideias que não estejam em harmonia com suas próprias tendências. [...] Em realidade, este método de sugestão durante o sono é algo muito útil que as mães encontraram para tratar seus filhos refratários a outros métodos, porque se a mãe se senta ao lado da cama do filho, lhe toma a mão e lhe fala como se estivesse desperto, poderá infundir nele as ideias que desejaria que tenha quando estiver desperto, e verá que em muitíssimos casos essas ideias se arraigarão em seu filho facilmente. Também este sistema é muito útil quando se trata de uma pessoa enferma ou adicta à bebida, e se a mãe e os enfermeiros utilizam este método, verão que é possível infundir esperança e até curar os pacientes, ajudando-lhes no restabelecimento ou a recuperar o domínio de si mesmos.” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 133-5)

Em relação à *imposição de mãos* ou *mesmerismo*, os rosacruzes utilizam tanto a transfusão de energia benéfica ao paciente (*mesmerismo positivo*), quanto a retirada da energia malsã (miasmas) do organismo enfermo através do *mesmerismo negativo*.

“Existem duas dificuldades muito comuns na prática da osteopatia e outros sistemas similares, para o tratamento mediante a imposição de mãos. Neste procedimento, há que distinguir duas operações distintas. A primeira é a de extrair do paciente algo que é venenoso ou daninho, que é o que provoca a enfermidade. E, depois, está a infusão de energia vital pelo próprio médico. Qualquer pessoa que tenha feito algum trabalho desta classe sabe disto porque o experimentou, como experimentou o médico que tenha tido êxito. No entanto, a menos que o médico tenha uma saúde radiante, podem ocorrer duas coisas: ou os miasmas humanos extraídos do paciente podem contaminá-lo ou vencê-lo, absorvendo assim o estado do enfermo, ou pode infundir no paciente demasiada quantidade de sua própria força vital, e ficar completamente debilitado. Às vezes ocorrem as duas coisas simultaneamente, e então chega um dia em que o médico se encontra esgotado e se vê obrigado a descansar. [...] As seguintes indicações são de muito valor para evitar coisas tão indesejáveis. Primeiramente, fixe a atenção e o pensamento de tal maneira que não permita que os eflúvios miasmáticos que saem do corpo do paciente penetrem em nosso corpo acima dos cotovelos; em segundo lugar, enquanto se está administrando o tratamento, abandone o paciente de vez em quando e lave as mãos em *água corrente se for possível*, porém em todos os casos deve lavar-se em água e trocá-la com tanta frequência quanto se possa. A água tem um efeito duplo. Em primeiro lugar, os eflúvios que saem do corpo do paciente têm uma grande afinidade com a água. Em segundo lugar, a umidade que fica nas mãos do operador permite extrair os miasmas do paciente numa proporção muito maior do que se estivessem secas. [...] Por tudo isto, é evidente que a imposição de mãos é algo que não deve ser feita de forma dispersa, e só devem praticá-la as pessoas que tenham sido devidamente exercitadas em escolas

osteopáticas, quiropráticas, etc. Os discípulos provacionistas, que levam uma existência meritória, são exercitados sob a direção dos Irmãos Maiores.” (*Principios Ocultos de la Salud y Curación*, Heindel, p. 158-9)

## Conclusões

Conforme pudemos observar, o *corpo vital* dos conceitos rosacruz corresponde ao “*Linga Sharira*” ou “duplo etérico” da concepção hindu-teosófica, ao “*chi*” circulando nos meridianos de energia da Medicina Tradicional Chinesa (MTC) e ao “corpo vital” da concepção homeopática, com as mesmas propriedades descritas anteriormente (irracional e instintivo; unido integralmente ao corpo físico; servindo de molde plasmador ao mesmo; etc.).

Mudando-se apenas as terminologias, enquanto o duplo etérico é constituído pelo *prâna*, o corpo vital é composto pelo *éter*, com quatro tipos diferentes (químico; de vida; de luz; refletor), cada qual relacionado a uma propriedade do corpo vital (crescimento; reprodução; manutenção do calor interno e captação das sensações externas; manifestação do pensamento e memória). Este éter provém do Sol, sendo captado pelo baço, órgão do corpo vital.

Semelhante ao duplo etérico hindu, o corpo vital funciona como intermediário entre o corpo físico e os demais veículos sutis, levando as sensações do mundo externo às entidades (corpos) superiores da Individualidade humana, assim como os sentimentos e os pensamentos do corpo de desejos e da mente, respectivamente, ao corpo denso.

O *corpo de desejos* da concepção rosacruz corresponde ao “*Kama*” ou “corpo astral” da concepção hindu-teosófica e à “alma inferior” da MTC. Com as mesmas propriedades das demais concepções, expressa os sentimentos e as paixões do homem, funcionando de ponte entre o corpo vital e a mente, através do qual circulam as sensações externas e os pensamentos. Enquanto no modelo hindu-teosófico é o responsável pelos “hábitos” e tendências adquiridas ao longo dos tempos, no pensamento rosacruz esta propriedade corresponde ao corpo vital. Tem como morada no corpo físico o fígado.

Ao conjunto corpo denso, corpo vital e corpo de desejos denomina-se *personalidade*, correspondendo à “tríplice entidade inferior” ou “eu inferior” da concepção hindu-teosófica.

A *mente* da terminologia rosacruz corresponde ao “*Manas inferior*” ou “corpo mental” do pensamento hindu-teosófico, ao “tesouro das ideias ou inteligência” da MTC e à “mente” da visão homeopática. Esta *faculdade de pensar* individualiza o ser humano, diferenciando-o dos demais Reinos da Natureza. A mente é o veículo utilizado pelo Ego para concretizar no meio físico as ideias emanadas pelo Espírito, através dos pensamentos concretos. Emanada pela mente, a substância imaterial chamada de *pensamento-forma* atinge e influencia outras individualidades, como o som atinge e faz vibrar o tímpano dos nossos ouvidos.

A entidade hierarquicamente superior à mente é o *Espírito Humano*, ou primeiro aspecto do *Tríplice Espírito Humano*, *Eu Superior* ou *Ego*, sendo plasmado pela substância originária da Região do Pensamento Abstrato (Mundo do Pensamento). Corresponde ao “*Manas superior*” ou “Corpo Causal” da concepção hindu-teosófica, à “Alma ou Faculdades Espirituais” da MTC e ao termo genérico “Espírito ou Alma” da concepção homeopática. É dele que se originam as ideias ou pensamentos abstratos e é

ele que plasma os demais veículos inferiores, utilizando-se da “substância” respectiva a cada plano de origem.

Como segundo aspecto da *Tríplice Entidade Superior*, temos na concepção rosacruz o *Espírito de Vida*, formado pela substância do Mundo do Espírito de Vida, assemelhando-se ao “*Buddhi*” ou “Corpo de Beatitude” da conceituação hindu-teosófica. Representando o *caráter* e a *consciência* do indivíduo, manifesta-se como *memória supra-consciente* ou *intuição*.

Assemelhando-se ao “*Atma*” (“Divina Consciência”) da concepção hindu-teosófica, ao “Espírito Divino ou Consciência Moral” (Consciente de Freud) da MTC e ao “Espírito ou Alma” do pensamento homeopático, temos o *Espírito Divino* da concepção rosacruz. Representa o terceiro aspecto do *Tríplice Espírito Humano* ou *Ego*, pertencendo ao plano máximo da ascensão humana (Mundo do Espírito Divino). Manifesta-se como *Vontade* no ser humano.

Ao conjunto *Espírito Humano*, *Espírito de Vida* e *Espírito Divino* denomina-se *Ego* ou *Tríplice Espírito Humano*, que corresponde ao “Eu Superior” ou “Tríplice Entidade Superior” da concepção hindu-teosófica.

## **Referências bibliográficas**

Heindel, Max. *Conceito Rosacruz do Cosmo ou Cristianismo Místico*. 2ª ed. São Paulo: Fraternidade Rosacruz, 1977. Tradução de “The Rosicrucian Cosmo-Conception”.

Heindel, Max. *Principios Ocultos de la Salud y Curación*. 6ª ed. Buenos Aires: Editorial Kier S. A., 1979. Tradução de “Occult Principles of Health and Healing”.

Westcott, William Wynn. *Maçonaria e Magia - Antologia de escritos rosa-cruzes, cabalísticos e maçônicos de W. Wynn Wescott, fundador da ordem hermética “Golden Dawn”*. São Paulo: Editora Pensamento, 1995. Tradução de “The Magical Mason”.



## A Natureza Imaterial do Homem segundo a Medicina Antroposófica

## Sumário

|   |     |
|---|-----|
| Introdução  | 233 |
| Desenvolvimento   | 236 |
| Os três mundos  | 236 |
| Reinos da Natureza e entidades humanas                    | 238 |
| Natureza imaterial do homem                               | 239 |
| Corpo etéreo (etérico) ou corpo vital                     | 239 |
| Corpo astral (corpo anímico-sensitivo e alma da sensação) | 241 |
| Alma do Intelecto ou Organização do Eu                    | 242 |
| Alma da Consciência e Personalidade Espiritual            | 243 |
| Espírito Vital e Homem-Espírito                           | 244 |
| Aura humana   | 245 |
| Relação entre os corpos sutis                             | 246 |
| Causas e cura das enfermidades                            | 250 |
| Conclusões  | 253 |
| Referências bibliográficas                                | 255 |



## Introdução

Ao abordarmos a relação da **Medicina Antroposófica** com os corpos sutis humanos, importa tecermos um breve comentário sobre a **Antroposofia**, doutrina de cunho espiritual de onde aquela provém.

O criador da Antroposofia foi Rudolf Steiner (1861-1925), estruturando no início do século XX as bases para a mesma se desenvolver. Vale ressaltar que Steiner fazia parte do movimento teosófico alemão, desempenhando cargos importantes na Sociedade Teosófica da Alemanha, da qual se desligou para formar o movimento espiritual denominado Antroposofia, que originou, futuramente, a Sociedade Antroposófica. Segundo diversos relatos, a causa do seu desligamento foi a discordância da decisão de Annie Besant (C. W. Leadbeater), que ocupava a presidência da referida entidade, em escolher Jiddu Krishnamurti, filósofo, escritor e educador indiano, como o novo “Messias” da Humanidade.

Desde então, passou a desenvolver suas próprias ideias, a partir do embasamento teosófico e rosacruz que possuía e da capacidade clarividente que lhe era própria. Intitulando-se uma *Ciência Espiritual*, a Antroposofia traz concepções próprias em relação a diversas áreas do conhecimento humano, da Agricultura (Agricultura Biodinâmica) à Pedagogia (Pedagogia Waldorf), passando pela Medicina (Medicina Antroposófica).

A concepção imaterial do homem assume importante papel no modo de entender as doenças e atuar terapêuticamente da Medicina Antroposófica, que se propõe a *tratar as disfunções existentes na relação entre os veículos sutis da constituição humana*, promotoras dos distúrbios orgânicos. Lembremos que a Homeopatia, criada por Hahnemann em 1796, atribuía ao desequilíbrio da “força vital” a causa das doenças, e propunha um tratamento para as mesmas através de estímulos medicamentosos que restituíssem a ordem vital.

A título de esclarecimento, importa traçarmos as diferenças fundamentais entre a Medicina Antroposófica e a Homeopatia, confundidas indistintamente pelo leigo.

A Homeopatia é um *método terapêutico de caráter experimental*, reproduzido ao longo de mais de dois séculos de existência, que visa estimular o organismo a buscar o seu equilíbrio dinâmico, atuando através de *medicamentos dinamizados* (diluídos e sucussionados), geralmente *administrados em forma única*, segundo o **princípio da similitude**, que se fundamenta na *experimentação patogenética dos medicamentos nos indivíduos sadios*. (Vide [Semelhante cura semelhante: o princípio de cura homeopático fundamentado pela racionalidade médica e científica](#))

Por outro lado, a Medicina Antroposófica é um método terapêutico que se utiliza de inúmeros medicamentos empregados pela Homeopatia, além de outros produzidos segundo princípios próprios, utilizados, comumente, em formas combinadas (complexos), segundo uma *metodologia de cunho filosófico-espiritual*, que se propõe a avaliar e tratar o desequilíbrio da inter-relação dos corpos imateriais do homem.

Enquanto a Homeopatia direciona seu tratamento ao desequilíbrio da força vital, como manifestação do desequilíbrio global entre o corpo material e as demais entidades humanas, a Medicina Antroposófica se propõe a atuar diretamente na ligação entre os distintos veículos sutis e o corpo físico, através dos seus medicamentos.

Como foi exposto no início desta obra, no capítulo em que discorreremos sobre a “Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann”, a Homeopatia pretende atuar na *unidade substancial constituída pelo corpo físico e a força vital*, tornando-se demasiadamente pretenciosa, a nosso ver, a intenção de alguns colegas homeopatas em atingir estruturas superiores da individualidade (como a Personalidade ou a Alma, por exemplo), potencialidades humanas que são modeladas e incorporadas gradativamente ao longo dos séculos da evolução humana, e que não poderiam ser modificadas, como num passe de mágica, pela simples administração de um estímulo externo, medicamentoso ou não. Some-se a isto a própria natureza dos medicamentos homeopáticos, que por mais imateriais que possam parecer, são ainda um tanto grosseiros para atingirem a sutileza da “matéria” que forma estas Entidades Superiores da individualidade humana.

A Homeopatia, como qualquer outra terapêutica que pretenda atingir estruturas mais íntimas do ser, deve se vangloriar em conseguir *diminuir as diversas suscetibilidades que levam o indivíduo a adoecer*, **reflexo da manifestação excessiva ou deficitária das características pessoais e idiossincrásicas**, minimizando com isso as influências externas que podem piorar o seu quadro natural, permitindo à unidade psicossomática humana um restabelecimento saudável e um desenvolvimento gradual de suas potencialidades. *A priori*, nenhuma característica intrínseca da Personalidade ou Alma humana será modificada com o tratamento homeopático, buscando-se, isto sim, uma aproximação da forma ideal de manifestação das mesmas, diminuindo os “exageros da personalidade e da mentalidade”, tornando mais clara a percepção dos fatos e mais tranquila a manutenção da vida.

Funcionando como uma ponte entre a unidade física e as entidades anímicas (alma sensitiva, alma intelectual), a força vital desequilibrada irá gerar uma “transmissão defeituosa” entre o corpo físico e a alma, ocasionando distúrbios na compreensão dos conteúdos interiores e na captação dos estímulos externos. Com o restabelecimento da ordem vital, apesar dos fatores externos não se alterarem, a alma humana recebe os estímulos exteriores na proporção e na intensidade real, reagindo aos mesmos conforme a verdadeira suscetibilidade exija. Assim sendo, a entidade orgânica é protegida do excesso de influências superiores, psíquicas e/ou emocionais, que perturbam o seu equilíbrio fisiológico.

Se os nossos “óculos internos” (visão interior ou suscetibilidade) apresentam suas lentes embaçadas, não podemos enxergar com nitidez o mundo que se nos apresenta, reagindo ao mesmo de uma maneira desproporcional à realidade. Nesta forma anormal de captação e reação a qualquer estímulo externo, de ordem psíquica, emocional, ambiental, climática, etc., podemos definir o adoecer segundo a concepção homeopática.

Segundo a Medicina Antroposófica, a ligação excessiva entre o corpo astral (sentir) e/ou a organização do Eu (pensar) ao corpo físico, gera manifestações emocionais e psíquicas exacerbadas (distúrbios da personalidade e da mentalidade humana), promovendo o adoecer orgânico. Com o tratamento antroposófico, *busca-se afrouxar a*

**ligação** entre estas entidades superiores e o organismo material, **sem modificar o conteúdo das mesmas**. Por outro lado, o fortalecimento do corpo etérico ou vital, estrutura intermediária entre os veículos citados, também faz parte da conduta terapêutica antroposófica.

Após este questionamento pessoal sobre o limite a se atingir com uma determinada terapêutica, voltemos ao esclarecimento da natureza imaterial do homem segundo a Antroposofia.

A constituição imaterial do homem que iremos estudar é a seguinte: *Corpo Etéreo* ou *Vital*; *Corpo Anímico-Sensitivo* e *Alma da Sensação (Corpo Astral)*; *Alma do Intelecto (Organização do Eu)*; *Alma da Consciência* e *Personalidade Espiritual*; *Espírito Vital* e *Homem-Espírito*.

Simplificando, teríamos em ordem hierárquica ascendente: *Corpo Físico / Corpo Vital / Corpo Astral / Eu (Alma do Intelecto e Alma da Consciência) / Personalidade Espiritual / Homem-Espírito*.

O *Eu* corresponde ao binômio *Alma do Intelecto* e *Alma da Consciência*, semelhante ao *Manas* hindu.

Ao conjunto das entidades *independentes* e *autônomas* classificadas como *Alma da Sensação*, *Alma do Intelecto* e *Alma da Consciência* denomina-se *Alma Humana*. A *aura humana* é a irradiação que emana destas entidades, assumindo distintos matizes de cores e formas ao olhar clarividente.

Dessa classificação anímica, origina-se a noção tríplice da estrutura humana, comumente utilizada:

- Corpo (corpo físico e corpo vital);
- Alma (alma da sensação, alma do intelecto e alma da consciência);
- Espírito (Personalidade Espiritual e Homem-Espírito)

Como ressalva que se repete ao longo das várias partes desta obra, este capítulo visa mostrar *conceitos gerais* sobre o modelo antropológico antroposófico, na tentativa de traçar uma comparação entre os diversos sistemas que discorrem sobre a imaterialidade humana, estando referendadas as obras de interesse ao leitor que deseje se aprofundar no assunto.

## Desenvolvimento

### Os três mundos

Enquanto algumas concepções filosóficas analisadas dividem os mundos ou planos suprafísicos em sete grupos distintos, a Antroposofia, além do mundo físico e corpóreo do qual o ser humano retira as matérias e forças que constituem a unidade físico-etérea, considera apenas outros dois mundos: o *Mundo Anímico* e o *Mundo Espiritual*.

Assim como a concepção rosacruz divide o “Mundo dos Desejos” em sete subdivisões, sendo três superiores (Região da Vida Anímica, Região da Luz Anímica e Região do Poder Anímico), três inferiores (Região da Paixão e do Desejo Sensual, Região da Impressionabilidade e Região dos Desejos) e uma intermediária (Região do Sentimento), a Antroposofia distingue no *Mundo Anímico* três regiões inferiores, uma intermediária e três superiores, a saber, respectivamente: 1) *Região das ânsias ardentes*; 2) *Região da excitabilidade fluida*; 3) *Região dos desejos*; 4) *Região do prazer e desprazer*; 5) *Região da luz anímica*; 6) *Região da energia ativa da alma*; 7) *Região da vida anímica*.

Em ambas concepções, entende-se que destas regiões emana a “substância anímica”, que irá plasmar todo tipo de manifestação da alma, ou sejam, *as paixões ou ânsias ardentes, as impressões, os desejos, os prazeres, os sentimentos, as emoções, etc.* Assim como as forças de “atração” e “repulsão” imperavam no “Mundo dos Desejos” do modelo rosacruz, no modelo antroposófico as forças de *simpatia* e *antipatia* atuam na substância anímica, plasmando as diversas manifestações supracitadas. Analogamente, citemos o conceito “Yin-Yang” da concepção taoísta e da MTC.

“Assim como as matérias e forças que regem e compõem nosso estômago, coração, pulmão e cérebro, etc., procedem do mundo corpóreo, nossas características psíquicas, nossos instintos, apetites, sentimentos, paixões, desejos, emoções, etc., provêm do mundo anímico. A alma do homem é parte integrante desse mundo anímico, como seu corpo é do mundo físico e corpóreo. Uma distinção inicial entre os mundos físico e anímico é que este último é muito mais tênue, mutável e plástico que o primeiro. [...] Enquanto as formações corpóreas se caracterizam por extensão e movimento espacial, os seres e entidades anímicas se caracterizam por excitabilidade e cobiça. Por isso, o mundo anímico é também chamado mundo das ânsias ou mundo dos desejos, ou ainda, mundo das ‘apetências’ - *Welt des Verlangens*. Esses termos provêm da esfera anímica do homem. [...] No mundo anímico vigem leis totalmente diversas das do físico. Verdade é que muitas formas anímicas se vinculam às dos outros mundos. Assim, a alma do homem está ligada ao corpo físico humano e ao espírito humano. Os processos que nela se operam sofrem simultaneamente a influência dos mundos físico e espiritual. Esse fato deve ser levado em conta na observação do mundo anímico, e não se devem tomar por leis anímicas as que provêm da influência de outro mundo. Assim, quando um homem concebe um desejo, este último tem por veículo uma representação do espírito, cujas leis o regem. Se podemos estabelecer as leis do mundo físico fazendo abstração das influências que, por exemplo, o homem exerce sobre seus processos, também o podemos, de certo modo, com as do mundo anímico. [...] Quem quer orientar-se no mundo anímico deve, antes de tudo, aprender a distinguir as várias categorias de formações do mesmo, fazendo-o como no mundo físico quando distingue sólidos, líquidos e gasosos. Para tal, é preciso conhecer duas forças fundamentais que são aqui da

maior importância. Podemos chamá-las *simpatia* e *antipatia*. É o modo pelo qual essas forças fundamentais atuam numa formação anímica que determina a categoria desta última. Por *simpatia* deve-se entender a força pela qual uma forma atrai outras, busca mesclar-se e mostrar-se afim com elas. *Antipatia* é a força oposta, de repulsa entre as formas anímicas, com a qual estas últimas afirmam suas identidades separadas. [...] Distinguem-se três espécies de formas anímicas (*ânsias ardentes, suscetibilidade fluida e substância-desejo*), conforme a função da simpatia e da antipatia. E essas categorias diferem entre si pelas proporções recíprocas bem definidas em que nelas se encontram a simpatia e a antipatia. Em todas as três existem *ambas* as forças fundamentais. [...] Graus mais elevados de substância anímica caracterizam-se por estar-lhes de todo ausente uma das forças fundamentais, a antipatia, permanecendo apenas a simpatia como fator atuante. [...] A força da simpatia no interior de uma forma anímica exprime-se naquilo a que se chama *prazer*. O desprazer é somente um prazer diminuído, como o frio é somente um calor diminuído. Prazer e desprazer são aquilo que vive no homem como mundo das *emoções*. O *sentir* é o entrosar-se da alma em si mesma. Do modo pelo qual os sentimentos de prazer e desprazer se entrosam dentro da alma, depende o que se chama *bem-estar* da alma. Um grau ainda superior é o das formas anímicas cuja simpatia não permanece encerrada nos confins da vida particular. Estas formas, que constituem o quarto grau, são distintas das outras, pois que nelas a força da simpatia não tem nenhuma antipatia antagonista a superar. [...] *Luz anímica, força ativa da alma* e *autêntica vida anímica*, num sentido mais restrito, pertencem a essas regiões, e destas se comunicam aos seres anímicos.” (*Teosofia*, Steiner, p. 44-8)

Após a morte do corpo físico, o binômio alma-espírito passa por estas regiões em direção ao mundo espiritual, permanecendo mais intensamente ligado àquelas esferas que apresentem maior afinidade com as formas anímicas cultivadas durante a vida terrena, no intuito de depurar o espírito das mesmas, liberando-o do jugo que o prende às esferas inferiores. Para a Antroposofia, este é o caminho natural de depuração anímico-espiritual após a desencarnação do princípio imortal.

“O ser anímico é absorvido pelo mundo a que pertence, e o espírito, agora liberto de todas as suas cadeias, ascende às regiões onde fica vivendo somente no ambiente que lhe é próprio. A alma cumpriu a missão de sua última vida terrena e agora, após a morte, dissolve o que dessa missão permanecera como peso para o espírito. A alma, havendo superado os resíduos terrenos é, por sua vez, restituída ao seu elemento. Depreende-se desta descrição que as experiências do mundo anímico, e com elas os estados da vida da alma após a morte, vão assumindo um aspecto cada vez menos carregado à proporção que o homem vai se despojando daquilo que por sua corporeidade física se acha aderido a esta última por afinidade imediata. Conforme as condições prévias criadas na vida física, a alma pertencerá, por mais ou menos tempo, a uma ou outra região. Ali onde sente afinidade, a alma se detém até que esta afinidade seja extinta. Onde não há nenhuma afinidade, a alma segue caminho através de todas as influências possíveis. [...]” (*Teosofia*, Steiner, p. 56)

Em relação ao *Mundo Espiritual*, Steiner refere que à visão clarividente este “mundo do espírito” é de onde se origina o mundo físico, podendo parecer fantásticas as descrições que faz do mesmo. Constituído pela “mesma matéria que os pensamentos humanos”, apresenta “arquétipos espirituais” para tudo que existe no mundo físico e anímico, situando-se nele a origem de todas as manifestações terrenas: “os objetos e seres dos mundos físico e anímico são *cópias* ou *imagens* desses arquétipos”. Além da visão destes arquétipos espirituais, o clariaudiente também percebe a *sonoridade*. Assim como no mundo anímico, existem sete regiões no mundo espiritual, que se interpenetram umas nas outras, cada qual com um arquétipo específico. Na *primeira região* encontram-se os *arquétipos do mundo físico* (substância física), como “moldes ocultos”. A *segunda região* contém os *arquétipos da vida* (substância vital ou etérica), que

se manifestam pelo “elemento fluido ou vida fluídica”. Na *terceira região* encontram-se os *arquétipos anímicos* (substância anímica), manifestos segundo o “elemento aéreo”. Os *arquétipos humanos* (substância intelectual) da *quarta região* “regem os arquétipos das três regiões inferiores e regulam sua cooperação”, entrando, a partir desta região, no “puro mundo espiritual”. Na *quinta, sexta e sétima regiões*, reinam os *arquétipos das regiões inferiores*, manifestos na forma de “impulsos ou intentos” para suas atividades, nas mais diversas “formas-pensamento”: “as ideias por meio das quais o espírito humano atua como criador no mundo físico são o reflexo, a sombra desses seres-pensamento germinais do mundo espiritual superior”. A evolução do espírito no mundo espiritual, após a morte, ocorre pela passagem e adaptação do espírito às várias regiões do mesmo, das quais absorve as propriedades inerentes.

## Reinos da Natureza e entidades humanas

Numa relação direta com os Reinos da Natureza, como vimos em outras concepções anteriormente estudadas, temos a formação dos corpos ou entidades que estruturam a individualidade humana. Dessa forma, o homem incorpora os diversos reinos por que passou em sua jornada evolutiva, em estruturas que refletem as atividades básicas dos mesmos. Do Reino Mineral herdou a forma material do seu corpo (corpo físico); do Reino Vegetal a capacidade de crescer e se reproduzir (corpo vital ou etéreo); do Reino Animal a propriedade de perceber e sentir as coisas ao seu redor (corpo anímico-sensitivo ou corpo astral); e, finalmente, como ser do Reino Humano, apresenta a capacidade de pensar e refletir sobre o que sente (Alma do Intelecto ou Organização do Eu), agindo de forma racional. Cada um destes reinos materiais apresenta seu “arquétipo espiritual no mundo sensível”, pois, segundo a Antroposofia, “as coisas físicas não são senão entidades espirituais condensadas”.

“[...] É só porque as coisas físicas não são senão entidades espirituais condensadas que o homem - o qual, mediante seus pensamentos, eleva-se a essas entidades - pode compreender as coisas em seu pensar. As coisas físicas procedem do mundo espiritual - são somente uma outra *forma* das entidades espirituais; e quando o homem forma pensamentos sobre as coisas, sua interioridade se acha voltada de forma sensível para os arquétipos espirituais dessas mesmas coisas. Compreender uma coisa mediante pensamentos é um processo comparável aquele pelo qual um sólido é liquefeito ao fogo para que o químico possa estudá-lo em sua forma líquida. Nas várias regiões do mundo espiritual se encontram os arquétipos espirituais do mundo sensível. [...] O ambiente acessível à observação dos sentidos do homem apresenta quatro graus bem distintos entre si: o mineral, o vegetal, o animal e o humano. O reino mineral é percebido pelos sentidos e compreendido pelo pensar. Quando formamos um pensamento relativo a um corpo mineral, lidamos com duas coisas: com o objeto sensível e o pensamento. Correspondentemente, é preciso representar que esse objeto sensível é um ser mental condensado. Ora bem, um ser mineral age sobre outro ser mineral de modo exterior; comunica-lhe um choque e põe-no em movimento; aquece-o, ilumina-o, dissolve-o, etc. [...] No mundo vegetal acrescentam-se ao efeito externo de uma coisa sobre outra os fenômenos de crescimento e reprodução. A planta cresce e produz novos seres à sua semelhança. Aquilo que se manifesta ao homem no mundo mineral vem acrescentar-lhe aqui a *vida*. [...] Da planta, só é perceptível aos sentidos aquilo que se manifesta em sua forma definida; as entidades plasmadoras que conferem vitalidade a essa forma existem no reino vegetal, mas os sentidos não podem percebê-las. [...] No mundo animal, juntam-se às faculdades de crescer e propagar-se a sensação e o instinto. São as manifestações do mundo anímico. Um ser dotado dessas duas últimas faculdades pertence a esse mundo, recebe impressões do mesmo e produz efeitos sobre ele. Ora, toda sensação, todo impulso que surge num ser

animal, provém das profundezas da alma. [...] O homem, além das supramencionadas faculdades das plantas e dos animais, possui ainda a de elaborar as próprias sensações, transformando-as em ideias e pensamentos, e de disciplinar os próprios impulsos pelo pensar. O pensamento, que se manifesta na planta como forma e no animal como força anímica, apresenta-se no homem em sua verdadeira forma, isto é, como pensamento. O animal é alma; o homem é espírito. A entidade espiritual desce ainda um degrau. No animal plasmava a alma. No homem entra por fim no mundo da matéria sensível. O espírito é presente no corpo físico do homem. E precisamente porque se manifesta num envoltório físico, só pode manifestar-se como aquele débil reflexo do ser espiritual que o pensamento é. O espírito se manifesta ao homem através do instrumento físico do cérebro. Mas o espírito tornou-se também a verdadeira entidade interior do homem. [...] Tudo isso permite compreender como se acham coligadas com o mundo espiritual as integrantes básicas do homem encarnado. Devemos considerar o corpo físico, o corpo etéreo, o corpo anímico-sensitivo e a alma intelectual como arquétipos do mundo espiritual condensados no mundo sensível. O corpo físico resulta de uma condensação do arquétipo humano, que faz dele um fenômeno sensível. [...] O corpo etéreo deve sua existência ao fato de que a forma assim surgida é mantida em movimento por um ser cuja atividade se estende ao reino dos sentidos, mas que não se torna perceptível aos sentidos. [...] Similarmente, a entidade que forma o corpo anímico-sensitivo tem sua origem nas zonas mais elevadas do mundo espiritual, plasma-se na terceira região do mesmo como arquétipo do mundo anímico e como tal opera no mundo físico. Mas a alma intelectual se forma porque na quarta região do mundo espiritual o arquétipo do homem pensante assume a forma de pensamento, e como tal opera diretamente no mundo sensível como entidade humana pensante. [...]” (*Teosofia*, Steiner, p. 71-5)

“Dentro desse mundo etérico percebe-se, ao lado da corporalidade física do homem, uma corporalidade etérica. Esta corporalidade etérica é algo que, de acordo com sua essência, encontramos também no mundo vegetal. As plantas têm seu corpo etérico. As leis físicas, realmente, valem apenas para o mundo mineral, sem vida. O mundo vegetal pode existir sobre a terra porque existem nela substâncias que não ficam presas às leis físicas, mas se separam destas leis e aceitam outras opostas. [...] Neste mundo astral o homem é portador do terceiro membro de sua entidade: seu corpo astral ou anímico. Também para esse corpo astral deve fluir a substancialidade terrena. Com isso, ela se distancia ainda mais de sua espécie física. Assim como o homem partilha seu corpo etérico com o mundo vegetal, ele partilha seu corpo astral com o mundo animal. A entidade realmente humana, que eleva o homem acima do reino animal, é reconhecida por uma espécie de cognição ainda mais elevada que a inspiração. Aí a Antroposofia fala de ‘intuição’. [...] Chega-se, assim, ao reconhecimento do quarto membro da entidade humana, ao ‘Eu’ verdadeiro. Novamente percebemos como a substancialidade terrena se afasta muito mais de sua entidade física, ao se incorporar ao urdir e à essência do ‘Eu’. A essência que incorpora essa substancialidade como ‘organização do Eu’ é aquela forma de substancialidade que se subtrai ao máximo de seu caráter físico-terrestre. O que conhecemos dessa maneira como ‘corpo astral’ e ‘Eu’ não está ligado ao corpo físico da organização humana, do mesmo modo como o corpo etérico. [...]” (*Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar*, Steiner, p. 12-5)

## **Natureza imaterial do homem**

### **Corpo etéreo (etérico) ou corpo vital**

Com a capacidade de reprodução e crescimento, o *corpo etéreo (etérico)* ou *corpo vital* surge no Reino Vegetal, conferindo através da “força vital plasmadora” (corpo das

forças plasmadoras e formativas) as características individuais das diversas “espécies” vegetais e animais (*hereditariedade*). Como uma “entidade autônoma”, o corpo etéreo é que dá vida à matéria que constitui o corpo físico, preservando-o da desagregação e da morte. O corpo etéreo humano “acha-se ordenado segundo o espírito pensante”, que o impregna com suas características individuais. Com a morte, enquanto os constituintes do corpo físico desagregado retornam ao mundo mineral de origem, a força vital, que constitui o corpo etéreo, dissolve-se no “mundo vital”. Isto demonstra a unidade substancial formada pelo corpo físico e pela força vital, que não se perpetua após a morte do organismo material.

“Essa estrutura mineral que tem por centro o cérebro, surge com a *reprodução* e adquire forma desenvolvida com o *crescimento*. Reprodução e crescimento o homem tem em comum com plantas e animais. Reprodução e crescimento distinguem o ser vivo do mineral sem vida. O vivo nasce do vivo por meio do germe. O descendente segue-se ao ascendente na série dos seres vivos. As forças por obra das quais tem origem um mineral visam às mesmas matérias que o compõem. Um cristal de rocha forma-se pelas forças inerentes ao silício e ao oxigênio que nele se acham associados. As forças que dão forma a um carvalho devemos buscá-las indiretamente, por intermédio do germe, nas plantas materna e paterna. E a *forma* do carvalho conserva-se de ascendente para descendente mediante reprodução. [...] A forma do ser vivo reproduz-se por *hereditariedade*. O modo pelo qual se desenvolve um ser vivo depende unicamente de quais tenham sido os seus genitores ou, em outras palavras, da *espécie* a que pertença. As matérias que o compõem mudam continuamente: a *espécie* mantém-se através da vida e transmite-se à prole. A *espécie* é, pois, aquilo que determina a combinação das matérias. Essa força que gera as espécies, chamá-la-emos de *força vital*. Se as forças minerais se manifestam nos cristais, a força vital plasmadora se exprime nas espécies ou formas de vida vegetal e animal. [...] Em toda planta, em todo animal passa a perceber, além da forma física, a *forma espiritual plena de vida*. Para aplicar-lhe um termo, chamemos a esta força espiritual *corpo etéreo* ou *corpo vital*. Ao pesquisador da vida espiritual estas coisas apresentam-se do seguinte modo: para ele o corpo etéreo não constitui simplesmente um produto das matérias e forças do corpo físico, mas, antes, uma entidade real e autônoma, mercê da qual as supramencionadas matérias e forças são dotadas de vida. [...] O corpo vital é uma entidade por meio da qual, a cada momento da vida, o corpo físico vai sendo preservado da desagregação. [...] O fato de achar-se ordenado segundo o espírito pensante diferencia o corpo etéreo humano do das plantas e animais. Assim como por seu corpo físico o homem pertence ao mundo mineral, por seu corpo etéreo pertence ao mundo vital. Depois da morte, o corpo físico dissolve-se no mundo mineral, o etéreo no mundo vital.[...]” (*Teosofia*, Steiner, p. 10-3)

Segundo Steiner, o homem recebe as forças etéricas na época embrionária utilizando-as ao longo de sua vida, apresentando, ao contrário do vegetal, um *corpo etérico individualizado*, que reflete a entidade espiritual humana. Nesta “força etérica individualizada” é que atua a Homeopatia, escolhendo o medicamento que corresponda a esta manifestação vital, através das características ou sintomas peculiares do indivíduo. Enquanto durante o sono físico o corpo astral e os demais veículos superiores se desprendem do corpo físico, o corpo etérico permanece ligado substancialmente ao mesmo, separando-se deste apenas com o advento da morte.

“Como o homem é um ser vivo, esse etérico também impera nele. Mas também em relação às manifestações puras da vida, aparece uma diferença significativa frente ao reino vegetal. A planta permite ao físico imperar dentro dela, quando o etérico do espaço cósmico não desenvolve mais a sua atividade, como acontece durante a noite, quando o éter solar deixa de agir. A entidade humana permite ao físico reinar em seu corpo apenas na morte. Durante o sono, as manifestações de consciência e autoconsciência desaparecem; as manifestações



vitais, porém, continuam, mesmo que o éter solar não atue do espaço cósmico. A planta absorve continuamente, durante sua vida, as forças etéricas que fluem para a terra. O homem, porém, já as leva em si, individualizadas, desde a época embrionária. O que a planta recebe do mundo, o homem durante sua vida retira de si, pois já o recebeu no ventre materno para seu desenvolvimento ulterior. Uma força que originalmente é cósmica, determinada para uma irradiação, atuando para a terra, age a partir do pulmão ou do fígado. Ela sofreu uma metamorfose em sua direção. Por isso, temos de dizer que o homem leva em si o etérico, de maneira individualizada. Assim como ele leva o físico na forma individualizada de seu corpo físico e de seus órgãos corporais, assim ele leva o etérico. Ele tem seu corpo etérico especial, assim como tem seu corpo físico especial. Durante o sono, esse corpo etérico continua ligado ao corpo físico e lhe dá a vida; apenas na morte aquele se solta deste.” (*Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar*, Steiner, p. 24-5)

O corpo etéreo (etérico), atuando de forma instintiva e irracional na preservação da saúde e da vida, corresponde ao *Linga Sharira* ou *duplo etérico* da conotação hindu-teosófica.

### **Corpo astral (corpo anímico-sensitivo e alma da sensação)**

Enquanto o corpo etéreo é uma entidade “exterior ao homem”, a *Alma da Sensação* é “limitada pelo corpo”, apresentando a capacidade de interiorizar as impressões captadas do mundo exterior na forma de “sensações”. Às sensações devemos acrescentar os instintos, os impulsos, as paixões, os desejos e os sentimentos de prazer e de desprazer. A *vidência* ocorre quando o homem apresenta “os olhos espirituais abertos”, ou seja, consegue contemplar manifestações do mundo das sensações e a alma da sensação dos outros seres. A alma da sensação surge com o Reino Animal e apresenta proporções que ultrapassam o limite do corpo físico.

“O corpo vital é ainda algo de exterior ao homem. Com um primeiro frêmito de sensação responde o próprio ser interior do homem aos estímulos do mundo exterior. Por muito que se perscrute aquilo que é lícito designar por mundo exterior, não se poderá encontrar nele a sensação. Os raios luminosos penetram nos olhos e, uma vez dentro deles, propagam-se até a retina. Ali desencadeiam (no chamado pigmento ótico) processos químicos; o efeito desses estímulos transmite-se pelo nervo ótico até o cérebro, onde têm origem ainda outros processos físicos. Se pudessem observar esses processos, ver-se-iam simplesmente processos físicos, como em qualquer outra parte do mundo exterior. Se, porém, me for dado observar o corpo vital, aí perceberei como o processo físico cerebral é também um processo vital. Mas a sensação da cor azul que aquele ser recebe, não a posso encontrar em parte alguma por essa via. Surge tão somente dentro da alma do receptor. Se a natureza deste receptor se limitasse ao corpo físico e ao etéreo, não poderia existir a sensação. Essencialmente diversa do modo de operar da força vital plasmadora é a atividade pela qual se faz presente a sensação. Uma vivência interior é, mediante esta atividade, produzida por esse operar. Sem esta atividade existiria um simples processo vital, o qual se observa também na planta. Figure-se o homem recebendo impressões de todos os lados. Cumpra imaginá-lo por todos os lados dos quais recebe essas impressões como fonte da mencionada atividade. Por todos os lados as sensações lhe respondem às impressões. Essa fonte de atividade será designada como *alma da sensação*. Essa alma da sensação é tão real como o corpo físico. [...] Ver dentro do próprio mundo das sensações, pode-o naturalmente todo e qualquer homem. Mas, *ver* o mundo sensitivo de outro ser, só o pode um *vidente*, com os ‘olhos espirituais’ abertos. Sem ser vidente, o homem só conhece o mundo de sensações como experiências interiores, como as veladas vivências próprias da sua alma; mas uma vez abertos os ‘olhos espirituais’, descortina-lhe à vista espiritual externa aquilo que ordinariamente só vive no ‘íntimo’ do

outro ser. [...] Quem, pois, se acha dotado do supramencionado órgão que permite ‘ver’ a alma da sensação, constata que a mesma é limitada pelo corpo. Mas os limites da alma da sensação não coincidem exatamente com os do corpo físico: esta alma ultrapassa o corpo físico. Daí se depreende que ela vem a ser mais potente que ele. Mas a força que lhe põe os limites procede do corpo físico.[...]” (*Teosofia*, Steiner, p. 13-5)

Ligando a unidade substancial físico-vital à alma da sensação, temos o *corpo anímico* ou *sensitivo*, definido por Steiner como uma parte menos densa do corpo etéreo, formando uma unidade com a alma da sensação. Ao conjunto alma da sensação e corpo anímico corresponde o *corpo astral*, denominado por *Kama Rupa* ou *corpo astral* no conceito hindu-teosófico.

Este corpo astral interage reciprocamente com o corpo físico e com a *Alma do Intelecto*.

### **Alma do Intelecto ou Organização do Eu**

Após interiorizar as impressões externas em impulsos, sensações e sentimentos, o ser humano reflete sobre os mesmos, formando um pensamento ou juízo próprio, que denotará um determinado modo de agir: “o homem forma pensamentos sobre as suas sensações e assim se instrui sobre o mundo exterior”. Esta atividade pensante, emanando os “pensamentos” ou “energia mental” ou “força pensante”, penetra e atua na alma da sensação (assim como o corpo etéreo penetra e plasma o corpo físico), modelando os impulsos que partem irrefletidamente da mesma, diferenciando o homem dos animais, os quais agem segundo seus instintos primários. A esta entidade distinta, que se manifesta através do pensar, chamamos *alma do intelecto* ou *Organização do Eu*.

“A alma da sensação entra em ação recíproca não somente com o corpo, mas também com o pensar, com o espírito. Antes de tudo, ela é servida pelo pensar. O homem forma pensamentos sobre as suas sensações e assim se instrui sobre o mundo exterior. Criança que se queima reflete e acaba pensando: ‘Fogo queima’. Também não é cegamente que o homem obedece aos seus impulsos, instintos e paixões; é refletindo que ele procura satisfazê-los. Tudo quanto chamamos civilização material encaminha-se completamente nesta direção; consiste em serviços que o pensamento presta à alma da sensação. Enormes quantidades de energia mental são desperdiçadas para tal fim. É essa energia mental que constrói navios, ferrovias, redes telegráficas e telefônicas, e tudo isso serve, na sua maior parte, às necessidades das almas sensitivas. De um modo similar àquele como a força vital plasmadora penetra no corpo físico, a força pensante penetra na alma sensitiva. A força vital plasmadora liga o corpo físico a ascendentes e descendentes, situando-o assim num conjunto de leis que não a regem como simples alma da sensação. Pela alma da sensação o homem é afim com os animais. Também entre os animais observamos a existência de sensações, impulsos, instintos e paixões. Mas o animal os segue imediatamente. Não os leva entretecidos com *pensamentos* que, autônomos, ultrapassem a experiência imediata. O mesmo se verifica até certo ponto com o homem menos desenvolvido. A simples alma sensitiva é, pois, diversa do membro anímico desenvolvido e superior que põe o pensar a seu serviço. Chamemos *alma do intelecto* a esta alma servida pelo pensar. Poderíamos chamá-la também *alma afetiva* ou índole. A alma do intelecto repassa a alma sensitiva. Quem possui o órgão para “ver” a alma, constata que a alma intelectual constitui uma entidade diversa da simples alma da sensação.” (*Teosofia*, Steiner, p. 15)

Ao conjunto corpo etéreo, alma da sensação e alma do intelecto, temos a já citada “Tríplice Entidade Inferior” humana, correspondendo a alma do intelecto ao *Manas inferior* ou *corpo mental* da concepção hindu-teosófica.

## Alma da Consciência e Personalidade Espiritual

Como *Alma da Consciência*, entendamos a “luz da verdade” existente no íntimo de todos os seres humanos, induzindo-os ao caminho da moral, da ética e do “bem verdadeiro”. Com uma natureza divina e autônoma, representa a chamada “Consciência Humana”, a região da individualidade em que reside a verdade imutável. Assim como os limites do corpo físico são ultrapassados pela dimensão do corpo etéreo, a alma da sensação irradia-se para além deste último e a alma do intelecto se expande ainda mais, proporcionalmente às manifestações de bondade e verdade que cultive dentro de si.

“[...] Em sua alma, o homem porfia pela verdade; e por meio desta verdade exprimem-se não somente a alma, mas também as coisas deste mundo. O que pelo pensar é reconhecido como verdade, possui um *significado independente*, relativo às coisas deste mundo, e não somente à própria alma. [...] O que efetivamente é verdade não nasce nem perece; possui um significado que jamais se pode anular. Ao que foi dito, não contradiz o terem determinadas ‘verdades’ humanas um valor transitório, por se constatarem nelas, ulteriormente, erros parciais ou totais. Pois o homem deve reconhecer que a verdade, afinal, existe por si mesma, embora os seus pensamentos sejam tão-somente formas perecíveis das verdades eternas. [...] O que dissemos da verdade vale também para o *bem verdadeiro*. O bem moral independe de inclinações e paixões, à medida que as domina, ao invés de se deixar dominar por elas. Prazer ou desprazer, desejo ou repulsa pertencem à alma pessoal do homem; o dever é superior ao prazer e desprazer; pode, aliás, situar-se tão alto para o homem que ele lhe sacrifique a vida. E o homem situa-se tanto mais alto quanto haja enobrecido seus pendores, seu agrado e desagrado, a ponto de cumprir, espontaneamente, sem constrangimento e sem submissão, o que reconhece como seu dever. O bem moral, como a verdade, traz inerente o seu valor eterno; não o recebe da alma sensitiva. Fazendo surgir em seu próprio íntimo aquilo que é intrinsecamente verdadeiro e bom, o homem sobrepõe-se à simples alma da sensação. O espírito eterno penetra-a com seu esplendor, fazendo nascer nela uma chama imperecível. À medida que a alma vive nesta luz, participa de algo eterno, a que associa sua própria existência. O que a alma encerra de verdadeiro e bom é *imortal* dentro dela. Chamemos *alma da consciência* àquilo que de eterno refulge dentro da alma. - De consciência se pode falar também com respeito aos impulsos inferiores da alma. A sensação mais ordinária é objeto da consciência. Até esse ponto, também se pode atribuir consciência aos animais. O cerne da consciência humana, a *alma dentro da alma*, é o que aqui vai entendido por *alma da consciência*. Neste particular, a alma da consciência, sendo um membro autônomo da alma, distingue-se da alma do intelecto. Esta última acha-se ainda entrosada com as sensações, os impulsos, os afetos, etc. Todo homem sabe que, inicialmente, vale-lhe como *verdadeiro* aquilo que tem a preferência de seus sentimentos, etc. Mas só é *permanente* aquela verdade que se desprende de *todo e qualquer* ressaibo de semelhantes simpatias ou antipatias dos sentimentos, etc. A verdade é verdadeira mesmo quando todos os sentimentos pessoais se levantam contra ela. É aquela parte da alma onde *vive* esta verdade que será designada como alma da consciência.” (*Teosofia*, Steiner, p. 16-7)

O conjunto entre a Alma do Intelecto e a Alma da Consciência corresponde ao *Eu*, semelhante ao *Manas* da visão hindu, sendo a primeira o *Manas inferior* e a segunda o *Manas superior*.

Ao adquirir a noção da bondade e da verdade (autoconsciência), através da alma da consciência, o homem passou a ser um ser autônomo, separado do restante da Natureza, representado pelo termo “eu”. Assim sendo, passa a atuar no conjunto físico-etéreo e na *Alma Humana*, tendo-os como moradas provisórias. Assim como o “eu” vive e se manifesta no corpo e na alma, o *Espírito* vive e se manifesta no “eu”, plasmando-o. Ao Espírito que vive e se constitui como um “eu”, denomina-se *Personalidade Espiritual*, ou seja, representa a personalidade do homem. Através da intuição, a personalidade espiritual incorpora no “eu” as leis espirituais de verdade e bondade, ou seja, a personalidade espiritual transmite ao homem consciente, através da intuição, o influxo do Espírito.

“Pela autoconsciência o homem se designa como um ser autônomo, separado de tudo o mais, como ‘eu’. No ‘eu’, o homem encerra tudo quanto experimenta como entidade corpórea e anímica. Corpo e alma são os portadores do ‘eu’; neles é que o ‘eu’ atua. Assim como o corpo físico tem seu centro no cérebro, tem-no a alma no ‘eu’. [...] O ‘eu’ vive na alma. Embora a mais alta manifestação do ‘eu’ pertença à alma da consciência, ainda assim cumpre dizer que este ‘eu’, irradiando-se dela, inunda a alma inteira, e pela alma exterioriza seu efeito sobre o corpo. E no ‘eu’ o espírito é vivo e atuante. O espírito se irradia ‘eu’ adentro, e vive nele como em seu ‘invólucro’, da mesma forma que o ‘eu’ vive no corpo e na alma como em seus invólucros. O espírito plasma o ‘eu’ de dentro para fora, e o mundo mineral de fora para dentro. Chamemos ‘personalidade espiritual’ ao espírito que constitui um ‘eu’ e vive como um ‘eu’, porque se manifesta como ‘eu’ ou ‘personalidade’ do homem. A diferença entre a ‘personalidade espiritual’ e a ‘alma da consciência’ pode ser definida do seguinte modo: a alma da consciência encontra-se em *contato* com a verdade existente por si mesma e independe de toda antipatia e simpatia; a ‘personalidade espiritual’ leva intrínseca *essa mesma verdade*, a qual, porém, acha-se assimilada e encerrada no ‘eu’, individualizada por este último e acolhida na identidade autônoma do homem. É mediante a individualização da verdade eterna e sua vinculação com o ‘eu’, numa só identidade, que o próprio ‘eu’ vem a ser eterno. A ‘personalidade espiritual’ é uma revelação do mundo espiritual no interior do ‘eu’, da mesma forma como dentro dele a sensação dos sentidos é uma manifestação do mundo físico. [...] No mesmo sentido em que as manifestações do mundo corpóreo são chamadas *sensações*, sejam as manifestações do mundo espiritual denominadas *intuições*. [...] Assim como sem a vista não haveriam sensações de cores, sem o pensamento superior da personalidade espiritual não haveriam intuições. E da mesma forma que a sensação não cria a planta em que aparece a cor, tampouco a intuição cria o espiritual: o que ela faz é anunciar o espiritual. Pela intuição, o ‘eu’ do homem que desponta na alma, capta as mensagens do alto, do mundo espiritual, assim como por meio das sensações recebe as mensagens do mundo físico. E, assim fazendo, integra o mundo espiritual na vida própria da alma, como, por meio dos sentidos, o mundo físico. A alma ou o ‘eu’ que nela reflete, abre suas portas por dois lados: para o mundo físico e para o espiritual.” (*Teosofia*, Steiner, p. 17-20)

A Personalidade Espiritual corresponderia ao *Buddhi* ou *Corpo de Beatitude* da concepção hindu-teosófica.

## **Espírito Vital e Homem-Espírito**

Assim como o corpo material é formado pelos elementos do mundo físico, o *Homem-Espírito* é constituído pelos elementos do mundo espiritual. Analogamente à epiderme física que envolve o corpo físico, temos a “derme espiritual” ou “invólucro espiritual”, que envolve e encerra o homem-espírito. O *Homem-Espírito* é edificado pela “força

vital espiritual” ou *Espírito Vital*, do mesmo modo que o corpo físico possui um corpo etéreo ou vital, constituído pela força vital orgânica. A entidade espiritual do homem ou *Espírito* é constituída por três partes: *Homem-Espírito*, *Espírito Vital* e *Personalidade Espiritual*.

“Ora, assim como o mundo físico só pode anunciar-se ao ‘eu’ porque edifica com as próprias matérias e forças um corpo onde pode viver a alma consciente, e dentro do qual a alma possui seus órgãos para a percepção do mundo físico exterior, o mundo espiritual edifica, mediante suas forças e matérias espirituais, um corpo espiritual em que o ‘eu’ pode viver e perceber o mundo espiritual por intuições. [...] A espiritualidade constitui o alimento eterno do homem. E do mesmo modo que o homem nasce do mundo físico, nasce igualmente do espírito por meio das eternas leis da verdade e da bondade. Acha-se separado do mundo espiritual circundante da mesma forma que, como ser avulso, encontra-se separado de todo o mundo físico. Chamemos, a esta identidade espiritual independente, ‘homem- espírito’. [...] Dentro desse invólucro espiritual *vive* o homem-espírito. Este é edificado pela força vital espiritual no mesmo sentido em que o corpo físico o é pela força vital física. De modo semelhante àquele em que se fala de um corpo etéreo, deve-se, pois, falar de um espírito etéreo com respeito ao homem espiritual. Chamemos a esse espírito etéreo, *espírito vital*. A entidade espiritual do homem consiste, pois, de três partes: *homem-espírito*, *espírito vital* e *personalidade espiritual*.” (*Teosofia*, Steiner, p. 20-1)

Ao Homem-Espírito, na essência, corresponde o *Atma* e a *Divina Consciência* da concepção hindu-teosófica.

A Alma da Consciência (*Manas superior*), a Personalidade Espiritual (*Buddhi*) e o Homem-Espírito (*Atma*) relacionam-se intimamente, representando a “Tríplice Entidade (Tríade) Superior” das escolas filosóficas anteriormente citadas.

## **Aura humana**

O fato dos sentimentos e pensamentos não poderem ser vistos pela visão dos sentidos normais, não invalida a existência dos mesmos. Tanto os sentimentos como os pensamentos humanos irradiam formas próprias de energia, vistas e diferenciadas pelos clarividentes através de “efeitos luminosos”. Ao conjunto dos fenômenos luminosos irradiados pelo *sentir* e pelo *pensar* humanos, envolvendo o corpo físico numa forma oval, denomina-se *Aura Humana*. Segundo Steiner, as cores, tonalidades e formas da aura humana, observadas pelos “olhos espirituais”, refletem a vida íntima do homem. Assim como vimos nas “formas-pensamento”, ao pensamento humano cabe a força plasmadora deste processo, recebendo dos sentimentos e peculiaridades individuais as cores e os matizes sutis, ou seja, “o caráter do pensamento”. Deste modo, entendemos a influência mental recíproca a que todos os seres estão suscetíveis.

“[...] Os sentimentos que ele percebe em outros seres irradiam-se-lhe destes últimos como efeitos luminosos; os pensamentos que constituem objeto de sua atenção flutuam através do espaço espiritual. Para ele, aquilo que um homem pensa de outro não é algo de imperceptível, mas um processo perfeitamente perceptível. O conteúdo de um pensamento só vive como tal na alma humana de quem o concebe; mas esse conteúdo provoca efeitos no mundo espiritual. E são *estes* que constituem os processos perceptíveis aos olhos espirituais. O pensamento, como realidade efetiva, flui de uma entidade humana para outra. E a forma como esse pensamento age sobre a outra pessoa é experimentada no mundo espiritual como fenômeno perceptível. [...] Um pensamento humano, por exemplo, que habitualmente só vive

na compreensão mental de um ouvinte, aparece como fenômeno luminoso perceptível. Sua cor corresponde ao caráter do pensamento. Um pensamento que surge de um impulso sensual do homem apresenta uma coloração diversa de um pensamento concebido a bem da pura cognição, da nobreza de forma ou do bem eterno. Os matizes do vermelho caracterizam os pensamentos que, oriundos da sensualidade, atravessam o mundo anímico. Num belo e claro amarelo manifesta-se um pensamento por meio do qual o pensante se eleva a uma cognição superior. Num magnífico vermelho-rosa irradia-se um pensamento proveniente de um amor dedicado. E não é somente o conteúdo do pensamento, mas também a maior ou menor nitidez do mesmo que é expressa pela forma supra-sensível como aparece. O pensamento preciso do filósofo manifesta-se em contornos bem definidos; uma representação confusa surge como uma figura nebulosa e incerta. O ser anímico e espiritual do homem aparece assim como uma parte supra-sensível de *toda* a entidade humana.” (Teosofia, Steiner, p. 76-8)

Cada personalidade, temperamento ou índole humana reflete em sua aura uma tonalidade de cor, assim como os diversos graus de evolução espiritual. Steiner relaciona a “tríplice entidade humana” (corpo, alma e espírito) à *tríplice aura*, em que cada uma das partes constituintes da mesma reflete as emanções do plano de origem. Frisando que as descrições da aura são apenas “indicações ou sugestões”, diz que as mesmas são difíceis de serem observadas e descritas pelo clarividente. Devido a isto, adverte quanto ao erro de se interpretar o caráter e a personalidade de uma pessoa por sua aura.

No caso “Krishnamurti” citado inicialmente, podemos ilustrar esta dificuldade. Enquanto Annie Besant, C. W. Leadbeater e outros grandes clarividentes afirmavam que ele era a reencarnação de Jesus Cristo, Rudolf Steiner e outros negavam. A aura do jovem indiano, certamente, deveria emanar uma luz enorme, mas o julgamento preciso da amplitude e significância da mesma dividiu-os.

## Relação entre os corpos sutis

Dentro da visão antropológica holística da tríade humana (corpo, alma e Espírito), vimos que a alma humana funciona como a ponte entre o corpo físico e o Espírito, influenciando e sendo influenciada por ambos os pólos. Tanto a alma como o Espírito tem no corpo físico sua morada temporária. A inclinação da alma humana para uma ou outra direção indica o grau de evolução humana: quanto mais seja atraída pelos “desejos do corpo”, menos evoluído o homem está; por outro lado, aproxima-se da perfeição, aquele que em sua alma demonstre enorme simpatia com as “manifestações do Espírito”. Servindo de mediadora entre o corpo físico e o Espírito, a alma transmite a este as sensações que as impressões do mundo exterior lhe causaram; no sentido inverso, transforma um pensamento emanado pelo Espírito em “desejo de realização”, que se traduz, posteriormente, numa ação engendrada pelo corpo físico.

“A alma é o vínculo entre o espírito do homem e seu corpo. Suas forças de simpatia e antipatia, que segundo suas proporções recíprocas ocasionam as manifestações anímicas, quais ânsia, excitabilidade, desejo, prazer, desprazer, etc., atuam não somente entre uma forma anímica e outra, mas se manifestam também perante as entidades dos mundos físico e espiritual. Enquanto a alma tem por morada o corpo, participa em certo grau de tudo quanto se processa nesse corpo. Quando as funções físicas do corpo agem com regularidade, surgem na alma o prazer e o bem-estar; se estas funções são perturbadas, manifestam-se o desprazer

e a dor. E também nas atividades do espírito a alma tem sua participação; um pensamento a enche de alegria, outro de horror; um conceito justo tem o beneplácito da alma, um falso provoca-lhe desagrado. Enfim, o estágio de evolução de um homem traduz-se pela inclinação de sua alma em uma ou outra direção. Um homem é tanto mais perfeito quanto mais sua alma simpatiza com as manifestações do espírito; ele se acha tanto mais afastado da perfeição quanto mais as suas inclinações sejam satisfeitas pelas funções do corpo. O espírito é o centro do homem, seu corpo o intermediário através do qual o espírito observa e conhece o mundo físico, e atua nele. Mas a alma serve de mediadora entre o espírito e o corpo. É ela que extrai à impressão física oriunda das vibrações do ar sobre o ouvido a sensação do som, é ela que experimenta *prazer* neste som. Tudo isso ela comunica ao espírito, que obtém assim *compreensão* do mundo físico. Um pensamento que surge no espírito é transformado pela alma em *desejo* de realização, e só por esse meio pode ele, com ajuda do instrumento corpóreo, traduzir-se numa ação. Ora bem, o homem só pode cumprir sua missão fazendo-se reger pelo espírito em todas as suas ações. A alma, *por si mesma*, pode dirigir suas inclinações tanto para o físico quanto para o espiritual. Pode, por assim dizer, tanto baixar os seus tentáculos ao mundo físico quanto alçá-los ao espiritual. Quando ela imerge no mundo físico, é impregnada e tingida em seu próprio ser pela natureza do mundo físico. Mas como o espírito só pode atuar no mundo físico por intermédio da alma, ele mesmo fica, por isso, orientado em direção ao físico. Suas formas são atraídas pelas forças da alma para o mundo físico. Tomemos um homem pouco desenvolvido. As inclinações de sua alma dependem das funções do corpo. Prazer, ele só o sente com as impressões que o mundo físico produz sobre seus sentidos. E em virtude desse fato, também a sua vida intelectual é inteiramente arrastada para essa esfera. Seus pensamentos servem apenas à satisfação de suas necessidades físicas. Mas sua identidade espiritual, vivendo de encarnação em encarnação, deve ter sua direção determinada, cada vez mais, pelo mundo espiritual. Sua faculdade cognitiva deve ser dirigida pelo espírito da verdade eterna e seu agir pela bondade eterna.” (*Teosofia*, Steiner, p. 49-50)

Através da *alma da sensação*, responsável pela faculdade do “sentir”, o homem transforma as impressões exteriores em vivências interiores (sensações, desejos, emoções, sentimentos, etc.), transmitindo ao Espírito o seu mundo de relações externas, incorporando os frutos resultantes destas experiências em sua bagagem evolutiva. Pela *alma do intelecto*, transforma estas vivências íntimas em pensamentos distintos, que irão formar o substrato do “pensar” humano. Como *alma da consciência*, capta os ditames de verdade e bondade da Personalidade Espiritual, transmitindo à alma do intelecto os preceitos morais e éticos a serem seguidos pela individualidade, moldando o “pensar” e o “agir” humanos. Na alma da consciência se trava a batalha<sup>24</sup> entre o mundo das sensações e o mundo das verdades espirituais, com a resultante moral que melhor se adapte ao grau de evolução do Espírito em questão.

“Como conservadora do passado, a alma recolhe continuamente tesouros para o espírito. O fato de eu saber distinguir o certo do errado depende de meu ser pensante, que é capaz de aprender a verdade no espírito: a verdade é eterna; e poder-me-ia estar sempre se revelando novamente nas coisas, mesmo se eu estivesse continuamente esquecendo o passado, e toda e qualquer impressão fosse nova para mim. Mas o espírito em mim não se confina tão-somente às impressões do presente: a alma estende seus horizontes ao passado. E quanto mais a alma pode comunicar-lhe do passado, mais o enriquece. Assim, a alma transmite ao espírito o que recebeu do corpo. Assim sendo, o homem leva intrínsecas duas coisas em todos os momentos de sua vida: primeiro, as leis eternas do Verdadeiro e do Bom e, segundo, a

---

<sup>24</sup> Ilustrando esta “*luta interior*”, vivenciada cotidianamente por todos os seres em evolução, citemos a obra máxima da moral hindu, o *Bhagavad Gita*, na qual o guerreiro Arjuna, representando o ser humano, terá de lutar contra as suas próprias imperfeições, vistas como auxiliadoras do crescimento interior, na batalha íntima da evolução espiritual.

recordação das experiências do passado. Tudo quanto faz, realiza-o sob a influência desses dois fatores. Para compreender o espírito de um homem, devemos, pois, saber duas coisas a respeito dele: primeiro, o quanto lhe foi revelado do eterno e, segundo, quantos tesouros do passado se acumularam dentro dele. Esses tesouros, absolutamente, não ficam no espírito em forma inalterada. As impressões que o homem obtém das experiências vão-se esvanecendo da memória. Não, porém, seus frutos. [...] Destarte, nenhuma experiência passa por ele sem ser utilizada: a alma a conserva como lembrança, o espírito absorve-lhe o que pode enriquecer suas próprias faculdades e o conteúdo de sua própria vida. O espírito humano *crece* por meio das experiências assimiladas. - Assim sendo, não se podem encontrar as experiências passadas guardadas no espírito como num depósito; encontram-se os *efeitos* dessas experiências nas capacidades que o homem adquiriu.” (*Teosofia*, Steiner, p. 29)

Durante a vida ou após a morte física, o Espírito permanece ligado à alma, tendo no corpo material o vínculo para se ligar ao mundo físico, e na alma o instrumento para interagir com o “mundo anímico”. Após a morte, a alma se desliga do corpo físico e se mantém unida ao Espírito no mundo anímico pelo tempo em que suas forças possam satisfazer aos anseios do Espírito (o mesmo ocorreu em relação ao corpo físico durante a vida terrena); quando isto cessa, a alma se desprende do Espírito, entregando-o ao “mundo espiritual superior”. Este caminho de ascensão do espírito a planos superiores, continuando seu aprendizado espiritual, com o retorno à esfera física em reencarnações sucessivas, a fim de consolidar intimamente as experiências vivenciadas no plano espiritual, faz parte do conhecimento dos mundos superiores trazido pela Antroposofia, que em muito se assemelha a outros sistemas filosófico-religiosos analisados nesta obra.

“Uma vez separado do corpo, o espírito permanece vinculado à alma. E do mesmo modo que durante a vida física o corpo o ligava ao mundo físico, assim a alma o prende agora ao mundo anímico. Mas não é nesse mundo anímico que se encontra o seu verdadeiro e autêntico ser. Ao mundo anímico incumbe somente ligar o espírito com o seu campo de ação, o mundo físico. Para aparecer com uma forma mais perfeita numa nova encarnação, deve ele extrair força e incremento do mundo espiritual. Foi, porém, vinculado pela alma ao mundo físico. Está preso a um ser anímico que é repassado e colorido pela natureza do mundo físico e, por isso, ele próprio recebeu sua orientação em tal sentido. Depois da morte, a alma não se acha mais vinculada ao corpo, mas somente ao espírito. Passa agora a viver num meio anímico. Assim sendo, só as forças do mundo anímico podem então influir sobre ela. E também o espírito se acha inicialmente vinculado a essa vida da alma no mundo anímico. Encontra-se, pois, ligado a ela como durante a encarnação física estava ligado ao corpo. O momento da morte do corpo físico é determinado pelas leis deste último. Mas, no geral, cabe dizer que não são a alma e o espírito que abandonam o corpo, mas este é que é dispensado por ambos quando suas forças não mais podem operar em prol da organização do homem. O mesmo se verifica na relação entre alma e espírito. A alma entregará o espírito ao mundo espiritual superior quando suas forças não mais puderem atuar no sentido da organização anímica do homem. O espírito será liberto no momento em que a alma tiver entregue à dissolução aquilo que ela só pode vivenciar no interior do corpo, conservando apenas seu o que pode continuar vivendo com o espírito. Esse resto que, aliás, pode ser vivido no corpo, mas fica impresso no espírito como fruto, liga a alma com o espírito no puro mundo espiritual. Para conhecer o destino da alma após a morte, é preciso considerar igualmente o seu processo de dissolução. A alma tinha por missão dar ao espírito a orientação para o físico. No momento em que *essa* missão se acha cumprida, ela toma a direção do mundo espiritual. Em virtude dessa natureza de seu encargo, ela deveria passar a agir tão-somente no mundo espiritual, uma vez despojada do corpo, visto que não pode mais constituir um *elo vinculador*. E é o que ocorreria se ela não fosse influenciada pelo corpo em sua vida com este e atraída para ele em suas inclinações. Sem essa tintura assumida em sua vinculação com o mundo corpóreo, passaria a reger-se pelo mundo anímico-espiritual logo após a desencarnação, deixando de desenvolver qualquer inclinação para com o mundo



sensível. E assim seria se o homem perdesse completamente todo interesse pelo mundo terreno, se estivessem satisfeitos todos os seus desejos e cobiças, etc., que o vinculavam à existência por ele abandonada. Enquanto não é esse o caso, tudo quanto permaneceu de tais impulsos continua aderido à sua alma. (*Teosofia*, Steiner, p. 50-1)

Enquanto o *corpo etéreo* humano atua sobre a entidade física com forças formativas e de crescimento, o *corpo astral* e a *organização do Eu* desgastam o corpo humano com as atividades do “sentir” e do “pensar”, respectivamente. Na ligação excessiva e desproporcional destas entidades com o corpo físico, teríamos a causa das doenças humanas segundo a Antroposofia; o atuar terapêutico da Medicina Antroposófica, medicamentoso ou não, se propõe a **equilibrar a inter-relação entre os veículos sutis**, como citamos inicialmente.

“Assim como podemos compreender o homem sadio só quando reconhecemos como os membros superiores da entidade humana se apoderam da substância terrena, para forçá-la a seus serviços, e como também a substância terrena se transforma, quando penetra no âmbito da atividade dos membros superiores da natureza humana, assim também só podemos compreender o homem doente quando reconhecemos em que situação chega o organismo global, ou um órgão, ou uma cadeia de órgãos, quando o modo de atuação dos membros superiores se torna irregular. E só podemos pensar em medicamentos quando desenvolvemos um conhecimento de como uma substância terrena, ou um processo terreno, relaciona-se com o etérico, com o astral e com o Eu. Somente então, proporcionando uma substância terrena ao organismo humano, ou um tratamento com uma atividade terrena, podemos conseguir que os membros superiores da entidade humana tenham um desenvolvimento desimpedido, ou também que a substancialidade terrena encontre naquilo que foi administrado o apoio necessário para se aproximar do ponto em que ela se transforma no fundamento para a atividade terrestre do espírito. O homem é o que ele é através do corpo físico, do corpo etérico, da alma (corpo astral) e do Eu (espírito). Ele deve ser visto como homem sadio a partir desses membros; ele deve ser percebido, quando doente, no equilíbrio perturbado deles; para sua saúde devem ser encontrados medicamentos que restabeleçam o equilíbrio perturbado.” (*Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar*, Steiner, p. 16)

De um modo semelhante a outras concepções anteriormente citadas, a Antroposofia também relaciona as entidades imateriais aos *setênios de desenvolvimento humano*. Simplificadamente, no primeiro setênio observa-se uma grande atividade do corpo etéreo através das forças do crescimento. Dos sete aos quatorze anos ocorre a liberação do corpo etéreo do éter universal (nascimento do corpo etéreo individualizado), permitindo que forças etéricas “livres” possam ser usadas nos processos do pensamento, da memória e das ideias; sob a influência da atividade astral, a vida afetiva individual começa a se desenvolver. Aos quatorze anos ocorre o “nascimento do corpo astral” como entidade independente, permitindo ao adolescente utilizar as forças astrais “livres” para a faculdade do raciocínio e para o desabrochar da sexualidade. Aos vinte e um anos ocorre o “nascimento do Eu”, que vinha reencarnando-se gradativamente, permitindo que o indivíduo assuma as responsabilidades com total consciência (maioridade); nesta época, o pensamento torna-se realmente “objetivo”. Até os vinte e oito anos (quarto setênio) o indivíduo progride com os dons ou capacidades que trouxe de outras vidas, e qualquer progresso posterior será fruto do esforço pessoal; devido a isto, muitos indivíduos não ultrapassam esta idade mental.

Relacionando os veículos humanos aos órgãos, aos planetas, aos metais, aos elementos naturais, aos temperamentos, etc., a Medicina Antroposófica tece inúmeras

considerações que justificam sua conduta terapêutica. Como exemplo destas relações, citemos:

- *Organização do Eu* / Coração / Elemento Fogo / Temperamento Colérico
- *Corpo Astral* / Rim / Elemento Ar / Temperamento Sanguíneo ou Nervoso
- *Corpo Etéreo* / Fígado / Elemento Água / Temperamento Fleumático ou Linfático
- *Corpo Físico* / Pulmão / Elemento Terra / Temperamento Melancólico

## Causas e cura das enfermidades

No capítulo II (*Por que o homem adoecer?*) da obra *Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar*, Steiner sintetiza o processo do adoecer humano, relacionando-o às entidades imateriais humanas.

Dizendo que “o organismo humano sadio parece ser compreensível como uma parte da natureza”, enquanto que o organismo doente não, reitera as afirmações de Hahnemann quando afirma que a *vis medicatrix naturae* ou *força vital* é capaz de manter o equilíbrio orgânico, instintiva e irracionalmente, enquanto o organismo se mantenha em saúde, sendo incapaz do mesmo caso se instale a doença. Nessas situações, o “espírito dotado de razão” do homeopata escolheria o medicamento correto, segundo o princípio da similitude, a fim de direcionar a reação da força vital orgânica rumo à saúde.

Para a Medicina Antroposófica, a principal causa do processo patológico encontra-se numa “**ligação intensa do corpo astral ou da organização do Eu com o organismo físico**”, perturbando a atividade fisiológico-metabólica normal (*a vida volitiva é bloqueada*), que é regulada pelo *corpo etéreo (vital)*. Quando o “sentir” (corpo astral) e o “pensar” (organização do Eu) sobrepujam seus limites, impedem que ocorra a “autocura” orgânica, ou seja, desestruturam o corpo vital que perde sua capacidade natural de preservar a saúde orgânica (*vis medicatrix naturae*). Nesse caso, no processo terapêutico antroposófico, administram-se substâncias que atuam “*afrouxando*” a *ligação excessiva do corpo astral ou da organização do Eu com o corpo físico*.

“Observemos como a vida espiritual consciente se torna mais aguçada quando um órgão adoecer. Aparece dor ou, pelo menos, um desagrado ou mal estar. A vida sensitiva recebe um conteúdo que normalmente não tem. E a vida volitiva é bloqueada. A movimentação de um membro, que é exercida no estado de saúde, evidentemente não pode ser realizada, porque a dor ou o desgosto se opõem como barreira. [...] No estado de saúde aparece, entre a representação e o movimento, um sentir que atua somente animicamente. Este não se apóia nitidamente em algo orgânico, corpóreo. Mas no estado patológico este é o caso. O sentir, que no estado de saúde é vivenciado como separado do organismo físico, une-se a este na vivência patológica. Assim, aparecem em seu parentesco os processos do sentir sadio e da vivência patológica. Deve haver algo que não está ligado tão intensamente ao organismo sadio, como quando ele está doente. Este algo se revela à vivência espiritual como sendo o corpo astral. Ele é uma organização supra-sensível, dentro da organização sensível. Ou ele interfere de maneira frouxa num órgão, levando a uma vivência anímica que subsiste por si e que não é sentida em relação ao corpo, ou ele interfere intensamente num órgão, levando à vivência do estar doente. Uma das formas de doença deve ser imaginada como um se apoderar do organismo pelo corpo astral, permitindo que o homem espiritual submirja mais profundamente em seu corpo do que acontece no estado de saúde. Mas também o pensar tem sua base física no organismo. Só que no estado de saúde o pensar está ainda mais desligado do organismo que o sentir. A vivência espiritual encontra ainda, além do corpo astral, uma

organização do Eu, especial, que se vivencia animicamente livre no pensar. Se o homem submerge intensamente com essa organização do Eu em sua corporalidade, origina-se um estado em que a observação do próprio organismo assemelha-se à observação do mundo exterior. [...] Devemos ver na essência do estado patológico uma ligação intensa do corpo astral ou da organização do Eu com o organismo físico. Essa ligação, porém, é apenas um reforço daquela que está presente de modo mais frouxo no estado de saúde. A interferência normal do corpo astral e da organização do Eu no corpo humano tampouco se aparenta com os processos vitais sadios, e sim com os patológicos. Quando o espírito e a alma estão atuando, eles anulam o ajuste habitual do corpo e o transformam no oposto. Mas, dessa forma, eles levam o organismo por um caminho no qual se quer iniciar o estado patológico. Na vida comum, o organismo é regulado por uma auto-cura no momento em que isso ocorre. Uma certa forma de doença pode surgir quando o espiritual ou o anímico penetram demais no organismo, de modo que a auto-cura ou não ocorre, ou ocorre apenas lentamente. Temos de procurar as causas da doença na capacidade de ter espírito e de ter alma. E a cura deve consistir num afrouxamento do anímico ou do espiritual na organização física.” (*Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar*, Steiner, p. 19-20)

Na “**deficiência do corpo etérico em si**”, teríamos uma outra forma de adoecer, impedindo a ligação correta do corpo astral e da organização do Eu ao corpo físico. Nestes casos, administram-se substâncias que fortaleçam o corpo vital: “podemos reconhecer a saúde como sendo um estado que tem sua origem no organismo etérico”.

“Este é um tipo de doença. Existe ainda um outro. A organização do Eu e o corpo astral podem estar impedidos de conseguir a ligação frouxa com a corporalidade, a qual na existência comum condiciona o sentir, o pensar e o querer independentes. Consequentemente, aparece uma continuação dos processos de saúde além da medida adequada ao organismo, nos órgãos ou funções que não conseguem ser atingidos pelo espírito e pela alma. E, neste caso, revela-se à visão espiritual que o organismo físico não executa apenas os processos sem vida da natureza exterior. O organismo físico está permeado de um organismo etérico. O organismo físico apenas, jamais poderia provocar um processo de auto-cura. Este é desencadeado pelo organismo etérico. Dessa forma, podemos reconhecer a saúde como sendo um estado que tem sua origem no organismo etérico.” (*Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar*, Steiner, p. 20-1)

Em ambos os mecanismos patológicos sutis citados anteriormente, vemos no *corpo etéreo, etérico ou vital* a estrutura fundamental para a manutenção da saúde orgânica, atuando como intermediário entre os veículos superiores e o corpo físico.

A “ligação excessiva das entidades superiores ao corpo físico”, citada anteriormente como causa das enfermidades segundo o modelo antroposófico, é consequência da tentativa de recuperação pelas mesmas de um processo anormal que se instalou nas entidades inferiores.

“O conhecimento dos efeitos dos medicamentos se baseia na compreensão das forças existentes que se desenvolvem no mundo extra-humano. Pois, para dar lugar a um processo curativo, tem-se de introduzir no organismo substâncias que se difundam nele, de tal maneira que o processo patológico se transforme gradualmente em um normal. E a essência do processo patológico consiste em que dentro do organismo ocorre algo que não se incorpora à atividade global do mesmo. Isto é aquilo que um processo tal tem em comum com um da natureza exterior. Pode-se dizer: se no organismo se apresenta um processo semelhante a um da natureza exterior, então ocorre a doença. Um processo desse tipo pode atingir o organismo físico ou etérico. Então, o corpo astral ou o Eu têm de realizar uma tarefa que normalmente não executam. Numa certa idade em que deveriam desenvolver-se numa

atividade anímica livre, eles têm de voltar atrás, a uma idade anterior – em muitos casos até mesmo à idade embrionária - para colaborar na formação de configurações físicas e etéricas que já deveriam ter passado ao organismo físico e etérico; ou seja, aquelas executadas na primeira fase da vida humana pelo corpo astral e pela organização do Eu, porém que mais tarde são assumidas só pelos organismos físico e etérico. Pois *todo* desenvolvimento do organismo humano se baseia no fato de que, originariamente, a configuração geral dos corpos físico e etérico resulta da atividade do corpo astral e da organização do Eu; porém, com o progressivo aumento da idade, as atividades do astral e do Eu continuam ocorrendo nas organizações física e etérica. Se isto não ocorre, o corpo astral e a organização do Eu atuam em alguma fase de seu desenvolvimento de uma maneira inapropriada a esta fase.” (*Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar*, Steiner, p. 63)

## Conclusões

Como pudemos observar, os conceitos antroposóficos sobre *a natureza imaterial do homem* apresentam inúmeras semelhanças com os modelos teosófico e rosacruz, pela influência que estas filosofias exerceram na formação de Rudolf Steiner. Ao substrato conceitual destas linhas filosóficas, Steiner refere ter acrescentado concepções próprias adquiridas através da capacidade intuitiva e clarividente.

Em relação aos veículos sutis humanos, temos a seguinte denominação: *Corpo Etéreo (Etérico) ou Vital; Corpo Anímico-Sensitivo e Alma da Sensação (Corpo Astral); Alma do Intelecto (Organização do Eu); Alma da Consciência; Personalidade Espiritual; Espírito Vital e Homem-Espírito.*

Ao conjunto *Alma do Intelecto* e *Alma da Consciência* denominamos *Eu*, que se assemelha ao *Manas* hindu.

Traçando um paralelismo da concepção antroposófica com as demais correntes filosóficas (rosacruz, teosófica e hindu), teríamos, respectivamente:

- *Corpo Etéreo, Etérico ou Vital / Corpo Vital / Duplo Etérico / Linga Sharira*
- *Corpo Astral ou Alma da Sensação / Corpo dos Desejos / Corpo das Emoções / Kama Rupa*
- *Alma do Intelecto ou Organização do Eu / Mente / Corpo Mental / Manas Inferior*
- *Alma da Consciência / Espírito Humano / Corpo Causal / Manas Superior*
- *Personalidade Espiritual / Espírito de Vida / Corpo de Beatitude / Buddhi*
- *Homem-Espírito / Espírito Divino / Espírito / Atma*

De forma análoga, encontramos semelhança de conceitos entre a Medicina Antroposófica e a Medicina Homeopática. Enquanto Hahnemann atribuía ao “desequilíbrio da força vital” a gênese das doenças orgânicas, administrando medicamentos dinamizados segundo o princípio da similitude no intuito de restaurar a integridade do princípio vital (corpo vital), Steiner considera como fatores do adoecer orgânico a ligação excessiva dos corpos astral e/ou organização do Eu com a entidade física, que está direta ou indiretamente relacionada à deficiência intrínseca do corpo etéreo (vital). Utilizando muitos dos medicamentos homeopáticos segundo uma orientação orgânica e complexista, a Medicina Antroposófica acrescentou outras substâncias medicinais ao seu arsenal terapêutico, baseando sua aplicação em concepções próprias.

## Referências bibliográficas

Bott, Victor. Medicina Antroposófica – uma ampliação da arte de curar. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 1980, vol. I. Tradução do Dr. Ivan Stratievsky do original francês “Médecine Anthroposophique – un elargissement de l’art de guerir”.

Bott, Victor. Medicina Antroposófica – uma ampliação da arte de curar. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 1982, vol. II. Tradução do Dr. Ivan Stratievsky dos originais franceses “Médecine Anthroposophique – un elargissement de l’art de guerir, Planètes et métaux”.

Steiner, Rudolf e Wegman, Ita. Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 1979. Tradução da Dra. Sônia Setzer do original “Grundlegendes fur eine Erweiterung der Heilkunst nach geisteswissenschaftlichen Erkenntnissen”.

Steiner, Rudolf. Teosofia. Introdução ao conhecimento supra-sensível do mundo e do destino humano. São Paulo: Editora Antroposófica, 1983. Traduzido do original “Theosophie” pelo Dr. Daniel Brilhante de Brito.

Steiner, Rudolf. A fisiologia oculta. São Paulo: Editora Antroposófica, 1987. Tradução da Dra. Sonia Setzer e do Dr. Bruno Callegaro do original “Eine okkulte Physiologie”.



## A Natureza Imaterial do Homem segundo a Cabala Hebraica

## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Introdução   | 257 |
| Desenvolvimento  | 261 |
| <i>Velho Testamento</i> e Cabala - Diferenças entre a religião e o misticismo hebreu | 261 |
| Planos ou mundos de existência   | 264 |
| Emanações da Divindade e as <i>Dez Sephiroth</i> - A Árvore da Vida                  | 266 |
| Constituição imaterial do homem segundo a Cabala                                     | 270 |
| Concepções bíblicas da constituição humana   | 276 |
| Conclusões   | 279 |
| Referências bibliográficas   | 280 |



## Introdução

O termo **Cabala** significa “tradição” (tradição esotérica dos judeus), apresentando como principal característica a transmissão oral do conhecimento, de mestre a discípulo, de geração a geração. Esse conhecimento é de cunho místico, ocultista, unindo o espiritual ao material, o superior ao inferior, o macrocosmo ao microcosmo. O esquema filosófico da Cabala, assim como outros modelos relatados, visa explicar a Criação e a Constituição do Universo.

A antiga **Cabala Hebraica** é considerada uma das fontes originais do conhecimento místico, da qual se originaram muitas outras concepções filosóficas. Nas Sociedades Teosóficas, Rosacruz e Maçônicas, dentre outras, o estudo do **Ocultismo Hebraico** é considerado um tema de interesse ao conhecimento hermético. Blavatsky considera a Cabala, na sua forma pura e original (anterior ao Velho Testamento hebreu), como o produto ocidental da religião da Sabedoria de tempos pré-históricos.

Neste capítulo, traremos algumas noções básicas sobre a concepção imaterial do homem segundo a Cabala. Nosso intuito, em trazer noções preliminares de um conhecimento tão vasto, é, fundamentalmente, tecer comparações iniciais a respeito do conhecimento da natureza imaterial do homem, assim como fizemos com outras concepções filosóficas descritas nessa obra. O aprofundamento no assunto deverá ser realizado pelo estudo pormenorizado das obras citadas e outras fontes de referência.

Para entendermos a origem do **Esoterismo Hebraico** ou **Cabala**, devemos remontar aos fundamentos ocultistas preexistentes nas culturas dos povos por onde passou o povo judeu que, associados aos conhecimentos próprios e intuitivos de Espíritos da estirpe de Abraão, Moisés e Daniel, dentre outros, tiveram importante papel na formação deste corpo doutrinário.

“Utilizando ainda a imagem da *fonte-mãe*, podemos dizer que a corrente original do misticismo hebraico recebeu muitos afluentes. Um deles encontramos nos nômades adoradores de estrelas da Caldeia, onde Abraão, em sua tenda, rodeado pelos rebanhos, ouvia a voz de Deus. De geração a geração, os príncipes de Israel estreitaram seu relacionamento cultural com os reis-sacerdotes do Egito. A história registra a passagem de Abraão e Jacó pelas terras do Nilo; José e Moisés também estiveram ligados à realeza e à corte dos adeptos reais. Quando estudamos a trajetória de Salomão, que se dirigiu a Hiram, rei do Tiro, para solicitar homens e materiais para a construção de seu Templo, não podemos negar que as consequências dessa união de interesses propiciou a influência dos famosos mistérios de Tiro sobre o esoterismo hebraico. Ao lermos que Daniel foi educado nos palácios da Babilônia, podemos deduzir que a sabedoria de seus místicos devem ter deixado marcas nos iluminados hebreus. Tais lugares e personagens, aparentemente separados no espaço e no tempo, estão unidos por uma espécie de *corrente contínua de saber* que impregna os iluminados que o criador envia de tempos em tempos para manter a *Lâmpada Perpétua da Sabedoria* acesa.”  
(*O Arquétipo Sefirotal no R.E.A.A.*, Irmão Malkhut, p. 16)

Como veremos a seguir, muitos dos conhecimentos trazidos pela Cabala encontram semelhança com ensinamentos divulgados por outras filosofias, entendidos como emanções da Sabedoria Divina distribuídas, de tempos em tempos, nas diversas civilizações terrenas. Em todas as épocas surgiram indivíduos dotados de grande conhecimento e preparo, chamados de Guias, Avatares, Iluminados ou Messias, que

ensinaram máximas filosóficas e religiosas aos seus povos, trazendo conceitos universais que se perpetuaram ao longo dos tempos. A própria noção da imaterialidade humana, como citado na Introdução desta obra, fez parte das várias culturas, chegando aos nossos dias com algumas diferenças conceituais.

Diversas correntes filosóficas ocidentais atuais (**Teosofia, Ordem Rosacruz, Maçonaria, Espiritismo, Antroposofia**, etc.), originárias do conhecimento oriental antigo, trazem em seu corpo doutrinário teorias semelhantes sobre as “raças matrizes” da Humanidade, as quais foram lideradas por Individualidades (*Mentes*) que traziam em sua bagagem evolutiva o conhecimento adquirido em outras épocas e planos de existência. Num dos seus ensaios, William Wynn Westcott discorre sobre este assunto, relacionando-o com o surgimento do conhecimento hermético.

“No ano passado tive a honra de pronunciar uma conferência nesta Loja a respeito do profundo esquema do desenvolvimento do homem, com especial relação às três primeiras Raças-raiz da humanidade no Quarto Ciclo, como nos ensina a *Doutrina Secreta*. Sugerir então que, com o descenso da Mente no homem material bem desenvolvido do ponto médio entre a terceira e a quarta Raça, seguiu-se uma encarnação de algumas Mentes verdadeiramente grandes, que dotaram a humanidade nascente com a sabedoria dos seres mais espirituais, que possuíam a compreensão mental do conhecimento dos Mundos e da verdadeira história da origem e destino do homem. Os teosofistas supõem que esse ensinamento formava a base da ‘Religião da Sabedoria’, que tem sido preservada até agora através dos tempos. Acreditamos que existiram adeptos em muitas terras ao longo dos séculos de mudança, juventude e decadência de raças e nações: não duvidamos que muito da sabedoria primordial não foi assimilada pelos sucessores desses sublimes professores; mas, por outro lado, pode ter havido uma reorganização coincidente de fatos e noções, por meio da qual uma corrente cristalina da verdade a respeito da origem das religiões e do conhecimento humano chegou até nossa época, e é provável que alguns lampejos da Doutrina Secreta ainda existentes na Ásia Central nos sejam oferecidos. De acordo com essa concepção, a existência de outros sistemas de filosofias religiosas que apresentam pontos de semelhança com a Doutrina Secreta é explicada pela sugestão de que vieram de algum antigo ramo comum, de algum período da história da humanidade que talvez nos seja desconhecido; e esse lapso de tempo, e a antiguidade dos guardiães dos sistemas similares, porém mais ou menos divergentes, explicariam tanto as similaridades como as diferenças, especialmente se considerarmos que a transmissão do sistema divergente foi prejudicada pelo fato de que, em alguns períodos, seus possuidores não atingiram um estágio de pureza moral, mental e espiritual, que lhes permitisse continuar se inspirando na fonte original. Uma vez quebrada a conexão com a verdadeira fonte, a decadência gradual de uma filosofia é facilmente concebível. Se alguma vez existiu tal nexa entre a Cabala primitiva e a Religião da Sabedoria, talvez nunca se venha a saber, mas o estudo dos livros cabalísticos mostra que uma lenta degradação veio ocorrendo com esta filosofia desde os tempos medievais. Alguns escritos dos últimos rabinos diferem tristemente dos tratados mais puros e mais antigos. Qualquer que tenha sido a origem dessa filosofia, é inegável que os mais antigos rabinos atribuíam uma data pré-histórica à sua concepção; e sendo hebreus, os quais eram, sem dúvida, eminentes no estudo e na prática da lei esotérica de Moisés, atribuíam à sua filosofia uma origem tão distante no tempo quanto a própria origem do homem. Eles afirmavam datar sua origem ao próprio Adão, o primeiro ser humano de sua cosmogonia, e diziam-no instruído por anjos enviados pela Divindade, a quem esotericamente descreviam como Jehovah Elohim, aquele que, segundo eles, colocou a Alma no Homem, tornando-o uma criatura viva e pensante. Aqui, pois, temos um paralelo. A Doutrina Secreta sugere que os primeiros pensadores foram ensinados por espíritos solares de ordem sublime; os rabinos diziam que sua Cabala, sua doutrina esotérica – em contraste com o Pentateuco, sua religião esotérica – foi dada aos primeiros homens por seres angelicais vindos do Criador.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 63-4)

A tradição mística dos hebreus é composta por três escrituras: *O Velho Testamento* (Livros da Lei e dos Profetas), o *Talmude* e a *Cabala*. Westcott faz a distinção entre a antiga Cabala Hebraica, considerada uma “doutrina esotérica”, com a teologia hebraica encontrada no *Pentateuco* e no *Talmude*, seguida ao longo dos tempos pelo povo judeu, considerada por ele uma “religião esotérica”. Compara o obstáculo à divulgação do conhecimento esotérico hebraico da Cabala ao que ocorreu na Índia com o conhecimento esotérico contido nos *Upanishads*.

“Deve-se confessar que a origem da Cabala se perde na névoa da antiguidade; ninguém tenta nem mesmo demonstrar quem foi seu autor, ou quem eram seus primeiros instrutores. Um número considerável de outras provas poderia ser aduzido para mostrar que suas raízes remontam aos rabinos hebreus da época do Segundo Templo. Não conheço indícios de sua existência antes disso. Um de seus principais livros, o *Sepher Yetzirah*, é tido como tendo sido escrito por Abraão; mas a crítica moderna, que dificilmente se dispõe a admitir a existência desse patriarca, certamente não aceita essa atribuição. Sugeri que o cativo judeu na Babilônia levou à formação dessa filosofia graças à influência da tradição e do dogma dos caldeus sobre a tradição judaica. Não há dúvida que em seus estágios iniciais o ensinamento foi integralmente oral, e tornou-se variado segundo as mentes pelas quais foi sendo infiltrado; não há provas de que qualquer de suas partes tenha sido escrita séculos depois; e ele se manteve curiosamente distinto tanto da doutrina esotérica mosaica do Pentateuco quanto dos comentários sempre mais e mais volumosos do *Talmude*. O *Mishnah* e o *Gemara*, que formam o *Talmude*, parecem ter se desenvolvido na teologia hebraica sem se combinar com essas recônditas doutrinas da Cabala. De maneira semelhante, vemos na Índia que os *Upanishads*, uma série de tratados esotéricos, se desenvolveu à margem dos *Brahmanas* e *Purânas* – instruções esotéricas destinadas ao uso das massas.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 64-5)

A grande dificuldade de quem deseja se aprofundar na Cabala é que grande parte dos livros cabalísticos só podem ser estudados no hebreu rabínico e em caldeu, língua de origem deste conhecimento, pelo cativo judeu ter ocorrido na Babilônia. O livro cabalístico de maior importância é o *Sepher Yetzirah* ou “Livro da Formação”, atribuído ao patriarca Abraão (as versões mais antigas datam do ano 200 d.C.), que discorre sobre a origem do mundo, os planetas, as divisões do tempo, os signos zodiacais, os elementos, as estações do ano, os órgãos humanos, etc., relacionando os números aos diversos temas. A seguir, temos o *Zohar* ou “Livro do Esplendor”, atribuído ao rabino Simeon ben Jochai (160 d.C.), sendo constituído por inúmeros tratados que versam sobre a Divindade, os Anjos, as Almas e a Cosmogonia. A estas obras básicas, foram acrescentados inúmeros outros tratados famosos, como “O Comentário sobre as Dez Sephiroth” e o “Otz ha Chiim ou Árvore da Vida”, relacionados diretamente com nosso estudo atual.

Estas obras representam o núcleo da “instrução oral”, passada de rabino a rabino ao longo dos tempos, encaradas pelos mesmos como o conhecimento oculto e secreto que Moisés recebeu de Deus, para ser utilizado apenas pelos sacerdotes judeus, ao contrário dos códigos morais e teológicos encontrados no *Pentateuco*, alicerce da religião hebraica, para serem divulgados às massas.

Inúmeras escolas se propuseram a estudar o “ocultismo rabínico” ou Cabala, dividindo-se em duas facções principais: uma que se dedicava ao estudo do “conhecimento doutrinário e dogmático” e a outra que valorizava os “aspectos práticos e as operações de prodígios”.

Comparada à *Doutrina Secreta*, ensinada pela Teosofia e demais escolas oriundas do Oriente, a Cabala apresenta concepções filosóficas comuns em relação à Divindade, aos vários Planos ou Mundos de existência, aos Anjos e entidades espirituais, à constituição imaterial do homem e à preexistência da alma e reencarnação. Por outro lado, existem outros pontos que não são citados ou valorizados pela Cabala, como nos ensina Westcott.

“Muitos pontos dos ensinamentos da Doutrina Secreta não são sequer tocados pelo sistema hebreu, ou são excluídos por diferenças de natureza fundamental: tais são a cosmogonia de outros mundos, ou do nosso próprio em Períodos anteriores ao atual (a não ser que a expressão Mundos de Força Desequilibrada destruídos se refira a estes últimos); a inviolabilidade da lei, como Karma, não tem caráter proeminente; e o número de renascimentos é em geral limitado a três. Uma pequena parte da doutrina cabalística pode ser encontrada no *Talmude*, mas esses tratados apresentam uma grosseria que não se encontra na verdadeira Cabala nem no sistema esotérico oriental: como, por exemplo, as teorias do rebaixamento do corpo humano para formas animais; homens renascidos como mulheres, como *punição* de pecados cometidos na Terra em vida anterior (veja o rabino Manasseh no Nishmath Chiim ou ‘Sopro de Vidas’).” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 66-7)

## Desenvolvimento

### ***Velho Testamento e Cabala - Diferenças entre a religião e o misticismo hebreu***

Remontando a origem da Cabala a épocas anteriores ao surgimento do povo judeu, Balavtsky fundamenta nas culturas caldéia e egípcia os preceitos cabalísticos, chegando a questionar a atribuição dada aos hebreus de serem os autores originais do conhecimento e dos mistérios citados no *Zohar*, no *Pentateuco*, no *Talmude* e no *Sepher Jetzirah*. Assim como outros povos da antiguidade, coube aos judeus a divulgação e a recompilação de conhecimentos iniciáticos oriundos de culturas mais antigas. Para Blavatsky, “a verdadeira *Cabala* se acha no *Livro dos Números* caldeu”, que faz parte da Doutrina Secreta deste povo: “Todos os povos da antiguidade tiveram suas peculiares tradições baseadas na Doutrina Secreta dos ários, e todos supõem que um Sábio de sua Raça recebeu a primitiva revelação de um Ser Divino e, por seu mandato, a expôs em Escrituras Sagradas.”

“O *Zohar*, o *Livro do Esplendor*, deriva do rabino Simeão bem Iochai (seu filho Eleazar, também rabino, recompilou, com a ajuda de seu secretário Abbas, os ensinamentos de seu defunto pai num livro chamado *Zohar*). Suas doutrinas não são originais do rabino Simeão, segundo demonstra a *Gupta Vidya* oriental, mas são tão antigas como o povo judeu e, talvez, mais antigas ainda. Em resumo, o *Zohar* está adulterado como as tábuas sincrônicas do Egito, depois de terem sido copiadas por Eusébio. Tanto o *Pentateuco* como o *Talmude* foram escritos em linguagem misteriosa, constituindo na realidade uma série de memórias simbólicas que os judeus tinham copiado dos santuários caldeus e egípcios, adaptando-as à sua história nacional. A Sabedoria Cabalística se transmitiu, durante muitíssimos séculos, oralmente, até os *Tanaim* pré-cristãos; ainda que Davi e Salomão fossem muito versados nela, ninguém se atreveu a escrever texto algum até os dias de Simeão bem Iochai, no século primeiro da cristandade. O *Zohar* também se chama *Midrash*, e foi publicado pela primeira vez nos anos 70 a 110 d.C.; depois se perdeu, ficando espalhado seu texto em manuscritos soltos até o século XIII. O *Sepher Jetzirah* ou *Livro da Criação*, atribuído a Abraão, e de texto muito arcaico, aparece mencionado pela primeira vez no século XI, por Jehuda Ho-Levi. Essas duas obras são o arsenal de todas as demais obras cabalísticas conhecidas. A palavra *Cabala* procede de uma raiz que significa ‘receber por tradição’, ou seja, o sistema de ensinamentos orais transmitidos de uma geração de sacerdotes a outra. Os judeus aprenderam dos caldeus os dogmas cabalísticos, e se Moisés conheceu o idioma dos Iniciados, como o conheciam todos os sacerdotes egípcios, estando assim, inteirado do sistema numérico em que se baseava, pôde escrever o *Gênese* e outros pergaminhos. Mas os cinco livros do *Pentateuco* não são as originais memórias mosaicas como se diz. [...] Tudo isso evidencia que a *Cabala* dos judeus é apenas um eco infiel da Doutrina Secreta dos caldeus, e que a verdadeira *Cabala* se acha no *Livro dos Números* caldeu, que atualmente possuem alguns sufis persas. Todos os povos da antiguidade tiveram suas peculiares tradições baseadas na Doutrina Secreta dos ários, e todos supõem que um Sábio de sua Raça recebeu a primitiva revelação de um Ser Divino e, por seu mandato, a expôs em Escrituras Sagradas. [...] Apoiando-se nas confissões dos hebraístas mais eminentes, afirmamos que a *Bíblia* se baseia, essencialmente, em antigos documentos que sofreram interpolações e acréscimos, e que o *Pentateuco* deriva de documentos primitivos por mediação de outros documentos suplementares.” (*Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky, cap. V, p. 332-6)

Indo um pouco mais além, Blavatsky afirma que “a origem dos mistérios remonta à Quarta Raça-Raiz” (Atlântida), que transmitiu à Quinta Raça-Raiz, os Ários, os “Mistérios da Iniciação”: baseados na Doutrina Secreta dos Ários, os demais povos da antiguidade fundamentaram suas peculiares tradições. Relacionando à degradação moral humana a necessidade de implantação do processo de “Iniciação nos mistérios ocultistas”, Blavatsky atribui às culturas hindu, caldeia e egípcia, respectivamente, a base do conhecimento esotérico posterior.

“A origem dos mistérios remonta à Quarta Raça-Raiz. Foram comunicados aos eleitos desta Raça, quando a generalidade dos atlantes começou a mergulhar no pecado, e resultava perigoso confiar-lhes os segredos da Natureza. [...] No princípio não havia Mistérios; o conhecimento era propriedade comum, e predominou universalmente durante a Idade de Ouro ou *Satya Yuga*, porque então a natureza do homem era mais divina que humana. Ao multiplicar-se rapidamente o gênero humano, multiplicaram-se também as idiossincrasias de corpo e mente, e então o encarnado espírito manifestou a sua debilidade. O egoísmo nasceu dos desejos e paixões até então desconhecidos, pelo que os homens abusaram de seu poder e sabedoria até que foi preciso limitar o número dos que sabiam. Assim começou a Iniciação. [...] A necessidade de encobrir as verdades para resguardá-las de possíveis profanações se fez sentir mais e mais em cada geração e, assim, o véu tênue, a princípio, foi gradualmente se fazendo espesso e conduzindo aos Mistérios. Estes se estabeleceram em todos os países e povos, e procurou-se, ao mesmo tempo, para evitar contendas, que na mente das massas profanas se aprofundassem crenças esotéricas inofensivamente adaptadas às inteligências vulgares, como uma história para crianças, sem temer que a fé popular prejudicasse as filosóficas e abstrusas verdades ensinadas nos Santuários. [...] Os Mistérios da Iniciação foram trazidos da Atlântida pelos Ários, e serviram de base a todas as leis civis, políticas e religiosas. [...] A filosofia hindu isenta de Mistérios penetrou na Caldéia e na Pérsia, dando origem à doutrina dos Mistérios egípcios. Estes foram anteriores aos hieróglifos, que deles dimanaram como permanentes arquivos necessários para preservar e comemorar seus segredos. A palavra *hieróglifo* deriva das gregas *Hieros* (sagrado) e *Glyfo* (gravar). Os caracteres egípcios estavam consagrados aos deuses como na Índia o Devanagari era a língua sagrada. Constituíram a primeira filosofia que serviu de pedra angular à moderna. Porém, a progênie, ao perpetuar as formas do corpo externo, perdeu no caminho a alma e o espírito do progenitor.” (*Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky, cap. V, p. 353-7)

Como citamos anteriormente, grande diferença existe entre as concepções religiosa e esotérica da cultura de um povo, que não são divulgadas de maneira uniforme, denotando interesses no obscurantismo espiritual das massas pelas classes religiosas, que sempre ocuparam posições de liderança política e econômica em todas as raças e épocas da humanidade. Enquanto os rígidos códigos morais e religiosos tem o intuito de manter os homens submissos ao poder vigente, o conhecimento profundo da espiritualidade e das potencialidades humanas permite ao ser transcender os dogmas e preconceitos impostos, libertando sua mente da ignorância e permitindo desenvolver o potencial que apresenta. Na Índia e no Egito, o sistema de castas propiciava estas diferenças, enquanto que no Ocidente a Idade Média foi o exemplo típico da manutenção do obscurantismo intelectual pela Igreja, provocando o movimento renascentista europeu de libertação cultural.

Direcionando o foco à cultura judaica, Westcott analisa algumas diferenças encontradas no conhecimento divulgado pelo *Velho Testamento* ao povo hebreu e pela *Cabala* aos rabinos judeus. Entre elas, poderíamos citar a teoria da “vida após a morte ou sobrevivência da alma humana”. Enquanto é negada pelo *Velho Testamento*, faz parte

do conhecimento cabalístico. Por estarmos tratando da concepção imaterial do homem, este assunto apresenta real importância no contexto geral.

“A Lei Mosaica, eminentemente valiosa para uma pequena nação há 3000 anos e que contém muitas regras que mostram uma grande atenção para com os problemas sanitários, é marcada pela aplicação de penas grosseiramente cruéis e um rude tratamento dos falíveis mortais, que muito dificilmente serão compatíveis com as visões do que poderia ter emanado do Arquiteto do Universo com seus seis milhões de mundos; e a ausência quase total de referências à vida depois da morte mostra um materialismo tão grosseiro que de fato exigia um Doutrina Secreta, ou um novo Apocalipse de um certo Jesus, cuja vida lhe valeu o título de Cristo. [...] Mas o comentário é verdadeiro, e o Velho Testamento ensina que o homem não é mais imortal que os animais, como mostra o Eclesiastes, III, 19: ‘Pois o que acontece aos filhos dos homens, isso também acontece aos animais; como morre um, assim morre o outro; todos têm o mesmo alento; assim, o homem não tem proeminência sobre os animais, tudo é vaidade. Todos vão para um mesmo lugar; todos são pó e ao pó retornarão.’[...] Voltemos, no entanto, à narrativa da criação, e encontraremos a mesma história; os animais são feitos do pó, o homem é feito do pó, Eva é feita de Adão, e cada um deles recebeu o sopro, o Nephesh Chiah - o Fôlego de Vida; mas nada sugere que Adão tivesse recebido um raio da Mente Suprema que nele deveria habitar por algum tempo para ganhar experiência, receber a retribuição e então passar a outro estágio de progresso, e depois empreender um retorno final à sua origem divina. E, no entanto, os autores desses volumes, fossem quem fossem, dificilmente poderiam deixar de ter uma concepção de uma parte mais elevada do homem, de sua alma espiritual. Penso que o Velho Testamento está emasculado, e que foi privado de sua filosofia religiosa por homens que tinham por objetivo designá-la para uma casta privilegiada, enquanto a rigidez estrita da lei e da tradição foi divulgada para aceitação popular. O âmago da filosofia espiritual, que falta ao Velho Testamento como livro religioso é, suponho, o núcleo essencial da Cabala; pois os dogmas cabalísticos são hebreus, espirituais e sublimes em sua grandeza; e o Velho Testamento lido à luz desses dogmas torna-se merecedor da aceitação de uma nação. Falo da Cabala, daquilo que considero o antigo substrato da Cabala; de imediato, posso garantir que em todos os tratados ainda existentes estas verdades primevas foram obscurecidas por gerações de revisores, através de edições visionárias e frequentemente rudes, e pelas fantasias da imaginação oriental; mas as notas-chave de um grande poder espiritual divino oculto, de suas emanções manifestas, ou de sua energização da vida humana, da existência prolongada das almas humanas e do estado temporal da existência corpórea, são doutrinas fundamentais ali amplamente ilustradas; e estes são os pontos de contato entre a Cabala dos judeus e o chamado esoterismo dos ensinamentos de Buda e do hinduísmo.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 76-7)

Neste enfoque, Blavatsky cita que as escrituras hebraicas se originaram de duas escolas, a *Eloística* e a *Jeovística*, a primeira ensinando a *Doutrina Esotérica* (seus propagadores eram videntes) e a segunda a *Doutrina Teológica* (seus propagadores eram os profetas ou rabinos).

“Certamente floresceu em passadas idades uma poderosa civilização de enorme caudal de sabedoria, com um só idioma sobre a Terra, cuja essência é possível inferir dos fragmentos que ainda restam. As escrituras hebraicas admitem duas escolas: a Eloística e a Jeovística, porém as passagens correspondentes a uma e outra se confundiram e misturaram de tal modo, posteriormente, que não é possível apreciar os seus caracteres externos. Não obstante, se sabe que ambas eram antagônicas, pois uma ensinava a doutrina esotérica e a outra a teológica. Os Eloístas eram videntes e os Jeovistas eram profetas, os que depois se chamaram rabinos. [...]” (*Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky, cap. V, p. 334)

Ambos os autores criticam as inúmeras interpretações da Bíblia, envolta em verdades parciais, pelos seguidores das diversas religiões, que demonstram o orgulho pessoal e o interesse em ratificarem nas mesmas as condutas viciosas pregadas pelas suas seitas.

A ideia sobre a Divindade também é analisada segundo esta dualidade de concepções: numa (*Jeovística*), um Deus com características humanas, privilegiando o povo escolhido de Israel em detrimento de outras nações e utilizando o poder para se impor; na outra (*Eloística*), a representação de um conjunto de potencialidades espirituais que atinge os seres de igual modo, estimulando o esforço individual para que ocorra o desenvolvimento das mesmas.

“Jeová do Velho Testamento - como um Deus tribal, com características pessoais, demonstrando seu poder e glória a um povo escolhido, oprimindo outras nações e escolhendo como seus enviados especiais e representantes homens que nossa civilização condenaria como não sendo dotados de suficiente elevação para deterem o poder Espiritual - não é representado na Doutrina Secreta hebraica. A Cabala está, de fato, repleta de Jeová, do divino nome de quatro letras, mas é o nome de um grupo de concepções divinas, de emanções de uma luz espiritual central cuja presença unicamente é postulada; de um Absoluto, que tem uma infinidade de intervalos descendentes até atingir o próprio Jeová - o Elohim - o grupo de atributos especiais sagrados que só o intelecto humano pode reconhecer. Segundo outro modo de ver, Jeová é o grupo de emanções da fonte deífica chamada as Dez Sephiroth, as Vozes do Céu. Estas Dez Sephiroth - das quais a primeira é uma condensação da Glória Suprema do Ain Suph Aour, a Luz Infinita - aparecem como um arco-íris do Divino num Primeiro Mundo, ou sobre o mais elevado plano acima da concepção humana, o do Atzeluth; por reflexões sucessivas, diminuindo de brilho, é atingido um plano concebível pelo homem, como o da pureza de sua mais elevada missão espiritual. O agrupamento das dez qualidades divinas, neste plano, numa Tétrada Divina, é simbolizado por Yod HéH Vau HéH, o Tetragrama, o Jeová cabalístico, ou o Iahveh dos críticos exotéricos, o original daquele Deus, cuja reflexão tosca como protetor de uma nação é formulada no Velho Testamento.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 78)

“[...] Os Eloístas davam à palavra *Elohim* o significado de Forças, e, de acordo com a Doutrina Secreta, identificavam a Divindade com a Natureza. Enquanto isto, os Jeovistas tinham a Jeová como um Deus pessoal e externo. O *Zohar* pressupõe, como a Doutrina Secreta, uma Essência Universal, eterna, absoluta e, portanto, passiva, em tudo quanto os homens chamam atributos. A Tríada anticósmica é pura abstração metafísica.” (*Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky, cap. V, p. 334)

## Planos ou mundos de existência

Como vimos anteriormente, a concepção esotérica da Divindade segundo a Cabala difere totalmente da ideia de Deus pregada pelo *Velho Testamento*. Na Cabala, o Ser Supremo é considerado como um “Poder Eterno Inconcebível que, através de sucessivas emanções, chega a uma existência mais e mais concebível”, emanando seus atributos (Sabedoria, Inteligência, Graça, Força, Beleza, Vitória, Glória, Fundamento e Reino) através dos diversos planos de existência. Embasando a teoria de uma *fonte-mãe* ao conhecimento esotérico das diversas civilizações, a analogia com as doutrinas analisadas anteriormente é enorme.

Do Plano da Existência Inconcebível ou “Mundo de Atziluth” (Mundo Arquetípico ou Mundo da Emanação) esses atributos fluem para o Plano dos Espíritos Puros ou



“Mundo de Briah” (Mundo da Criação), para o Plano dos Poderes Angelicais ou “Mundo Yetzirático” (Mundo da Formação) e para o “Mundo de Assiah” (Mundo da Ação ou Mundo Material), estando as “abstrações Divinas das Dez Sephirot Sagradas” concebíveis pelo intelecto humano apenas no quarto plano deste Mundo.

“Devo dizer, preliminarmente, que embora esses cabalistas fossem hebreus - instrutores que ensinavam ao povo as leis e os dogmas do Pentateuco como religião esotérica - sua concepção esotérica de Deus não tem nada, ou quase nada, em comum com o Deus do Gênesis ou de parte do Velho Testamento. O ser supremo da Cabala é demonstrado de duas maneiras; de um lado, o Poder Eterno Inconcebível que, através de sucessivas emanações, chega a uma existência mais e mais concebível; formulando seus atributos em concepções de Sabedoria, Beleza, Poder, Misericórdia e Governo; exibindo esses atributos primeiramente numa universalidade suprema, para além do alcance dos espíritos, de anjos e de homens, o Mundo de Atziluth; depois formulando um reflexo das mesmas essências exaltadas no plano dos Espíritos Puros, também inconcebível aos homens, o Mundo de Briah; novamente o reflexo é repetido, e a Essência Divina, através de seu grupo de atributos exaltados, é reconhecível pelos Poderes Angelicais, o Mundo Yetzirático; e depois, finalmente, as abstrações Divinas das Dez Sephirot Sagradas são uma emanação ainda mais restrita e condensada, e são concebíveis pelo intelecto humano; pois o homem existe no Quarto Mundo de Assiah, na sombra da Décima Sephira - o Malkuth ou Reino do Mundo dos Invólucros. Não é de espantar, portanto, a pequenez do ideal que o homem pode formar do Divino. Outras vezes, encontramos a abstração metafísica deixada de lado, e toda a riqueza das imagens oriental amplamente utilizada na descrição de seu Deus; imagens agrupadas e concentradas em torno do emblema de uma humanidade exaltada, tão inflada, tão extravagantemente aumentada, que se perde de vista o homem terreno, dentro da grandeza e rarefação da palavra, ao pintar verbalmente o retrato divino. Pode ser isso um antropomorfismo divino, mas um antropomorfismo tão obscurecido por sua inatingível grandeza, que os elementos humanos em que se baseia a analogia desaparecem completamente no Homem Celestial de suas fantasias divinas.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 67-8)

Em cada um destes Quatro Mundos habitam seres com diferentes graus de desenvolvimento (arcanjos, anjos, espíritos planetários e guardiães do homem), que somados ao próprio homem (alma humana, ego), habitante do plano terrestre, mostram a escalada evolutiva dos seres em direção ao Criador, cada qual apresentando uma constituição imaterial que corresponde ao grau de desenvolvimento espiritual e à sutileza do plano em que habita.

“De forma paralela à doutrina teosófica, constatamos que a Cabala contempla um período em que existiu a Pralaya, período de repouso e ausência de manifestação, quando o Negativo reinava supremo. Da passividade procedeu a emanação e surgiu a Divindade manifesta. De Ain - repouso, o Negativo - procedeu Ain Suph, o Sem-fronteiras, Ilimitado, a onipresença do Incognoscível; ainda condensando-se na manifestação através da emanação, aparece o Ain Suph Aur - Luz Ilimitada que, coagulada num ponto, aparece como Kether, a Coroa da Manifestação. Seguem-se então as Dez Sephiroth, as Vozes Sagradas, em mundos sucessivos, e concentrando-nos em quatro concepções divinas atingimos um estágio de existência espiritual que o homem tenta compreender e através de definição, limitar, restringir e descrever, criando assim para sua adoração uma personalidade divina. Por estágios graduais de desenvolvimento, cada qual mais distante da fonte, surgem os poderes e forças que receberam os nomes de arcanjos, anjos, espíritos planetários e guardiães do homem; mais longe ainda de Deus, temos as almas humanas, que são como centelhas de luz saídas da insuportável Luz da Divindade, em forma de ego para passar por uma longa série de transformações e experiências com as quais percorrem o circuito de um Universo, em todos os estágios da existência de separação da fonte divina, para ser finalmente

reincorporadas em Deus, o Pai, de onde emergiram numa peregrinação seguindo uma sucessão regular de evolução e involução, assim como até mesmo o Divino passa por períodos sucessivos de inspiração e expiração, de manifestação e repouso.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 78-9)

Analogamente às demais concepções filosóficas, temos na Cabala a descrição dos quatro Mundos ou Planos Superiores, com a seguinte correspondência na Teosofia e na Rosacruz:

- Plano Nirvânico / Mundo do Espírito Divino / Mundo de Atziluth ou Divino;
- Plano Búdico / Mundo do Espírito de Vida / Mundo de Briah ou Moral;
- Plano Mental / Mundo do Pensamento / Mundo Yetzirático ou Mental;
- Plano Astral / Mundo do Desejo / Mundo de Assiah ou Emocional.

## **Emanações da Divindade e as *Dez Sephiroth* - A Árvore da Vida**

Como vimos anteriormente, as dez emanções da Divindade são representadas por dez *Sephiras* (Sefiras ou Sefirotas), constituindo este o arquétipo humano da “Árvore da Vida”, principal herança do misticismo de Israel (descritos nos tratados cabalísticos “O Comentário sobre as Dez Sephiroth” e o “Otz ha Chiim, ou Árvore da Vida”). Nesse modelo espiritual, o ser humano se liga ao Criador através da figura do “Adão Celeste”, que por ter sido criado segundo a “imagem e semelhança de Deus” possui todas as potencialidades divinas em si mesmo, estando no desenvolvimento das mesmas a meta de evolução interior a ser atingida.

Ao contrário da concepção teológica encontrada no *Velho Testamento*, na qual a “Expulsão de Adão do Paraíso” representa a perda das potencialidades divinas adquiridas no momento de sua criação e plenamente desenvolvidas, a Cabala nos mostra o entendimento profundo desta passagem bíblica, em que “Adão Kadmon” ou “homem arquetípico” deve trabalhar pelo desenvolvimento dos atributos divinos que possui em forma latente, por ser a “imagem e semelhança de Deus”, a partir do momento em que adquire condições para isto.

“[...] Resumidamente, conquanto essa palavra seja perigosa de se usar em se falando de Cabala, podemos dizer que a Árvore da Vida é a tentativa de uma definição ou demonstração diagramática da Criação e da criatura. Partindo de uma ideia central que postula a existência de um saber adâmico, a Cabala é o instrumento que permite, através do estudo e da meditação na Árvore da Vida, que o agente possa chegar a um ‘retorno ao paraíso’, termo simbólico para definir a *re-união* criatura-Criador, para o qual recorre às letras e números que registram a própria história do rompimento original. Por isso, a Cabala considera Deus sob a forma de *Adão-Kadmon* ou *Adão Celeste*, o *Grande Ancião do Zohar*, à semelhança do qual foi criado o homem: *Criei o homem à minha imagem e semelhança*. As sefirotas que compõem a Árvore da Vida estão localizadas em cada uma das partes do corpo do *Adão-Kadmon*, aplicando-lhes a lei dos contrários e a lei sexual.” (*O Arquétipo Sefirotal no R.E.A.A.*, Irmão Malkhut, p. 16)

“[...] A separação entre o Criador e sua criação é aparente. Deus é o Homem e o homem é Deus. Somos as partes e somos o todo. Como já vimos, o sentimento de separação grafado no inconsciente coletivo da humanidade resulta do mito do ‘pecado original’, e a grande razão da vida é o impulso interior que o homem possui para se *re-ligar* ao Criador. A Cabala

ensina que nosso corpo é o *Templo do Espírito Sagrado* e que se faz necessário aprender as lições de *Malkhut* (da Terra) para poder percorrer os caminhos que levam a *Kether*. Antes de invocar a Luz Divina, a pessoa precisa estar ligada à Terra, operando no nível material e aprendendo com os padrões cotidianos e provas que escolhemos para nossa encarnação. É preciso ter a capacidade de sentir a importância das coisas comuns para se ter *discernimento* e atuar eficazmente num plano mais aprimorado espiritualmente.[...]” (*O Arquétipo Sefirotal no R.E.A.A.*, Irmão Malkhut, p. 16)

A “Árvore da Vida”, arquétipo do Criador e da criatura, inicia sua formação com o despertar do Deus consciente no homem, ou seja, com o advento da “Consciência”. Os raios desta manifestação divina concentram-se na cabeça, numa “Coroa” refulgente chamada *Kether* (Primeira Sefira). Após o estabelecimento da “Consciência Divina”, duas outras potencialidades atingem a criatura: a “Sabedoria” ou *Chokmah* (Segunda Sefira) e a “Inteligência-Compreensão” ou *Binah* (Terceira Sefira). Estes três sefirotos formam uma “tríade superior” de ordem metafísica [analogamente à “Tríplice Entidade Superior” da Teosofia (*Atma, Buddhi, Manas Superior*) e ao “Tríplice Espírito Humano” da Rosacruz (*Espírito Divino, Espírito de Vida, Espírito Humano*)]. Habitam o “Mundo de Atziluth”.

Em continuidade, seguem-se mais três emanções divinas: a “Graça-Amor-Misericórdia” ou *Chesed* (Quarta Sefira), a “Força-Justiça-Severidade” ou *Geburah* (Quinta Sefira) e a “Beleza” ou *Tiphereth* (Sexta Sefira). Estes três sefirotos formam a “tríade média”, de ordem moral. Habitam o “Mundo de Briah”.

Constituindo a “tríade inferior”, de ordem sensória e física, temos os atributos divinos da “Vitória-Triunfo” ou *Netzach* (Sétima Sefira), da “Glória-Esplendor” ou *Hod* (Oitava Sefira) e do “Fundamento-Base” ou *Jesod* (Nona Sefira). Habitam o “Mundo de Yetzirah”.

Finalmente, no polo oposto da Primeira Sefira, temos a Décima Sefira, emanção do “Reino-Realeza” ou *Malkuth*. Habita o “Mundo de Assiah”.

Analogamente ao esquema de *chakras* ou *centros de força* hindu (ou aos *meridianos de energia* da Acupuntura), essas dez *sephiras* são consideradas como “centros objetivos de energia”, através dos quais “circula um constante fluxo de energia”. De forma semelhante às técnicas hindus (yoga), que se utiliza de exercícios respiratórios e meditativos para despertar os *chakras* (*Kundalini* ou *Fogo Serpentino*) e atingir a Iluminação, a Cabala ensina, através de atividades práticas de meditação, a forma de ativar esta “Árvore da Vida”, com suas “dez energias divinas”, percorrendo os 32 caminhos iniciáticos.

Com certa semelhança a outras concepções filosóficas estudadas anteriormente, cada *sephira* relaciona-se a um Arcanjo e a um grupo de Anjos (Magia), a um planeta (Astrologia), a um metal (Alquimia) e a um grupo de letras do alfabeto hebraico, que representam um determinado número (Numerologia).

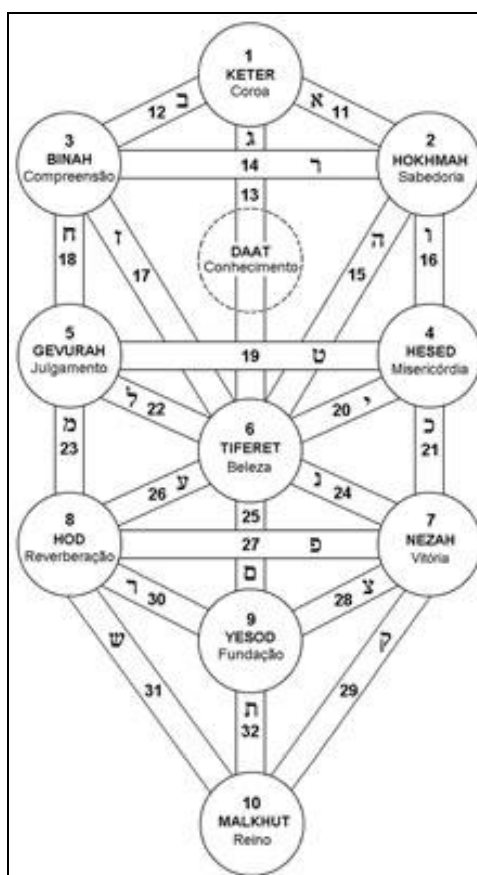
“Assim é que da primeira e mais elevada das Sefirotos, daquela que domina a cabeça do ‘Antigo dos Dias’, a ‘Coroa’, *ela fez fluir duas outras*: uma, ‘macho’ e ‘ativa’, a ‘Sabedoria’ ou ‘Pai’; outra, ‘fêmea’ e ‘passiva’, a ‘Inteligência’ ou ‘Mãe’. Uma e outra cercam a ‘Grande Face’, a ‘Testa Branca do Ancião’. Sabedoria e Inteligência dão nascimento à Ciência, mediadora ou traço de união, mas que não é Sefira. Da terceira, Inteligência, nascem duas

outras Sefirotas: uma, ‘macho’ e ‘ativa’, a ‘Graça’, e outra, ‘fêmea’ e ‘passiva’, a ‘Força’, que são como os braços do *Adão-Kadmon* e se concentram em uma nova Sefira, a ‘Beleza’, localizada no peito e no coração, e por meio da qual todas as coisas se realizam. Enfim, da quinta, a ‘Força’, saem a ‘Vitória’, Sefira ‘macho’ e ‘ativa’ e a ‘Glória’, ‘fêmea’ e ‘passiva’, que correspondem às duas pernas do *Adão-Kadmon* e se concentram no ‘Fundamento’, cujo símbolo é o órgão da geração ou falo. Da mesma maneira que uma Sefira, ‘Coroa’, acha-se em cima da cabeça do *Adão-Kadmon*, uma outra, ‘Reino’, fica-lhe sob os pés. [...] As dez sefirotas da Árvore exprimem dez energias divinas, dez aspectos divinos, dez arquétipos que não pretendem limitar o mundo divino, encerrá-lo no número dez, mas traduzir por esse número sua unidade absoluta, tanto quanto sua distinção numa diversidade infinita de aspectos. A Árvore da vida torna-se, assim, o arquétipo do Criador e da criatura. As sefirotas são centros *objetivos* de energia, e nas atividades práticas com a Árvore o deslocamento pelos 32 caminhos tornam-se as experiências *subjetivas* do cabalista. Todavia, assim como há um constante fluxo e movimento de energia no universo, também o há entre uma sefira e outra. O universo assemelha-se a um gigantesco circuito no qual a energia flui para Kether a partir do Indivisível, desce através da Árvore e sobe novamente, proporcionando uma contínua renovação de energia. Embora os caminhos possam ser *subjetivos* para o cabalista, eles são *objetivos* no sentido de que por eles passa um constante fluxo de energia. Em outras palavras, podemos estudar a Árvore da Vida intelectualmente ou fazê-la crescer dentro de nós mesmos através de exercícios de meditação. (*O Arquétipo Sefirotal no R.E.A.A.*, Irmão Malkhut, p. 16)

“Por exemplo, a Cabala demonstra o agrupamento das dez Sephiroth em Três Pilares: o Pilar da Misericórdia, o Pilar da Severidade, e o Pilar da Brandura entre ambos; estes também podem ser associados com as Três Letras-Mãe, A, M, Sh, Aleph, Men e Shin. Então, novamente, com duas linhas horizontais podemos formar três grupos e considerar essas Sephiroth como tipos de três divisões da natureza do homem, a intelectual, a moral e a sensória (não se considerando Malkuth, o corpo material), assim relacionando a Cabala com a Filosofia Mental e Moral, e com a Ética. Com outras três linhas novamente podemos considerar um grupo de Sephiroth como divisível em quatro planos, correspondendo aos quatro planos a que já me referi, sendo que cada um deles deve ser considerado Imanente. Com uma série de seis linhas, nós os agrupamos em Sete Planos relacionados aos mundos dos *Sete Poderes Planetários*, assim vinculando a Cabala à Astrologia. A cada Sephira é dado um título especial da Divindade, um Arcanjo especial, e um exército de Anjos, ligando a Cabala à Magia Talismânica. Para mostrar a íntima relação que existe entre a velha teologia cabalística e a Alquimia Inferior, cada Sephira torna-se o emblema alegórico de um dos metais; e há um volume especial rabínico chamado *Asch Metzareph* inteiramente relacionado com a Alquimia; seu nome em vernáculo é ‘Fogo Purificadores’. Pensa-se que estas Dez Sephiroth são ligadas entre si por Caminhos, ou Vias da Sabedoria, em Número de Vinte e Dois, como mostra o diagrama; eles são numerados com as letras do alfabeto hebraico, cada uma delas, como é sabido, valendo tanto como letra quanto como número. Os 22 Caminhos somados às Dez Sephiroth formam as famosas 32 Vias da Sabedoria, as quais descendo ao homem através de emanações sucessivas permitem que ele remonte à Fonte da Sabedoria, passando sucessivamente por esses 32 caminhos ascensionais. Esse processo de abstração mental dos rabinos constitui aquilo que os hindus chamam de ioga, ou união do ser humano com o divino através da contemplação e da absorção da mente num sonho místico.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 70-1)

O esquema da “Árvore da Vida” é utilizado como exercício ocultista para se ligar com a “Fonte de Sabedoria”, meditando-se sobre os símbolos cabalísticos nela contidos. Exercitando a região do pensamento abstrato de nossas mentes, através da *simbologia sefirótica*, podemos atingir planos superiores da Consciência ou Eu Superior (estados alterados de consciência): lidando com símbolos ou arquétipos, a Cabala “é um sistema poderosíssimo de desenvolvimento da mente.”

“[...] não basta estudar Cabala, é necessário compreendê-la, e para que isso ocorra, é essencial meditar muito sobre ela e sobre seus conceitos abstratos. Nem todas as mentes estão aparelhadas para essa tarefa. Talvez, por isso, os rabinos sigam uma antiga regra do cabalismo de não ensinar a Cabala a quem tenha menos de quarenta anos. Trata-se de uma figura de retórica, cremos, mas que mostra não ser a Cabala acessível a todos. Não basta o saber livresco ou a dedicação ao estudo; é necessário que a mente seja capaz de compreendê-la, porque, assim como na maçonaria, ela lida com símbolos, ou seja, ao formular um símbolo concreto que o olho pode ver, com ele representa a realidade abstrata que nem toda mente humana pode conceber. A Cabala vai fundo nos recessos da alma humana, para extrair de lá as imagens arquetípicas que a ajudarão a explicar a origem da Criação e a atingir poderes inatingíveis para a grande maioria dos mortais. Assim como ícones de programas de computador, os símbolos vão buscar nos escaninhos da mente humana vivências e conhecimentos extraordinários, que jazem inconscientes em nosso Eu Superior, para trazê-los à superfície dos 10% utilizados de nosso cérebro. Os resultados são formidáveis, proporcionando *insights* espetaculares ou levando o praticante a estados alterados de consciência. [...] Pensando sobre uma determinada coisa, formamos conceitos sobre ela. O símbolo precede a elucidação, por isso a Cabala é um sistema poderosíssimo de desenvolvimento da mente. A compreensão pela consciência de um conceito abstrato é um exercício fantástico para o cérebro.[...]” (O Arquétipo Sefirotal no R.E.A.A., Irmão Malkhut, p. 22)



(Diagrama da “Árvore da Vida”)

## Constituição imaterial do homem segundo a Cabala

Enquanto as “Dez Sephiroth” representam as “Emanações de Deus” através dos números (concepção numérica de Deus), esses mesmos atributos podem ser representados pelas letras do alfabeto hebraico, nos “Shemoth”. No nome de Jeová, o Deus hebreu, temos representada a “natureza humana de Deus”, ou seja, a constituição imaterial e material do homem: Espírito, Mente, Alma (animal) e Corpo.

“As Sephiroth formam uma década e constituem a concepção numérica de Deus; Ele pode ser conhecido através de números e letras. As ideias de Deus através dos números são as Sephiroth; através de letras são os Shemoth. [...] É no meio do sol da inteligência humana que está escrito o nome incomunicável IHVH, o Tetragrama; o nome que nunca é lido, mas que se soletra, Jod, He, Vau, He, o jahouvahou, o *ieoua*, do qual formamos a palavra Jeová, trocando as quatro palavras hebraicas místicas pelas cinco vogais de nossas línguas modernas. Assim, o nome sagrado escrito apenas na sua primeira reflexão é a última palavra que surge de nossa inteligência humana, apartando-se dos mais áridos cumes da ciência para atirar-se às asas da fé. É, então, nada menos do que a natureza humana de Deus, ou, se preferires, o nome divino da natureza do homem. Jod, a atividade criadora da Sabedoria. He, o entendimento incompreensível. Vau, a união equilibrada dos dois. Jod é Chokmah, He é Binah, Vau é Tiphereth, o segundo He é Malkuth, o Reino, no qual vemos a Reflexão, ou o Arco-Íris da Coroa, Kether.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 84)

Na Cabala, as entidades imateriais humanas se relacionam com agrupamentos das dez seфирas, variando entre os diversos tratados. Apesar de a nomenclatura ser diferente das concepções hindu, teosófica e rosacruz, o significado é praticamente o mesmo. Segundo Westcott, o “Nephesh” em hebraico corresponde ao “*Kama*” da concepção hindu, ao “Corpo Astral” da concepção teosófica e ao “Corpo de Desejos” da concepção rosacruz. O “Ruach” em hebraico corresponde ao “*Manas*” da terminologia hindu, que se subdivide em “*Manas superior*” e em “*Manas inferior*”, correspondendo o primeiro ao “Corpo Causal” teosófico e ao “Espírito Humano” rosacruz, e o segundo ao “Corpo Mental” da terminologia teosófica e à “Mente” da terminologia rosacruz. O “Neshamah” em hebraico corresponde ao “*Buddhi* ou Corpo de Beatitude” hindu-teosófico e ao “Espírito de Vida” rosacruz.

“A Alma Humana é novamente concebida como repartida em várias formas distintas de manifestações conscientes relacionadas com as Dez Sephiroth: eu não posso revelar a forma precisa pela qual isso se dá, mas vários tratados cabalísticos dão vários agrupamentos, todos relevantes uns aos outros, sendo que o mais usual é uma divisão tripla entre Nephesh, as Paixões referentes ao Malkuth; Ruach, a Mente, Razão e Intelecto, que se referem ao grupo de seis Sephiroth situadas ao redor do Sol de Tiphereth; e Neshamah, as aspirações espirituais associadas com o Triângulo Supremo. As palavras cabalísticas frequentemente citadas são: Arikh Anpin, Macroprosopus, o Vasto Semblante, que é um título da Coroa - Divindade Suprema. Zauir Anpin, Microprosopus, o Semblante Menor, é o Tiphereth central, uma concepção que é muito parecida com a do Cristo, Filho de Deus; Binah é a Mãe Divina - Aima. Malkuth é a Mãe Inferior, a Esposa do Microprosopus.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 71)

Relacionando o hebraico ao shemoth cabalístico, temos que o “Yechidah” ou “Alma Espiritual” em hebraico, “Yod” em shemoth cabalístico, corresponde ao “*Átma*” hindu, ao “Espírito” teosófico e ao “Espírito Divino” rosacruz. O “Neshamah” em hebraico, “Heh” em shemoth cabalístico, corresponde ao “*Buddhi* ou Corpo de Beatitude” hindu-teosófico e ao “Espírito de Vida” rosacruz. O “Ruach” ou “Alma Humana” em

hebraico, “Vau” em shemoth cabalístico, corresponde ao “*Manas*” da terminologia hindu, dividido em “*Manas superior ou Corpo Causal*” e “*Manas inferior ou Corpo Mental*” segundo a terminologia hindu-teosófica, e em “Espírito Humano” e “Mente” segundo a terminologia rosacruz. O “Nephesh” em hebraico, “Hé final” em shemoth cabalístico, corresponde ao “*Kama*” da concepção hindu, ao “Corpo Astral” da concepção teosófica e ao “Corpo de Desejos” da concepção rosacruz. Esses quatro princípios, manifestações da “centelha divina”, atuam, respectivamente, nos Mundos Divino, Moral, Intelectual e Emocional. Todos esses princípios habitam temporariamente o corpo material, estando “implantados no invólucro etérico-vital que modela o corpo físico”.

“O que é, então, que habita temporariamente essa ‘túnica de Pele’ como o Gênesis a chama, este chamado corpo material? É uma centelha divina, composta de vários elementos derivados das quatro partes simbólicas de Jeová, e dos Três Mundos, e estes estão assentados no Quarto Mundo dos Efeitos, o universo material. Ora, é sem dúvida verdade que os números e nomes dessas Essências variam segundo as diversas escolas cabalistas, mas a ideia básica permanece a mesma; de forma semelhante, os princípios da constituição do homem são enunciados de formas diversas dos vários livros teosóficos, mas sua ideia original é em todos eles a mesma. Os princípios do homem podem ser enunciados como sendo três num quarto - o corpo; ou como cinco, considerando-se a forma astral (vital, etérica) e o corpo; ou sete, subdividindo-se o princípio divino; ou dez, comparando-se com as Sefirot. Demandaria tempo explicá-los integralmente e ficaríamos maçados com as palavras abstrusas, verdadeira algaravia para os que não estão habituados com elas; um sistema será suficiente como ilustração. De Yod, o *Je* de Jeová, vem o mais elevado brilho do Divino, comparável ao Âtmã. De Hé, o *O* de Jeová, vem Neshamah, o Buddhi, a alma espiritual. De Vau, o *V* de Jeová, vem Ruach, o Manas, Intelecto e Mente. Do Hé final, o *Á* de Jeová, deriva Nephesh, o Kâma dos teosofistas, as paixões e os apetites. Todos esses estão implantados no invólucro astral (etérico) que modela o corpo físico. Estes quatro princípios atuam nos Quatro Mundos: o Divino, o Moral, o Intelectual e o Emocional respectivamente; e qualquer dessas Essências pode dominar um homem, e de fato elas existem em proporções constantemente variáveis. O princípio mais elevado eclipsa os demais; aqueles que são centrais podem chegar à altura do mais elevado ou, por desprezo de oportunidades ou por ações viciosas, podem cair cada vez mais, até aproximar-se da aparência material do corpo. Assim como Neshamah conduz à excelência espiritual, o Nephesh conduz ao prazer físico. Num outro símbolo, a Cabala diz que o homem tem duas companhias, ou guias: uma à direita, Yetzer ha Tob, para as boas ações; outra à esquerda, Yetzer ha Ra, que lhe apresenta as tentações do mal. A concepção cabalística da constituição, da origem e do destino do homem difere da teosófica, portanto, mais na maneira pela qual é apresentada do que nos princípios; e esses dois esquemas podem ser primeiramente estudados lado a lado, e cada um deles iluminará o outro. Não há, de fato, uma clara linha divisória entre as doutrinas místicas puras do Ocidente - o Cabalismo da Idade Média, relacionado com o Hermetismo Egípcio - e a escola hindu e tibetana de Teosofia Esotérica. Elas constituem apresentações semelhantes de verdades primordiais, distintas na linguagem, nomenclatura e simbolismo empregados no esforço para representar ideias espirituais à humanidade degradada; mas não há razões suficientes para suspeita, ciúme ou condenação, seja do teosofista pelo hermetista, seja do hermetista pelo teosofista. O mundo da civilização européia é amplo o suficiente para que ambos cresçam lado a lado; e o simples fato de que ambos são sistemas filosóficos compreensíveis para os homens é um indício de que *nenhum* deles pode ser composto de uma verdade pura e revelada. Nós ainda só podemos ver como num espelho, obscuramente, e devemos fazer muito progresso até poder ver a Deus face a face.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 71)

Em outra passagem, Westcott complementa a noção sobre a imaterialidade humana segundo a teosofia judaica cabalística medieval. Define a unidade substancial entre o “corpo material” (*Guph*) e o seu “modelo espectral” (*Tzelem*), também denominado de forma astral ou molde etérico, como visto anteriormente. A seguir, cita o “corpo das paixões, emoções e sensações” (*Nephesh*). Em escala ascendente, aborda a “Alma Humana” (*Ruach*), dividida em mente e Espírito. Fazendo parte da Tríade Superior temos a “alma espiritual” (*Neshamah*) ou corpo búdico, que juntamente com a “energia vital espiritual” (*Chiah*) forma o “hálito de vida” (*Neshaamath Chiim*), e a “Unidade Divina de Poder Manifestante” (*Yechidah*). Cita também a relação dos “setênios” com o desenvolvimento destas entidades espirituais.

“O esquema da constituição do homem segundo a teosofia judaica cabalística medieval era o seguinte: o homem tem um corpo material formado de terra e chamado *Guph*, e um *Tzelem* ou espectro. Nestes habita o *Nephesh*, a vida e suas sensações, emoções e paixões; a seguir, há o *Ruach*, a Alma Humana; e então, por cima, sobrepairando o homem, há uma Tríade de autoridade divina composta de *Neshamah*, a alma espiritual, o *Chiah*, a energia vital espiritual, e o *Yechidah* ou “Unidade Divina de Poder Manifestante”: esses princípios eles associavam com as Dez Sephiroth, com as quatro letras do Tetragrama Sagrado IHVH, e com os Quatro Mundos de Existência. Outros rabinos apenas ensinam a fórmula de três almas: o *Nephesh*, para o trabalho do homem no mundo comum, o *Ruach*, no mundo intermediário da mente, e o *Neshamah*, no mundo superior das aspirações espirituais. Alguns rabinos ensinavam a doutrina de ‘*Ibbur*’, pelo qual se diz que o *Nephesh* entra na criança por ocasião do nascimento e, se a criança pratica o bem, o *Ruach* entra em seu sistema à idade de treze anos e um dia, e depois, se o indivíduo continuar no caminho da prática das boas obras, o *Neshamah* lhe é implantado aos vinte anos de idade.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 229)

Segundo Westcott, a relação dos veículos imateriais humanos segundo a Cabala com outras concepções esotéricas é descrita no esquema abaixo. A correspondência com o corpo humano e seus órgãos provém do texto do Irmão Malkhut (1997).

|                  | <b>Nome</b> | <b>Atributo</b> | <b>Planeta</b> | <b>Relação com o corpo</b>             | <b>Prováveis veículos sutis de manifestação</b>                          |
|------------------|-------------|-----------------|----------------|--|--|
| <b>1ª Sefira</b> | Kether      | Coroa           | Plutão         | Subconsciente ou Inconsciente Coletivo | <i>Yechidah</i> ( <i>Atma</i> , Espírito Divino)                         |
| <b>2ª Sefira</b> | Chokmah     | Sabedoria       | Urano          | Hemisfério Cerebral Esquerdo           | <i>Chiah</i> ( <i>Buddhi</i> , Espírito De Vida)                         |
| <b>3ª Sefira</b> | Binah       | Inteligência    | Saturno        | Hemisfério Cerebral Direito            | <i>Neshamah</i> ( <i>Manas superior</i> , Espírito Humano, Corpo Causal) |
| <b>4ª Sefira</b> | Chesed      | Misericórdia    | Júpiter        | Braço Esquerdo                         | <i>Ruach</i> ( <i>Manas inferior</i> , Mente, Corpo Mental)              |
| <b>5ª Sefira</b> | Geburah     | Força-Justiça   | Marte          | Braço Direito                          |  |
| <b>6ª Sefira</b> | Tiphereth   | Beleza          | Sol            | Coração                                |  |
| <b>7ª Sefira</b> | Netzach     | Vitória         | Vênus          | Rim E, Quadril e Perna E               | <i>Nephesh</i> ( <i>Kama Rupa</i> , Corpo Astral)                        |
| <b>8ª Sefira</b> | Hod         | Glória          | Mercúrio       | Rim D, Quadril e Perna D               |  |



|                   |         |            |       |          |   |
|-------------------|---------|------------|-------|----------|---|
| <b>9ª Sefira</b>  | Jesod   | Fundamento | Lua   | Genitais | <i>Tzelem (Prana, Corpo Vital)</i>            |
| <b>10ª Sefira</b> | Malkuth | Reino      | Terra | Pés      | <i>Guph (Sthula Sharira / Corpo Material)</i> |

A seguir, citaremos noções sobre os princípios imateriais do ser humano segundo outros estudiosos da Cabala, demonstrando que não existe uma concordância absoluta entre os mesmos.

No capítulo IV da *Síntese da Doutrina Secreta*, Blavatsky correlaciona os aspectos ou princípios humanos frente às concepções hindu, cabalística e egípcia (hieróglifos).

| <b>Hindu</b>                                    | <b>Cabala</b>           | <b>Egípcia</b>                           | <b>Hieróglifos</b>             |
|---|-------------------------|--|--------------------------------|
| <i>Rupa, Sthula Sharira, corpo</i>              | <i>Guph / Guf</i>       | <i>Kha, o corpo</i>                      | <i>Chat, corpo elemental</i>   |
| <i>Prana, alento de vida, vitalidade</i>        | <i>Kuch-ha- guf</i>     | <i>Ba, alma do alento</i>                | <i>Anch, força vital</i>       |
| Corpo astral ( <i>Linga Sharira</i> )           | <i>Nepesh</i>           | <i>Khaba, a sombra</i>                   | <i>Ka, Corpo astral</i>        |
| <i>Kama Rupa (Alma Animal)</i>                  |                         | <i>Seb, Alma Hereditária</i>             | <i>Ab-Hati, Alma Animal</i>    |
| <i>Manas (Inteligência, Mente, Alma Humana)</i> | <i>Ruach</i>            | <i>Akhu, Inteligência</i>                | <i>Bai, Alma Intelectual</i>   |
| <i>Buddhi (Alma Espiritual)</i>                 | <i>Neshamah - Chiah</i> | <i>Putah, o Primeiro Pai Intelectual</i> | <i>Cheybi, Alma Espiritual</i> |
| <i>Atma (Espírito Puro)</i>                     | <i>Yechidah</i>         | <i>Atmu, Alma Divina</i>                 | <i>Shu, Espírito Divino</i>    |

Numa divisão simplificada, Lorenz (1994) divide a natureza humana segundo a Cabala em três partes: *Nepesh* (corpo físico, corpo vital e corpo astral), *Ruach* (alma ou personalidade humana) e *Neshamah* (Espírito ou Centelha Divina).

“*Nepesh* não é só o corpo visível, mas abrange também o corpo fluídico (perispírito dos espíritos) e o princípio da vida (o fluido magnético vital). Ele é a forma da existência concreta, a parte externa do homem vivo. O que nele domina, principalmente, é a sensibilidade passiva para o mundo exterior, sendo a sua atividade ideal quase nula. *Nepesh* está diretamente em relação com outros seres concretos, dos quais recebe impulsos e sobre os quais também age. *Ruach*, a alma, não é tão sensível às influências do ambiente material, mas flutua entre a atividade e a passividade, entre a interioridade e a exterioridade, ora recebendo sensações do exterior, ora dando impulsos a este. Tem a propriedade de se distinguir de todas as outras partes como um indivíduo especial, de dispor de si mesmo e manifestar-se por fora numa ação livre e voluntária. Formando um laço intermediário entre *Nepesh* e *Neshamah*, entre o concreto ou material e o geral ou espiritual, tem com ambos relações que se podem dividir em três classes: 1) É excitado por *Nepesh*, que lhe é inferior e, por sua vez, age sobre ele; 2) É influenciado pelo particular exterior, corresponde à sua natureza, e exerce sobre ele a sua influência; 3) Recebe estímulo de *Neshamah*, que o impressiona e produz nele uma influência vital mais elevada, mais espiritual; por sua parte, comunica a *Neshamah* suas experiências individuais. *Neshamah* é o Espírito, no sentido que lhe dá o Novo Testamento. É o ser puramente interior; nele não se encontra mais a sensibilidade passiva para a natureza exterior; a atividade domina aqui a receptividade. O

Espírito vive de sua própria vida, e vive para o geral ou para o mundo espiritual. Contudo, é ativo e passivo e, além das relações com a Divindade, está também em relação com *Ruach* e *Nephesh*, em que se reflete. *Nephesh*, com o seu corpo e seu princípio vital, e *Ruach*, com sua força, representam uma imagem exterior do Espírito. O que há de quantitativo em *Nephesh* e de qualitativo em *Ruach*, vem de *Neshamah*, que é puramente interior e ideal. Como já dissemos, cada uma das três partes constitutivas do ser humano tem três subdivisões, que provêm da localização e dos reflexos dos respectivos princípios. Desta forma, distinguimos no Homem nove elementos ou três partes principais, com três graus cada um. [...]” (*Noções Elementares de Cabala*, Lorens, cap. X, p. 63-5)

Discorrendo sobre as causas e o momento da morte corporal, no qual estas entidades desprendem-se do corpo físico, Lorenz cita ainda o *Tselem*, “que é a forma e aparência corporal do homem antes do falecimento”, assemelhando-se ao *Corpo Astral* das concepções esotéricas.

“A alma humana é imortal, mas não atinge a felicidade celeste, que provém da união com Deus, senão quando se tornou perfeita. Isto não é possível no estado atual do homem, por causa da demasiada materialidade do seu corpo. A alma humana é, por isso, obrigada a viver em outros corpos: reencarna-se para se purificar. [...] A morte do homem não é, porém, senão uma passagem a uma nova forma de existência. A Cabala distingue duas causas que podem levar à morte: ou a Divindade diminui sucessivamente ou suprime bruscamente a influência que exerce sobre *Neshamah* e *Ruach*, de maneira que *Nephesh* perde a sua força, pela qual é animado o corpo material, e este morre; ou o corpo se desorganiza sob a influência de alguma perturbação ou lesão, perdendo a propriedade de receber a influência necessária de cima e de atrair a si as forças de *Nephesh*, *Ruach* e *Neshamah*. Cada um dos três graus de existência do homem tem no corpo humano sua sede particular e sua própria esfera de atividade, e como todos os três se ligam ao corpo em diferentes períodos da vida, abandonam o cadáver também em momentos diferentes e em ordem inversa. *Neshamah*, o princípio da vida espiritual, cuja sede está no cérebro, e que se uniu por último ao corpo material - no tempo da puberdade, é o primeiro a abandonar o corpo; geralmente o faz já antes do momento que designamos pela palavra ‘morte’, não deixando no seu órgão ou *Merkabah* mais que uma iluminação. A personalidade do homem pode, entretanto, subsistir ainda por algum tempo, sem a presença efetiva de *Neshamah*. Antes do momento da morte, aumenta o poder de *Ruach* no homem, de maneira que este pode perceber o que antes estava oculto aos seus olhos; a sua vista percorre, às vezes, o espaço e pode distinguir seus amigos e parentes defuntos. Quando chega o momento crítico, espalha-se *Ruach* por todos os membros do corpo e despede-se deles; toda a essência vital do homem recolhe-se ao coração, procurando um abrigo diante dos *Masikim* (maus espíritos) que se precipitam no cadáver. Saindo do coração, escapa *Ruach* pela boca no último suspiro do moribundo. Quando se separou *Ruach*, o homem parece-nos como morto; entretanto, habita nele ainda *Nephesh*, a alma da vida, até que os *Masikin* o obrigam a retirar-se. Muitas vezes demora ainda perto do cadáver, e só quando sobrevém a putrefação perfeita eleva-se acima da esfera terrestre. [...] As esferas superiores do mundo Asiah servem de morada a *Nephesh*. *Ruach* vai habitar o mundo Ietsirah, e *Neshamah* se eleva ao mundo Briah. Todos os três, porém, ficam unidos em um só todo por intermédio do *Tselem*, que é a forma e a aparência corporal do homem, antes do falecimento. O *Tselem* (a obra) consta de três partes: de uma luz interior e espiritual e de duas luzes envolventes chamadas *Makifim*. Cada *Tselem* e seus *Makifim* correspondem, em sua natureza, ao caráter e grau de espiritualidade dos princípios a que pertencem. *Nephesh*, *Ruach* e *Neshamah* podem manifestar-se no exterior só por meio do *Tselem*. Nas aparições de pessoas mortas, vê-se o seu *Habal de Garmin* ou a sutil matéria aérea ou etérea do mundo de Asiah, de que se reveste o *Tselem* de *Nephesh*, para se tornar perceptível aos nossos sentidos corporais. Esta forma dissolve-se logo. O *Tselem* dos homens bons é puro e claro; dos homens maus é sombrio e turvo.” (*Noções Elementares de Cabala*, Lorens, cap. XI p. 67-71)

No capítulo III de sua obra *Qabalah - A doutrina secreta dos judeus numa perspectiva ocidental*, Lyra (1988) discorre sobre a “Constituição espiritual do homem segundo a Qabalah”. Citando os conceitos de Israel Regardie, que analisa os conceitos cabalísticos comparativamente com outras concepções ocultistas, divide as manifestações de *Adam Qadmon* em *Yechidah (Atma)*, *Chiah (Buddhi)*, *Neschamah (Buddhi-Manas ou Manas superior)*, *Ruach (Manas inferior)*, *Yesod (Kama Rupa)*, *Nepesh (Kama e Prana)* e *Guph (Corpo material)*.

“As manifestações ou subdivisões de Adam Qadmon são: **1 - Yechidah**, o imperecível e eterno Peregrino Espiritual, que se encarna de tempos em tempos, para ‘usufruir o prazer entre os seres vivos’. É também chamado de Uno único, o Self real, Khabs, a Estrela. É o ponto quintessencial de consciência, tornando o ser espiritual, o homem espiritual, idêntico à partícula divina e, ao mesmo tempo, diferente com referência ao seu ponto de vista individual. É correspondente ao Atma dos hindus, à Mônada da Teosofia, à Superalma universal, à eterna Fonte de Vida, de Luz, de Amor e de Liberdade. Seria também o Sat da tríade hinduísta. [...] **2 - Chiah**, que é a Vontade espiritual ou impulso criativo espiritual. Regardie a equipara a Buddhi, o veículo espiritual direto de Atma, no Hinduísmo e na Teosofia. Corresponde a Anandamayakoscha da Vedanta, a Karanopadhi, instrumento ou veículo causal da Raja Yoga. E também a Shit da tríade hinduísta. **3 - Neschamah** é o terceiro aspecto da entidade imortal. É a Intuição espiritual ou o Entendimento da Mônada. Corresponderia ao Buddhi-Manas da Teosofia e à Vijnanamayakoscha da Vedanta. Yeschidah, Chiah e Neschmah formam a Tríade Suprema, o Ego Transcendental, a Mônada espiritual original. Estariam sediados respectivamente em Kéther, Chokmah e Binah.[...] **4 - Ruach** é o 4º princípio ou quarta manifestação, que se manifesta em Guedulah, Gueburah, Tif’ereth, Netzach e Hod. Equipara-se ao Manas de Blavatsky e Regardie lhe dá as seguintes atribuições: Memória, Vontade, Imaginação, Desejo e Razão. Ruach é o intelecto e até certo ponto corresponde ao falso Ego ou Ego empírico, o veículo de manifestação do Ego transcendental. A análise ou a subdivisão minuciosa pode dar lugar a confusões, porque é muito difícil separar as manifestações mentais. Intelecto e emoção estão inextricavelmente unidos. Por isto a Teosofia fala em Kama-Manas (desejo ou emoção e intelecto unidos). [...] **5 - Nepesch**, com sede em Yesod, conteria o Sukshmopadhi da Raja Yoga, ou o duplo etérico da Teosofia, ou o corpo vital dos rosa-cruzes. Nepesch é o veículo do Prana, vitalidade ou princípio vital e a fonte dos instintos, dos impulsos e das emoções inferiores. Regardie diz que Nepesch é um princípio dual: a) Prana e b) Corpo astral (Tselem). Há certa impropriedade. Talvez seria melhor dizer que o Corpo astral superior pertence a Netzach e o Corpo astral inferior a Yesod.” (*Qabalah*, Lyra, Segunda Parte, cap. III, p.111-2)

Segundo Lyra, as noções cabalísticas referentes aos corpos imateriais do homem estão esquematizadas abaixo, num esquema comparativo com outras concepções estudadas anteriormente. Pelos autores citados, não encontramos uma concordância absoluta da relação entre as *sephiras* e os veículos imateriais humanos, assim como na definição destes. A grande diferença se encontra na definição de *Nepesh*, considerada por uns como o corpo vital, por outros como o corpo astral e, por outros, ainda, como a união do corpo vital com o corpo astral.

| Hindu                 | Cabala Hebraica              | Cabalística (Shemoth)         | Shephiroth (provável)        | Teosófica            | Rosacruz                  |
|-----------------------|------------------------------|-------------------------------|------------------------------|----------------------|---------------------------|
| <i>Sthula Sharira</i> | <i>Guph</i>                  |                               | <i>Malkuth</i>               | Corpo físico         | Corpo físico              |
| <i>Prana</i>          | <i>Nepesh</i> (Alma Vivente) | <i>Heh</i> ou <i>Hé</i> final | <i>Jesod / Hod / Netzach</i> | Duplo Etérico (Éter) | Corpo Vital (Força Vital) |

|                       |                                  |                          |                                    |                    |                  |
|-----------------------|----------------------------------|--------------------------|------------------------------------|--------------------|------------------|
| <i>Kama Rupa</i>      | <i>Tzelem</i> (Alma Animal)      |                          |                                    | Corpo Astral       | Corpo de Desejos |
| <i>Manas inferior</i> | <i>Ruach</i> (Alma Intelectual)  | <i>Vau</i>               | <i>Tipheret / Geburah / Chesed</i> | Corpo Mental       | Mente            |
| <i>Manas superior</i> | <i>Neshamah</i> (Alma Humana)    |                          |                                    | Corpo Causal       | Espírito Humano  |
| <i>Buddhi</i>         | <i>Chiah</i> (Alma Espiritual)   | <i>Heh</i> ou <i>Hé</i>  | <i>Binah</i>                       | Corpo de Beatitude | Espírito de Vida |
| <i>Atma</i>           | <i>Yechidah</i> (Unidade Divina) | <i>Jod</i> ou <i>Yod</i> | <i>Chokmah / Kheter</i>            | Espírito           | Espírito Divino  |

Finalizando, citemos as variadas interpretações que podem existir dentro de outros estudiosos da Cabala, quanto ao tema da natureza ou constituição imaterial do homem.

“Ao se comparar a exposição de Regardie com a de outros autores, vêem-se diferenças mais ou menos notáveis, ou outros pormenores e enfoques. Assim, Wippler (1974, págs. 155-162) relaciona *Yechidah* com o mundo de Adam Qadmon, e *Chiad* ao mundo da emanção (*Olahm Atziluth*). Coloca *Neschmah* nas três primeiras sefirot e denomina-a o Eu superior, portanto critérios diferentes dos de Regardie. *Neschamah* é a fonte da inteligência e do conhecimento, e *Ruach* o incentivo à ação, o poder da vontade. Para Wippler, *Neschamah* representa o Pilar da Misericórdia e sua sede em *Kéther*. *Ruach* representa o Pilar da Justiça e sua sede em *Tif'ereth*, e *Nepesch*, o Pilar do meio. Equipara *Neschamah* ao *Selbst* de Jung, *Ruach* à psique de Jung, que equivale à mente e a toda atividade mental consciente e inconsciente. *Nepesch* corresponderia à Sombra de Jung, à Natureza inferior, ao lado obscuro do inconsciente pessoal e, qabalisticamente, às forças negras qlifóticas. Waite (1972, págs. 235 a 254) tem outros conceitos, que podem provocar certa confusão no principiante. Assim, *Nepesch* é a alma que forma o corpo e preside a propagação dos seres; *Ruach* é a alma que faz com que *Nepesch* aja e determina o seu tipo de ação. *Neschamah* vai para o alto, ou seja, retorna à Árvore da Vida, de onde veio. [...] MacGregor Mathers (1948, págs. 36-41), citando Eliphas Levi diz que *Neschamah* é o espírito puro imortal. *Ruach* é a alma ou espírito. É progressiva através da evolução das ideias. *Nepesch*, o mediador plástico, é imortal pela renovação de si mesmo através da destruição das formas. O leitor pode, por aí, ver as diferentes terminologias e tem de estar atento para não se confundir.” (*Qabalah*, Lyra, Segunda Parte, cap. III, p.113-4)

## Concepções bíblicas da constituição humana

Em relação ao tema específico desta obra, a natureza imaterial do homem, Westcott (1995) dedica o capítulo 15 (“Algumas anomalias nas concepções bíblicas da constituição do homem”) para analisar as conotações superficiais que os autores dos livros do *Velho Testamento* atribuíram aos veículos de manifestação da individualidade humana. Como já citamos anteriormente, Westcott reitera que esta obra milenar possui um pobre conteúdo filosófico, por representar, especificamente, um conjunto de normas morais e éticas necessárias à manutenção da ordem judaica perante o povo hebreu. Acrescenta a pobreza da linguagem hebraica para descrever termos filosóficos (ao contrário do sânscrito hindu), responsável pelas inúmeras interpretações destes termos nas diversas traduções bíblicas, além do cunho pessoal que cada tradutor e revisor atribuiu aos mesmos, de acordo com suas próprias ideias.

Investigando os termos hebraicos que, segundo a Cabala, correspondem a cada princípio humano, analisa-os nos textos bíblicos, mostrando a confusão criada pelos diversos significados atribuídos à mesma palavra.

Aos termos hebraicos “Tzelem” e “Temunah”, atribui a noção de corpo vital ou duplo etérico (*Linga Sharira*), ou seja, a entidade unida substancialmente ao corpo material e que representa o “molde” ou “espectro” etérico, correspondendo aos significados de “sombra” ou “imagem” encontrados nos dicionários hebraicos. O *prâna* ou força vital, que constitui o corpo vital, é representado na *Bíblia* hebraica pelo termo “ChIH” ou “MchIH”, “Chi” significando “vivente” e “Chiah” com o significado de “vida” (semelhante ao termo chinês). Notemos que a força vital é que anima e dá vida ao corpo físico: em *Gênesis I-30* o termo “Chiah” está descrito como “em que há vida”, do latim *anima vivens* ou “Alma Vivente”; em *Gênesis II-7*, “o fôlego da vida”, do latim “*Halitus vitae*”; em *Daniel XII-2* encontramos “muitos dos que dormem no pó da terra despertarão para a vida eterna”; e em *Ezequiel I-20* temos descrito “o espírito de vida estava nas rodas”, atribuindo-se a energia vital às criaturas viventes.

Em referência ao corpo de desejos ou *Kama* hindu, princípio imaterial existente a partir do Reino Animal (*Alma Animal*), encontramos o radical hebraico “NPSH” ou a palavra “Nephesh”, aplicados indistintamente com o sentido dúbio de “alma animal” (*Nephesh*) e “vida” (*Chiah*), por estes termos serem utilizados frequentemente em conjunção (*alma vivente*). Do mesmo modo, encontramos em *Gênesis II-7* a palavra “Neshamah” em conjunção com “Chiah” (*Neshamath Chiim*), onde lemos: “o Senhor Deus soprou em suas narinas o hálito de vida e o homem tornou-se *alma vivente*”. Os radicais “NPSH” e “NShM” significam “ele soprou”.

Diversas conotações são atribuídas ao termo “Nephesh”, como nos relata Westcott.

“Samuel Frey, em seu *Dictionary*, 1815, dá uma variedade de traduções para *Nephesh*: *halitus*, fôlego; *vita*, vida; *animal*, criatura vivente; *caro*, carne; *anima*, alma animal; *cor*, coração; *appetentia*, desejo, apetite; e para NShM, *anima* e *spiritus*, alma animal e espírito de vida. *Nephesh* torna-se, em grego, *Psyche*; donde *psyche*, psique, a alma vital, por oposição a corpo, mas sem a ideia de ‘mente’. O douto Calmet, em seu *Dictionary of the Bible*, escreve: ‘a palavra alma - *Nephesh* - é muito equívoca na escrita dos hebreus; é usada para designar a alma que anima o homem, a alma que anima os animais, uma pessoa viva, a vida, a morte, o desejo, o amor, a inclinação e a vida de um animal’. No dicionário do erudito e ortodoxo Parkhurst, encontramos uma confissão de triste confusão no verbete *Nephesh*; ele dá como suas significações: 1) Fôlego, como em Jó XLI, 12, 21; 2) Corpo animal, como em Gênesis IX, 4; 3) Sangue, Salmo CXLI, 8; 4) Um corpo morto, Lev. XXI, 1, Números XIX, 11; 5) Um animal com fôlego de vida, Lev. VI, 6; 6) Uma criatura vivente, Gênesis I, 20; 7) Homens viventes, Gênesis XII, 5; 8) O *ser* de IHVH, Deus dos hebreus, por quem jurou, Amós VI, 8; 9) Peixe, Isaías XIX, 10; 10) Apetite e desejo, Gênesis XXXV, 18 (ou, antes, o que chamaríamos raio manásico). [...] A palavra hebraica *Nephesh* é diversamente atribuída a corpo; possivelmente à forma astral; a Prana, ou vida; a Kama; e provavelmente também a Buddhi; pelo menos Parkhurst diz que é aplicada à ‘alma espiritual’. (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 108-9)

Quanto ao *Manas* hindu (*Manas* superior, Espírito ou Corpo Causal / *Manas* inferior, Mente ou Corpo Mental), que é designado pelo radical hebreu “Ruach, RUCH”, com os significados de “ele respirou, ar, vento, fôlego ou espaço”, relata, também, a utilização indefinida deste termo. Associado ao radical “Elohim”, que representa Deus, “Ruach

Elohim” é traduzido pelo termo “Espírito Divino”, sendo usado com o mesmo significado de *Atma*.

“Calmet, autor de *Bible Dictionary*, “*Ruach* significa Espírito, e talvez: 1) A terceira pessoa da Trindade; 2) Hálito da vida animal, Gênesis VII, 12, Números XVI, 22, Jó XII, 10; 3) A alma racional capaz de escolher a felicidade eterna; 4) O vento; 5) Um anjo, demônio, fantasma ou alma, como em I Samuel XVI, 14; 6) O hálito ou fôlego, Gênesis VI, 17; 7) A disposição de ânimo, como em Números V, 14, ‘o espírito do ciúme’; e em Isaías XI, 2, encontramos *Ruach* significando alternadamente o ‘Espírito do Senhor’, da ‘sabedoria’, de ‘entendimento’, de ‘conselho’, de ‘poder’ e de ‘conhecimento’. Essa confusão é fatal a qualquer concepção clara de sentido. Nunca sabemos se *Ruach* significa o ar da respiração ou o influxo divino. [...] Em Eclesiastes XII, 7, ‘O espírito tornará para Deus que o deu’; aqui, aparentemente, *Ruach* significa o raio Manásico dos Teosofistas.” (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 110)

Relata as confusões existentes entre o Espírito humano (*Manas superior*), a mente (*Manas inferior*) e o corpo de desejos (*Kama*), pela utilização de termos mal definidos, conferindo-lhes conotações impróprias. Na própria Roma Antiga, atribuía-se ao termo *anima* a conotação de “alma animal” (*Kama*), enquanto a “alma humana” era definida por *animus* (*Manas; Manas inferior*). As palavras *Daimon* e *Genius* eram utilizadas como sinônimo de “espírito desencarnado”, o “Espírito Humano” (*Buddhi-Manas* ou *Manas superior*) e o termo *Spiritus* correspondiam ao complexo “Espírito Divino” e “Espírito de Vida” (*Atma-Buddhi*).

“As principais palavras referentes aos princípios mental e passional são *Anima*, alma animal, *Kama*; *Animus*, alma humana, *Manas inferior*; *Mens*, intelecto, *Manas Superior*; *Spiritus*, inspiração do alto, espiritualidade, as aspirações superiores, sendo comparado ao alto *Ruach* dos cabalistas e simboliza mais propriamente nosso conceito teosófico de *Atma-Buddhi*. Havia uma diferença reconhecida mesmo na conversação comum na Roma antiga entre o *Buddhi-Manas* e o *Kama-Manas*, entre o elemento manásico da Tríada e o elemento kâmico da Tétrada - observem o uso romano das duas palavras *anima* e *animus*, de um único radical. *Anima* era alma animal, aquilo que o animal tinha. *Animus* era a alma humana. Diziam eles: *Anima vivimus et sentimus, animo sapimus et intellegimus*, “Com a alma animal vivemos e percebemos, com a alma humana nos tornamos sábios e compreendemos”. Por outra, *Anima est vitae*, a alma animal diz respeito à vida, *Animus consilii* - a alma humana diz respeito à consideração, inteligência e conhecimento. Há outras palavras que, na boca de alguns autores gregos e latinos, têm sentido análogo ao de nosso *Manas Superior*, e são *Daimon* e *Genius*: o *Daimon* ou Gênio de um homem era um ser espiritual que supervisionava e impelia um indivíduo nesta ou naquela direção, um guia espiritual, o espírito de um homem. Sócrates percebeu em tempos remotos que possuía um *daimon* que o guiava - uma entidade espiritual - que o enveredou na trilha da sabedoria. Ele declarou que uma voz interior advertia-o e instruíva-o em todas as ocasiões importantes, e ele achava que devia obedecer-lhe. [...] Com referência à palavra *daimon*, devemos ter em mente que era aplicada a bons espíritos tanto quanto a maus; mas que a nossa palavra *demônio*, derivada, sem dúvida do grego através do latim, tem comumente um atributo inteiramente maligno. (*Maçonaria e Magia*, Westcott, p. 114)

## Conclusões

Conforme o observado, o esquema cabalístico da “Árvore da Vida” ou das “Dez Sefiroth”, compara-se aos demais modelos anteriormente apresentados.

Ao “*Linga Sharira*”, “Duplo Etérico”, “Corpo Vital” ou “Alma Vivente”, a Cabala denomina, segundo os autores estudados, *Tzelem* ou *Nephesh*, também chamado forma astral ou espectro.

Quanto ao “*Kama*”, “Corpo Astral”, “Corpo dos Desejos” ou “Alma Animal”, atribui os termos *Nephesh* ou *Tzelem*, não havendo concordância entre os diversos estudiosos da Cabala.

Em escala ascendente, referindo-se ao “*Manas*” ou “Alma Humana”, que engloba o “*Manas inferior*”, “Corpo Mental” ou “Mente”, usa o termo *Ruach*, e ao “*Manas superior*”, “Corpo Causal” ou “Espírito Humano”, usa o termo *Neschamah*.

Ao “*Buddhi*”, “Corpo de Beatitude”, “Espírito de Vida” ou “Alma Espiritual”, segundo elemento da Tríade Superior, relaciona o *Chiah*.

Como veículo de maior hierarquia da Individualidade Humana, temos o *Yechidah*, considerado pelas demais concepções como *Atma*, “Espírito” ou “Espírito Divino”.

## Referências bibliográficas

Blavatsky, Helena Petrovna. Síntese da Doutrina Secreta. Introdução, organização, seleção e tradução de textos por Cordélia Alvarenga de Figueiredo. São Paulo: Editora Pensamento, 1995.

Fortune, Dion. La Cabala Mística. Buenos Aires: Editora Kier, 1973.

Lorenz, Francisco Valdomiro. Noções Elementares de Cabala - A Tradição Esotérica do Ocidente. São Paulo: Editora Pensamento, 1994.

Lyra, Alberto. Qabalah - A doutrina secreta dos judeus numa perspectiva ocidental. São Paulo: Ibrasa, 1988.

Malkhut, Irmão. O arquétipo sefirotal no R.E.A.A. A Verdade. São Paulo: GLESP, n° 398, 1997, p. 16-22.

Westcott, William Wynn. Maçonaria e Magia - Antologia de escritos rosa-cruzes, cabalísticos e maçônicos de W. Wynn Westcott, fundador da ordem hermética "Golden Dawn". São Paulo: Editora Pensamento, 1995. Tradução de "The Magical Mason".

Westcott, William Wynn. An introduction to the study of the Kabbalah. New York: Allied Publications. Disponível em: <http://www.golden-dawn.com/eu/UserFiles/en/file/pdf/Westcott.Kabbalah.pdf>.





## A Natureza Imaterial do Homem segundo a Doutrina Espírita

## Sumário

|   |     |
|---|-----|
| Introdução  | 284 |
| Desenvolvimento   | 287 |
| Reinos da Natureza e veículos de manifestação humana                          | 287 |
| Evolução dos seres - Povoamento da Terra - Período Adâmico                    | 288 |
| Corpo físico  | 294 |
| Instrumento do Espírito   | 294 |
| Célula - Princípio inteligente rudimentar                                     | 295 |
| Cérebro - Órgão de manifestação da mente e do Espírito                        | 295 |
| Corpo físico como abafador das moléstias da alma                              | 297 |
| Controle da mente sobre o corpo físico - Psicossomatismo                      | 298 |
| Princípio vital ou duplo etérico  | 300 |
| Fluido cósmico universal - Duplo etérico - Princípio vital - Ectoplasma       | 300 |
| Princípio vital orgânico - Unidade substancial com o corpo físico             | 303 |
| Fluido cósmico e memória etérica (akásica)                                    | 304 |
| Fluido vital e saúde orgânica   | 304 |
| Fluido cósmico (etérico ou vital) e outras manifestações energéticas          | 305 |
| Princípio vital irracional difere do Princípio Espiritual Inteligente         | 306 |
| Perispírito - União do corpo astral com o corpo mental                        | 307 |
| Veículo intermediário entre o corpo físico e o Espírito                       | 307 |
| União do corpo astral com o corpo mental                                      | 308 |
| Pensamentos e sentimentos - Unidade substancial de manifestação do Espírito   | 310 |
| Purificação do perispírito - Depuração dos sentimentos e dos pensamentos      | 312 |
| Aura humana - Condensação do fluido cósmico em torno do Princípio Inteligente | 314 |
| Fisiologia do perispírito - Centros de força, chacras e glândulas             | 316 |
| Memória perispiritual - Inconsciente ou subconsciente                         | 317 |
| O perispírito modela o corpo físico   | 319 |
| Perispírito e enfermidade   | 320 |
| Espírito ou Mente   | 321 |
| Evolução do Princípio Inteligente ou Espírito                                 | 321 |
| Espírito ou Mente   | 323 |
| Localização da Mente no cérebro   | 324 |
| Energia mental ou pensamento  | 326 |

|  |     |
|--|-----|
| Comando do Espírito (Mente) sobre o corpo físico                       | 328 |
| Afinidade mental entre os seres - Intercâmbio de formas-<br>pensamento | 329 |
| Conclusões   | 331 |
| Referências bibliográficas   | 332 |

## Introdução

A **Doutrina Espírita** ou **Espiritismo Kardecista** é uma corrente filosófico-religiosa amplamente difundida em nosso país, maior propagador mundial da mesma. Assim como as demais filosofias estudadas, apresenta um modelo antropológico próprio, sobre o qual iremos discorrer sucintamente, no intuito de mapearmos a natureza imaterial humana segundo um conjunto universal de conhecimentos. Como dissemos anteriormente, o verdadeiro *saber* não pode ser privilégio de uma única fonte, devendo encontrar-se difundido em todas as épocas e civilizações existentes.

O iniciador e difusor do **Espiritismo** foi o francês Allan Kardec (1804-1869), que se dedicou desde os tempos primevos aos estudos científicos, filosóficos e religiosos. Educado na Escola Pestalozzi (Yverdon, Suíça), foi um dos grandes propagadores deste sistema de educação, que exerceu grande influência na reforma educacional da Alemanha e da França. Publicou inúmeras obras na área da Educação, antes de se dedicar ao estudo das manifestações dos espíritos.

Em 1855, iniciou os estudos espíritas através da observação perseverante e sistemática do fenômeno mediúnico, buscando traçar os parâmetros que poderiam reger as relações entre os mundos visível e invisível. Reconhecendo nas manifestações invisíveis uma série de leis naturais, elaborou um corpo doutrinário (científico, filosófico e religioso), regular e metódico, para explicar uma série de conflitos de difícil compreensão para o homem contemporâneo. Em 1858, fundou a Societè Parisiense des Études Spirites, um ano após ter publicado o *Livro dos Espíritos*, principal marco do conhecimento filosófico espírita. Em 1861, publicou o *Livro dos Médiuns*, enfatizando a parte experimental e científica do modelo instituído; em 1864, com a edição do *Evangelho segundo o Espiritismo*, traça as diretrizes morais, éticas e religiosas do Espiritismo. Discorrendo sobre outros aspectos científicos, teológicos e místicos, escreve as obras *O Céu e o Inferno* ou *A Justiça de Deus segundo o Espiritismo* (1865) e *A Gênese, os Milagres e as Predições* (1868).

Estudando as manifestações espíritas, fundamenta o *Princípio da Pluralidade das Existências*, através do qual o Espírito, utilizando-se de reencarnações sucessivas, busca evoluir moral e intelectualmente, desenvolvendo a *Centelha Divina* que carrega dentro de si, fazendo-se cumprir a *Lei do Carma* ou *Lei de Causa e Efeito* das concepções orientais. Se na parte experimental das manifestações mediúnicas Kardec inovou, criando uma metodologia experimental própria, no campo filosófico e religioso encontramos inúmeras semelhanças entre as suas concepções e as das demais correntes esotéricas e iniciáticas citadas ao longo desta obra.

Apresentou uma noção tríplice quanto à natureza humana (Espírito, perispírito e corpo físico-princípio vital), que foi desenvolvida e lapidada ao longo destes dois séculos de Espiritismo, por precursores que se dedicaram ao estudo aprofundado do tema. Neste capítulo, juntamente com as citações kardecistas, acrescentaremos a opinião de outros autores que julgamos terem aprimorado os conceitos teóricos e práticos da Doutrina.

“Há no homem três coisas: 1ª) O corpo ou ser material, semelhante ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2ª) A alma ou ser imaterial, espírito encarnado no corpo; 3ª) O laço que une a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o

Espírito. O homem tem assim duas naturezas: pelo corpo participa da natureza dos animais, dos quais possui os instintos; pela alma participa da natureza dos Espíritos. O laço ou *perispírito* que une corpo e Espírito é uma espécie de invólucro semi-material. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que constitui para ele um corpo etéreo, invisível para nós no seu estado normal, mas que ele pode tornar acidentalmente visível e mesmo tangível, como se verifica nos fenômenos de aparição. O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, indefinido, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, definido, que em certos casos pode ser apreendido pelos nossos sentidos da vista, da audição e do tato.” (*O Livro dos Espíritos*, Kardec, Introdução, VI)

Em vista do núcleo principal desta obra ser a Homeopatia, importa esclarecermos algumas confusões disseminadas indistintamente pelo público leigo sobre estas duas doutrinas, em vista de apresentarem alguns pontos em comum.<sup>25</sup>

Tanto a Homeopatia quanto o Espiritismo desenvolveram-se no século XIX, na França, apresentando a “concepção imaterial do homem” em seus ditados filosóficos (força vital, princípio vital, fluido cósmico universal, ectoplasma, perispírito, etc.). Quanto ao “caráter experimental”, Hahnemann observou a ação dos medicamentos em inúmeros indivíduos sadios, buscando fundamentar o princípio terapêutico pela similitude; por outro lado, Kardec traçou as regras do fenômeno mediúnico após observá-lo em centenas de médiuns, das mais diversas formações. A prática do “mesmerismo”, ensinada por Hahnemann como prática terapêutica nos últimos parágrafos do *Organon da Arte de Curar*, encontrou respaldo, anos mais tarde, no passe magnético amplamente difundido pelos centros espíritas. A fonte primordial do magnetismo, como citamos inicialmente, foi Franz Mesmer. Segundo Kardec, Hahnemann participou, como Espírito desencarnado, na Codificação da Doutrina Espírita, existindo duas mensagens psicografadas pelo mesmo na *Revista Espírita de Paris*.

No Brasil, a Homeopatia foi trazida da França por médicos que professavam ambas as doutrinas (Benoit Mure, por exemplo), tendo-se difundida nos centros espíritas como forma preferida de tratamento, seja pela abnegação de médicos homeopatas e espíritas que atendiam a classe menos favorecida nas dependências dos mesmos, seja pela prescrição mediúnica homeopática, bastante difundida até os dias atuais.

Se, por um lado, isto ajudou na divulgação da Homeopatia no Brasil, por outro, confundiu-a com um movimento místico e religioso, preconceito que Hahnemann fez questão de desmistificar ao longo de toda a sua obra, como mostramos inicialmente.

A título de esclarecimento, importa frisarmos que o método terapêutico homeopático apresenta uma racionalidade científica<sup>26</sup> apoiada nos modernos conhecimentos da Fisiologia e da Farmacologia, **não estando ligado a nenhuma corrente filosófica-religiosa e devendo ser praticado, IMPERIOSAMENTE, por profissionais da área da saúde (médicos, veterinários, odontólogos e farmacêuticos) que se dediquem ao estudo profundo dos seus ensinamentos, cada qual em sua área específica de atuação. Caso contrário, como qualquer outra terapêutica mal empregada, poderá**

---

<sup>25</sup> Para maiores informações, sugerimos a leitura da monografia intitulada “Homeopatia e Espiritismo: um resgate no Brasil”, de autoria de Marcelo Soldaini Martins, sob a orientação de Marcus Zulian Teixeira, apresentada como pré-requisito para a conclusão do Curso de Especialização em Homeopatia da Associação Paulista de Homeopatia (APH), em 1997.

<sup>26</sup> Teixeira, Marcus Zulian. *Semelhante Cura Semelhante: o princípio de cura homeopático fundamentado pela racionalidade médica e científica*. São Paulo: Editorial Petrus Ltda, 1998, 463 p.

**provocar sérios danos ao organismo:** se conseguimos equilibrar a força vital com um medicamento homeopático corretamente escolhido, desequilibraremos esta mesma força vital com um medicamento homeopático indevido e mal administrado, propiciando o surgimento de patologias mais sérias do que a atual.

O falso conceito popular de que “se a Homeopatia não fizer bem, mal não fará”, pode induzir à utilização da mesma sem critérios específicos, seja através da automedicação ou da prescrição por pessoas despreparadas profissionalmente, observando-se, frequentemente, piora do quadro em questão e aprofundamento da doença para estruturas mais importantes (agravação da doença, surgimento de novos sintomas, supressão homeopática, metástase mórbida, etc.). Nesses casos, vemos que só o profissional devidamente habilitado poderá diagnosticar estas alterações fisiopatológicas e saná-las a tempo, antes que se transformem em distúrbios orgânicos de maior vulto.

## Desenvolvimento

### Reinos da Natureza e veículos de manifestação humana

Assim como vimos em outras concepções filosóficas anteriormente estudadas, cada Reino da Natureza incorpora um veículo de manifestação à sua essência, na escalada evolutiva dos seres. Segundo o Espiritismo, o reino mineral apresenta como veículo de manifestação o corpo físico ou material; o reino vegetal possui a “vitalidade” (corpo vital ou duplo etérico); ao reino animal, acrescenta-se uma “inteligência instintiva, limitada” (corpo astral); finalmente, ao reino hominal, é incorporada uma “inteligência especial, ilimitada” (Espírito ou Mente).

“Esses quatro graus têm, com efeito, caracteres bem definidos, embora pareçam confundir-se os seus limites. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, não possui mais do que uma força mecânica; as plantas, compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade; os animais, constituídos de matéria inerte e dotados de vitalidade, têm ainda uma espécie de inteligência instintiva, limitada, com a consciência de sua existência e de sua individualidade; o homem, tendo tudo o que existe nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, ilimitada, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.” (*O Livro dos Espíritos*, Kardec, cap. XI, item 585)

Do mesmo modo que em algumas plantas que se aproximam do reino animal (plantas carnívoras, por exemplo) observa-se uma espécie de sensação ou vontade, um “instinto mecânico”, alguns animais, além de sua inteligência instintiva natural, apresentam certo “desenvolvimento intelectual”, fruto da “ação do homem sobre uma natureza flexível”. Essas particularidades demonstram a evolução gradativa dos seres ao longo dos Reinos da Natureza, sendo facilitada pela proximidade de um ser menos evoluído a outro em grau de desenvolvimento superior.

“Além do instinto, não se poderia negar a certos animais a prática de atos combinados, que denotam a vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência, mas cujo exercício é mais precisamente concentrado sobre os meios de satisfazer às suas necessidades físicas e prover à conservação. Não há entre eles nenhuma criação, nenhum melhoramento; qualquer que seja a arte que admiremos em seus trabalhos, aquilo que faziam antigamente é o mesmo que fazem hoje, nem melhor nem pior, segundo formas e proporções constantes e invariáveis. Os filhotes separados de sua espécie não deixam de construir o seu ninho de acordo com o mesmo modelo, sem terem sido ensinados. Se alguns são suscetíveis de certa educação, esse desenvolvimento intelectual, sempre fechado em estreitos limites, é devido à ação do homem sobre sua natureza flexível, pois não fazem nenhum progresso por si mesmo, e esse progresso é efêmero, puramente individual, porque o animal abandonado a si próprio não tarda em voltar aos limites traçados pela Natureza.” (*O Livro dos Espíritos*, Kardec, cap. XI, itens 589-93)

O Espírito humano é fruto da evolução gradativa do “princípio inteligente” ao longo dos vários Reinos da Natureza. No homem, além do Espírito ou Princípio Inteligente, “centelha divina que lhe dá o senso moral e um alcance intelectual que os animais não

possuem”, existem os sentimentos e as “paixões” (corpo astral), o “instinto de conservação inerente à matéria” (corpo vital) e o corpo físico.

“- Não dissemos que tudo se encadeia na Natureza e tende à unidade? É nesses seres (inferiores), que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco, e ensaia para a vida, como dissemos. É, de certa maneira, um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna **Espírito**. É então que começa para ele o período de humanidade, e com este a consciência do seu futuro, a distinção do bem e do mal, e a responsabilidade dos seus atos. Como depois do período da infância vem o da adolescência, depois a juventude, e por fim a idade madura. [...] Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia que faz a solidariedade de todas as coisas na Natureza. Crer que Deus pudesse ter feito qualquer coisa sem objetivo e criar seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar contra a sua bondade, que se estende sobre todas as suas criaturas. [...] Durante algumas gerações, ele pode conservar um reflexo mais ou menos pronunciado do estado primitivo, porque nada na Natureza se faz por transição brusca; há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos acontecimentos. Mas esses traços desaparecem com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos se realizam lentamente, porque não são ainda secundados pela vontade, mas seguem uma progressão mais rápida à medida que o Espírito adquire consciência mais perfeita de si mesmo. [...] No momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entra no período de humanidade, não tem mais relação com o seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente. No homem, somente existe do animal o corpo, as paixões que nascem da influência do corpo e o instinto de conservação inerente à matéria. [...] Do ponto de vista físico, o homem constitui evidentemente um anel da cadeia dos seres vivos; mas, do ponto de vista moral, há solução de continuidade entre o homem e o animal. O homem possui, como sua particularidade, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe dá o senso moral e um alcance intelectual que os animais não possuem; é o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, conservando a sua individualidade. [...]” (*O Livro dos Espíritos*, cap. XI, itens 607-13)

## **Evolução dos seres - Povoamento da Terra - Período Adâmico**

Citando, inicialmente, alguns breves comentários sobre a concepção espírita da evolução dos seres e do povoamento do globo terrestre chegaremos à espécie humana, “último elo da animalidade terrena”, portadora do princípio inteligente e espiritual. Como as demais filosofias evolucionistas, o Espiritismo acredita na evolução gradativa dos seres e das espécies, tanto no âmbito natural como no espiritual. Dessa forma, cada grau de evolução espiritual, lentamente conquistado através dos tempos, será incorporado à individualidade, **não sendo perdido ou involuindo jamais**.

“Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, do ponto de vista de seu organismo, reconhece-se que, desde o líquen até a árvore, e do zoófito ao homem, há uma cadeia que se eleva por graus, sem solução de continuidade, e da qual todos os elos têm um ponto de contato com o elo precedente; *segundo passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior*. Verificado que o corpo do homem está em condições idênticas aos outros corpos, que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, deve ter sido formado nas mesmas condições. Embora isto fira o seu orgulho, o homem deve se resignar a ver em *seu corpo material* o último elo da animalidade *sobre a Terra*. [...] Porém, quanto mais o corpo diminui de valor a seus olhos, mais o princípio espiritual ganha importância; se o primeiro o nivela com os brutos, o segundo o eleva a uma altura incomensurável. Vemos o círculo onde o animal se



detém; não vemos o limite que possa alcançar o Espírito do homem. O materialismo pode aí perceber que o Espiritualismo, longe de por em dúvida as descobertas da ciência e sua atitude positiva, vai mais à frente e as provoca, pois é certo que o princípio espiritual, *que tem sua existência própria*, não pode sofrer nenhum dano.” (A *Gênese*, Kardec, cap. X, ítems 28-30)

Os mundos materiais foram criados para a evolução dos seres espirituais, fornecendo elementos e possibilidades para que o “princípio inteligente”, rudimentar nos reinos inferiores, se desenvolva ao máximo na espécie humana.

“Ao mesmo tempo em que Deus criou mundos materiais, desde toda a eternidade, igualmente criou seres espirituais: sem isso, os mundos materiais teriam sido sem objetivo. Seria mais fácil conceberem-se os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes sem os seres espirituais. Os mundos materiais é que teriam de fornecer aos seres espirituais elementos de atividade para o desenvolvimento da inteligência. O progresso é a condição normal dos seres espirituais, e a perfeição relativa é a finalidade que devem alcançar; ora, tendo Deus criado desde toda a eternidade, e criando sem cessar por toda a eternidade, também terá havido aqueles que alcançaram o ponto culminante da escalada. Antes que a Terra existisse, mundos tinham sucedido a mundos, e quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço era povoado por seres espirituais em todos os graus de progresso, desde aqueles que nasciam para a vida, até aqueles que, de toda a eternidade, haviam tomado lugar entre os puros Espíritos, vulgarmente chamados anjos.” (A *Gênese*, Kardec, cap. XI, ítems 7-9)

Os primatas representam o “elo” entre o reino animal e o reino humano, fornecendo o veículo material inicial para que neles se manifestassem os Espíritos humanos primitivos, pouco desenvolvidos, que vieram encarnar-se na Terra. À medida que foram procriando e evoluindo, os Espíritos humanos foram aperfeiçoando o seu veículo corporal de manifestação; por outro lado, observamos hoje em dia selvagens primitivos com características semelhantes às do homem-primata.

“Da semelhança de formas exteriores existentes entre o corpo do homem e do macaco, certos fisiologistas concluíram que o primeiro não era senão uma transformação do segundo. Nada há de impossível nisso, nem que afete a dignidade do homem, caso assim seja. Corpos de macacos teriam sido muito adequados a servir de vestimentas aos primeiros Espíritos humanos, necessariamente pouco avançados, que vieram encarnar-se na Terra; tais corpos terão sido os mais apropriados às suas necessidades, e mais próprios ao exercício de suas faculdades, que o corpo de qualquer outro animal. Em lugar de ter sido necessário fazer-se um vestuário especial para o Espírito, ele já encontrou um feito. Pôde, pois, vestir a pele do macaco, sem cessar de ser Espírito humano, como o homem se reveste, às vezes, da pele de certos animais, sem cessar de ser homem. Fique bem entendido que aqui não se trata senão de uma hipótese, a qual de modo nenhum é formulada como princípio, porém oferecida apenas para mostrar que a origem do corpo não prejudica o Espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o corpo do macaco não implica na paridade entre seu Espírito e o do macaco. Admitindo essa hipótese, pode-se dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual de seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou seus detalhes, sempre conservando a forma geral do conjunto. Os corpos melhorados, ao se procriarem, reproduziram-se nas mesmas condições, como se tratasse de árvores enxertadas; deram nascimento a uma nova espécie, a qual pouco a pouco se afastava do tipo primitivo à medida que o Espírito progredia. O espírito do macaco, o qual não foi aniquilado, continuou a procriar corpos de macaco para seu uso, tal como o fruto da árvore silvestre reproduz as mesmas; e o Espírito humano procriou corpos humanos, variantes do primeiro molde onde se estabeleceu. O tronco se bifurcou, produziu vergôntees que se tornaram troncos. Como não há transições bruscas na natureza, é provável que os primeiros

homens que apareceram sobre a Terra pouco diferissem do macaco em sua forma exterior, e sem dúvida também quanto à sua inteligência. Mesmo atualmente ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés, e pela conformação da cabeça, certamente têm traços de macaco, faltando apenas serem peludos para completar a semelhança.” (A *Gênese*, Kardec, cap. XI, ítems 15-6)

Analogamente a outras filosofias estudadas anteriormente (A *Doutrina Secreta*, Helena Blavatsky), a Doutrina Espírita professa que, de tempos em tempos, grupos de Espíritos emigram de um mundo a outro, reencarnando nestes e transfundindo suas experiências e seus conhecimentos aos espíritos que neles habitam, progredindo e auxiliando no progresso dos demais seres, pois *os Espíritos não perdem jamais o progresso moral, intelectual e espiritual que adquiriram em existências passadas.*

“Essa transfusão que se opera entre a população encarnada e a população desencarnada de um mesmo globo, ocorre igualmente entre os mundos, seja individualmente nas condições normais, seja por massas em circunstâncias especiais. Há, pois, emigrações e imigrações coletivas, de um mundo para outro. Delas resulta a introdução na população de um globo de elementos inteiramente novos; novas raças de Espíritos que vêm se misturar às raças existentes, constituindo novas raças de homens. Ora, como os Espíritos não perdem jamais o que adquiriram, trazem com eles a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem; por conseguinte, imprimem seu caráter à raça corporal que vieram animar. Para isso, não têm necessidade de que novos corpos sejam criados especialmente para seu uso; desde que a espécie corporal existe, encontram-nos prontos a recebê-los. São, pois, simplesmente, novos habitantes; chegando sobre a Terra, a princípio fazem parte de sua população espiritual, e depois encarnam-se com os demais.” (A *Gênese*, Kardec, cap. XI, item 37)

Foi assim no início da Humanidade terrena, para a qual emigraram grupos de Espíritos em busca de evolução, considerada como a “raça adâmica” do *Velho Testamento*. Apesar de Espíritos com um grau de evolução superior aos habitantes primitivos do orbe, vieram de um mundo mais adiantado para impulsionar o desenvolvimento das raças terrenas, em sua infância intelectual, e com isto progrediram moral e espiritualmente. Adão e seus descendentes estavam muito longe da *perfeição* preterida pelas concepções religiosas que apresentam como dogma o “pecado original” e não aceitam o gradativo progresso espiritual dos seres através das reencarnações sucessivas.

“Segundo o ensino dos Espíritos, é uma dessas grandes imigrações, ou se assim o quisermos, uma dessas *colônias de Espíritos* vindos de outra esfera que deu nascimento à raça simbolizada na pessoa de Adão, a qual por essa razão é denominada *raça adâmica*. Quando ela aqui chegou, a Terra era povoada desde tempos imemoriais, *como a América o era quando para lá foram os europeus*. A raça adâmica, mais adiantada que as que a haviam precedido na Terra é, com efeito, a mais inteligente; é ela que empurra todas as outras em direção ao progresso. A *Gênese* no-la mostra desde seus primórdios industriosa, apta às artes e às ciências, sem ter passado pela infância intelectual, o que não é próprio das raças primitivas, mas que concorda com a opinião de que ela se compunha de Espíritos que já haviam progredido. Tudo prova que ela não é antiga na Terra, e nada se opõe a que ela não tenha, aqui, senão alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição nem com os fatos geológicos, nem com as observações antropológicas e tenderia, ao contrário, a confirmá-las. [...] Uma lógica rigorosa, corroborada pelos fatos, demonstra, pois, da maneira mais peremptória, que o homem está sobre a Terra desde um tempo indeterminado, bem anterior à época indicada pelo *Gênesis*. [...]” (A *Gênese*, Kardec, cap. XI, ítems 38-42)

Os Espíritos que emigram para mundos menos adiantados, geralmente, são aqueles que, apesar de terem atingido um progresso intelectual, não conseguiram conquistar a mesma

evolução moral, “perseveraram no mal, em sua revolta contra Deus e suas leis”, significando “um entrave ao progresso moral ulterior dos bons”. Segundo Kardec, “a raça adâmica tem todos os caracteres de uma raça proscrita” de mundos mais adiantados, explicando o “pecado original” como o afastamento “voluntário” do indivíduo do caminho do bem, com o desenvolvimento das faculdades intelectuais em detrimento das faculdades morais.

“Os mundos progredem fisicamente pela elaboração da matéria, e moralmente pela purificação dos Espíritos que o habitam. A felicidade existe nele, em razão da predominância do bem sobre o mal, e a predominância do bem é o resultado do progresso moral dos Espíritos. O progresso intelectual não basta, pois que com a inteligência eles podem fazer o mal. Logo que um mundo alcança um dos seus períodos de transformação que o deve fazer galgar a hierarquia, operam-se mutações em sua população encarnada e desencarnada; é então que se realizam as grandes emigrações e imigrações. Aqueles que, apesar de sua inteligência e de seu saber, perseveraram no mal em sua revolta contra Deus e suas leis, seriam a partir de então um entrave ao progresso moral ulterior, uma causa permanente de dificuldades ao repouso e à felicidade dos bons; é por isso que são excluídos e enviados a mundos menos adiantados, onde aplicarão a inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram ao progresso daqueles entre os quais passam a viver, ao mesmo tempo que expiarão, numa série de existências penosas e através de um duro trabalho, suas faltas passadas e seu endurecimento *voluntário*. [...] A raça adâmica tem todos os caracteres de uma raça proscrita; os Espíritos que dela fazem parte foram exilados sobre a Terra, já povoada porém por homens primitivos, mergulhados na ignorância, e que eles têm por missão fazer progredir, trazendo-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não será esse, com efeito, o papel que esta raça tem executado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde saíram era mais adiantado que a Terra; porém, devendo aquele mundo entrar numa nova fase de progresso, e esses Espíritos, por via de sua obstinação, não tendo sabido se colocar à altura desse progresso, ali estariam deslocados, e teriam sido um entrave à marcha providencial das coisas; é por isso que eles foram excluídos, enquanto que outros mereceram substituí-los. [...] Admiti que todas essas almas faziam parte da colônia de Espíritos exilados sobre a Terra no tempo de Adão, e que elas eram manchadas por vícios que as haviam excluído de um mundo melhor, e tereis a única interpretação racional do pecado original, pecado próprio de cada indivíduo, e não o resultado da responsabilidade da falta de outrem, que ele jamais terá conhecido; dizer que essas almas ou Espíritos renascem por diversas vezes sobre a Terra, na vida corporal, para progredir e se purificar; que o Cristo veio iluminar **essas mesmas almas** não somente por suas vidas passadas, mas também por suas vidas ulteriores, e somente assim vós dareis à sua missão uma finalidade real e séria, aceitável pela razão. [...] À primeira vista, a ideia do decaimento parece estar em contradição com o princípio de que os Espíritos não podem retroceder; porém, é preciso considerar que não se trata de um retorno ao estado primitivo. O Espírito, embora esteja numa posição inferior, nada perde do que adquiriu; seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde ele se encontre colocado. Está na posição do homem do mundo, condenado à prisão por seus delitos; certamente ele está degradado, decaído do ponto de vista social, porém não se torna mais estúpido nem mais ignorante.” (A *Gênese*, Kardec, cap. XI, ítems 43-9)

Apoiados nessa teoria espírita sobre a evolução humana, podemos entender o porquê da diferença existente entre o calendário judeu e as evidências arqueológicas e científicas sobre o aparecimento do homem na Terra. Segundo o calendário anual judeu, o homem surgiu na Terra há aproximadamente 5770 anos, a partir de Adão. Por outro lado, a Arqueologia evidenciou fósseis humanos em épocas pregressas. A razão da diferença está na *falsa* afirmação de que a raça adâmica foi a primeira espécie humana a habitar o orbe terrestre, pois, como vimos anteriormente, o homem primitivo, descendente dos

primatas, galgando os primeiros passos no desenvolvimento do Espírito ou Princípio Inteligente, já existia na Terra há milhares de anos.

Acrescentando novas particularidades a este pressuposto espírita sobre a evolução humana, abordado de forma semelhante por Helena Blavatsky em sua obra *A Doutrina Secreta*, Emmanuel cita que um dos orbes da “Constelação do Cocheiro ou Capela” (42 anos-luz da Terra) foi o local de origem dos Espíritos exilados na Terra, que formaram as raças adâmicas, divididas em quatro grandes grupos: *o grupo dos árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia*. Guardando certa lembrança de sua situação pregressa, “as tradições do paraíso perdido passaram de gerações a gerações, até que ficassem arquivadas nas páginas da Bíblia”. Ao longo destas referências, o autor analisa a influência sagrada da fé e o ascendente espiritual no curso de todas as civilizações terrestres.

“Nos mapas zodiacais, que os astrônomos terrestres compulsam em seus estudos, observa-se desenhada uma grande estrela na Constelação do Cocheiro, que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. Magnífico sol entre os astros que nos são mais vizinhos, ela, na sua trajetória pelo Infinito, faz-se acompanhar, igualmente, da sua família de mundos, cantando as glórias divinas do Ilimitado. [...] Há muitos milênios, um dos orbes da Capela, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos. As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente às transições esperadas no século XX, neste crepúsculo de civilização. Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade, que fizera jus à concórdia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos. As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberaram, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração, impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores. [...] Aquelas almas aflitas e atormentadas reencarnaram, proporcionalmente, nas regiões mais importantes, onde se haviam localizado as tribos e famílias primitivas, descendentes dos ‘primatas’, a que nos referimos ainda há pouco. Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleciam-se fatores definitivos na história etnológica dos seres. Um grande acontecimento se verificara no planeta. É que, com essas entidades, nasceram no orbe os ascendentes das raças brancas. Em sua maioria, estabeleceram-se na Ásia, de onde atravessaram o istmo de Suez para a África, na região do Egito, encaminhando-se igualmente para a longínqua Atlântida, de que várias regiões da América guardam assinalados vestígios. [...] As raças adâmicas guardavam vaga lembrança da sua situação pregressa, tecendo o hino sagrado das reminiscências. As tradições do paraíso perdido passaram de gerações a gerações, até que ficassem arquivadas nas páginas da Bíblia. Aqueles seres decaídos e degradados, à maneira de suas vidas passadas no mundo distante da Capela, com o transcurso dos anos reuniram-se em quatro grandes grupos que se fixaram depois nos povos mais antigos, obedecendo às afinidades sentimentais e linguísticas que os associavam na constelação do Cocheiro. Unidos, novamente, na esteira do Tempo, formaram desse modo o grupo dos árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia. Dos árias descende a maioria dos povos brancos da família indo-européia; nessa descendência, porém, é necessário incluir os latinos, os celtas e os gregos, além dos germanos e dos eslavos. As quatro grandes massas de degradados formaram os pródromos de toda a organização das civilizações futuras, introduzindo os mais largos benefícios no seio da raça amarela e da raça negra, que já existiam. É de grande interesse o estudo de sua movimentação no curso da História. Através dessa análise, é possível examinarem-se os defeitos e as virtudes que

trouxeram do seu paraíso longínquo, bem como os antagonismos e idiossincrasias peculiares a cada qual.” (*A Caminho da Luz*, Emmanuel, cap. III)

Complementando o estudo espírita sobre este tema, citemos o histórico trazido pelo espírito Joanna de Ângelis, em que as ideias acima são ratificadas. Fazendo um retrospecto das teorias evolucionistas chega à “teoria mutacionista”, que propõe transformações constantes a serem transmitidas pela hereditariedade, ensejando a “seleção natural darwiniana”. Frisando que ao Princípio Espiritual, nas sucessivas encarnações, cabe o papel de impôr as mudanças necessárias ao processo evolutivo do ser, diz que os Espíritos primitivos se utilizaram da organização física do “símio em transição” para iniciarem sua jornada evolutiva e, à medida que as formas foram se aprimorando, Espíritos mais evoluídos, vindos de outros mundos, acrescentaram novos atributos às mesmas.

[...] Difícil uma análise histórica, em síntese sobre o homem, um exame da sua organização somática pelos milênios incontáveis, desde as formas primárias em que a vida se manifestou no Orbe quando os *‘fascículos de luz’* da Divindade começaram a adensar-se nas manifestações iniciais da matéria viva... O naturalista honesto, no entanto, fixado à complexa documentação paleontológica, embriológica, como a da Anatomia Comparada, apresenta o *lémure* como o mais velho espécime conhecido, dentre os símios, do qual surgiu o *platirrino*, e, posteriormente, o *catarrino* que, em se bifurcando, deu origem ao *antropopiteco*, o *erectus*, que serviu de tronco ao ramo de que nasce o homem. Antes, porém, distintas raças serviram de moldes ascendentes para a formação paulatina da organização do *Homo sapiens*. Foram elas as de *Grimaldi* [...] as do *Cro-Magnon* [...] e as de *Chancelade* [...]. Em 1950, Mayr sugeriu uma nova classificação para os homídeos fósseis, simplificando, assim, as anteriores num único *Homo*, que se distribuiu em 3 classes: *transvaalensis*, *erectus* e *sapiens*, facultando novas pesquisas e valiosas anotações corroboradoras. De Lineu, a Cuvier, a Blumenbach, as classificações se estereotiparam, cabendo ao sábio de Göttingen, baseado na Antropologia Física, poder oferecer maior contribuição ao pensamento moderno, especialmente através dos estudos craniológicos, a que empregou seus melhores esforços... Simultaneamente, desde os primórdios do pensamento filosófico, o problema da evolução mereceu as mais expressivas contribuições. Com Heráclito, firmou-se o conceito dialético do Mundo, inspirado na filosofia grega, que tudo reduzia a incessantes transformações, mediante as quais as espécies vivas eram mutáveis. Lucrécio, ao apresentar o seu *De Natura Rerum* descreveu poeticamente a Natureza e se tornou o precursor legítimo do *Darwinismo*, por meio da ‘seleção natural’ e da ‘luta pela vida’. Mais tarde, Buffon afirmou os princípios evolucionistas em oposição ao *fixismo* criacionista, facultando a Lamarck estabelecer a teoria dos seres vivos, donde se originou o *Transformismo*. Darwin, porém, culminou as pesquisas já iniciadas, tornando-se o grande sistematizador e legítimo expositor da ‘concepção transformista da Natureza’. Hegel, simultaneamente, estabeleceu uma dialética concorde com tais princípios, em bases idealistas, cabendo a Spencer uma visão mais ampla da *evolução*, que definiu como sendo ‘uma integração da matéria e uma dissipação concomitante do movimento, durante a qual a matéria passa de uma homogeneidade indefinida e incoerente a uma heterogeneidade definida e coerente, sofrendo, ao mesmo tempo, o movimento mantido e uma transformação paralela’. O pensamento hegeliano sustentou a teoria do materialismo dialético, então vigente. Logo depois, a *teoria mutacionista* propôs conceitos por meio dos quais as *mutações*, que seriam rápidas transformações, se fariam transmitir por hereditariedade, nunca, porém, provocadas pela ação mesológica, assim podendo facilitar, promover ou impedir as mesmas mutações, fazendo surgir, então, novos caracteres e ensejando a ‘seleção natural’ darwiniana, na qual alguns caracteres sobreviveriam, enquanto outros desapareceriam. Os favoráveis à sobrevivência da espécie seriam, então, mantidos pela hereditariedade... Indubitavelmente que os conceitos evolucionistas não podem hoje ser negados, graças à monumental comprovação da Ciência atual, nos vários campos em que se expressa. Merece examinar,

porém, que ao princípio espiritual, nas sucessivas reencarnações, se deve a transmissão às formas mais grosseiras das *necessidades psíquicas* que impõem o surgimento de órgãos e caracteres novos a se transmitirem por hereditariedade e se fixarem, prosseguindo o *processus* evolutivo incessantemente. A princípio, o Espírito se encontrava em atrasada expressão, utilizando-se da forma *símio em transição* para fixar-lhe implementos novos, desde que a função precede o órgão e aquela procede do Espírito, que modela as formas próprias de que precisa para crescer e produzir experiências não conhecidas. À medida que as formas se aprimoravam, Espíritos mais bem credenciados impuseram-lhe atributos outros que constituíram, através dos milênios múltiplos e sucessivos, o corpo que hoje ainda serve de temporária morada para as edificações das futuras formas, com que a Humanidade progredirá no porvir sob condições mais felizes, seguras e harmônicas. Ao Espírito, que é o *ser*, se devem as exteriorizações somáticas que constituem o *não ser*.” (*Estudos Espíritas*, Joanna de Ângelis, cap. V, p. 49-53)

## Corpo físico

### Instrumento do Espírito

O plano material funciona como um laboratório de aperfeiçoamento do Espírito, que se utiliza do corpo físico como veículo de manifestação, plasmando-o segundo suas características e faculdades individuais, de acordo às necessidades de desenvolvimento espiritual que almeje.

“Desde que a matéria seria o objeto do trabalho do Espírito para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse agir sobre ela; por isso é que ele veio habitar a matéria, como o lenhador habita a floresta. Desde que a matéria deve ser ao mesmo tempo a finalidade e o instrumento de trabalho, Deus, em vez de ligar o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todos os impulsos de sua vontade, e de se prestar a todos os seus movimentos. O corpo é, pois, ao mesmo tempo o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste um invólucro apropriado ao novo gênero de trabalho que deve realizar, tal como se dá a um trabalhador instrumentos menos grosseiros à medida que ele seja capaz de fazer um trabalho mais delicado. Para ser mais exato, será preciso dizer que é o próprio Espírito que fabrica seu envoltório e o torna adequado às suas novas necessidades; ele o aperfeiçoa, o desenvolve e completa o organismo à medida que sente a necessidade de manifestar novas faculdades; numa palavra, ele o talha conforme sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais; fica por sua conta colocá-los em função. É assim que as raças adiantadas têm um organismo, ou se assim o preferirem, um instrumento cerebral mais aperfeiçoado que as raças primitivas. Assim se explica, igualmente, o cunho especial que o caráter do Espírito imprime aos traços da fisionomia e às linhas do corpo. Desde que um Espírito nasce na vida espiritual, para seu progresso, deve fazer uso de suas faculdades, as quais são a princípio rudimentares; é por isso que ele é revestido de um envoltório corporal apropriado a seu estado de infância intelectual, envoltório este que ele deixa para se revestir de outro, à medida que suas forças aumentam. Ora, como houve mundos, desde todo o tempo, e que tais mundos têm dado nascimento a corpos organizados adequados a receber Espíritos, desde todos os tempos os Espíritos têm encontrado os elementos necessários à sua vida carnal, qualquer que fosse seu grau de progresso. Sendo o corpo exclusivamente material, sofre as vicissitudes da matéria. Depois de haver funcionado durante certo tempo, ele se desorganiza e se decompõe; o princípio vital, não encontrando mais elemento para sua atividade, extingue-se, e o corpo morre. O Espírito, visto que o corpo privado de vida é, a partir de então, sem utilidade,

deixa-o, como se abandona uma casa em ruína ou uma vestimenta imprestável.” (A *Gênese*, Kardec, cap. XI, ítems 10-3)

### **Célula - Princípio inteligente rudimentar**

Considerando a evolução dos seres, das amebas à raça humana, temos na célula a *unidade da vida*, a serviço do Espírito em desenvolvimento: daí ser encarada como um “princípio inteligente rudimentar”. Podendo ser comparadas a “animálculos infinitesimais” ou a “minúsculos motores eletromagnéticos”, autônomos e com uma especificidade própria, as células obedecem aos ditames do Espírito através do influxo mental e dos centros de força perispirituais.

“Com o transcurso dos evos, surpreendemos as células como princípios inteligentes de feição rudimentar a serviço do princípio inteligente em estágio mais nobre nos animais superiores e nas criaturas humanas, renovando-se continuamente no corpo físico e no corpo espiritual, em modulações vibratórias diversas conforme a situação da Inteligência que as senhoreia, depois do berço ou depois do túmulo. [...] Animálculos infinitesimais, que se revelam domesticados e ordeiros na colmeia orgânica, assumem formas diferentes segundo a posição dos indivíduos e a natureza dos tecidos em que se agrupam, obedecendo ao pensamento simples ou complexo que lhes comanda a existência. [...] Articulam-se em múltiplas formas, adaptando-se às funções que lhes competem no veículo de manifestação da criatura que temporariamente as segrega, à maneira de peças eletromagnéticas inteligentes em máquina eletromagnética superinteligente, atendendo com precisão matemática aos apelos da mente, assemelhando-se, de certo modo, no organismo, aos milhões de átomos que constituem harmonicamente as cordas de um piano, acionadas pelos martelos minúsculos dos nervos ao impacto das teclas que podemos simbolizar nos fulcros energéticos do córtice encefálico, movimentado e controlado pelo Espírito através do centro coronário que sustenta a conjunção da vida mental com a forma organizada em que ela própria se expressa. [...] Dispostas na construção da forma em processo idêntico ao da superposição dos tijolos numa obra de alvenaria, as células são compelidas à disciplina perante a ideia orientadora que as associa e governa, quanto os tijolos vulgares são constrangidos à submissão ante as linhas traçadas pelo arquiteto que lhes aproveita o concurso na concretização de projeto específico. É assim que são funcionárias da reprodução no centro genésico; trabalhadoras da digestão e absorção no centro gástrico; operárias da respiração e fonação no centro laríngeo; da circulação no centro cardíaco; servidoras e guardiãs fixas ou migratórias do tráfego e distribuição, reserva e defesa no centro esplênico; auxiliares da inteligência e elementos de ligação no centro cerebral, e administradoras e artistas no centro coronário, amolgando-se às ordens mentais recebidas e traduzindo na região de trabalho que lhes é própria a individualidade que as refreia e influencia, com justas limitações no tempo e no espaço.” (Evolução em Dois Mundos, André Luiz, cap. V, p. 42-4)

### **Cérebro - Órgão de manifestação da mente e do Espírito**

O Espírito emana as ideias e vontades que lhe são próprias através do influxo constante de *energia mental*, atingindo os centros de força ou chakras do corpo espiritual e, conseqüentemente, o corpo físico, controlando as funções fisiológicas da individualidade orgânica através de circuitos reflexos. Atuando no centro de força coronário e no centro de força cerebral, ambos localizados no perispírito, o Espírito comanda todos os mecanismos cerebrais, encontrando no cérebro o “aparelho de expressão dos seus sentimentos e pensamentos”.

“Com o tempo, a Direção Espiritual da Vida consegue, enfim, organizar com mais eficiência o sistema nervoso autônomo, regulando e coordenando as funções das vísceras. Estruturaram-se, desse modo, primorosamente, a inervação visceral aferente e os centros coordenadores, os sistemas simpático e parassimpático e as fibras pré e pós-ganglionares de Langley, com os neurônios a edificarem vias eletromagnéticas de comunicação entre o governo espiritual e as províncias orgânicas. Em todos os ângulos do cérebro, esse microcosmo prodigioso, células especiais permanecem sob o controle do Espírito, assimilando-lhe os desejos e executando-lhes as ordens no automatismo que a evolução lhe confere. Desde o grupo tectobulbar das fibras pré-ganglionares, saindo com os pares cranianos, tecidas com neurônios no mesencéfalo, protuberância e bulbo, e incluindo os núcleos supra-ópticos, paraventriculares e a parede anterior do infundíbulo, até o grupo sacro, nervos especiais funcionam como estações emissoras e receptoras, manipulando a energia mental, projetada ou recolhida pela mente, em ação constante, nos domínios da sensação e da ideia, em conexões e trajetos que a ciência do homem mal começa a perceber, atuando nos demais centros do corpo espiritual e nas zonas fisiológicas que os configuram no veículo somático, através de circuitos reflexos. No diencéfalo, campo essencialmente sensitivo e vegetativo, parte das mais primitivas do sistema nervoso central, o centro coronário, por fulcro luminoso, entrosa-se com o centro cerebral, a exprimir-se no córtex e em todos os mecanismos do mundo cerebral, e, dessa junção de forças, o Espírito encontra no cérebro o gabinete de comando das energias que o servem, como aparelho de expressão dos seus sentimentos e pensamentos, com os quais, no regime de responsabilidade e de auto-escolha, plasmará, no espaço e no tempo, o seu próprio caminho de ascensão para Deus.” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. IX, p. 71-2)

À feição de um “gerador auto-excitável”, o cérebro trabalha com a corrente ou energia mental proveniente do Espírito, produzindo potenciais eletromagnéticos que irão estimular as diversas funções e capacidades humanas.

“Com alguma analogia, encontramos no cérebro um gerador auto-excitado, acrescido em sua textura íntima de avançados implementos para a geração, excitação, transformação, indução, condução, exteriorização, captação, assimilação e desassimilação da energia mental, qual se um gerador comum desempenhasse não apenas a função de criar força eletromotriz e consequentes potenciais magnéticos para fornecê-los em certa direção, mas também todo o acervo de recursos dos modernos emissores e receptores de radiotelefonía e televisão, acrescidos de valores ainda ignorados na Terra. [...] É aí, nesse microcosmo prodigioso, que a matéria mental, ao impulso do Espírito, é manipulada e expressa, em movimento constante, produzindo correntes que se exteriorizam no espaço e no tempo, conservando mais amplo poder na aura da personalidade em que se exprime, como acontece no gerador comum, em que o fluxo energético atinge valor máximo segundo a resistência integral do campo, diminuindo de intensidade na curva de saturação. Nas reentrâncias de semelhante cabine, de cuja intimidade a criatura expede as ordens e decisões com que traça o próprio destino, temos, no córtex, os centros da visão, da audição, do tato, do olfato, do gosto, da palavra falada e escrita, da memória e de múltiplos automatismos, em conexão com os mecanismos da mente, configurando os poderes da memória profunda, do discernimento, da análise, da reflexão, do entendimento e dos multiformes valores morais de que o ser se enriquece no trabalho da própria sublimação. Nessas **províncias-fulcros** da individualidade, circulam as correntes mentais constituídas à base dos átomos de matéria da mesma grandeza, qual ocorre na matéria física, em que as correntes elétricas resultam dos átomos físicos excitados, formando, em sua passagem, o consequente resíduo magnético pelo que depreendemos, sem dificuldade, a existência do eletromagnetismo tanto nos sistemas interatômicos da matéria física, quanto naqueles em que se evidencia a matéria mental.” (*Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz, cap. IX, p. 75-6)



## Corpo físico como abafador das moléstias da alma

Segundo a Doutrina Espírita, a gênese profunda das enfermidades orgânicas remonta ao corpo espiritual. Funcionando como um *drenador das moléstias da alma*, o corpo físico absorve os *fluidos deletérios* incorporados aos tecidos sutis do perispírito, fruto dos desequilíbrios morais do Espírito ao longo de sua jornada evolutiva, promovendo distúrbios nos respectivos tecidos e órgãos materiais, e permitindo que as moléstias físicas se desenvolvam. Assim como os erros pretéritos de conduta causaram distúrbios perispirituais, atitudes retificadoras no presente servem como terapêuticas anímicas imunizadoras.

**Lembremos que antes de atingirem o corpo material, estas *toxinas fluidicas perispirituais* atingem primeiramente o corpo vital ou duplo etérico, em posição intermediária, causando os distúrbios vitais, precursores dos distúrbios orgânicos, que a Homeopatia procura equilibrar com seus medicamentos.**

“- Cada qual de nós renasce na Terra - apreciou o Ministro - a exprimir na matéria densa o patrimônio de bens ou males que incorporamos aos tecidos sutis da alma. A patogenia, na essência, envolve estudos que remontam ao corpo espiritual, para que não seja um quadro de conclusões falhas ou de todo irreais. Voltando à Terra, atraímos os acontecimentos agradáveis ou desagradáveis, segundo os títulos de trabalho que já conquistamos ou conforme as nossas necessidades de redenção. [...] A carne, de certo modo, em muitas circunstâncias não é apenas um vaso divino para o crescimento de nossas potencialidades, mas também uma espécie de carvão milagroso, absorvendo-nos os tóxicos e resíduos de sombra que trazemos no corpo substancial.” (*Entre a Terra e o Céu*, André Luiz, cap. X, p. 66)

“- Nossas assertivas não excluem, decerto, a necessidade da assepsia e da higiene, da medicação e do cuidado preciso, no tratamento dos enfermos de qualquer procedência. Desejamos simplesmente acentuar que a alma ressurge no equipamento físico transportando consigo as próprias falhas, a se lhe refletirem na veste carnal, como zonas favoráveis à eclosão de determinadas moléstias, oferecendo campo propício ao desenvolvimento de vírus, bacilos e bactérias inúmeras, capazes de conduzi-la aos mais graves padecimentos, de acordo com os débitos que haja contraído, mas também carrega consigo as faculdades de criar no próprio cosmo orgânico todas as espécies de anticorpos, imunizando-se contra as exigências da carne, faculdades essas que pode ampliar consideravelmente pela oração, pelas disciplinas retificadoras a que se afeiçoe, pela resistência mental ou pelo serviço ao próximo com que atrai preciosos recursos em seu favor. Não podemos esquecer que o bem é o verdadeiro antídoto do mal.” (*Ação e Reação*, André Luiz, cap. XIX, p. 260)

Seguindo a *lei de ação e reação* ou *lei do carma*, Manoel Philomeno de Miranda localiza algumas classes de desvairios morais e éticos em certos grupos de enfermidades orgânicas. Considerando estas indicações como sugestões das causas profundas de algumas enfermidades, temos no modelo reencarnacionista a base para fundamentar diversos infortúnios que, sem uma explicação lógica e imediatista, acometem os seres humanos.

“Não se depurasse o criminoso através da reencarnação e permaneceriam nele as marcas ultrizes dos seus desvairios, resultado da sua imperfeição espiritual que as experiências sucessivas no corpo logram aprimorar, libertando-o da inferioridade. Assim, as inteligências que se compraziam na luxúria e na tirania retornam nas patologias da idiotia, assim como os suicidas que esfacelaram o crânio, esmigalhando o cérebro, voltam nas expressões da

excepcionalidade, do mongolismo, da hidrocefalia, vinculados àqueles que, de alguma forma, se fizeram comparsas da delinquência a que se entregaram. Os quadros complexos das enfermidades que dilaceram os homens restauram-lhes a dignidade perdida e despertam-nos para a valorização dos recursos da vida, que são malbaratados quase sempre com leviandade e prepotência, revolta e presunção, que o egoísmo comanda, soberano. [...] Esta visão responsável da vida confere ao sofrimento o valor que tem: concitar o Espírito endividado ao resgate ou estimulá-lo à conquista de novos títulos de enobrecimento de que necessita para ser feliz. Não entendendo a linguagem silenciosa, embora operante, do amor e da beleza em toda parte presentes, o homem não se pode furtar à reflexão, ao exame, quando colhido pela dor ou recambiado ao leito pela provação, ou impedido de seguir conforme lhe apraz, através da expiação que surge no momento e que menos espera, como a cegueira repentina, a paralisia progressiva sem aparente causa lógica, a hemiplegia ou paraplegia, a incapacidade para o matrimônio, a reviravolta econômica que o leva à escassez de recursos, ou os dramas morais, os tormentos emocionais e psíquicos que estrugem de um para outro momento, alterando completamente a programação estabelecida ou o curso dos acontecimentos agradáveis no qual se encontrava. Em tudo, porém, se apresenta a providencial sabedoria de Deus demonstrando a fugacidade da organização física ante a perenidade da vida em si mesma. A fé, racionalmente adquirida, responsabilizando o homem, é farol que lhe ilumina o passo em qualquer circunstância, apontando-lhe o rumo seguro por onde segue.” (*Temas da Vida e da Morte*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. VIII, p. 53-5)

## Controle da mente sobre o corpo físico - Psicossomatismo

Condicionando “todos os fenômenos da vida orgânica” à mente e ao psiquismo, André Luiz fundamenta no Espírito o controle do organismo físico, separando o “psiquismo” dos centros nervosos materiais (cérebro).

“Nossa mente é, dessarte, um núcleo de forças inteligentes, gerando plasma sutil que, a exteriorizar-se incessantemente de nós, oferece recursos de objetividade às figuras de nossa imaginação, sob o comando de nossos próprios desígnios. A ideia de um «ser» organizado por nosso Espírito, a que o pensamento dá forma e ao qual a vontade imprime movimento e direção. Do conjunto de nossas ideias resulta a nossa própria existência. [...] Segundo é fácil de concluir, todos os seres vivos respiram na onda de psiquismo dinâmico que lhes é peculiar, dentro das dimensões que lhes são características ou na frequência que lhes é própria. Esse psiquismo independe dos centros nervosos, de vez que, fluindo da mente, é ele que condiciona todos os fenômenos da vida orgânica em si mesma.” (*Nos Domínios da Mediunidade*, André Luiz, cap. I, p. 17)

Sob o comando mental, as células, os tecidos e os órgãos funcionariam como “um todo indivisível”. O sistema neuro-imuno-endócrino-metabólico (princípio vital homeopático), com sua capacidade integrativa, seria o instrumento utilizado pelo Espírito para manter e preservar a vida e a saúde. Desta forma, vemos a importância do psicossomatismo na gênese e cura das enfermidades, que começa a ser estudado pela Medicina e que há mais de duzentos anos é difundido e utilizado pela Homeopatia. Atuando no **citoplasma**, “elemento intersticial de vinculação das forças fisiopsicossomáticas” com características semelhantes à força vital ou fluido cósmico universal, o Princípio Inteligente modula o automatismo celular.

“Lógico entender, dessa forma, que, diante do governo mental, a reunião das células compõe tecidos, assim como a associação dos tecidos esculpe os órgãos, partes constituintes do organismo que passa a funcionar, como um todo indivisível em sua integridade, cingido pelo

sistema nervoso e controlado pelos hormônios ou substâncias produzidas em determinado órgão e transportadas a outros arraiais da atividade somática, que lhes excitam as propriedades funcionais para certos fins, hormônios esses nascidos de impulsão mecânica da mente sobre o império celular, conforme diferentes estados emotivos da consciência, enfeixando cargas de elementos químicos em nível ideal, quando o equilíbrio íntimo lhe preside as manifestações, e consubstanciando recursos de manutenção e preservação da vida normal, perfeitamente isoláveis pela ciência comum, como já acontece com a adrenalina das suprarrenais, com a insulina do pâncreas, a testosterona dos testículos e outras secreções glandulares do cosmo orgânico. [...] É da doutrina celular corrente no mundo que as células tomam aspectos diferentes conforme a natureza das organizações a que servem, competindo-nos desenvolver mais amplamente o asserto, para asseverar que a inteligência, influenciando o citoplasma, que é, no fundo, o elemento intersticial de vinculação das forças fisiopsicossomáticas, obriga as células ao trabalho de que necessita para expressar-se, trabalho este que, à custa de repetições quase infinitas, se torna perfeitamente automático para as unidades celulares que se renovam, de maneira incessante, na execução das tarefas que a vida lhes assinala.” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. V, p. 44-5)

Relacionando, também, a formação embriológica do ser humano ao comando do Espírito, Manoel Philomeno de Miranda acrescenta à genética e à hereditariedade outras leis, além das mendelianas. Assim como vimos anteriormente, advoga a cada célula a característica de um *ser individualizado*, “trabalhando sob o comando da mente”, que “emite e capta irradiações específicas em forma de oscilações eletromagnéticas”, originando, no conjunto celular, o corpo vital ou duplo etérico. Como um *ser energético*, a célula sofre a influência da energia mental, moldada pelos sentimentos da individualidade encarnante, podendo apresentar, conforme a conduta psíquica, alterações funcionais e estruturais.

“Na raiz de todas as enfermidades que sítiam o homem, encontramos no desequilíbrio dele próprio a sua causa preponderante. Sendo o Espírito o modelador dos equipamentos de que se utilizará na reencarnação, desdobra as células da vesícula seminal sobre as matrizes vibratórias do perispírito, dando surgimento aos folhetos blastodérmicos que se encarregam de compor os tubos intestinal e nervoso, os tecidos cutâneos e todos os elementos constitutivos das organizações física e psíquica. São bilhões de *seres* microscópicos, individualizados, trabalhando sob o comando da mente, que retrata as aquisições anteriores na condição de conquistas ou dívidas, que cumpre aprimorar ou corrigir. Cada um desses *seres* que se ajustam perfeitamente aos implementos vibratórios da alma, emite e capta irradiações específicas, em forma de oscilações eletromagnéticas, que compõem o quadro da individualidade humana... Em razão da conduta mental, as células são estimuladas ou bombardeadas pelos fluxos dos interesses que lhe apraz, promovendo a saúde ou dando gênese aos desequilíbrios que decorrem da desarmonia, quando essas unidades em estado de mitose degeneram, oferecendo campo às bactérias patológicas que se instalam vencendo os fatores imunológicos, desativados ou enfraquecidos pelas ondas contínuas de mau humor, pessimismo, revolta, ódio, ciúme, lubricidade e viciações de qualquer natureza, que se transformam em poderosos agentes da perturbação e do sofrimento. No caso dos fenômenos teratológicos das patogenias congênitas, encontramos o Espírito infrator encarcerado na organização que desrespeitou impunemente, quando a colocou a serviço da irresponsabilidade ou da alucinação, agora recuperando, de imediato, os delitos perpetrados, mesmo que em curto prazo expiatório. Problemas de graves mutilações e deficiências, enfermidades irreversíveis surgem como efeitos da culpa guardada no campo da consciência, em forma de arrependimentos tardios pelas ações nefastas antes praticadas.” (*Painéis da Obsessão*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. I, p. 7-8)

## Princípio vital ou duplo etérico

### Fluido cósmico universal - Duplo etérico - Princípio vital - Ectoplasma

O que entendemos como força ou princípio vital homeopático, o Espiritismo designa pelo mesmo termo, sendo um produto da “matéria cósmica primitiva”, “massa etérea”, “fluido cósmico” ou “princípio vital universal”, fonte primordial de todas as coisas e seres da Natureza.

“A matéria cósmica primitiva encerrava os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que desdobram suas magnificências perante a eternidade; ela é mãe fecunda e primacial de todas as coisas, e o que é mais, a geratriz eterna. Ela não desapareceu, essa substância de onde provêm as esferas siderais; não está morto este poder, pois incessantemente ainda dá a luz novas criações e recebe incessantemente os princípios reconstituídos dos mundos que se apagam do livro eterno. A massa etérea, mais ou menos rarefeita, que permeia os espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas, ricas em aglomerados de estrelas, mais ou menos condensado nos lugares em que ainda brilha o céu sideral, mais ou menos modificado por diversas combinações segundo as localidades da extensão, não é outra coisa senão a substância primitiva na qual residem as forças universais, de onde a Natureza tem tirado todas as coisas. Este fluido penetra nos corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá nascimento à vida dos seres, e a perpetua sobre cada globo segundo sua condição, a princípio no estado latente que dormita ali onde a voz de um ser não o chama. Cada criatura, mineral, vegetal, mineral ou de outra espécie, - pois há outros reinos naturais dos quais nem mesmo suspeitamos a existência, - por virtude desse princípio vital universal, sabe adequar as condições de sua existência e de sua duração. As moléculas do mineral têm certa soma dessa vida, assim como a semente e o embrião, e agrupam-se, conforme o organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos. Muito importa que nos compenetrems dessa noção: que a matéria cósmica primitiva era revestida, não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, mas ainda do princípio vital universal que forma gerações espontâneas sobre cada mundo à medida que se manifestam as condições da existência sucessiva dos seres, quando soa a hora da aparição dos filhos da vida, durante o período criador. Assim se efetua a criação universal. [...]” (A *Gênese*, Kardec, cap. VI, ítems 17-8)

O fluido cósmico universal é a energia ou elemento primordial que serve de matéria-prima aos Arquitetos Maiores, para plasmarem todos os tipos de coisas e seres existentes no Universo, dos planetas aos átomos. A formação da matéria grosseira ocorre, em geral, com a “redução das áreas espaciais intra-atômicas” desta energia cósmica primordial, transformando-se em “massa nuclear adensada”. Na formação do “veículo fisiopsicossomático”, o Espírito ou Inteligência humana, “com a energia espiritual que lhe é própria” e utilizando o fluido cósmico universal como substrato, “assimila os corpúsculos da matéria”.

“O fluido cósmico é o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio. Nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes e oceanos. [...] Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível, os grandes Devas da teologia hindu ou os Arcanjos da interpretação de variados templos religiosos, extraindo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade, em serviço de Co-Criação em plano maior, em conformidade com

os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação Excelsa. Essas Inteligências Gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam, por fim, de vez que o Espírito Criador pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de Toda a Eternidade. [...] Sob a orientação das Inteligências Superiores, congregam-se os átomos em colmeias imensas e, sob a pressão espiritualmente dirigida de ondas eletromagnéticas, são controladamente reduzidas as áreas espaciais intra-atômicas, sem perda de movimento, para que se transformem na massa nuclear adensada de que se esculpem os planetas, em cujo seio as mônadas celestes encontrarão adequado berço ao desenvolvimento. [...] Em análogo alicerce, as Inteligências humanas que ombreiam conosco utilizam o mesmo fluido cósmico, em permanente circulação no Universo, para a Co-Criação em plano menor, assimilando os corpúsculos da matéria com a energia espiritual que lhes é própria, formando assim o veículo fisiopsicossomático em que se exprimem, ou cunhando as civilizações que abrangem no mundo a Humanidade Encarnada e a Humanidade Desencarnada. [...] Cabe-nos assinalar, desse modo, que, na essência, toda matéria é energia tornada visível e que toda energia, originariamente, é força divina de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação, cujas leis nos conservam e prestigiam o bem praticado, constringendo-nos a transformar o mal de nossa autoria no bem que devemos realizar, porque o Bem de Todos é o seu Eterno Princípio. Compete-nos, pois, anotar que o fluido cósmico ou plasma divino é a força em que todos vivemos, nos ângulos variados da Natureza, motivo pelo qual já se afirmou, e com toda razão, que «em Deus nos movemos e existimos.» (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. I)

Este fluido cósmico universal ou “éter” corresponde ao “meio sutil em que os sistemas atômicos oscilam, o meio sutil em que o Universo se equilibra”.

“Conhecemos a gama de ondas, sabemos que a luz se desloca em feixes corpusculares que denominamos «fótons», não ignoramos que o átomo é um remoinho de forças positivas e negativas, cujos potenciais variam com o número de elétrons ou partículas de força em torno do núcleo, informamo-nos de que a energia, ao condensar-se, surge como massa para transformar-se, depois em energia; entretanto, o meio sutil em que os sistemas atômicos oscilam não pode ser equacionado com os nossos conhecimentos. Até agora, temos nomeado esse «terreno indefinível» como sendo o «éter»; contudo, Einstein, quando buscou imaginar-lhe as propriedades indispensáveis para poder transmitir ondas características de bilhões de oscilações, com a velocidade de 300.000 quilômetros por segundo, não conseguiu acomodar as necessárias grandezas matemáticas numa fórmula, porquanto as qualidades de que essa **matéria** devia estar revestida não são combináveis, e concluiu que **ela não existe**, propondo abolir-se o conceito de «éter», substituindo-o pelo conceito de «campo». **Campo**, desse modo, passou a designar o espaço dominado pela influência de uma partícula de massa. Para guardarmos uma ideia do princípio estabelecido, imaginemos uma chama em atividade. A zona por ela iluminada é-lhe o campo peculiar. A intensidade de sua influência diminui com a distância do seu fulcro, de acordo com certas proporções, isto é, tornando-se 1/2, 1/4, 1/8, 1/16, etc., a revelar valor de fração cada vez menor, sem nunca atingir o zero, porque, em teoria, o campo ou região de influência alcançará o infinito. A proposição de Einstein, no entanto, não resolve o problema, porque a indagação quanto à **matéria de base** para o **campo** continua desafiando o raciocínio, motivo pelo qual, escrevendo da esfera extrafísica, na tentativa de analisar mais acuradamente o fenômeno da transmissão mediúnica, definiremos o meio sutil em que o Universo se equilibra como sendo o Fluido Cósmico ou Hálito Divino, a força para nós inabordável que sustenta a Criação.” (*Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz, cap. III, p. 39-41)

Também denominado pelo termo *duplo etérico* ou *ectoplasma*, o princípio vital situa-se entre a matéria densa (corpo físico) e a matéria perispiritual (perispírito), existindo em todos os reinos da Natureza. É constituído pela articulação das energias emitidas por todas as células do organismo, formando um “tecido de força” ou “halo energético” ao redor dos seres vivos.

“[...] Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por «tecidos de força», em torno dos corpos que as exteriorizam. Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um «halo energético» que lhes corresponde à natureza. [...]” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. XVII, p. 129)

O *ectoplasma*, *fluido magnético* ou *força vital* é um material com características semelhantes ao “**citoplasma celular ou protoplasma**”, originando-se do fluido cósmico universal, emanando de todos os seres da Natureza. Intermediário entre o corpo material e o perispírito, com características extremamente plásticas, subordina-se ao pensamento do Espírito, podendo assumir as mais diversas formas segundo o influxo da sua vontade.

“- Esta força não é patrimônio de privilegiados. É propriedade vulgar de todas as criaturas, mas entendem-na e utilizam-na somente aqueles que a exercitam através de acuradas meditações. É o ‘spiritus subtilissimus’ de Newton, o ‘fluido magnético’ de Mesmer e a ‘emanação ódica’ de Reichenbach. No fundo, é a energia plástica da mente que a acumula em si mesma, tomando-a ao fluido universal em que todas as correntes da vida se banham e se refazem, nos mais diversos reinos da Natureza, dentro do Universo. Cada ser vivo é um transformador desta força, segundo o potencial receptivo e irradiante que lhe diz respeito.[...]” (*Libertação*, André Luiz, cap. XI, p. 144)

“O veículo físico assim prostrado, sob o domínio dos técnicos do nosso plano, começou a expelir o ectoplasma, qual pasta flexível, à maneira de uma geléia viscosa e semilíquida, através de todos os poros e, com mais abundância, pelos orifícios naturais, particularmente da boca, das narinas e dos ouvidos, com elevada percentagem a exteriorizar-se igualmente do tórax e das extremidades dos dedos. A substância, caracterizada por um cheiro especialíssimo que não conseguimos descrever, escorria em movimentos reptilianos, acumulando-se na parte inferior do organismo medianímico, onde apresentava o aspecto de grande massa protoplásmica, viva e tremulante. [...] Aí temos o material leve e plástico de que necessitamos para a materialização. Podemos dividi-lo em três elementos essenciais, em nossas rápidas noções de serviço, a saber - fluidos A, representando as forças superiores e sutis de nossa esfera, fluidos B, definindo os recursos do médium e dos companheiros que o assistem, e fluidos C, constituindo energias tomadas à Natureza terrestre. [...] O ectoplasma está situado entre a matéria densa e a matéria perispiritica, assim como um produto de emanações da alma pelo filtro do corpo, e é recurso peculiar não somente ao homem, mas a todas as formas da Natureza. Em certas organizações fisiológicas especiais da raça humana, comparece em maiores proporções e em relativa madureza para a manifestação necessária aos efeitos físicos que analisamos. É um elemento amorfo, mas de grande potência e vitalidade. Pode ser comparado a genuína massa protoplasmática, sendo extremamente sensível, animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam, invariavelmente, ao pensamento e à vontade do médium que os exterioriza ou dos Espíritos desencarnados ou não que sintonizam com a mente mediúnica, senhoreando-lhe o modo de ser. Infinitamente plástico, dá forma parcial ou total às entidades que se fazem visíveis aos olhos dos companheiros terrestres ou diante da objetiva fotográfica, dá consistência aos fios, bastonetes e outros tipos de formações,

visíveis ou invisíveis nos fenômenos de levitação, e substancializa as imagens criadas pela imaginação do médium ou dos companheiros que o assistem, mentalmente afinados com ele. [...]” (*Nos Domínios da Mediunidade*, André Luiz, cap. XXVIII, p. 262-72)

### **Princípio vital orgânico - Unidade substancial com o corpo físico**

O princípio vital, estado particular ou modificação do fluido cósmico universal, é que confere a vida aos seres e as propriedades à matéria orgânica. No organismo vivo, sua atividade é mantida “pela ação do conjunto de órgãos”, ao mesmo tempo em que mantém em funcionamento os sistemas orgânicos. Desse modo, notamos a relação de reciprocidade (unidade substancial) entre o corpo físico e a força vital.

“O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo, impulsionado pela atividade íntima ou princípio vital que neles existe. O princípio vital é a força motriz dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo em que o agente vital impulsiona os órgãos, a ação destes entretém e desenvolve o agente vital, masi ou menos como o atrito produz o calor.” (*O Livro dos Espíritos*, Kardec, cap. IV, item 67)

“Sem falar do princípio inteligente, que é uma questão à parte, há na matéria orgânica um princípio especial, inapreciável, e que ainda não pôde ser definido: é o *princípio vital*. Este princípio, que é ativo no ser vivente, é *extinto* no morto; nem por isso deixa ele de conferir à substância as características que a distinguem das substâncias inorgânicas. [...] Pode-se pois admitir, logicamente, que ao se formar, os seres orgânicos assimilaram o princípio vital que era necessário à sua finalidade; ou, se assim o quisermos dizer, tal princípio se desenvolveu pelo próprio efeito da combinação dos elementos, tal como se vê, sob o império de certas circunstâncias, desenvolver-se o calor, a luz e a eletricidade. [...] A atividade do princípio vital é mantida durante a vida, pela ação do conjunto de órgãos, como o calor é mantido pelo movimento de rotação de uma roda; quando isto cessa pela morte, o princípio vital *se extingue*, como o calor, quando a roda cessa de girar. [...] Os corpos orgânicos seriam verdadeiras *pilhas elétricas*, que funcionam desde que tais pilhas estejam nas condições desejadas para que se produza a eletricidade: é a vida; ela se detém, quando cessam as condições: é a morte. Segundo este modo de encarar as coisas, o princípio vital não seria senão a espécie particular de eletricidade designada sob o nome de *eletricidade animal*, desprendida durante a vida pela ação dos órgãos, e dos quais a produção é paralisada na morte pelo desaparecimento de tal ação.” (*A Gênese*, Kardec, cap. X, itens 16-19)

Além de fazer a analogia entre os termos “perispírito” e “corpo astral”, “princípio vital” e “duplo etérico”, André Luiz cita a interdependência entre o corpo físico e o princípio vital, como uma unidade substancial que se desintegra após a morte orgânica. Assim como o duplo etérico é o responsável pelo “equilíbrio entre a alma e o corpo de carne” e pela manutenção da vida, na forma de “calor indispensável à colmeia celular”, o perispírito relaciona-se aos sentidos, como “exteriorização da sensibilidade”.

“- Com o auxílio do supervisor, o médium foi convenientemente exteriorizado. A princípio, seu perispírito ou «corpo astral» estava revestido com os eflúvios vitais que asseguram o equilíbrio entre a alma e o corpo de carne, conhecidos aqueles, em seu conjunto, como sendo o «duplo etérico», formado por emanções neuropsíquicas que pertencem ao campo fisiológico e que, por isso mesmo, não conseguem maior afastamento da organização terrestre, destinando-se à desintegração, tanto quanto ocorre com o instrumento carnal, por ocasião da morte renovadora. Para melhor ajustar-se ao nosso ambiente, Castro devolveu essas energias ao corpo inerte, garantindo assim o calor indispensável à colmeia celular e desembaraçando-se, tanto quanto possível, para entrar no serviço que o aguarda. [...] Sim, se

algum pesquisador humano ferisse o espaço em que se situa a organização perispirítica do nosso amigo, registraria ele, de imediato, a dor do golpe que se lhe desfechasse, queixando-se disso, através da língua física, porque, não obstante liberto do vaso somático, prossegue em comunhão com ele, por intermédio do laço fluídico de ligação. (*Nos Domínios da Mediunidade*, André Luiz, cap. XI, p. 98-9)

### **Fluido cósmico e memória etérica (akásica)**

O fluido cósmico ou éter tem a capacidade de armazenar em sua intimidade todos os acontecimentos que se desenrolaram à sua volta, funcionando como um arquivo de memória universal, que pode ser acessado a qualquer hora por quem tenha esta capacidade.

“Conforme não mais ignoram os estudiosos e pensadores do Espiritismo, as poderosas sensibilidades etéricas, as ondas luminosas disseminadas pelo Universo, o fluido universal, enfim, sede da Criação, veículo da Vida, possui a prodigiosa capacidade de fotografar e arquivar em suas indestrutíveis essências os acontecimentos desenrolados sob a luz do Sol, na Terra, ou pela vastidão do Infinito. A História da Humanidade, portanto, estaria arquivada em imagens e sons pelo infinito afora, e, como a da Humanidade, necessariamente a história de cada individualidade, particularmente. Rever, portanto, o que passou, rebuscando imagens e cenas fotografadas nas ‘ambiências etéricas’, não será, para um Espírito trabalhador, tarefa muito rara, embora penosa. Comumente, esses Espíritos o realizam para estudos científicos e filosóficos, lições profundas e muito eruditas para as almas fortes que se dedicam a cursos elevados na vida espiritual, para análises magníficas, que somente ao mundo invisível interessam, por enquanto. [...]” (*Dramas da Obsessão*, Bezerra de Menezes, Segunda Parte, cap. I, p. 57)

### **Fluido vital e saúde orgânica**

Como citamos anteriormente, a vitalidade e a saúde dos seres vivos relaciona-se ao fluido vital: todo órgão está impregnado com o fluido vital, responsável pela atividade do mesmo. Na morte física ocorre a ruptura do fluxo vital, com a carência da energia vital mantenedora da vida, impedindo que as moléculas se aglutinem segundo sua força de coesão. O fluido vital que anima o corpo físico corresponde à eletricidade que faz funcionar os aparelhos elétricos. A quantidade de fluido vital varia entre as espécies e os seres de uma mesma espécie, influenciando na atividade e na saúde dos mesmos. Quando o fluido vital se esgota, torna-se incapaz de manter a vida, podendo ser “renovado pela absorção e assimilação de substâncias que o contém”.

“Após a morte do ser orgânico, os elementos que o formaram passam por novas combinações, constituindo novos seres, que haurem na fonte universal o princípio da vida e da atividade, absorvendo-o e assimilando-o, para novamente o devolverem a essa fonte logo que deixarem de existir. Os órgãos estão, por assim dizer, impregnados de fluido vital. Esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que lhes permite comunicar-se entre si, no caso de certas lesões, e restabelecerem funções momentaneamente suspensas. Mas quando os elementos essenciais do funcionamento dos órgãos foram destruídos, ou profundamente alterados, o fluido vital não pode transmitir-lhes o movimento da vida, e o ser morre. Os órgãos reagem mais ou menos necessariamente uns sobre os outros; é da harmonia do seu conjunto que resulta essa reciprocidade de ação. Quando uma causa qualquer destrói esta harmonia, suas funções cessam como o movimento de um mecanismo



cujas engrenagens essenciais se desarranjaram; como um relógio gasto pelo uso ou desmontado por um acidente, que a força motriz não pode pôr em movimento. Temos uma imagem mais exata da vida e da morte num aparelho elétrico. Esse aparelho recebe a eletricidade e a conserva em estado potencial, como todos os corpos da Natureza. Os fenômenos elétricos, porém, não se manifestam enquanto o fluido não for posto em movimento por uma causa especial, e só então se poderá dizer que o aparelho está vivo. Cessando a causa da atividade, o fenômeno cessa: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos seriam, assim, como pilhas ou aparelhos elétricos nos quais a atividade do fluido produz o fenômeno da vida: a cessação dessa atividade ocasiona a morte. A quantidade do fluido vital não é a mesma em todos os seres orgânicos: varia segundo as espécies e não é constante no mesmo indivíduo, nem nos vários indivíduos de uma mesma espécie. Há os seres que estão, por assim dizer, saturados de fluido vital, enquanto outros o possuem apenas em quantidade suficiente. É por isso que uns são mais ativos, mais enérgicos, e de certa maneira, de vida superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode tornar-se incapaz de entreter a vida, se não for renovada pela absorção e assimilação de substâncias que o contém. O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tem em maior quantidade pode dá-lo ao que tem menos e, em certos casos, fazer voltar uma vida prestes a extinguir-se.” (*O Livro dos Espíritos*, Kardec, cap. IV, item 70)

Como vimos anteriormente, o fluido vital está relacionado ao estado de saúde ou doença, vida ou morte. Na citação abaixo, ilustra-se uma “técnica de sobrevida”, utilizada no plano espiritual para prolongar a vida de um indivíduo em condições de saúde precária, que consiste na transfusão de energia vital sadia, retirada dos vegetais (ectoplasma ou fluido C) e de outro ser humano (ectoplasma ou fluido B), ao tônus vital enfraquecido do enfermo. À semelhança de uma *circulação extracorpórea vital*, o fluido vital degenerado é *vitalizado*, através de uma máquina chamada “pulmotor”.

“- Iremos retirar o tônus vital - começou por elucidar - que degenera em Argos, predispondo-o à desencarnação e o faremos ser absorvido pelo pulmotor, onde já depositamos regular quantidade de *maaprana* ou energia superior e de vitalidade extraída dos vegetais terrestres. Na parte superior interna e transparente da máquina, serão misturadas, sob a ação de uma pequena bomba encarregada de fazer a *oxigenação* da substância fluidica. [...] faz-se necessário, também, o fluido humano e, como sói acontecer nos trabalhos de transfusão de sangue, em que a identidade de tipos é condição indispensável para os resultados que se almejam, aqui encontramos algo semelhante... [...] Foram introduzidos dois cateteres no braço direito de Argos, que se ligavam ao pulmotor. Vimos de imediato que saía uma substância pardo-acinzentada para o interior da máquina. O médico fechou pequena válvula, interrompendo o fluxo. Outro cateter foi ligado do aparelho ao braço esquerdo do enfermo por onde deveria retornar a energia purificada. Imediatamente, vimos uma das enfermeiras fazer uma terceira ligação, desta vez era um cateter que se fixava à artéria do braço esquerdo de Venceslau, que deveria doar determinada dose de tônus vital. [...] A um sinal do chefe cirúrgico, foram abertas as pequenas válvulas. Vimos a energia de Argos, que já se encontrava em grande parte do cateter, penetrar no depósito de *maaprana* e clorofila, ao mesmo tempo em que do médium Venceslau o tono vital chegava à parte inferior do pulmotor, que uma pequena bomba impelia para cima de modo a confundir-se com a substância em renovação e fosse transferida para o paciente pelo cateter do braço esquerdo.” (*Painéis da Obsessão*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. 5, p. 42-4)

## **Fluido cósmico (etérico ou vital) e outras manifestações energéticas**

Assim como o princípio vital orgânico, que preside os processos de vida e crescimento do nosso corpo físico provém da “matéria cósmica” ou “éter”, outras formas de energia modificada encontradas no mundo físico (eletricidade, magnetismo, gravidade, etc.) têm sua matriz no fluido etéreo.

“Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos; este fluido é o *éter* ou *matéria cósmica* primitiva, geratriz do mundo e dos seres. As forças que presidiram às metamorfoses da matéria são inerentes ao éter; trata-se de leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Estas formas múltiplas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação segundo as circunstâncias e os ambientes, são conhecidas na terra sobre os nomes de *gravidade*, *coesão*, *afinidade*, *atração*, *magnetismo*, *eletricidade ativa*; os movimentos vibratórios do agente são conhecidos sob os nomes de *som*, *calor*, *luz*, etc. Em outros mundos, tais efeitos se apresentam sob outros aspectos, oferecem características desse mundo, e na imensa extensão dos céus, forças em número indefinido são desenvolvidas numa escala inimaginável, da qual somos tampouco capazes de avaliar a grandeza, como o crustáceo, no fundo do oceano, tampouco o é de abarcar a universalidade dos fenômenos terrestres. Ora, da mesma forma que não há senão uma só substância simples, primitiva, da mesma forma todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos, e que, através de decretos eternos, foi soberanamente imposta à criação para nela constituir a harmonia e a estabilidade.” (A *Gênese*, Kardec, cap. VI, item 10)

O fluido cósmico universal apresenta dois estados distintos: o de “eterização ou imponderabilidade” e o de “materialização ou ponderabilidade”. Neste amplo espectro situam-se todas as formas do binômio “matéria-energia”, das mais sutis às mais densas.

“O fluido cósmico universal, como já foi demonstrado, é a matéria elementar primitiva, da qual as modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza. Como princípio elementar universal, oferece dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade, que se pode considerar como estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. [...] No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem cessar de ser etéreo, passa por modificações tão variadas em seu gênero, e mais numerosas talvez, do que no estado de matéria tangível. Tais modificações constituem fluidos distintos que, se bem sejam procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais, e dão lugar aos fenômenos particulares do mundo invisível. [...] A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, ao *desagregar-se*, deve poder voltar ao estado de eterização, assim como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se num gás impalpável. *A solidificação da matéria, na realidade, não passa de um estado transitório do fluido universal, o qual pode voltar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão cessam de existir.*” (A *Gênese*, Kardec, cap. XIV, itens 2-6)

## **Princípio vital irracional difere do Princípio Espiritual Inteligente**

O princípio vital irracional e instintivo difere do Princípio Espiritual Inteligente, originando-se o primeiro do elemento cósmico universal, sem apresentar manifestações de inteligência e vontade, enquanto o segundo, através de sua atividade intelectual, possui características superiores. Enquanto o princípio vital está diretamente relacionado à vida orgânica, o Princípio Espiritual possui uma atividade independente e autônoma.

“O princípio espiritual e o princípio vital são uma e a mesma coisa? Como sempre, partindo da observação dos fatos, diremos que se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente haveria alguma razão em confundi-los; porém, desde que se vêem seres que vivem e não pensam como as plantas; corpos humanos que ainda estão animados com a vida orgânica, ao passo que neles já não existe mais nenhuma manifestação do pensamento; que se produzem no ser vivente movimentos vitais independentes de qualquer ato de vontade; que durante o sono a vida orgânica está em toda sua atividade, ao passo que a vida intelectual não se manifesta por qualquer atividade exterior, há lugar para se admitir que a vida orgânica reside num princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual que é inerente ao Espírito. Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade independente do Espírito, torna-se evidente que esta dupla vitalidade repousa sobre dois princípios diferentes.” (A *Gênese*, Kardec, cap. XI, item 5)

“O princípio espiritual teria sua fonte no elemento cósmico universal? Não seria senão uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.? Se assim fosse, o princípio espiritual estaria sujeito às vicissitudes da matéria; ele se extinguiria pela desagregação, como o princípio vital; o ser inteligente não teria senão uma existência momentânea como sucede ao corpo, e com a morte ele reentraria no nada, ou, o que vem a dar no mesmo, no todo universal; isso seria, numa palavra, a sanção das doutrinas materialistas. As propriedades *sui generis* que são reconhecidas no princípio espiritual provam que ele tem sua existência própria independente, pois se tivesse sua origem na matéria não teria essas propriedades. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se a essa conclusão, remontando os efeitos às causas, que o elemento material e o elemento espiritual são dois princípios constitutivos do universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *Espíritos*, assim como o elemento material individualizado constitui os diferentes corpos da Natureza, orgânicos e inorgânicos.” (A *Gênese*, Kardec, cap. XI, item 6)

## **Perispírito - União do corpo astral com o corpo mental**

### **Veículo intermediário entre o corpo físico e o Espírito**

Funcionando como um elo entre o corpo material e o Espírito, existe um corpo fluídico denominado “perispírito”, com características intermediárias entre a rudeza da matéria e a sutileza do Espírito, permitindo a manifestação deste no plano físico. Apresenta uma natureza material, originária de uma modificação especial do fluido cósmico universal, e uma natureza astral. O perispírito é o veículo de manifestação do pensamento (corpo mental) e o receptor das sensações produzidas pelos agentes externos (corpo astral).

“O Espírito, por sua essência espiritual, é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter uma ação direta sobre a matéria; era-lhe necessário um intermediário. Este intermediário é o envoltório fluídico que de certa forma faz parte integrante do Espírito, envoltório semimaterial, isto é, participante da matéria, por sua origem, e da espiritualidade, por sua natureza astral. Como toda matéria, ele é originado no fluido cósmico universal, o qual, nesta circunstância, sofre uma modificação especial. Este envoltório, designado sob o nome de *perispírito*, de um ser abstrato faz do Espírito um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento; ele o torna apto a agir sobre a matéria tangível, da mesma forma que todos os fluidos imponderáveis, que são, conforme se sabe, os mais possantes motores. O fluido perispiritual é pois o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, é o veículo de seu pensamento para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais se agitam sob o impulso de sua vontade, e para repercutir no Espírito as

sensações produzidas pelos agentes exteriores. Tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.” (A *Gênese*, Kardec, cap. XI, item 17)

## União do corpo astral com o corpo mental

O “perispírito” ou “psicossoma” é constituído por uma variedade de fluidos, incorporando o *corpo astral* (*Kama Rupa*) e o *corpo mental* (*Rouach*) das demais concepções filosóficas estudadas (*Manomayakosha*, na tradição vedanta, representa a união entre o corpo astral e o corpo mental). É uma estrutura diferenciada do corpo vital ou duplo etérico (conjunto de forças eletromagnéticas emanadas do cosmo celular) que está intimamente ligado ao corpo físico; após a morte, ou no desprendimento durante o sono, o perispírito acompanha o Espírito, enquanto o princípio vital permanece jungido ao corpo material.

“Parte essencial do complexo humano, o perispírito ou psicossoma se constitui de variados fluidos que se agregam, decorrentes da energia universal primitiva de que se compõem cada Orbe, gerando uma matéria hiperfísica, que se transforma em mediador plástico entre o Espírito e o corpo físico. [...] Revestimento temporário, imprescindível à encarnação e à reencarnação, é tanto mais denso ou sutil quanto evoluído seja o Espírito que dele se utiliza. Também considerado corpo astral, exterioriza-se através e além do envoltório carnal, irradiando-se com energia específica ou aura. [...] Não é uma condensação de caos elétrico ou de forças magnéticas, antes possui estrutura própria, maleável, em algumas circunstâncias tangível [...]. Informe na sua natureza íntima, adquire a aparência que o Espírito lhe queira imprimir podendo, desse modo, tornar-se visível em estado de sono ou de vigília graças às potencialidades de que disponha o Ser que o manipula. Conhecido pelos estudiosos desde a mais remota antiguidade há sido identificado numa gama de rica nomenclatura conforme as funções que lhe foram atribuídas nos diversos períodos que duravam as investigações. Desde as apreciáveis lições do *Vedanta* quando apareceu como *Manu*, *maya* e *Kosha*, era conhecido no *Budismo esotérico* por *Kama Rupa*, enquanto no *Hermetismo egípcio* surgiu na qualidade de *Kha*, para avançar na *Cabala hebraica* como manifestação de *Rouach*. Chineses, gregos e latinos tinham conhecimento da sua realidade, identificando-o seguramente. Pitágoras, mais afeiçoado aos estudos metafísicos, nominava-o *carne sutil da alma* e Aristóteles, na sua exegese do complexo humano, considerava-o *corpo sutil e etéreo*. Os neoplatônicos de Alexandria, dentre os quais Orígenes, o pai da doutrina dos *Princípios*, identificava-o como *aura*; Tertuliano, o gigante inspirado da *Apologética*, nele via o *corpo vital da alma*, enquanto Proclo o caracterizava como *veículo da alma*, definindo cada expressão os atributos de que o consideravam investido. Na cultura moderna, Paracelso, no século XVI, detectou-o sob a designação de *corpo astral*, refletindo as pesquisas realizadas no campo da Química e no estudo paralelo da Medicina com a Filosofia em que se notabilizou. Leibniz, logo depois, substituindo os conceitos panteístas de Spinoza pela teoria dos ‘átomos espirituais ou mônadas’, surpreendeu-o dando-lhe a denominação de *corpo fluídico*.” (*Estudos Espíritas*, Joanna de Ângelis, cap. IV, p. 39-41)

Ao perispírito em si, corpo sutil formado pelo fluido cósmico universal, acrescentam-se as características sensitivas e inteligentes do indivíduo, passando a funcionar como “veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito”, *corpo astral* ou *corpo mental* das demais concepções filosóficas estudadas.

“Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos; este fluido, sendo não-inteligente, age mecanicamente seguindo unicamente as leis materiais; mas se supusermos que este fluido seja dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, agirá, não

mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade; ele verá, ouvirá e sentirá. As propriedades do fluido perispiritual podem dar-nos uma ideia. Por si mesmo, não é inteligente, eis que é matéria; mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito. O fluido perispiritual não é o pensamento do Espírito, mas sim o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele que o transmite de alguma forma está *impregnado* pelo pensamento, e dada a impossibilidade em que temos de isolá-lo, parece-nos ser íntegro com o ar, de modo que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Da mesma forma pela qual dizemos que o ar torna-se sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.” (A *Gênese*, Kardec, cap. II, itens 22-3)

O corpo físico é o reflexo do corpo espiritual ou perispírito, enquanto este último “retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação”. Este “corpo mental”, citado por André Luiz, “é o envoltório sutil da mente”; assim sendo, é o corpo mental que transmite a forma ao perispírito, estando nele representado.

“Para definirmos de alguma sorte o corpo espiritual é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é reflexo do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação (O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente...). Do ponto de vista da constituição e função em que se caracteriza na esfera imediata ao trabalho do homem, após a morte é o corpo espiritual o veículo físico por excelência, com sua estrutura eletromagnética, algo modificado no que tange aos fenômenos genésicos e nutritivos, de acordo, porém, com as aquisições da mente que o maneja. [...] Claro está, portanto, que é ele santuário vivo em que a consciência imortal prossegue em manifestação incessante além do sepulcro, formação sutil urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura as células, noutra faixa vibratória à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas colóides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta.” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. II, p. 25-6)

Segundo Manoel Philomeno de Miranda, o perispírito ou psicossoma, plasmador da forma espiritual, “transmite as impressões e sensações, emoções e percepções do Espírito ao corpo e deste àquele”, assemelhando-se à definição de corpo astral (corpo das emoções ou dos desejos) anteriormente estudada.

“Muito ainda se há de estudar sobre a estrutura delicada do psicossoma, de modo a melhor compreender-se esse precioso veículo plasmador da forma e que transmite as impressões e sensações, emoções e percepções do Espírito ao corpo e deste àquele.” (*Painéis da Obsessão*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. XXVIII, p. 230)

Por outro lado, acrescenta ao perispírito as “imposições da mente sobre a matéria e os efeitos dela em retorno à causa geratriz”, atributos do corpo mental de outras concepções filosóficas anteriormente estudadas. Segundo Manoel Philomeno de Miranda, o corpo astral seria uma consequência do corpo mental, em que para cada ideia ou pensamento temos uma emoção correspondente: “Conforme a constância mental da ideia aparece uma correspondente *necessidade* da emoção”. Assim sendo, entendamos o perispírito como um veículo sutil que incorpora os pensamentos, os sentimentos e as emoções do Espírito ou Princípio Inteligente à sua natureza fluidica. Enquanto outras escolas espiritualistas separam o corpo astral e o corpo mental como entidades distintas, a Doutrina Espírita agrupa-as numa mesma estrutura, denominada perispírito, psicossoma ou corpo espiritual.

“Portador de expressiva capacidade plasmadora, o perispírito registra todas as ações do espírito através dos mecanismos sutis da mente que sobre ele age, estabelecendo os futuros parâmetros de comportamento, que serão fixados por automatismos vibratórios nas reencarnações porvindouras. *Corpo intermediário* entre o ser pensante, eterno, e os equipamentos físicos, transitórios, por ele se processam as imposições da mente sobre a matéria e os efeitos dela em retorno à causa geratriz. Captando o impulso do pensamento e computando a resposta de ação, a ele se incorporam os fenômenos da conduta atual do homem, assim programando os sucessos porvindouros, mediante os quais serão aprimoradas as conquistas, corrigidos os erros e reparados os danos destes últimos derivados. Constituído por campos de força mui especiais, ele irradia vibrações específicas portadoras de carga própria, que facultam a perfeita sintonia com energias semelhantes, estabelecendo áreas de afinidade e repulsão de acordo com as ondas emitidas. [...] Os pensamentos largamente cultivados levam o indivíduo a ações inesperadas, como decorrência da adaptação mental que se permitiu. Desencadeada a ação, os efeitos serão incorporados ao *modus vivendi* posterior da criatura. E mesmo quando não se convertem em atitudes e realizações por falta de oportunidade, aquelas aspirações mentais, vividas em clima interior, apresentam-se como *formas e fantasmas* que terão de ser diluídos por meio de reagentes de diferente ordem, para que se estabeleça o equilíbrio do conjunto espiritual. Conforme a constância mental da ideia, aparece uma correspondente *necessidade* da emoção. [...] O pensamento, desse modo, é um agente de grave significado no processo natural da vida, representando o grau de elevação ou inferioridade do Espírito, que, mediante o seu psicossoma ou órgão intermediário, plasma o que lhe é melhor e mais necessário para marchar no rumo da libertação.” (*Temas da Vida e da Morte*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. V, p. 35-9)

## **Pensamentos e sentimentos - Unidade substancial de manifestação do Espírito**

O pensamento pode ser considerado como uma partícula energética ou onda, que é moldado pelos sentimentos e emoções individuais. Enquanto o pensamento representa o fluido ou substrato energético emanado pela mente, o sentimento possui a característica moduladora que dá forma e peculiaridade ao mesmo.

Esta “partícula do pensamento”, com natureza mais sutil do que qualquer outra manifestação energética já quantificada, sofre influência da “força do sentimento” que emana do ser, com propriedades plasmadoras, denominada por André Luiz como “raio da emoção” ou “raio do desejo”, transferindo características particulares ao fluido mental.

“A partícula do pensamento, pois, como corpúsculo fluídico, tanto quanto o átomo, é uma unidade na essência a subdividir-se, porém, em diversos tipos, conforme a quantidade, qualidade, comportamento e trajetórias dos componentes que a integram. E assim como o átomo é uma força viva e poderosa na própria contextura, passiva, entretanto, diante da inteligência que a mobiliza para o bem ou para o mal, a partícula do pensamento, embora viva e poderosa na composição em que se derrama do Espírito que a produz, é igualmente passiva perante o sentimento que lhe dá forma e natureza para o bem ou para o mal, convertendo-se, por acumulação, em fluido gravitante ou libertador, ácido ou balsâmico, doce ou amargo, alimentício ou esgotante, vivificador ou mortífero, segundo a força do sentimento que o tipifica e o configura, nomeável, à falta de terminologia equivalente, como «raio da emoção» ou «raio do desejo», força essa que lhe opera a diferenciação de massa e trajeto, impacto e estrutura.” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. XIII, p. 100)

Como consequência do influxo mental, a “palavra” ou “verbo” é uma das fontes de exteriorização do “conjunto pensamento-sentimento”, atuando nos seres que nos cercam como “raios de natureza dinâmica”.

“- Conforme estudamos na noite de hoje, a palavra, qualquer que ela seja, surge invariavelmente dotada de energias elétricas específicas, libertando raios de natureza dinâmica. A mente, como não ignoramos, é o incessante gerador de força através dos fios positivos e negativos do sentimento e do pensamento, produzindo o verbo que é sempre uma descarga eletromagnética, regulada pela voz. Por isso mesmo, em todos os nossos campos de atividade, a voz nos tonaliza a exteriorização, reclamando apuro de vida interior, de vez que a palavra, depois do impulso mental, vive na base da criação; é por ela que os homens se aproximam e se ajustam para o serviço que lhes compete e, pela voz, o trabalho pode ser favorecido ou retardado no espaço e no tempo.” (*Entre a Terra e o Céu*, André Luiz, cap. XXII, p. 137)

Priorizando o surgimento dos desejos e das emoções para que, em seguida, a partícula mental seja criada, André Luiz condiciona um encadeamento natural para a manifestação do pensamento. Em outra passagem, estabelecendo uma ordem para os fenômenos, refere que os sentimentos afluem do coração para o cérebro, ali se transfigurando em pensamentos que escorrem para os lábios emitindo as palavras: *sentimentos (coração) / pensamentos (cérebro) / palavras (lábios)*.

“Em identidade de circunstâncias, apesar da diversidade dos processos, toda partícula da corrente mental, nascida das emoções e desejos recônditos do Espírito através dos fenômenos íntimos e profundos da consciência, cuja estrutura ainda não conseguimos abordar, se desloca, produzindo irradiações eletromagnéticas cuja frequência varia conforme os estados mentais do emissor [...]” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. X, p. 80)

“- De fato, a cada dia me sinto mais leve, sempre mais leve. E, com isso, vou perdendo o controle de mim mesma. Noto que os meus sentimentos sobem do coração para o cérebro, à maneira das águas de um manancial profundo ao jorro da fonte... Na cabeça, observo que as emoções se transfiguram em pensamentos que me escorrem imediatamente para os lábios em forma de palavras, a partirem de mim, quais correntes líquidas que se estendem para além do nascedouro, terra adiante...” (*E a Vida Continua*, André Luiz, cap. VIII, p. 61)

Devido à força plasmadora que lhe é própria, podendo gerar inúmeras alterações no organismo físico e perispiritual, toda emoção deve ser conduzida pelo pensamento equilibrado. Desta forma, o controle das emoções que afluem do íntimo deve ser realizado pela mente disciplinada.

Infelizmente, esse trabalho de reforma íntima ou renovação mental ensinado por inúmeras escolas espiritualistas é mal interpretado pela grande maioria das pessoas. Pensam que devem suprimir seus sentimentos inferiores (imperfeições ou defeitos) no afã de evoluírem espiritualmente. Para isto, reprimem suas emoções, recalçando-as cada vez mais em seu íntimo, certos de que com isto estarão anulando-as. Vivem em ambiguidade, mascarando sentimentos e emoções que não lhe pertencem, enquanto a sua verdadeira personalidade lhe cobra manifestação.

Como não poderia deixar de ser, por representarem grande potencial energético, estas emoções reprimidas perturbam o equilíbrio fisiopsíquico da criatura, causando-lhe as mais diversas enfermidades como forma de exteriorização. Inúmeras doenças crônicas

estudadas atualmente pela Medicina encontram nesta forma de agir o substrato psicossomático para o seu desenvolvimento.

Entendendo que não devemos, simplesmente, reprimir nossos defeitos como método de melhoramento interior (reforma íntima), Manoel Philomeno de Miranda nos expõe que a verdadeira “educação emocional” consiste em estimular, pelo pensamento disciplinado, o desenvolvimento das qualidades que igualmente possuímos, muitas em caráter latente, a fim de que esta energia edificante, passo a passo, substitua os “interesses negativos e viciosos por outros de caráter mais gratificante”, restaurando o equilíbrio perdido.

“As emoções constituem capítulo da vida humana que prossegue merecendo acuradas reflexões, de modo a canalizá-las com a segurança e eficiência indispensáveis aos resultados salutareos para os quais se encontram na organização fisiopsíquica de cada criatura. Refletindo o estado espiritual em que transitam os homens, invariavelmente manifestam-se em desgoverno, levando a paroxismos e desajustes de demorada regularização. [...] O pensamento, porém, é o agente que as pode conduzir com a proficiência desejada, orientando-as com equilíbrio, a fim de que o rendimento seja positivo, capitalizando valores que merecem ser armazenados no processo iluminativo para a execução das tarefas nobres. Esse esforço propicia autoconfiança, harmonia íntima, gerando bem-estar pessoal, que extrapola a área da individualização e se irradia beneficiando em derredor. Ninguém pode bloquear as emoções ou viver sem elas. Intentar ignorá-las ou pretender esmagá-las é empreendimento inócuo, senão negativo. Toda emoção ou desejo recalçado reaparece com maior vigor, em momentos imprevistos. Substituir os interesses negativos e viciosos, por outros de caráter mais gratificante quão duradouro, é o primeiro passo nessa luta de renovação moral e educação emocional. [...] Ao pensamento disciplinado, portanto, cabe a árdua tarefa de educar as emoções, gerando fatores de saúde, que contribuem para a harmonia interior, dando margem ao surgimento de fenômenos de paz e confiança. [...] Outro valioso auxiliar para a empresa é a meditação, que aprofunda os interesses e as aspirações nas realidades metafísicas, eliminando, a pouco e pouco, as impressões mais fortes das sensações primitivas que normalmente se sobrepõem às emoções, desarticulando-as. Pensando, o espírito estabelece o clima no qual se desenvolve e de cuja energia se nutre. Conforme fixe o pensamento, edifica ou destrói, passando de autor a vítima das próprias maquinações.” (*Temas da Vida e da Morte*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. IV, p. 31-4)

### **Purificação do perispírito - Depuração dos sentimentos e dos pensamentos**

As moléculas do corpo espiritual vibram de acordo com as emoções que emanam do ser, manifestando alterações morfológicas ou perturbações internas conforme o estado íntimo do indivíduo. Por outro lado, a sublimação dos sentimentos humanos faz com que o perispírito vibre mais harmonicamente com o *bem comum*, princípio ético e moral que deve ser o objetivo dos Espíritos em evolução.

“- Não nos esqueçamos de que temos diante de nós o veículo espiritual, por excelência vibrátil. O corpo da alma modifica-se, profundamente, segundo o tipo de emoção que lhe flui do âmago. Isso, aliás, não é novidade. Na própria Terra, a máscara física altera-se na alegria ou no sofrimento, na simpatia ou na aversão. Em nosso plano, semelhantes transformações são mais rápidas e exteriorizam aspectos íntimos do ser, com facilidade e segurança, porque as moléculas do perispírito giram em mais alto padrão vibratório, com movimentos mais intensos que as moléculas do corpo carnal. A consciência, por fulcro anímico, se expressa,



desse modo, na matéria sutil com poderes plásticos mais avançados.” (*Entre a Terra e o Céu*, André Luiz, cap. XIII, p. 84)

“- Assim como o corpo físico pode ingerir alimentos venenosos que lhe intoxicam os tecidos, também o organismo perispiritual pode absorver elementos de degradação que lhe corroem os centros de força, com reflexos sobre as células materiais. Se a mente da criatura encarnada ainda não atingiu a disciplina das emoções, se alimenta paixões que a desarmonizam com a realidade, pode, a qualquer momento, intoxicar-se com as emissões mentais daqueles com quem convive e que se encontrem no mesmo estado de desequilíbrio. [...]” (*Missionários da Luz*, André Luiz, cap. XIX, p. 325)

Conforme dissemos anteriormente, a Doutrina Espírita não separa, nitidamente, a vida sentimental da vida mental, considerando o pensar e o sentir humanos como partes da mesma manifestação do Espírito, materializada nos atos e atitudes exteriores (agir). Assim sendo, a *vida moral* do indivíduo está representada pelo conjunto de sentimentos e pensamentos que se manifestam no corpo espiritual, estando este tanto mais sutil quanto mais depurados estejam aqueles. Quando atingirmos o estado de “Espírito Puro”, o perispírito adquirirá uma sutileza tal que deixará de fazer parte do mundo das formas.

“[...] O homem e a mulher, com os seus pensamentos, atitudes, palavras e atos criam, no íntimo, a verdadeira forma espiritual a que se acolhem. Cada crime, cada queda, deixa aleijões e sulcos horrendos no campo da alma, tanto quanto cada ação generosa e cada pensamento superior acrescentam beleza e perfeição à forma perispiritica, dentro da qual a individualidade real se manifesta, mormente depois da morte do corpo denso. Há criaturas belas e admiráveis na carne e que, no fundo, são verdadeiros monstros mentais, do mesmo modo que há corpos torturados e detestados no mundo, escondendo Espíritos angélicos, de celestial formosura.” (*Libertação*, André Luiz, cap. X, p. 135)

“- Conforme a vida de nossa mente, assim vive nosso corpo espiritual. Nosso amigo entregou-se demasiado às criações interiores do tédio, ódio, desencanto, aflição e condensou semelhantes forças em si mesmo, coagulando-as, desse modo, no veículo que lhe serve às manifestações. Daí esse aspecto escuro e pastoso que apresenta. Nossas obras ficam conosco. Somos herdeiros de nós mesmos. [...] Se pretendemos possuir um *psicossoma* utilizado, capaz de reter a luz dos nossos melhores ideais, é imprescindível descondensá-lo pela sublimação incessante de nossa mente, que precisará, então, centralizar-se no esforço infatigável do bem. [...]” (*Entre a Terra e o Céu*, André Luiz, cap. XII, p. 79-80)

“[...] Assim como o aperfeiçoado veículo do homem nasceu das formas primárias da Natureza, o corpo espiritual foi iniciado também nos princípios rudimentares da inteligência. [...] O instrumento perispiritico do selvagem deve ser classificado como protoforma humana, extremamente condensado pela sua integração com a matéria mais densa. Está para o organismo aprimorado dos Espíritos algo enobrecidos como um macaco antropomorfo está para o homem bem-posto das cidades modernas. Em criaturas dessa espécie, a vida moral está começando a aparecer e o perispírito nelas ainda se encontra enormemente pastoso. [...] Desperderão séculos e séculos para se rarefazerem, usando múltiplas formas, de modo a conquistarem as qualidades superiores que, em lhes utilizando a organização, lhes conferirão novas possibilidades de crescimento consciencial. O instinto e a inteligência pouco a pouco se transformam em conhecimento e responsabilidade, e semelhante renovação outorga ao ser mais avançados equipamentos de manifestação... O prodigioso corpo do homem na Crosta Terrestre foi erigido pacientemente no curso dos séculos, e o delicado veículo do Espírito, nos planos mais elevados, vem sendo construído, célula a célula, na esteira dos milênios incessantes...[...] até que nos transfirmos de residência, aptos a deixar, em definitivo o caminho das formas, colocando-nos na direção das esferas do Espírito Puro, onde nos aguardam os inconcebíveis, os inimagináveis recursos da suprema sublimação. [...]”

Orgulho, vaidade, tirania, egoísmo, preguiça e crueldade são vícios da mente, gerando perturbações e doenças em seus instrumentos de expressão.” (*Entre a Terra e o Céu*, André Luiz, cap. XXI, p. 132-3)

“MORAL E PERISPÍRITO - Refletindo o pretérito do homem na forma de tendências no presente, liberta-se das fixações negativas ou as avoluma consoante a direção que ao Espírito aprouver aplicar dos recursos natos. Toda experiência venal brutaliza-o, desequilibrando-lhe os centros vitais que, posteriormente, responderão com distonias e desordens variadas em forma de enfermidades insolúveis. As ações de enobrecimento e os pensamentos superiores, quando cultivados, oferecem-lhe potencialidades elevadas que libertam das paixões com consequente sublimação dos sentimentos que exornam o Espírito. Não foi por outra razão que o Mestre recomendou cuidado em relação aos escândalos, às agressões mentais, morais e físicas, considerando melhor o homem entrar na Vida sem o membro escandaloso do que com ele, como a afirmar que melhor é ser vítima do que fator de qualquer desgraça. Possui todo Espírito os inestimáveis recursos para a felicidade como para a desdita, competindo-lhe moralizar-se, disciplinar-se, elevar-se, a fim de ascender à pureza após a libertação das mazelas de que se impregnou.” (*Estudos Espíritas*, Joanna de Ângelis, cap. IV, p. 44)

## **Aura humana - Condensação do fluido cósmico em torno do Princípio Inteligente**

O perispírito é a condensação do fluido cósmico universal em torno do Princípio Inteligente, Espírito ou Alma. Esse envoltório fluídico é formado a partir dos fluidos ambientais e, por isso, a composição do mesmo varia com os planos ou mundos em que o Espírito habita. A natureza da roupagem perispiritual relaciona-se com o grau de evolução moral-espiritual do Espírito, podendo ser alterada pelo mesmo quando este desce a planos inferiores; isto não é possível no caso inverso, ou seja, quando Espíritos de um grau de evolução inferior querem ascender a planos mais elevados.

“O perispírito ou corpo fluídico dos Espíritos é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *alma*. Já vimos que o corpo carnal tem igualmente seu princípio nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, pois o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo carnal, pois, têm sua fonte no mesmo elemento primitivo; um e outro são matéria, embora sob dois estados diversos. Os Espíritos extraem seu perispírito do ambiente onde se encontram, o que quer dizer que esse envoltório é formado dos fluidos ambientais; daí resulta que os elementos constitutivos do perispírito devem variar segundo os mundos. Sendo Júpiter indicado como um mundo muito adiantado em relação à Terra, onde a vida corporal não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais dali devem ser de uma natureza infinitamente mais quintessenciada do que na nossa Terra. Ora, do mesmo modo que não poderíamos existir naquele mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos ali não poderão penetrar com seu perispírito terrestre. Ao abandonar a Terra, o Espírito deixa aí seu envoltório fluídico e reveste um outro apropriado ao mundo onde vai habitar. A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo a seu bel-prazer e, por conseguinte, não podem se transportar, à vontade, de um mundo a outro. É o caso em que o envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável em relação à matéria tangível, ainda é muito pesado, se assim se pode exprimir, em relação ao mundo espiritual, para lhes permitir saírem de seu ambiente. Será preciso classificar nesta categoria aqueles cujo perispírito é bastante grosseiro para que eles o confundam com o corpo carnal, e que, por esta razão, acreditam estar sempre vivos. Estes Espíritos, cujo número é grande, permanecem na superfície da

Terra tal como os encarnados, acreditando sempre ocupar-se com o que estão habituados; outros, um pouco mais desmaterializados, entretanto, não o são o suficiente para se elevar acima das regiões terrestres. Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e mesmo aí se encarnar. Dos elementos constitutivos do mundo em que entram extraem os materiais do envoltório fluídico ou carnal apropriados ao ambiente onde se encontram. Fazem como o grande senhor que deixa suas belas roupas para vestir-se momentaneamente com trajes plebeus, sem que por isso deixe de ser o grande senhor. É assim que Espíritos das ordens mais elevadas podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou encarnar-se entre eles, em missão. Tais Espíritos trazem consigo não o envoltório, mas a lembrança por intuição das regiões de onde provêm e que vêem no pensamento. São como videntes no meio de cegos. [...] Os Espíritos chamados a viver naquele meio extraem dele seu perispírito; mas, *conforme seja o próprio Espírito mais ou menos purificado, seu perispírito se forma de partes mais puras ou mais grosseiras do fluido próprio ao mundo no qual de encarna*. O Espírito ali produz, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai a si as moléculas assimiláveis à sua natureza. Daí resulta um *fato capital*: que a *constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra e o espaço circundante*. [...] Também resulta que: *o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modifica com o progresso moral dele, em cada encarnação, mesmo que o faça no mesmo ambiente; que os Espíritos superiores, encarnando-se excepcionalmente em missão num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro que o dos nativos deste mundo*. [...] *O fluido etéreo é para as necessidades do Espírito o que a atmosfera é para as necessidades dos encarnados*. Ora, da mesma forma que os peixes não podem viver no ar, que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera demais rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais eterizados. [...] Eis porque não podem sair do ambiente apropriado à sua natureza; para mudarem de meio, deverão primeiramente mudar sua natureza; terão que se despojar de seus instintos materiais que os retêm em seus ambientes materiais; numa palavra, terão que se depurar e se transformar moralmente; então, gradualmente, eles se identificarão com um ambiente mais purificado, o que se torna para eles uma necessidade [...].” (*A Gênese*, Kardec, cap. XIV, ítems 7-11)

A *aura humana*, considerada, vulgarmente, por um “halo energético” que emana dos seres vivos, tem como energia matriz o corpo vital ou duplo etéreo, acrescido e modelado no ser humano pelos pensamentos, sentimentos, emoções e desejos do indivíduo: a qualidade do psiquismo, emitindo ondas mentais com suas respectivas emoções, é que transmite o colorido e a forma peculiar à aura.

“[...] Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos, se revestem de um «halo energético» que lhes corresponde à natureza. No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanações do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura. Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entreja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda. Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovóide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as ideias se evidenciam, plasmando telas vivas, quando perduram em vigor e semelhança, como no cinematógrafo comum. Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende à cromática variada segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas,

enobrecedores ou deprimentes.” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. XVII, p. 129-30)

“Articulando ao redor de si mesma as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhe são peculiares. Evidenciam-se essas irradiações, de maneira condensada, até um ponto determinado de saturação, contendo as essências e imagens que lhe configuram os desejos no mundo íntimo em processo espontâneo de auto-exteriorização, ponto esse do qual a sua onda mental se alonga adiante, atuando sobre todos os que com ela se afinem e recolhendo, naturalmente, a atuação de todos os que se lhe revelem simpáticos. E, desse modo, estende a própria influência que, à feição do **campo** proposto por Einstein, diminui com a distância do fulcro consciencial emissor, tornando-se cada vez menor, mas a espraiar-se no Universo infinito.” (*Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz, cap. X, p. 83)

### **Fisiologia do perispírito - Centros de força, chacras e glândulas**

Assim como vimos na concepção filosófica hindu-tibetana e em outras que dela se originaram, a Doutrina Espírita relaciona os centros de força ou *chakras* ao perispírito. Joanna de Ângelis discorre sobre a localização, função e demais características dos *chakras coronário, cerebral, laríngeo, cardíaco, esplênico, gástrico e genésico*.

“Organizado por energias próprias e eletromagnéticas e dirigido pela mente, que o aciona conforme estágio evolutivo do Espírito, no *corpo espiritual* ou perispírito estão as matrizes reais das funções que se manifestam na organização somática. Catalisador das energias divinas que assimila, é encarregado de transmitir e plasmar no corpo as ordens emanadas da mente e que procedem do Espírito. Arquivo de experiências multifárias das reencarnações, impõe na aparelhagem física, desde a concepção, mediante metabolismo psíquico muito complexo e sutil, as limitações, coerções, *punições*, ou faculta amplitude de recursos físicos e mentais, conforme as ações ou estágio anterior na carne em que o Espírito se acumpliciou com o erro ou se levantou pela dignificação. [...] Desde épocas imemoriais, a filosofia hindu, estudando as suas manifestações no ser reencarnado, relacionou-o com os *chakras* ou centros vitais, que se encontram em perfeito comando dos órgãos fundamentais da vida, espalhados na fisiologia somática, a saber: *coronário*, também identificado como a ‘flor de mil pétalas’, que assimila as energias divinas e comanda todos os demais, instalado na parte central do cérebro qual santuário da vida superior - sede da mente -, responsável pelos processos da razão, da morfologia, do metabolismo geral, da estabilidade emocional e funcional da alma no caminho evolutivo; *cerebral* ou *frontal*, que se encarrega do sistema endócrino, do sistema nervoso e do córtex cerebral, respondendo pela transformação dos neuroblastos em neurônios e comandando desde os neurônios às células efetoras; *laríngeo*, que controla os fenômenos da respiração e da fonação; *cardíaco*, que responde pela aparelhagem circulatória e pelo sistema emocional, sediado entre o esterno e o coração; *esplênico*, que se responsabiliza pelo labor da aparelhagem hemática, controlando o surgimento e morte das hemácias, volume e atividade, na manutenção da vida; *gástrico*, que conduz a digestão, assimilação e eliminação dos alimentos encarregados da manutenção do corpo; *genésico*, que dirige o santuário da reprodução e engendra recursos para o perfeito entrosamento dos seres na construção dos ideais de engrandecimento e beleza em que se movimenta a Humanidade.” (*Estudos Espíritas*, Joanna de Ângelis, cap. IV, p. 41-3)

De forma análoga, André Luiz esclarece que o equilíbrio orgânico é assegurado por sete centros de força perispirituais que, sob o influxo do Espírito, vitalizam as diversas funções e estruturas do organismo material.

“[...] Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terrestre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o «centro coronário» que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil pétalas, por ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe, em primeiro lugar, os estímulos do Espírito, comandando os demais, vibrando com eles, todavia, em justo regime de interdependência. Considerando em nossa exposição os fenômenos do corpo físico e satisfazendo aos impositivos de simplicidade em nossas definições, devemos dizer que dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior capazes de favorecer a sublimação da alma. Logo após, anotamos o «centro cerebral», contíguo ao «centro coronário», que ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que na vestimenta carnal constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à Palavra, à Cultura, à Arte, ao Saber. É no «centro cerebral» que possuímos o comando do núcleo endocrínico, referente aos poderes psíquicos. Em seguida, temos o «centro laríngeo», que preside os fenômenos vocais, inclusive as atividades do timo, da tireóide e das paratireóides. Logo após, identificamos o «centro cardíaco», que sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral. Prosseguindo em nossas observações, assinalamos o «centro esplênico» que, no corpo denso, está sediado no baço, regulando a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos. Continuando, identificamos o «centro gástrico», que se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização e, por fim, temos o «centro genésico», em que se localiza o santuário do sexo como templo modelador de formas e estímulos.” (*Libertação*, André Luiz, cap. XX, p. 127-8)

## **Memória perispiritual - Inconsciente ou subconsciente**

Segundo a concepção espírita, os “depósitos da memória” encontram-se no perispírito e não no cérebro físico, sendo evocados através do estímulo específico de “determinados centros do encéfalo”, pontes de comunicação entre a estrutura física e a estrutura espiritual.

“Não há muito tempo, por exemplo, o dr. Wilde Penfield, no Instituto Neurológico de Montreal, realizando uma cirurgia cerebral com anestesia local, percebeu que estimulando eletricamente determinados centros do encéfalo fazia com que a paciente recordasse lembranças *mortas*, como se as estivesse vivendo outra vez. Ao invés de logicar face à possibilidade de estar diante dos depósitos da memória que o *Espírito* guarda, consubstanciou a velha teoria de que aquela retém as lembranças por um mecanismo de impulsos elétricos encarregados de registrar todas as ocorrências... Como mais tarde outros pesquisadores encontrassem compostos químicos nas células dos nervos encarregadas de tal mister, conceberam a teoria de que tais arquivamentos são fruto da presença desses compostos, já que os modestos impulsos elétricos que se descarregaram com facilidade não poderiam possuir durabilidade para conservar evocações de longa distância, desde o tempo em que as mesmas ocorreram. E ninguém verificou a possibilidade das lembranças de outras vidas, igualmente impressas no cérebro, hoje largamente evocadas através da hipnose provocada como da recordação espontânea, testadas em diversos laboratórios de Parapsicologia.” (*Grilhões Partidos*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. II, p. 36-7)

Analogamente, André Luiz situa o subconsciente ou “porão dilatado de nossas lembranças” no corpo perispiritual, onde as experiências psico-afetivas das múltiplas encarnações do Espírito são armazenadas. As características comportamentais do indivíduo (ansiedades, frustrações, afetos, animosidades, calma, pavor, etc.) têm sua gênese, na maioria das vezes, nas ocorrências pretéritas arquivadas na memória perispiritual, memória extracerebral ou subconsciente. Quanto aos “distúrbios nervosos” que afligem a humanidade, alerta que a gênese profunda dos mesmos encontra-se em existências pregressas, acrescentando a decadência moral e ética do passado aos fatores de análise e compreensão dos mesmos.

“[...] Os ‘complexos de inferioridade’, o ‘recalque’, a ‘libido’, as ‘emersões do subconsciente’ não constituem fatores adquiridos no curto espaço de uma existência terrestre e, sim, característicos da personalidade egressa das experiências passadas. A subconsciência é, de fato, o porão dilatado de nossas lembranças, o repositório das emoções e desejos, impulsos e tendências que não se projetaram na tela das realizações imediatas; no entanto, estende-se muito além da zona limitada de tempo em que se move um aparelho físico. Representa a estratificação de todas as lutas com as aquisições mentais e emotivas que lhes foram conseqüentes, depois da utilização de vários corpos. Faltam, pois, às teorias de Segismundo Freud e seus continuadores a noção dos princípios reencarnacionistas e o conhecimento da verdadeira localização dos distúrbios nervosos, cujo início muito raramente se verifica no campo biológico vulgar, mas quase que invariavelmente no corpo perispiritual preexistente, portador de sérias perturbações congênitas em virtude das deficiências de natureza moral cultivadas com desvairado apego pelo reencarnante nas existências transcorridas. As psicoses do sexo, as tendências inatas à delinquência tão bem estudadas por Lambroso, os desejos extravagantes, a excentricidade, muita vez lamentável e perigosa, representam modalidades do patrimônio espiritual dos enfermos, patrimônio que ressurge de muito longe em virtude da ignorância ou do relaxamento voluntário da personalidade em círculos desarmônicos. [...] Os antagonismos domésticos, os temperamentos aparentemente irreconciliáveis entre pais e filhos, esposos e esposas, parentes e irmãos resultam dos choques sucessivos da subconsciência, conduzida a recapitulações retificadoras do pretérito distante. Congregados, de novo, na luta expiatória ou reparadora, as personagens dos dramas que se foram passam a sentir e ver na tela mental dentro de si mesmas situações complicadas e escabrosas de outra época, malgrado os contornos obscuros da reminiscência, carregando consigo fardos pesados de incompreensão, atualmente definidos por ‘complexos de inferioridade’ [...]” (*Obreiros da Vida Eterna*, André Luiz, cap.II, p. 32-6)

Analisando a gênese de inúmeros distúrbios psíquicos e morais, Manoel Philomeno de Miranda se aprofunda no estudo do inconsciente ou subconsciente (memória perispiritual), onde estão arquivadas as recordações de vidas passadas, causadoras de inúmeros distúrbios psíquicos quando afloram à consciência encarnada despreparada. A memória de outros tempos, arquivada no “inconsciente profundo” ou memória perispiritual, na idade de maturação fisiológica de certa glândula e do centro perispiritual correspondente, libera o seu conteúdo mnemônico para o “consciente atual”.

“A João Martinho Charcot, o célebre anátomo-patologista do sistema nervoso que se dedicou às questões das psiconeuroses, dentre outras, a histeria tornou à celebridade nas aulas por ele ministradas na Salpêtrière entre 1873 e 1884, onde era médico desde onze anos antes. Desdobrando-lhe as pesquisas, o prof. Pedro Janet facultou-se transferir para a histeria um sem-número de síndromes nervosas, descobrindo o *subconsciente* através do qual procura negar toda a fenomenologia mediúnica. [...] Identificando a região do *polígono cerebral* de Wundt e Charcot como a sede do *subconsciente*, Janet, e mais tarde Grasset, desenvolveu a estranha tese com que esgrimiu cegamente contra a mediunidade desde 1889, quando

apresentou o resultado dos seus estudos na obra intitulada ‘L’Automatisme Psychologique’. O debate em torno do *subconsciente*, desde então, vem sendo grande, hoje ressurgindo sob a designação de hiperestesia indireta do Inconsciente entre os modernos adeptos da Parapsicologia, partidária da *psicologia sem alma*. Não nos cabe dúvida quanto à fragilidade de tal enunciado, desde que nos constituímos evidência da sobrevivência ao túmulo e do intercâmbio entre as duas esferas de atividade: a espiritual e a material. Não negamos as possibilidades do *subconsciente*, aliás estudadas pelo Codificador do Espiritismo, que merece, todavia, mais detida análise. [...] Ao reencarnar-se, o Espírito culpado, através de processo muito complexo, fixou no centro coronário, onde se situa a epífise, a veladora da sexualidade, os abusos anteriormente cometidos, que foram sendo revelados à medida que a puberdade ativava o centro genésico, produzindo-lhe o estado atual, e, simultaneamente, fazendo com que a memória dos sucessos infelizes começasse a trasladar-se do inconsciente profundo para o consciente atual, em forma de tormentosas crises evocativas das sensações experimentadas nas pavorosas regiões de dor donde proveio... O inconsciente possui, portanto, fatores preponderantes, não, porém, exclusivamente desta encarnação conforme desejam os estudiosos materialistas, que apenas percebem os efeitos sem aprofundarem as causas... [...] Nela mesma, na paciente, nas zonas fisiológicas estão as distonias psicofísicas já instaladas pela consciência culpada, em forma de sintomas vários e desconexos que, no caso, lhe constituem a histeria.” (*Grilhões Partidos*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. XII, p. 112-4)

“Ocorrências de hoje procedem dos fatores ocultos no ontem, que desencadearam as reações só agora aparecidas. Ansiedades e frustrações, afetos e animosidades, calma e pavor, confiança e suspeita, inquietação e segurança que se manifestam no comportamento do indivíduo, têm a sua gênese, às vezes, na atual existência; sem dúvida, todavia, na sua quase totalidade, são efeitos das ocorrências pretéritas que o tempo arquivou na memória perispiritual, mas não consumiu. São semelhantes às ramas verdejantes que surjem à flor do solo presas a tubérculos volumosos que crescem e se desenvolvem ocultos nas camadas inferiores da terra, e cuja vida aumenta enquanto cessa a que permanece na superfície. No inconsciente, é certo, jazem muitos fatores que desencadeiam os episódios desconcertantes decorrentes das vivências anteriores que o Espírito conheceu e registrou na memória extracerebral. Na área moral, são idênticos os acontecimentos: conforme a conduta numa fase, cada qual avança para os resultados que se manifestarão noutra.” (*Loucura e Obsessão*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. XXII, p. 282-3)

## O perispírito modela o corpo físico

Durante a gestação, o perispírito serve de molde à formação do corpo físico, unindo-se, “molécula por molécula” à unidade orgânico-vital em desenvolvimento.

“Quando o Espírito deve se encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico que nada mais é senão uma expansão do seu espírito o liga ao gérmen em cuja direção ele se sente atraído por uma força irresistível desde o momento da concepção. À medida que o gérmen se desenvolve firma-se o laço; sob a influência do *princípio vital material do gérmen*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, *molécula por molécula*, ao corpo que se forma; daí se pode dizer que o Espírito, por intermédio de seu perispírito, de alguma forma toma *raiz* no gérmen como uma planta na terra. Quando o gérmen está inteiramente desenvolvido a união é completa, e então ele nasce para a vida exterior. Por efeito contrário, esta união do perispírito e da matéria carnal que se havia realizado sob a influência do princípio vital do gérmen, quando esse princípio cessa de agir em resultado da desorganização do corpo, a união, que apenas era mantida por uma força atuante, cessa quando essa força cessa de agir; então, o Espírito se solta, *molécula por molécula*, como um dia se uniu, e o Espírito recupera sua liberdade. Assim, *não é a partida*

*do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito.” (A Gênese, Kardec, cap. XI, item 18)*

Como vimos anteriormente, as leis da genética e da hereditariedade não são fatídicas, estando as características profundas da individualidade humana direcionadas pelo Espírito encarnante, segundo as metas a serem atingidas em mais uma etapa do processo de evolução.

“Espermatozóides e óvulos, em consequência, possuem campo de força específico que propõe os primeiros para o encontro com os últimos, facultando o surgimento da célula-ovo. Por sua vez, cada gameta exterioriza ondas que correspondem à sua *fatalidade biológica* na programação genética de que se faz portador. Desse modo, o perispírito do reencarnante sincroniza com a vibração do espermatozóide que possui a mesma carga vibratória, sobre ele incidindo e passando a plasmar no óvulo fecundado o corpo compatível com as necessidades evolutivas, como decorrência das catalogadas ações pretéritas. Equilíbrio da forma ou anomalia, habilidades e destreza, ou incapacidade, inteligência, memória e lucidez, ou imbecilidade, atraso mental, oligofrenia serão estabelecidos desde já pela incidência das conquistas espirituais sobre o embrião em desenvolvimento. Sem descartarmos a hereditariedade nos processos da reencarnação, o seu totalitarismo, conforme pretendem diversos estudiosos da Embriogenia e outras áreas da ciência, não tem razão de ser. Cada Espírito é legatário de si mesmo. Seus atos e sua vida anterior são os plasmadores da sua nova existência corporal, impondo os processos de reabilitação quando em dívida, ou de felicidade se em crédito, sob os critérios da Divina Justiça. Certamente, caracteres físicos, fisionômicos e até alguns comportamentais resultam das heranças genéticas e da convivência em família, jamais os de natureza psicológica que afetam o destino, ou de ordem fisiológica no mapa da evolução. [...] A aparente hereditariedade compulsória, assim como a injunção moral atuante em determinado indivíduo fazendo recordar algum ancestral, explica-se em razão de ser aquele mesmo Espírito, ora renascido no clã, para dar prosseguimento a realizações que ficaram incompletas ou refazer as que foram perniciosas. Motivo este que libera ‘o filho de pagar pelos pais’ ou avós, o que constituiria, se verdadeiro, uma terrível e arbitrária imposição da Justiça que, mesmo na Terra, tem código penalógico mais equilibrado.” (*Temas da Vida e da Morte*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. V, p. 36-8)

## Perispírito e enfermidade

Como já citamos anteriormente, a gênese da maioria das *enfermidades crônicas* humanas se encontra na matriz perispiritual, que se utiliza da roupagem orgânica (física-vital) para drenar os desequilíbrios anímicos ali armazenados.

Segundo a Doutrina Espírita, as enfermidades físicas e psíquicas de longa data têm as suas causas profundas nos recessos da *alma endividada*, que pode plasmar na mente, através do arrependimento mórbido, “zonas de remorso”, desequilibrando o perispírito e, conseqüentemente, o princípio vital, criando as predisposições mórbidas para as moléstias crônicas se manifestarem. Libertando-nos de uma visão fatalista e predestinada, frizemos que os débitos passados (*dívidas cármicas*) podem ser resgatados por uma infinidade de “acontecimentos reparadores”, exonerando as distonias mentais antes que os distúrbios físicos correspondentes sejam gerados; neste capítulo, encaixam-se todas as iniciativas dignificantes voltadas ao bem comum.

“De modo geral, porém, a etiologia das moléstias perduráveis que afligem o corpo físico e o dilaceram guardam no corpo espiritual as suas causas profundas. A recordação dessa ou



daquela falta grave, mormente daquelas que jazem recalçadas no Espírito, sem que o desabafo e a corrigenda funcionem por válvulas de alívio às chagas ocultas do arrependimento, cria na mente um estado anômalo que podemos classificar de «zona de remorso», em torno da qual a onda viva e contínua do pensamento passa a enovelar-se em circuito fechado sobre si mesma, com reflexo permanente na parte do veículo fisiopsicossomático ligada à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria. Estabelecida a ideia fixa sobre esse **«nódulo de forças mentais desequilibradas»**, é indispensável que acontecimentos reparadores se nos contraponham ao modo enfermigo de ser, para que nos sintamos exonerados desse ou daquele fardo íntimo ou exatamente redimidos perante a Lei. Essas enquistações de energias profundas no imo de nossa alma, expressando as chamadas dívidas cármicas, por se filiarem a causas infelizes que nós mesmos plasmamos na senda do destino, são perfeitamente transferíveis de uma existência para outra. Isso porque, se nos comprometemos diante da Lei Divina em qualquer idade da nossa vida responsável, é lógico venhamos a resgatar as nossas obrigações em qualquer tempo, dentro das mesmas circunstâncias nas quais patrocinamos a ofensa em prejuízo dos outros. É assim que o remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas, desarticulando as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade [...]. Todavia, ainda mesmo quando sejamos perdoados pelas vítimas de nossa insânia, detemos conosco os resíduos mentais da culpa, qual depósito de lodo no fundo de calma piscina, e que, um dia, virão à tona de nossa existência para a necessária expunção, à medida que se nos acentue o devotamento à higiene moral.” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. XIX, p. 213-4)

Inferindo uma energia própria ao pensamento humano, Manoel Philomeno de Miranda associa a ação do mesmo nos “tecidos sutis do perispírito”, que plasmará o corpo físico do Espírito reencarnante. Caso tenhamos desequilibrado o psicossoma com uma *força mental desagregadora* empregada na prática dos atos infelizes da criatura humana, destruindo as matrizes perispirituais, esta distonia será transferida ao corpo físico em formação, criando *susceptibilidades* que poderão permitir o desenvolvimento de enfermidades futuras.

“- Os atos infelizes deliberadamente praticados, em razão da força mental de que necessitam, destroem os tecidos sutis do perispírito que, se ressentindo do desconcerto, deixarão *matrizes* na futura forma física, na qual se manifestarão as deficiências purificadoras, e a queda do tom vibratório específico permitirá que os envolvidos no fato, no tempo e no espaço, próximos ou não, se vinculem pelo processo de uma sintonia automática de que não se furtarão. Aí se estabelecem as enfermidades de qualquer porte. Os fatores imunológicos do organismo, padecendo a disritmia vibratória que os envolve, são vencidos por bactérias, vírus e toda a sorte de micróbios patológicos que logo se desenvolvem, dando gênese às doenças físicas. Por sua vez, na área mental, os conflitos e mágoas, os ódios acerbos, as ambições tresvairadas e os tormentosos delitos ocultos, quando da reencarnação, por estarem ínsitos no Espírito endividado, respondem pelas distonias psíquicas e alienações mais variadas. [...] Eis porque é rara a enfermidade que não conte com a presença de um componente espiritual, quando não seja diretamente esta o seu efeito. O corpo e a mente refletem a realidade espiritual de cada criatura [...]. (*Painéis da Obsessão*, Manoel Philomeno de Miranda, cap. VI, p. 48-9)

## Espírito ou Mente

### Evolução do Princípio Inteligente ou Espírito

Como vimos inicialmente, o Princípio Espiritual evoluiu ao longo dos Reinos da Natureza até atingir o estágio de Individualidade Espiritual com a espécie humana. O transformismo do Princípio Inteligente caminhou “ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal”, atingindo a “inteligência consciente” no ser humano: *reflexo / instinto / atividade reflexa / inteligência / razão / responsabilidade (consciência)*. Essa marcha evolutiva ilustra a transformação do *corpo mental* ao longo da evolução das espécies.

“Compreensível salientar que o princípio inteligente, no decurso dos evos, plasmou em seu próprio veículo de exteriorização as conquistas que lhe alicerçariam o crescimento para maiores afirmações nos horizontes evolutivos. Dominando as células vivas, de natureza física e espiritual, como que as empalmando a seu próprio serviço, de modo a senhorear possibilidades mais amplas de expansão e progresso, sofre no plano terrestre e no plano extraterrestre as profundas experiências que lhe facultarão, no bojo do tempo, o automatismo fisiológico, pelo qual, sem qualquer obstáculo, executa todos os atos primários de manutenção, preservação e renovação da própria vida. [...] Assim como na coletividade humana o indivíduo trabalha para a comunidade a que pertence entregando-lhe o produto das próprias aquisições, e a sociedade opera em favor do indivíduo que a compõe protegendo-lhe a existência, no impositivo do aperfeiçoamento constante, nos reinos menores o ser inferior serve à espécie a que se ajusta, confiando-lhe, maquinalmente, o fruto das próprias conquistas, e a espécie labora em benefício dele amparando-o com todos os valores por ela assimilados, a fim de que a ascensão da vida não sofra qualquer solução de continuidade. Se, no círculo humano, a inteligência é seguida pela razão e a razão pela responsabilidade, nas linhas da Civilização, sob os signos da cultura, observamos que na retaguarda do transformismo o reflexo precede o instinto, tanto quanto o instinto precede a atividade refletida, que é a base da inteligência nos depósitos do conhecimento adquirido por recapitulação e transmissão incessantes nos milhares de milênios em que o princípio espiritual atravessa lentamente os círculos elementares da Natureza, qual vaso vivo, de forma em forma, até configurar-se no indivíduo humano, em trânsito para a maturação sublimada no campo angélico. Desse modo, em qualquer estudo acerca do corpo espiritual, não podemos esquecer a função preponderante do automatismo e da herança na formação da individualidade responsável, para compreendermos a inexequibilidade de qualquer separação entre a Fisiologia e a Psicologia, porquanto ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida de consciência construindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica.” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. IV, p. 37-9)

Com o surgimento da “consciência humana”, o Princípio Inteligente passa a emitir suas ideias através dos pensamentos, trocando “fluidos mentais multiformes” com seus semelhantes, sofrendo a influência alheia. De forma análoga ao transformismo do Princípio Inteligente, temos a evolução do sentimento humano, caminhando do impulso embrionário ao amor sublimado: *impulso / desejo consciente / atração afetiva / amor egoísta / amor sublimado*. Assim sendo, o *corpo astral (corpo dos desejos ou sentimentos)* também evoluiu até atingir a configuração atual.

“Erguido, porém, à geração do pensamento ininterrupto, altera-se-lhe na individualidade o modo particular de ser. O princípio inteligente inicia-se, desde então, nas operações que classificaremos como sendo de «mentossíntese», porque baseadas na troca de fluidos mentais multiformes, através dos quais emite as próprias ideias e irradiações, assimilando as irradiações e ideias alheias. O impulso que lhe surgia na mente embrionária, por interesse accidental de posse ante a necessidade de alimento esporádico, é agora desejo consciente. E, sobretudo, o anseio genésico instintivo que se lhe sobrepunha à vida normal em períodos

certos se converteu em atração afetiva constante. Aparece, assim, a sede de satisfação invariável como estímulo à experiência e prefigura-se-lhe na alma a excelência do amor encravado no egoísmo, como o diamante em formação no carbono obscuro.” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. XIV, p. 104)

## Espírito ou Mente

Ao contrário de outras concepções filosóficas analisadas nesta obra, que dividem e classificam as entidades imateriais humanas com minúcias, a Doutrina Espírita apresenta uma classificação simplificada dos veículos de manifestação humanos: 1) Corpo Físico-Princípio Vital, 2) Perispírito e 3) Espírito ou Mente.

Enquanto o perispírito engloba o *corpo astral* e o *corpo mental* das demais escolas filosóficas estudadas, o Espírito incorpora a Tríade Superior das mesmas (*Manas Superior, Buddhi e Atma*). Daí a identidade de termos ao longo das obras espíritas, considerando-se a Mente como sinônimo de Espírito ou Princípio Inteligente.

“Individualidades inteligentes, incorpóreas, que povoam o Universo, criadas por Deus, independente da matéria. Prescindindo do mundo corporal, agem sobre ele e, corporificando-se através da carne, recebem estímulos, transmitindo impressões em intercâmbio expressivo e contínuo. São de todos os tempos, desde que a Criação sendo infinita, sempre existiram e jamais cessarão. Constituem os seres que habitam tudo, no Cosmo, tornando-se uma das potências da Natureza e atuam na Obra Divina como cooperadores, do que resulta a própria evolução e aperfeiçoamento intermínimo. Perdendo-se suas origens no intricado da complexidade das leis, transcende ao entendimento humano o mecanismo de seu nascimento e formação, princípio inteligente que são a glorificar a Obra de Deus em toda parte. Indestrutíveis, jamais terão fim, não obstante possuindo princípio quando a Excelsa Vontade os criou. [...] Inicialmente, considerado o Espírito como princípio vital, sopro de vida, foi-se deslocando entre os gregos para uma diferenciação da alma, que seria a expressão das manifestações afetivas inferiores, enquanto ele passava à representação das afeições superiores, princípio mais elevado do que o indivíduo. A doutrina aristotélica já apresenta essa conceituação mais ou menos definida, dando origem à formação ideológica entre o caráter metafísico e o psicológico do Espírito. Embora o renascimento da doutrina neoplatônica entre os estudiosos de Alexandria nos séculos V-VII, formulando judiciosas conceituações perfeitamente cristãs, dentre as quais a reencarnação, o pensamento aristotélico predominaria, sendo desdobrado e aceito por Tomás de Aquino que apoiava o dogma romano nos seus alicerces, a prejuízo da revelação espiritual do Cristo, por longos séculos a partir da Idade Média. Com Hegel, o Espírito foi colocado filosoficamente em termos compatíveis, porquanto foram excluídas todas as teorias que o tornavam ‘fixo e imutável’, apresentando a hipótese da sua evolução, transformações e inter-relacionamentos de todos os fatos que o influenciam. As escolas de pensamento então surgidas apresentam confirmações ao conceito *hegeliano* ou combatem-no por meio do materialismo, que reduz o Espírito a uma conquista da própria matéria que, progredindo das formas mais simples às mais complexas, num momento imprevisível adquiriu consciência. A revolução tecnológica, porém, iniciada no último quartel do século XIX, reduziu a matéria à condição de ‘energia condensada’, transformando laboratórios e gabinetes científicos de pesquisa material em santuários de investigação em que a mente, o *espírito*, passam a ocupar lugar de destaque, nos quais, a pouco e pouco, o investigador consciente defronta a realidade do Espírito além da estrutura somática, a esta precedente e a ela sobrevivente.” (*Estudos Espíritas*, Joanna de Ângelis, cap. III, p. 33-6)

Discorrendo sobre as propriedades da mente humana, André Luiz compara-as, conceitualmente, aos atributos do Espírito humano, imputando-lhe o comando do cosmo orgânico através do sistema nervoso e atribuindo-lhe o aprimoramento contínuo como prerrogativa evolutiva.

“[...] A célula nervosa é entidade de natureza elétrica que diariamente se nutre de combustível adequado. Há neurônios sensitivos, motores, intermediários e reflexos. Existem os que recebem as sensações exteriores e os que recolhem as impressões da consciência. Em todo o cosmo celular agitam-se interruptores e condutores, elementos de emissão e de recepção. A mente é a orientadora desse universo microscópico em que bilhões de corpúsculos e energias multiformes se consagram a seu serviço. Dela emanam as correntes da vontade, determinando vasta rede de estímulos, reagindo ante as exigências da paisagem externa ou atendendo às sugestões das zonas interiores. Colocada entre o objetivo e o subjetivo, é obrigada pela Divina Lei a aprender, verificar, escolher, repelir, aceitar, recolher, guardar, enriquecer-se, iluminar-se, progredir sempre. Do plano objetivo, recebe-lhe os atritos e as influências da luta direta; da esfera subjetiva, absorve-lhe a inspiração, mais ou menos intensa, das inteligências desencarnadas ou encarnadas que lhe são afins, e os resultados das criações mentais que lhe são peculiares. Ainda que permaneça aparentemente estacionária, a mente prossegue seu caminho, sem recuos, sob a indefectível atuação das forças visíveis e invisíveis.” (*No Mundo Maior*, André Luiz, cap. IV, p. 55-6)

### Localização da Mente no cérebro

Apesar de tema bastante polêmico em todas as épocas da Humanidade, o homem, consciente de uma estrutura espiritual além da estrutura física, sempre buscou a localização da Mente ou do Espírito no corpo físico (cérebro material).

Em inúmeras referências, André Luiz situa no centro de força ou *chakra* coronário a “sede da mente”, que corresponde ao diencéfalo (tálamo, metatálamo, epitálamo e hipotálamo) da estrutura cerebral material. Nessa região, localiza-se também a glândula pineal ou epífise (epitálamo), estrutura considerada por diversas escolas espiritualistas como a difusora das vontades do Espírito para o corpo físico.

No momento da desencarnação, onde o Espírito e o perispírito se libertam da unidade constituída pelo corpo físico e pelo princípio vital, a Mente ou Espírito, “conjunto dos princípios superiores da personalidade”, afigura-se como uma “brilhante chama violeta-dourada”, localizada no centro do cérebro ou diencéfalo. Ao desligar-se da região cerebral, incorpora-se ao perispírito, moldando a forma do corpo espiritual liberto da matéria grosseira.

“Concentrando todas as minhas possibilidades, fixei o enfermo prestes a desencarnar. Notei, com minúcias, que a alma se retirava lentamente através de pontos orgânicos insulados. Assombrado, verifiquei que bem no centro do crânio havia um foco de luz mortiça, candelabro aceso às ondulações brandas do vento. Enchia toda a região encefálica, despertando-me profunda admiração. - A luz que você observa - disse o instrutor amigo - é a mente, para cuja definição essencial não temos, por agora, conceituação humana.” (*Os Mensageiros*, André Luiz, cap. XLIX, p. 253-4)

“Alcançáramos o coma, em boas condições. O Assistente estabeleceu reduzido tempo de descanso, mas voltou a intervir no cérebro. Concentrando todo o seu potencial de energia na fossa romboidal, Jerônimo quebrou alguma coisa que não pude perceber com minúcias e

brilhante chama violeta-dourada desligou-se da região craniana, absorvendo, instantaneamente, a vasta porção de substância leitosa já exteriorizada. Quis fitar a brilhante luz, mas confesso que era difícil fixá-la, com rigor. Em breves instantes, porém, notei que as forças em exame eram dotadas de movimento plasticizante. A chama mencionada transformou-se em maravilhosa cabeça, em tudo idêntica à do nosso amigo em desencarnação, constituindo-se, após ela, todo o corpo perispiritual de Dimas, membro a membro, traço a traço. E, à medida que o novo organismo ressurgia ao nosso olhar, a luz violeta-dourada fulgurante no cérebro empalidecia gradualmente até desaparecer de todo, como se representasse o conjunto dos princípios superiores da personalidade, momentaneamente recolhidos a um único ponto, espraiando-se, em seguida, através de todos os escaninhos do organismo perispiritico, assegurando, desse modo, a coesão dos diferentes átomos, das novas dimensões vibratórias.” (*Obreiros da Vida Eterna*, André Luiz, cap. XIII, p. 211)

“É assim que regendo a atividade funcional dos órgãos relacionados pela fisiologia terrena nele identificamos o centro coronário, instalado na região central do cérebro, sede da mente, centro que assimila os estímulos do Plano Superior e orienta a forma, o movimento, a estabilidade, o metabolismo orgânico e a vida consciencial da alma encarnada ou desencarnada, nas cintas de aprendizado que lhe corresponde no abrigo planetário. O centro coronário supervisiona, ainda, os outros centros vitais que lhe obedecem ao impulso procedente do Espírito, assim como as peças secundárias de uma usina respondem ao comando da peça-motor de que se serve o tirocínio do homem para concatená-las e dirigilas.” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. II, p. 26)

“Entenderemos assim, facilmente, que o córtex encefálico, com as suas delicadas divisões e subdivisões, governando os núcleos reguladores dos sentidos, dos movimentos, dos reflexos e de todas as manifestações nervosas da individualidade encarnada, corresponde à sede do centro cerebral do psicossoma (ou corpo espiritual) no corpo físico, unida à sede do centro coronário, localizada no diencéfalo, entrosando-se ambos em perfeita sincronia de estímulos, pelos quais se manifesta o Espírito em sua constituição mental, harmônica, difícil ou desequilibrada, segundo a posição que ele mesmo valoriza, conserva, prejudica ou desordena os recursos que a Lei Divina lhe faculta à própria exteriorização no Plano Físico e no Plano Espiritual. E assim como dispomos no córtex de ligações energéticas da consciência para os serviços do tato, da audição, da visão, do olfato, do gosto, da memória, da fala, da escrita e de automatismos diversos, possuímos no diencéfalo (tálamo e hipotálamo), a se irradiarem para o mesencéfalo, ligações energéticas semelhantes da consciência para os serviços da mesma natureza, com acréscimos de atributos para enriquecimento e sublimação do campo sensorial, como sejam a reflexão, a atenção, a análise, o estudo, a meditação, o discernimento, a memória crítica, a compreensão, as virtudes morais de todas as fixações emotivas que nos sejam particulares.” (*Evolução em Dois Mundos*, André Luiz, cap. XVI, p. 125-6)

Discorrendo mais detalhadamente sobre a *epífise* ou *glândula pineal*, André Luiz atribui-lhe papel fundamental no controle das “forças subconscientes” e do “mundo das emoções e dos desejos”, sob o influxo do Espírito (*glândula da vida espiritual ou mental*). Por isso, relaciona-se ao “serviço de iluminação, refinamento e benefício da personalidade”. Ligada à Mente “através de princípios eletromagnéticos do campo vital”, comanda os sistemas nervoso e endócrino, exercendo importante papel na manutenção do equilíbrio orgânico. Segregando “hormônios psíquicos”, atua, a partir da puberdade, nas energias da reprodução, influenciando diretamente as glândulas sexuais.

“- Não se trata de órgão morto, segundo velhas suposições - prosseguiu ele. - É a glândula da vida mental. Ela acorda no organismo do homem na puberdade as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da

criatura terrestre. [...] Enquanto no período do desenvolvimento infantil, fase de reajustamento desse centro importante do corpo perispiritual preexistente, a epífise parece constituir o freio às manifestações do sexo; entretanto, há que retificar observações. Aos catorze anos, aproximadamente, de posição estacionária quanto às suas atribuições essenciais, recomeça a funcionar no homem reencarnado. O que representava controle é fonte criadora e válvula de escape. A glândula pineal reajusta-se ao concerto orgânico e reabre seus mundos maravilhosos de sensações e impressões na esfera emocional. Entrega-se a criatura à recapitulação da sexualidade, examina o inventário de suas paixões vividas noutra época que reaparecem sob fortes impulsos. [...] Ela preside aos fenômenos nervosos da emotividade, como órgão de elevada expressão no corpo etéreo. Desata, de certo modo, os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras na sequência de lutas pelo aprimoramento da alma e deixa entrever a grandeza das faculdades criadoras de que a criatura se acha investida. [...] As glândulas genitais segregam os hormônios do sexo, mas a glândula pineal, se me posso exprimir assim, segrega «hormônios psíquicos» ou «unidades-força» que vão atuar, de maneira positiva, nas energias geradoras. Os cromossomos da bolsa seminal não lhe escapam à influência absoluta e determinada. [...] Segregando delicadas energias psíquicas - prosseguiu ele -, a glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endócrino. Ligada à mente através de princípios eletromagnéticos do campo vital que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade. As redes nervosas constituem-lhe os fios telegráficos para ordens imediatas a todos os departamentos celulares, e sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os armazéns autônomos dos órgãos. Manancial criador dos mais importantes, suas atribuições são extensas e fundamentais. Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica e absoluta. De modo geral, todos nós, agora ou no pretérito, viciamos esse foco sagrado de forças criadoras, transformando-o num ímã relaxado entre as sensações inferiores de natureza animal. [...] Segregando «unidades-força» - continuou -, pode ser comparada a poderosa usina que deve ser aproveitada e controlada no serviço de iluminação, refinamento e benefício da personalidade, e não relaxada em gasto excessivo do suprimento psíquico, nas emoções de baixa classe. [...]” (*Missionários da Luz*, André Luiz, cap. II, p. 19-25)

## Energia mental ou pensamento

Comparando o “pensamento” a uma “energia espiritual”, André Luiz discorre sobre as várias classes de pensamentos e os tipos de energia correspondentes, atingindo um grau de sutileza proporcional à evolução do Espírito. Comparando a unidade de matéria mental (*átomo mental*) ao átomo físico, atribui-lhe partículas fundamentais semelhantes (*núcleos, prótons, nêutrons, pósitrons, elétrons ou fótons mentais*), que ao serem estimuladas geram os diferentes tipos de pensamentos, emitindo *raios mentais* de diversos comprimentos de onda (*raios super-ultra-curtos, curtos, médios e longos*). Quando os “elétrons mentais” são excitados, em estados de “atenção ou tensão pacífica” (reflexão, meditação e oração), serão emitidas “ondas de comprimento médio ou de aquisição de experiência”, produzindo “luz interior”; no caso da excitação ocorrer nos “núcleos atômicos mentais” em estados de “emoções profundas, dores indizíveis, súplicas aflitivas ou laboriosas concentrações mentais”, emitir-se-ão “raios muito curtos ou de imenso poder transformador do campo espiritual”, semelhantes aos “raios gamas”. Assim sendo, entendemos a *força interior* sentida após exercícios regulares de oração ou meditação, e as *transformações interiores* ocorridas em estados tais que a concentração mental mistura-se a sentimentos e emoções profundas.

“Do Princípio Elementar, fluindo incessantemente no campo cósmico, auscultamos de modo imperfeito as energias profundas que produzem eletricidade e magnetismo sem conseguir enquadrá-las em exatas definições terrestres, e da matéria mental dos seres criados estudamos o pensamento ou fluxo energético do campo espiritual de cada um deles, a se graduarem nos mais diversos tipos de onda, desde os raios super-ultra-curtos em que se exprimem as legiões angélicas através de processos ainda inacessíveis à nossa observação, passando pelas oscilações curtas, médias e longas em que se exterioriza a mente humana até as ondas fragmentárias dos animais, cuja vida psíquica ainda em germe somente arroja de si determinados pensamentos ou raios descontínuos. [...] Como alicerce vivo de todas as realizações nos planos físico e extrafísico encontramos o pensamento por agente essencial. Entretanto, ele ainda é matéria, a matéria mental, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem sob novo sentido, compondo o maravilhoso mar de energia sutil em que todos nos achamos submersos e no qual surpreendemos elementos que transcendem o sistema periódico dos elementos químicos conhecidos no mundo. Temos, ainda aqui, as formações corpusculares com bases nos sistemas atômicos em diferentes condições vibratórias, considerando os átomos, tanto no plano físico quanto no plano mental, como associações de cargas positivas e negativas. Isso nos compele naturalmente a denominar tais princípios de «núcleos, prótons, nêutrons, pósitrons, elétrons ou fótons mentais», em vista da ausência de terminologia analógica para estruturação mais segura de nossos apontamentos. [...] Em posição vulgar, acomodados às impressões comuns da criatura humana normal, os átomos mentais inteiros regularmente excitados na esfera dos pensamentos produzirão ondas muito longas ou de simples sustentação da individualidade, correspondendo à manutenção de calor. Se forem os elétrons mentais nas órbitas dos átomos da mesma natureza a causa da agitação em estados menos comuns da mente, quais sejam os de atenção ou **tensão pacífica** em virtude de reflexão ou oração natural, o campo dos pensamentos exprimir-se-á em ondas de comprimento médio ou de aquisição de experiência por parte da alma, correspondendo à produção de luz interior. E se a excitação nasce dos diminutos núcleos atômicos em situações extraordinárias da mente, quais sejam as emoções profundas, as dores indizíveis, as laboriosas e aturadas concentrações de força mental ou as súplicas aflitivas, o domínio dos pensamentos emitirá raios muito curtos ou de imenso poder transformador do campo espiritual, teoricamente semelhantes aos que se aproximam dos raios gama. Assim considerando, a matéria mental, embora em aspectos fundamentalmente diversos, obedece a princípios idênticos àqueles que regem as associações atômicas na esfera física, demonstrando a divina unidade de plano do Universo.” (*Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz, cap. IV, p. 43-6)

Continuando, André Luiz discorre sobre a “força mentocriativa” do pensamento que, de acordo com o estado de “atenção” ou “concentração” da mente, pode gerar um campo eletromagnético de enormes proporções, com características semelhantes ao estado mental da criatura. Daí o poder da mente criando efeitos notáveis, quando direcionada para um objetivo específico.

“Sendo o pensamento força sutil e inexaurível do Espírito, podemos categorizá-lo, assim, à conta de corrente viva e exteriorizante com faculdades de auto-excitação e autoplásticação inimagináveis. À feição do gerador «shunt», se a mente jaz desatenciosa, como que mantendo o cérebro em circuito aberto, forma-se no mundo intracraniano reduzida força mentocriativa, que não determina qualquer corrente circulante no campo individual; mas, se a mente está concentrada, fazendo convergir sobre si mesma as próprias oscilações, a força mentocriativa gerada produz uma corrente no campo da personalidade que, a seu turno, provoca a formação de energia mental de sentido análogo aquele em que se exprime o magnetismo de resíduo, dilatando o fluxo até que a força aludida atinja o seu valor máximo, de acordo com a resistência do campo a que nos referimos. Surpreendemos nessa fase o mesmo fenômeno de elevação da voltagem no gerador elétrico, porquanto, no cosmo fisiopsicossomático, a corrente mentocriativa se alteia até o ponto de saturação do qual se

alonga, com menor expressão de potencial, no rumo dos objetivos a que se afeiçoe conforme a linha do desejo.” (*Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz, cap. IX, p. 76-7)

## Comando do Espírito (Mente) sobre o corpo físico

Atribuindo à Medicina do futuro uma maior valorização dos fatores mentais do indivíduo, André Luiz relaciona a maioria das enfermidades orgânicas ao psiquismo desequilibrado. Afirmando que “todos os órgãos são subordinados à ascendência moral”, valoriza enormemente os aspectos psíquicos na gênese das enfermidades humanas (etiopatogenia psicossomática).

“- A medicina humana será muito diferente no futuro quando a Ciência puder compreender a extensão e a complexidade dos fatores mentais no campo das moléstias do corpo físico. Muito raramente não se encontram as afecções diretamente relacionadas com o psiquismo. Todos os órgãos são subordinados à ascendência moral. As preocupações excessivas com os sintomas patológicos aumentam as enfermidades; as grandes emoções podem tanto curar o corpo como aniquilá-lo. [...] O médico do porvir conhecerá semelhantes verdades e não circunscreverá sua ação profissional ao simples fornecimento de indicações técnicas, dirigindo-se, muito mais, nos trabalhos curativos, às providências espirituais, onde o amor cristão represente o maior papel.” (*Missionários da Luz*, André Luiz, cap.XII, p. 176-7)

Como temos citado ao longo deste capítulo, o Espírito ou a Mente atua sobre o perispírito através das ideias e dos pensamentos, mobilizando os centros de força perispirituais a interagirem com os sistemas do corpo físico, garantindo a estabilidade orgânica. Não nos esqueçamos também do *princípio vital*, funcionando como ponte entre o perispírito e o corpo físico, responsável pela manutenção da saúde e da vida orgânica, que, segundo André Luiz, possui uma relação importante com a respiração e o sistema sanguíneo (lembramos da ligação do *prâna* hindu com a respiração e o sangue): “o sistema hemático no corpo físico representa o conjunto das energias circulantes no corpo espiritual ou psicossoma, energias essas tomadas em princípio pela mente, através da respiração, ao reservatório incomensurável do fluido cósmico”. Dessa forma, estabelece a influência do psiquismo no equilíbrio orgânico (psicossomática), fato este de real importância na manifestação de inúmeras enfermidades físicas: “Fácil entender que todo desregamento de natureza física ou moral faz-se refletir, de imediato, por reações mentais consequentes sobre as províncias celulares, determinando situações favoráveis ou desfavoráveis ao equilíbrio orgânico”.

“Compreendendo-se o envoltório psicossomático por templo da alma estruturado em bilhões de células a se caracterizarem por atividade incessante, é natural imaginemos cada centro de força e cada órgão por departamento de trabalho, interdependentes entre si, não obstante o caráter autônomo atribuível a cada um. Semelhantes peças, no entanto, obedecem ao comando mental sediado no cérebro, que lhes mantém a coesão e o equilíbrio por intermédio das oscilações inestancáveis do pensamento. Temos, assim, as variadas províncias celulares sofrendo o impacto constante das radiações mentais a lhes absorverem os princípios de ação e reação desse ou daquele teor, pelos quais os processos da saúde e da enfermidade, da harmonia e da desarmonia são associados e desassociados, conforme a direção que lhes imprima a vontade. [...] Salientando que o sistema hemático no corpo físico representa o conjunto das energias circulantes no corpo espiritual ou psicossoma, energias essas tomadas em princípio pela mente, através da respiração, ao reservatório incomensurável do fluido cósmico, é para ele que nos compete voltar a atenção no estudo de qualquer processo fluidoterápico de tratamento ou de cura. Relacionados aos centros psicossomáticos, os



variados núcleos da vida sanguínea produzem as grandes coletividades corpusculares das hemácias, dos leucócitos, trombócitos, macrófagos, linfócitos, histiócitos, plasmócitos, monócitos e outras unidades a se dividirem, inteligentemente, em famílias numerosas, movimentando-se em trabalho constante, desde os fulcros geratrizes do baço e da medula óssea, do fígado e dos gânglios, até o âmago dos órgãos. Fácil entender que todo desregamento de natureza física ou moral faz-se refletir, de imediato, por reações mentais consequentes sobre as províncias celulares, determinando situações favoráveis ou desfavoráveis ao equilíbrio orgânico. O pensamento é a força que, devidamente orientada, no sentido de garantir o nível das entidades celulares no reino fisiológico, lhes facilita a migração ou lhes acelera a mobilidade para certos efeitos de preservação ou defensiva, seja na improvisação de elementos combativos e imunológicos ou na impugnação aos processos patogênicos, com a intervenção da consciência profunda. Deduzimos, sem dificuldade, que se é possível a hipnotização da mente humana com vistas a certos fins, com mais propriedade operar-se-á a magnetização das entidades corpusculares para efeitos determinados no ajustamento das células.” (*Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz, cap. XXII, p. 157-9)

### **Afinidade mental entre os seres - Intercâmbio de formas-pensamento**

Cada ser vivo irradia um campo eletromagnético ou *aura*, que é constituído pela energia dos sentimentos e pensamentos que criam a psicosfera dos seres, estando na Mente o papel de gerar estas forças; podemos comparar os pensamentos às “correntes de elétrons mentais”, em analogia às correntes elétricas oriundas de um gerador. Cada ser vivo, dentro do seu grau de complexidade, emite e atrai energias de padrão vibratório semelhante através de “formas-pensamentos”, estando na irradiação mental dos seres humanos o grande vínculo de afinidade entre os mesmos. Pensamentos e sentimentos semelhantes se atraem (simpatias), assim como as antipatias “gratuitas” são explicadas pelas energias mentais dissonantes.

“[...] Recorrendo ao «campo» de Einstein, imaginemos a mente humana no lugar da chama em atividade. Assim como a intensidade de influência da chama diminui com a distância do núcleo de energias em combustão, demonstrando fração cada vez menor, sem nunca atingir a zero, a corrente mental se espraia segundo o mesmo princípio, não obstante a diferença de condições. Essa corrente de partículas mentais exterioriza-se de cada espírito com qualidade de indução mental tanto maior quanto mais amplos se lhe evidenciem as faculdades de concentração e o teor de persistência no rumo dos objetivos que demande. Tanto quanto no domínio da energia elétrica a indução significa o processo através do qual um corpo que detenha propriedades eletromagnéticas pode transmitir-las a outro corpo sem contato visível, no reino dos poderes mentais a indução exprime processo idêntico, porquanto a corrente mental é suscetível de reproduzir as suas próprias peculiaridades em outra corrente mental que se lhe sintonize. E, tanto na eletricidade quanto no mentalismo, o fenômeno obedece à conjugação de ondas enquanto perdure a sustentação do fluxo energético. Compreendemos assim, perfeitamente, que a matéria mental é o instrumento sutil da vontade, atuando nas formações da matéria física, gerando as motivações de prazer ou desgosto, alegria ou dor, otimismo ou desespero, que não se reduzem efetivamente a abstrações, por representarem turbilhões de força em que a alma cria os seus próprios estados de mentação indutiva, atraindo para si mesma os agentes (por enquanto imponderáveis na Terra) de luz ou sombra, vitória ou derrota, infortúnio ou felicidade. [...] Pelos princípios mentais que influenciam em todas as direções, encontramos a telementação e a reflexão comandando todos os fenômenos de associação, desde o acasalamento dos insetos até a comunhão dos Espíritos Superiores, cujo sistema de aglutinação nos é por agora defeso ao conhecimento. Emitindo uma ideia passamos a refletir as que se assemelham, ideia essa que para logo se corporifica com

intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la, mantendo-nos, assim, espontaneamente em comunicação com todos os que nos esposem o modo de sentir. É nessa projeção de forças a determinarem o compulsório intercâmbio com todas as mentes encarnadas ou desencarnadas que se nos movimenta o Espírito no mundo das formas-pensamentos, construções substanciais na esfera da alma, que nos liberam o passo ou no-lo escravizam, na pauta do bem ou do mal de nossa escolha. [...]” (*Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz, cap. IV, p. 46-8)

## Conclusões

Sem entrarmos no mérito religioso, procuramos traçar os conceitos básicos do entendimento da natureza imaterial do homem segundo o conhecimento trazido pela Doutrina Espírita, assim como fizemos com outras correntes filosóficas.

De forma semelhante à Homeopatia, o Espiritismo divide as entidades humanas em três classes: corpo físico unido ao corpo vital, perispírito e Mente ou Espírito.

Ao corpo vital, atribui a manutenção da vida e da saúde do corpo material, estando ligado a este, substancialmente, por toda a vida. Essa força vital emana do fluido cósmico universal, analogamente ao *prâna* ou éter das demais concepções estudadas.

O perispírito engloba os pensamentos e os sentimentos emanados pelo Espírito (Mente), numa união indissociável entre o corpo astral (dos desejos e das emoções) e o corpo mental das demais filosofias, analogamente à concepção vitalista homeopática. Como veículo intermediário entre o corpo material e o Espírito, transmite as ordens deste para aquele através da energia do pensamento (moldado pelos sentimentos), assim como informa ao Espírito as impressões do mundo exterior captadas pelos órgãos dos sentidos do corpo físico.

Funcionando como molde plasmador do corpo físico segundo o influxo do Espírito, no perispírito encontra-se a gênese das enfermidades físicas.

O Espírito ou Mente da concepção espírita engloba a Tríade Superior da concepção hindu: *Manas Superior, Buddhi e Atma*. Esse Princípio Inteligente representa a entidade imortal humana em processo de evolução contínua, trabalhando pela depuração dos sentimentos e pensamentos ao longo das várias encarnações a que está sujeito.

## Referências bibliográficas

Franco, Divaldo Pereira. Estudos Espíritas. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 4ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987.

Franco, Divaldo Pereira. Painéis da Obsessão. Pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador: Livraria Espírita “Alvorada” - Editora, 1988.

Franco, Divaldo Pereira. Grilhões Partidos. Pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador: Livraria Espírita “Alvorada” - Editora, 1988.

Franco, Divaldo Pereira. Temas da Vida e da Morte. Pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1988.

Franco, Divaldo Pereira. Loucura e Obsessão. Pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1988.

Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução, segundo o original francês, por José Herculano Pires. 50ª ed. São Paulo: LAKE, 1991.

Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns. Tradução, segundo o original francês, por José Herculano Pires. 15ª ed. São Paulo: LAKE, 1990.

Kardec, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. Tradução, segundo o original francês, por José Herculano Pires. 41ª ed. São Paulo: LAKE, 1991.

Kardec, Allan. O Céu e o Inferno. Tradução, segundo o original francês, por João Teixeira de Paula. 5ª ed. São Paulo: LAKE, 1990.

Kardec, Allan. A Gênese. Tradução, segundo o original francês, por Victor Tollendal Pacheco. 17ª ed. São Paulo: LAKE, 1990.

Kardec, Allan. Obras Póstumas. Tradução, segundo o original francês, por João Teixeira de Paula. 9ª ed. São Paulo: LAKE, 1989.

Martins, Marcelo Soldáni. Homeopatia e Espiritismo: um resgate no Brasil. Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Especialização em Homeopatia da Associação Paulista de Homeopatia em 1997 sob a orientação de Marcus Zulian Teixeira.

Xavier, Francisco Cândido. Os Mensageiros. Ditado pelo Espírito André Luiz. 22ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1988.

Xavier, Francisco Cândido. Missionários da Luz. Ditado pelo Espírito André Luiz. 18ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1985.

Xavier, Francisco Cândido. Obreiros da Vida Eterna. Ditado pelo Espírito André Luiz. 16ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987.

Xavier, Francisco Cândido. *No Mundo Maior*. Ditado pelo Espírito André Luiz. 14ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987.

Xavier, Francisco Cândido. *Libertação*. Ditado pelo Espírito André Luiz. 13ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987.

Xavier, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o Céu*. Ditado pelo Espírito André Luiz. 11ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1986.

Xavier, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Ditado pelo Espírito André Luiz. 16ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987.

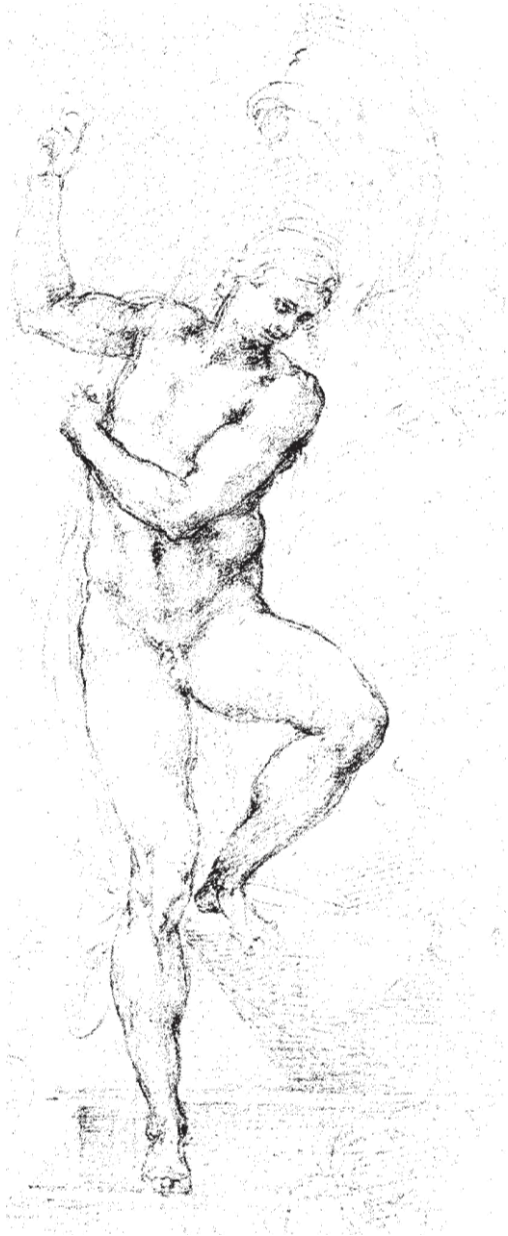
Xavier, Francisco Cândido. *Ação e Reação*. Ditado pelo Espírito André Luiz. 11ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1986.

Xavier, Francisco Cândido. *Evolução em Dois Mundos*. Ditado pelo Espírito André Luiz. 7ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1983.

Xavier, Francisco Cândido. *Mecanismos da Mediunidade*. Ditado pelo Espírito André Luiz. 7ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1983.

Xavier, Francisco Cândido. *E a Vida Continua*. Ditado pelo Espírito André Luiz. 17ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1990.

Xavier, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz - História da Civilização à Luz do Espiritismo*. Ditada pelo Espírito Emmanuel. 12ª ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1983.



## Sinopse

## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Concepções Médicas e/ou Filosóficas - Princípios Imaterias     |     |
| Humanos  | 336 |
| Princípios Imateriais Humanos - Fisiologia Energética - Órgãos | 337 |
| Medicina Tradicional Chinesa                                   | 337 |
| Filosofia Hindu  | 338 |
| Cabala Hebraica  | 338 |
| Westcott / Malkhut   | 338 |
| Lyra   | 339 |

## Sinopse

### Concepções Médicas e/ou Filosóficas - Princípios Imateriais Humanos

| Concepções Médicas e/ou Filosóficas                       | Princípios Imateriais Humanos |                                   |                          |   |                 |                 |                 |
|---|-------------------------------|-----------------------------------|--------------------------|---|-----------------|-----------------|-----------------|
| <b>Homeopatia</b><br>( <i>Samuel Hahnemann</i> )          | Corpo                         | Força Vital /<br>Princípio Vital  | Mente (“Órgãos mentais”) |   | Espírito / Alma |                 |                 |
| <b>São Paulo</b><br>( <i>Novo Testamento</i> )            | Corpo                         |                                   | Alma                     |   | Espírito        |                 |                 |
| <b>Hindu</b><br>( <i>Âyurveda</i> )                       | Sthula Sharira                | Linga Sharira                     | Kama Rupa                | Manas   |                 | Buddhi          | Atma            |
|   |                               |                                   |                          | Manas Inferior                                      | Manas Superior  |                 |                 |
| <b>Egípcia</b>  | Kha                           | Ba                                | Khaba /<br>Seb           | Akhu  |                 | Putah           | Atmu            |
| <b>Chinesa</b><br>( <i>Medicina Tradicional Chinesa</i> ) | Corpo (sangue)                | Meridianos de Energia (Chi, Tsri) | Alma Inferior (Tinh)     | Tesouro das Idéias e do Saber (Inteligência) (Than) |                 | Alma Espiritual | Espírito Divino |
| <b>Latina</b>   | Corpus                        | Anima                             | Spiritus                 | Mens  |                 | Intellectus     | Ratio           |

| Concepções Médicas e/ou Filosóficas              | Princípios Imateriais Humanos |   |   |                  |                 |                 |          |
|--|-------------------------------|---|---|------------------|-----------------|-----------------|----------|
| <b>Homeopatia</b><br>( <i>Samuel Hahnemann</i> ) | Corpo                         | Força Vital /<br>Princípio Vital                      | Mente (“Órgãos mentais”)                            |                  | Espírito / Alma |                 |          |
| <b>Grega</b><br>( <i>Hipócrates</i> )            | Soma                          | Physis / Vis Medicatrix Naturae                       | Psychê (Alma Animal) / Nous (Alma Humana)           |                  |                 | Alma Estimativa |          |
|  |                               |   | Alma Afetiva  | Alma Intelectiva |                 |                 |          |
| <b>Grega</b><br>( <i>Aristóteles</i> )           | Soma                          | Pnêuma / Aethér / Quinta Essentia / “Alma Vegetativa” | Alma (Sensitiva, Concupisciva, Motiva, Intelectiva) |                  |                 |                 |          |
| <b>Árabe</b>                                     | Jism                          | Ruh   | Nafs  | Aql              | Sirr            | Qalb            |          |
| <b>Cabala Hebraica</b>                           | Guph                          | Tzelem  | Nephesh   | Ruach / Neshamah |                 | Chiah           | Yechidah |



| Concepções Médicas e/ou Filosóficas | Princípios Imateriais Humanos                    |                                    |  |                          |                     |                          |                                |
|-------------------------------------|--|------------------------------------|--|--------------------------|---------------------|--------------------------|--------------------------------|
|                                     | <b>Homeopatia</b><br>( <i>Samuel Hahnemann</i> ) | Corpo                              | Força Vital / Princípio Vital                | Mente (“Órgãos mentais”) |                     |                          | Espírito / Alma                |
| <b>Paracelso</b>                    | Corpus / Limbus                                  | Múmia / Archeus                    | Corpo Sidéreo / Entidade Astral              | Adesh                    |                     | Aluech                   | Spiritus / Entidade Espiritual |
| <b>Rosa-Cruz</b>                    | Corpo  | Corpo Vital                        | Corpo de Desejos                             | Mente                    | Espírito Humano     | Espírito de Vida         | Espírito Divino                |
| <b>Teosofia</b>                     | Corpo  | Duplo Etérico                      | Corpo Astral                                 | Corpo Mental             | Corpo Causal        | Corpo de Beatitude       | Espírito                       |
| <b>Antroposofia</b>                 | Corpo  | Corpo Etéreo                       | Corpo Astral                                 | Organização do Eu        | Alma da Consciência | Personalidade Espiritual | Homem-Espírito                 |
| <b>Doutrina Espírita</b>            | Corpo  | Princípio Vital / Fluido Universal | Perispírito<br>(Corpo Astral + Corpo Mental) |                          |                     | Espírito / Mente         |                                |

## Princípios Imateriais Humanos - Fisiologia Energética - Órgãos

### Medicina Tradicional Chinesa

|                                      |                                    |                         |  |                 |                 |
|--------------------------------------|------------------------------------|-------------------------|--|-----------------|-----------------|
| <b>Princípios Imateriais Humanos</b> | Centros de Força / Energia Vital   | Alma Inferior           | Tesouro das Idéias e do Saber (Inteligência)     | Alma Espiritual | Espírito Divino |
| <b>Fisiologia Energética Chinesa</b> | Chi: energia essencial (Yong e Oé) | Tinh: energia ancestral | Than: energia mental (sentimentos e pensamentos) |                 |                 |
| <b>Órgãos</b>                        | Rins                               | Pulmões                 | Baço   | Fígado          | Coração         |

## Filosofia Hindu

| <b>Princípios Imateriais Humanos</b>           | <b>Centros de Força / Chacras</b> | <b>Órgãos</b>   |
|--|-----------------------------------|---|
| Atma e Buddhi (Consciência)                    | Coronário                         | SNC / Epífise   |
| Manas superior e Manas inferior (Inteligência) | Cerebral                          | Córtex Cerebral, Órgãos dos Sentidos, Sistema Endócrino, / Hipófise |
| Kama Rupa (Desejos, Emoções, Sentimentos)      | Laríngeo                          | Sistemas Respiratório e Vocal / Tireóide e Paratireóide             |
|  | Cardíaco                          | S.N.P., Sistemas Cárdio-Circulatório e Imunológico / Timo           |
|  | Gástrico (Plexo Solar)            | Sistema Digestivo e suas Glândulas                                  |
|  | Genésico                          | Sistema Reprodutor e Sexual / Glândulas Sexuais                     |
| Linga Sharira (Prana, Força Vital)             | Esplênico                         | Sistema Hematopoiético / Baço e Fígado                              |
|  | Fundamental (Kundalini)           | S.N.S., Sistema Renal / Suprarenais                                 |

## Cabala Hebraica

Westcott / Malkhut

| <b>Princípios Imateriais Humanos</b> | <b>Sefiras / Atributos Divinos</b> | <b>Órgãos</b>          |
|--------------------------------------|------------------------------------|------------------------|
| Yechidah (Atma)                      | Kether / Coroa                     | Subconsciente          |
| Chiah (Buddhi)                       | Chokmah / Sabedoria                | Hemisfério Cerebral E  |
| Neshamah (Manas Superior)            | Binah / Inteligência               | Hemisfério Cerebral D  |
| Ruach (Manas inferior)               | Chesed / Misericórdia              | Braço E                |
|                                      | Geburah / Força - Justiça          | Braço D                |
|                                      | Tiphereth / Beleza                 | Coração                |
| Nephesh (Kama Rupa)                  | Netzach / Vitória                  | Rim, Quadril e Perna E |
|                                      | Hod / Glória                       | Rim, Quadril e Perna D |
| Tzelem (Linga Sharira)               | Jesod / Fundamento                 | Genitais               |
| Guph (Sthula Sharira)                | Malkuth / Reino                    | Pés                    |

Lyra

| <b>Princípios Imateriais Humanos</b>               | <b>Sefiras / Atributos Divinos</b> |
|--|------------------------------------|
| Yechidah (Unidade Divina)                          | Kether - Chokmah                   |
| Chiah (Alma Espiritual)                            | Binah                              |
| Neshamah (Alma Humana)<br>Ruach (Alma Intelectual) | Chesed / Geburah / Tipheret        |
| Tzelem (Alma Animal)<br>Nephesh (Alma Vivente)     | Netzach / Hod / Jesod              |
| Guph (Corpo Físico)                                | Malkuth                            |